

BC  
C19DP

JORGE CANTOS

**ERASMO DE ROTERDÃ E A PEDAGOGIA DA SÁTIRA**

CAMPINAS  
2006

JORGE CANTOS

## ERASMO DE ROTERDÃ E A PEDAGOGIA DA SÁTIRA

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos Kfourti Quartim de Moraes.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em  
\_\_22\_\_ / \_\_02\_\_ / \_\_2006.

### BANCA

PROF. DR. JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES (orientador)

PROF. DR. JOSÉ LUIZ SIGRIST (membro)

PROF. DR. CÉZAR ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO (membro)

PROF. DR. FRANCISCO BENJAMIN DE SOUZA NETO (membro)

PROF. DR. JOÃO LUIZ GASPARIN (membro)

PROF. DR. HÉLIO HONDA (suplente)

PROF. DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA (suplente)

PROFA. DRA. MARIA CRISTINA GOMES MACHADO (suplente)

FEVEREIRO DE 2006

JORGE CANTOS

## ERASMO DE ROTERDÃ E A PEDAGOGIA DA SÁTIRA

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. João Carlos Kfourri Quartim de Moraes.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em  
\_\_22\_\_ / \_\_02\_\_ / \_\_2006\_\_.

BANCA

PROF. DR. JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES (orientador)

PROF. DR. JOSÉ LUIZ SIGRIST (membro)

PEOF. DR. CÉZAR ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO (membro)

PROF. DR. FRANCISCO BENJAMIN DE SOUZA NETO (membro)

PROF. DR. JOÃO LUIZ GASPARIN (membro)

PROF. DR. HÉLIO HONDA (suplente)

PROF. DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA (suplente)

PROFA. DRA. MARIA CRISTINA GOMES MACHADO (suplente)

FEVEREIRO DE 2006

## RESUMO

O objeto desta tese de doutorado sobre Erasmo de Roterdã e a Pedagogia da Sátira é analisado como uma problemática da teoria pedagógica e da história da filosofia. O período abrange o final do século XV e os primeiros decênios do século XVI, os quais correspondem à época do humanismo renascentista que cria as bases do pensamento moderno. A investigação consiste, a partir das intenções e justificativas que Erasmo apresenta em seu Epistolário, no tratamento analítico de sua sátira, a qual se insere no discurso metafórico, com o intuito de evidenciar seu alcance pedagógico. Ou seja, a sátira é como um jogo, como um faz-de-conta, capaz de, mostrando jocosa e construtivamente as verdades, cumprir papel pedagógico transformador. Delimitada ao primeiro tomo do Epistolário de Erasmo, que abrange os anos de 1484 a 1514 e 1523, lido e traduzido diretamente do latim, esta pesquisa tem por objetivo comprovar que, para ele, a sátira, necessariamente vinculada à sua proposta educacional, consiste em um método tão privilegiado de educação a ponto de se poder pensá-la como pedagogia. Para isso, indo às fontes e adotando o método demonstrativo, nesta pesquisa exploratória são utilizadas determinadas categorias de análise: paradigmáticas (correção, natureza, desapego, humildade, verdade, sinceridade, adaptação, letras humanas, letras divinas, virtude, piedade, proposta educacional, método, amizade, sodalício, utilidade e moral), lingüísticas (provérbios, diálogo, ironia, elogio, comédia, apologia, diatribe e libelo) e pedagógicas (paciência, moderação, liberdade, mordacidade, riso, construção e pedagogia). O resultado é a constatação de que no primeiro tomo de seu Epistolário ele reafirma, sistematicamente, intenções, argumentações, definições, idéias e expressões de absoluta valorização da linguagem figurada, particularmente da sátira. Isso autoriza o pesquisador a pensar a sátira de Erasmo, e por extensão a do Renascimento, como a proposta de uma nova e necessária pedagogia, a pedagogia da sátira, que supera a antiga pedagogia do castigo e do medo pela pedagogia do incentivo e da liberdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Erasmo. Sátira. Metodologia. Pedagogia. Filosofia Humanista. Linguagem Figurada. Renascimento. Séculos XV e XVI.

## ABSTRACT

Current doctoral thesis on Erasmus of Rotterdam and the Pedagogy of Satire involves the problematization of the pedagogical theory and the history of Philosophy. The period comprises the final decades of the 15<sup>th</sup> and the first decades of the 16<sup>th</sup> century, or rather, the Humanist Period that establishes the bases of modern thought. Dealing with Erasmus's intentions and justifications in his Epistolary, current research is an analytic investigation on the satire, studied within the metaphoric discourse, so that its pedagogical implication may be revealed. Satire is rather a type of game and a make-belief which fulfills transformational pedagogical roles through the playful constructiveness of the truth. Research, restricted to the first volume of Erasmus's Epistolary, from 1484 to 1514 and 1523, read and translated from the original Latin version, aims at establishing that, for Erasmus, satire is wholly linked to the educational scheme and is such a highly privileged educational method that it may be rightly defined as a sort of pedagogy. Paradigmatic (correction, nature, disinterestedness, humility, truth, sincerity, adaptation, human writing, divine writing, virtue, piety, educational proposals, method, friendship, solidarity, utility and morality), linguistic (proverbs, dialogue, irony, praise, comedy, apology, preaching and libels) and pedagogical (patience, moderation, freedom, mordacity; laughter, construction and pedagogy) categories of analysis are used in current research by going to the original sources and by employing the demonstrative method. Results show that in his first volume of the Epistolary Erasmus systematically states the intentions, arguments, definitions, ideas and expressions for the absolute valorization of figurative language, especially for satire. Erasmus's satire, and consequently satire in the Renaissance, is the basis for a new and much needed pedagogy. The pedagogy of the satire goes beyond the old pedagogy of punishment and fear which will be thus replaced by the pedagogy of freedom and encouragement.

**KEY WORDS:** Erasmus. Satire. Methodology. Pedagogy. Humanist Philosophy. Figurative Language. Renaissance. 15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> centuries.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 01  |
| <b>CAPÍTULO 1: DO DISCURSO METAFÓRICO À SÁTIRA COMO MÉTODO PEDAGÓGICO</b>  | 07  |
| 1.1 DUAS QUESTÕES EXORDIAIS  | 07  |
| 1.2 CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO METAFÓRICO ERASMIANO   | 15  |
| 1.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA LINGUAGEM METAFÓRICA ERASMIANA  | 26  |
| <b>CAPÍTULO II: DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS PARADIGMÁTICAS</b> | 49  |
| 2.1 SÁTIRA E CORREÇÃO  | 50  |
| 2.2 SÁTIRA E NATUREZA  | 55  |
| 2.3 SÁTIRA, DESAPEGO, HUMILDADE, VERDADE E SINCERIDADE   | 61  |
| 2.4 SÁTIRA E ADAPTAÇÃO   | 72  |
| 2.5 SÁTIRA, LETRAS HUMANAS E DIVINAS, VIRTUDE E PIEDADE  | 82  |
| 2.6 SÁTIRA, PROPOSTA EDUCACIONAL E MÉTODO  | 95  |
| 2.7 SÁTIRA, AMIZADE E SODALÍCIO  | 104 |
| 2.8 SÁTIRA, UTILIDADE E MORAL  | 126 |
| <b>CAPÍTULO III: DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS</b>  | 133 |
| 3.1 SÁTIRA, PROVÉRBIOS, DIÁLOGO E IRONIA   | 133 |
| 3.2 SÁTIRA E ELOGIO  | 142 |
| 3.3 SÁTIRA E COMÉDIA   | 163 |
| 3.4 SÁTIRA, APOLOGIA, DIATRIBE E LIBELO  | 169 |
| <b>CAPÍTULO IV: DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS PEDAGÓGICAS</b>    | 183 |
| 4.1 SÁTIRA, PACIÊNCIA, MODERAÇÃO E LIBERDADE   | 183 |
| 4.2 SÁTIRA E MORDACIDADE   | 191 |
| 4.3 SÁTIRA E RISO  | 207 |
| 4.4 SÁTIRA E CONSTRUÇÃO  | 217 |

|  |     |
|--|-----|
| 4.5 SÁTIRA E PEDAGOGIA _____   | 225 |
| <b>CONCLUSÃO</b> _____   | 239 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> _____  | 281 |
| <b>ANEXO A – OBRAS DE ERASMO</b> _____                               | 285 |
| <b>ANEXO B – CARTAS DO TOMO I DO OPUS EPISTOLARUM DE ERASMO</b> ____ | 293 |

## INTRODUÇÃO

Nosso objeto de tese é *Erasmus de Roterdã e a Pedagogia da Sátira*. Embora se refira à filosofia da linguagem, ele é analisado nesta investigação como uma problemática da teoria pedagógica e da história da filosofia, já que o período compreendido nesta pesquisa é o final do século XV e os primeiros decênios do século XVI, que correspondem à época do humanismo renascentista que cria as bases do pensamento moderno.

Destarte, a partir das intenções e justificativas que Erasmo apresenta para o uso da sátira no seu *Epistolário*, nossa tese consiste no tratamento analítico da sátira erasmiana, inserida em seu discurso metafórico, com o objetivo de demonstrar seu alcance pedagógico.<sup>1</sup>

Com relação à pedagogia, acreditando como muitos renascentistas no poder transformador da educação, Erasmo pretende por meio da educação, liberal e cristã, adaptada ao tempo, ao lugar e às circunstâncias, formar principalmente o príncipe cristão nas boas letras e nas letras divinas, na virtude e na piedade, ou seja, um homem preparado para todas as estações.<sup>2</sup>

Com efeito, Erasmo concebe a educação como liberal, pois, busca nas boas letras, principalmente na filosofia, de modo especial na platônica e epicurista, devidamente reinterpretadas, a força capaz de gerar o novo homem liberal, isto é, o homem virtuoso. Contudo, a educação cristã tem primazia de tal modo sobre a educação liberal que ele chega a chamar de “*Letras por Excelência*” apenas as letras divinas. Aqui, na correta interpretação das Sagradas Escrituras, singularmente do Novo Testamento, e da Patrística, ele se empenha em encontrar a potencialidade capaz de criar o novo homem cristão, ou seja, o homem piedoso. Aliás, trata-se de uma única e mesma educação cuja tarefa precípua é educar o príncipe cristão para a profissão de

---

<sup>1</sup> \*Metáfora (*methaphora*) é um tropo (emprego de palavra ou expressão em sentido figurado) que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado. Assim, metafórico (*methaphoricus*) significa tanto relativo à, quanto em que há metáfora, figurado, tropológico. Portanto, usamos indistintamente nesta tese discurso metafórico e discurso figurado como sinônimos.

<sup>2</sup> \*O termo liberal não tem aqui o significado moderno de liberalismo e sim o sentido clássico greco-romano do estudo das Humanidades, que se baseava no conceito de liberdade, sendo concebido como educação para as Boas Letras. Quanto à concepção metodológica, o termo liberal implicava, para Erasmo, no estudo não dirigido e livre, responsável e autônomo, que respeitava a liberdade e a individualidade do educando e que apelava para a razão e a reflexão. Portanto, ele repousava na faculdade de compreensão do aluno, radicalmente oposto ao método do controle, do medo e do castigo (que se fundava essencialmente na memória e na interminável repetição de fórmulas e receitas). \*Um homem preparado para todas as estações é um atributo dado por Erasmo a More, segundo o testemunho de Vives.

rei, o qual deve garantir em seu filho, desde cedo, o aprendizado da virtude, que é possibilitada pelas boas letras, particularmente a filosofia, e da piedade, que é alcançada através da religião.<sup>3</sup>

Quanto ao discurso, há em Erasmo uma acentuada utilização da linguagem figurada: adágio, alegoria, comédia, elogio, ironia, jogo, provérbio, sátira e similares figuras de linguagem, ou seja, ele prioriza o discurso metafórico.<sup>4</sup>

Assim, nosso projeto de tese nasce da indagação de como um pedagogo, que propõe uma nova educação, privilegia a sátira a ponto de compor diatribes, como uma *Diatribes sobre o livre-arbítrio*?<sup>5</sup>

De fato, Erasmo edita diatribes, mas,

A tarefa será conduzida sem afrontas, seja porque assim convém mais aos cristãos seja porque assim se descobre com mais certeza a verdade, a qual muitas vezes se perde nas demasiadas discussões. Na verdade eu não ignorava que o quanto eu era colocado nessa luta certamente nenhum outro era menos adestrado, visto que por certo sentido secreto

---

<sup>3</sup> \*Epicuro de Samos: Grego que fundou em 306 a.C. o epicurismo, escola filosófica que considerava a *hedoné* (prazer) como único bem possível. A *hedoné* epicuriana foi entendida, na época de Erasmo, como hedonismo, resumida na máxima “come, bebe e sê alegre”. Lourenço Valla a traduziu por *voluptas* (voluptuosidade, prazer). Para Erasmo, ao contrário, a palavra significava *felicitas* (felicidade), a qual podia ser comparada à beatitude cristã.

\*Patrística: Os grandes Padres da Igreja primitiva tanto da parte ocidental quanto da oriental.

<sup>4</sup> \*Linguagem Figurada: Maneira de falar ou de escrever em que se utilizam figuras de linguagem ou de retórica (figuras de palavras, de construção ou de pensamento). \*Adágio (*adagium*): máxima ou sentença de caráter prático, comum a todo um grupo social, expressa de forma sucinta; variação de parêmia (*paroemia*) ou provérbio (*proverbium*), cuja compilação deles por Erasmo resultou na sua obra *Os adágios* (*Adagia*). \*Alegoria: Discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. Etimologicamente quer dizer seqüências de metáforas que significam uma coisa nas palavras e outra no sentido. \*Comédia (*comoedia*): Obra em que predomina sátira e graça. Tem também o sentido de drama e, por extensão, fingimento, dissimulação, simulação. \*Elogio (*encomium*): Discurso em honra de alguém, louvor, encômio, panegírico. \*Ironia (derivado do grego *eirōneia*, interrogação): Modo de exprimir que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo; atitude de quem dá intencionalmente importância muito menor que a devida, ou que se julga devida, a si mesmo, à sua própria condição ou situações, coisas ou pessoas. Ironia Socrática: Modo como Sócrates (V - IV a.C.) pedagogicamente se subestima em relação aos adversários com quem discute, dizendo o contrário do que pensa e elevando aquele que quer refutar; é uma simulação, uma mentira lícita em função de seu objetivo pedagógico. \*Jogo (*ludus* ou *lusus*): Ludo, brincadeira, divertimento, riso. \*Sátira: Censura jocosa, ironia, troça, zombaria; ou também composição poética que visa a censurar ou ridicularizar defeitos ou vícios; ou ainda qualquer escrito ou discurso crítico e picante. Derivada de Sátiro (semideus lúbrico, habitante das florestas, de chifres curtos e pés e pernas de bode), *satira* significa em latim tanto oferenda de vários frutos a Ceres (deusa romana da agricultura), como mistura de prosa e verso. Na literatura latina, era obra de caráter livre e que censurava os costumes, as instituições e as idéias da época em estilo irônico ou mordaz.. Porque, via de regra, se mencionava nas peças vários indivíduos e episódios, deram-lhes o nome de “mistura” (*satira*).

<sup>5</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*: Tom. I. Per P. S. Allen; M.A., 1906, p. 42. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Nesta carta, na qual apresenta o *Catálogo* de seus escritos produzidos até então, Erasmo inclui a obra *De libero arbitrio diatribé*, reproduzindo o termo diatribe em grego. \*João Botzheim Abstemius (1480 - 1535): Cônego da cidade alemã de Constança, que tinha uma das mais famosas bibliotecas particulares da época e que fez de sua casa um centro de encontro de eruditos. Ele conheceu Erasmo em 1520. \*Diatribes: Crítica acerba; debate, discussão; escrito ou discurso violento e injurioso. Historicamente, a diatribe foi o produto literário por excelência da filosofia popular cínica, consistindo num discurso de propaganda (exposto com ironia cortante e sátira agressiva), avivado por meio da polêmica em diálogos fingidos. Atribui-se a criação dessa forma popular de exposição filosófica ao grego Bión de Borístenes (c. 300 - c. 200 a.C.). A diatribe foi uma forma generalizada no Renascimento.

da natureza eu sempre detestei os combates; e por isso eu sempre preferi divertir-me nos mais livres campos das Musas a sair ao encontro ameaçando com o ferro.<sup>6</sup>

Falar sem afrontas, porque isso é peculiar aos cristãos e porque é desse modo que se encontra mais facilmente a verdade, a qual se perde nas discussões acaloradas; preferir por natureza o livre terreno das musas a avançar para a arena com a espada na mão; dizer, como o faz no *De libero arbitrio* e alhures em inúmeras de suas cartas, que escreve mais por solicitação dos amigos que por sua própria vontade; essas são as posições que Erasmo toma durante toda a vida para justificar seus escritos. Logo, nessa obra, Erasmo aplica ao campo teológico e filosófico a mesma diatribe que amiúde dirige aos diversos campos da atividade humana, tal como a obra *Antibárbaros*, uma diatribe que, se publicada em 1520, já é concebida em 1494, portanto, na época de sua juventude. Ou seja, para Erasmo, a diatribe não é um discurso violento e injurioso, como é concebida até então, mas é uma crítica necessária para encontrar a verdade, nada acerba, exceto de um amargor próprio a remédio eficaz, e, mais ainda, ela brinca no reino das musas. Esse, como veremos, é um novo conceito de diatribe. É nesse sentido que entendemos que Erasmo pretende que toda polêmica levantada consista apenas em uma questão acadêmica, ou seja, em um jogo no sodalício das letras.

Por conseguinte, pretendemos demonstrar que, inserida no discurso metafórico, a sátira é, em Erasmo, como um jogo, um faz-de-conta, capaz de, mostrando jocosa e construtivamente as verdades, cumprir papel pedagógico transformador. Essa é a idéia básica da qual se desdobra nossa tese.

Assim, cairá possivelmente numa aporia quem quiser entender a sátira de Erasmo como um discurso metafórico apenas sob o aspecto lingüístico, desvinculada de sua crença na possibilidade de se alcançar, pela educação liberal e cristã orientada pelas boas letras e pelas letras divinas, a transformação do homem e da sociedade. Por isso, entendemos e tentamos provar que a sátira erasmiana é mais que uma simples questão de estilo ou um conjunto de elementos lingüísticos. É mais que uma crítica literária, pois não é crítica pela crítica, ou seja, não tem caráter destrutivo, mas vai além da “crítica”, primando pelo aspecto construtivo. É procedimento pedagógico, melhor ainda, é método privilegiado de educação. E, finalmente, adentrando os

---

<sup>6</sup> ERASMUS Von Rotterdam. *De libero arbitrio diatribé*. Org. Winfried Lesowsky. 1995, p. 06. “Res sine conviciis agetur, sive quia sic magis decet Christianos, sive quia sic certius invenitur veritas, quae saepenumero nimium altercando amittitur. Equidem non ignorabam, quam non essem ad hanc appositus palaestram: certe vix alius quisquam minus exercitatus, ut qui semper arcano quodam naturae sensu abhorruerim a pugnis, eoque semper habui prius in liberioribus Musarum campis ludere, quam ferro comminus congredi.” \**Palaestra*: Luta, como nos exercícios de ginástica. \*Musa: Na mitologia grega, cada uma das nove deusas que presidiam às artes liberais. \*Sodalício (*sodalitium*): Sociedade de pessoas que vivem juntas ou em comum.

limites da relação entre sátira e pedagogia, a forma de seu uso por Erasmo pode permitir pensá-la como pedagogia.<sup>7</sup>

Isso quer dizer que nosso objetivo consiste em asseverar a sátira de Erasmo como procedimento pedagógico, em afirmá-la como método privilegiado de educação e em pensá-la até como pedagogia, vinculando-a, portanto, à sua proposta educacional. Ao procurarmos verificar até que ponto a sátira é, para ele, um método pedagógico privilegiado, passível de ser concebida até como pedagogia, tal fato se constitui em pressuposto da possibilidade de se pensar numa pedagogia da sátira também no Renascimento.

Dessa forma, a relação entre método e pedagogia fundamenta a primeira hipótese de nossa tese, a de que *“Erasmo se vale da sátira como procedimento pedagógico”*. Tal relação é aprofundada na segunda hipótese, a de que *“Erasmo utiliza a sátira, não como um procedimento qualquer, mas como método privilegiado de educação”*, e, ela culmina na categoria pedagogia, a qual entremeia a terceira hipótese, a de que *“mais que método pedagógico, a sátira pode ter se constituído para Erasmo em uma pedagogia”*.

Para isso, desenvolvemos nossa tese em quatro capítulos. O primeiro, o qual responde à primeira hipótese, analisa o discurso metafórico erasmiano, para comprovar que, como elemento essencial desse discurso, a sátira é, para Erasmo, um procedimento pedagógico. Os outros três capítulos atendem tanto à segunda hipótese, a de que a sátira erasmiana, inserida em seu discurso metafórico, é, para ele, um método privilegiado de educação, quanto à terceira hipótese, a de que ela pode ter se constituído, para ele, em uma pedagogia.

Com relação à metodologia de trabalho, optando pelo método demonstrativo, mesmo fazendo uso subsidiariamente de comentadores, notadamente dos erasmistas Jacques Chomarat, Manoel Cadafaz de Matos, Pierre Mesnard, Marcel Bataillon e Roland. H. Bainton, e de outras

---

<sup>7</sup> \*Pedagogia pode ser entendida como a teoria e a ciência da educação e do ensino. Nesta acepção não acreditamos que a sátira em Erasmo consista numa teoria, ou numa ciência da educação. Contudo, pedagogia é também um conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático. Aqui, além de tal definição comportar doutrinas e princípios, o que vai ao encontro da primeira definição, há um novo elemento definidor que é o de métodos. Neste caso, a metodologia deixa de ser elemento externo para se constituir em elemento interno do conceito pedagogia. E, é o objetivo prático que dá a direção. Nosso entendimento da sátira como pedagogia, sem confundir teoria e método, alia-se a esta definição. Uma terceira definição de pedagogia consiste em entendê-la como o estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes e eficazes para efetivar esses ideais. Aqui, nos meios estão incluídos a metodologia e os recursos, distinção que se constitui apenas em ponto de partida desta tese. Há ainda uma quarta definição de pedagogia, como profissão ou prática de ensinar, que está mais distante de nosso propósito, uma vez que nossa tese visa menos a didática e mais aos fundamentos, o que lhe dá o *status* de abordagem filosófica. \*Procedimento e método são utilizados nesta tese como sinônimos.

obras de Erasmo, particularmente as que constam das *Oevreus Choisies*, privilegamos nesta pesquisa exploratória - de ida às fontes, portanto, que põe em primeiro plano a fala de Erasmo -, seu *Epistolário*. Isto porque as cartas, prestando-se mais facilmente a declarações de intenções e justificativas, permitem compreender em maior profundidade o sentido da sátira erasmiana, porquanto nelas ele expressa mais abundante e livremente as razões e as circunstâncias de seu uso.

Do *Epistolário* de Erasmo, delimitamos como bibliografia básica de nossa tese as 298 cartas do Tomo I do seu *Opus epistolarum*, anotadas e editadas por Allen<sup>8</sup>, lidas diretamente no latim e traduzidas da forma mais literal possível, e comparadas com a *Correspondance d'Érasme*,<sup>9</sup> tradução literária francesa feita por Aloïs Gerlo. Fizemos como Erasmo que, ao traduzir o *Novo Testamento* para o latim, como crítica à *Vulgata*, após o texto grego, também como prova de sua correta interpretação.

Aliás, encontramos na justificativa da publicação francesa, respaldo para a escolha do epistolário de Erasmo como fonte primária de pesquisa, já que Aloïs Gerlo assevera que as cartas de Erasmo escritas em latim constituem uma parte importante de sua obra. Ele as dirige para todos os homens importantes da Europa de seu tempo. Aos grandes pede para aprovar sua

---

<sup>8</sup> \*O tomo I, na edição latina de Allen, além de 297 cartas, relativas ao período de 1484 a 1514, e de uma carta de 1523, escrita por Erasmo a João Botzheim é composto de um Preface (Prefácio); List of Manuscripts About Which Information is Desired (Lista de Manuscritos Sobre qual Informação é Desejada); Table of Letters (Quadro das Cartas ou Sumário); List of Abreviations Commonly Used (Lista das Abreviações Comumente Usadas); Addenda (Adendos); Corrigenda (Erratas); List of Plates (Lista das Ilustrações); Compendium Vitae Erasmi (Compêndio da Vida de Erasmo), escrito por ele mesmo, de Basiléia, provavelmente em 02 de abril de 1524; Carta de Beatus Rhenanus to Hermann of Wied (Arcebispo de Colônia), de Schlettstadt, em 15 de agosto de 1536, sobre a morte de Erasmo; Carta de Beatus Rhenanus to Charles V (Carlos V, rei da Holanda e da Espanha e mais tarde Imperador), de Schlettstadt, em 01 de junho de 1540; Brief Table of Editions of Erasmus' Letters (Breve Quadro das Edições das Cartas de Erasmo); Appemdix (Apêndice) I: The Authenticity of the Compendium Vitae (A Autenticidade do Compendium Vitae); Appendix II: Erasmus' Early Life (A vida Jovem de Erasmo); Appendix III: The Letters to Servatius, Francis, And Sasboud; (As Cartas para Servatius Rogerus, Francisco Theodoric e Sasboud); Appendix IV: The Correspondence With Cornelius Gerard (A Correspondência com Cornélio Gerard); Appendix V: Erasmus with the Bishop of Cambray (Erasmo com o Bispo de Cambrai); Appendix VI Erasmus at Cambridge in 1506 (Erasmo em Cambridge em 1506) Appendix VII: The Principal Editions of Erasmus' Epistolae (As Principais Edições das cartas de Erasmo); Table of Editions (Quadro das Edições); Appendix VIII: The Deventer Letter-Book (O Livro-Carta de Deventer); Appendix IX: The Gouda Manuscripts (Os Manuscritos de Gouda); Appendix X: Miscellaneous Letters: (Miscelânea de Cartas) \*Vale dizer que a tradução do original latino do *Opus Epistolarum* de Erasmo, editado por Allen, a qual fizemos nesta tese, é um trabalho inédito e pode contribuir para a divulgação do *Epistolário* de Erasmo no Brasil, pois, até hoje foram traduzidas para o português apenas três obras suas: *Elogio da loucura*, *De pueris* e *A civilidade pueril*, (uma edição portuguesa, de tiragem limitada, e uma no Brasil).

<sup>9</sup> O Tomo I, na tradução francesa, além da *Correspondance d'Érasme* do período de 1484 a 1514 e de 1523, esta última com o título de Catalogue (Catálogo), inclui a carta 178<sup>a</sup> (escrita por Júlio II a Erasmo) que não consta da edição de Allen. Constitui-se, ainda, de Avant-Propos (Prefácio); Éphémérides d'Érasme (Efemérides de Erasmo); Abrégé de la Vie d'Érasme (Resumo da Vida de Erasmo); Index des Noms Cités (Índice dos Nomes Citados); e Table des Matières (Quadro das Matérias ou Sumário).

doutrina. Aos seus pares expressa sua amizade e apreço a fim de entreter o sodalício. Para todos, prodigaliza seus conselhos e lições, pois, como teórico da pedagogia e autor de vários tratados nesse domínio, faz-se de bom grado professor pelo número de suas cartas. Suas cartas se tornam verdadeiras cartas-lições, que, como os *Colóquios*, são tantos exercícios de estilo. Ele é um purificador da língua e do estilo e cuida disso em suas cartas. Ele desenvolve a tarefa de epistológrafo, desde o início de sua carreira. E, enfim, ler suas cartas é aprender a melhor conhecer esse homem superior de fino sorriso, imortalizado por Holbein.<sup>10</sup>

Mesmo que nem todas as cartas tenham idêntica importância, fizemos tudo de acordo com o princípio de Erasmo: “Primeiramente, eu considero que por mais humilde que seja nada deve ser desprezado daquilo que diz respeito às boas letras [...]”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> CORRESPONDANCE d’Érasme, Prefácio de Aloïs Gerlo, p. V-VI. \*Hans Holbein: Pintor alemão que pintou vários personagens da época, inclusive Erasmo, o qual foi retratado com um sorriso levemente irônico.

<sup>11</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus Epistolarum*. Tom. II. Per P. S. Allen, M. A, p. 02. “Primum ego nihil fastidiendum duco, quantumvis humile, quod ad bonas pertineat litteras [...]” \**Humilis* quer dizer humilde, humil ou humile. Mantivemos humile por ser este um termo poético.

## CAPÍTULO I

### DO DISCURSO METAFÓRICO À SÁTIRA COMO MÉTODO PEDAGÓGICO

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar analiticamente o conteúdo do discurso metafórico do primeiro tomo do *Opus epistolarum* de Erasmo para evidenciar que sua sátira se constitui em procedimento pedagógico. Primeiramente, abordaremos duas questões exórdiais uma sobre a autoria do discurso e outra sobre os limites e a importância da correspondência. Em seguida, discutiremos acerca das características básicas do discurso figurado erasmiano, ou seja, ambivalência, linguagem não figurada e linguagem metafórica, discurso metafórico e discurso satírico, linguagem metafórica e literatura, filologia e erudição. Por fim, trataremos dos principais elementos desse discurso: citações, mitologia greco-romana, exemplos, comparações, hipérboles, analogias, alegorias, fábulas, jogo de palavras, trocadilhos, máximas, símiles, provérbios, ditados, adágios, paródias, diálogo, elogio, apologia, ironia, riso, caricatura, para culminar com a sátira, parte integrante e privilegiada de sua linguagem metafórica.

#### 1.1 DUAS QUESTÕES EXORDIAIS

Para quem pretende fazer uma análise do discurso metafórico erasmiano, dentre o qual a sátira, uma questão preliminar diz respeito à autoria desse discurso, cujos principais argumentos são expressos pelo próprio Erasmo.

Nem tudo aquilo que Erasmo escreve é publicado. Ao catalogar suas obras ele lembra várias delas que não foram editadas, porque se perderam ou não achou por bem divulgá-las. Por exemplo: uma pequena declamação no gênero suasório, que escreveu em Bolonha, primeiramente dissuadindo e depois exortando para a vida monástica; duas orações escritas em Roma, uma desaconselhando a guerra com os venezianos e outra aconselhando essa guerra; algumas orações concionárias pronunciadas em Paris, quando se encontrava no Colégio Montaigu.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*: Tom. I. Per P. S. Allen; M.A., 1906, p. 37. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Suasório (*suasorius*): Quer dizer persuasivo. Os humanistas restabeleceram a prática dos antigos retóricos de entregar aos estudantes questões que deviam não só defender, mas também refutar. A um dos argumentos denominavam persuasivo, a outro, dissuasivo, *suasoria* e *dissuasoria*. \*Concional (*concio*): Referente às assembleias públicas, ao sermão, ao discurso, à pregação; concionário; derivado do verbo concionar (falar ao povo em comício; proferir em público). \*Montaigu: Colégio parisiense onde Erasmo estudou e que, em 1483, fora reformado João Standonck (c. 1450 -1504) para ser uma casa para estudantes pobres. Erasmo, que foi aluno de Standonck, fez muitas críticas tanto ao local quanto a ele, apesar de seu esforço de reforma.

Erasmus alerta também para o roubo de originais de alguns de seus escritos por pessoas que os editam em seu nome. Isso significa que há obras que foram publicadas com nome diverso, mas que são de Erasmo. Por exemplo, ele traduz *Os Longevos*, dedicado a Mountjoy, ditando apenas, mas seu secretário furta o opúsculo e o edita em seu nome em Paris.<sup>13</sup>

Além de escritos seus que não aparecem com seu nome, mas com o nome de seus usurpadores, Erasmo reclama que várias de suas obras foram impressas de modo corrompido, contendo erros grosseiros, como Aldo Manúcio que, ao imprimir a tradução que ele fizera de Plutarco, utilizou um exemplar adulterado em muitos lugares.<sup>14</sup>

Um bom exemplo de impressão corrompida é o que ocorre com os *Colóquios*. “Eles foram impressos recentemente em Paris corrigidos, isto é, adulterados em vários trechos em que pareciam atingir os monges, os votos, as peregrinações, as indulgências e outras coisas desse gênero [...]”<sup>15</sup> Por serem passagens alteradas, esse é um discurso colocado na boca de Erasmo sem ser dele.

Nessa edição adulterada dos *Colóquios*, “O impostor acrescentou um novo prefácio com meu nome, no qual fez aparecer três homens suando para instruir um só menino: Capitão que ensinaria as letras hebraicas, Beatus as gregas e eu as latinas.”<sup>16</sup> Essa caricatura de três marmanjos suando para educar uma única criança nas três línguas aparece nas passagens adulteradas, como se estas fossem escritas por Erasmo.

A indignação de Erasmo com o crime do estulto e indouto acréscimo ao prefácio dos *Colóquios* feito em seu nome por um dominicano saxão impostor - como ele se expressa -, toma a forma de sátira: “Que mais? A cada passo, à sua comodidade, ele suprime, acrescenta, muda, como um porco impregnado de lama chafurdando em jardim alheio, nada fazendo senão

---

<sup>13</sup> Id., Ibid., p. 08. \**Os longevos (Longaevos)* é o mesmo que *Os idosos*. \*Guilherme Mountjoy é William Blount, lorde que foi preceptor do futuro Henrique VIII e aluno de Erasmo em Paris. Erasmo o considerava seu amigo, seu mecenas e seu Jove (outro nome de Júpiter).

<sup>14</sup> Id., Ibid., p. 08. \*Aldo Manúcio (1449 - 1515): Impressor e humanista veneziano que imprimiu inúmeras obras de Erasmo. \*Plutarco de Queronéia (45 - c. 125): Sacerdote grego de Delfos, professor, escritor e filósofo pitagorizante do platonismo médio. Erasmo, que traduziu várias de suas obras, diz que, depois das letras divinas, nada leu de mais santo que este autor.

<sup>15</sup> Id., Ibid., p. 9-10. “Excusum est nuper Lutetiae correctis, hoc est depravatis, aliquot locis quae videbantur attingere monachos, vota, peregrinationes, indulgentias aliaque huius generis [...]” \*As passagens adulteradas encontram-se nos *Colóquios* com o título *Percontandi forma, Convivium et Convivium religiosum*. (*Da forma de perguntar, Convívio e Convívio religioso*).

<sup>16</sup> Id., Ibid., p. 10. “Addidit impostor novam praefationem meo nomine, in qua facit tres viros in uno puero instituendo sudantes; Capitonem qui tradiderit literas Hebraicas, Beatum qui Graecas, me qui Latinas.” \*Capitão é Wolfgang Köpfel (1478 – 1541): Reformador moderado que depois de várias hesitações aderiu ao luteranismo. \*Beatus Rhenanus é Beatus Bild de Rhynow. (1485 - 1547): Corretor de vários impressores e amigo fiel de Erasmo.

conspurcar, perturbar, arrancar, e nem sente nesse ínterim que parece a argúcia captada por nós.”<sup>17</sup> A denúncia de Erasmo é tanto de que certos escritos ou partes deles são impressos em seu nome malgrado não serem seus, quanto, o que é pior, de que a argúcia que lhe é peculiar se perde nessas obras apócrifas.

Tais adultrações, com as quais o impostor acaba por colocar em sua boca aquilo que não é dele, e pior, sem argúcia, são denunciadas por Erasmo como intenção deliberada de denegri-lo junto àqueles que o amam. “Ele acrescenta como meus certos ditos odiosos, para acender a inveja contra mim junto àqueles que lhe doía que eu fosse caro.”<sup>18</sup>

Uma prova de adultrações das obras de Erasmo encontra-se nas palinódias. “E estas correspondem certamente às palinódias que ele promete no falso prefácio sob meu nome, como se alguém pudesse cantar palinódia pelos erros alheios, ou como se aquilo que ali era dito por qualquer dos personagens fosse minha opinião.”<sup>19</sup> De fato, as retratações são uma mostra que nem tudo que é publicado com o nome de alguém, quer no todo ou em parte, seja exatamente dele. Por isso, depois de satirizar que ninguém pode fazer retratações de erros de outrem, Erasmo deixa claro que aquilo que aparece como sendo dito por seus personagens não quer dizer exatamente sua opinião.

Ora, divulgar coisas como se fosse de alguém, para Erasmo, é próprio dos sicofantas teólogos. “Antigamente era capital publicar algo com nome alheio, agora aspergir sobre o vulgo tais sicofantismos com o próprio nome daquele que é falsamente traduzido, é jogo dos teólogos.”<sup>20</sup>

Mesmo que a culpa maior pelas publicações mutiladas, corrompidas ou apócrifas possa não ter sido dos tipógrafos e sim dos autores, Erasmo satiriza a ambos. “Eu não duvido que, com suas mendacidades, o patife impusera aquilo a um famélico tipógrafo, pois eu não acho que exista

---

<sup>17</sup> Id., Ibid., p. 10. “Quid multitis? Passim suo commodo resecat, addit, mutat, veluti sus oblita coeno volutans sese in horto alieno, nihilque non conspurcans, perturbans, evellens, nec interim sentit perire captatam a nobis argutiam.” \*O dominicano saxão, que Erasmo não revela o nome, é Lambert Campester, cônego regular em Riom, em França, que morreu depois de 1538.

<sup>18</sup> Id., Ibid., p. 10. “Addit quaedam odiosa velut a me dicta, quod mihi conflēt invidiam apud eos quibus dolet me esse charum.”

<sup>19</sup> Id., Ibid., p. 12. “Atque haec scilicet respondent palinodiae quam ille sub meo nomine pollicetur in falsaria praefatione, quasi cuiusquam sit canere palinodiam aerrōris alieni, aut quasi quicquid illic sub quacunq̄ue persona dicitur, meum sit dogma.” \*Em latim, geralmente o advérbio *scilicet* (certamente) é usado ironicamente, como Erasmo o faz aqui. \*Palinódia (*palinodia*): Poema que desdiz aquilo que se disse em outro; retratação.

<sup>20</sup> Id., Ibid., p. 12. “Olim capitale erat aederem quicquam alieno nomine, nunc tales sycophantias in vulgus aspergere fictu ipsius nomine qui traducitur, ludus est Theologorum.” \*Capital: coisa funesta. \*Sicofantismo: Próprio de sicofanta (pessoa mentirosa., difamadora, delatora, velhaca. Denunciante de quem roubasse figos, entre os antigos gregos).

alguém tão insano que, ciente de tão indoutas nênia, queira exprimi-las.”<sup>21</sup> Por isso, mais que satirizar e mesmo além de contínuas revisões de suas obras, Erasmo busca sempre que possível trabalhar diretamente na prensa a fim de garantir a fidelidade de suas publicações.

Pelo que foi exposto, fica demonstrado que certos discursos supostamente de Erasmo podem não ter sido dele em determinadas impressões, ou, se são, podem ser de modo diverso daquele que aparece em algumas edições, o que vale também para a sátira neles contida. Desse modo, se sobre aquilo que Erasmo escreve todo cuidado é pouco, devendo-se buscar continuamente o sentido oculto de sua linguagem, pois a sátira é um jogo metafórico de significação vária, quanto mais não é necessário ter precaução quando existe dúvida sobre a autoria do discurso.

Ao problema da autoria das obras de Erasmo, dentre as quais se encontra seu *Epistolário*, portanto, do discurso metafórico e da sátira nelas contidos, apresenta-se uma segunda questão prévia: a dos limites e da importância da correspondência erasmiana para a compreensão de sua sátira.

Quanto aos limites, o problema do extravio das correspondências, a falta de privacidade das cartas e a necessidade de mensageiros idôneos são alguns motivos circunstanciais expostos por Erasmo para que as cartas não se tornem em sua época um meio seguro de troca de idéias, principalmente sobre assuntos confidenciais ou comprometedores. É o que ele escreve a Servatius Rogerus:

Com efeito, a tua [carta], embora enviada por pessoas da mais digna confiança, contudo extraviou-se de tal maneira que, se o próprio acaso não me trouxesse para este castelo, eu nunca haveria de vê-la; e a recebi já antes inspecionada por muitos. Por isso, nada escreveste de secreto, nem conhecias ao certo em quais dos lugares eu estava e se obtiveste um mensageiro confiável.<sup>22</sup>

Aliás, não só circunstancialmente, mas em si mesmas as cartas não são o meio mais seguro e mais conveniente de comunicação. É o que Erasmo argumenta também com Servatius, ao garantir que não pode colocar por escrito todas as restrições para o seu não retorno ao

---

<sup>21</sup> Id., Ibid., p. 12. \*Nênia (*naenia*): Era a deusa romana que presidia aos funerais e aos cantos lúgubres em honra dos falecidos. Havia na antiga Roma três espécies de cantos ou poemas que se recitavam nas exéquias de pessoas notáveis: a nênia, o epitáfio e o epicédio. A nênia era um poema que se declamava ou cantava junto à fogueira em que se incinerava o cadáver; era uma elegia fúnebre, composta para celebrar a memória do morto ilustre. O epitáfio era gravado sobre a urna e o epicédio era pronunciado na cerimônia dos funerais, estando o corpo presente. Por extensão nênia significa cantiga fúnebre, canção plangente, melancólica.

<sup>22</sup> ERASMI, p. 572. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Tuae enim quanquam per certissimos missae sic tamen aberrant, ut nisi ipse casu me in arcem hanc contulisset, nunquam fuerim visurus; et accepi iam a compluribus ante inspectas. Quare ne quid scripseris arcani, ni certo cognoveris ubi locorum sim et nuncium nactus sis fidissimum.” \*Servatius Rogerus: Foi colega de estudos e “metade de minha alma” de Erasmo. Em 1504, tornou-se o oitavo prior do convento agostiniano de Steyn. Ele morreu em 1540.

convento de Steyn. “E, Oxalá fosse permitido comentar estas coisas entre nós; pois, por carta não é muito conveniente, nem o é permitido com bastante segurança.”<sup>23</sup>

Com efeito, nem toda crítica pode ser colocada por carta:

Eu não conseguirei dizer com palavras o quanto sinceramente me dói ver se originar tantos tumultos das coisas humanas, e sem ninguém que impeça isso. Porém, mais me dói ver nossa pátria paulatinamente implicar esses males, principalmente em diuturnas guerras que não somente a envergonham, mas quase a destroem. Oxalá fosse permitido confiar às cartas sem perigo essas coisas que sinto.<sup>24</sup>

Nessa mesma linha de pensamento, garantindo que prefere ser mais cândido a ser desconfiado, Erasmo confessa para James Batt que existem outras coisas que deseja lhe contar, mas que não quer colocar por carta.<sup>25</sup> Deveras, mesmo preferindo a candidez à desconfiança, ele sabe que nem tudo o que sente ou pensa pode ser colocado por escrito, quer por cartas, como neste caso, quer em geral, nas obras.

Na verdade, Erasmo prefere a conversa pessoal à conversação escrita, dando menor peso ao que se escreve e mais ao que se fala, principalmente quando se trata de amigos, como assegura para James Batt, o confidente de suas desventuras: “Primeiramente, para que me escrever longas cartas a respeito de tantas coisas, quando tu podes fazer o mesmo de modo presente e como dizem, de viva voz? Ou, o que posso eu com elucubradíssimas cartas que tu não possas de longe fazê-lo melhor com a conversação?”<sup>26</sup>

Erasmo afiança que opta por defender sua causa pessoalmente a fazê-lo por cartas, e por dizer nugas boca a boca.<sup>27</sup> Em outras palavras, a conversação pessoal lhe permite tanto se defender das acusações com mais facilidade quanto falar de ninharias, isto é, tagarelar mais à vontade.

---

<sup>23</sup> Id., Ibid., p. 572. “Atque utinam liceat hisce de rebus coram inter nos commentari; nam litteris nec satis commode nec satis tuto licet.”

<sup>24</sup> ERASMI, p. 518-519. Carta 266, de Erasmo a Adolfo de Veere, de 1512. “Verbis consequi nequeam quam ex animo doleam tantos rerum humanarum motos exoriri, idque nemine obsistente. Magis autem doleo nostram patriam paulatim his implicari malis, praesertim tam diutinis bellis non vexatam modo sed propemodum extinctam. Utinam hisce de rebus quae sentio liceat tuto literis committere.” \*Adolfo de Veere ou de Borgonha (c. 1490 – 1540): Príncipe, filho de Ana de Veere, importante membro do Grande Conselho de Carlos V e embaixador da Inglaterra.

<sup>25</sup> ERASMI, p. 320. Carta 138, de Erasmo a James Batt, de 1500. \*James Batt: (1464? – 1502). Diretor da escola pública de Bergen. Erasmo se ligou a ele por uma amizade que só foi rompida com sua morte prematura, e fez dele um dos personagens do *Antibárbaros*.

<sup>26</sup> ERASMI, p. 287. Carta 124, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Primum, quorsum tantopere ad rem attinet me longas epistolas scribere, cum tu sis ipse praesens et viva, ut aiunt, voce rem acturus? Quod ego vel elucubratissimis literis possim, quod tu sermone non longe melius possis?”

<sup>27</sup> ERASMI, p. 225-226. Carta 089, de Erasmo a Ricardo Whitford, de 1499. \*Ricardo Whitford: (c. 1470 - 1542). Membro do Queens’s College, de Cambridge, ele foi sempre amigo familiar de Thomas More e Erasmo. Em 1507, Whitford entrou no mosteiro de Sião, perto de Isleworth, onde seu tio, também chamado Ricardo Whitford, já era membro, e aí escreveu obras de piedade em inglês. \*Nuga: Ninharia, bagatela.

À confissão de que se considera menos favorecido no gênero *Opus epistolarum*, Erasmo acrescenta a indulgência para com os amigos como outro limite de sua correspondência. “Fui aqui indulgente mais que suficiente com os afetos dos amigos, principalmente com aqueles que, muitas vezes, mudam-se no oposto conforme a oportunidade [...]”<sup>28</sup>

Mesmo quando tem excelentes mensageiros, Erasmo garante para Christian Northoff que nem por isso costuma escrever cartas, ou, se o faz, escreve de forma muito breve, exceto quando tem um bom motivo.<sup>29</sup>

Contudo, como nem sempre a conversa pessoal é possível e como os motivos para escrever são muitos, superando os limites, mais corajoso que comedido, Erasmo corre o risco e elegendo a escrita como alternativa é mormente satírico em sua vasta correspondência e em seus escritos. Ora, restam exatamente seus escritos para nos dar uma imagem mais acertada de seus sentimentos, pensamentos e conduta e para nos informar de sua sátira. Assim, se existem limites, grandes são as vantagens da correspondência, a qual está fundada na sua crença de que “[...] o desejo de escrever cresce ao se escrever.”<sup>30</sup> Isso quer dizer que é o desejo de escrever que faz o autor, ou seja, é a prática que o faz.

Apoiado nesse princípio e tomando como modelos de exercício epistolar São Jerônimo e Santo Agostinho, que no intervalo de tempo e de espaço jamais foram separados um do outro visto que eles estavam irmanados por mútua afeição, Erasmo atesta a importância precípua da troca de correspondência: “Portanto, se temos fé em Turpílio, o intercâmbio de cartas é a única coisa que conjuga os amigos ausentes.”<sup>31</sup>

Na verdade, a correspondência é uma arte que consiste em parecer enganar a ausência dos amigos. É um artifício que torna presente à mente o amigo ausente. É um engenho de conversação como se esta fosse de viva voz, como define Erasmo. “Esta nossa arte parece, pois,

---

<sup>28</sup> ERASMI, p. 17. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Indultum est hic plus satis amicorum affectibus, praesertim quum hi saepenumero pro tempore mutentur in diversos [...]”

<sup>29</sup> ERASMI, p. 196. Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de 1498. \*Christian Northoff: Era natural de Lübeck, na Alemanha. Ele e Henrique Northoff, seu irmão, foram os primeiros alunos de Erasmo em Paris. Henrique estudou na Sorbonne e tornou-se mestre em arte em 1497. Christian retornou a Lübeck para se dedicar ao comércio.

<sup>30</sup> ERASMI, p. 104. Carta 023, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. “[...] crescit scribendo scribendi studium.” \*Cornélio Gerard: Foi companheiro de quarto de Erasmo em Deventer e depois viveu em Lopsen, num mosteiro agostiniano perto de Steyn. Ele morreu antes de 1534. Erasmo o chamava de poeta de Gouda e também teólogo.

<sup>31</sup> Id., Ibid., p. 104. “Siquidem, si fidem habemus Turpilio, literarum vicissitudo una res est quae absentes coniungat amicos” \*São Jerônimo (347 - c. 420): Grande Padre da Igreja, do qual Erasmo publicou suas obras completas. No *Desprezo do Mundo*, ele o toma como modelo de eloquência. \*Santo Agostinho (354 - 430): Foi bispo de Hipona e, igualmente, importante membro da Patrística. No *Desprezo do Mundo* Erasmo também o toma como modelo de eloquência. \*Turpílio: Poeta cômico, contemporâneo de Terêncio. Seu pensamento é citado na carta 08 de São Jerônimo. \*Conjugar (*coniungere*): Unir tão intimamente como os cônjuges no casamento.

enganar a tua ausência e, deleitado por tua dulcíssima presença, misturar a conversação diante de ti.”<sup>32</sup>

Por isso, a correspondência é, como a entende Erasmo, uma forma privilegiada de comunicação.

Nenhum gênero de costume entre pessoas separadas, nem mais agradável nem mais próximo, poderia ser inventado, para que, com cartas alternadas, mutuamente refiram as imagens de si para si; e exiba-se presente um para o outro, ainda que não corporalmente, certamente pelo ânimo e pela vontade.<sup>33</sup>

É a troca de correspondência como uma forma privilegiada de unir corações e intenções! Cabe-nos, portanto, na correspondência de Erasmo, descobrir essa disposição e essa vontade, que explicam a sua sátira, como se ele estivesse presente.

Apresentamos um exemplo do efeito da comunicação epistolar entre amigos ausentes. Sentindo-se incomparavelmente alegre por ter recebido uma carta de Erasmo, Jerônimo Busleiden atesta: “Que há muito tempo eu estava unido pelo mesmo amor à virtude, pelos mesmos estudos, pelo mesmo consenso de ânimo, pela indivisa caridade.”<sup>34</sup> Tais são os sentimentos que a correspondência de Erasmo provoca ou irmana.

Assim, mesmo preferindo a viva-voz, Erasmo diz ser por um gênero de ocupação, ou seja, as cartas, que costuma ter intimidade mais livremente com seus amigos, desde que com sua interpelação não perturbe os estudos dos outros mas os deleite com essa atividade e que suas cartas lhes pareçam mais benévolas que ímprobos.<sup>35</sup>

Erasmo dá tanta importância à correspondência entre amigos que, em um exemplo, se alegra com as cartas de André Ammonio, por estas lhe trazerem grande conforto, principalmente no tão grande tédio das coisas<sup>36</sup>. Em outro exemplo, lê e relê as cartas de James Batt como se cada uma delas fosse um texto e, confiando na sabedoria do amigo, dispõe-se a lhe responder

---

<sup>32</sup> Id., Ibid., p. 104. “Videor enim hac arte nostri fallere absentiam tecumque tua dulcissima delectatus praesentia coram miscere sermonem.” \*Sobre a questão literária das cartas é oportuníssimo consultar *A arte de Escrever Cartas*, de Emerson Tin.

<sup>33</sup> Id., Ibid., p. 104. “Nec gratius nec proximius inter seiunctos consuetudinis genus ullum reperiri poterit quam ut alternis epistolis mutuo sibi sui referant imaginem; alterque alteri, etsi non corpore, certe animo ac voluntate se praesentem exhibeat.”

<sup>34</sup> ERASMI, p. 491. Carta 244<sup>a</sup>, de Jerônimo Busleiden a Erasmo, de 1511. “Quos iandudum idem amor virtutis, eadem studia, idem animorum consensus, individua caritate copulavit.” \*Jerônimo Busleiden: (1470 - 1517). Terceiro filho de Gilles Busleiden e irmão de Francisco Busleiden. Detentor de numerosos canonicatos, ele cumpriu inúmeras embaixadas. Ele conheceu Erasmo em Orleans. O testamento de Jerônimo permitiu que Erasmo fundasse o Colégio Trilíngüe. \**Copulare*: Unir intimamente, como numa relação sexual, copular.

<sup>35</sup> ERASMI, p. 288. Carta 125, de Erasmo a um anônimo, de 1500.

<sup>36</sup> ERASMI, p. 547. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. \*André Ammonio (c. 1478 - 1517): Esteve a serviço de Mountjoy, e tornou-se depois secretário de Henrique VIII para o latim. Ele conheceu Erasmo antes da partida deste para a Itália e trocaram entre si inúmeras cartas.

com seus escritos e suas recomendações para proveito de Batt.<sup>37</sup> Erasmo usa as cartas para aprender com os amigos e para ensinar, desde que o interlocutor esteja disposto à aprendizagem.

Em sua correspondência, Erasmo tempera suas notícias com saís, isto é, com a argúcia de suas sátiras. Por exemplo, ele escreve a William Gonell sobre a presença em Londres do núncio do Sumo Pontífice, o bispo teatino, um homem dito doutíssimo como poucos, para tratar da paz entre os príncipes, mas inutilmente, ironizando que lhe parece que o núncio cuida mais de seus negócios que dos “nossos”. Ele noticia que corre um boato que Margarida, filha de Maximiliano, se casará com o novo duque, o qual recentemente o rei de um Dama fez um prócere. Ou ele lamenta que haja uma admirável escassez de escritores.<sup>38</sup> Temos aqui, respectivamente, a sátira de Erasmo à inutilidade das tentativas de paz, à defesa dos interesses pessoais sobre os da população, ao fato de se fazer de um palafreireiro um homem importante e à escassez de copistas.

Todavia, os amigos parecem aceitar até mesmo as cartas satíricas de Erasmo:

Deleitou-me admiravelmente, mesmo que aculeada, o acume de tua carta, exceto no trecho sobre a minha falta de franqueza; porque a pequena ferida, embora me faça algum mal, todavia, cuidas de tal modo e com tanta arte que eu não ousa queixar-me, tanto mais que aduzes algumas razões, pelas quais até um homem sério (que me conhecesse menos que tu) poderia supor-me capaz de fuco e de fraude.<sup>39</sup>

As cartas de Erasmo deleitam a muitas pessoas, até mesmo quando ele é picante. Isto porque a crítica sutil contida em sua sátira é feita pedagogicamente, com arte e com o intuito de ajudar o outro. O que os amigos discutem são as razões, como o faz aqui Sixtin, cujas diferenças são resolvidas pela amigável discussão. Nesse sentido, as cartas trocadas entre Erasmo e seus destinatários e vice-versa, são também o lugar do debate acadêmico que esclarece os mal-entendidos.

---

<sup>37</sup> ERASMI, p. 144. Carta 042, de Erasmo a James Batt, de 1495.

<sup>38</sup> ERASMI, p. 550-551. Carta 287, de Erasmo a William Gonell, de 1514. \*William Gonell (c. 1490 - 1560): Mestre-escola que foi preceptor das crianças de Thomas More e morou um tempo com ele. Erasmo escreveu-lhe várias cartas. \*O bispo teatino: É João Pedro Caraffa (1476 - 1559). Com São Caetano de Tiene (1480 - 1547) ele fundou em Roma a ordem dos Teatinos. Em 1555 tornou-se o papa Paulo IV. Erasmo recebeu dele um grande encorajamento. \*Margarida da Áustria (1480 - 1530): Filha de Maximiliano, a qual foi regente dos Países Baixos desde 1507. \*O duque é Carlos Brandon (c. 1485 - 1545): Duque de Suffolk, favorito de Henrique VIII, que posteriormente se casou com Maria, irmã de Henrique e viúva de Luís XII (Rei da França de 1498 a 1515). \*Dama, o palafreireiro de três asses (antiga moeda romana de cobre) da sátira V, 76 de Pérsio, significa pessoa que tem pouco valor.

<sup>39</sup> ERASMI, p. 488. Carta 244, de João Sixtin a Erasmo, de 1511. “Mirifice me delectavit vel aculeatum litterarum tuarum acumen, praeterquam in loco desyderatae meae simplicitatis; quod vulnusculum etsi aliquantum male me habet, ita tamen et tam artificiose curas ut queri non audeam, adductis praesertim rationibus aliquot quibus vel gravi viro (cui non essent uti tibi notus) in suspicionem fuci fraudisque venire possem.” \*João Sixtin: Estudou direito em Oxford, onde Erasmo se ligou a ele. Ele morreu em Londres em 1519. A pequena ferida refere-se à insinuação de Erasmo em carta anterior de que Sixtin fornecera indevidamente manuscritos para publicação do *De copia*.

Em síntese, a correspondência é a conversação de Erasmo com seus amigos e com muitos outros homens do tempo sobre os assuntos mais diversos de interesse deles. Conversação que implica amiúde o dúbio, o não dito, o suposto, o pretendido, ou seja, a linguagem figurada, na qual a sátira está inserida, pois, ela é, também, Erasmo em discussão acadêmica com os seus. Assim, o estudo de suas cartas já teria garantido importância somente pelo fato de que elas significam um Erasmo satírico, brincalhão, em conversação e em debate com os homens, quer em diálogo, quer em polêmica com o tempo.

## 1. 2 CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO METAFÓRICO ERASMIANO

Uma primeira característica do discurso metafórico erasmiano diz respeito à ambivalência.

Primeiramente, o discurso de Erasmo expressa a ambivalência dos acontecimentos, mas numa linguagem que, por ser também ambivalente, dá conta dessa ambivalência. “Com efeito, creia-me, o amor tem suas lágrimas assim como as alegrias têm as suas.”<sup>40</sup> As lágrimas não são atributos específicos da dor, mas também do amor e da alegria. Quem vê apressadamente relaciona lágrima e dor, quem olha mais a fundo vê a ambivalência da vida e busca ler corretamente as circunstâncias.

A mesma ambivalência da vida é exteriorizada pela linguagem erasmiana na expressão de Virgílio: “Ausente, o ausente tanto ouve como vê.”<sup>41</sup> Existe ausência, mas apenas dos olhos, que deixa de sê-la e passa a ser presença, vista com os olhos do coração.

A ambivalência da vida é externada por Erasmo também na forma de linguagem exortativa. Desculpando-se por, em nome da mútua amizade, acabar por fazer exortações a William Herman, e comentando sobre as críticas que alguns amigos lhe fazem, ele diz que se

---

<sup>40</sup> ERASMI, p. 83. Carta 009, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Habet enim, crede mihi, et amor lachrimas suas; habet sua et gaudia.”

<sup>41</sup> Id., Ibid., p. 83. “Absens, absentem auditque videtque.” \*Públio Virgílio Maro ou Marão (traduzido por alguns como Vergílio): Escritor latino nascido em Mântua em 15 de outubro de 70 a.C, autor, entre outras obras, de *Eneida*, uma epopéia e *Moretum* (*A salada* ou *O queijo*), um idílio. Atribui-se a ele também *Culex* (*O mosquito*), uma epopéia.. Erasmo recomendava sua leitura a seus alunos e amigos. A citação de Erasmo é do livro IV da *Eneida*, na qual Virgílio narra a paixão de Dido por Enéias (príncipe troiano, o principal herói da *Eneida*, do qual descendeu o lendário primeiro rei de Roma, Rômulo).

deve pôr em prática uma sentença de Quílon: Ama como se tivesses que odiar algum dia e odeia como se um dia tivesses de amar.<sup>42</sup>

A ambivalência se torna ainda mais explícita em conselhos aparentemente contraditórios, como os que Erasmo dá a João Falcon, numa carta que ele define de jocosa, por que este não quis acompanhá-lo em sua viagem a Tournehem:

Ó mísero, que ficas obrigado em seguir-me. O que haveria para ti de mais feliz? Mas, alegro-me que tua soberba te foi nociva. Depois disto, sê sensato, fuge dos poetas, segue os que lanham. Em breve aí te visitarei, se os deuses superiores me ajudarem. Conserva aquilo que tens de meu, contrai o que possas para que nada seja demorado quando eu for à venda.<sup>43</sup>

Na verdade Erasmo não se alegra com o prejuízo alheio e nem considera sensato fugir das letras e seguir os carniceiros. Essa é uma forma metafórica e satírica de mostrar a Falcon seu erro em não acompanhá-lo e de lhe ensinar para que seja mais atento em sua próxima tarefa.

A linguagem aparentemente ambígua de Erasmo adquire ares de inimigo:

Acautela-te de esperar uma saudação nossa. Eu te consagro aos deuses, quantas vezes teus convícios me vêm à mente, quantas vezes meu ânimo presta atenção àqueles olhos torvos, quantas vezes àquela boca composta por meras contumélias. Por isso não posso te amar muito. Na verdade te odiarei menos se tu puderes prepor as boas letras a teus pequenos lucros.<sup>44</sup>

Recusar a cumprimentar, mandar para o diabo, lembrar as injúrias, recordar os olhos ameaçadores e a boca que só diz ultrajes, negar a amar, confessar odiar! Parece que Erasmo está se dirigindo a um inimigo, mas não é o caso. É uma sátira, um jogo que ele faz com um amigo, exatamente para ensinar a preferir as boas letras às vantagens pessoais.

---

<sup>42</sup> ERASMI, p. 219. Carta 083, de Erasmo a William Herman, de 1498. \*William Herman (Gouda, 1466 - Steyn, 1510): Chamado por Erasmo de Guilherme de Gouda, era primo de Cornélio Gerard. Companheiro de estudos de Erasmo em Gouda e em Deventer, fez depois profissão religiosa e lecionou em Steyn. Herman escreveu uma *Sylva odorum*, a qual Erasmo publicou em Paris. Em seus últimos anos de vida empreendeu uma *História da Holanda*. Ele é um dos interlocutores do *Antibárbaros*. Erasmo e Herman trocaram inúmeras cartas entre si. \*Quílon: Um dos sete sábios da Grécia.

<sup>43</sup> ERASMI, p. 223. Carta 087, de Erasmo a João Falcon, de 1489. “O te miserum, qui me sequi sis gravatus. Quid te fuisset beatius? Sed gaudeo tuam superbiam tibi nocuisse. Posthac sape, poetas fuge, et lanios sequere. Brevi isthic adero, si superi adiutabunt. Tu et quae habes mea serva, et quae potes contrahe, ne quid in mora sit ubi venero.” \*João Falcon: Não se conhece esse personagem exceto pelas menções que Erasmo faz dele nesta e na carta 119. Josse Bade, em 1503, dedicou sua edição de *Solinus* a Ioannes de Falce Gandavus, que talvez seja ele próprio. \*Lanhar (*laniare*): Golpear, despedaçar; como os carniceiros, os peixeiros ou os açougueiros. \* *Dii Superi* ou simplesmente *Superi*: Os deuses superiores, os deuses celestes, do céu, o céu, Deus. A eles se opunham os *Inferi*: deuses inferiores, do Inferno, do inferno, o inferno, o diabo.

<sup>44</sup> Id., Ibid., p. 223. “Tu cave salutem a nobis expectaveris. Devoveo te, quoties tua mihi convicia in mentem veniunt, quoties torvos illos oculos animo contueor, quoties os illud ad meras contumelias compositum. Itaque amare te plane non possum. Minus quidem odero, si bonas literas lucellis tuis praeponere poteris.” \*Erasmo usa o verbo *devovere* que significa consagrar aos deuses, mas não define se são os *Superi* ou os *Inferi*. Por isso cabe também a tradução “mandar para o diabo”.

Além disso, a própria forma como Erasmo expõe os fatos pode dar margem a interpretações ambíguas, como o relato da ação milagrosa de Santa Genoveva. Nesse escopo, ele narra a Nicolas Werner que estando doente de febre quartã curou-se não pela ação do médico, a despeito de ter usado seus serviços, mas graças a Santa Genoveva, virgem nobilíssima, cujos ossos, conservados em poder dos cônegos regulares, todos os dias fulguram e são adorados por seus prodígios, nada mais digno dela e salutar para ele.<sup>45</sup> Embora esteja sendo sincero com seu amigo Nicolas ao creditar sua cura à ação milagrosa da santa e não haja aqui qualquer deboche à verdadeira crença e culto aos santos, visto que acredita mesmo no poder deles, desde que subalterno ao poder divino, Erasmo pode estar sendo irônico. Isto porque, além de não dispensar a ação médica, o que evidencia seu caráter prático, ele acentua a guarda, o brilho, a adoração e os prodígios dos ossos sagrados da santa, o que pode significar uma denúncia da crença supersticiosa do poder dos santos.

Entretanto, Erasmo entende que não produz o dúbio. “E, contudo, eles não têm porque objetar-me; só não quero declarar perigo para minha cabeça com aquilo que eu ou não consigo, ou tenho por dúbio, ou não aprovo, ou declarei sem nenhum fruto.”<sup>46</sup> Erasmo busca tornar público tudo o que pode produzir. Mas não aquilo que vai além de suas capacidades, aquilo que não tenha ainda experimentado, aquilo que não tem qualquer utilidade pública ou aquilo que tem caráter dúbio. Não há porque criticá-lo, dirá, pois tudo passou pelo crivo de sua autocrítica, inclusive sua linguagem figurada e satírica que nada tem de ambigüidade.

Uma segunda característica é que nem todo discurso erasmiano é metafórico. Nessa direção, mesmo persuadido da importância dos provérbios, Erasmo expressa seu desejo de não converter tudo em adágios.

[...] inversamente, de tal modo não fomos temerários que varremos sem demora o que quer que fosse e por qual pacto acesse a alguma espécie de adágio; para que, como

---

<sup>45</sup> ERASMI, p. 164-165. Carta 050, de Erasmo a Nicolas Werner, de 1497. \*Nicolas Werner: Em 1496, tornou-se o sétimo superior da ordem dos agostinianos em Steyn. Ao aperceber-se do desassossego de Erasmo em Steyn sugeriu que ele poderia ser mais feliz como secretário do bispo de Cambrai. Ele morreu em 03 de dezembro de 1504, sendo substituído por Servatius Rogerus. Erasmo escreveu-lhe várias cartas. \*Santa Genoveva (Século.V): Ela, que viveu a pobreza e a caridade, representa a coragem do povo francês, e serviu à construção da nacionalidade.. Há um Poema de Erasmo em honra a Santa Genoveva, por tê-lo libertado da febre quartã (cujo mal o acometeu por mais de um ano). Ele foi impresso pelo editor Cristiano Weckel, em Paris, em 1532. Esse poema tem sido freqüentemente usado para mostrar que Erasmo não era completamente contra o culto dos santos, mas apenas contra os exageros desse culto. \*Adorar pode significar venerar, como é próprio fazê-lo aos santos, pois se presta adoração somente a Deus; ou pode significar adorar, o que seria uma sátira de Erasmo à idolatria aos santos.

<sup>46</sup> ERASMI, p. 29. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Et tamen non habent quod obiiciant mihi, nisi quod nolim mei capitibus periculo profiteri, quae vel non assequor, vel pro dubiis habeo vel non probor, vel nullo fructu professurus sim.”

Midas com o ouro, não convertêsemos imediatamente em adágio tudo que por acaso atingíssemos, o que poderia me reprovar justamente.<sup>47</sup>

Erasmus não pretende transformar tudo em adágio porque não quer, como Midas, converter tudo em ouro. Isso quer dizer que ele sabe que nem sempre se pode usar a linguagem metafórica, satírica ou não.

Com efeito, Erasmus usa todos os tipos de linguagem, inclusive a não-verbal. Por exemplo, confiando a Ammonio um opúsculo que convidava as fontes, rios, lagos e águas paradas a deplorar até às lágrimas as calamidades da Itália, ele diz que por isso foi a ele que o lobo viu em primeiro lugar, de modo que devia falar por acenos de cabeça, tanto estava rouco.<sup>48</sup> Quando se encontra o olhar do lobo - que significa ser morto - ou quando se está rouco de tanto falar, tais situações implicam em ser loquaz com acenos de cabeça. Essa é a linguagem figurada utilizada por Erasmus para ensinar que não se deve calar, mas usar a linguagem mais ajustada às circunstâncias.

Entretanto, Erasmus prefere e é conhecido exatamente por sua linguagem figurada. Nessa perspectiva, James Faber pergunta a Erasmus porque ele não lhe deu as orações gregas de Libânio, depois que as traduziu para o latim. E ele próprio responde: “Eu prevejo tua intenção; aqueles livros que tens às mãos: Sobre as ilustres metáforas, Sobre as alegorias eclesiásticas, Sobre as alusões dos autores, Sobre os sábios ditados e livros de respostas, estabeleceste acrescentar ao meu Libânio.”<sup>49</sup> Este texto mostra como os contemporâneos de Erasmus conhecem bem o seu tipo de produção teórica e sabem que ele utiliza amiúde a linguagem figurada.

Aquele que é conhecido pelo emprego da linguagem metafórica traduz os autores exatamente para desvelar a sua linguagem oculta. Nessa acepção, comentando com Greveradus acerca de seu trabalho sobre São Jerônimo, Erasmus afirma que embora os escritos desse autor sejam dignos de serem lidos e decorados por todas as pessoas, poucos o lêem, menos ainda o admiram, e pouquíssimos o entendem. Ele afirma, também, que em todas as escolas ressoam

---

<sup>47</sup> ERASMI, p. 445-446. Carta 211, de Erasmus a William Blount, de 1508. “[...] neque rursus ita temerarii ut quicquid quocunque pacto ad aliquam adagii speciem accederet, ilico converreremus, ne plane quemadmodum Midas in aurum, itidem nobis quicquid forte contigissemus protinus in adagium verti iure quis calumniari posset.”

\*Midas: Rei frígio que tudo que tocasse virava ouro.

<sup>48</sup> ERASMI, p. 480. Carta 238, de Erasmus a André Ammonio, de 1511.

<sup>49</sup> ERASMI, p. 387. Carta 174, de James Faber a Erasmus, de 1503. “Prevideo consilium tuum; quos in manibus habes De illustribus methaphoris, De allegoriis ecclesiasticis, De auctorum allusionibus, De scite et dictis et responsis libros, Libanio meo addere instituisti.” \*James Faber (Deventer, 1473 - 1517): Foi aluno de Alexandre Hegius, pouco depois de Erasmus, e lecionou em Deventer a maior parte de sua vida. Faber publicou duas obras de piedade impressas em 1499 e 1500. \*Libanius: Erasmus traduzira para o latim a declamação do sofista grego Libânio *Menelau reclama sua esposa junto aos troianos*. \*As obras de Erasmus que Faber menciona não foram publicadas com esses títulos. Provavelmente foram incorporadas às edições aumentadas dos *Adágios*.

apenas Duns Scot, Alberto Magno e outros autores mais indoutos, enquanto Jerônimo, o único que deveria ser repetido, é o único silenciado. Ele afirma, ainda, que aquilo que faz esse autor ser deixado de lado é sua eloquência com a qual serve a religião, exatamente o que deveria fazê-lo sobressair, e não ser esquecido. Além disso, que perturba a muitos a sua erudição mais abstrusa, isto é, oculta, a qual, ao contrário, além de ser muitíssimo oportuna, é aquilo que o recomenda. Enfim que se esse autor for ilustrado com um digno comentário, isso será propício para que a sua glória, acolhida por uma nova luz, comece a brilhar de modo mais difundido nas escolas, nos auditórios, nos templos, nas casas, lido e decorado em público e privadamente.<sup>50</sup> Temos aqui a constante preocupação de Erasmo com a linguagem, pois, o que destaca em São Jerônimo é aquilo que o faz ser deixado de lado, ou seja, sua eloquência colocada a serviço da religião. O que o recomenda nessa eloquência é exatamente sua erudição oculta. A linguagem oculta de Jerônimo, que o faz incompreendido, é, pois, o ponto de partida para o trabalho de interpretação de Erasmo, que com seu comentário pretende ser nova luz para a compreensão desse autor. Desvendar a linguagem oculta dos autores é sua tarefa precípua para que as letras divinas e clássicas brilhem em toda parte. Nesse trabalho de desvelamento da linguagem, a sátira desempenha um papel pedagógico relevante.

Por conseguinte, afirmando pretender com sua obra audaz eliminar o que erradamente foi emendado no texto jeronimiano ao longo dos séculos, Erasmo apresenta, ao mesmo tempo, outras características da linguagem metafórica de São Jerônimo que o torna superior aos demais autores. Ele diz que nesse autor se encontram tanta Antiguidade, tantas letras gregas, tanta história, tantas frases, tanta arte para se aprender, que o faz se distanciar dos demais autores cristãos e rivalizar até com Cícero a ponto de poder ser considerado o príncipe da eloquência:

Neste nosso autor há tanta diversidade, tanta quantidade de sentenças, tanta sutileza de entimemas. Porque, indicar nas suas cartas o artifício da eloquência do mesmo modo que é difícil é sem dúvida utilíssimo. Pois é isso que me proponho a fazer, contanto que ele próprio me assista a destra, de modo que aqueles que admiraram até aqui a eloquência de Jerônimo, confessem agora que ignoravam o que era eloquência.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> ERASMI, p. 329-331. Carta 141, de Erasmo a Greveradus, de 1500. \*Greveradus: De Greverath, perto de Trèves, que no momento desta carta residia não muito longe de Paris. \*Erasmo corrigiu e apresentou notas explicativas às *Epistolis Hieronymi (Cartas de São Jerônimo)* em várias de suas edições. \*João Duns Scot ou Escoto (1266 –1308): Mestre da escolástica franciscana, fundador do escotismo. \*Santo Alberto Magno (1200 - 1280). Dominicano, qualificado como *Doctor Universalis*. Entre seus alunos encontrava-se Santo Tomás de Aquino.

<sup>51</sup> Id., Ibid., p. 332 “Tanta in hoc nostro varietas, tantum sententiarum pondus, tanta enthymematum volubilitas. Quod artificium in eloquentium literis indicare, ut difficillimum est, ita longe utilissimum. Id quod ita me, modo ipse dexter adsit, confecturum confido, ut qui hactenus Hieronymianam eloquentiam sunt admirati, iam eloquentem fuisse se nescisse fateantur.” \*Entimema (enthymema) quer dizer raciocínio. Em lógica, significa silogismo em que se subentende uma premissa.

É isso que todos precisam saber, qual seja, o que é de fato eloquência, pois o que comumente se diz dela nada tem a ver com ela. É essa linguagem figurada de São Jerônimo que Erasmo resgata e utiliza.

Deveras, o que Erasmo busca nos clássicos comprovadamente bons é o discurso metafórico: as frases engenhosas, as metáforas apropriadas, os provérbios e semelhantes recursos gramaticais. E ele o busca também para o aprimoramento do estilo que permite a eloquência, como assevera:

Porém, quando avaliamos quanto impulso, para a elegância e a abundância da dicção, trazem as sentenças argutas, as metáforas apropriadas, os provérbios e demais esquemas similares, decretamos, de todo gênero dos aprovados escritores, ajuntar o máximo possível daquelas coisas, e distribuir cada uma em sua classe, para que fossem mais visíveis para aqueles que quisessem exercitar o estilo, o que proporcionaria a faculdade e abundância das orações.<sup>52</sup>

Por mais de uma vez, Erasmo acentua os elementos precípuos da linguagem figurada: O subentendido das sentenças, o sentido das metáforas, o significado das parábolas, os modelos e comparações, as particularidades, as semelhanças, as imagens. “Mas, quem não sabe que os precípuos recursos e delícias da oração estão situados nas sentenças, nas metáforas, nas parábolas, nos paradigmas, nos exemplos, nos símeis, nas imagens e em outros esquemas desse gênero?”<sup>53</sup> Portanto, trata-se de uma linguagem indireta que não só melhor apresenta os fatos, como ensina, e ensina porque se apresenta como delícia, como prazer, como algo de que se gosta.

Uma terceira característica é que nem todo discurso metafórico erasmiano é necessariamente satírico. Nessa perspectiva, na primeira de uma série de cartas a Servatius Rogerus, então seu amigo de convento em Steyn, Erasmo escreve: “Afinal, que coisas tu agitas, ó metade de minha alma?”<sup>54</sup> O destaque é dado à grande amizade entre ambos, motivo pelo qual Erasmo se serve dessa expressão “Metade de minha alma” ou “Minha alma metade” ou, numa tradução ainda mais livre, “Minha cara metade”. Neste caso, a analogia entre a amizade e a alma expressa simplesmente o apreço que ele tem pela amizade de Servatius. Mesmo assim, a

---

<sup>52</sup> ERASMI, p. 16. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Caeterum ubi perpenderemus quantum ad elegantiam et copiam dictionis adferant momenti sententiae argutae, metaphorae aptae, proverbia similiaque schemata, decreveramus ex omni scriptorum probatorum genere quam maximam harum rerum vim congerere, et in suam quaeque classem digerere, quo magis essent in promptu his qui stilum exercere vellent ad parandam orationis facultatem et copiam.” \**Digerere*: Distribuir, dividir; como resultado do entendimento que só ocorre depois de uma meditação atenta..

<sup>53</sup> ERASMI, p. 291. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500. “Iam vero quis nescit precipuas orationis tum opes tum delicias in sententiis, metaphoris, parabolis, paradigmatis, exemplis, similibus, imaginibus atque id genus schematis sitas esse?”

<sup>54</sup> ERASMI, p. 77. Carta 004, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Quid igitur rerum agitas, o animae dimidium meae?”

expressão se encontra num contexto no qual ele pretende cobrar alguma coisa de Servatius, ou seja, que não se preocupe, mas que lhe responda, e que não se esqueça de sua amizade. A partir desse exemplo se pode entender que nem toda linguagem metafórica é satírica e que na fase jovem da vida Erasmo usa ambas as linguagens mais restritas ao âmbito das relações interpessoais, mas, à medida que o tempo passa, elas se dirigem para campos mais amplos da realidade social.

Uma quarta característica é que existe uma estreita relação entre o discurso metafórico e a literatura. Nessa direção, a linguagem erasmiana toma por vezes a forma poética, como quando Erasmo contextualiza as epigramas:

[...] E, no entanto, algumas vezes durante um passeio ou também bebendo com os amigos, em diferentes épocas, nos divertimos com algumas, que alguns dos meus amigos, nímios estudiosos de meu nome, coligiram e editaram em Basiléia; igualmente para que fossem mais risíveis, ajuntaram às epigramas de Thomas More, o mais feliz nesse gênero.<sup>55</sup>

Não publicadas sozinhas, mas com as de Thomas More, autor melhor dotado nesse gênero, para torná-las mais risíveis, essas epigramas têm como meta divertir, sem preocupação maior que extravasar o humor via literatura. Nesse caso, a sátira pode ser entendida em sua acepção literária, pois, a definição de epigrama é exatamente poesia satírica ou sátira na sua forma poética, um tipo de sátira literária.

Aliás, Erasmo confessa-se mais inclinado para o gênero dos poemas que para a prosa “[...] para cujo estudo, quando menino, eu era mais propenso, de tal modo que a custo me converti para a meditação da prosa.”<sup>56</sup> Isto quer dizer que Erasmo se considera um poeta. E sabemos que a poesia é por excelência uma linguagem figurada.

Propenso à poesia, Erasmo busca desde a adolescência lutar contra os vícios num poema elegíaco, e desde o início o seu estilo é satírico. “Adolescente, ainda não tendo completado

---

<sup>55</sup> ERASMI, p. 04. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] Et tamen interdum inter ambulandum aut etiam in computationibus lusimus aliquot diversis temporibus, quorum nonnulla ab amicis nimium mei nominis studiosis collecta sunt et aedita Basileae; quoque magis riderentur, adiuxerunt Thomas Mori epigrammatis, in hoc genere felicissimi.” \*Epigrama (*epigramma*): Poesia breve, satírica; dito mordaz e picante. \*Thomas More (Londres, 1478 – Londres, 1535): Ele era amigo íntimo de Erasmo, que o elogia como um homem que, já por muitos séculos, o sol nada viu de mais íntegro, de mais puro, de mais amigo, de mais cordato. Erasmo escreveu-lhe várias cartas.

<sup>56</sup> Id., Ibid., p. 03. “[...] ad quod studium puer eram propensior, adeo ut aegre me converterim ad meditationem orationis solutae.”

dezoito anos, comecei a declamar em carmes elegíacos, visto que eu era menos forte neles, contra os vícios, a libido, a avareza e a ambição.”<sup>57</sup>

Erasmus diz que experimentou todo gênero de poemas e faz um levantamento somente daqueles que não foram esquecidos pelo público. Entre eles está um poema em versos sáficos ao Arcanjo São Miguel, do qual se dizia, como afiança Erasmo, que ele temperou tão bem o estilo que parecia estar em prosa e que era tão poético que se podia acreditar estar escrito em grego.<sup>58</sup> É a primazia que Erasmo dá à linguagem poética!

Entretanto, primazia da poesia não significa demérito para a prosa.

Existem aqueles que não consideram um poema, mesmo que freqüentemente tu advogues todos os deuses desde o céu, o mar e a terra, mesmo que sustentas seiscentas fábulas; a mim sempre agradou um carne que não desviasse muito da prosa, porém ótimo. Assim como Filóxeno indicou os suavíssimos peixes que não eram peixes e as jucundíssimas carnes que não eram carnes, pelo contrário que apreciava uma ameníssima navegação perto do litoral e um passeio perto do mar; do mesmo modo veementemente me deleita um poema retórico e um retor poético, e de modo que reconheças um carne na prosa e uma frase retórica no carne.<sup>59</sup>

Se por um lado, temos a constatação de que existem aqueles que são insensíveis à linguagem poética (os falsos retóricos), por outro, temos o recurso à linguagem metafórica através do qual Erasmo ensina que não existe separação entre verso e prosa, pois a poesia se realiza na prosa (um poema retórico) e a retórica na poesia (uma retórica poética). É isso que Erasmo elogia em André Ammonio que em seu relato em prosa se mostra poeta.

É por conjugar a poesia com a oratória, buscando na prosa o poético, que a maior parte das obras de Erasmo é escrita em prosa e com intenções bem definidas. Ele conta que escreveu *Louvor e vitupério ao matrimônio*, em gratidão a um aluno seu de oratória; *Elogio à vida monástica*, em agradecimento a um amigo cujo sobrinho se tornou prosélito atraído pela nassa; *Elogio à arte médica*, a pedido de um amigo médico; *Resposta de um bispo ao povo que o*

---

<sup>57</sup> Id., Ibid., p. 05. “Adolescens nondum annos natus octodecim elegiaco carminae, quoniam in eo minus valebam, declamare coeperam adversus vitia, libidinem, avariciam, ambitionem.” \**Quoniam* (visto que) pode indicar que para Erasmo o motivo alegado seja real e verdadeiro.

<sup>58</sup> Id., Ibid., p. 03.

<sup>59</sup> ERASMI, p. 545. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Sunt qui poema non putent nisi deos omnes et coelo mari terraque subinde advoces, nisi sexcentas infulcias fabulas. Mihi semper placuit carmen quod a prosa, sed optima, non longe recederet. Quemadmodum Philoxenus suavissimos indicavit pisces qui pisces non essent, et iucundissimas carnes quae carnes non essent, rursus amoenissimam existimavit navigationem iuxta littus, ambulationem iuxta mare; ita me vehementer delectat poema rhetoricum et rhetor poeticus, ut et in oratione soluta carmen agnoscas et in carmine rhetoricam phrasin.” \*Seiscentas: O latim utilizava *sexcenti* para indicar quantidade incontável. \*Filóxeno de Citera: (435 - 380 a.C.): Poeta grego que levou uma vida muito aventureira, adquirindo fama de glutão. Ele permaneceu por certo tempo na corte de Dionísio I de Siracusa, que o encerrou nas pedreiras (latomias) por causa de uma crítica excessivamente franca sobre os exercícios poéticos do soberano. A máxima de Filóxeno é citada por Plutarco e pelo Adágio 191 de Erasmo.

*felicita*, em homenagem a um bispo; *Consolação pela morte de um filho prematuramente arrebatado*, quando instruía Alexandre; *Declamação de Luciano respondendo ao tiranicida*, por provocação de Thomas More; e *Querela da paz*, quando visitou a corte por ocasião de uma assembléia dos maiores príncipes da época.<sup>60</sup>

Entendemos que quando a linguagem metafórica e a sátira erasmiana aparecem definidas e delimitadas, tanto como poesia quanto como prosa, elas constituem-se num estilo literário. Mas, a sátira tal qual a concebemos vai além desse contexto literário. Quando falamos em sátira quer como recurso didático quer como metodologia ou quer ainda como pedagogia, também nos referimos às epigramas, mas não a reduzimos a isso, antes a contrapomos e buscamos seu sentido lato. Não se trata de negar o estilo literário e sim de não reduzir a sátira ao estilo. Do mesmo modo, quanto às obras em prosa, Erasmo visa à oratória, mas esta se situa em um objetivo bem específico. Portanto, mais que uma questão de oratória, é preciso perceber as intenções ocultas da linguagem metafórica de Erasmo como condição para se entender sua sátira.

Uma quinta característica é que o discurso metafórico e satírico de Erasmo é perpassado pela filologia. Por exemplo, quanto à etimologia, ele explica a palavra *accensos*, dizendo que ela se origina, segundo Vegécio, dos soldados da escolta dos juízes, dos tribunos e também dos magistrados romanos, que se chamavam *accensi*, isto é, ajuntados antes da seleção estar completa, o que agora, completa ele, chama-se *supranumerarios*, de onde se conclui que *accensos* vem de *accensendo*.<sup>61</sup> Como filólogo, Erasmo busca a pureza da língua.

Outro exemplo relacionado à filologia, agora quanto ao estilo, encontra-se no fato de Erasmo, esperando de Christian Northoff muita elegância e mais ainda eloquência, propor-lhe que siga um gênero literário que mais esteja de acordo com sua natureza e que será seu signo para que sua oração, variando, não se torne dessemelhante. É que o estilo de Christian, constata Erasmo, está longe do estilo dos autores asiáticos e nada tem do estilo ático, de Luciano, e muito

---

<sup>60</sup> ERASMI, p. 18. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Nassa - que significa cesto de pescar, afunilado e feito de vime - é usado aqui satiricamente. \*Alexandre Stuart: Arcebispo da Igreja de Santo André, filho natural do rei Jacques IV da Escócia. Alexandre foi aluno de Erasmo durante sua permanência na Itália de 1508 a 1509. \*Luciano de Samósata: Nasceu por volta de 120 d.C., poeta satírico grego que incorporou a Comédia Nova. Ele foi um dos escritores gregos mais apreciados por Erasmo, que traduziu inúmeras de suas obras, como a *Declamação contra o tiranicida*. Das que não traduziu encontram-se os opúsculos *Elogio da mosca* e *Elogio do Parasita* (nos quais Luciano elogia a mosca ou o parasita de modo bufão) que não são considerados dos melhores.

<sup>61</sup> ERASMI, p. 174. Carta 057, de Erasmo a Evangelista, de 1497. \*Evangelista: Personagem desconhecido, talvez com o nome de João. \**Accensus*: Na antiga Roma, acenso era o oficial adjunto e alto funcionário; na época feudal era arrendamento de propriedade. \*Renato L. Flávio Vegécio: Escritor latino da segunda metade do século IV d.C. Sua importância é grande como fonte de informações acerca do sistema militar romano. \*Supranumerário (*supranumerarius*): Que excede o número fixado ou o que está acima do número estabelecido.

menos de Cícero, que é o preferível, mais se aproximando do estilo de Tímon.<sup>62</sup> No combate aos bárbaros, como ao estilo de Tímon, temos, novamente, Erasmo preocupado com a pureza da língua.

Uma sexta característica é que o discurso metafórico de Erasmo é erudito, portanto, é típico de um homem profundamente conhecedor da linguagem e de seu uso. Sem esse conhecimento, seu discurso metafórico e sua sátira seriam medíocres, com seu talento são poderosos. Basta comparar as palavras de baixo calão que aparecem em outros autores da época e as mesmas palavras ditas com erudição por Erasmo. Assim, exceto um poema lírico, uma oração fúnebre, que prova a Cornélio Gerard a sua capacidade na prosa, e uma sátira, recentemente elaborados, o restante Erasmo diz ter escrito quando era menino e que pertenciam quase inteiramente ao século.<sup>63</sup> É Erasmo desde cedo treinando para a erudição! É o predomínio nele da sátira erudita!

Baseada normalmente em manuscritos, a erudição de Erasmo se sustenta em autores clássicos e cristãos. Nessa direção, numa carta a Cornélio Gerard, ele apresenta um rol de autores clássicos da filosofia, da poesia e da prosa, e de autores cristãos, nos quais sua erudição se assenta. Nem por isso ele deixa se ofuscar pela inveja caso Cornélio prefira outros autores a ponto de chegar a fazer concessões ao amigo a fim de manter a recíproca amizade.<sup>64</sup> Erasmo enumera também, em outra carta a Cornélio, alguns homens de seu século que seguiram os vestígios dos Antigos.<sup>65</sup>

Erasmo erudito está em debate com os homens verdadeiramente doutos de seu tempo. Assim, Cornélio Gerard, na carta 24, diz que aceita São Jerônimo e Santo Agostinho como um modelo de afeição e de estudos, mas discorda sobre Valla, opondo-lhe a crítica feita por Poggio.

---

<sup>62</sup> ERASMI, p. 169. Carta 054, de Erasmo a Christian Northoff, de 1497. \*Asiático (*asiaticus*): Estilo lingüístico de tom sentencioso, nervoso, saltitante, com tendência para o período breve e para a expressão corrente e moderna. \*Ático (*atticus*): Referente ao aticismo, modo de falar da Ática, tornando o modelo de linguagem política e literária desde a expansão da Grécia. Com a decadência do helenismo, no século II a.C., passou-se nostalgicamente a encarar os escritores de Atenas (capital da Ática) dos séculos V e IV a.C. como mestres de sobriedade lingüística, digna de preservação e culto. \*Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.): Autor e orador latino que desenvolveu o classicismo liberal e que introduziu em Roma a filosofia grega. Mas, Erasmo, desde Steyn preferia Sêneca ao largo rio da eloqüência ciceriana, que exige um grande ar, um público e quase um teatro. \*Tímon: Foi um ateniense do século V a.C., que por causa da ingratidão de seus amigos se tornou um misantropo. Luciano (que, como Cícero, tinha grande domínio do estilo ático) apresenta Tímon em seu diálogo com o mesmo nome. Nessa obra o misantropo Tímon usa uma linguagem bárbara e brutal.

<sup>63</sup> ERASMI, p. 118. Carta 028, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*O poema lírico deve ser a *Ode a São Miguel*. \*A *Oração Fúnebre* é a que foi dedicada a Berta de Heyen, mãe de Elizabete (a monja destinatária da carta 02 de Erasmo). \*As sátiras são três sátiras morais em versos elegíacos.

<sup>64</sup> ERASMI, p. 99. Carta 020, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489.

<sup>65</sup> ERASMI, p. 105-107. Carta 023, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489.

Como pode Erasmo confiar a um amigo um homem de má fama e mordaz, perseguido por todo mundo – Valla -, é a divergência de Cornélio.<sup>66</sup> Na carta seguinte, Cornélio elogia Erasmo por ele ter apresentado vários autores célebres na retórica e na poética e comenta a reação do amigo sobre sua afirmação de que Jerônimo Balbo é o melhor autor que segue a trilha dos antigos. Em seguida Cornélio procura mostrar com fatos a sua preferência por Balbo, como aquele que melhor captou o sentido das fábulas e das comparações dos poetas antigos.<sup>67</sup> Esses são exemplos da erudição em debate acadêmico.

No debate com os eruditos, Erasmo manifesta sua crítica à falsa erudição e aos falsos eruditos. Nessa perspectiva, ele pergunta a Blount por que, no momento em que floresce uma literatura mais polida, como o sol que emerge da névoa, se aconselha a ler Francisco Niger para as crianças? Pois seus preceitos são triviais, e não retirados, como convêm, das íntimas fontes dos retores, e ele não oferece uma carta sequer elegante e venusta, e muito menos latina. Igualmente, uma obra célebre, propagada com o nome de Mário Filelfo, parece, para Erasmo, confusa e desordenada e, se ele se exprimir com um pouco mais de liberdade, Filelfo é pouco erudito e pouco ajustado ao que promete.<sup>68</sup> Erasmo erudito é crítico às pretensas erudições.

A crítica de Erasmo toma a forma de sátira aos seus contemporâneos. Ele compara os Antigos, sempre cheios de vigor em seus poemas, e suas artes com os homens e as artes de sua época. Por um lado, ele destaca que quando alguém examina as ourivesarias, as pinturas, as esculturas, os edifícios e as construções de duzentos ou trezentos anos atrás, certamente rirá e zombará da rusticidade dessas obras técnicas, pois em seu século não há arte que os homens não experimentam. Por outro lado, porém, pela pertinácia crescente dos bárbaros, a eloquência desapareceu. Agora, continua ele, todos os iletrados, que jamais estudaram, começam a ensinar o

---

<sup>66</sup> ERASMI, p. 109-111. Carta 024, de Cornélio Gerard a Erasmo, de 1489. \*Lourenço Valla (1407 – 1457): Foi um dos primeiros italianos a ter influência sobre Erasmo. Ele escreveu um opúsculo intitulado *Elegâncias (Elegantiae)*, do qual Erasmo fez um resumo, dispondo as palavras em ordem alfabética como num dicionário. Erasmo editou também as *Notas sobre o Novo Testamento*, de Valla. \*Poggio ou Bracciolini de Florença (1380 - 1454): Grande descobridor de manuscritos antigos. Ele é citado por Erasmo como um dos italianos de seu século que seguia as trilhas dos Antigos. Na carta 182, no entanto, comparando Poggio com Valla, Erasmo eleva o primeiro e detrata o segundo.

<sup>67</sup> ERASMI, p. 111-112. Carta 025, de Cornélio Gerard a Erasmo, de 1489. \*Jerônimo Balbo (1460 - 1535?): Professor de direito, poesia e retórica. Foi secretário dos reis Ladislau e Luis II, da Hungria, realizando várias embaixadas para eles e para o futuro imperador Ferdinando I.

<sup>68</sup> ERASMI, p. 271-273. Carta 117, de Erasmo a William Blount, de 1499. \*Francisco Niger: Nobre de Veneza, morto depois de 1513. Ele ensinou em Pádua, depois viveu na corte de Ferrara Sua *Brevis grammatica* foi impressa em Veneza em 1480, seu *Opusculum scribendi epistolas* em 1488 e frequentemente reeditado em seguida. \*Venusto (*venustus*): Amável, divertido, formoso, gracioso. \*Mário Filelfo (Constantinopla, 1426 - Mântua, 1480): Poeta laureado, filho de Francisco Filelfo. Ele ensinou em várias cidades da Itália. O seu *Novum epistolarium* foi impresso em 1484.

que eles não sabem, a ensinar por grande remuneração, a ensinar para nada saber, a ensinar aos seus discípulos mais estultícias que eles próprios aprenderam. Abandonando os preceitos dos antigos, eles se dirigem para não se sabe quais novos preceitos de imperícia, modos de se exprimir, verbosas imaginações, ridículas regras de disciplina gramatical e inúmeras divagações. E, conclui Erasmo, depois de terem suado para aprenderem a fundo tudo isso, os alunos atingem, nas letras e na eloquência, o fastígio de não saberem fazer um único discurso em latim.<sup>69</sup> A ignorância, no seu mais alto nível, é satirizada por Erasmo, o qual busca a verdadeira erudição.

### 1.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA LINGUAGEM METAFÓRICA ERASMIANA

Um elemento constitutivo da linguagem metafórica, de uso freqüente em Erasmo, é a citação. Sendo assim, também como prova do caráter erudito de sua linguagem, desde a juventude, ele tem por hábito se servir de citações, como esta de Ovídio: “[...] nesse ínterim cito o pé de verso, como se encontra em Naso, o tempo se esvai.”<sup>70</sup> Ou ele faz referência a Virgílio: “Nem se entregou às lágrimas, nem se compadeceu do amante”<sup>71</sup>, para justificar sua queixa por Servatius não lhe escrever. Ou também ele recorre a Terêncio: “Ó meu querido, Oxalá existisse em mim / igual parte de amor por ti e ao mesmo tempo acontecesse / ou que isso mesmo doesse em ti / ou que nada disso eu de fato ponderasse em ti”<sup>72</sup>, para reforçar a justificativa, a partir do qual trabalha o amor e o ódio na relação de uma amizade não correspondida. Ou, ainda, para mostrar o valor que se deve dar à amizade, ele cita um aforismo de Pitágoras: “[...] O amigo é um só ânimo em dois corpos.”<sup>73</sup>

---

<sup>69</sup> ERASMI, p. 107-109. Carta 023, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*Fastígio (*fastígium*): Nível, auge, cume, ponto mais elevado em que algo se encontra, profundidade (de um fosso).

<sup>70</sup> ERASMI, p. 74. Carta 002, de Erasmo a Elizabete, de 1487. “[...] interea cito pede, ut est apud Nasonem, labitur aetas.” \*Públio Ovídio Naso: Poeta elegíaco latino, que nasceu em 43 a.C. Autor entre outras obras de *Os fastos*; *Medéia*; *Metamorfozes*; *Pônticos*; *Tristes*. Atribui-se a ele também *Nux* (*A noqueira*), poema que Erasmo revisou. Erasmo o apreciava muito e o citava com freqüência em suas obras.

<sup>71</sup> ERASMI, p. 79. Carta 007, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Nec lachrimas victus dedit, aut miseratus amantem est.” \*A expressão de Virgílio está em *Eneida*, IV, 370, em que ele fala de Dido.

<sup>72</sup> Id., Ibid., p. 80. “O mi, utinam esset mihi / pars aequa amoris tecum ac pariter fieret / ut hoc aut itidem tibi doleret / aut ego istud abs te factum nihil penderem.” \*Terêncio (Cartago, 192 - 157 a.C.): Considerado o príncipe dos poetas latinos, Erasmo sabia-o de cor desde Steyn e revisou suas Comédias. Os versos de Terêncio são da sua peça cômica *O Eunuco*, 91-94, e são dirigidos à Taís por seu amado Fédria, mas Erasmo os faz preceder por um carinhoso vocativo (Ó) tirado da resposta de Taís.

<sup>73</sup> ERASMI, p. 89. Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “[...] Amicus est unus animus in duobus corporibus.” \*Pitágoras de Samos: Filósofo pré-socrático e matemático grego do século VI a.C

Outro elemento característico do discurso metafórico de Erasmo é o recurso à mitologia greco-romana, usada para as mais diferentes finalidades, mas com uma intenção pedagógica bem definida.

Nessa direção, Erasmo impreca que as Graças, as vênegas, os encantos, enfim, as musas e todas as letras fiquem iradas com ele, assim como estão com Carmiliano, se lhe aconteceu esse ano algo mais agradável que as cartas de Ammonio. “Julga ser este juramento mais santo que se Júpiter te jurasse do Estige pelos rios do seu irmão.”<sup>74</sup> Erasmo está usando a mitologia, como linguagem figurada, com o fito de mostrar sua amizade para com Ammonio, ao mesmo tempo em que aproveita para alfinetar, para satirizar Carmiliano.

A mitologia é empregada também por Erasmo tanto para censurar como para exortar. Quando Christian chama seu irmão Henrique de volta de Paris para Lübeck, porque isso, além de tirá-lo da sua companhia, significa abandonar as letras para se dedicar aos negócios, Erasmo declara que crê que Christian esteja com inveja do irmão e que essa atitude mostra que ele está cultivando Mercúrio e Jano e não Apolo e as nove musas irmãs.<sup>75</sup> De fato, o culto de Christian a Mercúrio seria tríplice, pois ele é eloquente pela tentativa de convencer o irmão a voltar para sua terra; ele é ladrão por querer roubar Henrique de Erasmo; e ele é comerciante. Jano representa a mesma imagem da preferência pelas atividades dos negócios ao culto de Apolo, o mais belo dos deuses, e das Musas, nove deusas que presidiam às artes liberais, ou seja, ao amor pelas letras. É a linguagem metafórica, sendo usada por Erasmo, de forma muito erudita, com recurso à mitologia, para satirizar o comportamento de Christian e ensiná-lo.

A mitologia é usada por Erasmo também como reforço a uma crítica, como a condenação à guerra. Assim, ele lembra a Antônio de Bergen quantos crimes são cometidos sob pretexto da

---

<sup>74</sup> ERASMI, p. 541. Carta 282, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Hoc iusiurandum sanctius esse puta quam si tibi iuret Iuppiter Stygii per flumina fratris.” \*Graças (*Gratiae*): É na mitologia grega a designação de três deusas (Agláia, Eufrosine e Talia), filhas de Zeus, que personificavam o dom de agradecer. \*Vênus (*Venus*): Deusa da formosura e do amor. Daí, vênega e vênega (*veneris*) ou venéreo (*venereus*) quer dizer referente à Vênus. \*Carmiliano de Bréscia: Morto em 1527. Ele foi para a Inglaterra sob Eduardo IV e obteve cargos e prebendas sob os reis seguintes, aos quais soube lisonjear. \*Júpiter ou Jove: O Zeus grego, o deus dos deuses. \*Estige: Rio que atravessava as regiões do além túmulo, isto é, rio do Inferno (inferno) na mitologia grega; é o rio do domínio de Plutão (deus do mundo subterrâneo e irmão de Zeus).

<sup>75</sup> ERASMI, p. 196. Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de 1498. \*Mercúrio: Na mitologia romana, correspondente ao Hermes grego, era o mensageiro dos deuses, deus do comércio, da eloquência e dos ladrões. \*Jano: Era um deus romano bifronte, que via ao mesmo tempo para diante e para trás. A ele era consagrado o início de todas as coisas, dedicado o primeiro mês do ano (*Januarius*) e um culto especial ao início de uma guerra; as portas do seu templo ficavam abertas até o fim da guerra. \*Apolo: Também chamado Sol, Hélios ou Febo, era o mais belo e o mais amável dos deuses, o deus da poesia, da música, da eloquência, das artes (das letras) e da medicina. Ele presidia o concerto das musas.

guerra, enquanto entre os exércitos silenciam-se as boas leis; quantas rapinas, quantos sacrilégios, quantos raptos, quantas outras desonras que dá até vergonha de nomeá-las. Então, ele apela à linguagem mitológica das Fúrias para reforçar a fúria das guerras: “Ela traz consigo um tão grande esquadrão de males que não é sem motivo que os poetas fingiram a guerra imitada do inferno pelas Fúrias; e já nem recordarei o saque do povo, o conluio dos chefes, as mudanças das coisas, que nunca costumam inovar sem sumo incômodo.”<sup>76</sup>

Erasmus, em sua linguagem metafórica, utiliza também o recurso dos exemplos. Além daqueles extraídos da mitologia, ele apela para exemplos da natureza, como euripo e molímen, e da história, como o Império Romano, para mostrar quão erradas são as agitações humanas e falsa a busca de impérios:

Por último, quando vemos as coisas humanas, à maneira do euripo, serem mudadas e mescladas para cima e para baixo, para que fim diz respeito tanto molímen das coisas para preparar um império que logo, qualquer que seja a ocasião, deve ser devolvido a outros? Com quanto sangue se preparou o império romano, e quão logo começou a massacrar!<sup>77</sup>

Erasmus recolhe também exemplos extraídos da experiência da vida. Desse modo, reclamando da perfídia de Christian Northoff, que tirou Roberto Fisher de sua companhia, e garantindo que o que lhe disse, porque lhe levou embora seu irmão Henrique, não passou de brincadeira, Erasmus o parabeniza por essa sua decisão, satirizando: “Pois, é mais prudente abandonar um fardo maior que sucumbir sob um peso insuportável; eu gratulo a virtude dele conforme as minhas.”<sup>78</sup> Na relação física entre o peso e a força temos a compreensão de Erasmus das limitações humanas.

---

<sup>76</sup> ERASMI, p. 553. Carta 288, de Erasmus a Antônio de Bergen de 1514. “Tantum malorum agmen secum trahit ut non sine causa poetae finxerint bellum ab inferis per Furias immiti; ne iam commemorem expilationem populi, ducum collusionem, rerum commutationes, quae nunquam sine summo incommodo novari solent.” \*Antônio de Bergen (1455 - 1532): Abade de Saint-Bertin, irmão do bispo de Cambrai, Henrique de Bergen (morto em 1502), e tio do também chamado Antônio de Bergen (terceiro filho legítimo de João de Bergen). Erasmus escreveu-lhe várias cartas. \*Fúrias (*Furiae*): Deusas infernais romanas da vingança, chamadas pelos gregos de Erinies ou Eumênides. \*Sobre outros tipos de emprego da mitologia por Erasmus ver, por exemplo, as cartas 13 (a ação trágica de Sísifo em contraposição a sua), 15 (a relação entre mitologia e cristianismo) e 143 (um caso de impiedade).

<sup>77</sup> Id., Ibid., p. 553. “Postremo, cum videamus res humanas in morem Euripi sursum et deorsum mutari misericordie, quorsum attinet tanta rerum molimine parere imperium mox qualibet occasione ad alios devolvendum? Quanto sanguine paratum est Rhomanum imperium, et quam mox coepit concidere!” \*Euripo (*euripus*): parte de um estreito, na qual abundam os escolhos e o mar é agitado. \*Molímen ou molime (*molimen*): Em mecânica é a força impulsiva de um corpo em movimento, é tudo aquilo que impulsiona; e em fisiologia é o conjunto de esforços que se desenvolvem para a realização de uma função.

<sup>78</sup> ERASMI, p. 199. Carta 072, de Erasmus a Christian Northoff, de 1498. “Consultius enim est sarcinam maiorem abiicere quam sub onere iniquo concidere; illius virtuti perinde ut meae gratulor.” \*Roberto Fisher: Um dos alunos de Erasmus em Paris. Ele tornou-se depois religioso e doutorou-se em direito. Erasmus escreveu-lhe várias cartas. Roberto é parente de João Fisher.

Um elemento importante do discurso metafórico – e satírico - de Erasmo é a comparação. Esse recurso vem normalmente em resposta a um problema ou a uma situação determinados, resultado de sua preocupação educativa em fazer com que as coisas mudem, que as pessoas se sintam melhor. Nesse sentido, ele estabelece a comparação entre o comportamento de Servatius e Menedeme, de Terêncio, o herói carrasco de si mesmo, pois o amigo deixara abater-se sem revelar-lhe o motivo, porquanto poderia lhe ajudar.<sup>79</sup>

Nessa mesma linha caminha outra comparação de Erasmo, entre a atitude do amigo e o Caracol: “E, além do mais, meu caro Servatius, porque é que te contrais e te escondes semelhante a um caracol?”<sup>80</sup> Aqui, a vontade de Erasmo é que o amigo modifique seu modo de agir.

Da quarta carta a Servatius, na qual Erasmo levanta as mesmas lamentações de cartas anteriores pela não correspondência da amizade que lhe dedica, destacamos outra comparação: “[...] mas tu, mais duro do que a rocha mais duríssima [...]”<sup>81</sup>, onde ele relaciona a dureza de um rochedo com a dureza de um amigo, este suplantando aquele na dureza, pois o amigo ingrato resiste a qualquer súplica. A dureza consiste em teimosia, portanto, em determinação da vontade humana. A comparação tem por alvo identificar o fato, mas com o intuito de modificá-lo. Por ser mais fácil de transformar a natureza física que a natureza humana, Erasmo sabe que a tarefa educacional é árdua.

A comparação toma também a forma da sátira, como quando Erasmo compara a vida religiosa com a vida fora do convento, tanto para mostrar as fraquezas da vida conventual quanto para convencer Servatius de que a melhor coisa para ele é permanecer fora do convento:

Porém, todas as vezes que eu pensava em retornar ao vosso convívio, vinha-me à mente a inveja de muitos; o desprezo de todos; as conversas tão frias quão impróprias; quanta não sabedoria sobre Cristo; os banquetes tão laicos; enfim, todo um modo de vida, ao qual, se tu tirares as cerimônias, não vejo o que deixas para ser esperado.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> ERASMI, p. 78. Carta 005, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. \*Comparação (*comparatio*): Consiste na aproximação de dois termos que se assemelham no todo ou em parte. Até certo ponto é base da metáfora e sinônimo de símile. Quando o cotejo se realiza entre dois elementos da mesma natureza temos a comparação. Quando a analogia (ponto de semelhança entre coisas diferentes) se efetua entre seres ou objetos distintos, temos o símile. \*Menedeme: O herói carrasco de si mesmo, é um personagem da peça cômica de Terêncio, *Heautontimorumeno* (*Aquele que castiga a si próprio*).

<sup>80</sup> Id., *Ibid.*, p. 78. “Et quod reliquum est, mi Servati, quid est cur tu tantopere cochleae in morem te contrahas atque abscondas?”

<sup>81</sup> ERASMI, p. 79. Carta 007, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “[...] at tu saxis durior durissimus [...]”

<sup>82</sup> ERASMI, p. 567. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Quoties autem cogitabam de repetendo contubernio vestro, succurret invidia multorum, contemptus omnium, colloquia quam frigida, quam inepta, quam non sapientia Christum, convivia quam laica; denique tota vitae ratio, cui si detraxeris caeremonias, non video quid relinquo expetendum.”

À comparação alia-se a hipérbole. Por exemplo, Erasmo estabelece a comparação hiperbólica entre sua alegria e a de Alexandre ou a de Creso: “Mais rico e ainda também mais feliz, pois eu recebi tua carta, que Alexandre Magno pelo número de seus triunfos ou Creso por suas riquezas.”<sup>83</sup> O recurso à hipérbole não é apenas para mostrar sua erudição, mas para servir como argumento de convencimento de seu sentimento para com o amigo Servatius. Tal hipérbole não deixa de ser satírica, pois é resultado de um conjunto de sistemáticas lamentações de Erasmo, em cartas anteriores, para que o amigo lhe escreva.

O uso que Erasmo faz da hipérbole aparece em outra ocasião na boca de James Batt. Ao comentar com William Blount sobre a trágica viagem de Erasmo a Dover, ele assevera que tentou suavizar a tristeza do amigo, mas que este, rindo, repreendeu suas lágrimas, por achar que não perdeu seu dinheiro sem máximo proveito, porquanto encontrou na Inglaterra amigos, como seu mais amado que os olhos William Blount, aos quais antepunha à riqueza de Creso.<sup>84</sup>

Também Ammonio usa hipérbolos, como quando escreve que enquanto se encontrava no castro, recebeu três cartas de Erasmo, pelas quais nem mesmo a fuga dos franceses foi mais agradável para ele.<sup>85</sup> Ammonio emprega a hipérbole para mostrar seu apreço por Erasmo, sinal de que a linguagem hiperbólica é comum aos eruditos da época.

É hábito de Erasmo usar um tipo específico de comparação, a analogia, como a estabelecida entre a fortuna e os amigos: “[...] mas, logo que a fortuna afasta seu vulto sereno e te olha averso (pois, ela é bifronte), subitamente, dos teus amigos, os quais tu granjeavas quando as coisas te corriam bem, não vereis restar ninguém.”<sup>86</sup> A primeira analogia é quando a fortuna se apresenta com rosto sorridente ou com olhar feroz. No primeiro caso, quando as coisas vão bem a

---

<sup>83</sup> ERASMI, p. 83. Carta 009, de Erasmo a Servatius Rogerus, 1487. “Locupletiores itaque atque etiam beatiorem tuis me reddidisti literis quam Alexandrum Magnum triumphorum numerus aut suae Croesum divitiae.” \*Alexandre Magno ou Alexandre, o Grande: Rei dos macedônios, morto em 323 a.C., que dominou quase toda a Grécia. \*Creso ou Cresos: Foi rei da Lídia, cidade da Ásia Menor, poderosa em função da sua riqueza.

<sup>84</sup> ERASMI, p. 282-283. Carta 120, de James Batt a William Blount, de 1500. \*Dover: Cidade costeira da Inglaterra, onde Erasmo teve seu dinheiro apreendido pelo chefe da alfândega. Ele conta o episódio na carta 279, de 1513 (p. 538) e reconta-o em 1523 na carta a Botzheim (p. 16) com pequenas variações no final.

<sup>85</sup> ERASMI, p. 538-539. Carta 280, de André Ammonio a Erasmo, de 1513. \*Castro (*castrum*): Castelo, castelo fortificado de origem pré-romana ou romana; fortaleza; praça fortificada.

<sup>86</sup> ERASMI, p. 74. Carta 002, de Erasmo a Elizabete, de 1487. “[...] at ubi primum fortuna averso sereno (bifrons enim est) truci te vultu aspexerit, protinus amicorum tuorum, quos rerum tibi conciliavit faelicitas, videbis superesse nenimin.” \*O termo latino *Fortuna* tem vários significados, inclusive antagônicos: a) acaso, casualidade, eventualidade; ou b) destino, fado, sorte; ou c) bom êxito, êxito, sucesso; ou d) boa sorte, felicidade, sorte, ventura; ou o seu oposto e) adversidade, revés da sorte; ou ainda f) haveres, riqueza (neste caso o latim usa o plural *fortunae*). Na verdade o termo é derivado da Fortuna, deusa romana que presidia ao bem e ao mal. Ela era normalmente apresentada com a Ocasão, deusa que presidia ao momento mais favorável, (daí o sentido de acaso) a fim de os mortais serem bem sucedidos em qualquer empresa.

fortuna sorri e os amigos abundam, no segundo caso, quando se está na pior a fortuna tem cara feroz e os amigos desaparecem, nada valendo a riqueza anterior. Há uma íntima relação entre fortuna e as circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, da vida. Mas, nessa analogia da fortuna com as circunstâncias, com sua cara sorridente ou com seu rosto hostil, inclui-se outra analogia, a de que a fortuna tem duas caras. Isso não é apenas um jogo de palavras não é apenas uma questão de estilo, não é apenas casual, mas pode-se ver aí uma tentativa de Erasmo de fazer o leitor refletir sobre o sentido daquilo que se vive e se diz. Portanto, através do recurso da analogia, há o intuito de ensinar algo sobre a fortuna (em sua relação com a amizade), qual seja, que é importante saber que ela sorri, que ela é feroz, portanto, que é bifronte. Mas, principalmente, ele quer ensinar algo sobre a vida, primeiramente, a constatação de que os homens se deixam levar de acordo com as circunstâncias, inclusive os amigos se deixam guiar pela fortuna etc.; depois, que ninguém deve deixar-se guiar pelas circunstâncias, nem pelos amigos.

Similar analogia, agora entre o rosto e a alma, é estabelecida por Erasmo em uma carta a Francisco Theodoric. Nesse sentido, ele presta uma atenção muito diligente ao semblante abatido do amigo, pois: “Com efeito, na sua maior parte, a interna dor da alma costuma irromper no vulto e o estado de espírito reluzir no semblante não de outro modo como um espelho.”<sup>87</sup> O rosto, como um espelho, reflete o que vai à alma e Erasmo procura estar com o olhar atento a tentar ler no visível - o rosto -, os sentimentos, neste caso de dor, que as pessoas carregam - a alma. Não é apenas para ler, mas, como ele acrescenta na carta, para ajudar se ele puder fazer alguma coisa ou para aconselhar se ele nada puder fazer. Esse captar o invisível revelado no visível dá ao discurso metafórico de Erasmo, e principalmente à sua sátira, a força avassaladora, capaz de mudar atitudes se puder ou pelo menos tentar mudar se deixarem que ela o faça.

Em uma carta cujo teor continua o mesmo das anteriores, ou seja, lamentações pela persistente indiferença de Servatius a ponto de lhe ser pesado até o negócio das musas, Erasmo estabelece a analogia entre a atitude indiferente do amigo e o comportamento dos animais: “Ó corações cruéis, ó homem insano! Até as atrocíssimas feras sentem o afeto do amor; e elas

---

<sup>87</sup> ERASMI, p. 88. Carta 014, de Erasmo a Francisco Theodoric, de 1488. “Solet enim plerumque internus animi dolor in vultum erumpere, mentisque habitus in fronte non aliter quam in speculo relucere” \*Francisco Theodoric (*Teodoricus*): Natural de Gouda, foi monge em Sião e depois prior em Hemsdonck. Em 1506, Erasmo, com vista a uma publicação solicitou que ele reunisse as cartas escritas na época de convento. Morreu em 11 de setembro de 1513. Erasmo escreveu-lhe várias cartas.

devolvem amor, imêmore da ferocidade ingênita.”<sup>88</sup> Erasmo continua dizendo que os dragões, os leões, os cães amam e são amados. Se assim acontece com os seres irracionais, muito mais deveria ser com o homem, dotado de razão. Se eles podem, porque também Servatius não pode amar?<sup>89</sup> Normalmente procurando mudar alguma coisa, se Erasmo constata a realidade sua meta não é a de se conformar a ela, mas a de transformá-la. Ele pretende que prevaleçam os argumentos do amor.

Ao recusar a idéia de se viver sozinho, Erasmo, num conjunto de analogias, revela sua sátira à vida sem amigos: “Pois, por acaso, eu estabeleço viver despojado de amigos e sem o amigo? Mas, na verdade, sem amigo a vida não é vida, pelo contrário, considero morte; ou melhor, se ela for chamada de vida, primeiramente ela é miserável e depois não é vida de homem, mas de animais.”<sup>90</sup> A primeira analogia é entre amigo e vida, uma vez que vida sem amigo não é vida, mas morte, ou seja, é a amizade que dá sentido à vida. Depois entre amigo, vida e morte, pois o que se chama de vida na realidade nada tem de vida humana, é apenas vida vegetativa. Mesmo assim, continua a se chamar a não vida de vida e de fato ela é vida, independente da vontade, quando então assume a condição de vida miserável. É esta a vida comum dos homens. Esta vida vegetativa na qual vive a maioria dos mortais, essa vida miserável, sem amigos, não é própria do gênero humano, mas de animais. De qualquer forma que se interprete a frase no seu conjunto de sentidos, é evidente que Erasmo está sendo satírico com o amigo, não para usar a sátira pela sátira, mas para modificar o seu comportamento. Está claro que a sátira tem um fim pedagógico. Se aqui ela ainda se restringe ao âmbito das relações interpessoais, gradativamente, como vimos, ela se estenderá ao todo social.

A analogia entre a peste e a natureza humana é um bom exemplo do fim pedagógico da linguagem figurada erasmiana, aplicada a um campo mais amplo que o das relações interpessoais.

Nada há, meu querido Gonell, para te aterres muito com a morte de um ou de outro, exceto se o mal começasse a vagar daqui a ali, principalmente quando agora na Inglaterra mudar de lugar não é outra coisa que mudar de perigo, e não fugir dele. Foge o quanto podes da confusão da multidão; vive moderadamente, como fazes; coíbe do

---

<sup>88</sup> ERASMI, p. 81. Carta 008, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Heu crudeles animos, heus hominem insanum! Sentiunt vel atrocissimae beluae amoris affectum; adamantes redamant ingenitae feritatis immemores.”

<sup>89</sup> Id., Ibid., p. 81.

<sup>90</sup> ERASMI, p. 86. Carta 013, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “Ergone deserto sodali viduus et sine amico instituo vivere? At equidem sine amico vitam non vitam, imo mortem puto; aut certe, si vita appellanda est, primum misera est, deinde non hominis sed ferarum vita.”

mesmo modo os teus ao comércio da turba. O inverno já insta, o qual costuma remediar esses tipos de males.<sup>91</sup>

A linguagem direta diz: não te assuste demasiadamente com a peste; não adianta mudar de lugar; é preciso escapar dela; acautela-te contra ela evitando o contato seu e dos seus com a multidão contaminada; a própria natureza se encarrega de remediar essa calamidade. Mas, o texto vale pela linguagem indireta: foge da confusão da multidão, vive moderadamente. Não se trata mais da peste física, mas dos vícios. É a analogia entre o que ocorre na natureza física e o que deve se passar com a natureza humana. A sátira erasmiana é o inverno que costuma sanar todos os vícios, desde que as pessoas a aceitem, precavendo-se contra os vícios.

Um exemplo do uso comum de analogias pode ser o de Ammonio, que diz a Erasmo:

Ó forte companheiro de armas de Baco que no grande perigo não quis abandonar seu comandante! Por causa disso, eu te envio um pequeno presente de teu imperador, além de um vinho cretense, mas por Júpiter, como foi produzido naquela ilha, ele mijou de seu pequeno pênis, isto é, eu não sei o que de proveito de leite e de néctar; que se o receberes rapidamente, te permitirá bebê-lo de modo muito mais largo.<sup>92</sup>

Ammonio estabelece analogias entre vinho e peste, ao supor que Erasmo sofre pela penúria de vinho, uma carência pior que a peste; entre companheirismo, exército e Baco, ao chamar Erasmo de forte companheiro das armas, não da guerra, mas de Baco; entre coragem e comando de guerra, ao testemunhar que diante do perigo Erasmo não abandona seu comandante; entre o desejo, o imperador e o vinho, ao remeter como presente um vinho, que lhe parece que Erasmo gosta como se fosse seu imperador; entre um pênis e a torneira do barril de vinho, ao dizer que o vinho mijou de seu pequeno pênis.

Outro elemento constitutivo do discurso metafórico erasmiano é a alegoria. Por exemplo, Erasmo escreve a Nicolas uma carta repleta de alegorias. Ei-las! Os antigos denominavam alegoricamente de cisnes aos poetas e aos homens eloqüentes, e Erasmo acha que isso não é ao

---

<sup>91</sup> ERASMI, p. 537. Carta 279, de Erasmo a William Gonell, de 1513. “Nihil est, mi Gonelle, quod te unius aut alterius interitus magnopere territet, nisi passim malum vagari coperit, praesertim cum nunc in Anglia mutare locum nihil aliud sit quam mutare periculum, non effugere. Fuge turbae colluviem quantum potes; moderate vive, sicuti facis; tuos item a turbae commercio cohibe. Iam instat hyems, quae solet huiusmodi mederi malis.” \*Vários outros exemplos de analogia podem ser encontrados nas cartas de Erasmo, tais como: entre a dificuldade de obter carta do irmão e tirar leite de uma pedra (carta 103, p. 75); entre o canto das aves e a liberdade de escolha do gênero de vida (carta 296, p. 565); entre as obras e a paternidade (carta a Botzheim, p. 02).

<sup>92</sup> ERASMI, p. 539. Carta 280, de André Ammonio a Erasmo, de 1513. “O fortem Bassarei commilitonem qui in summo periculo duces deserere nolueris! Quam ob rem mitto ad te imperatoris tui munusculum, vini Cretensis sinum, sed quod Iupiter cum in ea insula educaretur suo peniculo eminxit, hoc est nescio quid ex lacte et nectare profectum; quod si mature huc te receperis, licebit tibi aliquanto largius haurire.” \*Baco: Deus romano (correspondente ao Dionísio ou Dionisos grego) do vinho, do tumulto e da orgia. Era também chamado de Lieu, isto é, aquele que manda embora as preocupações. Ele, o deus da alegria que dá o vinho, o deus da seiva que dá cor e vida aos vegetais, era filho de Júpiter e da ninfa Sêmele. Do seu duplo nascimento proveio o epíteto que lhe deram: Ditirambos, duas vezes nascido.

acaso. Com efeito, como aqueles são candidíssimos pelas plumagens, estes o são pelo coração; ambos são consagrados a Apolo, ambos se alegram sem medo pelos límpidos rios e pelos prados irrigados; ambos são canoros. Mas agora, continua Erasmo, sobretudo sob o céu de nosso país, ambos emudeceram, e nem mesmo a vizinha morte os torna vocais. Ele presume que o motivo, como se encontra nos autores de física, é porque o cisne não canta salvo se houver o espirante Favônio. E, referindo-se a um caso de profanação da Eucaristia ocorrida não longe de Orleans, ele ironiza que os de seu tempo se admiram que todos os cisnes permaneçam mudos quando sopram tantos Bóreas, tantos Austros e nenhum Zéfiro. Quanto a Erasmo, ele diz que seguramente o Aquilão britânico juntamente com o seu dinheiro roubou de tal modo a sua voz, justamente assim como um lobo não poderia parecer superior; mas que os Zéfiros nunca sopram, exceto quando começada a primavera. Por isso, humaníssimo prepósito, prossegue Erasmo, se tu fores primavera junto à Senhora de Veere, minha patrona, e se ela aspirar o Favônio sobre mim, eu, por outro lado, serei para ambos um cisne tão canoro que o mesmo será ouvido até pela posteridade. Eu, conclui ele, não tenho necessidade de explicar o enigma, porque estou escrevendo a um Édipo, não a um Davo.<sup>93</sup> Vejamos: *olor* em latim quer dizer cisne e também, olor, que é um termo poético que significa, odor, cheiro agradável. *Spirare* quer dizer soprar, mas também respirar, isto é, exalar cheiro agradável, ao mesmo tempo em que aspirar, sentir esse odor. O *olor*, isto é, o cisne, sente o olor do vento, pois é o vento que espira, e que aromatiza o ar. Favônio, que quer dizer propício, favorável, próspero, é o vento brando que sopra do oeste, ele espira o olor que o cisne aspira; e então e só então o cisne canta; e então e só então o *olor* aspira o olor que o Favônio, o favorável, espira. O que de mais poético! Mas na época de Erasmo - exemplificado num caso trágico de impiedade perto de Orleans -, existem apenas Bóreas, ventos

---

<sup>93</sup> ERASMI, p. 341-342. Carta 144, de Erasmo a Nicolas de Borgonha, de 1501. \*Nicolas de Borgonha: Tio de Adolfo de Veere. Ele foi preposto de São Pedro de Utrecht. Nicolas morreu em 1532. \*Favônio (*Favonius*): É o vento brando do oeste, divinizado pelos antigos, assim como também o são os demais ventos. \*Orleans: Cidade francesa, não muito longe de Paris. Trata-se de um caso de profanação da Santa Eucaristia, ocorrido numa sessão de bruxaria, não muito longe dessa cidade, relatado por Erasmo na carta 143 (p. 336-339). \*Bóreas (*Boreas*): É vento do Norte, extremamente frio. \*Austro (*Auster*): Vento do sul, ou do Meio-Dia, extremamente quente. \*Zéfiro (*Zephyrus*): Como o Favônio, é também vento do Ocidente e um dos quatro principais. Esse deus sopra com tanta suavidade e ao mesmo tempo com tanto poder, que dá vida às árvores e aos frutos. \*Aquilão (*Aquila*): Deus e vento do norte. Seu nome provém de *aquila* (águia) por causa da rapidez com que soprava, ou de *aquilus* (escuro), porque o céu se encobria quando o Aquilão soprava. O Aquilão Britânico, portanto, refere-se ao chefe da alfândega de Dover, que confiscou o dinheiro de Erasmo. \*Ana de Veere ou de Borssele (1469? - 1518): Mãe de Adolfo, senhora de Veere e de Borssele, que foi para Erasmo uma protetora inigualável. \*Édipo: Personagem trágico da obra homônima de Sófocles (c. 496 - 406 a.C.), que decifrou o enigma da Esfinge (monstro fabuloso, leão alado com cabeça e busto humanos, que propunha enigmas e que matava quem não pudesse decifrá-los). \*Davo (*Davus*): Em *Ándria*, 194, (peça cômica de Terêncio), é o escravo que se declara incapaz de decifrar meia palavra.

gelados, e Austros, ventos muito quentes e nada de Favônios, de ventos brandos, e menos ainda de Zéfiro, o deus tão favorável quanto poderoso, que fertiliza a vida. O olor, isto é, a situação favorável, os deuses propícios, a serenidade desapareceram. Por isso, os cisnes (cisne que agora não é mais *olor*, mas *cygnus*) já não cantam mais, pois não existem ventos favoráveis e nem há olor espirado ou a ser aspirado. Os cisnes não cantam mais e nem os poetas e os homens eloqüentes. E Erasmo não canta, tanto porque o vento Zéfiro só sopra quando da chegada da primavera, das coisas agradáveis, do olor, da suavidade, das circunstâncias favoráveis, quanto porque, ao lhe roubarem o dinheiro em Dover, tiraram-lhe também a voz. É por isso que ele pede ao prelado para que seja primavera, isto é, intervenha junto a Ana de Veere a fim de que sua protetora lhe envie ajuda financeira. Se isso suceder, podemos acrescentar que os cisnes cantarão novamente, pois será primavera. Em todo caso, cantará Erasmo em agradecimento e com tal vigor que será ouvido até pela posteridade. Este – a alegoria entre o cisne e o poeta – é um exemplo típico do uso da linguagem figurada que sobeja em Erasmo, para ensinar a Nicolas para que favoreça o cultivo as letras.

Um dos recursos muito utilizado por Erasmo é a Fábula. Ao repreender Servatius Rogerus que, apesar de sentir-se atraído pelas letras, permanece indolente aguardando a ação dos deuses sem nada fazer, ele pergunta se o amigo não leu a fábula de Esopo, onde um camponês condena sua incúria? Ele explica que se trata da história do carreiro que, vendo a quadriga tentar liberar em vão as rodas do carro atoladas na lama, permanecia ocioso invocando o auxílio dos deuses, ao que Apolo, das nuvens, devolveu o oráculo de que se desejava ter auxílio dos deuses era necessário também mover à destra, isto é, tentar tirar o carro do atoleiro. Do mesmo modo, ensina Erasmo, Servatius deve pôr mãos à obra e não adianta aguardar auxílio dos deuses ou dos homens se ele próprio falta com seu dever, pois os deuses vendem tudo aos mortais pelo preço do trabalho. Depois, apoiando-se em Ovídio, ele auspícia que os deuses dêem coragem a Servatius, porque o restante ele empreende, e que ele abandone, assim, seu estado de inércia.<sup>94</sup>

Para censurar a atitude de indiferença de Servatius, Erasmo cita a fábula do dragão utilizando-se de relato de autores, onde um jovem tinha educado um dragão que adorava, mas que precisou levá-lo para a floresta porque ele cresceu e também devido a sua ferocidade natural.

---

<sup>94</sup> ERASMI, p. 88-89. Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. \*Fábula (*fabula*): Narração breve, de caráter alegórico, destinada a ilustrar um preceito. \*A fábula do fabulista grego Esopo é *O carreiro e Hércules*. \*Quadriga (*quadrigae*): É o conjunto de quatro cavalos que puxam um carro, que era muito usado nas corridas, nos jogos romanos. \*O auspício de Erasmo é tirado de Ovídio, *Pônticos* II, 1, 54.

Muito tempo depois passando por um lugar deserto o jovem foi atacado por assaltantes e, vendo iminente o perigo da morte, pôs-se a gritar. O dragão, ouvindo seus gritos, reconheceu-o e libertou-o dos assaltantes.<sup>95</sup> O que consegue tocar os animais não consegue comover um homem de coração duro. É o emprego da fábula para expressar os sentimentos, não só para reclamar por serem assim, mas, como é próprio de uma fábula, para ensinar algo que deva ser mudado em um sentimento ou em uma atitude!

Erasmus utiliza também fábulas bíblicas. Durante uma refeição, porque a disputa se prolongava além do que era conveniente, para evitar que a polêmica avançasse mais que o necessário, para dirimir o debate e para tornar a refeição mais alegre e fecunda, assumindo seu papel de retórico e de poeta, Erasmo conta uma fábula antiga sobre Caim e Abel. Mas, alerta ele, que não se a tenham por uma fábula, mas como uma narração verdadeira ou simílima, nascida entre os copos de vinho, mas não por causa dele.<sup>96</sup>

Às eruditas comparações, analogias, hipérboles, alegorias, fábulas, etc., com ou sem citações, recursos típicos da linguagem figurada, Erasmo utiliza ainda o jogo de palavras. Assim, ele se serve de Ovídio para afirmar sua versão acerca da amizade: “Por não poucos amigos eu era antigamente cercado, / Quando um vento que soprava nas velas me favorecia: / Como as ondas do mar se agitavam, como uma fera, pelo vento nimbo, / Com a popa lacerada eu sou abandonado no meio das águas”.<sup>97</sup> A idéia é a mesma da analogia entre a fortuna e os amigos, o que muda é o exemplo e a fonte. Aliás, normalmente as palavras e as idéias Erasmo as busca na cultura clássica, neste caso na latina, como forma de fundamentar seu pensamento. Chamamos a atenção para o jogo de palavras (*aqua; aequor; nimbus; ventus; fera*). *Aqua* é água, mar, lago ou chuva, aqui com a significação de mar, águas do mar, ondas do mar. *Aequor* é superfície plana, é mar. *Nimbus* é nuvem que se precipita em aguaceiro. *Ventus* é ao mesmo tempo vento e tempestade. *Fera* é animal bravo. O mar de sereno se faz agitado, as águas do mar de calmas se tornam ondas violentas, a superfície plana de plana se torna ondulada (pelo agito das águas). O nimbo se precipita pela ação do vento e se transforma de aguaceiro em tempestade. Quando do vento furioso, das águas agitadas, da tempestade, do barco quebrado, fica-se sozinho nas tribulações. E a natureza é comparada em sua ferocidade às feras, aos animais bravos (que

---

<sup>95</sup> ERASMI, p. 81. Carta 008, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487.

<sup>96</sup> ERASMI, p. 268-271. Carta 116, de Erasmo a João Sixtin, de 1499.

<sup>97</sup> ERASMI, p. 75. Carta 002, Carta de Erasmo a Elizabete, de 1487. “En ego non paucis quondam munitus amicis, / Dum flaret velis aura secunda meis; / Ut fera nimbo tumuerunt aequora vento, / In mediis lacera puppe relinquitur aquis.” \*O verso é de Ovídio, *Pônticos* 2.,3, 25-8.

podem também ser mansos). Erasmo une os elementos da natureza e da fauna, que também é natureza, para os relacionar à vida humana. Assim são as amizades. Aqui, o discurso metafórico é empregado para constatar uma situação que assim não deveria ser, mas é. Ao mesmo tempo esse discurso busca uma nova posição frente à amizade, qual seja, ser amigo de fato, não só nas horas boas, mas principalmente nas tribulações. Se Erasmo dissesse isso diretamente sem o jogo de palavras da analogia, com certeza não teria a mesma beleza, e poderia não ter a mesma eficácia. Ele é aqui, além de erudito, além mesmo de analogista, especificamente satírico, pois denuncia uma situação errada, e o faz com pedagogia, esperando com isso, mais do que conseguiria com uma ordem, obter aceitação (ser aceito pelos amigos) e provocar simultaneamente mudanças sociais (que as pessoas sejam amigas em quaisquer circunstâncias).

Por outro lado, Erasmo satiriza o jogo de palavras inócuo. Nessa compreensão, ele expõe as verdadeiras idiotices que o impostor, o dominicano saxão Lambert Campester, colocou em sua boca na edição adulterada dos *Colóquios*, tais como: *Gallus*, que significa tanto gaulês, francês ou galo; *Lilium*, que quer dizer lírio, povo, ou Lírio, flor; *Bohemum*, que tem o significado tanto de boêmio, povo, quanto de Boêmio, pândego. Por sua vez, jogando significativamente com o termo *Scotum* - que tem a significação tanto de escocês, quanto do escocês Duns Scot -, ele encerra sua crítica ao dominicano com uma sátira ao jogo de palavras sem sentido ou intencionalmente malévolos.<sup>98</sup>

É comum igualmente ao discurso metafórico e à sátira erasmiana o uso do trocadilho, como, *More-Moria*. “Primeiramente me moveu o teu gentil sobrenome de More porque o vocábulo Moria aproxima-se tanto dele quanto tu próprio és alheio a isso; ou antes, na aprovação de todos, és alieníssimo.”<sup>99</sup>

Outro trocadilho de Erasmo é entre o cavalo e o asno. Ao relatar a James Batt uma tragédia ocorrida com seu mensageiro Adriano que, ao ser assaltado, quebrou sua espada, motivo pelo qual quase foi condenado, mesmo tendo saído em sua defesa, ele satiriza o fato da espada ter se quebrado: “Isso aconteceu, porque não de um asno, mas de um cavalo caíra um asno.”<sup>100</sup> O trocadilho revela a sátira como o modo natural de Erasmo manifestar sua maneira de pensar.

---

<sup>98</sup> ERASMI, p. 11. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523.

<sup>99</sup> ERASMI, p. 460. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Primum admovet me Mori cognomen tibi gentile, quod tam ad Moriae vocabulum accedit quam es ipse a re alienus; es autem vel omnium suffragiis alienissimus.”

<sup>100</sup> ERASMI, p. 209-210. Carta 080, de Erasmo a James Batt, de 1498. “Nam id acciderat, non ab asino sed ab equo delapso asino.”

A linguagem metafórica de Erasmo é constituída também de máximas e de símiles. Quanto às máximas, preocupado em publicar autores dos quais se possa extrair máximas morais, ele escreve que terminou *Catão* e outras coisas que ali acrescentou, do qual tem apenas um exemplar, devido a escassez de escribas. Do mesmo modo, para que pudesse ser de grande utilidade para os leitores, ele publicou os *Símiles*, de Plínio:

E acrescentamos à pristina coleção o grande vigor dos Símiles de Plínio; eu acho que eles serão de grande uso para ti e para os teus, mas falta quem transcreva. Tanta é entre os britânicos a fuga aos trabalhos, tanto o amor ao ócio, que eles não são excitados nem mesmo depois que fulgisse a esperança de uma moeda sedutora.<sup>101</sup>

Erasmo utiliza amiúde ainda os provérbios ou parêmiás. Por exemplo, em uma narrativa satírica sobre dois impostores que lhe alugaram um cavalo, que lhe acompanharam em sua trágica viagem da Inglaterra, passando por Tournehem, até Paris e que lhe enganaram, ele utiliza um velho provérbio, que faz parte de seus *Adágios*: *Contra um cretense, nós somos um cretense*<sup>102</sup>, ou *fui cretense diante de um cretense* ou, ainda, numa expressão mais livre, *para um mentiroso, mentiroso e meio*.

Erasmo utiliza provérbios também para justificar seus *Adágios*. Ao acreditar que até as pessoas pouco justas lhe desculparão pelas limitações de sua primeira edição dos *Adágios*, por ter sido o primeiro entre os latinos que atentou a esse tema, ele traz em sua defesa o provérbio *aquele que faz a primeira tentativa merece a indulgência*. Do mesmo modo, deixando a cada um avaliar o resultado de sua segunda edição, ele justifica esse seu trabalho, tanto porque ultrapassa em muito não só os latinos, mas também os gregos que atentaram a esse gênero de registro, quanto porque o que se produziu sobre adágios até então era *mais nu que um prego*.<sup>103</sup>

Um tipo especial de provérbio é constituído pelos ditados. Ainda justificando seus *Adágios*, Erasmo deixa o julgamento de sua obra somente ao leitor, já que este simplesmente dirá

---

<sup>101</sup> ERASMI, p. 561. Carta 292, de Erasmo a William Gonell, de 1514. “Adiecimus et pristinae collectioni magnam vim Similium ex Plinio; ea puto tibi tuisque magno usui futura, sed deest qui describat. Tanta est apud Britannos labores fuga, tantus amor ocii, ut ne tum quidem excitentur, cum spes dolosi affulserit nummi.” \*Máxima (*maxima*): Sentença ou doutrina moral; aforismo, apotegma, provérbio. \*Por *Catão* ou *Cato* era muitas vezes designada a *Disticha Catonis*, que Erasmo editou seguindo a tradição, que vinha desde a Idade Média, de utilizar coleções de provérbios para ensino, ao mesmo tempo em que por meio deles transmitir aos alunos princípios de moral. \*Marcos Pórcio Catão, o Censor (234 - 149 a.C.): Orador e historiador latino, de origem plebéia, mas distinguido pelos mais altos cargos do Estado. \*A obra editada por Erasmo é *Parábolas ou símiles* (*Parabolaesive similia*), de Cecílio Plínio o Velho - ou o Antigo, ou Segundo - (23 d.C. - 79 d.C.). Autor também da *História natural* (*Naturalis historia*), que era consultada no Renascimento como um documento poderoso de conhecimentos científicos da Antigüidade.

<sup>102</sup> ERASMI, p. 275. Carta 119, de Erasmo a James Batt, de 1500. \*O velho provérbio é *Contra Cretensem Cretizavimus*, que faz parte dos *Adágios* de Erasmo.

<sup>103</sup> ERASMI, p. 523-524. Carta 269, de Erasmo ao leitor, de 1513. \*Erasmo cita os provérbios em grego.

o que ela é, pois *Convém a um homem germano ingenuamente tanto fazer quanto dizer*.<sup>104</sup> Erasmo serve-se de um ditado corrente para valorizar no leitor aquilo que para ele é primordial: a sinceridade, o fazer e o dizer a verdade com ingenuidade, isto é, sem malícia, sem máscaras.

Ao acreditar que por causa de seu grande empenho junto a Lupset, este se julgava renascido e emergido dos infernos, Erasmo comenta com More: *Os mestres são amolecidos por todas as coisas que trazem de volta um adolescente para seu prístino*.<sup>105</sup> Em outro ditado proverbial, fica evidente a preocupação de Erasmo de não se valorizar, mas de elogiar Lupset, junto a More, por seu trabalho com seu mestre João Colet.

Mas, o tipo de provérbio precipuamente usado por Erasmo são os adágios. Das cartas de Cícero, ele destaca o adágio *Riamo-nos com um riso sardônico*, para mostrar os labirintos dos narradores de adágios. Na comparação entre os outros teólogos e São Jerônimo ele afirma acerca dos primeiros que *nem nadar, nem as letras parecem que aprenderam* e que *dirás serem rãs de Sérifo*, para satirizá-los por não terem aprendido a variegada erudição do segundo. Deste, ele enumera vários adágios, tais como: *Enviar um boi à escola; O camelo que dançava, Para um duro nó de madeira é preciso procurar uma cunha má, Bater um prego com outro prego, Um boi cansado deixa uma marca mais forte de seus pés; A cada pote sua tampa*, para satirizar os falsos comentadores e para explicitar a riqueza da linguagem metafórica contida nos adágios. Além disso, ele lembra as nomações alegóricas *O Epicuro cristão* e *O Aristarco de nosso tempo*, que se aproximam muito da natureza dos adágios.<sup>106</sup>

Por valorizar ao máximo os adágios é que Erasmo compila os seus *Adágios*. Ele informa a William Blount que a primeira edição de um pequeno número de adágios tinha sido realizada outrora em Paris, mas em poucos dias e de modo não muito acurado, porque ele lutou com a

---

<sup>104</sup> Id., Ibid., p. 522. “Decet hominem Germanum ingenue tum facere tum dicere.”

<sup>105</sup> ERASMI, p. 528. Carta 271, de Erasmo a Thomas More, de 1513. “Magistri moliuntur omnia quo retrahant adolescentum in suum pistrinum.” Thomas Lupset (1498 - 1530): Um dos primeiros alunos da escola de João Colet. Ele trabalhou com Erasmo, sendo corretor para a edição de *Jerônimo* e do *Novo Testamento*. \*Prístino (*pristinus*), que em linguagem poética quer dizer antigo, primitivo, prisco, remoto; significa aqui, origens. \*João Colet (1466 - 1519): Humanista inglês, de idéias reformadoras, um representante do evangelismo na Inglaterra. Ele fundou a escola de São Paulo em 1510. Amigo de Erasmo e More. Colet e Erasmo trocaram entre si inúmeras cartas.

<sup>106</sup> ERASMI, p. 292-293. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500. \*Erasmo cita o adágio Riso Sardônico em grego. \*O ditado Nem Natação, Nem as Letras (neque natate neque litteras didicisse videantur) é citado por Platão, para o qual um homem honesto deve saber nadar e as letras. \*O segundo adágio dirigido aos teólogos é *Ranas Seryphias dixeris* (ilha grega do mar Egeu, cujo nome grego atual é Sérifos). \*Adágios de São Jerônimo: *Bovem ducit ad ceroma; Camelus saltavit; Malo nodo malus querendus cuneus; Clavum clavo trudere; Bos lassus fortius figit pedem; Dignum patella cooperculum*. \*Nomações alegóricas: *Epicurus Christianus; Nostri temporis Aristarchus*. \*Aristarco (séc. II a.C.): Gramático e crítico grego; por extensão, significa crítico ou censor severo, mas judicioso, justo.

escassez de volumes gregos e, também, porque eles eram publicados de forma corrompida. Assim, para ressarcir a culpa da primeira edição, para merecer o reconhecimento dos estudiosos e, particularmente, para ajudar os estudos que mais e mais se desenvolvem na Inglaterra, tendo obtido os recursos nos livros gregos, ele diz revocar a mesma obra sobre a íncude e reunir nos *Chiliades*, como um tesouro, mais de 3200 adágios. Além disso, a importância de sua empreitada ele a encontra na própria riqueza da linguagem figurada dos adágios.

Meu ânimo era, como no mesmo óleo, como dizem, ajuntar as insignes metáforas, os sábios ditados, as exímias sentenças, as alusões mais venustas, as poéticas alegorias, porque toda essa bagagem parecia ser confirmo ao gênero dos adágios e ao mesmo tempo conduzir para locupletar e tornar venusta a oração [...]<sup>107</sup>

Outro elemento constitutivo da linguagem metafórica erasmiana é composto pelas paródias. Erasmo testemunha a João Botzheim que seu zelo com as letras é tanto que chegou a interromper a sua tradução de *Podagra*, de Luciano. Isto porque, embora considere maravilhosamente espirituoso esse livro, ele se assustou com os epítetos que abundam no coro da obra e temeu não conseguir traduzir para o latim as palavras compostas gregas, pois, se traduzisse as expressões numa só, poderia destruir toda a graça do poema. Para ele, esse gênero e outros semelhantes, que têm em grego a graça de divertidíssimas paródias, o discurso latino não pode refletir sequer uma sombra delas. Soma-se a essa preocupação a escassez tanto de manuscritos gregos quanto de pessoas instruídas em grego.<sup>108</sup> Isso leva Erasmo, forçado a ser seu próprio professor, a traduzir várias obras gregas, para recuperar com fidedignidade o original, para ler atentamente em grego e para desenvolver sua proposta de instrução, formação e educação. Para isso ele opta pelo estilo da paródia, assentada na comédia grega de Luciano, da qual bebe e verte também sua sátira.

A linguagem metafórica erasmiana apresenta-se por vezes sob a forma de diálogo. Como sinal de que em todas as suas viagens marítimas não se esqueceu do amigo, Erasmo envia a Paludanus o diálogo de Luciano, com o título “*Sobre aqueles que se deixam conduzir pelo dinheiro*”, que ele pôs para o latim no momento de partir para a Itália. Nele, afirma ele, não sem

---

<sup>107</sup> ERASMI, p. 444. Carta 211, de Erasmo a William Blount, de 1508. “Erat animus veluti de eodem oleo, quod aiunt, adiungere metaphoras insignes, scite dicta, sententias eximias, allusiones venustiores, allegorias poeticas, quod omnis ea supellex adagiorum generi confinis esse videbatur ac pariter ad locupletandam venustandamque orationem conducere [...]” \*Íncude (*incudis*) quer dizer bigorna. \*Erasmo estabelecendo-se em Veneza com Aldo aí modificou totalmente os *Adágios*, cujo número passou de 838 para 3260, com o acréscimo principalmente de provérbios gregos. Eles se intitulavam não mais *Collectanea*, mas *Chiliades*.

<sup>108</sup> ERASMI, p. 06-08. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Paródia: Do grego *parodia* "canto ao lado de outro", pelo latim *parodia*, significa imitação cômica de uma composição literária, e por extensão, imitação burlesca. \**Podagra*: obra de Luciano, que significa gota, dos pés. Erasmo apresenta um elenco de obras traduzidas por ele e cita em grego tanto um trecho do *Hino homérico a Ares* quanto outro da *Podagra*.

prazer, tal como num espelho, podem ser vistos os incômodos da vida áulica. Com essa tradução ele pretende ser exemplo para que Paludanus, já versado nas letras gregas, comece também algum dia a ousar algo em latim, porquanto, nada há de mais audacioso que se esforçar para do bom grego fazer um bom latim.<sup>109</sup> Erasmo valoriza a linguagem dialogal para que as letras gregas e latinas sejam desenvolvidas. Mas, a importância máxima que ele atribui ao diálogo se expressa na publicação de seus famosos *Colóquios*.

Outro elemento constitutivo do discurso metafórico erasmiano largamente utilizado por Erasmo é o elogio. E tal elogio se refere não somente ao gênero do panegírico, como o que escreve a Filipe, o Belo, mas também à figura de linguagem empregada em geral. Nesta segunda acepção, contra os bárbaros que estão prestes a reinar sobre o universo, ele elogia, por isso, a família de João Canter, imbuída do leite materno e das letras latinas desde a mais tenra idade. Primeiramente a João, como um homem de reconhecida probidade e de um engenho perspicaz e, depois, a seu pai, como ornado também pela probidade e pelas letras. Em seguida, ele afiança que esse não é um homem para essa época, mas para o eruditíssimo século de Cícero.<sup>110</sup> A probidade, o engenho e as letras são o que movem a amizade e a admiração de Erasmo e que servem de motivação para seus elogios e suas sátiras.

Como lhe é muito comum, Erasmo recomenda ao bispo de Cambrai a obra de seu amigo William Herman, um homem que lhe é muito querido e de um engenho digno da imortalidade. Ele afirma que Herman é lido com ardor por todos os alunos da Academia, é arrastado e tomado de um modo incrível e seu nome é retido nos auditórios públicos e nos colégios.<sup>111</sup> Temos aqui o elogio como forma de ganhar simpatia e a recomendação como forma de garantir a expansão das letras, os mesmos intentos da sátira erasmiana.

Um tipo especial de elogio, ou de defesa, é a apologia. Por exemplo, Erasmo faz a apologia da paz, dispondo-se a renunciar livremente a qualquer fortuna para que a paz cristã

---

<sup>109</sup> ERASMI, p. 429-430. Carta 197, de Erasmo a João Paludanus, de 1506. \*Paludanus é João Desmarez. Ele foi reitor da Universidade de Lovaina. Erasmo diz que ele era um homem do mais justo julgamento e que o encorajou a terminar a tradução de *Hécuba*, de Eurípides. \*O diálogo de Luciano é *De mercede conductis*.

<sup>110</sup> ERASMI, p. 125-127. Carta 032, de Erasmo a João Canter, de 1489. \*João Canter: Nascido por volta de 1471, era natural de uma família opulenta e letrada, da qual Erasmo dizia que todo mundo, até os servos, falava exclusivamente latim. Seu pai, doutor em ambos os direitos, também se chamava João Canter. Ele trabalhou algum tempo em Antuérpia com o impressor Gerard Leeu, editou obras e escreveu poemas. \*Filipe, o Belo: Erasmo o conheceu em Bruxelas e parabenizou-o, quando de seu primeiro retorno da Espanha, onde fora tomar posse de seu reino em Castela, com um poema elegíaco, em 1504, o *Panegírico a Filipe, o Belo*.

<sup>111</sup> ERASMI, p. 165-166. Carta 051, de Erasmo a Henrique de Bergen, de 1497. \*Academia: Que significa agremiação de caráter científico, literário ou artístico, ou é o coletivo de escritores, quer dizer aqui Universidade.

esteja com os príncipes cristãos e exorta Antônio de Bergen para que coloque sua autoridade a serviço da mesma. “Por conseguinte, tu ages também para teu negócio se tu te esforças para que esta guerra tenha fim; não julgues que deverás empreender esta obra gratuitamente.”<sup>112</sup> Erasmo se propõe a fazer sua parte e exorta o amigo a fazer o mesmo, uma vez que, para ele, colocar-se a serviço da paz é ter também vantagens pessoais, pois todos ganham com ela.

Outro tipo de figura de linguagem usada por Erasmo é a ironia. Aliás, existem dois tipos de ironia mais comuns em suas obras: a figura de linguagem e a socrática. Como figura de linguagem diz-se uma coisa, mas o sentido é outro, normalmente o inverso. A ironia socrática consiste em aparentemente diminuir-se e elevar o outro, em função de um objetivo determinado. Por exemplo, Erasmo ironiza as vitórias nas guerras. Depois de escrever que estava recluso pela peste e assediado pelos latrocínios, que bebia o vinho vápido, se algo existia de mais vápido; e que tinha o censo cortado, ele ironiza: “Ío triunfa; assim ovacionamos vítores do orbe.”<sup>113</sup> Erasmo emprega a ironia como figura de linguagem para questionar: que grande coisa é a vitória?

Em outro exemplo, Erasmo pergunta: “Mas, que coisa eu, um porco, ensino a Minerva, e me esforço para medicar como o próprio doente ao médico?”<sup>114</sup> Esse é o desfecho de uma argumentação com o uso da linguagem irônica, agora em sentido socrático, com a qual pedagogicamente Erasmo valoriza o trabalho educacional de João Colet.

Um importantíssimo elemento do discurso metafórico erasmiano é o riso. Erasmo acredita que João Colet rirá do que lhe aconteceu em uma de suas viagens a Londres. Como o cavalo de seu ajudante teve três colapsos na cabeça, Bovillus, que aí se encontrava, depois de ter consultado os astros disse que daí se depreendia algum irado Jove. Erasmo satiricamente diz que isso lhe apraz porque vê nessa explicação vestígios da pobreza cristã. Existia aí também um médico de seu país, prossegue Erasmo, que dava a conhecer ações prodigiosas com o presídio da quinta essência: dos senis ele fazia jovens, dos mortos, vivos; donde, não havia nenhuma esperança para

---

<sup>112</sup> ERASMI, p. 554. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514 “Proinde tuum quoque negocium ages, si adniteris quo bellum hoc finem accipiat, ne tibi videare gratis hoc operae suscepturus.” \*Apologia: Discurso para defender ou louvar; encômio, louvor, elogio. \*A apologia que Erasmo faz da paz se expressa por exemplo, em sua *Querela Pacis (Querela da Paz ou A queixa da paz)*.

<sup>113</sup> ERASMI, p. 547. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Io triumphe; sic ovamus orbis victores.” \*Vápido (*vapidus*): Poeticamente quer dizer fraco, insípido, insulso, sem sabor. \*Censo (*census*): Antigo rendimento que servia de base ao exercício de certos direitos. \*Ío: Ninfa que, depois de ser transformada em vaca, tornou-se deidade.

<sup>114</sup> ERASMI, p. 527. Carta 270, de Erasmo a João Colet, de 1513. “Sed quid ego sus Minervam doceo, et aegrotus ipse medico mederi studeo?” \*Minerva: Deusa latina da prudência, da guerra, das ciências, da poesia e das artes, correspondente à deusa grega Palas, Atena ou Atená.

rejuvenescer se não fosse possível degustar a quinta essência! Ora, ele nada vê de ganho nessa explicação e satiriza que nada se pode esperar dos nus. Ele conclui a carta dizendo que quando revelar a razão porque a coisa aconteceu, ainda mais ainda Colet rirá.<sup>115</sup> Erasmo mostra o que é digno de riso: a explicação mítica de Bovillus, que depois de ter consultado os astros diz que daí se depreende algum irado Jove, mas muito mais a explicação alquimista e escolástica do médico sobre a mirabolante quinta essência, modo de pensar peculiar a pessoas desprovidas de pensamento. Motivo ainda maior de riso haverá quando ele mostrar o porquê dos fatos. É por isso que Erasmo é *ridicularizador*, é satírico: para ensinar o ridículo do erro e o ridículo das falsas explicações dos erros.

Vem um fato à mente de Erasmo, que sabe que também fará Colet rir. Ele conta que quando, entre alguns mestres, propôs sobre um professor auxiliar, alguém de não ínfima opinião lhe disse sorridente que ninguém suporta levar sua vida numa escola entre crianças, quando pode viver de qualquer outro modo. Muito modestamente ele lhe respondeu que essa função lhe parecia até muito honesta, para instruir a juventude nos bons costumes e nas boas letras; nem Cristo desprezou essa idade; em nenhuma outra é mais correto colocar benefícios; em parte alguma se deve esperar fruto mais úbere, visto que ela é a sega e a silva da república; e, se os homens são verdadeiramente piedosos, eles têm esta sentença, de modo que julguem que nenhuma outra função merece mais a Deus do que se eles atraírem crianças a Cristo. Mas, continua Erasmo, o outro, com o nariz arrebitado, disse zombando que se alguém quisesse servir inteiramente a Cristo, que ingressasse num monastério e numa ordem religiosa. Erasmo respondeu que Paulo põe a verdadeira caridade nos cargos caridosos; além disso, que a caridade consiste em que sirvamos aos mais próximos o máximo possível. O outro repeliu isso como dito imperitamente, dizendo que deixou tudo e que a perfeição consiste nisso. Erasmo disse que não abandona tudo quem, quando pode ser útil à maior parte com seu trabalho, recusa um cargo que é tido como mais humilde. Desse modo, para não ser originada uma demanda, ele despediu o homem. E, dirigindo-se a Colet, conclui que essa é a sabedoria scotista e esse o diálogo.<sup>116</sup> Esse é

---

<sup>115</sup> ERASMI, p. 465-466. Carta 225, de Erasmo a João Colet, de 1511. \*Riso (*risus*): Significa tanto o ato ou efeito de rir, risada; alegria, contentamento, satisfação, quanto coisa ridícula. \*Henrique Bullock, dito Bovillus (c. 1487 - 1526): Foi ligado a Colet, Grocyn e More e conheceu Erasmo quando este chegou a Cambridge em 1511. Bullock seguiu os cursos de grego. Em 1512, foi leitor para as matemáticas e em 1516 para a teologia. Ele foi vice-chanceler da Universidade de Cambridge em 1524-1525. \*Colapso (*collapsus*): Alteração brusca e danosa; situação anormal e grave; crise. \*O médico citado por Erasmo provavelmente é Bont, que deve ter sido de alguma forma alquimista. \*Quinta essência: Segundo Aristóteles e os escolásticos, era aquela da qual eram feitos os corpos celestes.

<sup>116</sup> ERASMI, p. 479. Carta 237, de Erasmo a João Colet, de 1511.

o mote da sátira erasmiana, pois tudo é motivo de riso. Erasmo tem preferência por satirizar aqueles que se colocam como os mais sábios, como os mestres que não aceitam trabalhar com crianças, muito menos como professores auxiliares. Neste sentido, ele destaca o ar de superioridade com que os pretensos sábios se apresentam, sorridentes, zombeteiros, de nariz empinado etc., mostrando que aquilo que é desprezado pelos grandes, o ofício de professor, é a mais importante tarefa do homem, especialmente do cristão. Por isso mesmo, ele ridiculariza a suposta perfeição da vida religiosa a favor da prática da verdadeira caridade cristã, apontando os erros, mas evitando a querela. Ele relata os fatos de modo que seu interlocutor perceba o que e como ele percebe. Ou seja, tudo é ridículo, tudo é motivo de riso. Um riso que ensina o que está e o que não está certo, o que se deve e o que não se deve fazer. Em suma, um riso pedagógico.

A linguagem do riso toma até ares de caricatura, como a que Erasmo, impiedosamente, faz da vida conventual no intuito de convencer Servatius de que é melhor que permaneça fora do mosteiro:

Mas, não vejo o que farei na Holanda. Sei que eu não haveria de convir com o clima e nem com a alimentação; atrairei para mim os olhos de todos. Retornarei senil e de cabelos brancos, eu que saí jovem, retornarei doente; expor-me-ei também ao desprezo dos ínfimos, acostumado a ser honrado pelos máximos. Trocarei meus estudos por bebedeiras.<sup>117</sup>

Um elemento básico da linguagem metafórica de Erasmo é ser crítica, mesmo que esta nem sempre seja satírica; o que mostra que crítica e sátira, apesar de próximas, não são a mesma coisa. Por exemplo, na segunda carta a Francisco Theodoric, Erasmo apresenta um ar mais severo com o amigo, em contraposição ao tom meloso de suas primeiras cartas a Servatius: “Mas agora, meu caro Francisco, porque suspeito (para falar sem dúvida de forma mais severa) de tua fidelidade, e porque todas as coisas estão tão perturbadas que não se pode seguramente confiar sem perigo nem no mais fiel, o que julgas que devo fazer?”<sup>118</sup>

A quem nada tem para dizer ou escreve sempre as mesmas coisas, Erasmo é mais seco e mais áspero ainda. Assim ele o é com Arnaldo Bostius, numa carta de não mais de quatro

---

<sup>117</sup> ERASMI, p. 572. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Sed in Hollandia quid agam non video. Scio non conventurum cum coelo neque cum victu; omnium oculos in me excitabo. Redibo senex et canus, qui iuvenis exiui, redibo valetudinarius; exponar contemptui etiam infimorum, solitus et a maximis honorari. Studia mea computationibus permutabo.” \*Caricatura: É a reprodução deformada de algo. O conceito de linguagem caricatural guarda relação com a acentuação de traços caricatos, com representação burlesca que satiriza, com reprodução deformada e ridícula..

<sup>118</sup> ERASMI, p. 85. Carta 012, de Erasmo a Francisco Theodoric, de 1488. “At nunc, mi Francisce, quoniam suspecta est mihi (loquar enim severius) fides tua, eaque omnium rerum perturbatio est ut iam ne fidissimo quidem tuto fidendum sit, quid mihi faciendum existimas?”

linhas.<sup>119</sup> Erasmo sabe ser severo quando precisa, e às vezes o é também mesmo sem querer, devido sua natureza intransigente com as coisas erradas. No entanto, não se trata de uma severidade insana, mas normalmente motivada e que revela uma intenção pedagógica, o que acaba por provocar seu tom satírico. Assim, mesmo que nem sempre o seja, a crítica erasmiana acaba por ser a maioria das vezes satírica.

Enfim, a sátira se constitui no elemento principal do discurso metafórico erasmiano. Erasmo satiriza Servatius por este utilizar sentenças e, o que é mais torpe, as fórmulas de Bernardo ou de Claudiano, adaptando as palavras deles às suas, como uma gralha se apodera do pavão e, pior ainda, escrevendo a contragosto, um trabalho que não é de criar, mas apenas de coligir livros. E, conclui, que Servatius saiba que ele não é um crasso ingênuo, nem um estúpido para não distinguir o que é dele e o que é de outrem.<sup>120</sup> Erasmo critica satiricamente o uso das letras divinas (São Bernardo) ou humanas (Claudiano) fora de seu contexto, que se tornam pavonadas, e a repetição pela repetição, que se reduz à tagarelice.

Uma mostra de que a sátira é o principal elemento do discurso metafórico de Erasmo se encontra não somente no fato dela estar normalmente presente quando dos outros elementos do seu discurso ou por ela ser crítica, mas por ele afirmá-la, independente do mote, intencionalmente pedagógica, de modo que ela se constitui em método de educação. A questão da guerra é um ótimo exemplo de como ela opera como método.

Em sua sátira, Erasmo compara a guerra à peste: “A peste não sevicia menos em Londres que Marte por aí.”<sup>121</sup> A sátira ensina que a guerra é uma peste.

Guerra que é motivo de riso:

Eu ri abundantemente da vida castrense, pela forma tão graficamente descrita em tua carta a teu querido João: de tal modo tu puseste debaixo dos olhos os relinchos, as gritarias, os choques dos cavalos, os clangores das tubas, os trovões das bombardas, os raios, os vômitos dos doentes, os gemidos dos morrentes. Ó feliz de ti se, que o ótimo

---

<sup>119</sup> ERASMI, p. 168. Carta 053, de Erasmo a Arnold Bostius, de 1497. \*Arnoldo Bostius (c. 1450 - 1499): Foi um carmelita de Gand, poeta, teólogo, autor de obras de devoção. Mesmo tendo pouco publicado, ele encorajou constantemente seus numerosos amigos a escrever e a publicar. Ele correspondeu com a maior parte dos sábios de seu tempo e trabalhou pela reforma religiosa do Carmelo.

<sup>120</sup> ERASMI, p. 89. Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. \*São Bernardo de Claraval (1091 - 1153): Teólogo, místico e pregador da Ordem dos Cistercienses, adversário de Abelardo. Os *Sermões* de Bernardo foram impressos em Mainz (*Moguntia*) em 1473 e as *Cartas* pelos Irmãos da Vida em Comum, em Bruxelas, em 1481. \*Cláudio Claudiano: Nascido no século IV d.C., foi poeta da corte do imperador Honório. Orientado pela escola Alexandrina escreveu em grego, epigramas e um poema acerca da gigantomanquia, e depois em latim, *Sobre o rapto de Prosérpina* (*De raptu Proserpinae*).

<sup>121</sup> ERASMI, p. 530. Carta 273, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Londini non minus saevit pestis quam isthic Mars.” \*Marte: Deus romano da guerra.

Deus o permita, voltares incólume para nós! Que agradáveis fábulas ministrará por toda a vida, por tua experiência destes males!<sup>122</sup>

A guerra provoca o riso, por ser ridícula, mas nada tem de risível. Quem a experimenta que tire dela belas lições, ironiza Erasmo, pois nada há de belo para se aprender da guerra. Ironia e sátira se combinam para mostrar aquilo que deve ser combatido e porque deve sê-lo. Além disso, ele ironiza os efeitos da guerra, pois elas só provocam doenças.<sup>123</sup>

Erasmo satiriza, ainda, a estultícia dos príncipes, pois enquanto a plebe edifica e aperfeiçoa as cidades eles as destroem com suas guerras.<sup>124</sup> E, “Porque se examinas mais de perto, quase sempre os interesses privados dos príncipes são a causa pela qual a guerra é suscitada.”<sup>125</sup>

A sátira de Erasmo se estende ao direito dos príncipes, uma vez que o direito máximo é por vezes a máxima injúria; muitos príncipes transformam sua vontade em direito; a defesa do direito gera altercação e muito sangue; e “não se trata, pois, da salvação do povo, mas se este ou acaso aquele se deva chamar príncipe.”<sup>126</sup>

Erasmo zomba também daqueles que se opõem aos tratados de paz, pois muitos desejam a paz que não seja paz e a guerra que não seja guerra, motivo pelo qual se deve preparar o epitáfio da paz e motivo também pelo qual afirma ter escrito, oito anos antes desta carta, a *Querela Pacis*.<sup>127</sup>

---

<sup>122</sup> Id., Ibid., p. 531. “Risi affatim castrensis vitae formam tam graphice in tuis ad Ioannem tuum literis depictam: adeo hinnitus, clamores, equorum concursus, tubarum clangores, bombardarum tonitrua, fulmina, vomitus aegrotantium, gemitus morientium, oculis subiecisti. O te felicem si, quod Deus optimus faxit, incolumis nobis redieris! Quam iucundas in omnem vitam fabulas malorum istorum experientia ministrabit!” \*João é provavelmente João Lorraine, empregado de André Ammonio, o qual é referido por Erasmo nas cartas 255, 273, 281 e 282. \*Bombarda: Antiga peça de artilharia, de cano curto e grosso calibre, que atirava grandes bolas de ferro ou de pedra; canhão.

<sup>123</sup> ERASMI, p. 549. Carta 285, de Erasmo a William Warham, de 1514. \*William Warham (c. 1450 - 1532): Bispo de Londres e depois arcebispo de Cantuária em 1503. Foi primaz da Inglaterra de 1504 a 1515 e chanceler da Universidade de Oxford de 1506 até a sua morte. Erasmo nunca deixou de falar nele com reconhecimento. Warham e Erasmo trocaram entre si inúmeras cartas. Erasmo dedicou-lhe *Hécuba*, de Eurípides, acrescentado de um prefácio e um poema jâmbico (relativo ou composto de jambo. Na poesia grega e latina, pé de verso constituído de uma sílaba breve e outra longa; o verso composto desses pés).

<sup>124</sup> ERASMI, p. 553. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514.

<sup>125</sup> Id., Ibid., p. 554. “Quod si proprius inspicias, pleraque privata sunt principum ob quae bellum suscipitur.”

<sup>126</sup> Id., Ibid., p. 553. “Non enim agitur de salute populi, sed hunc an illum debeat appellare principem.”

<sup>127</sup> ERASMI, p. 18. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Além da *Querela Pacis* ou *Querimonia Pacis*, a questão da paz é tratada por Erasmo em outras obras, notadamente no *Institutio principis Christiani* (*A educação do príncipe cristão*) e no adágio 3001 *Dulce bellum inexpertis* (*A guerra é doce para quem não a experimenta*).

Erasmus satiriza igualmente a Igreja por sua convivência com a guerra: “Ó teólogos sem línguas, ó mudos bispos que tácitos observais tais pestes das coisas humanas!”<sup>128</sup> Ele denuncia que os homens da Igreja não apenas deixam de colocar sua autoridade a serviço da paz como são, eles próprios, responsáveis pelas guerras, especialmente o papa, uma vez que: “Para sustentar a guerra o pretexto era que Júlio estava em perigo; está suprimida a causa da guerra, porém, a guerra não cessa.”<sup>129</sup> Ele critica os cristãos omissos, a começar por aqueles que se consideram os mais piedosos.<sup>130</sup>

Por fim, a sátira de Erasmo ensina que a verdadeira guerra é a do cálamo. Esse é o método de educação. Dessa maneira, orando, pelas Musas e pelas Graças, para que Ammonio lembre do que ele lhe admoestara em carta anterior - que pugne em segurança -, Erasmo exorta: “Seja feroz o quanto quiseres com o cálamo e ao mesmo tempo transpassarás dez miríades de hostes num dia. Eu me alegro tanto que a coisa suceda como a nossa que não posso explicar nem por língua nem por carta.”<sup>131</sup> Essa é a guerra necessária e eficaz, a guerra do cálamo, da pena, da caneta, da palavra, das letras. Essa é a arma de Erasmo, que augura para todos. A sátira, enquanto expressão privilegiada da palavra, é a sua arma, é o seu jeito, o seu método eficaz de fazer guerra aos vícios humanos.

Na guerra do cálamo, a sátira erasmiana é método pedagógico, como um *Enchiridion*. Erasmo afirma que tornou madura a obra do *Enchiridion* porque temia que João incidisse no gênero supersticioso dos religiosos, que, em parte servientes de seus interesses, em parte pelo ingente zelo, mas não segundo a ciência, cercam mar e lugar árido, e, se em alguma parte conseguem um homem com arrependimento dos vícios para uma vida melhor eles, com exortações muito ímprobas, minazes, com blandícias, se esforçam por precipitá-lo no monacato, quase como se fora do hábito não houvesse cristianismo. “Além disso, quando eles entulharam seu coração com meros escrúpulos e com espinhos inextricáveis, eles o ligam a certas

---

<sup>128</sup> ERASMI, p. 518. Carta 265, de Erasmo a Pedro Gilles, de 1512. “O theologos elingues, o mutos episcopos, qui tales rerum humanarum pestes taciti spectant!” \*Pedro Gilles (1486 - 1533): Jurisconsulto e cidadão de Antuérpia, que foi companheiro de estudos de Erasmo. Ele foi corretor do impressor Thierry Martens (c. 1450 – 1534, que imprimiu em Alost, Antuérpia e Lovaina, e foi um fiel amigo de Erasmo, do qual imprimiu mais de 60 obras). Gilles proporcionou a edição de vários textos clássicos e modernos, entre as quais a coleção das cartas de Erasmo.

<sup>129</sup> ERASMI, p. 553. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514. “Susciendi belli praetextus erat Iulius periclitans; sublata est causa belli nec tamen cessat bellum.”

<sup>130</sup> Id., Ibid., p. 554.

<sup>131</sup> ERASMI, p. 530. Carta 273, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Calamo quantum voles ferocias et decem myriadas hostium eodem confodias die. Rem nostris succedere in tantum gaudeo ut nec lingua nem literis liceat explicare.” \*Hoste (*hostis*): Adversário; rival; bando, chusma, multidão; exército, tropa; inimigo, inimigo de guerra.

tradiçõeszinhas muito humanas e precipitam o mísero numa espécie de judaísmo, e ensinam a tremer, não a amar.”<sup>132</sup> Satirizando, Erasmo evidencia a diferença fundamental entre ele e os defensores da vida monacal como único meio de santidade. Eles ensinam as pessoas a terem medo e não a amar. Como o *Enchiridion*, a sátira de Erasmo é método pedagógico: é punhal, é espada, é arma afiada; e é manual educativo que visa ao amor, não ao medo.

---

<sup>132</sup> ERASMI, p. 374. Carta 164, de Erasmo a João, de 1501. “Deinde ubi scrupulis meris et inextricabilibus spinis pectus illus expleverint, ad humanas quasdam traditiunculas astringunt planeque in Iudaismum quendam praecipitant miserum, ac trepidare docent, non amare.” \*João: Era um amigo de Erasmo que vivia na corte. Allen supõe que se trate de João Trazegnies. Outros propõem o nome de João Poppenreyter de Nouermerkt. \**Enchiridion*, como é conhecido o *Enchiridion Militis Christiani (O manual – ou punhal – do príncipe cristão)* tem duplo significado, de manual ou de punhal. Assim ele é manual de orientação para a virtude, mas é também um punhal, uma arma contra os iletrados. \*Blandícia (*blanditia*): Significa tanto afago, blandície; brandura, carícia, meiguice, mimo; e, por extensão, palavra afetuosa, carinhosa; quanto lisonja. \*Judaísmo (*iudaismum*): Na língua cristã da época de Erasmo, judaísmo dizia respeito a supersticiosas observâncias de caráter material. Assim, os pagãos eram denominados de judeus.

## CAPÍTULO II

### DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS PARADIGMÁTICAS

O objetivo deste capítulo, ao apresentar o discurso metafórico de Erasmo, que aparece no Tomo I do seu *Opus epistolarum*, é analisar seu conteúdo satírico, para demonstrar que a sátira é para ele um método tão privilegiado de educação a ponto de se poder pensá-la como pedagogia.

Ao compararmos o teor das cartas de Erasmo correspondentes à década de 80 do século XV, época de sua juventude, com a carta de 1523, portanto já em pleno século XVI, época de sua maturidade, nós observamos que nas primeiras temos, por vezes, que espremer o fruto para conseguir o sumo, enquanto que na última os conteúdos da sátira jorram por todos os poros. Mas ao mesmo tempo percebemos que a sátira já está plenamente presente desde as primeiras cartas e traz explícita ou implicitamente uma intenção pedagógica.

A respeito da sátira erasmiana poderiam ser levantadas pelo menos duas interpretações, sendo que a primeira afirmaria que ela é a revanche de Erasmo às críticas. Essa compreensão pode ser entendida como conceito negativo da sátira. A segunda, que é oposta a essa, consistiria em achar que as críticas, apesar de o afetarem, pouco influenciaram em sua linguagem satírica, em função, talvez, de seu caráter independente, de sua formação, de sua condição social, ou de sua capacidade para absorver as críticas. Esse seria um entendimento a-histórico da sátira.

Entendemos que as duas interpretações têm suas verdades, a primeira menos que a segunda, e seus limites. Com relação à primeira interpretação há, por exemplo, sátiras-libelo, e aí, a sátira erasmiana não deixa de ser uma resposta, às vezes agressiva ou até mesmo mordaz, de Erasmo aos ataques. Contudo, se ela é por vezes agressiva, para Erasmo ela nada tem de mordacidade. Quanto à segunda interpretação, de fato, ele é satírico, antes, durante e depois dos ataques, independentemente das artimanhas que lhe preparam. Não obstante, se por um lado há uma constante na sátira erasmiana, por outro, ela incorpora os acontecimentos históricos, portanto, se enriquece em função das circunstâncias. Defendemos a tese de que a sátira erasmiana, mesmo que se torne mais agressiva à medida dos ataques, mais enriquece e nada empobrece, pois Erasmo a intenciona e a justifica como construtiva.

Para a consecução do objetivo selecionamos algumas categorias de análise, extraídas da própria correspondência de Erasmo, que, apresentadas em seqüência lógica, e resgatando o

contexto o máximo possível, afirmam a idéia-chave da sátira erasmiana como construção, como *pars construens*, portanto, como método privilegiado de educação, e até como pedagogia, a cada categoria, que proporcionam a prova cabal no seu conjunto.

Neste capítulo vamos examinar a sátira a partir de categorias que denominamos paradigmáticas porque apresentam o horizonte no qual a sátira erasmiana se insere, e que, por isso, são, na verdade, categorias paradigmáticas e pedagógicas, quais sejam: correção; natureza; desapego, humildade, verdade, sinceridade; adaptação; letras humanas, letras divinas, virtude, piedade; proposta educacional, método; amizade, sodalício; utilidade e moral.

## 2.1 SÁTIRA E CORREÇÃO

Com esta primeira categoria de análise, pretendemos mostrar que a sátira de Erasmo, fruto de seu contínuo esforço de revisão, não é eventual, mas intencionalmente pedagógica.

Tomemos de início a grande importância que Erasmo atribui à imprensa e aos impressores. Nesse escopo, pelas luzes que Aldo Manúcio traz para ambas as literaturas, grega e latina, com sua arte e com suas impressões, restituindo e propagando os bons autores com o máximo cuidado e pouco lucro, Erasmo o exalta. Isto porque ele exerce o exemplo de Hércules com trabalhos belíssimos, os quais não lhe trazem a glória imortal, mas que serão mais frutíferos aos outros que a ele próprio.<sup>133</sup> Mais que trazer renome, a impressão de obras é de utilidade ímpar para todos aqueles que pretendem se dedicar ao estudo das letras e para que estas cresçam não só em quantidade, mas, principalmente, em qualidade, e cresça também seu poder de ação e de transformação dos costumes humanos. Essa é a importância que Erasmo dá à imprensa e aos impressores, sem os quais suas obras seriam pouco conhecidas e o efeito de sua sátira provavelmente bem menor.

Por valorizar imprensa e impressores, Erasmo autoriza seus editores a fazerem correções em suas obras. Por exemplo, dissentindo e mostrando as falhas das traduções até então realizadas por outros autores de *Hécuba* e *Ifigênia*, de Eurípides, ele permite que Aldo faça as mudanças necessárias para a reedição de sua própria tradução, solicitando que o amigo termine a reedição de *Ifigênia* o mais cedo possível; para que possa dá-la como presente aos doutos amigos, porque

---

<sup>133</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*: Tom. I. Per P. S. Allen; M.A., 1906, p. 437-438. Carta 207, de Erasmo a Aldo Manúcio, de 1507. \*Hércules: O Hércules grego. Herói que realizou façanhas que ficaram conhecidas como *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

tem amizade com todos aqueles que sabem ou professam as boas letras.<sup>134</sup> É esse amor pelas letras que orienta toda produção teórica de Erasmo, sua postura frente aos impressores e, igualmente, sua sátira.

Aquele que autoriza correções é o mesmo que é visto como corretor crítico. O fato de Erasmo costumar ser muito crítico na correção dos textos é tão conhecido de muitos que, por exemplo, Cornélio Gerard conta-lhe - o que se constitui certamente numa caricatura de Erasmo como sátiro – o que Martin disse dele:

Então, na loucura de sua demência adquirida por esta ocasião, voltando-se enfim para mim, ele insinua que tu certamente leste nossos carmes, mas - quando tu os leste - a erguer uma cámbria fronte, a anunciar um nariz de rinoceronte, a rir, a corroer (para usar suas palavras), e a rasgar tudo ao redor.<sup>135</sup>

Considerado corretor crítico é assim que primeiramente o próprio Erasmo se apresenta. “E que não tenha pudor de barbarismo, se alguém nele incidiu; tu sentirás em nós corretores, não irrisores.”<sup>136</sup> Erasmo se define não como escarnecedor, mas como aquele que corrige os erros alheios.

Por isso, Erasmo enfatiza a importância da correção. Ele alerta que os que parecem não amar os livros os mantêm intactos em seus estojos, mas aqueles que os amam, exatamente pelo diurno e noturno uso, os sujam, os amassam, os desgastam, impregnam aqui e acolá as margens com anotações de vários tipos, e preferem uma composição com correções a uma sem nenhum vestígio de correção. É isso, completa ele, que precisa ser feito com Terêncio e todos os outros autores, quando se deseja aprender, a verdadeira língua romana.<sup>137</sup> Erasmo, corretor, prega o máximo esforço de contínuas correções para que os escritos saiam o mais perfeito possível e com o intento de apresentar o melhor escrito para os melhores estudos.

---

<sup>134</sup> ERASMI, p. 209-212. Carta 209, de Erasmo a Aldo Manúcio, de 1507. \*Eurípides (480 - 406 a.C.): Poeta dramático grego, autor de inúmeras tragédias. \**Hécuba* (esposa do rei Príamo e mãe de Heitor e Páris, heróis troianos da Guerra de Tróia) é uma tragédia de Eurípides traduzida por Erasmo. Na carta a João Botzheim, Erasmo escreve que ter dedicado esta obra a William Warham foi de bom agouro para sua notoriedade e conta como se deram os fatos (p. 05). Essa obra foi revista por mais de uma vez e em 1523, Erasmo revisou-a pela última vez. \**Ifigênia em Áulide* (*Iphigenia in Aulide*): Essa tragédia atribuída a Eurípides e traduzida por Erasmo, tem como personagem central Ifigênia, filha de Agamêmnon (herói argivo da Guerra de Tróia).

<sup>135</sup> ERASMI, p. 101. Carta 021, de Cornélio Gerard a Erasmo, de 1489. “Hac igitur occasione dementiae suae nactus vesaniam, demum ad me regrediens insinuat te carmina quidem nostra legisse sed, ubi legeras, caperatam frontem ducere, rhinoceronteum nasum portendere, deridere, corrodere (ut suis verbis utar), ea circumquaque dilaniare.” \*Martin: Enviado de Cornélio Gerard, que levava um poema de Cornélio a Erasmo e um poema deste para aquele.

<sup>136</sup> ERASMI, p. 89. Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “Nec te barbarismi, si qui inciderit, pudeat; senties nos correctores, non irrisores.”

<sup>137</sup> ERASMI, p. 123-124. Carta 031, de Erasmo a um amigo, de 1489.

Com efeito, correções exigem um desgastante trabalho. Assim, ao dizer que Rogério Wentford faz tanto caso de suas nugas, Erasmo completa:

Se bem que eu julgo de mais interesse à minha fama se estas [nugas] não forem nem editadas nem transcritas por quem quer que seja, a não ser que sejam limadas por um grande trabalho; o qual eu odeio pior que o cão e a serpente, sobretudo porque daqui eu vejo que não receberei nenhum fruto, exceto remela, senilidade prematura, fome e de tal modo pouca glória e muitíssima inveja.<sup>138</sup>

Por um lado, Erasmo é irônico em relação àqueles que de alguma forma se opõem a suas obras. Por outro, mesmo que mais desgastante que gratificante, ele se propõe ao contínuo ato de produzir e corrigir ainda com mais constância o que já produziu. Tal é seu desejo de perfeição para com suas obras, uma vez que não busca a glória, mas pretende contribuir efetivamente com o desenvolvimento das letras. Ou seja, ele tem uma preocupação pedagógica. Daí, não é sem motivo o seu zelo com suas obras, revisando-as: cortando, retificando, ratificando, acrescentando, reinterpretando, pois toda obra tem que ser muitas vezes corrigida antes de ser publicada. O que vale para as obras serve igualmente para a sua sátira.

Tal é o elã de Erasmo com a revisão das obras, principalmente com aquelas referentes às letras divinas: “Para emendar Jerônimo e para ilustrá-lo com nota explicativas, o ânimo me ferve de tal modo que eu me julgo inspirado por certo deus.”<sup>139</sup>

Por conseguinte, Erasmo é primeiramente censor não de obras alheias, mas de seus próprios escritos. “Todavia, nós próprios agimos como censores em nossas lucubrações e emendamos muitas daquelas que traduzimos do grego e o mesmo haveremos de fazer enquanto vivermos.”<sup>140</sup> Erasmo é mais exigente com suas obras que com as dos outros. Esse rigor exige, não só ocasionalmente, mas durante toda sua vida, contínuas revisões. Isso quer dizer que o que está escrito, inclusive sua sátira, e o como está escrito se encontram não por acaso, mas são frutos de intenção deliberada.

---

<sup>138</sup> ERASMI, p. 484. Carta 241, de Erasmo a Rogério Wentford, de 1511. “Quanquam ego meae famae magis arbitror interesse, si neque edantur ista neque transcribantur a quoquam, nisi summo labore eliminata; quem ego odi cane peius et angue, maxime cum videam hinc nihil recipi fructus praeter lippitudinem, senium praematurum, esuritiones ac paulum modo gloriae cum plurima invidia coniunctum.” \*Rogério Wentford: Dirigiu a escola de Santo Antônio, que na época era uma das melhores de Londres. Wentford permaneceu um amigo seguro para Erasmo, que escreveu-lhe algumas cartas.

<sup>139</sup> ERASMI, p. 531. Carta 273, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Ad Hieronymum emendandum et scholiis illustrandum ita mihi fervet animus ut afflatus a deo quopiam mihi videar.”

<sup>140</sup> ERASMI, p. 15-16. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Quamquam nos ipsi in nostras lucubrationes censores agimus, multaque in his quae vertimus ex Graecis emendavimus, idem facturi donec vixerimus.” \*Lucubração (*lucubratio*): Trabalho prolongado e paciente feito à noite e à luz; trabalho feito ao serão; e, por extensão, significa cogitação profunda, meditação grave, elucubração, insônia, vigília.

Porém, nem sempre Erasmo pode fazer todas as correções que deseja em suas obras - e nas dos outros - ou mesmo acompanhar todas as suas impressões, como neste exemplo:

Enviei-te minhas nugas, já impressas há um ano, e os carmes de Guilherme, nos quais te incomodarás com alguns erros. Sucede, porém, que em ambas as impressões eu sofri uma enfermidade adversa, fato pelo qual não pude corrigi-los. Mas tu os observarás facilmente.<sup>141</sup>

Se Erasmo não pode, como neste caso, corrigir sua obra é devido a um motivo alheio à sua vontade, o que evidencia, desde o início, seu extremo zelo com suas publicações.

Denominando ironicamente seus escritos de nugas, lucubrações, libelos, livretos, nêbias, vigílias e termos similares, Erasmo afirma que prefere publicá-los mesmo assim, continuamente revisando-os, a nada publicar ou a publicar tarde demais um assunto que o momento exige com urgência. É o que ele censura em seus opositores que nada publicam de útil ou que publicam muito tarde ou com muitos erros, preferindo nesse meio tempo criticar aqueles que ousam escrever.<sup>142</sup> Na verdade, ironicamente Erasmo se serve dessa linguagem figurada - pois suas obras não são nugas mas, contrariamente, são instrumentos privilegiados em sua tarefa educativa - exatamente para continuar vivo e presente junto a seu público leitor e inteiro junto a seus opositores.

Tal é a preocupação de Erasmo com as correções que por vezes são realizadas quase de uma só vez. “Porque eu, uma vez que ataquei [o tema], absorvo-o num curso quase contínuo, e em nenhuma vez eu não pude destruir o aborrecimento de corrigir.”<sup>143</sup> Isto quer dizer que não só a elaboração, mas também, e talvez principalmente, as correções de suas obras custam vigílias a Erasmo, já que ele pretende muitas vezes terminá-las quase de uma só vez. Não é sem razão, portanto, que ele as denomine lucubrações ou vigílias. Isto quer dizer, também, que, disposto a corrigir-se, ele procura vencer o aborrecido trabalho de correção.

O rigor da correção de Erasmo é tanto que diz aplicar a si aquilo que escreveu Platão, de que quanto mais se apressa no início mais se chega atrasado no final. “Porque, tendo sido

---

<sup>141</sup> ERASMI, p. 167. Carta 052, de Erasmo a João Mauburn, de Paris, de 1497. “Misi ad te tum meas nugas ante annum impressas et Guillelmi carmina, in quibus aliquot mendas offendes. Evenit enim ut in utraque impressione adversa valetudine laborarem; quo factum est ut castigare nequiverim. Sed tu facile animadvertes.” \*João Mauburn: Nascido em Bruxelas e educado em Utrecht, foi cônego regular de Santo Agostinho. Ele tomou parte ativa na reforma da congregação em Windesheim e na abadia de São Severino. Em 1501 tornou-se abade de Livry, perto de Paris, novamente reformada por seu impulso e morreu em Paris em 29 de dezembro do mesmo ano. \*Guilherme é William Herman.

<sup>142</sup> ERASMI, p. 38. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Libelo: *Libellus* em latim significa tanto opúsculo, livreto, pequeno livro (como aqui) quanto artigo ou escrito de caráter satírico (como alhures).

<sup>143</sup> Id., Ibid., p. 03. “Ego quod semel aggressus sum, fere perpetuo curso absolvo, nec castigandi taedium unquam devorare potui.”

precipitada a edição, a própria coisa me coage por vezes a recomençar a obra da cabeça até o calçado.”<sup>144</sup> Recomeçado por vezes da cabeça aos pés, isto é, do princípio ao fim, o conteúdo exposto por Erasmo não é produzido aleatoriamente, mas é resultado de um contínuo esforço de reflexão e de revisão radicais. Podemos aduzir daí que aquilo que ele escreve e como escreve tem uma intenção bem definida. Reafirmamos, em novo patamar, que o conteúdo das suas obras é premeditado, pois é fruto de contínuas revisões, portanto, também o estilo satírico o é. A sátira põe-se então como algo quisto como resultado de uma intenção, sendo as mesmas retomadas e enriquecidas a cada revisão.

Erasmo evidencia seu maior apreço pelo trabalho de revisão ao comparar uma nova edição de uma obra com a idéia de perfeição.

Pelo contrário, assim como nós mesmos sempre agimos enquanto vivemos para nos tornamos melhores, quão não menos cessaremos de devolver nossas lucubrações com mais limas e mais locupletações, quanto deixaríamos de viver. Do mesmo modo que ninguém é tão bom que não possa se tornar melhor, assim nenhum livro é tão elaborado que não possa se tornar mais perfeito.<sup>145</sup>

De fato, o trabalho de revisão das suas obras é parte integrante da vida de Erasmo numa busca contínua e nunca satisfeita da perfeição que raia para muitos os limites do perfeccionismo, mas que, contrariamente, entendemos como decorrente de seu princípio de vida, qual seja: ferrenha e conseqüente busca da piedade (letras divinas) e da virtude (letras humanas), e permanente postura de serviço (utilidade, moral).

Entretanto, correção não quer dizer defeito. Quando re-experimenta um assunto, Erasmo afirma para João Colet que isso não significa que tenha mudado de opinião ou esteja agora melhor instruído que antes, pelo contrário, depois de exposto o conflito, o que estava desorganizado ele pode então expô-lo um pouco mais digerido e mais munido.<sup>146</sup> Daí que as contínuas revisões de Erasmo são aprimoramentos da mesma idéia inicial. De idêntico modo, a

---

<sup>144</sup> Id., Ibid., p. 03. “Nam aeditione praecipitata res ipsa me cogit nonnunquam totum opus a capite usque ad calcem retexere.” \*Precipitada (*praeceptata*): Terminada, mas de uma forma muito apressada.

<sup>145</sup> Id., Ibid., p. 37-38. “Imo quemadmodum ipsi semper hoc agimus dum vivimus, ut nobis ipsis reddamur meliores, ita non prius desinemus nostras lucubrationes elimatiores ac locupletiores reddere, quam desierimus vivere. Quemadmodum nemo tam bonus est quin possit fieri melior, ita nullus liber tam est elaboratus quin reddi possit absolutior.” \*Sobre as inúmeras obras de Erasmo e sobre aquilo que ele fala acerca do seu trabalho de revisão delas, cf. ainda: Carta a João Botzheim, p. 09, 12, 13, 14, 16, 33, 34, 42, 43; Carta 071, p. 199; Carta 126, p. 293-294; Carta 152, p. 356-357; Carta 167, p. 377-378; Carta 173, p. 382; Carta 188, p. 417-420; Carta 192, p. 423-424; Carta 208, p. 439-440; Carta 269, p. 521, 522, 525; e Carta 278, p. 537.

<sup>146</sup> ERASMI, p. 250. Carta 109, de Erasmo a João Colet, de 1499. \*Erasmo está debatendo com João Colet sobre questões bíblico-teológicas. Depois disso, ele passa a comentar com Colet sobre sua interpretação à tristeza de Cristo frente à morte no Jardim das Oliveiras.

sua sátira que não é eventual, mas intencional, corrigida, re-corrigida e aperfeiçoada por contínuas revisões é a mesma sátira original com nova roupagem.

Apesar da postura de correção estar tão solidamente enraizada em seu espírito, Erasmo pode dizer que “Contudo, durante essas coisas nada de novo me veio à mente e não me arrependi de nada daquilo que eu disse.”<sup>147</sup> O que Erasmo diz é deliberadamente dito, por isso não há razões para se arrepender do que e como se disse. Ou seja, não há porque se arrepender de ser satírico, pois a sátira lhe é deliberada, intencionalmente pedagógica.

## 2.2 SÁTIRA E NATUREZA

Nesta segunda subdivisão buscamos comprovar que Erasmo é satírico por natureza, produzindo uma sátira intencionalmente pedagógica.

Primeiramente, é preciso desvendar a alma de Erasmo. Nessa perspectiva, na segunda carta escrita a Servatius Rogerus, ao se preocupar tanto com os problemas do amigo a ponto de esquecer os seus, servindo-se de uma citação de Juvenal, Erasmo apresenta a analogia entre a alma e o semblante, ou seja, o rosto como imagem dos sentimentos da alma. “Que depreendas os tormentos da alma latentes no corpo doente, que depreendas também as alegrias, dali a face assume um e outro aspecto.”<sup>148</sup> A linguagem corporal é expressão da alma, pois o corpo sofrido revela as suas dores e o rosto humano revela o que vai à alma, tanto as dores, quanto as alegrias, pois é próprio do rosto conter esses dois aspectos, ou seja, o semblante fala por si mesmo, uma linguagem sem palavras, expressão física de um sentimento. Nem tudo é dito verbalmente, visto que o corpo tem sua linguagem própria. Essa é uma linguagem que Erasmo explora à vontade, quer a expondo quer a expressando através, por exemplo, de seu riso zombeteiro. Do mesmo modo, a sátira lhe sai pelos poros, primeiramente o riso, depois os gestos e, em seguida, as palavras.

Ao buscar ler a alma de Erasmo começamos por sua aversão natural pelas letras não amenas. “Ele, porém, cuidou para que o menino fosse livremente educado e com apenas quatro

---

<sup>147</sup> Id., Ibid., p. 250. “Mihi tamen inter haec neque novi quicquam in mentem venit neque cuiusquam quod dixerim poenituit.”

<sup>148</sup> ERASMI, p. 78. Carta 005, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Depreandas animi tormenta latentis in aegro / Corpore, depreandas et gaudia, sumit utrunque / Inde habitum facies.” \*D. Júnio Juvenal (c. 50/60 - 135/140): Escritor romano, que passou das declamações retóricas à poesia satírica, compondo 16 *Sátiras*, as quais foram divididas em 05 livros. Erasmo está citando Juvenal IX, 18-20. Esta analogia é semelhante a da alma e o rosto, da carta 014 (p. 88) de Erasmo a Francisco Theodoric.

anos de idade colocou-o na escola. E nos primeiros anos ele progrediu o mínimo nessas letras não amenas, para as quais não tinha nascido.”<sup>149</sup> É Erasmo relatando que seu pai Geraldo cuidou para que freqüentasse a escola desde cedo. E na escola se revelou o que a sua natureza abomina: as letras não amenas, isto é, a educação tradicional, baseada em manuais de gramática. A sátira de Erasmo expressa o desenvolvimento da sua natureza contra essas letras e a favor das boas letras clássicas e divinas.

Mesmo abominando as letras não amenas, “[...] e também pelas proibições dos mestres, e furtivamente, nos livros, se algo fosse obtido por acaso, hauri tudo o que pude [...]”<sup>150</sup> Isto pode significar que a educação severa que Erasmo tem em sua infância influencia como antípoda em seu estilo, ou seja, quanto maiores as proibições tanto mais tira secretamente dos livros tudo o que o acaso lhe proporciona. Assim, seu espírito satírico, que faz parte de sua natureza, é reforçado pelas lacunas deixadas pela educação tradicional recebida, como a sátira encontrada nos livros de Juvenal e Luciano.

É que Erasmo se sente livre por natureza, aliás, uma natureza apta para ensinar. De tal modo, afiançando a Servatius Rogerus que não perdeu a afeição pelo amigo, e utilizando a analogia entre as oportunidades de vida e a natureza, ele testemunha: “Eu queria que os fados permitissem esta liberdade de vida que a natureza me conferiu; de longe a experimentarias mais prontamente a ensinar que a receber.”<sup>151</sup>

Ora, tal liberdade de vida, que faz Erasmo abominar as letras não amenas, é como uma força oculta da natureza que o empurra para seu averso, isto é, para as boas letras. “Destituído disso tudo, eu era arrastado para as boas letras como uma força oculta da natureza [...]”<sup>152</sup> Essa tendência natural de Erasmo para as boas letras é a mesma que o torna essencialmente satírico, detentor de uma sátira singular, que o diferencia dos demais sátiros e que deriva naturalmente da sua própria forma de ser, de pensar e de agir.

---

<sup>149</sup> ERASMI, p. 48. *Compendium Vitae Erasmi*, de 1524. “Puerum autem curavit liberaliter educandum et vix quatuor annos egressum misit in ludum litterarium. Ac primis annis minimum proficiebat in litteris illis inamoenis, quibus natus non erat.” \*Geraldo (Geert): Natural de Gouda, nono filho, que com Margarida (Margarete) teve dois filhos: Pedro Geraldo e Erasmo.

<sup>150</sup> ERASMI., p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] ac interminantibus etiam magistris furtim e libris, si quid forte nactus fuisset, hausi quod potui [...]”

<sup>151</sup> ERASMI, p. 85. Carta 011, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “Vellem eam mihi vitae libertatem fata sinerent quam natura contulit; longe ad docendum quam ad accipiendum experirere promtorem.”

<sup>152</sup> ERASMI., p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “His omnibus destitutis, tamen velut occulta naturae vi rapiebar ad bonas literas [...]”

Como decorrência da disposição natural para as boas letras, Erasmo se sente inclinado não para a polêmica, mas para o jogo inofensivo. É o que ele revela para João Botzheim: “Eu odeio dissídios cruentos, e sou tomado mais por inofensivos jogos, como se para isso eu tivesse nascido. Então, estou cômico quão provavelmente Hércules postula essas coisas e quão pequeno pigmeu eu sou.”<sup>153</sup> Erasmo afirma sua posição de contrariedade a qualquer tipo de polêmica porque sua natureza não é feita para isso. Em lugar da violência ele se acha inclinado para o jogo, para o passatempo, para a brincadeira, para o divertimento, em outras palavras, para a sátira e não para a mordacidade. E por isso, servindo-se da mitologia, cabe-lhe perfeitamente o direito à ironia, de que, considerando-se e sendo de fato um grande homem como Hércules, apresente-se a seus opositores como pigmeu.

Acima de tudo, sua natureza, voltada para o lúdico ensino das boas letras, Erasmo a atribui à graça divina. “Estas e muitas outras coisas que eu ensinei conforme o módulo da graça que me foi concedida, constantemente ensinei, não importunando a ninguém que ensinasse melhor. E Erasmo nada ensinou exceto a eloquência.”<sup>154</sup> É isto que a sátira de Erasmo ensina, pela natureza e ajuda que Deus lhe deu, dizer a verdade sem bajular a ninguém, sem a ninguém invejar e sem a ninguém ferir. Ele só quer ensinar a eloquência, isto é, a arte de bem falar e de bem escrever; ele só quer o que for melhor para os homens.

Outro aspecto a ser considerado nesta categoria é que Erasmo é de natureza frágil. William Warham diz que se é necessário desejar saúde a pessoas saudáveis, muito mais convém desejá-la ao doente Erasmo e que já há muito tempo deseja vê-lo curado de seus cálculos renais, pois restam egrégias obras para Erasmo publicar o que não conseguirá a menos que esteja bem de saúde. “Cuida para que estejas bem de saúde, para que com tua doença não defraudes a belíssima esperança e o dulcíssimo fruto de tua doutrina.”<sup>155</sup> Esse é o desejo expresso por um mecenas para que Erasmo tenha boa saúde, o que confirma a sua natureza frágil. Tudo para que ele possa continuar a produzir eficazmente sua doutrina, belíssima esperança de todos!

Também Erasmo confirma a fragilidade de sua natureza física, nada apta, por exemplo, à vida monacal.

---

<sup>153</sup> Id., Ibid., p. 35. “Odi cruenta dissidia, lusibus innoxiiis magis capior, velut huc natus. Tum probe mihi conscius sum quantum Herculem haec res postulet, et quantulus ego sim pygmaeus.”

<sup>154</sup> Id., Ibid., p. 29-30. “Haec aliaque permulta, quae pro modulo gratiae mihi datae docui, constanter docui, non obstrepens cuiquam qui doceret meliora. Et Erasmus nihil docuit nisi eloquentiam.”

<sup>155</sup> ERASMI, p. 550. Carta 286, de William Warham a Erasmo, de 1514. “Cura ut valeas, nec non defraudes aegritudine tua pulcherrima spe et dulcissimo fructu doctrinae tuae.” \*Defraudar (*defraudare*): Tirar fraudulentamente, espoliar, fraudar.

[...] vinha-me à mente a debilidade do corpo, que já se encontra aumentada pela idade, pelos morbos e pelos trabalhos, a qual faz com que nem eu vos satisfaça e que a mim próprio matará. Já por vários anos estou sujeito ao cálculo, um mal certamente grave e funesto. Já por vários anos nada bebo senão vinho, e não qualquer vinho, e isso coagido pela doença. Não tolero qualquer alimento, e nem mesmo qualquer clima. Ora, esta doença facilmente recorrente requer a máxima moderação de vida; e eu conheço o clima dos holandeses, conheço o sistema de vosso gênero de vida, para não dizer nada sobre os costumes.<sup>156</sup>

Quanto ao caráter, existem diversas características naturais de Erasmo. Por exemplo, depois de dizer que Ammonio o chamara de “santíssimo”, mas, não sem injúria ao sumo pontífice; de devolver-lhe um “fortíssimo”, um epíteto que mais corretamente se ajusta a um soldado e a um vencedor; de narrar-lhe que João Lorraine ambicionava não grandes mas simples episcopados, coisa que tomara que acontecesse porque este parece ser de coração amigo e sincero; e de contar-lhe que há vários meses vive uma vida de caracol, e, contraído e escondido em sua casa, murmura em seus estudos, ele acrescenta: “A solidão aqui é grande; quase todos se afastam por medo da peste; se bem que quando todos estão presentes, então, há igualmente solidão.”<sup>157</sup> Tais são os sentimentos e as características do caráter natural de Erasmo: quando recebe um elogio, ironiza; quando elogia, é ao mesmo tempo irônico e sincero; são homens como Lorraine que ele pretende que sejam dirigentes da Igreja; ele prefere acima de tudo a solidão da produção das letras e, mesmo estando em presença dos demais, continua só. Esse sentimento, devidamente compreendido, ajuda a explicar sua liberdade satírica.

Aliás, uma característica básica do caráter de Erasmo é a valorização do sentimento. Na terceira carta a Servatius, ele apresenta uma lamentação que se repete amiúde no decorrer de sua correspondência: “Há muito tempo tu prometeste enviar uma única carta para mim, eis que nesse intervalo ingente, tu nem escrevestes coisa alguma nem dizes nada.”<sup>158</sup> Esse aparente sentimentalismo é constante em Erasmo, principalmente quando é mais jovem. Isso, se por um lado pode dificultar o preciso significado das palavras, por outro explica que faz parte de sua natureza ser aparentemente sentimental, pois ele se joga por inteiro nos acontecimentos.

---

<sup>156</sup> ERASMI, p. 567. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “[...] succurrebat corporis imbecillitas, quae iam aetate et morbis ac laboribus aucta est, quae facit ut nec vobis satisfaturus essem et meipsum occiderem. Iam annis aliquot obnoxius sum calculo, gravi sane malo et capitali. Iam annis aliquot nihil bibo nisi vinum, neque quodvis vinum, idque cogente morbo. Non fero quemvis cibum, nec coelum quidem quodlibet. Nam morbus hic facile recurrens maximam postulat vitae moderationem; et novi coelum Hollandicum, novi victus vestri rationem, ut de moribus nihil dicam.” \*Morbo (*morbus*): Aqui, quer dizer doença, mas significa também estado patológico.

<sup>157</sup> ERASMI, p. 542. Carta 282, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Magna hic solitudo; absunt pestilentiae metu plerique; quanquam cum adsunt universi, tum quoque solitudo est.”

<sup>158</sup> ERASMI, p. 79. Carta 006, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Spondebas enim te unas ad me litteras daturum quamprimum, et ecce intervalum ingens, nec tu scribis quicquam nec loqueris quicquam.”

Tal simulacro de sentimentalismo de Erasmo explicaria seu costume de reclamar: “Tu sabes, com efeito, que sou infortunado em muitas coisas.”<sup>159</sup> Essa atitude de Erasmo de reclamar, neste caso contra a sorte, é mais comum do que se possa imaginar. Mas é preciso notar que a reclamação contra a fortuna, a falta de dinheiro, os problemas de saúde, as circunstâncias desagradáveis etc., não vem só e sim num contexto, utilizada normalmente como reforço a um argumento qualquer pretendido. Portanto, a reclamação de Erasmo não é lamúria, mas recurso de linguagem utilizado por ele como complemento de uma idéia a defender ou a combater.

O próprio Erasmo reconhece seu mau gênio. Ao afiançar para Martin que, melhor de saúde, recuperou sua cor e seu ânimo, ele explica porque deixou invito a Dordrecht, invito a Holanda, e invito permanece em Bruxelas: “Meu mau gênio, eu creio, que me exaure aqui os bolsos sem fruto.”<sup>160</sup> Erasmo conhece suas limitações. O mau gênio significa certamente a doença que o consome, mas também o mau humor que acompanha o sofrimento prolongado e até mesmo um temperamento difícil. Porém, o que o incomoda mais não são as dores físicas ou emocionais, mas o fato de permanecer em um lugar onde nada se faz de produtivo. Contrariamente, o mau gênio é a ânsia natural de ação que faz o arrojo de Erasmo e de sua sátira.

Contudo, mau gênio não significa natureza vingativa, o que fica evidente quando Erasmo conta a João Botzheim o fato do roubo de seu dinheiro em Dover, revelando seu caráter não vingativo.

E então, para que a expectativa deles se enganasse e, muito pelo contrário, declarasse não ser eu tão iníquo que por um caso privado imputasse o país; ou tão insensato que por causa de uma perda tão pequena, contra mim ou contra meus amigos, os quais eu deixara na Inglaterra, provocasse a ira de um tão grande príncipe; e ao mesmo tempo para que atestasse a meu querido Mountjoy que para mim nada afetaria a amizade de modo diferente do que eu era afetado antes disso; vi em seguida alguma coisa para publicar.<sup>161</sup>

Quem espera de Erasmo a revanche se engana, quem acredita que suas desventuras particulares vão fazê-lo voltar-se contra os outros também se engana. Ele responde à injustiça sofrida com a publicação dos *Adágios*, preserva os amigos, poupa as instituições e não quer provocar a ira dos grandes. Sua sátira não se propõe a ser uma forma pessoal de vingança.

---

<sup>159</sup> ERASMI, p. 566. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Scis enim me multis in rebus infortunatum esse.”

<sup>160</sup> ERASMI, p. 203. Carta 076, de Erasmo a Martin, de 1498. “Malus credo genius meus, qui mihi loculos hic sine fructu exhaurit.” \*Martin é Mestre Martin, que devia ser ligado a um dos irmãos do pai de Erasmo, e que era um médico que tinha contato com o mosteiro de Steyn ou residiu em Gouda.

<sup>161</sup> ERASMI, p. 16-17. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Ut igitur et illorum expectationem fallerem, imo potius declararem me non esse tam iniquum ut privatum casum imputarem regioni, aut tam incogitantem ut ob iacturam tantulam vel in me vel in amicos, quos in Anglia reliqueram, provocarem tanti principis iram, simulque Montioio meo testatum facerem me nihilo secius affectum esse in amicitia quam antea fueram affectus, visum est protinus aliquid aedere.”

Não só Erasmo não é vingativo, como naturalmente se aborrece com toda maledicência. “Diante de fatos tão numerosos e conhecidos do vulgo, por acaso, eu não poderia ser eloqüente, a menos que meu engenho aborrecesse veementemente a maledicência?”<sup>162</sup> Portanto, Erasmo só é eloqüente porque sua natureza detesta a maledicência.

Na verdade, o gênio de Erasmo é amoroso. “Eu sou de tal engenho que poderia amar até um judeu, contanto que ele seja de outro modo um comensal conveniente e amigo, e nem diante de mim vomite blasfêmias contra Cristo.”<sup>163</sup> O que Erasmo diz parece não ser mentira, ele não está querendo ludibriar para evitar críticas, essa é sua qualidade natural, é sua natureza. E esse seu caráter o faz capaz de amar até os piores inimigos da religião - religião que para ele é o que existe de mais sagrado -, com uma única condição, que não blasfemem. Se perdermos esta perspectiva, perderemos o sentido de sua sátira: profundo amor pelos homens, amor absoluto a Deus e, por amor a Deus, amor tolerante até por um ateu.

Por ser amoroso, é da natureza de Erasmo estimular aos outros, a começar pelos amigos. Depois de congratular-se com João Colet por este ter retornado aos santíssimos e salubérrimos trabalhos da pregação, Erasmo completa: “Eu penso, com efeito, que aquela pequena cessação haverá também de ser vertida em bem, visto que eles ouvirão mais ávidos a voz que desejaram por algum tempo.”<sup>164</sup> Esse é o estímulo amigo de Erasmo a quem porventura pensa em soçobrar, é o estímulo a si próprio quando pensa em desistir, é o elã natural que perpassa a sua teimosa insistência produtiva.

Mesmo que seja da natureza de Erasmo estimular aos outros, não lhe é peculiar, contudo, adular a ninguém. Assim, depois de se alegrar porque os negócios de Ammonio prosperaram levados pelo vento e pela vaga, não porque o sucesso atingiu o amigo, mas porque ele o merece, Erasmo confessa: “Eu temeria que eu parecesse fazer carícias a tua felicidade, se eu não soubesse que tu reconheces claramente meu caráter, que nem mesmo aos sátrapas costume adular.”<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Id., Ibid., p. 28. “Ego in tam multis et vulgo notis na non potuissem esse disertus, nisi meum ingenium vehementer abhorreret a maledicentia?”

<sup>163</sup> Id., Ibid., p. 17. “Tali sum ingenio ut vel Iudaeum amare possim, modo sit alioqui commodus victor et amicus, nec me coram blasphemias evomat in Christum.”

<sup>164</sup> ERASMI, p. 537. Carta 278, de Erasmo a João Colet, de 1513. “Arbitror enim cessatiunculam illam in bonum etiam versum iri, dum avidius audient cuius vocem aliquandiu desyderarunt.” \*Pequena cessação: João Colet havia interrompido por algum tempo seu trabalho de pregação e agora o retomara.

<sup>165</sup> ERASMI, p. 544. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Subvererer ne tuae felicitati blandiri viderur, ni nossem tibi satis perspectum esse ingenium meum, qui ne satrapis quidem soleam assentari.” \*Sátrapa (*satrapa*): Que era o governador de província na Grécia antiga, significa homem déspota, dominador, poderoso.

Quem conhece Erasmo a fundo sabe que é de sua natureza não adular. Contrariamente, sua linguagem laudatória é pedagógica, como sua sátira.

Outra característica do caráter de Erasmo é ser prático. Ao aceitar ajuda de Agostinho Caminadus para que termine sua obra, ele assim se expressa: “Mas, se não podes o que queres que tu queiras o que podes.”<sup>166</sup>

Em síntese, mesmo que de um lado da moeda se possa ver um Erasmo de saúde frágil, intolerante, reclamador ou de mau gênio, mas de modo aparente e com atenuantes, o outro lado da moeda revela um Erasmo naturalmente jocoso, divertido, brincalhão, não vingativo, amoroso, solidário, de espírito prático, irônico, satírico. Desse modo não é sem toda razão que Aloïs Gerlo apresenta um Erasmo imortalizado por Holbein pelo seu fino sorriso. De fato, Erasmo não precisa forçar para sorrir, para ser satírico, isso lhe é natural. Mesmo que por vezes esteja apenas representando, malgrado seu temperamento difícil e apesar de sérios problemas de saúde, se ele não deixa de ter um riso fácil, isso é fruto de sua atitude brincalhona frente à vida e aos homens, exatamente pela seriedade de seu propósito. É que na natureza de Erasmo há o predomínio do lúdico e do satírico sobre o sério, uma sátira naturalmente lúdica e intencionalmente pedagógica.

### 2. 3 SÁTIRA, DESAPEGO, HUMILDADE, VERDADE E SINCERIDADE

Nossas hipóteses aqui são a de que, como expressão de sua natureza, o desapego de Erasmo lhe garante a livre sátira, e a de que a sua humildade, verdade e sinceridade não lhe permitem uma sátira destrutiva, posto que quem seja humilde, verdadeiro e sincero não intenciona ofender e sim pedagogicamente construir.

Quanto à questão do desapego, começemos com o dilema da sobrevivência. Exposto pelo próprio Erasmo, temos aqui o dilema da sobrevivência entre buscar a fortuna ou viver desapegadamente “Ó mendicidade! Tu já ris bastante eu sei. Mas, eu odeio a mim mesmo, e decidi fortemente ou obter alguma fortuna que me livre dessa mendicância ou imitar

---

<sup>166</sup> ERASMI, p. 317. Carta 136, de Erasmo a Agostinho Vincente Caminadus, de 1500. “Vero, si id non potes quod vis, id velis quod possis.” \*Agostinho Vincente, dito Caminadus: Letrado suíço que ganhou a vida como preceptor e conferencista de publicidade para os livreiros. Na época do Renascimento, os livreiros organizavam conferências para fazer conhecer seus livros. Agostinho apresentou *Os adágios* de Erasmo de 1500 e 1505. Ele deu alguma ajuda material a Erasmo e em troca recebeu dele alguns textos para o ensino o que originou dificuldades entre ambos. Erasmo escreveu-lhe várias cartas.

absolutamente a Diógenes.”<sup>167</sup>. Aparentemente parece que Erasmo vacila, mas, na verdade, ele está satirizando a mendicância e, ao mesmo tempo, sendo irônico, visto que na prática opta por não se deixar levar pela bajulação a fim de conseguir patronos, nem por buscar riquezas, mas por defender sua liberdade.

O dilema da sobrevivência pode ser inferido, em outro exemplo, quando Erasmo escreve a Ammonio que, por mais gravíssimo que seja o peso da pobreza, sobretudo no limiar da difícil velhice, ele é movido mais pela vergonha que pela escassez; e que, porquanto isso também lhe cause dor, tal pobreza deve ser suportada, pois se nasceu para esses fatos, não é próprio dele se bater contra os deuses.<sup>168</sup>

Na verdade, a necessidade é um peso para Erasmo, como aparece na carta a Ana de Veere na qual ele comenta sobre a dureza da vida: “Eu poli a minha face contrariamente ao meu costume, contrariamente ao meu engenho e contrariamente àquilo que causa o pudor das virgíneas letras; mas, como se diz, a necessidade é um duro dardo.”<sup>169</sup>

Erasmo responde a necessidades da vida odiando, aparentemente, sua sorte e disfarçando a escassez de fortuna: “Ora, por este nome eu até odeio muitíssimo minha fortuna, porque ela não me permite ser vergonhoso. Todas as vezes que as forças agüentarem, agrada-me dissimular a escassez.”<sup>170</sup> Custa a Erasmo sua condição de dependência financeira porque lhe é vergonhoso pedir, já que não quer ser bajulador para superá-la. Por isso, ele procura dissimular seu estado de pobreza, para não ser motivo de piedade alheia e para ter a liberdade necessária para produzir suas obras, mormente satíricas.

Na realidade, trata-se de um jogo da própria fortuna e nesse jogo Erasmo apresenta a medida da riqueza, tanto aos outros quanto a si:

Porque tu advertes seriamente para que eu ambicione a fortuna, reconheço o conselho verdadeiro e amigo e o experimentarei, embora com o espírito veementemente reclamante e pressagiador de nada de próspero e alegre. Se eu me expusesse ao jogo de dados da fortuna, utilizasse a lei do jogo e consultasse bem a repulsa, eu não deixaria de

---

<sup>167</sup> ERASMI, p. 467. Carta 227, de Erasmo a João Colet, de 1511. “O mendicitatem! iam rides, sat scio. At ego meipsum odi, planeque decretum est aut aliquam nancisci fortunam quae me ab his mendicabulis eximat, aut prorsus Diogenem imitari.” \*Diógenes de Sinope (413 – 327 a.C.): O mais conhecido dos cínicos, considerado o Sócrates Enlouquecido, o cão mordedor, herói de numerosas anedotas ilustrativas de seu desprezo pelo mundo. Ele andava descalço, dormia debaixo dos pórticos embrulhado em sua única e paupérrima capa e tinha por habitual domicílio um tonel.

<sup>168</sup> ERASMI, p. 544. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513.

<sup>169</sup> ERASMI, p. 345. Carta 145, de Erasmo a Ana de Veere, de 1501. “Perfricui faciem contra morem meum contraque ingenium, contra virgineum illum literarum pudorem; sed, ut ait ille, durum telum necessitas.”

<sup>170</sup> ERASMI, p. 479. Carta 237, de Erasmo a João Colet, de 1511. “Atqui hoc nomine vel maxime odi fortunam meam, per quam non liceat esse verecundum. Cum vires ferrent, libebat dissimulare inopiam.”

saber de que este é o jogo da fortuna, que erige a uns e rejeita a outros segundo lhe agrada. [...] A benignidade da fortuna para com os outros, por mais indignos que sejam, não me crucia nem mesmo um tantinho, de tal modo Deus me ame; porém o teu sucesso e o dos iguais a ti me causam um verdadeiro e não vulgar prazer. Enfim, se eu fosse chamado para o cálculo e para a razão dos méritos, julgo que esta mesma fortuna está acima da que mereço. Pois eu me meço pelo meu próprio pé, não por teus elogios.<sup>171</sup>

Mesmo parecendo ceder aos amigos e às circunstâncias, Erasmo sabe-se adverso à busca de riquezas. Contudo, se não a deseja para si ou para aqueles que são indignos dela, ele a anseia para seus amigos. Quanto a si, está contente com seu quinhão, julgando sua sorte não pelos louvores que lhe fazem, mas por sua auto-avaliação. Ele coloca-se como sua própria medida, sentimento apropriado a quem se considera livre. Liberdade para a vida, liberdade para a sátira.

Com efeito, Erasmo não é ambicioso por riquezas. Nessa perspectiva, do relato que ele faz sobre sua tradução de *Hécuba*, de Eurípides, dedicada a William Grocyn, destacamos quatro passagens: quanto à dedicação da obra: “Depois, quando eu voltei à Inglaterra, atraído pelas cartas dos amigos e por montanhas de ouro, como dizem [...]”<sup>172</sup>; quanto à expressão usada por Grocyn: “[...] Porque assim, disse ele, vós estais habituados, significando ser isso costume de homens de nossa farinha”<sup>173</sup>; quanto a sua pessoa: “[...] um homem de forma alguma multíloquo ou ambicioso [...]”<sup>174</sup>; e quanto a sua posição: “[...] tanta era, então, minha soberba em tão tênue fortuna.”<sup>175</sup> Deveras, à época de Erasmo, é comum os autores escreverem suas obras pensando em receber volumosas quantias, mas não ele, a despeito de também buscar proventos para poder continuar seu trabalho das letras. Realmente, Grocyn tem razão em dizer que “*homens de nossa farinha*” estão acostumados a produzir pensando em recompensa, pois muitos autores buscam o patrocínio dos mecenas com pretensões financeiras, mas não ele, mesmo que também tenha buscado proteção de mecenas e dedicado suas obras aos grandes. Se as duas primeiras afirmações parecem indicar, mas não indicam, que tenha produzido por interesse financeiro, as outras duas

---

<sup>171</sup> ERASMI, p. 543. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Quod serio mones ut fortunam ambiam, agnosco verum et amicum consilium et experiar, tametsi vehementer animo reclamante nihilque prosperum ac laetum praesagiente. Si me fortunae aleae exposuissem, uterer lege lusus et repulsus boni consulerem, non ignarus hunc esse fortunae ludum, ut alios erigat, alios reiciat, utcumque lubitum est. [...] Nec me vel tantillum cruciat fortunae benignitas in alios, quantumvis indignos, ita me Deus amet; tui vero tuique similium successus veram ac non vulgarem adferunt mihi voluptatem. Denique si ad meritorum calculum ac rationem vocandus essem, hanc ipsam fortunam puto supra meritum esse. Metior enim ipse me meo pede, non tuis laudibus.”

<sup>172</sup> ERASMI, p. 04. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Deinde ubi literis ac montibus, quod aiunt, aureis amicorum plectus redissent in Angliam [...]”

<sup>173</sup> Id., Ibid., p. 05. “[...] Quia sic, inquit, soletis vos, significans id solere fieri a nostrae farinae hominibus.”

\*William Grocyn (1446 – 1519): Erasmo o chamava de Guilherme. Humanista inglês, um dos primeiros a ensinar o grego em Oxford, ele foi amigo de Erasmo, considerado por este como aquele que ocupava o primeiro lugar entre todos os sábios da Inglaterra.

<sup>174</sup> Id., Ibid., p. 05. “[...] hominem minime multiloquum aut ambitiosum [...]”

<sup>175</sup> Id., Ibid., p. 05. “[...] tanta tum erat in tam tenui fortuna superbia.”

evidenciam claramente quem ele diz realmente ser, ou seja, alguém desapegado das riquezas. Ele não é uma pessoa que fala muito, independentemente de escrever tanto, e muito menos ambiciosa. Ele não produz tanta obra por ambição, mas por fidelidade a sua proposta de educar os homens. A despeito das condições financeiras adversas, seu orgulho é de que, ao oferecer uma obra a alguém, mesmo que, normalmente, dedique a uma pessoa influente ou poderosa, que busque proventos ou que tente agradar, isso sirva de instrumento para a mudança de comportamento da pessoa a quem é dedicada, como forma de corrigir os costumes.

Uma prova do desapego de Erasmo a riquezas é que só concorda em receber prebendas se forem dadas espontaneamente:

O arcebispo de Cantuária, primaz de toda a Inglaterra e chanceler desse reino, homem douto e probo, abraçou-me de tal maneira que, se fosse um pai ou um irmão, não poderia ser mais amante. E, que entendas que ele faz isso de coração, ele me deu um sacerdócio de quase cem nobres, que depois, com meu consentimento, mudou numa pensão de cem coroas desde minha renúncia; para a qual deu, como dom, mais de quatrocentos nobres em pouquíssimos anos, e isto sem que nada alguma vez fosse pedido. Em apenas um dia ele deu cento e cinqüenta nobres.<sup>176</sup>

William Warham, o arcebispo de Cantuária, mecenas de Erasmo, dá-lhe uma prebenda “*ex animo facere*”, isto é, feita de seu ânimo, de boa vontade, de seu livre desejo; o que muda depois para uma pensão “*volante me*”, isto é, com o consentimento de Erasmo, mas sem que ele a tenha pedido alguma vez sequer. Erasmo não pede prebendas, mas as recebe quando ofertadas, somente para poder continuar o serviço das letras.

Realmente, Erasmo não produz por dinheiro:

O senhor Mountjoy, barão deste reino, outrora meu discípulo, dá-me anualmente uma pensão de cem coroas. O rei e o bispo de Lincoln, que agora por meio do rei pode todas as coisas, prometeram com muita magnificência. Existem aqui duas universidades, Oxford e Cambridge, ambas das quais me ambicionam ter; com efeito, por muitos meses eu ensinei em Cambridge as letras gregas e sacras, mas gratuitamente, e de tal modo decidi sempre fazer.<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> ERASMI, p. 569. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Cantuariensis Archiepiscopus, totius Angliae primas et regni huius cancellarius, vir doctus et probus, me sic amplectitur ut, si pater esset aut frater, non posset amantius. Et ut intelligas hoc eum ex animo facere, dedit mihi sacerdotium centum ferme nobilium, quod postea volente me in pensionem centum coronatorum mutavit ex mea resignatione; ad haec dedit dono supra quadringentos nobiles his pauculis annis, idque nihil unquam petenti. Dedit uno die nobiles centum et quinquaginta.” \*Sacerdócio (*sacerdotium*): Prebenda que se recebia pelo desempenho de funções eclesíásticas. \*Nobre (*nobilis*): Moeda.

<sup>177</sup> Id., Ibid., p. 569. “Dominus Montioius, huius regni baro, quondam meus discipulus, dat annue mihi pensionem centum coronatum. Rex et Episcopus Linconiensis, qui nunc per regem omnia potest, magnifice multa promittunt. Sunt hic duae universitates, Oxonia et Cantabrigia, quarum utraque ambit habere me; nam Cantabrigiae menses complures docui Graecas et sacras litteras, sed gratis, et ita facere semper decretum est.”

Nesta argumentação para provar a Servatius Rogerus que não deve retornar ao convento de Steyn, ao mostrar-se auto-suficiente financeiramente, Erasmo, num gesto de desapego ao dinheiro, se propõe a trabalhar de graça, e isto para toda a vida.

Mesmo ganhando pouco, Erasmo se interessa pelos estudos. Dessa forma, comunicando a Ammonio que até o momento ensinou a gramática de Crisoloras, mas para poucos; afirmando que prevê ensinar a gramática de Teodoro com um auditório talvez mais freqüentado; dizendo que suspeita, talvez, dar uma aula teológica, Erasmo completa: “O ganho é o menor possível para que me mova, todavia, nesse ínterim, merecemos bem, na medida do possível, também por causa dos estudos [...]”<sup>178</sup> Erasmo não espera recompensa por seu trabalho teórico, pelo contrário, o que pretende com isso é prestar serviço aos estudos.

De fato, Erasmo não espera rendimentos, mas deseja apenas o que for suficiente para viver para as letras: “Eu não me detenho em emolumento, pois não desejo me enriquecer, desde que a fortuna seja tanta que baste para a saúde, para o ócio das letras e para que eu viva sem ser peso a ninguém.”<sup>179</sup> Por isso ele se sente livre para satirizar.

É que para Erasmo não existe qualquer relação entre as letras e as riquezas. Isso se deduz quando, percebendo que William Gonell se tortura gravemente e quase se desespera, porque sua bolsa, com algumas moedas, desapareceu, ele pergunta: “Primeiramente, o que há entre um aluno das Musas e as pecúnias? O que entre Apolo e Midas? Em seguida, o que há entre um jovem e os cuidados senis? Enfim, por que é que a perda de tão pouca pecúnia tange o ânimo de Gonell?”<sup>180</sup> A sátira erasmiana mostra que não existe relação entre Apolo e Midas, ou seja, entre as letras e o dinheiro; que se preocupar com as letras é coisa de jovem que nada tem a ver com o velho Midas na busca de ouro; que um jovem não deve se preocupar com coisas senis; que quem busca o ouro

---

<sup>178</sup> ERASMI, p. 473. Carta 233, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. “Quaestus minor est quam ut me moveat, tamen interim et bene meremur de studiis pro nostra quoque virili [...]” \*Manuel Crisoloras (morto em 1415): Eruditos como ele trouxeram para o Ocidente manuscritos gregos. Ele ensinou grego em Florença e em Pádua. Sua gramática *Erotemata* foi impressa em 1478. \*Teodoro de Gaza de Salônica (morto em 1475): Veio por volta de 1435 de Bizâncio para a Itália e aí ensinou o grego. Aldo, em 1495, forneceu a primeira edição de sua *Gramática grega* (*Gramatices*). Erasmo, que o considerava o melhor de todos os tradutores, traduziu para o latim seus dois primeiros livros da *Gramática* a fim de que muitas pessoas fossem atraídas pelo grego, despendendo nisso tanto trabalho que mais tarde pareceu-lhe inútil, e a enumera entre as suas obras pedagógicas.

<sup>179</sup> ERASMI, p. 572. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Emolumentum nihil moror; neque enim studeo ditescere, modo tantum sit fortunae ut valetudini et ocio litterarum suppetat, et vivam nulli gravis.”

<sup>180</sup> ERASMI, p. 538. Carta 279, de Erasmo a William Gonell, de 1513. “Primum quid Musarum alumno cum pecuniis? quid Apolloni cum Mida? deinde quid iuveni cum curis senilibus? denique quid est quod tantulae pecuniolae iactura Gonelli tangat animum?”

é um homem velho e não jovem e, ainda, que a perda de dinheiro não deve preocupar um homem das letras.

Por não se relacionarem, letras e riquezas não combinam:

Tu filosofaste muito lindamente sobre as Musas e as riquezas em tua carta. E eu vejo nosso Pace, mesmo feito todo esforço, tanto desaprender as boas letras, quanto procurar não sei que gênero de dicção, que agrada mais aos Midas que às Musas. Porque se, como dizes, esse é o caminho para as divícias, que se seja alheio às Musas, certamente Erasmo não estará entre os últimos, ou com o julgamento de Carmiliano. Ora, porque tu mesmo te pões nesse número, quem não vê que tu brincas às claras?<sup>181</sup>

Letras e riquezas, mesmo que possam conviver, não são concomitantes e comumente são até opostas entre si. Que Ricardo Pace se lembre disso! As letras não devem ser preteridas à riqueza, como julga Carmiliano de Bréscia. É preciso agradar não a Midas, mas as Musas. Qualquer que seja a interpretação, é Erasmo pedagogo que mostra o caminho correto a ser seguido.

Posto que verdadeiro literato, Erasmo é alheio à fortuna, como ele mesmo atesta a Martin: “Se é certo celebrar o recente amigo com tuas mentiras, finge uma grande modéstia e minta que ele é bem um literato; faze-me tal qual me conviria e como desejo ser; que há entre a pecúnia e Erasmo?”<sup>182</sup> Malgrado a ironia, visto que considera os elogios de Martin tão impetuosos quanto tolos, o que interessa a Erasmo não é o dinheiro e sim ser bom letrado nas letras clássicas e divinas. Entender Erasmo e sua sátira é compreender isso. Assim lhe convém e é assim que ele quer ser compreendido.

À atitude de desapego de Erasmo das riquezas aliam-se outras atitudes igualmente desapegadas: “O estudo da riqueza nunca me atingiu. Eu não fui tocado nenhum tantinho pela glória de fama. Ainda que outrora eu tenha sido inclinado para as voluptuosidades, nunca as servi. Sempre fugi e tive horror da crápula e da ebriedade.”<sup>183</sup> De fato, ele não quer riqueza, nem glória, nem prazeres, nem libertinagem, nem bebedeiras. É esse Erasmo que se diz desapegado o Erasmo da sátira.

---

<sup>181</sup> ERASMI, p. 543. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “De Musis et opibus pulchre sane philosophatus es in tuis literis. Ac mihi videtur Paceus noster et ipse data opera bonas dediscere literas et nescio quod dictionis genus affectare, quod Midis placeat potius quam Musis. Quod si hac iter est ad divitiae, ut ais, si quis sit a Musis alienus, certe non in postremis foret Erasmus, vel iudice Carmiliano. Nam quod teipsum in hoc numero ponis, quis non videt te palam ludere?” \*Ricardo Pace (c. 1482 - 1532): Foi um amigo fiel para Erasmo e Thomas More. \*Divícias (*divitiae*): É um termo poético que significa riquezas.

<sup>182</sup> ERASMI, p. 203. Carta 076, de Erasmo a Martin, de 1498. “Si certum est recentem amicum tuis mendaciis celebrare, modestiam finge eximiam, mentire bene literatum; talem fac qualem me esse et decebat et cupio; cum pecunia quid Erasmo?”

<sup>183</sup> ERASMI, p. 566-567. Carta 296, de Erasmo a servatius Rogerus, de 1514. “Pecuniae studium nunquam me attigit. Famae gloria nec tantillum tangor. Voluptatibus etsi quondam fui inclinatus, nunquam servivi. Crapulam et ebrietatem semper horruí fugique.” \*Crápula (*crapula*): Libertinagem, devassidão, modo extravagante de vida.

Quanto à relação entre a fama e a riqueza, aquela é para Erasmo apenas a miséria posta às claras. Nessa perspectiva, (quando Ammonio compara sua fortuna com a de Erasmo, isto é, uma anêmona com uma rosa e este pergunta que coisas daquele não precedem as suas em muitos estádios?) Erasmo afirma que sobre a fama, por onde existe, nada de diferente traz que possa levá-lo a aceitá-la, exceto que, como uma face revelada, não lhe permite ser mísero às ocultas. E embora seja mais grave causar vergonha que ter vergonha da fortuna, ele não quer reavivar essa cicatriz. Assim, ele espera que sua fortuna seja digna dele, pois é assim que lhe agrada ser interpretado.<sup>184</sup> É retomada aqui por Erasmo a questão das riquezas. No fato da sorte ter sido muito mais sorridente a Ammonio que a ele. No emprego da linguagem hiperbólica, mais distante que um estádio, para mostrar a diferença de riqueza entre ele e o amigo. Na não lamentação pela falta de riquezas, pelo contrário, na conformação à sua precariedade de vida. Na sua atitude de não conformismo, mas de uma total liberdade frente à fortuna. Por não ceder ao jogo cego da fortuna, mas aproveitar as oportunidades ou criá-las sempre que isso lhe permita fazer progredir a cultura das letras, pois é assim que ele quer ser interpretado. Nisso, está posto também o seu desapego à fama, porquanto esta apenas torna pública a sua miséria.

Por não dar valor à riqueza nem à fama, Erasmo não dá importância também a títulos. Nesse significado, ele informa a Servatius Rogerus que recebeu o doutorado na sagrada Teologia, isso contra a sua decisão e vontade e também subjugado pelos pedidos dos amigos.<sup>185</sup>

É que para Erasmo título não quer dizer autoridade. Nessa direção, ele retoma em curta carta a João Obrecht o que disse em carta anterior, qual seja, que ele recebeu recentemente o doutorado em teologia, e isso contra a sua vontade e compelido pelos amigos que achavam que esse título lhe atrairia alguma autoridade.<sup>186</sup> Nada tem a ver título com autoridade! Não são aos títulos que ele se apega, mas é a liberdade que aspira para continuar sua obra de autor satírico. Com efeito, ser desapegado de riquezas, de fama ou de títulos é típico de um homem livre. Ora, em quem é livre, a sátira pretende, não destruir, pelo contrário, construir, a liberdade.

Quanto à categoria da humildade, às vezes Erasmo parece subserviente, como neste caso: Ele explica que a transferência de Dismas e Antônio dos cuidados de Tutor para os de Daniel foi motivada pelo fato de que o abade Antônio de Bergen os queria manter afastados da língua

---

<sup>184</sup> ERASMI, p. 494. Carta 248, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. \*Estádio (*stadium*): Medida itinerária grega correspondente a 185 metros.

<sup>185</sup> ERASMI, p. 431-432. Carta 200, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1506.

<sup>186</sup> ERASMI, p. 432. Carta 201, de Erasmo a João Obrecht, de 1506. \*João Obrecht: Grande organista da catedral de Utrecht, que pode ter ensinado música a Erasmo e o dirigido quando ele foi aí menino de coro.

holandesa. Assim, ele justifica a Tutor, que não podia viver longe de seus compatriotas, que era melhor que os adolescentes retornassem à casa de Daniel conforme a decisão do abade.<sup>187</sup> Se aparentemente servil, não se pode entender tal atitude de Erasmo como subserviência, mas como alguém que faz de tudo para não se indispor com os amigos, principalmente com aqueles que contribuíram ou que podem contribuir para o futuro das boas letras, como o abade. Ou seja, Erasmo não tergiversa por tergiversar, não satiriza por satirizar. Tudo tem que estar de acordo com um fim determinado. Tudo, humildemente, para o triunfo das letras.

Humildade não quer dizer servilismo. Exemplo disso é que Erasmo declara que os scotistas são um invencibilíssimo gênero de homens, aos quais nada é mais feliz que agradar a si mesmos, e que não os combate muito, para não perder seu óleo e seu esforço e, além disso, para não irritar esses marimbondos.<sup>188</sup> Portanto, não se trata de conformismo, próprio de um homem servil, mas apenas de uma questão de tática.

Com efeito, existe uma grande diferença entre servilismo e humildade, como quando Erasmo rebate a Colet:

Isto eu mais admiro, com qual nó unes humildade e falta de verecúndia. Com efeito, assim escreves “se humildemente mendigares” e “se pedes sem verecúndia”. Porque se, ao costume do vulgo, tu chamas humildade o que luta contra a arrogância, como condizer impudência e modéstia? Ou se a humildemente denominas servilmente e abjetamente, longe dissentes de Sêneca, meu querido Colet [...]”<sup>189</sup>

Ou seja, para Erasmo há uma grande diferença entre humildade e modéstia, características que lhe são próprias, e falta de vergonha, impudor, servilismo, subserviência, defeitos que abomina. Uma coisa é mendigar humildemente como sinal de modéstia e outra coisa e pedir de modo

---

<sup>187</sup> ERASMI, p. 379. Carta 170, de Erasmo a James Voecht, de 1502. \*James Voecht ou Jacques Tutor: Magistrado de sua cidade natal Antuérpia que, graças a Erasmo, foi preceptor, por pouco tempo, de Dismas de Bergen (filho bastardo de João de Glymes, ou de Bergen, portanto meio irmão do abade Antônio de Bergen e do bispo de Cambrai) e também de Antônio de Bergen (sobrinho do abade). O abade Antônio de Bergen retirara de Tutor a educação de Dismas e de Antônio, então chefe da família, e reenviou-os à casa de Jacques Daniel, que não era um tutor, mas que era um homem de confiança de Orleans, encarregado de alojar os jovens numa casa tida pelo abade como melhor dirigida e melhor freqüentada. Daniel é duramente criticado por Erasmo nesta e também nas cartas 137 e 147.

<sup>188</sup> ERASMI, p. 477. Carta 237, de Erasmo a João Colet, de 1511.

<sup>189</sup> Id., Ibid., p. 478. “Hoc magis admiror, quo nodo humilitatem cum inverecundia copularis. Sic enim scribis “Si humiliter mendicaveris” et “si inverecunde petas”. Nam si vulgari more humilitatem vocas quae pugnet cum arrogantia, qui convenit impudentiae te modestiae? Sin humiliter appellas servilliter atque abiecte, longe dissentis a Seneca, mi Colete [...]” \*Verecúndia (*verecundia*): Decoro, modéstia, pudor, simplicidade, timidez, vergonha. \*Há dois Lúcio Aneu Sêneca: a) O Retor, o Retórico ou o Antigo (c. 55 a.C. – c. 37 d.C.): Foi pai de Sêneca o Filósofo. Ele escreveu *Controvérsias* (*Controversiae*) e *Suasórias* (*Suasoriae*); b) Sêneca o Filósofo. (12 a.C. – 65 d.C.): Em Steyn Erasmo tinha mais convivência com ele, através dos estudos, que com seu superior, e mais tarde revisou suas *Tragédias*. Ele escreveu, entre outras obras, *Questões Naturais* (*Naturalium quaestionum*); 12 livros de diálogos que contêm tratados e consolações, *Epístolas*, epigramas, tragédias e a sátira menipéia em prosa e verso *Divi Claudii Apokolokyntosis* (*Apoteose daquela Abóbora de Cláudio*). As duas citações de Erasmo são encontradas em *De Beneficiis Libri VI*, 7, 24 (*Sobre os Benefícios*).

impudico, servil e abjeto, como fazem os bajuladores em busca de benefícios financeiros. Por isso mesmo, ele se sente livre para pedir apoio para suas obras, ao mesmo tempo em que livre para satirizar a tudo e a todos.

Por saber o que é a verdadeira humildade Erasmo a pode ensinar. Ele escreve ao duque Henrique que, embora esteja certo da sua impar celsitude, que se lembre da ação Artaxerxes, um excelente rei, que, cavalgando, hilário e sorridente aceitou a água que um camponês lhe estendeu com ambas as mãos para beber. E, do mesmo modo de outro rei, talvez com o mesmo nome, que, rendeu graças por uma maçã trazida por um pobrezinho qualquer, como se fosse um magnificentíssimo presente, certamente calculando que não é menos real aceitar prontamente as pequenas coisas, que prodigalizar as grandes magnificamente. Até os deuses superiores, continua ele, que não levam em conta as obras dos mortais, se alegram sobremaneira com os presentes, desprezando entrementes a hecatombe dos ricos, para receber com complacência a migalha e o pequeno grão de incenso do pobre camponês, avaliando as oferendas não pelo preço mas pela intenção.<sup>190</sup>

Em retorno, só pode ensinar sobre a humildade quem por sua vez se revela humilde. Nesse entendimento, unindo sinceridade e ironia, ao mesmo tempo em que faz um sério propósito de vida, Erasmo toma a figura do servo como símbolo de sua humildade, numa posição de serviço total: “Eu não recuso até ser fustigado se doravante em minhas cartas depreenderes uma só palavra, não direi atrevida ou libertina, mas que seja inteiramente não carinhosa, não súplice, que não convenha a um servo, de tal modo que tema a cruz.”<sup>191</sup> Tal é o estado de submissão ao qual Erasmo se propõe, ironicamente, é claro, para conseguir comover as pessoas e trazê-las para o convívio harmonioso das letras.

Humilde que é Erasmo busca também nos outros a modéstia. Ele se expressa a respeito de seu amigo James Batt: “E o que é muito raro nestes tempos, ele junta a máxima modéstia à máxima erudição.”<sup>192</sup> Modéstia, que é o mesmo que dizer simplicidade ou humildade, com

---

<sup>190</sup> ERASMI, p. 240-241. Carta 104, de Erasmo ao duque Henrique, futuro Henrique VIII, de 1499. \*Erasmo está se referindo, no primeiro exemplo, ao rei Artaxerxes I, (Rei persa, filho de Xerxes I) e no outro, talvez a Artaxerxes II (Irmão de Ciro, o Jovem e neto de Artaxerxes I.), e não a Artaxerxes III (filho de Artaxerxes II), já que este cometeu crimes hediondos. Plutarco, em *Vidas dos Homens Ilustres* (Tomo Oitavo, p. 428-429), atribui os dois atos a Artaxerxes I. \*Hecatombe: Outrora era o sacrifício de cem bois.

<sup>191</sup> ERASMI, p. 302. Carta 130, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Vel fustigari non recuso, si posthac verbum ullum meis in literis deprehenderis, non dicam procax aut licentiosum, sed omnino non blandum, non supplex, non quod servum non dedeceat, qui modo cruce metuat.”

<sup>192</sup> ERASMI, p. 226-227. Carta 090, de Erasmo a James Batt, de 1499. “Et quod his temporibus perquam est rarum, summae eruditione summam modestiam adiunxit.”

erudição ou erudição com humildade, esse é o mesmo binômio tanto valorizado por Erasmo, que, humilde, sente-se livre para eruditamente satirizar, uma sátira não ofensiva, mas pedagogicamente construtiva.

Quanto à questão da verdade e da sinceridade, por vezes parece que Erasmo mente, como aparece na ponderação de André Amonnio sobre o esmeraldino poema que aquele compusera e lhe enviara: “[...] ainda que mintam, mesmo assim eles cantam elegantissimamente.”<sup>193</sup> Apesar da linguagem erasmiana parecer mentir, por excesso de consideração ao amigo, não se trata de mentira, mas de pura erudição.

Pode-se perguntar se a mentira cabe em um homem que se retrata como inocentíssimo, a despeito de misérrimo. Nessa suposição, garantindo sua inocência a William Herman sobre o que se diz a seu respeito na Holanda e assegurando que não pode responder àqueles que falam mal dele a Herman, porque o que os outros dizem não lhe interessa, e sim o que o amigo censura em sua vida, Erasmo, prestando contas de seus atos, descreve seu modo de vida: Ele vive, aliás, não sabe como vive, mas vive totalmente misérrimo, acabado por todo gênero de lágrimas, atacado por muitas ciladas, iludido várias vezes pelos apoios dos amigos, muitas vezes atirado pelo acaso para cima e para baixo, mas inocentíssimo. É difícil de convencer o amigo disso por carta o que lhe seria muito fácil pessoalmente. Se Herman quiser fazer o simulacro de seu Erasmo, que não o represente tolo, nem que vive a comer ou a amar, mas o imagine aflitíssimo, lacrimoso, ciumento para si mesmo, que não tem vontade de viver e não lhe é permitido morrer, enfim, misérrimo, não por sua culpa e sim pela iniquidade da fortuna, mas misérrimo.<sup>194</sup> Se aqui existem em Erasmo a ironia do simulacro, a manifestação de seu descontentamento com o gênero de vida que leva em Paris enquanto estuda teologia, seu desabafo pelas críticas dos amigos ou mais uma forma de mostrar a Herman sua profunda amizade, não deixa de aparecer o retrato de como quer ser representado: inocentíssimo, irreprochável, sincero e verdadeiro mesmo nas situações mais adversas.

Ora, Erasmo revela sinceridade naquilo que escreve. Por exemplo, ele garante para James Batt que, primeiramente, não crê que o que diz dos negócios dele sejam apenas belos discursos e hábil invenção para servir a seus interesses. Em seguida, que quando outrora em ócio se divertiu com gracejos ou se esboçou essas coisas por causa das circunstâncias, isso é coisa do passado.

---

<sup>193</sup> ERASMI, p. 476. Carta 236, de André Ammonio a Erasmo, de 1511. “[...] qui etsi mentiantur, elegantissime tamen canunt.”

<sup>194</sup> ERASMI, p. 219. Carta 083, de Erasmo a William Herman, de 1498.

Ainda, que neste momento as coisas estão de tal modo que não lhe aplica a acusação de ser indulgente com saís, isto é, com argúcias e que não há nenhum motivo para que ele minta. Enfim, que em suas cartas não inseriu qualquer ápice que seu coração divergisse.<sup>195</sup> Portanto, se o que escreve não é autojustificativa, nem disfarce para seus atos, se se diverte com gracejos, mas nem sempre, se quando a situação exige, sabe ser sério e sem rodeios, Erasmo só põe no papel aquilo que lhe vem do fundo do coração, isto é, somente a verdade, por mais crua que seja.

De fato, Erasmo fala sincera e verdadeiramente. Tudo o que profere a Batt, na carta 124, ele afiança que é verdadeiro e é escrito de coração.<sup>196</sup> Também na carta 239, confirma que sempre fala de coração. Nesta, admite que quando resolveu escrever da Inglaterra, Batt lhe arrancou cartas sombreadas, mas que fez essa fraude não por Batt, que não é otário, mas tendeu a isso por causa dos ingleses. Além disso, as demais cartas que por sua própria decisão lhe escreveu, prefere morrer se não as fez com sinceridade. Do mesmo modo ele acredita que as cartas que Batt lhe escreveu, devolvendo coisas fingidas com coisas fingidas, também o fez de coração. Mas se Batt acha que em suas cartas está brincando com ele, não há mais motivo para se escreverem.<sup>197</sup> Conseqüentemente, que se esteja certo que o que Erasmo diz e escreve é sincero e vem do fundo do coração. Essa sinceridade e amizade são as mesmas que orientam os destinos de sua sátira, que, também nascida do fundo do coração, se propõe construtiva.

Definitivamente, Erasmo não é fingido, mas sincero e verdadeiro:

Admiro afinal que suspeites de que eu ajo com artifícios nas cartas que te escrevo, que isso não é simples nem sincero, mas que é cheio de manha e que dissimula. De minha parte, ótimo Batt, eu quero que assim estabeleças de uma vez por todas, que para mim, do mesmo modo que a hipocrisia em nada deve ser invejada, também não me é próprio fingir com algum amigo e nem me alegrar com os fingimentos alheios.<sup>198</sup>

Erasmo não escreve artimanhas para enganar os outros, não constrói labirintos, como o de Dédalo, onde as pessoas se perdem. As coisas que ele escreve não estão cheias de artifícios, de hipocrisia e nem querem enganar alguém. Que fique claro que ele abomina a falsidade, que não é

---

<sup>195</sup> ERASMI, p. 322. Carta 138, de Erasmo a Batt, de 1500. \*Ápice ou Ápices (*apices*): Na paleografia quer dizer sinal de forma variada (vírgula, acento agudo, L virado) usado nas antigas inscrições latinas, para indicar vogal longa.

<sup>196</sup> ERASMI, p. 287. Carta 124, de Erasmo a James Batt, de 1500.

<sup>197</sup> ERASMI, p. 325. Carta 139, de Erasmo a James Batt, de 1500.

<sup>198</sup> Id., Ibid., p. 325. “Demiror qui tandem tibi in suspicionem venerim, tanquam in literis quas ad te scribo logodaedalum agam, id est non simplicem ac syncerum, sed fucatum et dissimulantem. De me, optime Batte, sic velim semel statuas, nihil mihi aeque ac hypocrisim esse invisam, neque ipsum me apud amicos fingere quicquam, neque figmentis alienis delectari.” \*Artifícios: É um termo que substitui, na falta de outra palavra em português, apenas em parte a *logodaedalus*, a figura que acreditamos que Erasmo pretendeu utilizar, qual seja, a arte e as artimanhas de Dédalo (escultor e inventor grego, pai de Ícaro) para conseguir fugir do labirinto de Creta. Neste caso, as palavras formariam esse labirinto.

fingido e nem concorda com o fingimento, mas que é sincero e verdadeiro. Por isso, sua sátira pretende ser não destrutiva e sim pedagogicamente construtiva.

## 2. 4 SÁTIRA E ADAPTAÇÃO

Com a categoria adaptação queremos mostrar que a sátira de Erasmo está inserida em sua intenção de que tudo esteja adaptado ao lugar, ao tempo, às pessoas e às circunstâncias, não para destruir, mas para pedagogicamente construir.

É o próprio Erasmo que apresenta os diversos tipos de adaptação. “Mas, além disso, importa muito para qual século, para qual país e o juízo daqueles a quem tu escreves, destes com certeza; com efeito, um antagonista insigne aguça a força do talento, e a honra faz crescer as artes.”<sup>199</sup> Erasmo expõe aqui claramente os tipos de adaptação: ao tempo, ao lugar e às pessoas. Se acrescentarmos a adaptação às circunstâncias, que incorpora todos ou cada um desses três tipos, temos os elementos básicos da adaptação que nos permitem compreender melhor a relação da sátira com a pedagogia, pois o estilo de Erasmo, que é principalmente satírico, faz-se em consonância com esses fatores.

Quanto ao tempo, os amigos de Erasmo concebem-no como um homem puro numa época corrupta. Fausto Andrelini, fazendo a William Herman a defesa de Erasmo e elogiando sua doutrina e sua vida livre de todos os vícios, considera-o um homem que não só Herman, mas todo o Ginásio Parisiense devem amar, cultivar, respeitar e admirar. Ninguém é melhor, superior ou mais divino que ele, um homem que brilha pela pureza das letras e dos costumes numa época certamente indolente, corrupta e execrável em que as volúpias de Sardanápalo têm mais imitadores que as virtudes de Sócrates. E que Herman não entenda esse elogio como adulação, pois Andrelini pondera que sempre foi hostil a toda lisonja ridícula e astuta.<sup>200</sup> Para um século conturbado e pervertido como fala Erasmo, um homem reconhecidamente puro? Certamente, não com ofensas, mas com uma linguagem construtiva, mormente satírica, visto que tem clareza que

---

<sup>199</sup> ERASMI, p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Tum autem magni refert quo seculo, qua regione et ad quorum iudicium scribas, quibuscum certos; acuit enim ingenii vim et antagonistes insignis, quin et honos alit artes.”

<sup>200</sup> ERASMI, p. 221. Carta 084, de Fausto Andrelini a William Herman, de 1498. \*Fausto Andrelini (1462 - 1518): Poeta italiano, com o título de bispo de Mântua, coroado poeta laureado. Um dos primeiros amigos de Erasmo em Paris. Eles trocaram entre si várias cartas. \*Sardanápalo (*Sardanapalus*): Nome grego para designar o lendário Assurbanipal ou Asurbanipal, último rei do primeiro império da Assíria, déspota que subiu ao trono em 668 a.C. Grande protetor das artes e das letras, ele foi, contudo, um conquistador implacável como a maioria dos reis assírios. É sinônimo de quem vive na devassidão e no fausto, efeminado, lúbrico, voluptuoso.

é preciso saber para qual época se escreve. Não se pode falar abertamente, mas também não se pode deixar de falar. Nessa dialética a sátira torna-se a forma privilegiada de expressão: ela expressa a verdade de forma velada.

A época de Erasmo é deveras de pouca liberdade. Por exemplo, não sem uma ponta de sátira, Reuchlin diz que escreveu, sob a ordem de Maximiliano César, seu imperador, uma memória contra a incineração dos livros dos judeus. “Por isso alguns professores colonienses de teologia o contestaram, não como convinha a doutores, mas com gravíssimas injúrias e gritarias contra meu nome, como é costume de pessoas insignificantes e tolas.”<sup>201</sup> E, Reuchlin passa a relatar satiricamente os fatos.

É exatamente para um século de pouca liberdade que Erasmo se sente compelido a escrever. Assim, propondo-se a deixar de lado as brincadeiras para falar seriamente, baseando-se no que diz o livro do Eclesiástico, de que uma narração inoportuna é música no luto, ele pergunta se os afáveis estudos da humanidade convêm ao seu acerbadíssimo século? Com Ovídio, ele lembra que os poemas são a obra da alegria e querem trazer a paz para as mentes, mas parafraseando William Herman, que afirma que por toda parte só há dor e imagem da morte, ele concorda que por onde se volta o olhar não se avista senão coisas tristes e cruéis. Se as fosse enumerar, continua Erasmo, não se teria uma carta, mas uma tragédia. Tudo leva para a inércia a ponto de não lhe agradar nem mesmo as musas. Mas, amparando-se na eloquência de Cícero, ele se sente compelido a escrever.<sup>202</sup> Portanto, Erasmo não se entrega às tragédias do mundo. Ele não desanima, mas encontra na liberdade das letras a força para lutar contra as mazelas dos homens. E sua luta, expressão de liberdade, não pode ser senão satírica.

---

<sup>201</sup> ERASMI, p. 556. Carta 290, de João Reuchlin a Erasmo, de 1514. “Quod quidam theologiae professores Colonienses impugnarunt, non ut doctores decuit, sed com gravissimis in nomen meum iniuriis et convitiis, ut levissimorum scurrarum est in more.” \*João Reuchlin, dito Capnion (1455 – 1522): Foi o pioneiro dos estudos hebraicos na Alemanha, o que lhe valeu perseguições contra as quais Erasmo o defende sempre. Dentre os *Colóquios* de Erasmo há a Apoteose de Capnion. Quando os dominicanos fizeram campanha para queimar todos os livros dos judeus, ele redigiu, em 1510, sua memória na Alemanha, que foi impressa em seguida sob o título *Augenspiegel* (em latim, *Oculare speculum: O espelho do olho*). O livro foi condenado em 1513 pela Faculdade de Teologia de Mainz, motivo pelo qual ele escreveu *Apologia contra os caluniadores colonienses* e apelou à Sé Apostólica, que deu ganho de causa a Reuchlin. Mesmo assim, em 1514, *Augenspiegel* foi condenado por Colônia. A cremação do livro se deu em Colônia, em fevereiro de 1514. A sentença definitiva a favor de Reuchlin foi dada em 29 de março de 1514. \*Maximiliano I (1459 – 1519): Filho do imperador Frederico III (morto em 1493), ele tornou-se Imperador (César) do Sacro Império Romano Germânico. Maximiliano foi grande protetor das artes e das ciências.

<sup>202</sup> ERASMI, p. 142. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494. \*Eclo, 22, 6: Uma palavra inoportuna é música em dia de luto. A sabedoria, porém, emprega com oportunidade o chicote e a instrução. \*Ovídio, *Tristes*, V, 12, 3-4.

Desse modo, a sátira de Erasmo se dirige, por exemplo, a uma época de guerras. Embora desejando voltar a seu país, ele traça um quadro muito favorável de sua situação na Inglaterra, elogiando sobremaneira, mesmo que de forma irônica, a prodigalidade de seus mecenas. Contudo, continua ele, a guerra que é começada mudou subitamente o gênio dessa ilha; a carestia de todas as coisas cresce ali diuturnamente, a liberalidade decresce. “E eu vejo originar-se grandes agitações das coisas, que se evadirão para que fim incerto; Oxalá Deus propício se digne compor esta tempestade do mundo cristão.”<sup>203</sup> No elogio sincero e ao mesmo tempo irônico a seus mecenas, mecenato que fica comprometido com o proposital advento de circunstâncias funestas, como a guerra, e no seu desejo de que Deus dê forma correta a essa tempestade humana, temos a linguagem satírica através da qual Erasmo ensina sobre a estultícia da guerra.

A sátira erasmiana se dirige também aos ouvidos de seu tempo que não podem suportar senão o que lhes agrada:

Porque muito admiro as delícias dos ouvidos de nosso tempo, que já quase nada podem suportar, exceto os títulos solenes. Além disso, vêis alguns religiosos de tal modo prepósteros que suportam gravíssimas injúrias a Cristo mais rápido que o pontífice ou o príncipe serem aspergidos com a mais leve brincadeira, principalmente se o pão está em jogo, isto é, se diz respeito a seu interesse.<sup>204</sup>

Por conseguinte, Erasmo reconhece que os ouvidos de seu tempo, educados pelo ensinamento oficial, não estão preparados para entender corretamente a sátira, pois estão viciados com a linguagem bajulatória e valorizam apenas os grandes títulos, sobre os quais não admitem a menor brincadeira. É que o jogo de interesses de ambas as partes, dos grandes em preservar suas posições sociais, e dos pequenos em conseguir alguma dádiva dos poderosos por meio de lisonjas, fala mais alto que a disposição de espírito para permitir que a sátira produza seus efeitos pedagógicos.

Se a época de Erasmo é um período conturbado, contrariamente, a liberdade de expressão se expande. Por exemplo, é a época da imprensa, ainda que rudimentar:

---

<sup>203</sup> ERASMI, p. 552. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514. “Et video magnos rerum motus oriri, qui quorsum evasuri sint incertum; utinam Deus propicius hanc orbis Christiani tempestatem dignetur componere.” \*A carta continua com um requisitório contra a guerra e um apelo à arbitragem do papa. Erasmo, terminando, conclama Antônio a intervir e a tomar iniciativa numa conferência pela paz. O tema é retomado no Adágio 3001, *Dulce bellum inexpertis*.

<sup>204</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Quo magis admiror his temporibus aurium delicias que nihil iam fere nisi solennes titulos ferre possunt. Porro nonnullos adeo prepostere religiosos videas, ut vel gravissima in Christum convicia ferant citius quam pontificem aut principem levissimo ioco aspergi, presertim si quid ‘trós tà álpsera’ id est ad questum, attinet.” \*Trós tà álpsera (se o pão está em jogo; ou, se comem seu pão): citação em grego. \*Prepóstero (*praeposterus*): Feito ao contrário ou às avessas do que deve ser, invertido; oposto à boa ordem, desajeitado, desordenado, fora de propósito, intempestivo.

Com efeito, quando eu era menino, as boas letras certamente começaram a repulular na Itália, mas a arte da tipografia ou ainda não tinha sido inventada ou era muito pouco conhecida e nenhum livro era levado até o fim entre nós e na mais absoluta calma reinavam por toda parte aqueles que ensinavam as letras da forma mais iletrada.<sup>205</sup>

Conseqüentemente, na sátira de Erasmo aos eruditos de seu tempo, pois, se por um lado, as boas letras renascem na Itália, por outro, são ensinadas por verdadeiros iletrados, estão lembrados os primórdios da tipografia, que já distam a várias décadas desta carta.

Na verdade, temos um século erudito. É isso que, ao confessar sobre seu esforço corretivo, sempre que necessário, a ponto de retomar uma obra do começo ao fim, e ao admirar que suas obras encontrem leitores, Erasmo afirma: “[...] principalmente neste tão erudito século [...]”<sup>206</sup> Nesse século erudito os tipógrafos reimprimem continuamente os escritos de Erasmo e isso é sinal para ele da aceitação pública de suas obras, na forma em que elas se apresentam e da justeza de suas intenções literárias e educacionais. E editar livros é para ele um dever sagrado. Portanto, uma forma privilegiada de ensinar as boas letras é ele divulgar as suas obras. A sua sátira, que se expressa em suas obras, ganha assim universalidade através da imprensa. Isto quer dizer que Erasmo não pretende ser satírico às escondidas, mas quer que sua sátira seja internacional, que ela se expanda pela Europa toda, não se atendo aos regionalismos. Não a sátira pela sátira, mas como a melhor forma de reformar os costumes. Nisso não pesa tanto os ataques que receba, mas a decisão de ensinar. E a melhor forma é satirizar, no seu erudito século, a vida, os costumes, as instituições, os homens cultos, poderosos ou do vulgo, o que a imprensa garante.

Enfim, naquilo que faz Erasmo mostra respeito para com seu tempo. Ele escreve a William Blount que, mesmo sabendo que isso não é costume dos antigos e nem de brilho inútil para as orações, cita as passagens gregas em latim por levar em conta sua época, que pouco conhece o grego. Ele espera que a literatura grega se propague com perícia por toda parte, a fim de que seu trabalho seja condenado merecidamente como supérfluo. Mas, ele não sabe por que razão seus contemporâneos são por demais lentos nessa coisa tão frutífera, visto que abraçam mais rapidamente a sombra da erudição que aquilo que sem o qual nenhuma erudição existe e somente do qual depende a pureza de todas as disciplinas. Ele adverte que toma tais cuidados com a tradução para evitar que o acusem de agir ao acaso por insciência. Em tudo que faz é esta sua meta: “[...] justamente preparado ou para ensinar candidamente o que sabemos ou para

---

<sup>205</sup> ERASMI, p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Nam me puero repullulascere quidem coeperant apud Italos bonae literae, sed ob typographorum artem aut nondum repertam aut paucissimis cognitam nihil ad nos librorum perferebatur, et altissima quiete regnabant ubique qui literas docebant illiteratissimas.”

<sup>206</sup> Id., Ibid., p. 03. “[...] praesertim hoc tam erudito seculo [...]”

aprender ingenuamente o que ignoramos.”<sup>207</sup> Em consideração ao tempo Erasmo se coloca numa atitude de humilde aprendizagem, e sua ação e linguagem têm em vista ensinar com candura. Conseqüentemente, sua sátira também não pretende ser ofensa, mas cândido ensinamento, pedagogicamente ajustado ao tempo.

Além do tempo, há a importância do lugar. Por exemplo, mencionando a Inglaterra como o país do bom trato, Erasmo diz que suas obras servem para saudar os amigos, como é costume entre os ingleses.<sup>208</sup> Erasmo é conhecedor dos costumes e tem facilidade em conformar-se a eles e, de acordo com o país, fala de um jeito ou de outro. Com efeito, a fala deve se adaptar às condições regionais, e conforme o país torna-se mais arriscado falar abertamente, falar metafórica e satiricamente.

Conhecedor da importância do lugar, se Erasmo procura adequar-se a ele, tal adaptação não significa, porém, aceitação passiva de seus costumes. Prova disso encontra-se no fato de Erasmo satirizar seu povo. Ele escreve a Tutor que o clima da Holanda lhe é agradável – contrariamente ao que dirá, em 1514, a Servatius Rogerus quando se trata de argumentar sua permanência fora do convento -, mas que ele se ofende com as epicúricas orgias de seu povo. Acrescente-se a isso que as pessoas de sua terra são homens do gênero sórdido, são incultos, de grande desprezo pelos estudos, sem gosto pela erudição, sumamente invejosos, e, além disso, tácitos, isto é, sem nada dizer, eles parecem reclamar que retorne com uma autoridade confirmada e também armada contra a ignorância dos indoutíssimos homens.<sup>209</sup> Ao mesmo tempo em que faz uma descrição bastante realista de seus compatriotas, Erasmo não deixa de ser satírico para com os seus. Ele busca naquilo que é latente, ou seja, nas fisionomias dos seus, que parecem falar, mas não falam, tanto o que eles esperam dele, e que Erasmo acha que deve ser combatido, qual seja, a importância de um título, quanto o que eles lhe pedem para combater, isto é, a ignorância humana. Assim, mesmo não tendo a autoridade confirmada, pois ainda não recebeu o título de doutor em teologia, Erasmo se sente livre para satirizar, como se seu próprio povo assim o exigisse, a ignorância dos homens e, como os seus compatriotas são ignorantes, também para satirizar os seus.

---

<sup>207</sup> ERASMI, p. 446. Carta 211, de Erasmo a William Blount, de 1508. “[...] iuxta parati vel candide docere quod scimus vel ingenuè discere quod ignoramus.”

<sup>208</sup> ERASMI, p. 08. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523.

<sup>209</sup> ERASMI, p. 366-368. Carta 159, de Erasmo a Jacques Voecht Tutor, de 1501. \*Erasmo obteve o doutorado em teologia em 1506, em Turim.

De fato, a sátira de Erasmo aos holandeses nada mais pretende que educar seu povo. Depois de elogiar junto ao bispo de Cambrai a William Herman pelos seus escritos, depois de criticar a barbárie de sua pátria, a penúria de preceptores e a falta de honra que gozam os estudos junto aos holandeses; ele explica que se a crítica incide sobre seus narigões é para que eles saibam que ele quer premuni-los sobre a época, sobre a pátria, sobre o esforço de Herman e não avaliem o homem pelo prelúdio, mas presumam mais a fertilidade do solo que a luxúria da erva.<sup>210</sup> Portanto, o que Erasmo quer ensinar aos holandeses é que não julguem um compatriota pelo verdor da erva, isto é, pela beleza de estilo, pelas aparências, mas pela fertilidade do solo, ou seja, pela potencialidade do autor, pelos seus propósitos. Assim, o que importa não são as palavras satíricas, nem os seus ornamentos, ou seja, seu estilo, mas o solo no qual ela se enraíza, para que produza frutos de mudança de comportamento e de valores, na busca da virtude e da piedade.

O intento de Erasmo com a adaptação ao lugar é não causar escândalo: “Nunca a minha intenção foi de mudar quer o gênero de vida quer o hábito, não porque os aprovasse, mas para que não causasse escândalo a alguém.”<sup>211</sup>

Erasmo insiste em sua preocupação de não ofender, de não escandalizar: “Porém, quando eu fui à Itália e vi por todo o caminho os cônegos com negra veste assim como com escapulário, para que eu não ofendesse pela novidade do meu hábito, comecei a usar a veste negra com o escapulário.”<sup>212</sup> Aproveitar ao máximo possível as circunstâncias do lugar, mas adaptar-se a elas tanto quanto necessário, é esse o intento de Erasmo. Isso tudo com a preocupação pedagógica de não dar mau exemplo, de não ofender, de não causar escândalo.

Erasmo amplia a idéia de se adaptar às circunstâncias do lugar:

As leis pontifícias excomungam aquele que abandona o hábito religioso para que mais livremente seja vertido entre os seculares. Coagido, eu o depus na Itália, para não ser morto; depois, coagido, eu o depus na Inglaterra, porque ele não podia ser tolerado, quando eu próprio preferi muito usar. Para o momento, recebê-lo novamente gerará mais escândalo que se geraria com a própria mudança.<sup>213</sup>

---

<sup>210</sup> ERASMI, p. 163-164. Carta 049, de Erasmo a Henrique de Bergen, de 1497.

<sup>211</sup> ERASMI, p. 565. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Nunquam mihi fuit consilium vel vitae genus vel cultum mutare, non quod probarem, sed ne cui scandalo essem.”

<sup>212</sup> Id., Ibid., p. 571. “Cum autem adirem Italiam videremque toto itinere cononicos nigra veste uti cum scapulari, ne quid offenderem novitate cultus, veste nigra illic uti coepi cum scapulari.” \*Escapulário (*scapularius*): Tira de pano que os frades e freiras de certas ordens usam ainda hoje pendentes sobre o peito.

<sup>213</sup> Id., Ibid., p. 572. “Excommunicant Pontificiae leges eum qui religionis habitum abiecerit, quo liberius inter seculares versetur. Ego coactus deposui in Italia, ne occiderer; deinde coactus deposui in Anglia, quia tolerari non poterat, cum ipse multo maluerim uti. At nunc denuo recipere plus gigneret scandali quam mutatis ipsa gignebat.”

A questão do hábito não é desculpa para Erasmo se tornar padre secular, nem se tornar leigo. É uma questão que, aparência que é, convém às circunstâncias do lugar: para não ser morto, por coação, por intolerância, para não gerar escândalo. Voltar ao hábito de monge é negar a liberdade conquistada. E com isso Erasmo fecha os principais pontos de sua argumentação satírica para não retornar ao convento de Steyn.

A idéia da necessidade de se adaptar ao lugar fica ainda mais clara com a analogia que Erasmo estabelece entre paternidade e produção artística:

O que na verdade mais me desagrada mesmo neste negócio, é que os males dos filhos nem sempre podem ser imputados aos pais, porém os vícios dos livros não se fazem aceitos por ninguém exceto por seus autores, salvo se eu quiser acusar o acaso dos tempos ou a infelicidade de uma região.<sup>214</sup>

Destacamos essa citação de Erasmo para reforçar a idéia de que ele assume publicamente a responsabilidade por aquilo que aparece em suas obras. Seu estilo satírico não pode ser atribuído ao acaso das circunstâncias do tempo e nem às calamidades de um país. Se por ventura culpa houver, se excessos existirem, se defeitos forem encontrados nos seus livros a ninguém mais se pode acusar. Erasmo assume toda e qualquer responsabilidade. Queremos mostrar com isso que a sátira erasmiana não é fortuita, mas pensada, pesada, querida e assumida e adaptada ao tempo e ao lugar.

Sobre o terceiro tipo de adaptação aludido por Erasmo, aquele que se refere às pessoas, basta um exemplo. Em carta a Cornélio Gerard, ele faz uma brincadeira com o amigo, brincadeiras, aliás, que são comuns em suas cartas: “Acaso sabes te acomodar ao tempo e às pessoas, que aos disertos profiras de forma árdua e exata, e mais negligente e condido aos tolos? Mas, nós estamos brincando.”<sup>215</sup> Com essa brincadeira, pois tem um ótimo conceito do amigo, Erasmo ensina que é preciso adequar-se às circunstâncias e às pessoas, falando de modo mais duro com os eloqüentes e de modo mais temperado com os tolos.

Quanto às circunstâncias, parece haver, mas não há, acomodação de Erasmo, como neste caso a respeito da guerra: “Nós não podemos optar pelo melhor, mas tão somente optar.”<sup>216</sup> Embora não possa impedir a guerra, os votos de Erasmo por um mundo melhor não ficam no

---

<sup>214</sup> ERASMI, p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Qua quidem in re hoc magis ipse mihi displiceo, quod liberorum mala non semper imputari possunt parentibus, librorum autem vitia non aliis quam autoribus accepta feruntur; nisi forte causari velim temporum ac regionis infelicitatem.”

<sup>215</sup> ERASMI, p. 95. Carta 018, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. “An nosti te accomodare tempori et personis, qui ardua et exacta disertis, negligentius condita proferas ineptis? Sed haec iocati summus.”

<sup>216</sup> ERASMI, p. 554. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514. “Nos optare possumus optima, sed optare tantum.”

desejo. Suas obras e suas cartas são suas armas na luta pela mudança, sua vida inteira pretende ser um testemunho da necessidade dela.

A questão da adaptação às circunstâncias pode ser inferida também deste outro exemplo: Depois de escrever que foi pessimamente aceito pelos livreiros por causa dos *Provérbios*, Erasmo satiriza: “Eis a fé sicambra, mas eu tenho com que me vingar. Eu tenho conservado um exemplar dos *Adágios*, que é bem mais abundante que aquele que ele me levou. Tornamo-nos cretenses com um cretense.”<sup>217</sup> Na retomada do provérbio *tornar-se cretense com os cretenses*, satiricamente usado por Erasmo, temos a sua adaptação às circunstâncias, pois ele responde não com ofensa, mas com a garantia de uma obra mais completa a ser publicada.

Mas, Erasmo prega uma adaptação cautelosa às circunstâncias. Por exemplo, quando um aluno seu, sob a ordem de Fausto Andrelini, chama-o de medroso porque ele fugiu de Paris por causa de uma pestezinha, ele responde que um soldado helvécio não poderia suportar semelhante injúria, mas um poeta amante do ócio e da sombra pode. E se Erasmo, por um lado, admite que se possa resistir e devolver os golpes combatendo o inimigo quando se é possível, como foi o caso da Hidra de Lerna, um dos trabalhos mais difíceis de Hércules, que a espada não logrou vencer, mas somente o fogo que o grego portava conseguiu exterminar; por outro, acrescenta que não temer nada não é próprio de um homem valente, mas de um estípite. Pois, pergunta ele, o que se pode fazer diante de um mal que não se consegue nem conhecer e nem vencer? Ele mesmo responde que algumas vezes é melhor fugir que ser vencido, como o corajoso Enéias que não lutou com as Sirenas, mas desviou o navio para a costa longe do perigo. E, continua, não adianta dizer que o perigo não existe, pelo contrario, é preciso imitar a raposa de Horácio: “Porque os vestígios me aterram / Grande número espera o contrário de ti, poucos voltam”<sup>218</sup> Em outras palavras: Os rastros aterrorizam, porque muitos vão para teu antro e bem poucos retornam.

---

<sup>217</sup> ERASMI, p. 547. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “En Sicambricam fidem; sed est quo me ulciscar. Servatum est Adagiorum exemplar, et quid aliquanto copiosius eo quod ille abstulit. Cretissabimus cum Cretensi.” \*Sicambro (*Sicambricus*): Pertencente ou relativo aos Sicambros, antigo povo germano. \*O provérbio *tornar-se cretense com os cretenses* já fora empregado por Erasmo em 1500, na carta 199, p. 275.

<sup>218</sup> ERASMI, p. 311-312. Carta 134, de Erasmo a Fausto Andrelini, de 1500. “Quia me vestigia terrent / Pleraque te adversum spectantia, pauca retrorsum.” \*Soldado helvécio: Luís XII acabara de engajar por dez anos um corpo de mercenários suíços. \*Hidra de Lerna: Serpente de sete cabeças, que renasciam assim que eram cortadas. Em um de seus doze trabalhos, Hércules queimou as cabeças da Hidra à medida que elas cresciam, com a ajuda de um facho trazido por seu fiel escudeiro Iolaos. \*Estípite (*stipes*): O mesmo que estipe; caule das palmeiras; haste que sustenta certos frutos; (fig.) com mínima sustentação, mínimo dispêndio; bastão, estaca, pau, tronco de árvore. \*Sirenas: Relativo a sereias. O nome Sirenas tem sido adotado em todas as literaturas para caracterizar as seduções perigosas. \*Quinto Horácio Flaco (65 a.C. - 08 a.C.): Foi um dos maiores e dos mais notáveis poetas satíricos romanos. Contemporâneo e amigo de Virgílio, ele é autor de *Arte poética*, *Epístolas*; *Epodos*; *Odes* e *Sátiras*. Erasmo sabia-o de cor desde Steyn, sentindo-se aparentado a ele por natureza, um outro Horácio, dirá mais tarde.

Vemos aqui um Erasmo cauteloso, adaptado às circunstâncias, sabendo até onde se deve bater e quando se deve retirar do campo de batalha. Sua sátira bate quando é preciso, recua quando oportuno.

Realmente, Erasmo parece saber até onde ir. Cessando de lamentar a sua sorte, ele pondera: “Mas, a necessidade é uma dura tela, por isso deve-se silenciar as coisas e sujeitar-se ao tempo.”<sup>219</sup> Logo, deve-se aceitar os acontecimentos inevitáveis, agir sempre que possível, calar-se quando é preciso, adequar-se às circunstâncias quando a necessidade assim o exigir. Adaptação que Erasmo procura traduzir em ação, como as suas anotações ao tratado *Dos deveres*, de Cícero. Esperteza sábia que orienta sua sátira.

Trata-se de uma adaptação corajosa às circunstâncias, como se pode inferir das explicações que Erasmo dá ao fato de ter perdido sua bagagem em uma de suas viagens. Para ele, isso é como uma tempestade, na qual tenta imitar os virtuosos navegadores que lutam com arte contra a tormenta. Mesmo que os ventos estejam irados ou que ele se afaste do curso, utilizará as velas e, se não for possível atingir ao porto para o qual se dirige, lançar-se-á em qualquer praia. Até agora, migrando e remigrando, ele tem sido tumultuado apenas tenha se assentado.<sup>220</sup> Quando se trata de adaptação, a posição de Erasmo frente às circunstâncias da vida é prática, ao mesmo tempo em que ele a aceita, contra ela se levanta como um náufrago numa procela.

Por isso, as obras de Erasmo falam daquilo que vê, portanto, são ajustadas às circunstâncias:

Nós não escrevemos nada de ambíguo, mas aquilo que depreendemos com nossos olhos e não esperamos nada além de sua [de Dismas] saúde; pois ele está numa idade que facilmente pode ser flectido tanto para a máxima glória quanto para a extrema torpidez; por isso eu avalio que se deve ser vigilante e pronto.<sup>221</sup>

Erasmo parte daquilo que vê, neste caso, da juventude, como a de Dismas, que é uma idade mais fácil de se flectir, de se flexionar, de se moldar, de se persuadir, e dessa flexão depende o futuro do jovem. Por isso é preciso estar sempre pronto e vigilante. E a forma privilegiada que Erasmo encontra para alertar são seus escritos. Por isso, ele toma todo cuidado para não escrever nada de

---

<sup>219</sup> ERASMI, p. 355. Carta 151, de Erasmo a James Batt, de 1501. “Sed durum telum necessitas; quare mussitanda res et tempori serviendum.” \*Tela (*telum*): Arma de arremesso, arma ofensiva, dardo, lança, punhal. \*Erasmo completa a carta dizendo que compusera anotações ao tratado *De officiis (Dos deveres)*, de Cícero.

<sup>220</sup> ERASMI, p. 236-237. Carta 101, de Erasmo, a James Batt, de 1499.

<sup>221</sup> ERASMI, p. 320. Carta 137, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1500. “Nos enim nihil ambigum, sed oculis deprehensa scripsimus, neque quicquam praeter eis saltutem spectamus; et ille in his est annis, qui facilime vel ad summam gloriam vel ad turpitudinem extremam flectantur; quare vigilandum et maturandum censeo.” \*Antônio de Luxemburgo: Foi cônego de Notre-Dame, em Saint-Omer. Parece que ele cedeu seu posto ao abade Antônio de Bergen em 1517. Erasmo escreveu-lhe várias cartas.

ambíguo, nada que não corresponda à realidade, mas somente aquilo que as circunstâncias lhe apresentam, aquilo que sua experiência apanha e isso apenas porque quer o bem da pessoa.

Ora, adaptar-se às circunstâncias é bem diferente que acomodar-se a elas. Nessa perspectiva, respondendo ao pedido de conselho de André Ammonio acerca do que significa acomodar-se ao que acontece, Erasmo ironiza: “Pois bem, seu porco, eu ensinarei Minerva e, porque tu te opões, não filosofarei muito.”<sup>222</sup> De forma irônica, como se concordasse com o pensamento de Ammonio, e satiricamente, mostrando-lhe que isso seria o ensinamento de um porco à deusa Minerva, Erasmo propõe-se a explicar o que significa acomodar-se aos acontecimentos, coisa bem diferente de sua outra significação, de adaptar-se a elas.

Realmente, existe uma significativa diferença entre acomodar e adaptar-se:

De princípio, esfrega completamente a cara, para que ela não tenha vergonha em alguma parte. Em seguida, mistura-te em todos os negócios de todos. Empurra com o cotovelo a todos que puderes. Não ames nem odeies sinceramente a ninguém, mas mede tudo para teu ganho. Para este escopo visa a razão de toda tua vida. Nada dê, exceto donde esperas lucro; adula tudo em todos.<sup>223</sup>

Encontramos aqui, irônica e satiricamente apresentado, o que quer dizer “acomodar-se”, no sentido de sujeitar-se ao que acontece, exatamente o oposto do que significa acomodar-se para mudar as circunstâncias, que denominamos adaptar-se às circunstâncias.

A essas orientações Erasmo prevê que Ammonio dirá que elas são próprias do vulgo. Por isso, ele continua seu peculiar conselho: que Ammonio abuse para seu proveito, do conhecido provérbio *a inveja britânica*: “Assenta-te em duas cadeiras. Suborna os diversos pretendentes que te ambicionam. Ameaça e faça aparecer a dissensão. Ostenta as cartas que te chamam com grandes promessas; retira-te algumas vezes, a fim de que tua presença subtraída aguace o desejo.”<sup>224</sup> Assim, ao aconselhar satiricamente sobre o que significa “acomodar-se”, Erasmo deixa claro seu oposto, qual seja, em que consiste adaptar-se às circunstâncias Sua sátira ataca a primeira e não a segunda, e busca alcançar a segunda e não a primeira.

---

<sup>222</sup> ERASMI, p. 496-497. Carta 250, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. “Age docebo sus Minervam, nec admodum, quod tu vetas, philosophabor.”

<sup>223</sup> Id., Ibid., p. 497. “Principio perfrica frontem, ne quid usquam pudeat. Deinde omnibus omnium negociis te misce. Protrude quemcunque potes cubito. Neminem nec ames nec oderis ex animo, sed omnia tuo compendio metiare. Ad hunc scopum ominis vitae ratio spectet. Ne quid des, nisi unde speres foenus; assentare omnibus omnia.”

<sup>224</sup> Id., Ibid., p. 497. “Duabus sedeto sellis. Suborna diversos procos qui te ambient. Minare et appara discessum. Ostende literas quibus magnis pollicitis avocaris; subducito te nonnunquam, ut subtracta copia desyderium acuat.”

Enfim, Erasmo se corrige a partir das circunstâncias: “Pois, se outrora eu senti algo mais juvenil, eu corrigi isso, em parte pela idade, em parte pelo uso das coisas.”<sup>225</sup> Verdadeiramente, Erasmo mostra-se disposto a se corrigir, aprendendo quer pela idade quer com os acontecimentos da vida. É por isso que ele apresenta a sua sátira, adaptada ao tempo, ao espaço, às pessoas e às circunstâncias da vida, como construtiva, orientada por uma intenção pedagógica da busca da maior perfeição possível.

## 2. 5 SÁTIRA, LETRAS HUMANAS E DIVINAS, VIRTUDE E PIEDADE

Nossa tese nesta subseção é a de que a sátira erasmiana visa às letras clássicas e às divinas, com a prioridade destas, e à justa medida entre a virtude e a piedade, que ela é, portanto, intencionalmente construtiva.

Começemos pela sátira de Erasmo aos homens que não se dedicam aos estudos. Na carta 203, comentando que foi à Itália, sobretudo por causa do grego, mas que aí os estudos se esfriam enquanto as guerras fervem; que Bentivolus retirou-se de Bolonha; que os franceses cercaram a cidade, mas foram repelidos pelos cidadãos sem muito massacre; que no dia de São Martinho o sumo pontífice Júlio ingressou em Bolonha; e que é preparada uma expedição contra os venezianos para que cedam os territórios que devem ao pontífice; ele satiriza: “Nesse ínterim eles estão de férias dos estudos.”<sup>226</sup> Realmente, enquanto os homens vivem com suas vãs preocupações e na efervescência das guerras, os estudos esfriam, porquanto eles dão férias a eles. Numa carta informal, Erasmo pedagogicamente arremata com uma sátira aos homens que fazem tudo, menos se dedicar às letras. Há quem duvide que ele tenha razão? Há alguém que rejeite sua sátira tão didaticamente apresentada? Não tem ela um efeito maior que qualquer xingamento, ofensa, ou desvelo cru da verdade? Não tem ela um aspecto divertido? Não é mais fácil de aceitar uma crítica assim tão satiricamente exposta? Esse é um exemplo típico da sátira de alguém que é considerado como sátiro por excelência, excelência que lhe cabe por intencionar satirizar pedagogicamente.

---

<sup>225</sup> ERASMI, p. 565. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Nam si quid olim iuveniliter sensi, id partim aetas, partim rerum correxit usus.”

<sup>226</sup> ERASMI, p. 433. Carta 203, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1506. “Studiorum interim sunt feriae.”  
\*Bentivolus é João Bentivoglio (1443 - 1509), duque de Bolonha, que, cercado pelas tropas do papa Júlio II, refugiou-se em 02 de novembro de 1506 em campo francês e sua cidade foi submetida pelo papa.

A sátira de Erasmo se dirige também aos que denigrem as letras, o que pode ser extraído de uma de suas cartas a Cornélio Gerard. Ele pondera que as letras, que antigamente tinham muita utilidade e glória, são agora condenadas e denegridas. As coisas chegaram a tal ponto que quanto mais letrado for alguém mais vive ridicularizado e infeliz, mas ele não se entrega a tal estado de espírito, absorvendo-se no estudo das letras. Ele espera que os literatos agradeçam ao seu estudo, vejam e invejem os iletrados, enrubesçam os pretensos sábios e os jactanciosos e que tirem algum proveito os medíocres. Ele pondera, também, que os grandes literatos não podem deixar de aprovar e de amar as letras, mas os imperitos nessa arte, condenando, lacerando, perseguindo, julgam a todos. Para estes últimos nada deve ser louvado daquilo que eles próprios não sabem e do que sabem nada deve ser desprezado. Eles são hábeis, sem dúvida, porque tornam pequeno aquilo que não conhecem e consideram não lhes faltar nada das grandes coisas. Para eles Cícero, que não conhecem, é bárbaro, Ebrardus, que conhecem, é douto. Eles são parecidos ao famoso Trasão, de Terêncio, pois, sendo totalmente ignorantes, reivindicam para si, com uma temerária confiança e confiante temeridade, toda a faculdade das artes. Como Marcial diz, nada fazendo bem, eles fazem, contudo, belamente todas as coisas, pois se consideram perfeitos em tudo. Ele pondera ainda que, se eles lerem seu pequeno discurso, compreenderão que não se pode falar nem escrever sem um grande conhecimento da arte oratória latina, a qual é a verdadeira glória que devem buscar.<sup>227</sup> A sátira erasmiana parte didaticamente da denúncia aos que denigrem as letras para chegar ao ensinamento sobre necessidade de mudança de comportamento, ou seja, sobre a glória da valorização das letras.

A sátira de Erasmo se estende aos amigos que não se dedicam suficientemente às letras. Assim, criticando a William Herman por este ter cessado os estudos das letras e por não ter empreendido nada que seja digno de sua capacidade, ele exorta o amigo a tomar medidas de acordo com a imortalidade de seu nome, a compor tal como todos esperam dele, a nada antepor à sua glória e a deixar as volupiazinhas ao inerte vulgo. O que o deixa irritado, completa, é que Herman não valoriza seu engenho tanto quanto ele próprio valoriza, ou seja, se comporta aquém

---

<sup>227</sup> ERASMI, p. 120-122. Carta 030, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*Ebrardus é Eberhard de Bhetune, autor, no século XII, de um manual de latim (denominado *Ebrardus*) que era muito utilizado pelas escolas de educação tradicional na época de Erasmo. \*Trasão: É um militar, um oficial fanfarrão, contador de vantagens, na peça cômica *O Eunuco*, de Terêncio. Na carta 92, William Herman compara James Batt a Trasão. \*Marco Valério Marcial ou Martial, (c. 40 - c. 104 d.C.): Autor romano, famoso por seus cerca de 1500 *Epigramas* (*Epigrammaton líber*). A citação encontra-se em II, 7, 7. Diz ele: Nil bene cum facias, tamen omnia belle (Embora não faças nunca nada bem, todavia tu sempre todas as coisas fazes lindamente...). E completa em II, 7-8: Vis dicam quid sit? Magnus es sodalio (Queres que eu diga o que és? Tu és um grande metido!) (cf. Novak p. 276, 277). \*O pequeno discurso de Erasmo é sobre o *De officiis*, de Cícero.

de suas capacidades.<sup>228</sup> A preocupação de Erasmo com a glória dos outros é um dos motivos que o leva a ser satírico quando eles deixam de lado o estudo das letras.

Toda sátira de Erasmo objetiva a estimular a produção das boas letras. Nesse sentido, informando que ouviu dizer que havia na Itália pessoas que estavam empreendendo uma nova edição de Sêneca apoiados nos mais antigos códices, ele deixa claro seu posicionamento em relação aos seus esforços para que triunfem as boas letras:

Nós fomos favoráveis com ambos os polegares a essas atividades, e de tal modo não pensamos que a felicidade deles diga respeito à nossa ignomínia que esperemos recolher daqui também algum elogio, porque, por todo aquele nosso esforço oferecemos a eles, sem dúvida, a oportunidade, e temos ajuntado o estímulo para sustentarem o honradíssimo cargo.<sup>229</sup>

Erasmo aplaude calorosamente toda iniciativa de edição dos clássicos e demonstra estar ciente de que o mérito é todo deles. Por isso ele não se envergonha, mas se alegra, não buscando tirar qualquer proveito próprio, mesmo que reconheça que é graças a seu esforço e a seus estímulos que eles empreendem tal atividade. Ele está ciente de que é partícipe do sucesso deles, mas isso não é o mais importante. O que importa é que as boas letras sejam divulgadas, desde que corretamente, o mais amplamente possível. É nesse horizonte que deve ser entendida a sátira erasmiana.

Aliás, Erasmo só tem autoridade para estimular a produção alheia porque ele próprio se dedica às letras sem arrependimento. Nessa exata medida, testemunhando que contrariamente aos homens que nos seus afazeres não têm tempo para os estudos, mergulhado por inteiro nas letras, afastado há muito tempo de todo barulho dos negócios, escondido nos íntimos recessos das musas, numa vida digna dos deuses se tivesse ou pouco mais de livros, encorajado por suas queridas e frutíferas letras, Erasmo conclui: “Que os outros se cubram de ouro, se elevem ao fastígio, sejam eleitos magistrados, para mim, minhas musas nada reportam exceto vigílias e inveja, porém, nunca me arrependerei delas, no tempo em que este meu ânimo perseverará desprezador da volúvel fortuna.”<sup>230</sup>

---

<sup>228</sup> ERASMI, p. 216-217. Carta 083, de Erasmo a William Herman, de 1498.

<sup>229</sup> ERASMI, p. 13-14. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Horum industriae favebimus utroque pollice, et adeo non putabimus illorum felicitatem ad nostram ignominiam pertinere, ut hinc aliquid etiam laudis simus decerpuri, nimirum quod nostro qualicumque conatu praebuerimus illis ansam, stimulumque subiecerimus ad honestissimam provinciam suscipiendam.”

<sup>230</sup> ERASMI, p. 367-368. Carta 161, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1501. “Inaurentur alii, in fastigium evehantur, creentur magistratus, mihi Musae meae nihil praeter viligias et invidiam reportent; nunquam tamen harum poenitebit, dum hic mihi perseverabit animus fortunae volubilis contemptor.”

Por conseguinte, o que Erasmo busca é a liberdade para a produção das letras. Desse modo, ele escreve a Arnold Bostius que nada mais deseja senão o ócio no qual possa viver somente para Deus, deplorar os pecados imprudentes da idade, versar sobre as Sagradas Escrituras e ler ou escrever um pouco. E isso ele garante que não pode fazer no retiro do mosteiro, pois nada lhe é mais frágil que sua saúde, já que ela não suporta as fadigas de uma comunidade. Por outro lado, ele espera conseguir visitar a Itália.<sup>231</sup> Conseqüentemente, o mosteiro não é o lugar para um homem das letras e sim as viagens, o mundo da liberdade, do qual e para o qual Erasmo satiriza.

A carta escrita por Erasmo a Sasboud nada mais é que uma apologia das belas letras. Nela, ele pede que o caríssimo amigo se acautele tanto para se dedicar à arte da pintura, como cuide para não fazer recuar as letras, dedicando-se todo inteiro ao amor e ao estudo dessas letras, pois assim, além de conquistar a sua simpatia, ele estará sendo útil e agradável. Para Erasmo, dedicar-se às letras é glorioso, desprezá-las é imperícia, é sinal de ignorância; e é preciso preparar-se para as letras, a exemplo da formiga, quando se está na flor da idade, o que alegrará e nutrirá a velhice.<sup>232</sup> Erasmo persegue esse ideal das letras durante toda sua vida e é justamente esse ideal que explica sua sátira.

Deveras, é grande o afã de Erasmo pelas boas letras, como fica evidente, também, neste seu desabafo:

Mas tu clamas pelo fato de eu nada enviar, na verdade eu muito me admiro; como se de fato ora eu ocultasse, como se eu tivesse comigo aquilo que eu poderia ter enviado, ora eu aqui dormisse, como se fosse necessário para mim um estimulador. Creia-me, aqui eu não cessei, pelo contrário, ainda mal poupo a saúde, enquanto dou uma obra aos amigos, enquanto componho para outros, explico a outros, corrijo a outros, enquanto leio, enquanto coligo, enquanto emendo, enquanto componho, enquanto medito as letras gregas, as difícilimas em todo caso. E depois, contra o nosso ócio medido com o teu, tu clamas, escreva este livro, escreva seiscentas cartas, como se tivéssemos um engenho feito de aço. Creio que para ti isto parece muito mais fácil, porque tu não suaste muito por aqui na luta. Que tu próprio experimentes escrever um livro, e então se te parecer bem me acuse de tardeza.<sup>233</sup>

---

<sup>231</sup> ERASMI, p. 202. Carta 075, de Erasmo a Arnold Bostius, de 1498.

<sup>232</sup> ERASMI, p. 90- 91. Carta 016, de Erasmo a Sasboud, de 1488. \*Sasboud: Parece ter sido um jovem a quem Erasmo teria conhecido através de seu irmão Pedro.

<sup>233</sup> ERASMI, p. 328. Carta 139, de Erasmo a James Batt, de dezembro, de 1500. “Quod vero clamas me nihil mittere, equidem mediusfidius miror; quasi vero aut ego sim celaturus, si qui apud me esset quod mitti possit, aut hic dormiam, ut mihi extimulatore sit opus. Crede mihi, non cessatur hic, imo vix etiam valetudini parcitur, dum amicis do operam, dum aliis compono, aliis praelego, aliis castigo, dum mihi lego, dum colligo, dum emendo, dum compono, dum Graecas literas utique difficilimas meditor. Et postea tu nostrum ocium ex tuo mensus clamas, scribe huic librum, scribe sexcentas epistolas, quasi ingenium habeamus adamantinum. Credo tibi ista perfacilia videri, quod non admodum hac in palestra sudasti. Experire ipse qui sit librum scribere, et tum si videbitur, me tarditatis incusa.”

A sátira de Erasmo - aqui um tanto mordaz a alguém, James Batt, que ainda é considerado e ele igualmente considera seu amigo - é utilizada como forma de convencimento mais contundente, tanto de que se deve trabalhar para as boas letras, como de que ele próprio trabalha e sabe o quanto se deve trabalhar para que elas triunfem.

As letras são exatamente as respostas de Erasmo aos ataques. “Porque vivo, porque também valho, eu refiro isto, por ter aceitado as letras, que me ensinaram a não ceder a nenhuma procela da fortuna.”<sup>234</sup> Esse é o testemunho de Erasmo frente à patifaria do tutor de Thomas Grey que maltrata as letras e prefere as maquinações, através do qual ele busca não a revanche, não a crítica maldosa, mas as letras que lhe fornecem o equilíbrio necessário para responder aos adversários pedagogicamente com sátira erudita.

O afã de Erasmo pelas letras pode ser aduzido também de suas exortações. Por exemplo, ao mesmo tempo em que, afetivo e aguardando afeição recíproca, expressa seu amor pelas letras, ele exorta Thomas Grey para que as cultive também: “Negligencia a injúria, despreza a impertinência senil, e até a mim, se quiseres, apaga-me de teu coração, contanto que nada cogites exceto as letras.”<sup>235</sup> Por conseguinte, não só as injúrias, mas até mesmo a amizade, sentimento importantíssimo para Erasmo, ou, ainda, a sua própria pessoa, tudo deve ser esquecido em nome do cultivo das letras. Esse é o aspecto jocoso de sua sátira, mas ao mesmo tempo de uma seriedade vital.

Outro exemplo é a exortação de Erasmo a Theodoric para que este tenha amor pelas letras, que proporcionam utilidade e prazer, elementos decisivos de seu pensamento educacional: “Porque dedicaste teu espírito às letras e começaste a ter uma razão de salvação pessoal, isto será então para ti de máxima utilidade e para mim de inefável prazer.”<sup>236</sup> Ou seja, Erasmo está preocupado com o amigo e feliz porque este descobre as letras e o método de salvação. Se isso é útil para o amigo, para ele é motivo do maior prazer e é exatamente nesse escopo que se deve

---

<sup>234</sup> ERASMI, p. 176. Carta 058, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497. “Quod vivo, quod etiam valeo, literis acceptum refero, quae me docuerunt nullis fortunae procellis cedere.” \*Thomas Grey: Em Paris, ao mesmo tempo em que aos irmãos Northoff, Erasmo ensinou a dois jovens ingleses, Thomas Grey e Roberto Fisher. Thomas era um jovem rico, talvez um bastardo da grande família Grey. Erasmo se indigna com o tutor (um escocês, agente o rei) por ter retirado Grey de sob seus cuidados, devido, segundo o tutor, à relação passional de Erasmo para com Grey e seus outros pupilos, o que Erasmo não perdoou. Erasmo escreveu a Grey várias cartas.

<sup>235</sup> Id., Ibid., p. 179-180. “Neglige iniuriam, contemne senilem morositatem, me quoque si voles ex animo deleto, modo nihil praeter literas cogites.”

<sup>236</sup> ERASMI, p. 84. Carta 010, de Erasmo a Francisco Theodoric, de 1488. “Quod literis animum tuum dederis et propriae salutis rationem habere coeperis, id tum tibi summae utilitati, tum mihi ineffabili voluptati futurum est.” \*Ratio tem inúmeros significados: bom senso; cálculo; conta; consideração; curso; interesse; meio, método (como aqui); motivo; negócio; ordem; princípio; prudência; relação; respeito; razão; tino; transação; vantagem.

entender seu esforço teórico. Essa questão da finalidade é importante porque aquilo que ele escreve, inclusive ou principalmente sob a forma satírica, traz à cena essa intenção pedagógica. A sua felicidade consiste em fazer com que as letras, clássicas e divinas, sejam cultivadas.

Quanto à importância das letras para a educação escolar, fica igualmente muito claro o alvo perseguido por Erasmo, como no elogio a Colet por este ter empreendido o trabalho das letras:

Além disso, porque consideravas o próximo, tu construístes uma escola, de longe belíssima e magnificentíssima, onde, sob eleitíssimos e aprovadíssimos preceptores a puberdade britânica, desde os rudes anos se embebesse ao mesmo tempo de Cristo e das ótimas letras; por certo entendendo seriamente que nesta idade, como uma erva, está posta a esperança da república, e quanto importa, para toda a vida, imbuir-se logo dos ótimos incunábulo.<sup>237</sup>

Embeber a todos de Cristo e das letras é também a finalidade da sátira erasmiana, assim como sua crença nas possibilidades de mudança a partir da formação da juventude.

A dedicação de Erasmo às letras é testemunhada por muitos que o conhecem. Entre estes se encontra João Becker de Borsselen que, sabendo que nos seus estudos Erasmo compõe de novo a cada dia, lhe escreve:

É-me, pois, gratíssimo e agradabilíssimo, ouvir sobre tua boa saúde, sobre o próspero sucesso de tuas coisas e sobre as obras que de tua oficina são emitidas quotidianamente e que são recebidas com singular congratulação e admiração por todos os eruditos, seja porque tu das ótimas obras gregas fazes uma latina igualmente ótima, seja porque trata a sagrada, esta muito digna de tua profissão e de tua singular doutrina, seja porque versas sobre as profanas, a fim de que com isto, como um alívio, suportes mais facilmente nesse ínterim os trabalhos e os tédios dos estudos mais pesados.<sup>238</sup>

Temos aqui uma compreensão mais ou menos correta das obras de Erasmo: Erudição, afã de produção, predomínio das letras divinas, produção de obras profanas com o intuito de divertir-se (e divertir) para assim preparar-se para as obras mais sérias. Acontece, porém, que as obras

---

<sup>237</sup> ERASMI, P. 511. Carta 260, de Erasmo a João Colet, de 1512. “Deinde quod proximum existimabas, ludum literarium longe pulcherrimum ac magnificentissimum instituisti, ubi sub electissimis ac probatissimis praeceptoribus Britannica pubes rudibus statim annis simul et Christum et optimas imbiberet litteras; nimirum graviter intelligens et in hac aetate velut haerba spem reipublicae positam esse, et quanti referet in omnem vitam protinus ab incunabulis optimis imbui.” \*Incunábulo (*incunabula*): Significa berço, começo, origem; mas era também o livro impresso nos primeiros anos da arte de imprimir, até 1500, e, por extensão, impresso produzido nos primórdios de qualquer sistema de gravar, compor ou imprimir.

<sup>238</sup> ERASMI, P. 558. Carta 291, de João Becker de Borsselen a Erasmo, de 1514. “Gratissimum enim et iucundissimum mihi est audire de tua bona valetudine, de rerum tuarum prospere successu deque operibus quae ex tua officina emittuntur quotidie et singulari omnium eruditorum gratulatione et admiraione excipiuntur, sive tu ex optimis Grecis Latina facias itidem optima, sive sacra tractes professione ista et doctrina singulari in primis digna, sive in prophanis verseris, uti graviorum studiorum labores et taedia hoc veluti solatio interim feras facilius.” \*João Becker de Borsselen: Conheceu Erasmo durante a estadia deste em Tournehem. Proposto como primeiro professor de latim no Colégio Trilíngüe, ele recusou o cargo. Erasmo não cessou de defendê-lo contra os ataques dos teólogos.

divertidas têm para Erasmo igual peso que as consideradas sérias. E mesmo as sérias ele procura torná-las mais divertidas.

Aliás, não é exclusividade de Erasmo, mas é comum que os literatos estimulem uns aos outros para a dedicação às letras. Dessa forma, William Herman incentiva Servatius Rogerus para incumbir-se das mais belas coisas, qual seja, do estudo das letras, tarefa digna de ocupar sua atenção e seu ócio.<sup>239</sup>

No seu amor pelas letras, Erasmo espera apenas a aprovação divina e da posteridade. Na carta a Antônio de Luxemburgo ele escreve que não vive às ocultas porque o gênero de estudos que segue parece estranho para uns, infinito, não frutífero ou pouco piedoso para todos do vulgo que agora confessam publicamente as letras. Pelo contrário, que isso só o faz se acender, pois ele sabe de duas coisas: o que é ótimo nunca agradou o vulgo e este gênero de estudos é aprovado por pouquíssimas pessoas, mais exatamente pelas eruditíssimas. Ele escreve em seguida que se São Jerônimo foi insano ou tão indouto, é útil desatinar com esse tipo de homem, visto que é melhor ser contado entre o rebanho desse indouto que entre o coro dos deuses. Também, que mesmo que não atinja a meta de seu curso, ele acha que merece ser louvado porque certamente batalha pelas coisas que são de longe as mais belas. Igualmente, que está em sua mente que se os homens não o aprovarem, ele acredita que Deus o aprovará e o ajudará. Ainda, que a fortuna soprará em direção contrária, mas Deus, como fez antes disto, o favorecerá. Enfim, que ele augura que os homens o aprovarão um dia, os pósteros certamente.<sup>240</sup> Esses são os sentimentos de Erasmo expressos em sua sátira aos pseudo-letrados e em sua declaração de amor pelas letras. Aqui, não interessa definitivamente o vento da fortuna que sopra em direção contrária. Não interessa a aprovação dos homens, pois quem não prova as letras não consegue aprová-lo. Interessa sim a aprovação da posteridade, a qual provando as letras o aprovará. Interessa também fazer parte da companhia de verdadeiros letrados, mesmo que não aprovado pelos que não provaram as letras. Mas interessa principalmente a aprovação divina à sua iniciativa. Esse é o quadro no qual a sátira erasmiana se insere.

Com tais sentimentos, Erasmo usa suas obras como iscas. Nessa perspectiva, sua tradução dos dois primeiros livros da *Gramática* grega de Teodoro Gaza tem um desígnio bem definido, pois nada nele é por acaso, mas tudo é intencionado: “[...] que por esta razão vertemos para o

---

<sup>239</sup> ERASMI, p. 228-229. Carta 092, de William Herman a Servatius Rogerus, de 1499.

<sup>240</sup> ERASMI, p. 370. Carta 161, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1501. \*Erasmo faz um trocadilho com os verbos: *Approbare* (aprovar) e *probare* (aprovar ou provar).

latim, para que atraíssemos muitos ao estudo da conversação em grego pela própria eloquência como uma isca [...]”<sup>241</sup> Traduzir do grego para o latim é tornar a compreensão dos textos mais fácil. Mas isso é para Erasmo apenas uma isca para atrair os educandos à leitura e conversação do grego. É-lhe peculiar utilizar dessas iscas pedagógicas. Sua sátira é, também, uma isca, uma linguagem que parece dizer uma coisa, mas diz outra, que parece censurar, mas educa.

O amor de Erasmo pelas letras o leva a percorrer o caminho das letras profanas às letras divinas:

[...] e ainda, que certos caluniadores compreendam, aqueles que julgam que a suma religião nada sabe das boas letras, que durante a adolescência abraçamos a mais polida literatura dos antigos, que engendramos um razoável conhecimento, não sem muitas de nossas vigílias, em ambas as línguas, a grega e ao mesmo tempo a latina, não porque nós visássemos uma fútil fama ou uma infantil voluptuosidade de ânimo, mas que foram premeditadas há muito tempo, para que o templo do Senhor, que alguns desonram com sua insciência e demasiada barbárie, exornemos, segundo nossas forças, com recursos exóticos que possam inflamar os generosos engenhos para o amor das divinas escrituras.<sup>242</sup>

Erasmo parte das letras humanas com o intuito de ornar as letras divinas. Analogamente, a sátira erasmiana, também um recurso exótico, evidencia que toda sua erudição tem como fim último as Sagradas Escrituras, ou seja, as letras divinas, capazes de iluminar os caminhos humanos rumo à virtude e à piedade.

É por isso que o propósito primeiro de Erasmo consiste em dedicar-se às santas letras, como quando, lamentando seu péssimo estado de saúde, que há um mês e meio só lhe proporciona dores e febre leve, mas diária, assevera, contudo, que aspira por uma vida em que no santo ócio possa se ocupar somente de si e de Deus, meditar nas santas escrituras e purificar com lágrimas seus antigos erros.<sup>243</sup> Deveras, a preocupação com as letras divinas está presente mesmo nos momentos mais difíceis.

---

<sup>241</sup> ERASMI, p. 09. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] quos ideo latine vertimus, ut plures alliceremus ad studium Graecanicí sermonis vel ipsa facilitate velut esca quadam [...]” \*Sobre os objetivos de Erasmo com a publicação de suas obras, conferir, por exemplo: Carta, 049, p. 163 (preocupação com a pureza da língua); Carta 149, p. 351-353 (afã de Erasmo pelo grego); Carta 177, p. 392-393 (defesa da concisão do discurso e preocupação com a tradução); Carta a João Botzheim, p. 08 (importância da língua grega).

<sup>242</sup> ERASMI, p. 375. Carta 164, de Erasmo a João, de 1501. “[...] atque ut intelligant calumniatores quidam qui summam existimant religionem nihil bonarum litterarum scire, quod politioem veterum litteraturam per adolescentiam sumus amplexi, quod utriusque linguae, Graecae pariter ac Latinae, mediocrem congitionem non sine multis vigiliis nobis peperimus, non ad famam inanem aut puerilem animi voluptatem spectasse nos, sed multo ante fuisse premeditatos ut dominicum templum, quod nunulli inscitia barbarieque sua nimis dehonestarunt, exoticis opibus pro viribus exornaremus, quibus et generosa ingenia possent ad divinarum scripturaram amorem inflamari.”

<sup>243</sup> ERASMI, p. 201-202. Carta 074, de Erasmo a Nicolas Werner, de 1498. \*Sobre a valorização das letras divinas, conferir também: Carta 048, p. 158-160 (intenção de Erasmo em se doutorar em teologia); Carta 281, p. 540-541 (decisão de Erasmo em dedicar-se às obras sacras); Carta a João Botzheim, p. 30 (supremacia do Evangelho).

Por considerar as letras divinas acima de tudo, Erasmo se lança ao projeto de reconstituição da Teologia, para cuja realização duas condições são necessárias: a primeira é que precise ir à Itália, a fim de que sua pequena doutrina receba alguma autoridade desse célebre local e a outra é que adquira o título de Doutor. Para ele, ambas as condições são tolas, pois quem percorre o mar não muda de repente de ânimo e a sombra de um grande título tampouco o torna mais douto em um só fio de cabelo. No seu entender, os tempos são tais que aqueles que têm o principado da doutrina não reconhecem ninguém como douto se não tiver o título de Nosso Mestre, o que se opõe ao Cristo, o Príncipe dos Teólogos. E, lembrando que os doutores, para os antigos, eram os que com seus livros editados tornavam manifestas as suas doutrinas, ele conclui que é inútil mostrar sua boa fábula quando não há ninguém que não a rejeite.<sup>244</sup> Este é o impasse: Erasmo ama as santas letras a ponto de querer reconstituí-las; mas só tem crédito quem tem o título de doutor, um título que nada quer dizer, quer conforme a doutrina de Cristo, quer de acordo com o ensinamento dos antigos ou quer, ainda, segundo sua própria opinião. Na verdade, douto é aquele que prova com seus livros publicados a evidência de sua ciência. No entanto, de que adianta publicar boas obras se os “doutores” as rejeitam? Em função disso, a principal saída do impasse para Erasmo é a sátira.

Dito de outra maneira, Erasmo faz opção de vida pelas letras divinas: “Eu empreendi os Comentários das Epístolas de Paulo nos quais me absorverei quando editá-los. Com efeito, eu decidi me consumir nas sagradas letras. Nestas coisas eu coloco meu ócio e meu negócio.”<sup>245</sup> E isto é permitido a Erasmo mesmo fora do convento, aliás, só ali é possível.

Tal opção de vida pelas letras divinas é algo que Erasmo se propõe para sempre: “Em seguida, livre e de todo o coração eu empreenderei as letras divinas para haver de consumir nelas todo o restante de minha idade.”<sup>246</sup>

Opção pelas letras divinas significa opção por Cristo. Erasmo dá um conselho a João Colet: “Às blaterações dos malévolos, nesse ínterim, oponha uma reta e sincera consciência e te

---

<sup>244</sup> ERASMI, p. 344-345. Carta 145, de Erasmo a Ana de Veere, de 1501. \*Nosso Mestre: Título de Doutor.

<sup>245</sup> ERASMI, p. 570. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Commentarios in Epistolas Pauli incepti, quos absolvam, ubi haec edidero. Nam mihi decretum est in sacris immori litteris,. In hisce rebus colloco ocium meum et negocium.” \*Consumir-se nas letras encontra-se na primeira epístola de Horácio.

<sup>246</sup> ERASMI, p. 401. Carta 181, de Erasmo a João Colet, de 1504. “Deinde liber ac toto pectore divinas literas aggrediar, in hiis reliquam omnem aetatem insumpturus.”

coliga ao único e simples Cristo, e menos te turbará o múltiplice mundo.”<sup>247</sup> É isso que Erasmo diz a todos e continuamente. Leiam as suas obras, não só as referentes às letras divinas, mas também às humanas, leiam suas cartas e verão que é esta a sua posição: a permanente afirmação de que tudo que faz é para dar glória a Cristo, inclusive sua sátira!

Quanto às publicações das letras divinas, mesmo que muitas delas tenham sido realizadas a pedido de amigos e poucas sigam apenas a sua vontade, elas obedecem mais a inclinação de Erasmo para esses assuntos. Nessas obras divinas, o seu cuidado é extremo. “Na verdade, aqui não só dissuadia quer a magnitude quer a dificuldade da obra, mas também a turba dos comentários, pois havia o perigo de que eles ocultassem mais rapidamente a profecia que a explicassem.”<sup>248</sup> Nada dissuade Erasmo do trabalho, nem a amplitude, nem a dificuldade, nem a multidão dos comentários, pelo contrário, isso lhe exige o máximo cuidado, pois não quer mascarar o texto, mas sim explicá-lo. Ele tem para com as obras sagradas o mesmo cuidado que tem com as obras profanas, qual seja, de esclarecer o verdadeiro significado das palavras para a grandeza das letras, das divinas em primeiro lugar.

O melhor exemplo da primazia das letras divinas é a obra de Erasmo sobre o Novo Testamento.

Esse nosso trabalho que excitou muitas pessoas quer para as letras gregas quer para o estudo da mais sincera teologia, trouxe para mim uma glória de tal modo fermentada de muita inveja. E, em breve isto nos rendeu pesadas penas, tanto pela temeridade, como pelas demasiada eloquência, sujeitando-me à vontade dos amigos mais que a meu juízo.<sup>249</sup>

Com a tradução do *Novo Testamento* do grego para o latim, Erasmo visa ao aprendizado das letras gregas e também do latim, bem como pretende facilitar o estudo da verdadeira teologia. Tal iniciativa traz para Erasmo tanto glória como inveja. Ele sabe que as críticas que lhe advêm são devidas a sua temeridade em contrapor sua tradução à da Vulgata e ironiza que se deixa facilmente levar mais pela vontade dos amigos que por sua própria opinião. Assim, por prezar muito o julgamento dos amigos eruditos, a pedido deles, ele publica suas obras, sagradas ou profanas para que através de seus escritos sejam divulgadas ao mundo as letras clássicas e

---

<sup>247</sup> ERASMI, p. 527. Carta 269, de Erasmo a João Colet, de 1513. “Interim malevolorum blateramentis oppone rectam et synceram conscientiam, in unum illum et simplicem Christum te collige, et minus turbabit multiplex mundus.”

<sup>248</sup> ERASMI, p. 21. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Verum hic non solum deterret operis tum magnitudo tum difficultas, verum etiam turba commentariorum, ut periculum sit ne prophetiam obruant citius quam explanent.”

<sup>249</sup> Id., Ibid., p. 14. “Is labor noster ut plurimos excitavit vel ad Graecas literas vel ad studium synceriores theologiae, ita mihi gloriam peperit multa invidia fermentatam. Dedimus et hic mox poenas non leves vel temeritatis vel nimiae facilitatis in obsequendo amicorum voluntati potius quam iudicio.”

divinas. Inserida nesse contexto, a sátira de Erasmo não pretende destruir, mas construir, porquanto ele intenciona edificar os homens nas letras humanas e divinas também por meio dela.

No que diz respeito às categorias da virtude e da piedade, Erasmo satiriza a falsa virtude: “O que, pois, de mais odioso, o que de menos suportável existe que a improbidade personificada pela profissão da virtude?”<sup>250</sup> Erasmo mostra que os filósofos criticados por Luciano, em *O Galo*, são intoleráveis porque mascaram a virtude com sua desonestidade, já que ímprobos, pressupõem-se probos e doutos na virtude, o avesso do que acontece com Luciano e Erasmo.

É que Erasmo está preocupado com a verdadeira virtude, que é proporcionada pelas letras humanas. Por isso, por exemplo, ele sugere que Dismas saia do ambiente imundíssimo no qual vive no momento e onde não pode receber uma boa instrução e seja colocado sob a tutela de Tutor, professor de direito pontifical, homem de máxima integridade, de incomum erudição, flagrantíssimo pelos estudos e que acolhe em sua casa alguns nobres adolescentes. Ele justifica que ali o jovem viverá como se vivesse com os pais, ouvindo só o que é honesto e literário; que ali será formado nas letras e na virtude. Depois, ele recomenda que Antônio de Luxemburgo faça todo o possível junto ao abade Antônio de Bergen para que este transfira a tutela de Dismas. E conclui que se isso não for feito, todos, e primeiramente o jovem, se arrependerão.<sup>251</sup> É para que o futuro de Dimas nas letras e na virtude seja garantido que Erasmo escreve, é para que todos tomem uma atitude pedagógica nesse sentido que ele exorta.

Por isso, Erasmo exorta as pessoas para que respondam às críticas com a virtude. Estimulando Roberto de Keyser a prosseguir no empreendimento de preparar a juventude de Gand para a mais pura conversação latina, a fim de que as ótimas disciplinas sejam percebidas, ele completa: “Que as blaterações dos invejosos não excitam mais ao teu espírito que o mosquito ao elefante, pelo contrário, que mais e mais o acendam por causa dos latidos deles. É belo que os

---

<sup>250</sup> ERASMI, p. 425. Carta 193, de Erasmo a Cristóvão Urswick, de 1506. “Quid enim odiosius, quid minus ferendum, quam improbitas virtutis professione personata?” \*Cristóvão Urswick (1448 - 1521): Em 1484 ele abraçou a causa de Henrique VII, que o recompensou com cargos. \**O Galo* ou *O sonho* é um diálogo de Luciano traduzido por Erasmo. Trata-se de um diálogo entre Mícilo, um pobre sapateiro, de cujo sonho de futuras riquezas foi despertado pelo canto da ave de Zeus e o próprio Galo, que não é outro senão o filósofo Pitágoras, que, por efeito de metempsicose (doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos), se reencarnara num galináceo. O Galo-Pitágoras critica com veemência as fantasias megalomaníacas de Mícilo, e ele aproveita a oportunidade para disparar seus dardos envenenados contra as ilusões das riquezas, os caçadores de testamentos e certos filósofos, vítimas prediletas da sátira de Luciano.

<sup>251</sup> ERASMI, p. 318-319. Carta 137, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1500. \*Erasmo tomou Antônio de Luxemburgo como intermediário entre ele e o abade Antônio de Bergen.

queimes violentamente com tua virtude.”<sup>252</sup> As letras estão em primeiro lugar, por isso é necessário educar a juventude para elas. Aos que gritam contra aqueles que as pregam, que se responda com o castigo, com a violência da virtude! Portanto, não é a sátira que é violenta, mas é a virtude que lhe subjaz que violentamente combate os vícios. A sátira é educativa a quem se abre para a virtude. Quem recalitra tudo, ela parece violenta e, por parecer, acaba por tornar-se de fato violenta, pelo menos na opinião deste.

Mas, é necessário unir a virtude à doutrina. Nesse sentido, respondendo a William Herman, que o exortou à virtude, Erasmo o exorta, por sua vez, para que coloque todo seu esforço a fim de agarrar a virtude e a doutrina, pois, se fizer isso, ele será a glória da Holanda.<sup>253</sup> De fato, a glória é o resultado da busca da virtude e da doutrina, proporcionadas pelas letras humanas e divinas.

Testemunhando esse propósito de unidade entre virtude e doutrina, Erasmo satiriza aqueles que invertem a verdadeira virtude e a verdadeira piedade:

De outro modo, quem escreveu mais contra a confiança das cerimônias; contra a superstição dos alimentos, do hábito e dos votos; contra aqueles que têm mais consideração pelas invenções dos homens que pelas letras divinas, cumprem mais as constituições humanas que os preceitos de Deus, colocam mais proteção nos santos que no próprio Cristo; contra a teologia escolástica corrompida pelas argúcias filosóficas e sofisticas; contra a temeridade de definir o que quer que seja; contra os juízos prepósteros do vulgo?<sup>254</sup>

As obras de Erasmo são bons exemplos da coesão entre virtude e piedade e da primazia desta. Terminando sua relação de obras do gênero oratória com os *Antibárbaros*, livro escrito quando ainda era adolescente, Erasmo profere: “Todavia, estas obras que recenseei quase todas são daquelas que dizem respeito à instituição da vida, mas aquelas que eu evocarei agora foram escritas seriamente por nós para a razão de vida e para a piedade.”<sup>255</sup> Logo, além das obras atinentes à instituição da vida (obras didáticas escritas para a instrução e aprendizagem), Erasmo

---

<sup>252</sup> ERASMI, p. 389. Carta 175, de Erasmo a Roberto de Keysere, de 1503. “Lividorum blateramenta non magis animum tuum permoveant quam culex elephantum, imo magis maisque ascendant oblatrationibus suis. Bellum est esse quos tua virtute male uras.” \*Roberto de Keysere: Era natural de Gand, onde ensinou e trabalhou como editor. Ele provavelmente editou o *Discurso ao Menino Jesus*, de Erasmo.

<sup>253</sup> ERASMI, p. 212-215. Carta 081, de Erasmo a William Herman, de 1498. \*Doutrina (*doctrina*): Mesmo que signifique arte; cultura; educação; instrução; ciência; Erasmo se refere à ciência teológica.

<sup>254</sup> ERASMI, p. 29. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Alioqui quis plura scripsit adversus fiduciam ceremoniarum, adversus superstitionem ciborum, cultus et votorum, adversus eos qui plus tribuunt hominum commentis quam literis divinis, que pluris faciunt humanas constitutiones quam praecepta Dei, qui plus praesidii collocant in diuis quam in ipso Christo; adversus Theologiam scholasticam philosophicis et sophisticis argutiis corruptam, adversus temeritatem quiduis definiendi, adversus praepostera vulgi iudicia.” \*Divus (divo): Significa celeste, divino; santo; mas é também o epíteto de Júpiter.

<sup>255</sup> Id., *Ibid.*, p. 19. “Quanquam autem et in his quae recensui, pleraque sunt quae pertinent ad institutionem vitae, tamen haec quae nunc commemorabo, serio nobis scripta sunt ad vitae rationem ac pietatem.”

se dedica àquelas concernentes à razão de vida (obras pedagógicas escritas para a vida racional), isto é, àquelas que buscam despertar os homens para a virtude e para a piedade. Analogamente, a sátira é um instrumento didático de aprendizagem, mas é muito mais um procedimento pedagógico que tem por fim uma vida mais humana (virtude) e mais cristã (piedade).

Resultado das letras divinas, Erasmo escreve primeiramente para a piedade. Após informar a Colet que tinha começado outrora o hebraico e depois abandonado seu estudo, aterrorizado pelo estrangeirismo dessa língua; tem evoluído em boa parte na obra de Orígenes, que abre como que certas fontes e indica razões para a arte teológica; enviou-lhe, como um pequeno presente literário, algumas das suas lucubrações entre as quais se encontra a discussão *Sobre o Temor de Cristo* já bastante mudado; ele termina dizendo que:

Eu não redigi o Manual para a ostentação do talento ou para a eloquência, mas só para isto, para que eu medicasse os erros do vulgo, que constituem a religião em cerimônias e observações quase que mais judaicas das coisas corporais, muito negligentes naquelas coisas que dizem respeito à piedade. Além disso, eu me esforcei como para entregar uma espécie de artifício de piedade, à maneira daqueles que redigem os métodos certos para as disciplinas [...]<sup>256</sup>

Portanto, não é para se exhibir e nem para se mostrar eloqüente que Erasmo escreve o *Enchiridion*, mas, como em todas as suas obras, para curar os erros dos homens, negligentes que são nas coisas da piedade. Ele quer apresentar um método de piedade a exemplo do método das ciências. Vale dizer que sua sátira tem essa mesma preocupação de ser uma arte ou um método correto para a educação dos homens.

Deveras, Erasmo escreve pia e eruditamente:

Provocado tantas vezes por tantas atenções e por tantos favores teus, integérrimo e doutíssimo prelado, para não parecer simplesmente ingrato, eu comecei enfim a olhar ao redor para ver que presente literário digno de tua grandeza eu poderia preparar, isto é, de forma pia e depois erudita [...]<sup>257</sup>.

Enfim, toda a vida de Erasmo é dedicada à piedade. Nessa perspectiva, depois de confessar que nunca há fim para os estudos; que daí resulta que cotidianamente se parece recomeçar; que está resolvido a se contentar com sua mediocridade, principalmente porque se

---

<sup>256</sup> ERASMI, p. 405. Carta 181, de Erasmo a João Colet, de 1504. “Enchiridion non ad ostentationem ingenii aut eloquentiae conscripsi, verum ad hoc solum, ut mederer errori vulgo religionem constituentium in ceremoniis et observationibus pene plusquam Iudaicis rerum corporalium, earum quae ad pietatem pertinent mire negligentium. Conatus autem sum velut artificium quoddam pietatis tradere, more eorum qui de disciplinis certas rationes conscripsere [...]”

<sup>257</sup> ERASMI, p. 469. Carta 229, de Erasmo a João Fisher, de 1511. “Tantis et officiis et beneficiis toties a te provocatus, Praesulum integerrime idemque doctissime, ne simpliciter ingratus viderer, coepi tandem circumspicere si quod munus literarium parare possem tua dignum amplitudine, hoc est pium iuxta atque eruditum [...]” \*João Fisher (1459? - 1535): Foi chanceler da Universidade de Cambridge e bispo de Rochester. Ele fundou em Cambridge dois colégios destinados a serem centros da cultura nova, tornando-se presidente do Queens’ College.

aplica o quanto é necessário ao grego; que vê que a vida dos homens, por mais longa que seja, é fugaz e evanescente; ele resume o sentido de sua vida, de sua obra e, diremos, de sua sátira: “Uma e outra vez eu verso isto no meu ânimo, como eu posso ao que me resta de vida (que, no entanto eu não sei quanto têm de futuro) dedicá-la toda à piedade, toda ao Cristo.”<sup>258</sup> Dado o fim último, exposto de uma forma indubitável, tudo o mais se explica em Erasmo, igualmente a sua sátira, que é para ele construtiva, pois visa à virtude e à piedade.

## 2. 6 SÁTIRA, PROPOSTA EDUCACIONAL E MÉTODO

Conseqüência das categorias supra nossa hipótese neste item é a de que a sátira de Erasmo está inserida em sua proposta educacional e, também, que ela segue amiúde um método sistemático de exposição, motivos pelos quais é intencionalmente construtiva.

Antes de tudo, Erasmo é um pedagogo. Primeiramente ele considera que um jovem deve ser instruído em todos os gêneros literários, independentemente a que se destinam seus estudos, a fim de que, não podendo aprender tudo, aprenda pelo menos o que for mais apto. Depois, ele espera que o pai de seu aluno-doméstico e a sua família se persuadam de que não faltarão sua fidelidade, solícitude ou diligência para a instrução de seu filho.<sup>259</sup>

Do mesmo modo, Erasmo julga que Christian precise menos de exortações e mais de alguém que lhe guie e lhe indique o caminho para a vida na qual ingressou. Ele considera seu dever lembrar-lhe as diversas etapas pelas quais ele próprio passou desde que era menino, pois se o jovem prestar atenção ao que ele prescreve ninguém se arrependerá, Erasmo por ter aconselhado e Christian por ter obedecido.<sup>260</sup> Erasmo não se coloca primeiramente como moralista e sim como pedagogo, sendo a sátira a forma de um professor mostrar aos seus alunos o caminho das letras, o caminho da verdade, a partir do seu próprio exemplo de vida.

Nesse sentido, Erasmo apresenta o método através do qual Christian pode aprender não só mais retamente como também mais facilmente: Que divida o dia conforme suas atividades, enquanto lhe lêem Plínio o Antigo e o papa Pio o Grande, homens de eminente memória! No

---

<sup>258</sup> ERASMI, p. 421. Carta 189, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1506. “Ego id etiam atque etiam in animo verso, quemadmodum possim id quod mihi superest aevi (quod quidem quantum sit futurum nescio) totum pietati, totum Christo impartire.”

<sup>259</sup> ERASMI, p. 215-216. Carta 082, de Erasmo a um homem de Lübeck, de 1498. \*Henrique Northoff encaminhara a Erasmo um jovem de Lübeck para ser seu aluno-doméstico. O homem de Lübeck é o pai desse aluno.

<sup>260</sup> ERASMI, p. 171. Carta 056, de Erasmo a Christian Northoff, de 1497.

princípio, é mais importante que escute seu preceptor não apenas atentamente, mas avidamente e, não contente de seguir diligentemente suas exposições, se contraponha para algumas vezes superá-lo!. É importante repetir tudo isso na memória e mandar o principal para a escrita, a qual é a mais fiel custódia da palavra, mas, que não confie demais, como o ridículo homem do qual falava Sêneca, que induziu em seu espírito que possuía o que qualquer de seus servos lembrasse! Que não aconteça que tendo códices eruditos, ele próprio seja não erudito! Para não deixar fugir o que foi ouvido, que o repita para si e para os outros! Que não se contente com isso, mas se lembre de conceder uma parte do tempo à reflexão silenciosa, que é a única coisa que conduz ao engenho e à memória aquilo que se escreveu! Que atente que da mesma maneira que uma palestra ostenta os nervos dos espíritos, a discussão igualmente os excita, igualmente os amplia! Que não tenha pudor de perguntar se tem dúvida de alguma coisa, nem de se corrigir se errou algo! Que fuja das lucubrações noturnas e dos estudos intempestivos, pois eles extinguem a disposição e prejudicam muito a saúde, porquanto a aurora é a amiga das musas, apta aos estudos! Tendo almoçado, que jogue, passeie ou confabule de forma hilária, porque isso também pode ser um lugar de estudos! Que se lembre que os alimentos não devem ser consumidos quanto à libido, mas quanto for suficiente para a saúde! Depois do jantar, que passeie por pouco tempo e faça o mesmo tendo ceado! Perto do sono, que pergunte e leia algo digno de ser retido, pensando nisso enquanto não vem o sono e quando acordar reivindique isso para si mesmo! Que apodere sempre de seu espírito que o tempo é inteiramente perdido quando não se compartilha com o estudo! Que medite que nada é mais fugaz que a juventude, que uma vez voada, nunca volta atrás! E Erasmo, dando-se conta que acabou por ser exortador enquanto prometeu ser guia, aconselha Christian para que siga o plano que lhe propõe, ou um melhor se puder.<sup>261</sup> Essa atitude de pedagogo que Erasmo assume com seu aluno, ensinando-lhe um método de vida e de estudos, é idêntica a que toma em relação aos outros homens. E quando essa postura se torna satírica, nem por isso diminui sua intenção pedagógica.

E mais, Erasmo não fica satisfeito em tirar lições para a vida presente, antes disso, quer preparar para o futuro. Por exemplo, ele diz que dedica seus minúsculos divertimentos à infância do duque Henrique, pronto a oferecer-lhe outros mais importantes quando a virtude deste crescer com a idade superabundando matéria para os poemas; que é o que lhe exortaria se este não

---

<sup>261</sup> Id., Ibid., p. 173. \*Enea Sívio Piccolomini (1405 - 1464): Humanista que se tornou papa sob o nome de Pio II a partir de 1458, que Erasmo chama de Pio, o Grande. \*A fala de Sêneca é de sua Epístola III, 6, 5-8, 9.

tendesse espontaneamente há muito tempo, à força das velas e dos remos, e se não tivesse em sua casa Skelton, luz e decoro para as letras britânicas, que pode não só acender como aperfeiçoar os estudos do príncipe.<sup>262</sup> Pena que Henrique não tenha seguido à risca os conselhos de Erasmo!

É por ser pedagogo que Erasmo exorta para a aprendizagem das melhores coisas, como o faz a Christian Northoff: Que aprenda todas as coisas e por primeiro as ótimas, pois é demência extrema aprender o que deve ser desaprendido depois! Como os médicos que costumam prescrever para curar o estômago, que julgue o que deve ser conservado em seu engenho! Que cuide para não enterrar o engenho ora no nocivo ora no imódico alimento, pois ambos prejudicam igualmente! *Ebrardus, Catholicon, Braxilogus* e outros do gênero, que não vale a pena recensear, que deixe para os que acham útil aprender a barbárie com imenso trabalho! Que lembre que no início não importa tanto aprender muitas coisas, mas sim as boas!<sup>263</sup> Logo, é preciso selecionar o conteúdo, pois mais vale a qualidade que a quantidade. É essa busca de qualidade literária e pedagógica, que se completa na qualidade moral, que Erasmo persegue com sua sátira.

Como pedagogo, Erasmo escreve obras para a educação das crianças. É pensando no sistema de estudos que ele escreve *Sobre o método de estudos e a instrução das crianças*, o qual dedica a Pedro Viterius, não só porque este é um amigo muito querido, mas “[...] porque ele tinha alguns adolescentes ingênuos e de boa esperança que deviam ser instruídos.”<sup>264</sup> Erasmo prega uma educação universal, embora esse universal deva ser entendido nos limites da época; uma educação dirigida prioritariamente às crianças de boa família, nobres, filhos de reis de preferência, dotados por natureza, pois ele pensa que nem todos têm tendência para os estudos (basta ver o adágio se um boi vai a um ginásio), e que tenham perspectivas de serem grandes homens no futuro. A sátira aponta também para esse ideal educacional.

Pedagogo que é, Erasmo escreve também obras destinadas às escolas. Desse modo, arbitrando ser sua função conferir como ornamento um pequeno presente literário, ele decide

---

<sup>262</sup> ERASMI, p. 241. Carta 104, de Erasmo ao futuro Henrique VIII, de 1499. \*João Skelton (1460? - 1529): Foi poeta laureado de Oxford e preceptor do duque Henrique Tudor. Apesar de padre, ele causou escândalo entre seus pares que o julgavam mais feito para o teatro que para a cátedra. Ele publicou libelos satíricos contra os dominicanos.

<sup>263</sup> ERASMI, p. 172-173. Carta de Erasmo a Christian Northoff, de 1497. \*Catholicon: Gramática e dicionário composto por João Balbi de Gênese no século XIII e impresso em Mainz em 1460. O manual era ainda muito utilizado nas escolas no final do século XV. Contra ele Erasmo escreveu o *Antibárbaros*. \*Braxilogus (*Brachilogus* ou *Brachylogos*): Era também um manual medieval que levava o nome de seu autor.

<sup>264</sup> ERASMI, p. 09. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] quod is ingenuos aliquot bonaequae spei adulescentulos erudiendos haberet.” \*Pedro Viterius: Denominado ou originário de Vitré, foi um erudito, muito querido de Erasmo e bastante modesto.

proclamar a nova escola de Colet com seus dois novos comentários *De copia*, obra naturalmente apta à puerícia e, além disso, não infrutífera. Mas, o quanto tem de erudição e o quanto tem de utilidade ele prefere que esse seu trabalho seja julgado pelos outros. O que pode assumir, contudo, é que foi ele o primeiro que pensou e promulgou esse assunto.<sup>265</sup>

Com efeito, os livros são para Erasmo um meio privilegiado de educação:

Mas como eu via muitos escritores inteiramente negligenciados ou lidos com menor fruto, porque brotavam erros por todos os lados, e, além disso, serem também contaminados por vários comentários insulssimos antes que expostos, nos ocupamos também desta parte para tomar medidas a favor dos estudos da juventude, e não atacamos, segundo o provérbio grego, [para minha aprendizagem de oleiro], pelo jarro, mas por um livro pueril cujo título é *Catão*.<sup>266</sup>

Muitos autores clássicos são deixados de lado à época de Erasmo. A leitura de tantos outros autores pouco proveito traz, porque são lidos em livros cheios de erros, uma vez que, em lugar de expô-los e explicá-los, os tradutores dos clássicos preferem ater-se a estultos comentários. Isso leva Erasmo a tomar posição a favor do estudo da juventude. Ela não pode mais ler, se instruir e se formar baseada em traduções corrompidas. É por isso que ele, como um oleiro, começa sua aprendizagem, e pretende que toda ela seja assim, não por um jarro, mas pelos livros. Os livros devem ser moldados de tal forma que ao final se tenha uma obra de arte e não uma obra qualquer cheia de erros. Só assim eles se tornam instrumentos eficazes na formação da juventude. Esse mesmo cuidado que ele tem com os livros, não qualquer um, mas principalmente as obras pueris, isto é, para crianças, infantis, nada de assuntos carrancudos, e sim temas inocentes, leves, livres, alegres, jocosos, satíricos, capazes de em divertindo educar; e esse mesmo propósito de educação das pessoas, nós devemos ter em relação à sátira, pois ela só tem sentido se vinculada a sua proposta educacional, a qual é exposta em livros, considerados como obra de arte, como instrumento privilegiado de educação.

O ideal educacional de Erasmo fica ainda melhor exposto quando ele trata de seu poema *Rudimentos para a Formação do Homem Cristão*, escrito no mais simples estilo, que edita, por incentivo de João Colet. Este

[...] que então, com grandes despesas, construíra uma nova escola literária na qual queria instruir e formar a puerícia tanto na piedade quanto na doutrina; um homem dotado sem

---

<sup>265</sup> ERASMI, p. 511-512. Carta 260, de Erasmo a João Colet, de 1512. \*Puerícia (*pueritia*): Engloba tanto a infância quanto a adolescência.

<sup>266</sup> ERASMI, p. 12. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Caeterum quoniam videbam multos scriptores vel negligi prorsus vel minore cum fructo legi, quod undique scaterent mendis, tum autem quosdam etiam commentariis insulsissimis esse contaminatos verius quam expositos, studuimus et in hac parte consulere studiis iuventutis, nec iuxta Graecorum proverbiam in dolio [em grego] sumus aggressi, sed in libello puerili cui titulus est Cato.”

dúvida de singular prudência, que vendo seu século deplorabilíssimo, confiou na tenra idade, como o novo vinho de Cristo que deve ser colocado em odres novos.<sup>267</sup>

Ora, nova escola não quer dizer mais uma escola, nem uma escola tradicional, mas uma escola nova, capaz de formar a infância na piedade, pelas letras divinas (educação cristã) e formar na ciência, pelas letras humanas (educação liberal). Para isso a obra apresenta os rudimentos para a formação do homem cristão. Somente um homem como Colet, sábio e virtuoso, pode perceber que essa nova escola é uma escola necessária, pois o século é deplorável, e ela não deve visar ao que já está torto, mas começar com a infância, ainda não corrompida pelo século. As crianças são odres novos nos quais deve ser colocado o novo sangue de Cristo, isto é, a nova ciência. A linguagem metafórica de Erasmo expressa, assim, o ideal de uma nova escola a ser construída. Da mesma forma sua sátira se insere nesse panorama educacional e se propõe construtiva.

Especificamente quanto à questão do método não é sem razão destacar a grande importância que Erasmo lhe atribui. Nesse aspecto, como já acenamos, para ele o mais importante de tudo é estabelecer uma razão e uma ordem, isto é, um plano e um método daquilo que se faz, sobretudo no que concerne ao estudo das boas letras. Nessa perspectiva, ele pergunta se não se vê enormes pesos serem levantados com o mínimo esforço graças ao negócio da arte, isto é, ao trabalho da ciência? Ele continua dizendo que do mesmo modo, na guerra conta menos as tropas e o ímpeto e mais a instrução do exército e a ordem nas batalhas. Em função disso, ele escreve seu *Método de Estudos* para seu querido Leucofeu, para que lhe seja útil, para que continue no caminho escolhido e para que ilustre o esplendor de seu nascimento com o das letras.<sup>268</sup> Portanto, em sua proposta educacional é necessário amor pelas letras, mas com método. A sátira faz parte desse método e desse amor de Erasmo.

Por isso, Erasmo organiza metodicamente suas obras. Por exemplo, falando de seus *Provérbios*, ele historia que substitui a ordem, se é que nessa matéria exista ordem, por um índice, onde os provérbios, que bem semelhantes a moedas e que parecem afins, distribui cada um em sua classe. Ao coligi-los, tanto é verdade que não é supersticioso que não hesita em inscrever somente o que se manifesta com um *diz-se* ou que leva na frente algum símbolo.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> Id., Ibid., p. 06. “[...] qui tum magnis impemdiis novum ludum literarium instituerat, in quo non minus in pietate quam in doctrina volebat institui formarique puericiam; vir enim singulari prudentia praeditus videns seculum suum deploratissimum teneram aetatem delegit, ut novum Christi vinum novis utribus committeret.”

<sup>268</sup> ERASMI, p. 193-194. Carta 066, de Erasmo a Thomas Grey e Pedro Viterius, de 1497. \*Leucofeu: Tradução grega de gris (com referência a Grey).

<sup>269</sup> ERASMI, p. 445. Carta 211, de Erasmo a William Blount, de 1508.

Mais que isso, Erasmo organiza didaticamente suas obras em Tomos. Para facilitar uma possível edição de suas *Obras Completas* ele divide seus escritos em 10 tomos. Ele prevê que no primeiro poderiam ser colocadas as obras que visam à formação da literatura, ou seja, as letras clássicas. O segundo seria dedicado aos *Adágios*, cujo argumento também visa ao estudo das letras humanas. O terceiro seria atribuído às *Epístolas*, porque as cartas também têm muitas coisas que se referem aos exercícios dos estudos, isto é, à aprendizagem. O quarto diria respeito à formação da moral, do qual fariam parte, por exemplo, várias obras de Luciano e outras assinaladas no primeiro tomo; as obras traduzidas de Plutarco; *Elogio da loucura*, que não se deve admirar por encontrá-la neste gênero, porque brincando ensina coisas sérias; *Formação do príncipe cristão*; *Querela da paz*; entre outras. O quinto seria dedicado às obras que instruem para a piedade, tais como o *Manual do Soldado Cristão* e *O método da verdadeira teologia*, além de algumas paráfrases, comentários, orações, sermões etc. O sexto seria destinado à sua tradução do *Novo Testamento* e às suas *Anotações* sobre esse tema; cuja obra ele já revisou quatro vezes e a locupletou, que poderia ser dividida em dois volumes, se não agradasse a magnitude do códice. O sétimo constituir-se-ia das *Paráfrases* de todo o Novo Testamento, exceto o Apocalipse, que tratam das letras divinas, que também poderiam ser divididas em dois volumes. O oitavo, que ocuparia vários volumes de boas dimensões, seria composto das apologias, entre as quais *Esponja*, *Antibárbaros* e *Diatrise sobre o livre-arbítrio*. O nono ocupar-se-ia com as *Cartas de São Jerônimo*, o que deu muito trabalho a Erasmo; com as de Hilário, que despenderam um pouco menos de esforço; com as de Cipriano, que custaram menos esforços ainda. Erasmo diz nada incluir de Quinto Cúrcio e nem mesmo de Sêneca. Ele pretende ainda terminar os *Comentários à Epístola aos Romanos*, que constituiriam o décimo tomo.<sup>270</sup> Erasmo organiza sistematicamente suas obras, excetuando apenas o oitavo tomo, das letras humanas às divinas, nas quais não predomina o sarcasmo, mesmo quando escreve apologias. É mais importante que as

---

<sup>270</sup> ERASMI, p. 38-42. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*Sobre a relação completa das obras de Erasmo escritas até 1523, organizadas por ele em tomos, vide anexo A. \*Quinto Cúrcio (Quintus Curtius): Historiador latino do séc. I, autor de uma *História de Alexandre*, bem escrita, mas romanescas. \*Para Erasmo, as cartas de São Jerônimo encontravam-se muito corrompidas em sua época, por isso ele as corrigiu e acrescentou notas explicativas, separando o que era ilegítimo e colocando a obra em contato com a crítica. \*Santo Hilário de Poitiers: É chamado o Anastácio do Ocidente e, como o grande doutor alexandrino Anastácio, dedicou toda sua vida a combater a heresia ariana. Convertido ao cristianismo, por volta de 350, apesar de casado, foi eleito bispo de Poitiers. Sua obra prima é *De Trinitate (Sobre a Trindade)*. \*Táscio Cecílio Cipriano: São Cipriano, que nasceu em Cartago entre 200 e 210 d.C., convertido ao cristianismo, tornou-se bispo de sua cidade natal. Consagrou todo seu esforço à unidade da Igreja. Sua obra principal é *Sobre a Unidade da Igreja*, representada pelos bispos. Em *O desprezo do mundo*, Erasmo o toma como modelo de eloqüência.

apologias são as obras destinadas à aprendizagem, a formação da moral, da virtude e da piedade. Só assim se pode entender corretamente sua sátira.

Erasmus se preocupa também com o método de escrita, cujo primeiro passo consiste em escolher o assunto. De fato, para ele, seguir os dons naturais e as próprias forças na escolha de um assunto a ser tratado é uma questão de princípio, pois quem quiser alcançar um nome honrado através de seus escritos, o essencial é que escolha um tema para o qual sua natureza esteja ordenada e no qual leva a maior vantagem, pois nem todos os assuntos convêm a todos. “Isso nunca aconteceu comigo, pois ou eu caí por acaso sobre uma matéria ou a empreendi obedecendo mais a afeição dos amigos que meu julgamento.”<sup>271</sup> Embora diga que o acaso e a amizade tenham predomínio sobre seu julgamento na escolha de temas de discussão, o que deve ser entendido em parte como ironia, o fato é que Erasmo reforça a necessidade de um método de escrita, a começar pela escolha do tema. Analogamente, os temas de sua sátira são metodicamente escolhidos.

“O próximo passo é que o que escolheste, trata cuidadosamente, preme durante muito tempo e freqüentemente recoloca-o antes que saia para a luz.”<sup>272</sup> Portanto, nas obras que são entregues aos impressores, os temas, depois de bem escolhidos, devem ser espremidos para se tirar deles o sumo, isto é, meditados, e freqüentemente revisados. Somente após isso e que devem ser divulgados. Isto quer dizer que é necessário o mais absoluto rigor no tratamento de um assunto, rigor que é fruto de uma profunda meditação a qual deve preceder todo tema antes dele vir a público. Esse é o esmero de Erasmo com suas obras! E todo esse cuidado não se resume com certeza em mero rigor de estilo, mas vai mais longe, se dirigindo ao coração do público, precedido de uma intenção meditada. Queremos mostrar com isso, novamente, que a sátira em Erasmo é intencional, ela é sistematicamente pensada e repensada nas múltiplas reimpressões de suas obras, ela é metodicamente retomada e enriquecida a todo o momento.

Mais que tudo, a própria sátira é por vezes apresentada por Erasmo de forma sistemática. Pelo menos é o que se pode inferir, por exemplo, de sua sátira ao monacato, na qual subjaz, neste caso, uma seqüência de nove passos metodológicos.

---

<sup>271</sup> Id., Ibid, p. 03. “Id a me nunquam est factum, sed vel temere incidi in materiam, vel amicorum affectibus potius quam meo iudicio obsequens suscepi.”

<sup>272</sup> Id., Ibid., p. 03. “Proximum est ut quod delegeris, tractes accurate, diu premas, ac frequenter sub limam revoces prius quam in lucem exeat.”

Primeiro passo, a sátira dá o mote: “Mas, talvez tu julgues uma boa parte da felicidade morrer entre confrades.”<sup>273</sup> A sátira apresenta a premissa da argumentação, a felicidade de ser monge.

Segundo passo, a sátira responde ao mote: “Mas, esta persuasão engana e impõe não somente a ti, mas também quase a todos.”<sup>274</sup> A sátira mostra o erro da premissa, não só no particular, mas principalmente no geral, pois é ilusório achar que a felicidade consiste em viver até a morte entre os monges.

Terceiro passo, a sátira exemplifica a premissa:

Nós colocamos Cristo e a piedade no lugar, no hábito, nos víveres, em certas cerimóniazinhas. Nós julgamos o ato daquele que trocou uma veste branca por uma negra, ou que transformou um capuz em barrete, que muda freqüentemente de lugar. Eu ousou o dizer, a maior perdição da piedade cristã originou-se disso que chamam de ordens religiosas, embora talvez elas fossem primeiramente introduzidas por uma intenção piedosa. Depois, cresceram paulatinamente em seis mil discriminações. Acrescente-se a autoridade dos sumos pontífices muitas vezes até por demais fácil e indulgente.<sup>275</sup>

A sátira especifica os erros da premissa, mostrando as situações nas quais ocorre o engano de se considerar feliz quem morre entre os confrades.

Quarto passo, a sátira mostra os motivos do erro: “O que, pois, existe de mais impuro ou de mais ímpio que estas laxas ordens religiosas? Já, se tu conferes as louvadas, aliás, as louvadíssimas, exceto certas cerimônias frias e judaicas, eu não sei que imagem tu descobres de Cristo.”<sup>276</sup> A sátira aponta para as causas dos erros, ao mostrar que a vida monástica acaba por se resumir às simples práticas judaicas e insossas, ou seja, torna-se pura exterioridade.

Quinto passo, a sátira mostra como de um erro se passa ao outro: “Por causa delas [ordens religiosas] eles se aprazem, por causa delas julgam e condenam os outros.”<sup>277</sup> Certos de sua verdade, os monges, a partir de seu lócus, julgam e até condenam os outros estados de vida, julgam e até condenam todas as outras pessoas que não concordam com seu ponto de vista e modo de vida.

---

<sup>273</sup> ERASMI, p. 567. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Sed tu forsitan bonam foelicitatis partem existimas inter confratres emori.”

<sup>274</sup> Id., Ibid., p. 567. “At fallit et imponit ista persuasio non solum tibi verumetiam propemodum universis.”

<sup>275</sup> Id., Ibid., p. 567. “In loco, in cultu, in victu, in caerimoniolis quibusdam Christum et pietatem collocamus. Actum putamus de illo qui vestem albam commutarit in nigram, aut qui cucullum pileo verterit, qui locum subinde mutet. Ausim illud dicere, magnam Christianae pietatis perniciem ex istis quas vocant religionibus exortam esse, tametsi pio fortassis studio primum inductae sunt. Deinde paulatim creverunt et in sex milia discriminum sese sparserunt. Accessit summorum Pontificum autoritas nimium ad multa facilis et indulgens.”

<sup>276</sup> Id., Ibid., p. 567-568. “Quid enim laxis istis religionibus conspurcatus aut magis impium? Iam ad laudatas si te conferas, imo ad laudatissimas, praeter frigiditas quasdam et Iudaicas caeremonias, haud scio quam Christi reperias imaginem.”

<sup>277</sup> Id., Ibid., p. 568. “Ex iis sibi placent, ex iis alios iudicant et condemnant.”

Sexto passo, a sátira mostra como deve ser:

Quanto mais é conforme ao pensamento de Cristo ter todo o mundo cristão uma única casa e como um único monastério imaginar todos os cônegos e confrades; considerar o sacramento do batismo a suma religião e observar, não onde tu vives, mas, quão bem vives. Tu queres me fixar numa sede estável, o que sem dúvida a própria velhice aconselha.<sup>278</sup>

Não mais numerosas confissões, mas um só mosteiro, uma só casa, onde se viva bem; não mais apenas a vida religiosa, mas a vida sacramental dada a todos pelo batismo, essa é a verdadeira religião, a religião verdadeiramente quista por Cristo. Ao mesmo tempo em que ensina um modelo de vida a ser seguido, a sátira de Erasmo é argumento de convencimento da sua correta decisão de não retornar ao convento.

Sétimo passo: A sátira indica o caminho com exemplos:

Mas, é louvada a peregrinação de Sólon, de Pitágoras e de Platão. E, vagavam os apóstolos, precipuamente Paulo. O divo Jerônimo, também monge, ora está em Roma, ora na Síria, então em Antioquia, então noutra e noutra lugar; e mesmo de cabelos brancos persegue as sagradas letras.<sup>279</sup>

A sátira indica o caminho a ser seguido através de exemplos, geralmente tirados dos autores laicos e cristãos, indicando que fora do convento, como um homem do mundo, pode-se servir melhor a humanidade, o que Erasmo segue e pretende convencer Servatius a anuir.

Oitavo passo: A sátira se reveste de outros tipos de linguagem metafórica:

Porém, eu não devo ser conferido com este [São Jerônimo], eu confesso; mas nunca mudei de lugar, exceto coagido pela peste, ou pelos estudos, ou pela saúde, e onde quer que eu tenha vivido (talvez, porém, eu diga de mim mesmo mais arrogantemente, mas verdadeiramente) fui aprovado pelos aprovadíssimos e louvado pelos louvadíssimos.<sup>280</sup>

A sátira se alia à linguagem metafórica, neste caso, a irônica - Erasmo se diminui em relação a São Jerônimo e diz correr o risco de se passar por orgulhoso - e à linguagem laudatória, no caso, de si mesmo. Além disso, a sátira finge conceder ao opositor - Erasmo não muda de residência, exceto - o que de fato concede somente por questão de saúde, das circunstâncias e, principalmente, pelas exigências dos estudos. Tudo para reforçar o argumento de que viver fora do convento é melhor para ele, para todos e depois para as letras. Soma-se a isso que não a arrogância mas a verdade é que deve triunfar, mesmo quando se auto-elogia.

---

<sup>278</sup> Id., Ibid., p. 568. “Quanto magis est e Christi sententia totum orbem Christianum unam domum et velut unum habere monasterium, omnes concanonicos et confratres putare; baptismi sacramentum summam religionem ducere, neque spectare ubi vivas sed quam benne vivas. Vis me sedem stabilem figere, quod ipsa etiam suadet senectus.”

<sup>279</sup> Id., Ibid., p. 568. “At laudatur Solonis, Pythagorae, Platonisque perigrinatio. Vagabantur et Apostoli, praecipue Paulus. Divus Hieronymus etiam monachus nunc Romae est, nunc in Syria, nunc in Antiochia, nunc alibi atque alibi; et canus etiam sacras persequitur litteras.” \*Sólon (VII-VI a.C): Legislador e poeta grego de Atenas.

<sup>280</sup> Id., Ibid., p. 568. “At non sum cum hoc conferendus, fateor; sed tamen nunquam mutavi locum, nisi vel peste cogente, vel studii causa vel valetudinis, et ubicunque vixi, (dicam enim de meipso fortassis arrogantius, sed tamen vere) probatus sum a probatissimis et laudatus a laudatissimis.”

Nono passo: A sátira apresenta novo mote:

Resta agora que eu te satisfaça também sobre a batina. Antes disto eu sempre a usei conforme o hábito dos monges e quando eu estava em Lovaina, eu pedi ao bispo de Utrecht para que eu usasse, sem escrúpulos, um escapulário de linho em lugar de uma veste inteiramente de linho e um capuz negro em lugar de uma capa negra, segundo o costume dos parisienses.<sup>281</sup>

A sátira apresenta outro mote: a questão do hábito. E nesse ponto Erasmo também se sujeita às circunstâncias, ao mesmo tempo em que procura torná-las favoráveis a si. E a sátira já apresenta mais uma lição: Mais que se apegar a costumes rígidos é preciso se adaptar às circunstâncias. Destarte, a sátira erasmiana, sistematicamente exposta, é intencional, é pedagogicamente construtiva.

## 2. 7 SÁTIRA, AMIZADE E SODALÍCIO

Neste item, com a categoria amizade, queremos provar que a sátira de Erasmo não é intencionalmente destrutiva, mas é amiga e tem por alvo a amizade. Pretendemos provar igualmente que, variante dessa categoria, a sátira para ele nada mais pretende ser que uma diatribe construtiva, isto é, uma disputa acadêmica no sodalício. Ou dito de outro modo, ele quer que toda polêmica levantada consista apenas em uma disputa literária, em uma diatribe, pedagogicamente entendida como uma questão acadêmica. Nesse contexto, de tentativa de agradar os poderosos, ao mesmo tempo de ter de criticá-los; de debate com seus pares, que lhe respondem com amizade ou com vitupérios; é que podemos encontrar um campo fértil para o uso da sua sátira bem como para a compreensão da mesma.

Quanto à amizade, Erasmo lhe atribui grande importância, que, por sua agradabilidade, se constitui numa raridade, atributo de coisas de suma importância:

Assim como não existe outra coisa quer mais agradável para a vida cotidiana, quer mais necessária para fazer sobreviver os negócios que um amigo sincero e verdadeiramente livre, de tal modo, de todas as coisas, nada de mais raro costuma acontecer ao homem; do mesmo modo e outra vez costuma ser próprio das prestantíssimas coisas a suma raridade.<sup>282</sup>

Com efeito, a amizade é coisa rara, mas excelente e por ser excelente é coisa rara.

---

<sup>281</sup> Id., *Ibid.*, p. 571. “Nunc restat ut de ornatu quoque tibi satisfaciam. Semper antehac usus sum cultu canonicorum, et ab Episcopo Traiectino, cum essem Lovanii, impetravi ut sine scrupulo uterer scapulari lineo pro veste linea integra, et caputio nigro pro pallio nigro, iuxta morem Lutetiorum.”

<sup>282</sup> ERASMI, p. 529. Carta 272, de Erasmo ao futuro Henrique VIII, de 1513. “Sicuti non alia res vel ad vite consuetudinem iucundior vel ad obeunda negocia magis necessaria quam syncerus ac vere liber amicus, ita nihil omnium solet homini rarius contingere; quemadmodum et alias prestantissimarum rerum summa raritas esse consuevit.”

Agradável e rara que é a amizade, Erasmo afirma a sua necessidade, primeiramente para os príncipes, pois como sabiamente disse o Hierão Xenofôntico, ninguém mais deseja tanto essa parte da felicidade que eles, porquanto nada mais necessitam que numerosos e sinceros amigos. Ele continua dizendo que como convém que seja grandemente perspicaz aquele que sozinho prevê para vários milhares de homens, do mesmo modo convém que o príncipe seja provido com muitos olhos, isto é, com muitos amigos prudentes e fiéis; e que assim foi Sêneca junto a Nero, o qual, se obedecesse a seus conselhos, teria o mais duradouro império e poderia ser enumerado entre os bons príncipes.<sup>283</sup> Temos aqui, na defesa de Erasmo da amizade, o uso da sátira acima de tudo, uma vez que, se um rei precisa de amigos sinceros e leais, para que seja um bom príncipe, é necessário que siga antes os sinceros, pois leais, conselhos deles. Visto que a sátira diz as verdades que precisam ser cridas e professadas, ela é a sinceridade amiga que aconselha e que ensina; é uma livre expressão, é uma expressão amiga, é a excelência da expressão.

Em seu ensinamento, a sátira manifesta a diferença entre o adulator e o verdadeiro amigo. Desse modo, proferindo que um amigo sincero é a melhor posse e que, ao contrário, é mais pestilente quem se insinua mascarado com esse título, Erasmo explica:

Assim como com as cotículas exploramos diligentemente o ouro, para ver se é puro ou de outra forma, e nem faltam sinais através dos quais distinguimos a gema nativa da artificial, acaso não é veementemente absurdo numa coisa da maior importância não aplicar igual diligência, para que discirnamos naturalmente o adulator do amigo, isto é, a coisa de longe a mais pestilentíssima de todas, da mais salubérrima de todas?<sup>284</sup>

Nesse sentido, Erasmo indica um método para se distinguir o verdadeiro do falso amigo. Ele argumenta que, para que não seja necessário descobrir, como o veneno pelo gosto, da mesma maneira o amigo pelo experimento de seu grande mal, Plutarco, autor entre os gregos sem controvérsia doutíssimo, maravilhosamente deu à luz certo método pelo qual facilmente se pode distinguir um puro e sincero amigo de um mascarado e cheio de impostura:

Porém, visto que para admoestar os amigos como para medicar não basta estar presente a confiança, mas convém aplicar a prudência, para que, enquanto pouco aptamente esforçamos para medicar os erros do amigo, não subvertamos a amizade, ele acrescentou

---

<sup>283</sup> Id., Ibid., p. 529. \*Hierão: Um diálogo de Xenofonte (historiador grego que nasceu em torno de 430 a.C.), em que o poeta grego Simônides de Ceos (VI - V a.C.) fala com o príncipe siciliano sobre a natureza e as possibilidades do tirano.

<sup>284</sup> Id., Ibid., p. 530. “Itaque cum coticulis diligenter exploremus aurum, purum sit an secus, neque desint notae quibus nativam gemmam a factitia secernamus, nonne vehementer absurdum sit in re tanto maioris momenti parem diligentiam non adhibere, videlicet ut assentatorem ab amico, hoc est rem omnium longe pestilentissimam ab omnium saluberrima, dignoscamus?” \*Cotícula (*cotícula*): Pedra de toque do ouro e da prata.

a este um complemento, ensinando com qual moderação se deve admoestar um amigo, se existir alguma coisa digna de admoestação.<sup>285</sup>

Deveras, não basta saber que existem vícios, e quando alguém tem vícios ele deve ser admoestado, mas com amizade, isto é, com moderação, com prudência, corretamente. Analogamente, a sátira de Erasmo, como o texto de Plutarco, e por isso ele o traduz, é o método moderado de admoestar, é o método prudente de admoestar, é o método correto de admoestar, ou seja, é o método amigo de educar.

No que diz respeito a Erasmo, ele afiança que se entrega aos amigos e costuma se encantar com suas gratíssimas relações.<sup>286</sup>

Por isso, acreditando que o amor que nasce do cupidez termina fatalmente, mas que um amor que cresce na virtude, não terá fim, como a própria virtude, Erasmo reafirma: “Nossos laços de amizade, crescidos sem dúvida a partir de melhor início, se apóiam em colunas não pouco sólidas, porquanto, nem o negócio vantajoso, nem a volúpia, nem os afetos juvenis nos unem, mas o honesto amor pelas letras e os comuns estudos.”<sup>287</sup> Essa é uma definição filosófica de amizade, que consiste em comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos. O que as une é o amor pelas letras, são os comuns estudos, é o sodalício.

Nessa perspectiva, Jerônimo Aleandro não sabe a quem acusar de negligência, se a ele, se a Erasmo ou se a ambos por não se escreverem desde que Erasmo deixara a Itália, embora haja entre eles uma amizade que sobrevém somente entre aqueles que professam a mesma arte. Ele também lamenta não ter encontrado o amigo em Paris quando foi lá sem outro motivo senão para vê-lo, abraçá-lo, rir docemente com ele e fruir da doura e ao mesmo tempo doce amizade de Erasmo, o que, se tivesse acontecido, repetiria o antigo contubérnio entre ambos, e nada poderia acontecer de mais fecundo e de mais inteiramente agradável. Mas, Jerônimo tudo perdoará se Erasmo perseverar em seu espírito aquilo que sentia outrora por ele.<sup>288</sup> Nessa comunidade das

---

<sup>285</sup> Id., Ibid., p. 530. “*Tam vero quoniam in admonendis amicis velut in medicando non sat est adesse fidem, verum et prudentiam adhibere convenit, ne, dum parum apte mederi studemus erratis amici, subvertamus amicitiam, et hanc adiecit coronidem, docens qua moderatione sit admonendus amicus, si quid extiteret admonitione dignum.*”

<sup>286</sup> ERASMI, p. 288. Carta 125, de Erasmo a um anônimo, de 1500.

<sup>287</sup> ERASMI, p. 189. Carta 063, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497. “*Nostra necessitudo longe melioribus initiis profecta non paulo solidioribus columnis innititur, quippe, quos non commodi ratio, non voluptas, non iuvenilis affectus, sed honestus literarum et communium studiorum amor copulavit.*”

<sup>288</sup> ERASMI, p. 502-503. Carta 256, de Jerônimo Aleandro a Erasmo, de 1512. \*Jerônimo Aleandro (1480 - 1540): Ensinou e foi reitor na Sorbonne, exerceu a função de núncio do papa junto a Carlos V e foi sagrado bispo e depois cardeal. Erasmo o considerava o príncipe incontestado de erudição nas três línguas. \**Contubernium*: Pode significar tanto amigação, concubinato, mancebia; tanto camaradagem de tenda, tenda comum, tenda de campanha; quanto (como aqui) contubérnio, convivência, familiaridade, intimidade, vida em comum. Todos com sentido de comunidade.

letras, daqueles que professam a mesma arte, quem conhece Erasmo reconhece suas qualidades e sabe que pode usufruir delas, entre as quais, a amizade sincera, a companhia agradável, a sabedoria, o riso, o divertimento. Com tais qualidades, não há porque acusá-lo de mordacidade.

Nessa comunidade das letras, é a sólida amizade que funda a colaboração literária. Isso pode ser deduzido da declaração de Erasmo de que ele, com sua inépcia, à semelhança de Pã que com sua flauta agreste suscita a cítara de Apolo, procura estimular o amigo Cornélio Gerard a compor algum poema.<sup>289</sup> Do mesmo modo que Cornélio em carta anterior, é aqui o desejo de Erasmo de também trabalhar com ele num consórcio fraterno, o qual ocorre no estudo mútuo dos exercícios, fundado na sólida caridade. Portanto, o que nutre a afeição entre ambos não é a presença física, mas é a unidade de espírito e o zelo pelo dever que se realizam na colaboração literária, em consonância com o antigo e verídico adágio de que “entre amigos tudo é em comum”, o qual encabeça *Os adágios* de Erasmo.

É na amizade que se assenta também a publicação das obras. Nessa perspectiva, Erasmo escreve a James Voecht, primeiramente, que quase todos inscrevem suas lucubrações àqueles que estão em primeiro plano, em parte para trazer o prêmio a suas honestíssimas vigílias e em parte para que a autoridade de um grande nome sufrague as suas próprias contra a inveja da novidade. Em seguida, que, pelo contrário, ele prefere consagrar não suas lucubrações, mas suas interrupções, embora nenhuma nem outra sejam ociosas, a Tutor, devido aos laços de amizade entre ambos, que augura que sejam perpétuos. Depois, que isso é porque se há boas razões para se amar a quem mune a amizade com cordas de estopa, uma sociedade com os mais honestos estudos e com a imortal virtude, ela mesma a deve coligar com adamantinos vínculos e, como dizem, com um nó de Hércules. Enfim, que nas coisas humanas ou nada existe de durável ou certamente as letras o são.<sup>290</sup> Portanto, para Erasmo importa não a fama ou a proteção dos grandes, mesmo que seja para se proteger dos ataques, e sim a amizade; mas a amizade da comunidade das letras, onde os laços de amizade são estabelecidos mais que estopa, ou seja, por vínculos de aço, com um nó que não se desata. E o que garante a amizade não é simplesmente a boa vontade individual, mas a própria sociedade das letras, pois se algo existe de durável, com certeza são as letras. Nessa certeza da durabilidade das letras, solidamente mantidas pela amizade

---

<sup>289</sup> ERASMI, p. 97-98. Carta 020, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*Pã: Agreste divindade greco-latina bicórnica que os pastores adoravam e é símbolo mitológico da natureza. As festas anuais celebradas, na Roma antiga, no dia 15 de fevereiro, em honra ao deus Pã eram chamadas de Luperciais.

<sup>290</sup> ERASMI, p. 355-356. Carta 152, de Erasmo a James Voecht, de 1501.

da comunidade dos eruditos, Erasmo satiriza sempre que tal crença é posta sob suspeita ou quando ela é ignorada. E para isso ele se serve de suas obras.

Por exemplo, Erasmo publica *Moria* pensando na amizade da comunidade das letras:

Dias atrás, quando eu retomava da Itália à Inglaterra, para que todo este tempo não fosse trilhado, sentado num cavalo, com aporias e fábulas iliteratas, eu preferi comigo algumas vezes, ou agitar sobre os nossos comuns estudos ou fruir da recordação dos amigos, que tão doutíssimos e suavíssimos eu deixara aqui.<sup>291</sup>

Não interessam a Erasmo as aporias, as tagarelices, as fábulas iletradas. Contrariamente, interessa-lhe tratar sobre os comuns estudos e o relacionamento com os amigos. Temos aqui três características da sátira erasmiana: é erudita, é movida pela amizade e realiza-se no sodalício.

Na verdade, para Erasmo, toda erudição só tem importância se edificada na amizade. Assim, quanto à formação de Christian Northoff, o primeiro cuidado é que ele eleja um preceptor que seja eruditíssimo, porque se este não for erudito, não poderá instruir retamente a ninguém. Mais ainda, e quem ele obtiver, que faça todo o possível para que este seja como um pai para ele e ele, como um filho, e que, por sua vez, se arme de afeto. É que Erasmo tem uma razão honesta para esta exortação, pois não se deve menos àqueles que ensinam a viver retamente que àqueles com quem se começa a viver; e de tal forma a mútua benevolência tem tanta influência para a aprendizagem que é inútil se ter um preceptor se não se tiver um amigo.<sup>292</sup> É o aprendizado da erudição inseparável da amizade! Também, a sátira erasmiana é erudita e afetiva.

Que se tenha certeza de que a amizade de Erasmo é sincera. Por isso, não se admirando de ser invejado pelos demais mortais, mas temendo que sua infelicidade venha a mudar a antiga amizade que o une a Herman, pois este às vezes o vê como um moleque e se ri disso, Erasmo testemunha sua mais terna amizade afirmando que está falando do fundo do coração. Ao mesmo tempo, ele se considera miserável se as letras não puderem libertar o amigo do costume do vulgo.<sup>293</sup> Novamente, as letras são o ponto comum de uma amizade sincera, mesmo no infortúnio.

Com efeito, em Erasmo tudo é afeição, tudo é incentivo. Nessa direção, ele profere que respeita João Mauburn tanto por seu engenho como pelo brilho de sua vida, mas que por sua humanidade e pela sociedade comum dos estudos o abraça com mais doçura, pois, as primeiras

---

<sup>291</sup> ERASMI, p. 460. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Superioribus diebus cum me ex Italia in Angliam reciperem, ne totum hoc tempus quo equo fuit insidendum ‘aporious’ et iliteratis fabulis tereretur, malui mecum aliquoties vel de communibus studiis nostris aliquid agitare, vel amicorum, quos hic uti doctissimos ita et suavissimos reliqueram, recordatione frui.”

<sup>292</sup> ERASMI, p. 172. Carta 056, de Erasmo a Christian Northoff, de 1497.

<sup>293</sup> ERASMI, p. 219-220. Carta 083, de Erasmo a William Herman, de 1498.

qualidades tornam-no admirável, as segundas, amável. Profere, também, que é familiarmente como amigo que quer tagarelar com Mauburn, pois nada lhe é mais doce que escrever a amigos doutos ou ler suas cartas. Profere, ainda, que tende por natureza a conciliar as amizades, com quer que seja, e que quando se trata dos estudiosos das boas letras é propenso a amar até os rivais. Por fim, quanto mais ele ama um amigo, sem dúvida o mais fiel, que se entrega à sociedade das ótimas letras, que são o cimento da benevolência.<sup>294</sup>

Erasmus concilia também amizade com praticidade. Nessa acepção, na carta a Cornélio Gerard, parte não tênue de sua alma, aparece já em sua juventude, o seu caráter prático. Na comparação com Micião, de Terêncio, ele enuncia que como não consegue fazer o que quer, quer o que pode fazer, mas corrigindo pela arte o que o destino não lhe concedeu e aproveitando a ocasião para traduzi-la em atos.<sup>295</sup> A isso se alia a amizade, não o afeto cego que ignora o julgamento razoável, mas o amor sincero, fruto da lealdade, que o caracteriza a ponto de se dispor a fazer tudo o que puder pelos amigos.

Alguns meses depois, escrevendo ao mesmo Cornélio Gerard, Erasmus reafirma sua afeição para com o amigo, que é uma espécie de síntese de sua posição em relação à amizade e aos seus amigos: “É minha opinião acerca de tua integridade está tão confirmada que devo duvidar antes de mim que de ti. De nossa parte, eu quero que tu te persuadas disto, que Erasmus é teu amantíssimo e, enquanto viver, o haverá de ser.”<sup>296</sup> Tal posição, a despeito do tom irônico às avessas, porque expressa a perfeição de um relacionamento que na verdade não ocorre em sua pureza, é sincera, pois manifesta, pelo menos, os sentimentos e o propósito de Erasmus em relação à amizade e aos amigos. Do mesmo modo, sua sátira é prática, amiga e afetiva, porquanto, seja satírico quanto for ele não pretende destruir uma amizade e sim construí-la.

Mas, há uma expressão de Erasmus que expressa melhor ainda a profundidade da amizade quista e pregada por ele, qual seja, *metade de minha alma*.<sup>297</sup> Aqui, Erasmus está referindo-se a Francisco Theodoric, mas essa declaração se estende também a outros amigos, desde que muito íntimos, como, por exemplo, Servatius Rogerus. Tal é o seu ideal de amizade!

---

<sup>294</sup> ERASMI, p. 166-168. Carta 052, de Erasmus a João Mauburn, de 1497.

<sup>295</sup> ERASMI, p. 94. Carta 017, de Erasmus a Cornélio Gerard, de 1489. \*Micião ou Micion: É um velho, irmão afável do intratável Dêmea (que quer dizer “que é popular”), na peça cômica os *Adelfos*, de Terêncio. Dêmea é um velho, pai de Ésquino (que quer dizer “que tem vergonha”), já que este, desde criança filho adotivo de Micião, na verdade é filho natural de Dêmea.

<sup>296</sup> ERASMI, p. 207. Carta 078, de Erasmus a Cornélio Gerard, de 1498. “Mea vero sic est de tua integritate confirmata opinio, ut de meipso sim, priusquam de te, dubitaturus. De nobis hoc tibi persuadeas velim, Erasmum tui amantissimum et esse et, dum vivet, fore.”

<sup>297</sup> ERASMI, p. 88. Carta 014, de Erasmus a Francisco Theodoric, de 1488.

Mais que isso, para Erasmo a verdadeira amizade consiste em viver em Cristo. Ele oferece para Ricardo Foxe o diálogo de Luciano, *Toxaris* ou *Sobre a amizade*, que tinha traduzido há poucos dias para o latim. Ele espera que este diálogo não desagrade a excelência de Foxe, pois ele prega a amizade, coisa de tal modo santa que foi venerada outrora até pelas mais bárbaras nações. Ele denuncia que tanto é verdade que a amizade se apartou para o desuso entre os cristãos que, não só os vestígios, mas nem o seu próprio nome subsiste. Enfim, ele proclama que nada é mais cristão que a verdadeira e perfeita amizade, que morrer em Cristo, viver em Cristo, ser com Cristo um só corpo e uma só alma; que a comunhão dos homens entre si é tal qual a dos membros do corpo entre si.<sup>298</sup> As letras nutrem e fazem nutrir a amizade se em comunhão com Cristo. Sem esse conceito de amizade é falha qualquer tentativa de compreensão da sátira erasmiana.

Tão importante é a amizade para Erasmo que até mesmo a sátira parece ceder a ela. Ao lembrar que a Holanda o desdenha, enquanto em Lovaina não é desprezado pelos magnatas, religiosos ou eruditos, ele reclama que Herman não escreve uma obra e nem sequer uma carta para que tenha uma boa ocasião, em suas inúmeras viagens, de proclamar o engenho do amigo. E, mesmo discordando com todo ânimo de Herman, que parece se contentar com uma glória holandesa, ele não quer tornar-se odioso, com repetidas exortações ao indissociável amigo.<sup>299</sup> Enquanto Erasmo se torna universalmente conhecido, Herman, deixando de divulgar suas obras, se contenta com uma glória puramente holandesa. Contudo, Erasmo prefere a amizade a continuar repetindo exortações ao amigo. É como se a sátira cedesse à afeição.

Para quê uma linguagem rebuscada quando se ama? É o que pergunta Erasmo a Caminadus:

Ora, quando se ama puramente, assim como eu acho que nos o fazemos, para quê essas figuras aí em tua obra? Onde existe uma caridade insincera elas costumam também arrastar a suspeita para a malevolência. Por isso se torna muito agradável para mim se sujeitares até o fundo essas graciosas hipóboles em tuas cartas, a fim de que o amor simples tenha seu discurso, e lembra-te que escreves para um íntimo amigo, não para um tirano.<sup>300</sup>

---

<sup>298</sup> ERASMI, p. 416-417. Carta 187, de Erasmo a Ricardo Foxe, de 1506. \*Ricardo Foxe (c. 1448 – 1528): Amigo de More e de Erasmo, ele foi bispo de Winchester, chanceler da Universidade de Cambridge e fundou em Oxford, em 1515-1516, o Colégio Corpus Christi para ser o lar da nova cultura. \*Toxaris: Obra de Luciano, traduzida por Erasmo, que apresenta uma série de histórias ligadas pelo motivo da amizade.

<sup>299</sup> ERASMI, p. 393-395. Carta 178, de Erasmo a William Herman, de 1503.

<sup>300</sup> ERASMI, p. 316. Carta 136, de Erasmo a Agostinho Vincente Caminadus, de 1500. “Nam ubi pure amatur, ita ut nos facimus opinor, ibi quid istis figuris opus? Ubi vero insyncera charitas, haec etiam in malevolentiae suspicionem rapi solent. Quare pergratum mihi facere, si gratiosas istas [aqui Erasmo faz a citação do termo hiperbolis em grego] funditus tuis e literis sustuleris, ut suum habeat simplex amor sermonem, meminerisque te coniunctissimo amico scribere, non tyranno.”

Erasmus usa o termo *coniunctissimus*, superlativo de *coniunctus*, que se relaciona ao casamento, ao estado conjugal, portanto, a uma íntima relação. A isso, ele alia o termo *amiculus*, que significa tanto um pequeno amigo quanto o véu ou o pequeno manto usado pelas mulheres romanas, e, por extensão, uma mantilha, significando que aqueles que estão irmanados pela amizade, estão debaixo de um mesmo manto ou que se envolvem com ele, como um manto conjugal. Tal é a força de expressão de Erasmo para dizer que a linguagem do amor é diferente da linguagem do poder, bem como da linguagem bajuladora. Ele quer a linguagem do amor e sua sátira é linguagem amorosa, absolutamente diferente da sátira mordaz ou da lisonja.

Por isso, a sátira de Erasmo é intencionalmente amiga. Reclamando das críticas de James Batt, ele garante que prefere morrer, se algum dia em sua vida escreveu com tão repugnante ânimo nugas, ou melhor, Gnatonismos, como os que escreveu em carta anterior a Ana de Veere; que embora ela prefira ajudar os velhacos a alguém que, com seus livros, pode lhe garantir a glória para a posteridade, ele escreveu tudo aquilo sem querer ser inimigo, porque ama a quem o ajuda. E, mesmo protestando, por Batt não lhe ter tornado acessível a quantia necessária para que continue a escrever e a publicar suas obras, ele pede que o amigo tome em parte o que lhe escreveu, não com comoção, nem com delírio, mas como a maneira mais simples de alguém se dirigir ao melhor de todos os amigos.<sup>301</sup> Assim sendo, Erasmo procura dosar a sátira tanto ao atenuá-la com explicações, tanto se desculpando ou se justificando, quanto mostrando que no fim de tudo predomina a afeição entre amigos e o amor mútuo pelas letras.

Por isso também a sátira de Erasmo apresenta-se benevolente. Supondo que Heitor Boece lhe perguntará aonde quer chegar, Erasmo responde que é certamente porque é muito indouto querer satisfazer os ouvidos dos doutores, se é que eles são doutores, e que é provavelmente mais douto ou certamente mais generoso não se dignar a contender com esses excitados. Se ele escreve alguma coisa, institui mais para Harpocrates que para Apolo, isto é, mais para o silêncio que para a beleza. Mas ao amigo, ao qual se liga com singular benevolência, ele segue menos o exemplo de Dêmea e mais o de Micião a ponto de lhe enviar alguns poemas seus.<sup>302</sup> Ou seja, Erasmo

---

<sup>301</sup> ERASMI, p. 346-349. Carta 146, de Erasmo a James Batt, de 1501. \*Escrever gnatonismo é uma referência a Gnató (que quer dizer “aquele que tem grandes queixos”), que é um parasita faceiro e lisonjeador na peça cômica *O Eunuco*, de Terêncio.

<sup>302</sup> ERASMI, p. 157-158. Carta 047, de Erasmo a Heitor Boece, de 1495. \*Heitor Boece (c. 1465 – 1536): Natural da Escócia, ele foi, como Erasmo, pensionista pagante de Montaigu. Boece admirava o misticismo de Standonck e a poesia antiga. Posteriormente, ele voltou à Escócia para organizar o Colégio do Rei na nova Universidade de Aberdeen, que Alexandre VI autorizou a fundação, em fevereiro de 1495. Ele escreveu uma História da Escócia. \*Harpocrates ou Harpocrate era o deus grego do silêncio.

combina a sátira aos falsos sábios com a também satírica benevolência, própria da amizade. É esse meio termo, definidor do caráter de Erasmo, que explica a sua sátira.

Este é o ponto de equilíbrio. Afirmando estar um pouco esgotado com o trabalho de escrever, pois nada é mais laborioso que isso, principalmente para edição, porquanto esteja ocupado, que mais ocupado não poderia estar para pôr um ponto final no *Panegírico a Felipe*, Erasmo assevera que o trabalho que James Mauritsz lhe impõe é molestíssimo e mesmo inutilíssimo.

[...] Com efeito, que de mais molesto que escrever com o estômago alheio? Que de mais inútil que escrever aquilo que, ao escrever, desaprendes a bem escrever? – contudo, meu amor para contigo fez que para mim nem fosse molesto, nem parecesse inútil, quando, uma vez por todas, eu decretei para mim, gerir em tudo o costume de meu querido James, não só oficiosamente, mas também com liberdade.<sup>303</sup>

Erasmo não se propõe a escrever aquilo que pertence ao humor alheio, ele tem seu próprio humor, que é expresso principalmente na forma satírica. Ele não se propõe a escrever o que não seja erudito, pois escrever não é desaprender, mas aprender o caminho das letras. Ele não se propõe a escrever o que é molesto e inútil, mas somente o que é agradável e útil. Mais que isso, em nome da afeição, pela amizade a James, ele é capaz de tornar o molesto agradável e o inútil útil. Mas vejamos as condições: Em primeiro lugar, oficiosamente, que ao mesmo tempo em que significa vontade de servir, quer dizer também uma possível mentira que objetiva prestar serviço ao amigo e não tê-lo como inimigo. Em segundo lugar, com liberdade, ou seja, de acordo com o seu estilo, livremente, para ser satírico. Aparentemente ele está cedendo ao pedido do amigo, mas de fato se trata de uma sátira que, amigavelmente mostra, ao doutor de direito canônico e civil, o quanto é preciso evoluir nas letras. É a sátira amiga e livre, pronta a pedagogicamente construir.

Embora o sodalício, isto é, a comunidade das letras, já tenha aparecido sob o prisma da amizade, retomamos agora a questão sob o ângulo da outra face de uma mesma moeda.

Primeiramente, vejamos, em outras circunstâncias, em que consiste o ambiente do sodalício. William Herman escreve a João que nada lhe agrada mais que a amizade de homens doutos, como a dele, que ensina ao duque Filipe não a mera barbárie, mas a verdadeira arte. Que é famoso o engenho do duque, porque ele ama as letras. Que por isso, Filipe domesticou o ânimo

---

<sup>303</sup> ERASMI, p. 390. Carta 176, de Erasmo a James Mauritsz, de 1503. “[...] quid enim molestius quam alieno scribere stomacho? Quid inutilius quam ea scribere quibus scribendis dediscas bene scribere? – tamem meus in te amor effecit ut neque molestus esset mihi neque inutilis videretur, quando mihi semel decretam est meo Iacobo per omnia morem gerere, non solum officiose, verumentiam libenter.” \*James Mauritsz: Natural de Gouda, ele foi pensionário da cidade, e em 1519 tornou-se membro em Haia do Conselho da Holanda. \*Estômago (*stomachus*): Quer dizer humor.

pela cultura das letras, e com elas aprendeu para si próprio como imperar sobre os outros, como deve ser na prosperidade, na adversidade, na guerra, na paz, com os cidadãos e com os soldados;. Que o exemplo é a República de Platão, guiada pela filosofia, e a república romana, que florescia quando tinha literatos e se arruinava quando abandonava as belas artes. Ele escreve, também, que João adule por vezes o adolescente para que seja advertido e excitado cada vez mais ao amor pelas letras. Que ele narre ao duque quão belo é um príncipe douto e quão torpe é uma nobreza sem erudição. Que ele profira também a arte com suavidade para que seu aluno tire o máximo proveito. Que ele repita muitas vezes ao príncipe que as letras são doces para o reino, e que porá a perder todo o reino se ele espoliar as letras. Ele escreve, ainda, que Filipe tenha livros, para ler e escrever bem. Que utilíssima é a lição de Terêncio, autor que é um espelho para os costumes. Que também é útil Tito Lívio, por sua polida e doce eloquência e por sua história que dá muitos exemplos de virtude e de perícia dos reis militares romanos. Que é útil o livro *De Officiis*, de Cícero, o mais louvável de todos, nada melhor, nada mais feliz. E, conclui que com isso o príncipe terá para si a glória imortal e adquire para os cidadãos a paz e a tranqüilidade.<sup>304</sup> Nesse sodalício de eruditos, a receita de Herman não difere significativamente dos conselhos de Erasmo. Sem levar em consideração esse ambiente literário é praticamente impossível compreender o papel da sátira erasmiana.

Uma característica do sodalício é que ele supõe a aceitação mútua. Primeiramente, Erasmo é aceito como erudito pelos membros do sodalício. Por exemplo, nada agrada mais a Borselen que receber a correção que Erasmo fez ao *Novo Testamento* e a elucidação das *Epístolas de Jerônimo*. Borselen diz ainda que Agostinho Aggeus deu-lhe o livro de Plutarco *Sobre como conservar a boa saúde*, o qual Erasmo traduziu recentemente para o latim e que foi publicado em Lovaina “[...] porque todas as tuas coisas são plausíveis aos doutos [...]”<sup>305</sup> É o reconhecimento incontestado da superioridade teórica de Erasmo, mesmo que saibamos que nem todos assim o aceitam. Mas, trata-se aqui de doutos. Estes sim o compreendem.

Do ponto de vista da aceitação, Erasmo sabe-se reconhecido pelos eruditos da Inglaterra. Ele escreve a Servatius Rogerus que encontrou em Londres cinco ou seis homens doutores

---

<sup>304</sup> ERASMI, p. 136-138. Carta 038, de William Herman a João, de 1494. \*O cabeçalho desta carta diz: Ao mestre João, muito erudito preceptor do príncipe Filipe, que na época tinha dezesseis anos. \*Tito Lívio: Historiador romano, autor de *História de Roma*. Na carta 063, Erasmo recomenda que Thomas Grey, então seu aluno, leia Tito Lívio.

<sup>305</sup> ERASMI, p. 558. Carta 291, de João Becker de Borselen a Erasmo, de 1514. “[...] ut omnis tua plausibilia sunt doctis [...]” \*Agostinho Aggeus: Natural de Hague, era talvez um parente de João Sixtin e pertenceu à diocese de Utrecht.

precisos nas duas línguas, tais que nem na Itália existem homens mais eminentes; eruditos que muito tributam ao seu engenho e à sua doutrina.<sup>306</sup>

Aliás, Erasmo se sente reconhecido por toda a Inglaterra:

Não há na Inglaterra qualquer bispo que não se alegra por ser saudado por mim, que não me deseja como conviva, que não me queira como doméstico. O próprio rei, antes da morte de seu pai, quando eu estava na Itália, me escreveu de sua própria mão uma amantíssima carta, e mesmo agora fala de mim freqüentemente como ninguém com mais honorificência, ninguém mais amante; e todas as vezes que o saúdo, ele me abraça brandissimamente e me olha com olhos amicíssimos, para que entendas que ele sente por mim não menos bem do que fala. E muitas vezes ele mandou seu capelão que me previsse acerca de um sacerdócio. A rainha se esforçou para que eu decidisse ser seu preceptor. Não existe ninguém que não saiba que, se eu quisesse viver mesmo por poucos meses no palácio do rei, eu acumularia quantos sacerdócios quisesse; mas eu tenho isso posterior ao meu ócio e aos meus trabalhos de estudos.<sup>307</sup>

De fato, não só os eruditos, mas até mesmo toda a Inglaterra louva Erasmo, louvor que pode lhe render também proventos. Mas ele prefere o ócio, entendido como descanso depois do trabalho, e o trabalho de estudos, ou seja, as suas lucubrações.

Mais que isso, Erasmo se sente respeitado em todos os países. “E não há qualquer região, nem a Espanha, nem a Alemanha, nem a França, nem a Inglaterra, nem a Escócia que não me oferecesse sua hospitalidade. E se eu não sou aprovado por todas as pessoas (o que não desejo), certamente eu agrado aos primeiros de todos.”<sup>308</sup> O reconhecimento de Erasmo é quase universal. Ele só não agrada a todos. Aliás, não lhe interessa a aprovação dos pseudo-doutos e sim a dos homens eminentes.

Erasmo sente-se aceito também pelos homens da Igreja:

Não havia em Roma qualquer cardeal que não me aceitasse assim como um irmão, mesmo que nada de tal eu ambicionasse; precipuamente decerto o cardeal de Saint-Georges, o cardeal de Bolonha, o cardeal Grimani, o cardeal de Nantes, e mesmo este

---

<sup>306</sup> ERASMI, p. 414-415. Carta 185, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1505. \*Os eruditos londrinos versados nas duas línguas, grega e latina, certamente eram William Grocyn, Thomas Linacre, Thomas More, William Lilly [(1468? – 1522). Humanista inglês, ao qual João Colet confiou a sua nova escola de São Paulo], William Latimer [(c. 1460 – 1545). Preceptor, que foi um dos eclesiásticos ingleses mais letrados de seu tempo, mas que não deixou obras escritas] e Cuthbert Tunstall [(1474 - 1559). Foi chanceler de William Warham que lhe confiou várias embaixadas], já que João Colet sabia pouco do grego.

<sup>307</sup> ERASMI, p. 569. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514 “In Anglia nullus est episcopus qui non gaudeat a me salutari, qui non cupiat me convivam, qui nolit domesticum. Rex ipse paulo ante patris obitum, cum essem in Italia, scripsit ad me suapte manu litteras amantissimas, nunc quoque saepe sic de me loquitur, ut nemo honorificentius, nemo amantius; et quoties cum saluto, blandissime complectitur et oculis amicissimis obtuetur, ut intelligas eum non minus bene de me sentire quam loqui. Et saepe mandavit suo eleemosynario ut mihi de sacerdotio prospiceret. Regina conata est me sibi praeceptorem adsciscire. Nemo est qui nesciat quin si vel paucos mensis velim in aula regis vivere, quantum libeat sacerdotiorum mihi accumulaturum; sed ego huic ocio meo et studiorum laboribus omnia posthabeo.”

<sup>308</sup> Id., Ibid., p. 568. “Nec ulla est regio, nec Hispania, nec Italia, nec Germania, nec Gallia, nec Anglia, nem Scotia, quae me ad suum non invitet hospitium. Et si no probor ab omnibus (quod nec studeo) certe primis omnium placeo.”

que agora é Pontífice Máximo, para não dizer de bispos, arqui-diáconos e homens eruditos.<sup>309</sup>

Erasmus sente-se aceito não pelas riquezas, mas por seus méritos. “E esta honra não era tributada às riquezas, as quais mesmo agora eu não tenho e nem desejo, nem à ambição, à qual sempre fui alieníssimo; mas somente às letras, que os nossos riem e os ítalos adoram.”<sup>310</sup> Erasmus não busca riqueza ou ambição. Sua fama lhe advém de suas obras, das quais os seus riem, mas que agradam os italianos, isto é, as maiores autoridades eruditas da Igreja em Roma.

Essa aceitação universal de Erasmus é testemunhada pelos eruditos de seu tempo. Por exemplo, João Colet diz: que Brumus lhe recomendou Erasmus por uma carta; que antes disso Erasmus lhe foi recomendado por muitos pela sua fama e pelo testemunho de seus vários escritos; que quando esteve com os parisienses ele percebeu que Erasmus era célebre na boca dos doutores; que o prior da casa e da igreja de Jesus Cristo lhe afirmou que Erasmus era o melhor dos homens, provido de uma singular bondade; que assim como as letras, o conhecimento das coisas e uma bondade sincera têm o poder sobre um homem que as deseja e nelas faz progresso, assim Erasmus lhe é recomendado, e sempre o será, justamente porque ele possui essas virtudes; que ele pretende recomendar pessoalmente a Erasmus e a sua sabedoria aquilo que os outros têm indignamente recomendado em sua ausência; que é o menor que deve ser recomendado ao maior e o mais indouto ao mais erudito e que, assim, se sua pequenez for grata ou útil em alguma coisa, ele se coloca à disposição de Erasmus pronto e liberalmente tanto quanto quer e exige a sua superioridade, a qual ele ficaria feliz em vê-la exercida na Inglaterra; que ele desejaria que a sua Inglaterra fosse tão agradável a Erasmus quanto possa lhe ser a utilidade e a doutrina deste; que Erasmus é ao mesmo tempo ótimo e doutíssimo.<sup>311</sup> Essa fama de Erasmus é bem anterior à publicação da *Moria*, pois, já em 1499, ele é respeitado não só pelos membros de sua

<sup>309</sup> Id., *Ibid.*, p. 568. “Romae nullus erat Cardinalis qui me non tanquam fratrem acciperet, cum ipse nihil tale ambirem; praecipue vero Cardinalis Sancti Georgii, Cardinalis Bononiensis, Cardinalis Grimani, Cardinalis Nanetensis, et hic ipse qui nunc Pontifex Maximus est, ut ne dicam de episcopis, archidiaconis et viris eruditis.” \*O cardeal de Bolonha é Francisco Alidosi de Ímola. Morto em 24 de maio de 1511, ele fora bispo de Pádua em 1503, depois bispo e governador e cardeal de Bolonha. Erasmus o conheceu em 1507. \*Domenico Grimani (1461 - 1523): Ele tornou-se cardeal em 1493 e foi um grande colecionador de moedas e antiguidades. \*O cardeal de Nantes é Roberto Guibé (c. 1456 – 1513): Um bretão que serviu de embaixador de Luís XII. Ele foi bispo titular de Tréguier, Rennes e Nantes. Júlio II o fez cardeal de Nantes em 1505. \*O sumo pontífice é Leão X, cujo nome era João de Médicis, filho de Lourenço de Médicis. Ele foi cardeal e depois papa, de 1513 a 1520, ao qual Erasmus dedicou o seu *Novo Testamento*.

<sup>310</sup> Id., *Ibid.*, p. 568-569. “Atque hic honos non tribuebatur opibus, quas etiam nunc non habeo nec desydero; non ambitioni, a qua semper fui alienissimus; sed litteris duntaxat, quas nostrates rident, Itali adorant.”

<sup>311</sup> ERASMI, p. 242-243. Carta 106, de João Colet a Erasmus, de 1499. \*Brumus: Amigo de João Colet, não identificado, que poderia ser William Grocyn. \*O prior da Igreja de Jesus Cristo é Ricardo Charnock. Ele foi também Prior do St. Mary’s College, em Oxford. Charnock foi anfitrião de Erasmus quando este esteve pela primeira vez, em 1499, na Inglaterra.

congregação, mas por muitas pessoas. Essa fama e essa consideração lhe permitem a liberdade de se expressar satiricamente e de modo tão erudito que posa de superior aos olhos dos demais.

Ainda mais, por vezes, Erasmo é tomado por um modelo. Isso pode ser depreendido quando William Herman escreve a Erasmo sobre um assunto de deleite mútuo, isto é, sobre as letras, afirmando segui-lo nas suas exortações e nas suas dissuasões.<sup>312</sup> Desde cedo, a opinião de Erasmo parece ter muito peso para seus amigos, onde, se não existe concordância, pelos menos há consideração para com elas.

Outro aspecto da aceitação mútua no sodalício é que os eruditos trocam seus escritos entre si. Enviando *Tucídides*, traduzido por Lourenço Valla, a Cornélio Gerard e prometendo remeter em breve outros textos traduzidos por Jorge de Trebizonde, sobre os padres da Igreja e *As Leis*, de Platão, William Herman elogia a força de seus poemas, quase como a de Erasmo. Não querendo ser censor dá, contudo, algumas sugestões a Gerard.<sup>313</sup> É a busca comum da perfeição das letras.

Em relação a Erasmo, os eruditos do sodalício acatam as suas obras. Prova disso é que Borsselen informa ter dado de presente a Filipe Hispanus, seu patrono, um polidíssimo e egregiamente ornado livro das lucubrações de Erasmo, entre as quais figurava o *Enchiridion Militis Christiani*, o qual, tendo-o lido, a Erasmo, que já amava antes, começou agora a admirar veementemente a ponto de querer ajudá-lo quanto pudesse.<sup>314</sup> São as obras de Erasmo conquistando mecenas e/ou adeptos.

Os eruditos do sodalício também trocam textos com Erasmo. Cornélio Gerard numa manifestação de mútua amizade e ímpar consideração para com Erasmo a ponto de chamá-lo de nobre gênio, comenta que na obra do amigo, *O desprezo da arte poética*, ele faz umas poucas correções, por considerá-la comum a ambos. Ao mesmo tempo Cornélio pede a Erasmo que faça correções com o mesmo zelo em sua obra *Sobre a Morte*, exprimindo o desejo de trabalhar em

---

<sup>312</sup> ERASMI, p. 130-131. Carta 034, de William Herman a Erasmo, de 1493.

<sup>313</sup> ERASMI, p.135. Carta 036, de William Herman a Cornélio Gerard, de 1494. \*Tucídides: Historiador ateniense muito traduzido à época de Erasmo, como o fez Valla. Em sua narração Tucídides examina as origens, o auge e a decadência do império ateniense. \*Jorge de Trebizonde (1396 - 1484): Contemporâneo de Teodoro Gaza. Ele ensinou grego em Veneza e, depois, filosofia em Roma. Traduziu, além dos padres da Igreja, muitos mestres gregos e *As leis*, de Platão.

<sup>314</sup> ERASMI, p. 558-560. Carta 291, de João Becker de Borsselen a Erasmo, de 1514. \*Filipe Hispanus: Senhor de Spangen, em Schieland, distrito nas redondezas de Roterdã, que tinha sucedido seu irmão no domínio de lorde em 1509.

mútua colaboração fraterna com ele, fundada na sólida caridade.<sup>315</sup> A amizade e a consideração no sodalício, na troca mútua de textos, fazem crescer as letras.

Aliás, os verdadeiros eruditos acedem a quase tudo aquilo que Erasmo escreve como o faz Colet: “O que eu não aprovarei? De tal modo escreves. O que existe de Erasmo que eu não aprove?”<sup>316</sup> Colet, que é erudito, conhece o estilo de Erasmo e o repete, garantindo aprovar tudo que venha dele. Esse é o reconhecimento público do estilo e da capacidade de Erasmo.

Colet aprova e admira Erasmo exatamente pelas suas capacidades. Acerca da obra de Erasmo *Sobre o método de estudos*, ele confessa ao amigo: “Ao ler, não só aprovo tudo, mas certamente admiro teu engenho, arte, doutrina, grande quantidade de recursos e eloquência.”<sup>317</sup> Realmente, a aprovação pública das obras de Erasmo deve-se à admiração que ele provoca por suas qualidades naturais, sua capacidade intelectual, sua ciência, sua riqueza de estilo e sua eloquência. Admiração que se estende à sua linguagem satírica.

Por isso, Colet quer Erasmo como professor de sua escola. Ele confessa que tem desejado muitas vezes que as crianças de sua escola sejam educadas pelo método, assim como Erasmo define que deve ser; que muitas vezes ele tem desejado que os preceptores sejam tais como Erasmo sabiamente os descreve; que tendo chegado ao final carta, onde Erasmo profere que é capaz de estender aos adolescentes uma boa eloquência nas duas línguas até em menos anos que os literatos à balbúcie, ele o desejou muito como preceptor de sua escola; que ele tem esperança que Erasmo lhe dê alguma ajuda ou colabore para instruir seus preceptores, quando ele deixar os de Cambridge. Por fim, ele testemunha: “Observarei, como prescreves, teus exemplos na íntegra.”<sup>318</sup> Tal é a confiança em Erasmo, tal é a confiança em sua proposta educacional. Confiança que ajuda a entender porque sua sátira é acolhida pelos verdadeiros eruditos.

Por isso também Colet exorta Erasmo a continuar suas obras:

Prossiga, Erasmo, nos dando Basílio, que nos darás Isaías. Fazes bem, no meu juízo, e o consultas otimamente, se imitares Diógenes, e, deleitado pela sua pobreza, te julgues ser o rei dos reis; talvez, pelo desprezo do dinheiro, seja possível conseguir dinheiro e

---

<sup>315</sup> ERASMI, p. 95-96. Carta 019, de Cornélio Gerard a Erasmo, de 1489. \*Erasmo enviou a Cornélio sua obra *Contemtu artis poeticae*, em cujo poema Cornélio fez um pequeno diálogo apologético, apropriado à conversação. Este poema de Erasmo, posto na forma de diálogo por Cornélio foi publicado pelo editor Reyner Snoy de Gouda (c. 1477 - 1537) e figura nas obras completas sob o título *Apologia Herasmi et Cornelii*. Em contrapartida, Cornélio enviou sua obra *De morte*, pedindo que Erasmo a devolvesse corrigida sob a lima de seu bom julgamento.

<sup>316</sup> ERASMI, p. 470. Carta 230, de João Colet a Erasmo, de 151 “Quid non probabo? ita scribis. Quid est Erasmi quod non probem?”

<sup>317</sup> Id., Ibid., p. 470. “Inter legendum non solum probabo omnia, sed admiror sane et ingenium tuum et artem et doctrinam et copiam et eloquentiam.”

<sup>318</sup> Id., Ibid., p. 470. “Servabo exempla tua ut iubes integra.”

fortuna. Entre os homens cristãos, o mundo persegue os que lhe fogem. De onde tantas faculdades e riquezas na Igreja, senão da própria fuga? Mas, eu sei, estes paradoxos não te agradam.<sup>319</sup>

Temos aqui Colet e Erasmo em disputa acadêmica. Em ambos, o mesmo interesse pelas letras, as sagradas de preferência; o igual apreço pela pobreza e desapego ao poder e às riquezas; a idêntica crença de que as letras podem trazer riqueza, mesmo sem procurá-la; a mesma crítica social! Temos também Colet, que conhece Erasmo a ponto de saber que os paradoxos lhe desagradam, quer os paradoxos da Igreja - que é rica enquanto deve ser pobre - quer os paradoxos em si mesmos. E o que se diz de Colet e Erasmo diga-se dos verdadeiros doutos!

Portanto, é grande a contribuição de Erasmo para o círculo literário. Por exemplo, ele envia a Warham alguns diálogos de Luciano recentemente traduzidos e revisados por ele. Trata-se, para ele, de nugas literárias que sem dúvida farão Warham rir, se é que em algum momento este possa rir, um homem ocupado com vários cuidados, oculto pelas vagas de tantos negócios.

Mas, quem será aquele a quem melhor emitirei o que quer que seja, lúdrico, ou sério, que minhas Camenas produziram, que a ti, meu mecenas único, que somente acrescentas ânimo a Erasmo, alimentas seu engenho, fornece seu ócio e ornas seus estudos?<sup>320</sup>

Quer Erasmo escreva coisas sérias ou divertidas, quer seja sátiro ou não, tudo é produto das musas e tudo é para as musas. E nada melhor que dedicar um trabalho àquele que protege as musas! É Erasmo alimentando o círculo literário que, como reino das musas, cria as condições de um novo mundo e de um novo homem!

Por conseguinte, Erasmo compartilha sua produção com os outros eruditos. Ao compor, juntamente com More, a réplica da *Declamação para o Tiranicida*, de Luciano, ele explica:

Porque eu não empreendi este trabalho com esta disposição, de modo que igualasse ou vencesse o artífice, mas a fim de que, com o amigo mais doce de todos, com o qual costume misturar coisas sérias e lúdricas, fosse como se lutasse neste ginásio de engenhos; E a tal ponto eu o fiz com mais prazer porque eu desejo muito que este gênero

---

<sup>319</sup> Id., Ibid., p. 470-471. “Perge, Erasme, in dando nobis Basilio, qui dabis nobis Esaïam. Bene facies meo iudicio et tibi optime consulis, si imiteris Dioginem, et paupertate delectatus te regem regum esse (putes); forsan contemptu nummorum nummos et fortunam assequere. In viris Crhistianis mundus sequitur fugientes. Unde tot facultates et opes in Ecclesia, nisi ex fuga? Sed scio, non placent tibi ista paradoxa.” \*São Basílio: O capadócio Basílio foi um grande Padre da Igreja (da patrística oriental) do século IV, no mundo de língua grega. Erasmo fez uma edição principesca de sua obra. São Basílio escreveu comentários sobre o profeta Isaías.

<sup>320</sup> ERASMI, p. 512-513. Carta 261, de Erasmo a William Warham, de 1512 “Sed cui potius mittam quicquid fuerit illud, seu ludicrum seu serium, quod meae Camoenae producerint, quam tibi único meo Mecoenati, qui solus et addis animum Erasmo et alis ingenium et otium suppeditas et ornas studia?” \*Lúdrico (*ludricrus*): Lúdico; que move ao riso, ridículo; relativo a divertimentos, a espetáculos públicos, a jogos, recreio. \*Camenas (*Camoenas*): Derivado da palavra *carmen* (carne, poema, poesia, versos líricos, cântico, canto), eram velhas divindades romanas, ninfas aquáticas detentoras do dom da profecia. Tinham uma fonte sagrada perto da porta Capena em Roma da qual as vestais tiravam a água para a prática de seus ritos. Eram identificadas poeticamente com as musas gregas.

de exercícios, ao qual nenhum outro é equamente frutífero, seja instaurado algum dia em nossas escolas.<sup>321</sup>

Logo, não interessa a Erasmo a competição, ou vencer uma discussão - não é isso o que ele entende por sodalício -; interessa-lhe sim compartilhar com os amigos o estudo tanto de coisas sérias, quanto de coisas divertidas. E assim está posta a disputa acadêmica, como uma luta de talentos, igual aos jogos disputados nos ginásios, para a saúde das letras. E o que é divertido, sem deixar de ser sério, Erasmo o faz com o maior prazer, tanto mais que ele deseja que esse tipo de literatura seja exercitado nas academias. Nesse contexto sua sátira não acontece por acaso, mas é desejada, portanto, é intencional e planejada.

Outro aspecto ainda da aceitação no sodalício é a defesa mútua entre os literatos. Assim, Colet satiriza porque Erasmo o defende dos escotistas:

Pelo fato de que tu escreves que por vezes combates contra esses exércitos de Scot por minha causa, eu me alegro por ter tal pugilista e meu defensor. Mas o certame é iníquo e inglório para ti, pois, que louvores há para ti, se tu levas para fora e transpassas moscas? Que agradecimentos tu merecerás de mim se prostras coisas feitas de cana? A luta é mais necessária que magnífica mesmo para os valentes; mas de qualquer maneira significa solicitude e amável cuidado que tens para comigo.<sup>322</sup>

Na presença em Colet da ironia e da crítica, na sua sátira ferina contra os seguidores de doutrinas escusas e na sua afirmação do predomínio da amizade, como em Erasmo, temos caracterizado o costume da defesa mútua entre os eruditos.

Também Erasmo defende seus companheiros de sodalício, como quando ele elogia a obra *Mariad*, de Cornélio Gerard, propondo-se a defendê-la como se fosse sua.<sup>323</sup> Essa defesa dos amigos do sodalício é sem limites. Nessa perspectiva, se na carta anterior ele se propõe incorporar os bons escritos dos amigos como seus, nesta ele incorpora também os amigos dos amigos.<sup>324</sup> É o grande desejo da vida de Erasmo: formar uma grande academia de amigos que sejam amigos das letras.

---

<sup>321</sup> ERASMI, p. 422-423. Carta 191, de Erasmo a Ricardo Whitford, de 1506. "Quare non hoc animo laborem hunc suscepi, ut tantum artificem vel aequarem vel vincerem, sed uti cum amico omnium dulcissimo, quicum libenter soleo seria ludicraque miscere, in hac ingeniorum palestra quasi colluctarer; idque feci eo libentius quod magnopere cupiam hoc exercitii genus, quo nullum aeque frugiferum, in ludis nostris aliquando instaurari."

<sup>322</sup> ERASMI, p. 470. Carta 230, de João Colet a Erasmo, de 1511. "Quod scribis dimicare te nonnunquam mei causa cum istis Schoti militibus, gaudeo me habere talem pugilem et propugnatores mei. Sed est iniquum tibi certamen et inglorium: quid enim laudis est tibi, si abegeris et confoderis muscas? Quid gratiae promereberis a me, si prostraveris arundines? Est dimicatio magis necessaria quam magnifica aut strenuis; at utcunque significat sollicitudinem et amabilem curam quam habes mei."

<sup>323</sup> ERASMI, p. 143-144. Carta 040, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1494. \*Cornélio escreveu *Mariad* e uma versão métrica dos Salmos.

<sup>324</sup> ERASMI, p. 143-144. Carta 041, de Erasmo a Francisco Theodoric, de 1494.

Se Erasmo faz a defesa de seus pares, ele confia, igualmente, que estes o defendam. É o que ele espera de More em relação a seu *Elogio da Loucura*: “Em suma, que aceites esta declamaçãozinha não só com prazer, como uma lembrança de teu companheiro, mas também te encarregues de defendê-la, visto que, a ti dedicada, ela agora já é tua e não minha.”<sup>325</sup> Na esperança de ser aceito, a loucura é apresentada como *declamatio*, que no sentido latino do termo quer dizer exercício de escola. A sátira de Erasmo não perde esse aspecto de declamação, uma vez que ela pretende ser uma disputa acadêmica. Além disso, a sátira deixa de ser de quem a remete para pertencer ao remetente. Esta é uma condição necessária para que ela produza seus efeitos pedagógicos, pois, uma vez aceita por quem a recebe, tornando-a sua, ele pode modificar mais facilmente seu comportamento e modo de pensar.

Outra característica do sodalício é que ele supõe o livre debate. Assim, Erasmo deixa Herman livre para corrigi-lo amigavelmente, caso algo precise ser revisto ou tenha algum defeito, desde que sua intenção não seja de feri-lo, mas de lhe prestar um favor.<sup>326</sup> Erasmo é aberto às críticas, mas não às ofensas.

Também os outros eruditos debatem com Erasmo. Por exemplo, não tendo nada a retirar ou a acrescentar ao *Antibárbaros*, Gaguin elogia Erasmo porque ele concebe o assunto com muita concisão, o divide com locução e o explora com o máximo engenho. Para ele, Erasmo compõe aptamente e orna graciosamente o tema e não lhe falta para a disputa a veemência de Carnéades. A sua única observação é a de que Erasmo prolonga um pouco o poema, especialmente com Batt, o primeiro dos personagens, que fala um pouco demais, sem um interlocutor que lhe responda, pois uma locução continuada pode saciar, mesmo que seja variada pela alternância de disputador, recreie e encante o auditor. Ele sugere que Erasmo consulte os autores que escrevem diálogos, que usam freqüentemente pontos e artículos, tomando como um modelo Platão entre os gregos e Cícero entre os latinos e outros mais recentes.<sup>327</sup> Entre eruditos o debate corre livre, sem ressentimentos, sem ataques. Apenas em disputa acadêmica.

---

<sup>325</sup> ERASMI, p. 460. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1509. “Hanc igitur declamatiunculam non solum lubens accipies ceu ‘mnemósymon’ tui sodalis, verum etiam tuendam suscipies, utpote *tibi dicatam iamque tuam non meam*.” \*Erasmo cita *mnemósymon em grego*. *Verum est mnemosymon mei sodalis* (na verdade é uma lembrança de meu companheiro) é citação de Catulo, XII, 13.

<sup>326</sup> ERASMI, p. 141. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494.

<sup>327</sup> ERASMI, p. 153-155. Carta 046, de Roberto Gaguin a Erasmo, de 1495. \*Roberto Gaguin (1483 – 1501): Humanista e diplomata. Ele foi diretor da ordem dos Trinitários, geral dos Maturinos e lecionou na Universidade de Paris. Foi graças a Gaguin que Erasmo publicou sua primeira página impressa. \*Carnéades de Cirene (214 - 129 a.C.): Membro da terceira Academia do ceticismo metódico, para a qual não há critério de verdade. \*Artículo (*articulus*): Artigo, divisão de um trabalho.

Igualmente Erasmo debate com o sodalício. Depois de dizer que tem tanto amor próprio por seus *Adágios* que julga que eles não são conhecidos por ninguém exceto por ele próprio; Erasmo alude ao *Panegírico* de Ammonio a Henrique VIII. Em seguida, ele pondera que Ammonio faz dele um juiz e um censor, e lhe permite tanto poder quanto Homero atribuiu a Jove, de modo que, com um nuto aprove o que queira e com um renuído degole o que tem vontade; mas, que ele não arroga quer engenho quer erudição para que possa corrigir ou julgar a obra de Ammonio; e que não existe nada que derive de Ammonio que ele não admire veementemente. E, ele explica: “Com certeza eu não decaio no amor, que este amor eu hauri da admiração por teus escritos.”<sup>328</sup> Erasmo tem grande apreço por suas obras, mas também pelas dos outros, desde que eruditas e oportunas. Sua superioridade é tão reconhecida que, na obra de Ammonio, ele é posto como juiz e censor plenipotenciário, ao que ele, recorrendo ao mito clássico, procura contestar ironicamente, reconhecendo-se de engenho e erudição inferiores aos do amigo para poder julgar ou corrigir sua obra. Contudo, usando novamente a ironia, ele ousa colocar a possibilidade de julgá-la. E, por fim, Erasmo deixa claro que os elogios que se fazem não decorrem da amizade, mas é a própria amizade que decorre da admiração pelos escritos dos eruditos. É a amizade da comunidade das letras, tão necessária e defendida por Erasmo. E nesta comunidade, sua sátira debate academicamente.

No debate com o sodalício, a sátira de Erasmo visa acima de tudo ao consenso. Satirizando a falsa teologia dos teólogos, que tornam a verdadeira teologia quase muda, pobre e esfarrapada, Erasmo assegura concordar com Colet, pois a ambos desagrada certo gênero de teólogos modernos que envelhecem entre meras argúcias e sutilezas sofisticadas, mas não condenar seus estudos, porque não há um só estudo que ele possa condenar.<sup>329</sup> Na crítica à falsa teologia e aos pretensos teólogos, Erasmo tudo faz não com o intuito de discutir com Colet, mas exatamente para evitar a discussão, visto que sua sátira não visa à polêmica pela polêmica, mas ao consenso.

No debate com o sodalício, Erasmo tem por fim o consenso mesmo discutindo sobre diferenças de pontos de vista. Nessa perspectiva, depois de fazer a defesa de sua tese - de que

---

<sup>328</sup> ERASMI, p. 544. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Amore certe non labor, qui hunc amorem ex admiratione scriptorum tuorum hauserim.” \*Homero (séc. IX a.C.): Poeta grego, provável autor de *Ilíada*, de *Odisséia* e de *Hinos Homéricos*. Erasmo, que o leu depois do retorno de sua primeira estadia na Inglaterra, atribui também a ele (mas na verdade é uma paródia da *Ilíada*, provavelmente do século IV a.C.) uma *Batracomiomaquia*, o mesmo que *Batriaquiomaquia* ou *O combate dos ratos e das rãs*. \*Nuto (*nutus*): Ato de abanar a cabeça quando se aprova ou consente; (fig.) desejo, arbítrio, vontade. \*Renuído (*renutus*): Gesto negativo feito com a cabeça, renutação, sinal de não, sinal negativo. \*Erasmo passa a fazer a crítica literária à obra de Ammonio.

<sup>329</sup> ERASMI, p. 246-247. Carta 108, de Erasmo a João Colet, de 1499.

Cristo sentiu medo no Jardim das Oliveiras ao pedir ao Pai que se possível afastasse o cálice da morte, não pelo ardor divino para dar exemplo de coragem, como defendia Colet seguindo São Jerônimo, mas devido a sua condição humana -, ele se diz satisfeito com sua explicação, não sabendo, contudo, se satisfaz ao juízo de Colet. Mesmo admitindo que, sobre os pontos em disputa, poderia ter se munido com um pouco mais de cautela e tê-los explicados um pouco mais amplamente, ele afirma que sabe a quem escreve e que tudo fez com aplicação, cabendo a Colet aceitar boa parte, qualquer que ela seja, repreendendo-o tanto diligente quanto acremente.<sup>330</sup> Portanto, a postura de Erasmo diante das controvérsias é de debate e de aprendizagem, ou seja, de disputa acadêmica com o sodalício.

Na disputa literária, o que vale é aprender. Não importa a Erasmo que Colet seja mais forte que ele, pois “Num combate literário quem é sábio não deseja tanto vencer quanto ser vencido, isto é, não tanto ensinar quanto aprender. Se eu sucumbo, aprendo mais doutamente, mas se supero, nada é mais agradável para ti.”<sup>331</sup> Na disputa literária Erasmo se põe aprendiz.

Para verdadeiros eruditos, disputa significa apenas combate de idéias e busca da verdade. Colet entende que no combate de idéias o que ele e Erasmo querem não é a defesa de opiniões próprias, mas a verdade, que talvez luza de um argumento se chocando com outro argumento, como no fogo se bate com força ferro com ferro.<sup>332</sup> Colet tem as mesmas posições de Erasmo, quais sejam, evitar o confronto, sem deixar de fazer a defesa das idéias, ser moderado, sem deixar de buscar a verdade e usar a linguagem metafórica para melhor expressar o pensamento.

Verdadeiro erudito que é, a posição de Erasmo frente a assuntos polêmicos é também a de evitar qualquer discussão:

Assim, pois, meu querido Colet, eu me sujeitei livremente a tuas advertências e, repetindo comigo todos os assuntos em meu coração, eu contemplei um pouco mais fixa e rigorosamente; depositando todo estudo, compondo e ponderando as razões de ambos, ou antes, fazendo a permutação para que eu favorecesse as tuas como minhas, e criticasse as minhas não menos acremente como se fossem tuas.<sup>333</sup>

Isso quer dizer que Erasmo não somente não se deixa levar por provocações, como recusa, tendo ciência desse limite humano, em assentir com a discussão em geral. Assim ele evita

---

<sup>330</sup> ERASMI, p. 250-253. Carta 109, de Erasmo a João Colet, de 1499.

<sup>331</sup> Id., Ibid., p. 250. “In litteraria pugna qui sapit, non tam vincere cupiat quam vinci, hoc est non tam docere quam discere. Si succumbo, discedo doctor; sin supero, tibi nihilo iniuncudior.”

<sup>332</sup> ERASMI, p. 253-254. Carta 110, de João Colet a Erasmo, de 1499.

<sup>333</sup> ERASMI, p. 250. Carta 109, de Erasmo a João Colet, de 1499. “Itaque monitis tuis, mi Colete, libenter sum obsequutus, remque totam mecum animo repetens paulo sum fixius pressiusque contemplatus; deposito omni studio rationes utriusque componens atque expendens, imo permutatione facta, ut tuis perinde ac meis faverem, et meas non minus acriter quam sit tuae fuissent excuterem.”

deliberadamente, como postura existencial, toda dissidência, toda controvérsia. A sua sátira é a expressão especial dessa sua busca de consenso.

Evitar a discussão é importante para Erasmo para não se perder a verdade. Ele diz que nesse pequeno conflito, apesar das coisas ditas com tanta agudeza e gravidade por Colet, este não consegue provar-lhe satisfatoriamente sua sentença. Porém, mesmo dissentindo dela, ele entende que não a pode refutar, não tanto por falta de argumentos e mais por falta de palavras. Ele conclui que Colet sabe, como duramente disse o nobre Mimo, que por demasiada disputa algumas vezes a verdade é perdida.<sup>334</sup> É preciso, pois, a permanente vigília para evitar a altercação, a discussão, a polêmica, ou o conflito, uma vez que eles podem deixar escapar a verdade. A verdade, para Erasmo, está acima de tudo. É com ela que sua sátira tem compromisso.

É que a dissensão é uma característica inata do espírito humano. “Mas, assim como umas e outras formas agradam a diversos olhos, um e outro alimento deleita a diverso paladar, assim, eu opino, existe nos engenhos algum sentimento vário e uma espécie de parentesco secreto ou de dissídio.”<sup>335</sup> De fato, o consenso absoluto não existe na vida humana. O espírito humano é naturalmente bipolar, tanto pode aceitar quanto rejeitar o que se lhe apresenta. Assim, a mesma obra, a mesma palavra, a mesma sátira é entendida diferentemente conforme os interlocutores, o tempo, o local, as circunstâncias de vida. Conhecedor do espírito e da vida humana, Erasmo busca o melhor meio de educá-lo e de transformá-la, em cuja tarefa a sátira ocupa papel de destaque.

Com efeito, existe uma tendência humana natural para a polêmica, pois, como escreve Erasmo, o calor inserido na natureza das discussões e o esforço de cada um para defender seu ponto de vista por vezes se impõem até às mentes mais mansas; porque ainda que se ache quem queira ceder ao campo paterno, quem queira ceder a seu engenho não haverá ninguém.<sup>336</sup> Deveras, é difícilimo escapar às discussões, tendo em vista que elas são aderentes à natureza

---

<sup>334</sup> Id., *Ibid.*, p. 249-250. \*A sentença “De tanto discutir se deixa por vezes escapar a verdade” é um provérbio tirado de *Mimos* (obra traduzida por Erasmo), de autoria do liberto romano Publílio Siro, citado por Aulo Gélíio, *Noites áticas*, XVII, 14. \*Aulo Gélíio: Gramático e crítico romano que nasceu por volta do século II d.C. Ele escreveu uma coleção de breves ensaios em latim, por ele mesmo denominada de *Noctes atticas*. Os ensaios baseiam-se em notas colhidas nos livros gregos e latinos lidos por Aulo, e em conversas e discursos ouvidos pelo autor, e tratam de uma ampla variedade de tópicos curiosos de língua, gramática, crítica textual, conhecimento de antiguidades e filosofia. A obra é também uma fonte preciosa de citações de autores perdidos.

<sup>335</sup> ERASMI, p. 544. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Verum uti diversis oculis aliae atque aliae placent formae, diversa palata cibus alius atque alius delectat, sic opinor et in ingeniis varium quendam esse sensum et arcanam quandam vel cognitionem vel dissidium.”

<sup>336</sup> ERASMI, p. 250. Carta 109, de Erasmo a João Colet, de 1499. \*A expressão “não há ninguém que renuncie a seu gênio”, é de Marcial, VIII, 18.

humana. E é contra essa tendência humana que Erasmo luta durante toda sua vida, de cuja luta a sátira é uma arma privilegiada de disputa acadêmica.

Portanto, há uma tendência humana natural de defender o que é seu. Ao pedido de Colet, enviando-lhe o *Ofício* de Crisóstomo e uma *Carta*, na qual, ele atribui coisas que o amigo, por ser um preceptor que condena a razão e a arte, isto é, os sistemas e as regras, pode não aprovar, e defendendo a *Gramática* de Linacre, Erasmo explica: “[...] posto que o engenho dos homens seja de para com todos os seus escritos, como os pais com os filhos, favorecer mais impensadamente.”<sup>337</sup> Erasmo sabe da característica natural dos homens de procurar defender aquilo que lhes pertence. Por isso ele até pode ser condescendente com os outros, sobretudo com aqueles que ele acredita que são verdadeiros eruditos ou que têm futuro. Quando se trata de si próprio, porém, ele é muito mais exigente, reconhecendo, mas não concordando totalmente com essa tendência humana natural.

Por conseguinte, a crítica de Erasmo se estende à própria discussão em si: “Entretanto nós somos aliciados por certo morbo doce e sedutor e por contenções nunca saciadas. De uma rixa nasce outra rixa e, com maravilhoso supercílio, digladiamos sobre a lã caprina.”<sup>338</sup> Essa sátira à facilidade com que a discussão se impõe demonstra o quanto Erasmo procura evitá-la e o quanto ele busca a conciliação.

É devido a hábitos adquiridos que se torna difícil o trabalho de persuasão. Nesse significado, elogiando e estimulando João Mauburn pelos seus esforços de reforma religiosa; e augurando que Deus faça que ele e seus companheiros tirem proveito das tribulações, para que Golias não prevaleça sobre Davi e para que os filisteus pereçam para sempre; Erasmo explica: “Não vos molesteis se de fato tudo procede mesmo a passo lento, pois é árduo dissuadir àquilo

---

<sup>337</sup> ERASMI, p. 440. Carta 227, de Erasmo a João Colet, de 1511. “[...] quanquam id est hominum ingenium, ut suis quisque scriptis, ceu parentes filiis, impensius faveat.” \**Ofício: Missa*, de São João Crisóstomo. que foi traduzida para Erasmo por João Fisher e impressa possivelmente em 1537 pelo editor Weckel. \**Carta: Sobre o método de Estudo*, de Erasmo, que fora apresentada sob a forma epistolaria. \*Thomas Linacre (c. 1460 – 1524): Humanista inglês que trabalhou com Aldo em Veneza na edição de Aristóteles e foi médico de Henrique VIII. Ele escreveu uma *Gramática latina*, cujo manuscrito submeteu a Colet, que desaprovou porque ela aparecera tarde demais, e não a quis para sua escola, mas que foi reimpressa até o final do século.

<sup>338</sup> ERASMI, p. 247. Carta 108, de Erasmo a João Colet, de 1499. “Illicimur interea dulci quodam et illecebroso morbo nunquam satiatae contentionis. Rixa e rixa nascitur, et miro supercilio de lana caprina digladiamur.” \*Supercílio (*supercilium*): altivez, arrogância, austeridade, severidade \*A expressão *Alter rixatur de lana saepe caprina* (digladiar muitas vezes por causa da lã caprina), que significa brigar por uma coisa sem valor, é de Horácio, *Epístolas* I, 18, 15-16.

que se está acostumado.”<sup>339</sup> Portanto, Erasmo está ciente das dificuldades de convencimento, mas, ele continua estimulando, pois acima de tudo ele crê na vitória da persuasão. E, nesse processo, a sátira é sua principal arma na arte do convencimento.

É por isso tudo que Erasmo entende a sátira apenas como uma disputa acadêmica, como se deduz também de mais este exemplo. Garantindo para Cornélio Gerard que todas as palavras de sua carta, como termos usados para defender mais livremente suas idéias, não são brincadeiras de Gnatão, mas expressões de sua verdadeira afeição; defendendo Valla dos ataques da carta anterior de Cornélio, Erasmo interpreta que o amigo escrevera não espontaneamente, mas de propósito deliberado, seja para exercer seu talento de estilista sobre um tema paradoxal, seja para lhe dar matéria para escrever, da mesma forma que em Platão, Glauco critica a justiça a fim de provocar Sócrates a defendê-la. Por fim, ele considera que, quem, amigo da imperícia, como o porco pelo lodo, acha glorioso e notável, sendo ele próprio ignorante perseguir os sábios com inveja, ódio e injúria, a que ponto ele desatina!<sup>340</sup> Definitivamente, a sátira é para Erasmo somente uma forma de disputa acadêmica.

Além disso, a sátira de Erasmo no sodalício não é tolice. “Mas, tal é meu ânimo que se for lícito dizer tolices eu não quero; inversamente, esta é a condição das coisas, que se eu muito o quisesse, contudo, eu nada me permitiria.”<sup>341</sup> É esta severa exigência de si mesmo que Erasmo pretende que os outros percebam de si. É esse o limite e o alcance de sua sátira.

Por fim, a sátira erasmiana quer apenas revelar nênia ao mundo. “Eu exerci o cálamo, provocado pelos amigos com os quais eu combatesse nada menos pensando, como a obra dos tipógrafos, que fossem reveladas nênia desse tipo ao mundo.”<sup>342</sup> Em síntese, o apoio dos amigos é fundamental na sátira de Erasmo, não só a aprovação daqueles que são seus verdadeiros amigos, como João Colet, Thomas More e tantos outros, como também daqueles que o provocam, mas continuam seus amigos, e ele deles, como Servatius Rogerus. Com estes a sátira é

---

<sup>339</sup> ERASMI, p. 201. Carta 073, escrita por Erasmo a João Mauburn, de 1498. “Nec moleste ferendum si lento quidem gradu adhuc procedant omnia; arduum est enim assuetis dissuetudinem dare.” \*Davi: Um dos grandes personagens bíblicos, rei de Israel, que quando jovem derrotou o gigante filisteu Golias armado apenas de uma funda.

<sup>340</sup> ERASMI, p. 112-113. Carta 026, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*Glauco: Irmão de Platão que, segundo Diógenes Laércio (autor do século III d.C., que escreveu uma *Vida e doutrina dos filósofos*), compôs vários diálogos, um deles sobre a injustiça. Platão o faz figurar como interlocutor tanto na *República* como em *Parmênides*.

<sup>341</sup> ERASMI, P. 217-218. Carta 083, de Erasmo a William Herman, de 1498. “Caeterum is mihi est animus, ut ineptire si liceat nolim; ea rursus rerum conditio, ut si maxime velim, haudquaquam tamen liceat.”

<sup>342</sup> ERASMI, p. 02. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Calamum exercui, provocatis sodalibus quibuscum decertarem, nihil minus cogitans quam ut huiusmodi neniae typographorum opera mundo proderentur.”

debate acadêmico, uma nova forma de diatribe. Mas, a provocação, ou melhor, o estímulo dos amigos é contraposto pela oposição dos inimigos e aqui a sátira, como disputa acadêmica para Erasmo, é transformada por seus opositores em polêmica, em ataques e achaques, na velha forma da diatribe. De qualquer forma, a sátira como disputa literária no sodalício está claramente anunciada por ele: como o trabalho dos tipógrafos, cuja tarefa é divulgar a cultura, as boas letras e as letras divinas, as suas obras (para cujos defeitos ele diz que não gostaria de ser seu próprio advogado) nada mais são do que o meio privilegiado de levar suas nênias ao mundo, para que o mundo, não digladiando, mas, rindo delas, renove os costumes. Conseqüentemente, seguindo os seus dons naturais, reforçados pelas provocações dos amigos, e contando com as próprias forças adquiridas no embate das circunstâncias da vida, Erasmo toma o cálamo, não como arma de ataque, mas de sátira divertida e pedagogicamente construtiva das mazelas humanas.

## 2. 8 SÁTIRA, UTILIDADE E MORAL

Nosso objetivo com essas duas categorias consiste em mostrar que a sátira não é destrutiva, porquanto visa à utilidade, ou seja, é uma atitude de Erasmo de serviço à humanidade, motivo pelo qual ela é, também, um serviço à moral e que, portanto, é proposta por ele como pedagogicamente construtiva.

Quanto à utilidade, decorrente da atitude de amizade de Erasmo no sodalício, comecemos pela exortação de Erasmo à utilidade pública! Ao lamentar que Colet não tenha ainda trazido à luz sua meditação sobre São Paulo e sobre os Evangelhos, Erasmo arrazoa: “Certamente eu não ignoro tua modéstia; porém até esta algum dia tu deves vencer e arrancar por respeito à utilidade pública.”<sup>343</sup> O que é útil a todos, como as obras de Colet, deve ter a primazia, em consideração à utilidade pública. Esse é mais um dos elementos-chave da sátira erasmiana.

A forma de Erasmo prestar serviço à utilidade pública é através de suas obras, o que ele cobra de Servatius Rogerus e o que é possível fora do convento:

Nesse ínterim eu vivi entre sóbrios, vivi nos estudos das letras, que me afastaram de muitos vícios. Foi permitido ter amizade com homens verdadeiramente sábios das coisas de Cristo, dos quais o colóquio me fez melhor. Porém, já não me jacto de meus livros, os

---

<sup>343</sup> ERASMI, p. 404. Carta 181, de Erasmo a João Colet, de 1504. “Equidem non ignoro tuam modestiam; verum ista quoque tibi aliquando vincenda et publicae utilitatis respectu excutienda.”

quais talvez vós desprezeis. Porém, muitos se confessam tornados, pela leitura deles, não só mais eruditos, mas também melhores.<sup>344</sup>

Fora do convento é possível produzir obras que reconhecidamente tornam os homens não só mais eruditos como melhores. Tal é também o desígnio da sátira de Erasmo: instruir os homens para torná-los melhores, isto é, ela quer ser útil.

Por isso, Erasmo não produz obras molestas. Nesse sentido, comentando que ele outrora se divertiu com a fuga dos franceses, mas não com a das musas e a de Apolo, ele assegura ter enviado a Ammonio esse poema que, por ser brevíssimo, não lhe haveria de ser molesto.<sup>345</sup> Erasmo não pretende incomodar ninguém, mas ser útil; por isso ele não produz obras molestas.

Contrariamente, Erasmo publica obras para a utilidade. Assim, não é diferente a sua posição quando da edição das suas *Obras Completas de Santo Agostinho*: “A magnitude do trabalho dissuadia, mas convidava a erudita piedade do autor, convidava a utilidade pública.”<sup>346</sup> Se Erasmo busca em Agostinho aquilo que ele tanto exige e demonstra de si mesmo - a piedade, mas não uma fé ingênua e sim erudita, ou seja, as letras divinas completadas pelas belas letras -, isso deve ser para o bem comum. Temos, portanto, três elementos importantes, quais sejam, a ciência, a piedade e a utilidade (ou serviço), a partir dos quais o sentido de sua sátira se esclarece.

Desse modo, as obras de Erasmo são de utilidade para o discurso. Enumerando no *Catálogo* seus escritos desse gênero, Erasmo completa: “Porém, se Cristo me der vida e tranqüilidade eu terei ânimo para me absorver na obra Concionar para a utilidade pública, aqui principalmente por exortações das maiores autoridades.”<sup>347</sup> Deveras, por solicitação das grandes autoridades Erasmo produz as suas obras, mas não para bajulá-los e sim para a utilidade pública, neste caso, para ensinar-lhes a arte de discursar em público.

Para utilidade do discurso, Erasmo escreve também *De copia*. “Eu editei a obra Sobre a abundância das coisas e das palavras, que dediquei a meu querido Colet, obra utilíssima aos que

---

<sup>344</sup> ERASMI, p. 566. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Vixi interim inter sobrios, vixi in studiis litterarum, quae me a multis viciis avocaverunt. Licuit consuetudinem habere cum viris vere Christum sapientibus, quorum colloquio factus sum melior. Nihil enim iam iacto de libris meis, quos fortasse vos contemnit. At multi fatentur se redditos eorum lectione non solum eruditiores verumetiam meliores.”

<sup>345</sup> ERASMI, p. 547. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. \*O poema de Erasmo é: *In fugam Gallorum insequentibus Anglis apud Morinum*.

<sup>346</sup> ERASMI, p. 36. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Deterrebat negotii magnitudo, sed invitabat autoris erudita pietas, invitabat publica utilitas.”

<sup>347</sup> Id., Ibid., p. 34. “Et tamen si Christus dabit vitam ac tranquillitatem, est animus Opus concionandi in publicam utilitatem absolvere, praesertim huc adhortantibus magnis autoribus.”

concionam, mas que a desprezam todos aqueles que desprezam as boas letras.”<sup>348</sup> Distante do convento Erasmo produz obras utilíssimas sobre a eloquência, mesmo que - aqui entra a sátira - sejam desprezadas pelos que não amam as boas letras.

É pensando em ser útil aos estudiosos que, buscando algo construtivo para publicar, Erasmo opta pelos *Adágios*. “Como nada tivesse em mãos, com uma apressada leitura de poucos dias, eu amontoei certa porção de adágios, adivinhando que esse opúsculo poderia ser folheado com utilidade, qualquer que fosse, nas mãos dos estudiosos.”<sup>349</sup>

As contínuas revisões dos *Adágios* são realizadas por Erasmo para agradar e para ser útil.

A primeira, mais uma precipitação qualquer do que edição, agradou e foi útil. A segunda agradou muito mais, ainda mesmo por este argumento, porque dentro de um triênio aquela obra foi tantas vezes impressa com fórmulas, quer entre os italianos quer entre os alemães, certamente não sem minha dor, porque antecipavam aquilo que já então, com sumas vigílias, eu adornava para esta terceira edição. A qual, visto que nela eu superei de novo a mim próprio, eu confio que também haverá de agradar.<sup>350</sup>

De fato, com suas obras Erasmo nada mais pretende que o binômio utilidade-prazer. “Porque se estes meus suores levarem quer utilidade quer prazer àqueles que têm as boas letras no coração, eu não me arrependerei do esforço. Foi um prêmio suficiente, seguramente terei conseguido a única coisa que esperava”<sup>351</sup> A única coisa que Erasmo quer com a obra dos *Adágios* ou qualquer outra e a única coisa que intenciona com sua sátira é que elas sejam úteis, agradáveis, divertidas e causem prazer. A sátira só agrada porque é útil, visto que as coisas inúteis logo perdem a graça, e só é útil porque agrada, porquanto procuramos descartar aquilo que nos desagrade. Em outras palavras, a sátira erasmiana é o jeito agradável de ser útil, é a utilidade agradável ou a agradável utilidade.

Na verdade, trata-se de um trinômio: utilidade, prazer e erudição, elementos-chave da sátira erasmiana. Nessa acepção, sobre s *Os adágios*, se não for glorioso para seu autor, Erasmo

---

<sup>348</sup> ERASMI, p. 570. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Edidi opus De rerum verborumque copia, quod inscripsi Colecto meo, opus utilissimum concionaturis; at ista contemnunt ii qui omnes bonas contemnunt litteras.”

<sup>349</sup> ERASMI, p. 17. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Quum nihil esset ad manum, tumultuarie paucorum dierum lectione congressi syluam aliquam Adagiorum, divinans hoc libelli, qualis qualis esset, vel ob utilitatem versaturum in manibus studiosorum.”

<sup>350</sup> ERASMI, p. 522. Carta 269, de Erasmo ao leitor, de 1513. “Et placuit et profuit prima illa qualiscunque praecipitatio verius quam editio. Multo magis placuit secunda, vel hoc argumento quod intra triennium toties opus illud formulis excusum est, tum apud Italos tum apud Germanos, non absque meo sane dolore quod antevertissent, ut qui iam tum summis vigiliis hanc tertiam editionem adornarem. In qua quoniam rursus meipsum superavi, multo magis etiam placitum confido.”

<sup>351</sup> Id., Ibid., p. 525. “Quod si quam ex his meis sudoribus vel utilitatem capient vel voluptatem ii quibus bonae literae cordi sunt, haud me poenituerit operae. Sat praemii fuerit, nimirum assecuto quod unum spectabam.”

augura que aqueles que certamente o lerão, desprezando a linguagem trivial, sejam estudiosos das mais elegantes e polidas dicções, e que esse trabalho não seja infrutífero nem desagradável.<sup>352</sup>

*Os adágios* são de utilidade também para a doutrina: “Eu não sei se por acaso tu viste a obra dos *Adágios* impressa por Aldo. Na verdade ela é profana, mas útilíssima para toda doutrina; certamente ela me custou inestimáveis trabalhos e vigílias.”<sup>353</sup> Livre para produzir, longe do convento, Erasmo vê nas obras profanas um contributo para as letras divinas.

Assim, pensando na utilidade Erasmo escreve as obras sagradas: “Ao longo de dois anos eu corrigi diversas Cartas de São Jerônimo; abati com óbelos as falsas e as substituídas, illustrei com notas explicativas as obscuras. Corrigi com a comparação de códices gregos e antigos todo o Novo Testamento, e anotei mais de mil trechos, não sem fruto para os teólogos.”<sup>354</sup> Fora do convento Erasmo está livre para trabalhar as letras divinas para utilidade dos teólogos, da teologia, com certeza.

As obras de Erasmo são úteis principalmente para a piedade: “Para dizer agora alguma coisa sobre minhas obras, eu acho que tu leste o *Enchiridion*, pelo qual não poucos se confessaram inflamados para o estudo da piedade; nada me arrego, mas agradeço a Cristo, se, pelo dom dele a mim, sucedeu algum bem.”<sup>355</sup> Não estando no convento Erasmo produz obras que inflamam os homens para a piedade. É a certeza de que Cristo age através dele para o bem da humanidade!

Na mesma perspectiva, Erasmo espera que seu *Enchiridion*, por ser uma espécie de compêndio que prescreve as razões de viver, promova e ajude o santo propósito de João, que quer cercar o caminho da virtude, a fim de que ele possa ser instruído e alcance uma mente digna de Cristo. Exortando para que João se esforce a fim de que o trabalho que lhe pedira não pareça sem

---

<sup>352</sup> ERASMI, p. 289-290. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500.

<sup>353</sup> ERASMI, p. 570. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de julho de 1514. “Adagiorum opus ab Aldo impressum an videris nescio. Est quidem prophanum, sed ad omnem doctrinam utilissimum; mihi certe inaestimabilibus constitit laboribus ac vigiliis.”

<sup>354</sup> Id., Ibid., p. 570. “His duobus annis praeter alia multa castigavi divi Hieronymi Epistolas; adulterina et subdititia obelis iugulavi, obscura scholiis illustravi. Ex Graecorum et antiquorum codicum collatione castigavi totum Novo Testamentum, et supra mille loca annotavi non sin fructu theologorum.” \*Óbelo (*obelum*): Na paleografia, é sinal em forma de travessão, usado para indicar lições falsas, repetições, atribuições erradas, etc., ou precedido ou seguido pela diple (sinal em forma de V deitado com a abertura para a esquerda que se usa para distinguir citações da bíblia e de outros textos importantes), para separar período nos textos dramáticos e indicar que à estrofe se segue uma antístrofe. Na tipografia óbelo significa pequena marca tipográfica, com a figura de um punhal, que se usa para fazer chamada ao pé da página.

<sup>355</sup> Id., Ibid., p. 570. “Iam ut de operibus meis dicam aliquid, Enchiridion opinor te legisse, quo non pauci fatentur sese ad pietatis studium inflammatos; nihil mihi arrego, sed gratulor Christo, si quid boni per me contigit illius dono.”

razão, ele completa: “Pelo contrário, que imploremos com nossos votos comuns o espírito benigno de Jesus a fim de que Ele me sugira, enquanto escrevo, as coisas mais salutares e para ti Ele as retorne com eficácia.”<sup>356</sup> O que escreve, Erasmo acredita ser inspirado por Deus. Por isso, ele crê que escreve o que é mais salutar, e que os outros recebem aquilo que existe de mais eficaz. Analogamente, sua sátira é salutar e eficaz.

É de reconhecimento público a utilidade das obras de Erasmo. Fausto Andrelini, tendo lido com o máximo prazer os *Adágios* que Erasmo, sua alma metade, lhe enviara, e testemunhando que eles deveriam ser aprovados até por um juiz inimigo, merecendo certamente o voto de aprovação de todos, reconhece que eles misturam ao mesmo tempo coisas doces e úteis. E as lucubrações de Erasmo são tão agradáveis e frutíferas que Fausto exorta para que ele torne públicos os *Adágios*; e que, nada temendo daqueles que costumam zombar dos escritos alheios, não receie qualquer rinoceronte narigudo, pois seus escritos proporcionam divertimento e utilidade.<sup>357</sup> Vemos aqui reconhecido pelos eruditos que o cercam, o verdadeiro propósito de Erasmo com suas obras - e com sua sátira - de proporcionar prazer e utilidade.

No entanto, a pretensão de utilidade de Erasmo nem sempre é entendida, motivo pelo qual ele responde com a útil e divertida sátira: “Empreendemos gratuitamente com tanto trabalho, para ajudar os estudos públicos, todavia alguns ladram fortemente, os quais preferirão que eu escreva sobre indulgências ou sobre coleta de queijos.”<sup>358</sup> Erasmo tem a consciência tranqüila de que age em função do bem público e ele explica isso para os homens de seu tempo. Contudo, muitos não o entendem. A estes, Erasmo responde satiricamente – os que ladram, os que prefeririam vê-lo tratar de coisas corriqueiras como indulgências ou de coisas extravagantes, como a coleta de queijos –, mas mesclando o ataque com a declaração de princípios. Logo, a sátira erasmiana se apresenta pedagogicamente construtiva.

Conseqüência lógica da utilidade, a sátira de Erasmo pretende ser um serviço à moral. O objetivo de sua sátira é a moralidade porque ela intenta corrigir os costumes. Nessa significação, satirizando, ele escreve que, no *Eunuco*, Fédria passa da maior continência à maior loucura, pelo amor, tal como uma pessoa saudável, pela doença, mudada a ponto de não ser reconhecido; quão belo exemplo que ensina ser o amor misérrimo e ansioso, instável e cheio de torpíssima insânia;

---

<sup>356</sup> ERASMI, p. 374. Carta 164, de Erasmo a João, de 1501. “Imo votis communibus benignum illum Iesu spiritum imploremus ut et mihi scribenti suggerat salutaria et tibi ea reddat efficacia.”

<sup>357</sup> ERASMI, p. 297. Carta 127, de Fausto Andrelini a Erasmo de 1500.

<sup>358</sup> ERASMI, p. 36. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Tantum laborum quum gratis suscipiamus, iuvandis publicis studiis, tamen fortiter oblatrant quidam, qui mallent me scribere de indulgentiis aut de colligendis caseis.”

mas, que, aos adutores, pestilentos gêneros de homens, é ordenado observar Gnatão, príncipe de sua arte; que os jactanciosos e os que agradam de si mesmos, tal como se vê em tantos ricos imperitos, que observem Trasão e percebam por meio de sua magnificência quão ridículos eles são; e que, portanto, indispensável para o estudo do latim, em substituição aos ignorantes manuais, a leitura das comédias de Terêncio é capaz de contribuir não para subverter os costumes, mas para corrigi-los. Sobre esse assunto, completa Erasmo, Cornélio lerá mais amplamente assim que ele, se Deus quiser, publicar seu escrito sobre literatura.<sup>359</sup> Trata-se provavelmente o *Antibárbaros*, um livro que tem por finalidade corrigir os erros dos bárbaros da língua e dos costumes.

Portanto, não se pode entender a sátira de Erasmo sem referência à moral. Ao comentar sua tradução das obras de Plutarco, ele esclarece: “Eu me exercitei com o maior prazer nas obras dele, porque além da veemente perícia da língua elas conduzem à instituição dos costumes.”<sup>360</sup> Assim, mais do que o aprendizado das línguas clássicas, as obras de Erasmo intentam contribuir para a instituição da moral. Ora, a sátira erasmiana também propende para essa moralidade.

Por exemplo, a tradução que Erasmo faz das *Obras Morais*, de Plutarco, aponta para a moral, também quando ele afirma que nada leu de mais santo que esse autor.<sup>361</sup> Temos novamente a questão: Erasmo quer veementemente o aprendizado das letras, mas o que o leva a ler os autores vai além desse desejo, pois ele está interessado na instituição dos bons costumes, na instituição da moral, e mais, para a santidade.

Essa mesma posição é reforçada quando Erasmo fala dos *Colóquios*:

Assim pois, em agradecimento aos estudiosos e a João Froben lançamos já com freqüentes acréscimos, mas temperados os argumentos de tal modo que, além do prazer pelas leituras e de polir os discursos, produzam fruto pelo fato de conduzir também à formação dos costumes.<sup>362</sup>

Em síntese, Erasmo escreve normalmente em honra a alguém, pelo prazer em si da leitura, para aperfeiçoar a língua e a conversação, mas, o mais importante, para que produza frutos de bons costumes. Trata-se da leitura e da escrita como instrumento formador da moral. E por isso,

---

<sup>359</sup> ERASMI, p. 124-125. Carta 31, de Erasmo a um amigo, de 1489. \*Fédria: (Que quer dizer “que é alegre ou brilhante”), é um moço, amado de Taís, filho de Laques e irmão de Quérea, na peça cômica *O eunuco*, de Terêncio.

<sup>360</sup> ERASMI, p. 08. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “In his eo libentius exercebar, quod praeter linguae peritiam vehementer conducerent et ad mores instituendos.”

<sup>361</sup> Id., Ibid., p. 08.

<sup>362</sup> Id., Ibid., p. 08. “Itaque in gratiam studiosorum et Ioannis Frobenii frequenter iam auctarium adiecimus, sed ita temperatis argumentis ut praeter lectionis voluptatem ac sermonis exploliendi, fructum inesset quod ad mores quoque formandos conduceret.” \*Estudiosos {*studiosus*} significa aqui tanto eruditos, quanto admiradores, pois, Erasmo está falando que apesar das nênias, os *Colóquios* foram recebidos com aplausos por eles. \*João Froben (1460 – 1527): Grande impressor de Basileia que imprimiu a maior parte das obras de Erasmo.

Erasmus escolhe o quê, de quem, para quem, para quê e como escrever. Escrever na forma satírica está, pois, inserido nesse grande projeto educativo da moral. Sua sátira se propõe, assim, pedagogicamente construtiva, porquanto contribui para a instituição da moralidade.

### CAPÍTULO III

## DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS

Com o mesmo objetivo do capítulo anterior de comprovar a sátira erasmiana como método privilegiado de educação a ponto até de se poder considerá-la como pedagogia, nós a analisaremos aqui a partir de algumas categorias, quais sejam, provérbios, diálogo, ironia; elogio; comédia; apologia, diatribe e libelo; que denominamos lingüísticas, porque elas estão mais ligadas às formas de linguagem, mas que na realidade são categorias lingüístico-pedagógicas, porquanto se referem à educação.

### 3.1 SÁTIRA, PROVÉRBIOS, DIÁLOGO E IRONIA

Nossas hipóteses com estas categorias são as de que quase todas as qualidades da linguagem proverbial são idênticas às da sátira erasmiana, pois ambas visam a ensinar, portanto, a sátira se propõe construtiva; que, do mesmo modo que a linguagem dialogal, a sátira erasmiana se pretende pedagógica; e que, como a linguagem irônica, ela é pensada por Erasmo como pedagogicamente construtiva.

Quanto à linguagem proverbial há diferença entre sentença e provérbio. Não tendo a pretensão com a compilação de provérbios de fornecer um léxico, Erasmo explica que nem tudo que é sentença significa necessariamente provérbio e o que é provérbio não quer dizer obrigatoriamente sentença.

Portanto, parece-me que são necessárias duas condições para que seja uma parêmia; a primeira é que de algum modo ela se distinga por uma cláusula ou por uma translação, como, Calques contra o estímulo, Que causa muita turba; ou por uma alegoria, como, Dionísio em Corinto e Troianos, nós vivemos; ou por um enigma, como, A metade é mais que o todo; ou por outra figura qualquer; ou enfim, por uma brevidade lépida e cômoda, se a figura for simples, como, É bonito aquilo que é seu; a segunda é que ela já tenha escapado para a linguagem freqüente de todos, ou aceita pelo teatro, ou nascida de um apotegma de qualquer sábio [...]<sup>363</sup>

---

<sup>363</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*: Tom. I. Per P. S. Allen; M.A., 1906, p. 295. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500. “Ergo duo quedam ad hoc requiri videntur, ut paroemia sit; alterum ut aliqua re sit insignita clausula, aut translatione, ut, Contra stimulum calces, Que máxima turba est; aut allegoria, ut, Dionysius Corinthi, et, Fuimus Troes; aut enygmata ut, Dimidium plus toto; aut alia quavis figura, aut brevitatem denique lepida commodaque, si simplex sit figura, ut, Suum cuique pulchrum: alterum ut ea iam in frequentem omnium sermonem abierit, aut theatro excepta, aut a sapientis alicuius apothegmate nata [...]” \*Apotegma: Aforismo, dito curto e sentencioso, máxima.

Por conseguinte, um provérbio implica, por um lado, em primeiro lugar, em uma cláusula, isto é, em conclusão a ser apreendida e não em linguagem mecânica. Em segundo lugar, em translação, ou seja, em uma tradução em metáfora e não em linguagem de significado evidente. Em terceiro lugar, em uma alegoria, portanto, em linguagem figurada e não em linguagem direta. Em quarto lugar, em um enigma, ou seja, em linguagem a ser desvendada e não em linguagem explícita. Em quinto lugar, em uma brevidade, qual seja, em concisão e não em loquacidade. Em sexto lugar, em ser lépida, isto é, graciosa e divertida e não pesada e cansativa. Em sétimo lugar, em ser cômoda, ou seja, ajustada a cada situação e não rígida e formal. Por outro lado, primeiramente, em fazer parte da linguagem corrente. Segundamente, em ser incorporada pelo teatro. Por terceiro, em ter nascido da máxima de algum sábio.

Os provérbios são de uso comum à época de Erasmo. Por exemplo, satirizando os professores parisienses, Aleandro fala que, para usar sem medida de provérbios em face do coletor de provérbios, eles são balbos com balbos e mulos mútuos, ou seja, um gago que admira outro gago e as mulas que se esfregam uma na outra. E, enquanto assegura-se aceito por todos, ele diz que se vêem todos os outros espalharem-se em massa por lugares apertados, assim como “as pombas de Cós à águia que vem”.<sup>364</sup> Temos em Aleandro a sátira mordaz como em Erasmo. Temos para isso o recurso aos provérbios ao mesmo tempo em que o reconhecimento de Erasmo como o colecionador de provérbios, o sátiro da linguagem figurada por excelência.

De uso comum, Erasmo apresenta o efeito da linguagem figurada dos provérbios, ou parêmiás: “E como elas sempre embelezam veementemente a dicção, elas trazem, então, um incrível ornato e graça, todas as vezes que, recebidas já pelo consenso comum, foram para a linguagem do vulgo.”<sup>365</sup> Erasmo se preocupa com a dicção, isto é, o estilo, a retórica, a eloquência, o discurso, enfim, o ornamento da linguagem.

Mas essa não é a principal qualidade dos provérbios, mas a sua força de persuasão, o que fica patente quando Erasmo ajuíza:

Eles não dizem respeito somente ao modo. Eles também não ajudam menos que os nervos. E por isso Fábio não só os enumera entre as coisas pelas quais se torna alegre o juízo, as figuras, mas, entre os argumentos, e julga que a parêmia vale muito, seja se

---

<sup>364</sup> ERASMI, p. 506-508. Carta 256, de Jerônimo Aleandro a Erasmo, de 1512. \*Chaonias dicunt aquila veniente columbas (dizem as pombas de Cós à chegada da águia) é de Virgílio, *Écloga IX*, 13. No idílio 07, *Talísias*, Teócrito (c. 300-260 a.C.) ridiculariza as pobres aves das Musas, da ilha de Cós, que com sua gritaria pretendem rivalizar com o cantor de Quios.

<sup>365</sup> ERASMI, p. 291. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500. “Que quum semper vehementer honestant dictionem, tum incredibilem adferunt ornatum et gratiam, quoties iam communi consensu recepta in vulgi sermonem abierunt.”

desejas ser acreditado, seja para repelir o adversário com um proverbial dictério, seja para que munas a tua opinião.<sup>366</sup>

Não é apenas uma questão de modo, ou seja, de estilo, mas existem nervos, isto é, um vigor que perpassa as parêmsias. Por isso, baseando-se em Quintiliano Erasmio mostra que os provérbios são listados, não só entre as figuras de linguagem, mas principalmente como argumentos, os quais servem por um lado para convencer os outros ou para firmar suas próprias opiniões, e por outro para refutar o adversário com um ditado satírico. Do mesmo modo, sátira é uma refutação, mas argumentada, que mira ao convencimento e à educação.

Outras características dos provérbios são a sua popularidade e vetustez. “Pois, cada um ouve de bom grado aquilo que reconhece, ainda mais se é acrescentada certa recomendação de antiguidade, se é verdade que os adágios, não de outro modo que os vinhos, obtenham seu valor pela idade.”<sup>367</sup> Como os provérbios, assentados na tradição, também a sátira é popular e antiga.

No desvendar da tradição, Erasmio começa por rememorar os antigos filósofos, cômicos, historiadores, sátiros, poetas e autores menores que empregaram ou redigiram provérbios. Além disso, ele ressalta que certamente ninguém antes dele, que ele saiba, tentou um negócio desse gênero. Isso não quer dizer que eles não deram valor a esse tipo de obra, continua Erasmio. Pelo contrário, toda vez que sentiam sobrevir um provérbio nos autores, julgavam-se não como os meninos que gritam quando descobrem uma fava, mas como quem deva anotar com asterisco e explicar o que é mais indicado. Isto porque não ignoravam resultar que, muitas vezes, um adágio compreendido por duas palavras causaria muitas trevas se ficasse oculto e certamente muito de luzes, se decididamente fosse explicado.<sup>368</sup> Anotar e explicar os adágios é uma forma esclarecimento, de desvendar a linguagem oculta, de ensinar, de exercer o papel de pedagogo. O mesmo vale para a sátira erasmiana.

Depois de enumerar os neotéricos de sua época que utilizam provérbios e de dar exemplos de alguns provérbios bíblicos, particularmente do Evangelho, Erasmio explica a importância

---

<sup>366</sup> Id., Ibid., p. 291. “Neque ad cultum modo faciunt. Nervos quoque non minus iuvant, eo que Fabius ea non solum in iis numerat quibus exhilaretur iudex, et in figuris; sed inter argumenta paroemiam plurimum valere putat, sive fidem facere cupias, sive adversarium proverbiali dicerio repellas, sive tua munias.” \*M. Fábio Quintiliano: Autor romano, originário da Espanha Terraconense, nascido entre 30 e 40 d.C., perfeito orador, era muito amante do *labor limae* (trabalho de revisão) e dos *studiis quietem* (solidão dos estudos) e relutante com as publicações, como o era Erasmio. O pensamento de Quintiliano está no seu *Institutio oratória* (*A instituição da oratória*) V. II, 37 e 41.

\*Dictério (*dicterius*): Escárnio, motejo, troça, zombaria.

<sup>367</sup> Id., Ibid., p. 291. “Libenter enim audit quisque quod agnoscit, maxime vero si vetustatis commendatio quedam accedat, si quidem adagia non aliter quam vina ab etate precium accipiunt.”

<sup>368</sup> Id., Ibid., p. 292. \*Gritar com a descoberta de uma fava é uma alusão a Plauto, *Aululária*, ou *A comédia da Panela*, 818. \*Tito Mácio (ou Maco) Plauto (224 – 182 a.C.): Cômico e comediógrafo romano. Erasmio revisou suas comédias.

destes: “[...] quando estes ocorrem, digo eu, (que sem dúvida eu recenseasse a todos?), nunca te veio à mente que este gênero de discurso não é apropriado tanto aos artifícios, mas ao que verdadeiramente pode haver de mais divino e às coisas celestes.”<sup>369</sup> Não importa a extensão do recenseamento dos provérbios, pois o que interessa é a linguagem proverbial em si. Essa linguagem é apropriada não tanto aos artifícios, quer dizer, à retórica, à eloquência, mas é conformada mais às coisas divinas. Ora, buscar nas Sagradas Escrituras a justificativa para o uso de provérbios e entendê-los como apropriados às coisas celestes significa fundamentação cristã da linguagem figurada. Isso implica a superioridade da linguagem figurada – proverbial e também satírica - sobre a linguagem formal.

Ao Erasmo explicar o método que segue na obra dos *Adágios*, um gênero totalmente novo, o intuito desse trabalho fica ainda mais claro. Primeiramente, pela apresentação do que ele não se propõe a fazer. “Haverá, talvez quem, ao ler o título, imediatamente presumisse que, com meu indouto trabalho, eu amontoara daqui e dali muitas sentenças dos autores como se restituísse num léxico.”<sup>370</sup> Com a compilação dos adágios dos antigos, além de não considerar isso um trabalho ingênuo, Erasmo não pretende constituir um léxico, pois não é a gramática que lhe interessa, mas o sentido profundo dos provérbios, com os quais pretende, ao resgatá-los, instruir a sua geração, que é a mesma meta de sua sátira.

Em segundo lugar, pela apresentação dos verdadeiros motivos desse trabalho:

Porque, por muitos motivos, vemos que sustentamos um trabalho nem fútil e nem estéril, se esta razão do discurso, que não sem motivo tantos eruditos e tão divinos autores seguiram, por causa de nosso esforço, nós instruímos ou certamente excitamos os adolescentes estudiosos. Julgo que aquele censor, aplacado por estas razões, ou junte-se a nós ou pelo menos cesse de ser molesto.<sup>371</sup>

Ao tratar dos provérbios, Erasmo tem por alvo mostrar, de um lado, que essa linguagem não é fútil e nem estéril, e de outro, rebater os possíveis críticos dessa linguagem. Portanto, ele está sendo duplamente pedagogo. E aqui toda sua exposição não abandona o tom satírico.

---

<sup>369</sup> Id., Ibid., p. 295. “[...] qum hec, inquam (quid enim omnia recenseam?) occurrunt, nunquamne tibi venit in mentem hoc genus sermonis non fucos tantum, sed divinum quiddam potius habere et celestibus rebus accommodatum?”

\*Neotérico (*neotericus*): Aquele que introduz novas doutrinas. \*Erasmo cita vários provérbios bíblicos.

<sup>370</sup> Id., Ibid., p. 295. “Erunt fortasse qui lecta statim inscriptione coniciant me indocto labore quamplurimas sententias ex auctoribus hinc inde congestas velut in lexicon retulisse.” \*Erasmo cita, a seguir, os provérbios que têm a falsa aparência de léxico.

<sup>371</sup> Id., Ibid., p. 295. “Quare multis de causis neque futilem neque sterilem laborem nobis suscepisse videbamus, si ad hanc sermonis rationem, quam non sine causa tot tam eruditi tamque divini auctores sunt sequuti, studiosos adolescentes pro nostra virili aut instrueremus aut certe excitaremus. His opinor rationibus censor ille placatus aut nobis accedet aut saltem molestus esse desinet.”

O que os detratores de Erasmo não entendem é que sua linguagem proverbial, como a sátira, tem por fim apenas ensinar: “Mas, já antes de agredirmos nosso negócio, barramos todo ádito a esses trapaceiros assim como pinos prefixados por todos os lados; pois se eles desejarem eloquência em minha Coletânea, a própria coisa nega ser ornada e se contenta em ensinar.”<sup>372</sup> Erasmo não mira primeiramente à eloquência, à retórica, ao ornamento. Seu propósito é pedagógico, pois sua linguagem figurada visa a ensinar. É por isso que ele dá tanta importância a obras de caráter figurado como os adágios ou provérbios. O uso apropriado da linguagem figurada é a melhor forma de ensinar. E, a sátira é uma linguagem privilegiada nessa linguagem figurada.

A linguagem satírica de Erasmo se encaixa perfeitamente nessa intenção e uso da linguagem figurada dos provérbios: “E se porventura este discurso os ofender por sua excessiva retórica eu oporei o adágio: até a manjerona é pobre ao porco.”<sup>373</sup> A sátira é, então, a arma de Erasmo para que os recalitrantes aceitem os seus proverbiais ensinamentos.

Na defesa dos provérbios, a sátira erasmiana é retomada em novo patamar, misturando-se à explicação e formando um todo pedagógico.

Alguém exigirá ordem; Aulo Gélíio não cuidou disso. Para outros parecerei muito breve; a brevidade convém a um anotador. Que digam que sou muito prolixo; isso é dito pelos mais imperitos. Serei culpado de escrever coisas alheias; quem escreve o que é seu não escreve adágios. Alguém dirá que são coisas obsoletas; mas isso recomenda as vetustas parêmias. Certas coisas mais obscuras desagradarão; isso é da natureza dos adágios. Outras mais evidentes; serás advertido se não as conheceres. Algumas coisas são muito ligeiras; é seu lugar na grande multidão [de adágios]. Outras serão vistas como muito frias; a pedra preciosa não fulge no estrume, mas no dedo. E as coisas que em si parecem fúteis, no lugar oferecem graça. As pessoas sérias se alegrarão menos com as coisas ridículas e as pessoas divertidas com as coisas sérias; escrevemos ao vulgo. Se estas coisas que estão aí parecerem muito pouco, nós as contraímos, ditando-as em [apenas] um bimestre, além disso, doente, enfim, sem outra coisa a fazer. Inversamente, se acharem coisas em demasia, não poucas coisas deixamos escapar. E não faltarão aqueles que julgarão isto humilde e sem importância; são nas pequenas coisas que muitas vezes se encontram quer o maior louvor quer a máxima utilidade. A quem disser que até agora tudo está muito nu e destituído, que ele espere com mais paciência a última demão. Com efeito, emitimos aqui este conselho que, qual se fosse um gênio para uma obra que há de ser nova, fizemos lançar a sorte sem o máximo gasto e o mais leve perigo. Se alguém indicar nossos erros, desde que o faça por gostar de nós, levará de nós muitas graças; mas, se com malícia, ainda assim ouvirá. Quem estupidamente reprender aquilo que não

---

<sup>372</sup> Id., Ibid., p. 296. “Sed iam priusquam negotium agrediamur, vitilitigatoribus istis omnes aditus tanquam prefixis undique pinnis presepimus; qui si in his meis Colletaneis eloquentiam desyderabunt, Ornari res ipsa nega, contenta doceri.” \*Ádito (*aditus*): Câmara secreta, nos templos antigos, santuário onde só os sacerdotes podiam entrar, e por extensão, caminho, entrada, porta, acesso. \*Lembremos que à época desta carta, 1500, *Os adágios* ainda se chamavam *Collectanea*.

<sup>373</sup> Id., Ibid., p. 296. “Si quos et hic sermo ut nimium rhetoricus offendet, adagium obiiciam, Et sui putere amaricinum.”

entendeu, ouvirá o adágio de Apeles “O sapateiro só entende de sandália”. Haverá alguém que não se agrada com nada disso; não escrevemos para ele.<sup>374</sup>

Além de perpassar toda a justificativa dos provérbios, é a sátira que tem a palavra final. Aos recalitrantes, aos descontentes de tudo, a linguagem proverbial, e nem mesmo a linguagem figurada em geral, é eficaz, motivo pelo qual Erasmo não escreve para eles. Mas, mesmo aqui a sátira tem uma intenção pedagógica, pois o que ele pretende é que esses não existam ou pelo menos deixem de existir e dêem lugar apenas aos homens preparados para o debate acadêmico.

Além disso, existem limites para a linguagem proverbial. Afirmando que esta é uma carta verbosa e cheia de provérbios, Erasmo espera que William Blount, saturado por muito tempo com os adágios, não tenha náuseas pelo restante como se tem por um prato de couve requentada.<sup>375</sup> A linguagem proverbial não se constitui para Erasmo em método único de aprendizagem, mas é elemento facilitador que deve ser completado por outras leituras, por outros processos de aprendizagem, por outros métodos, particularmente pela sátira, a qual tem quase todas as qualidades da linguagem proverbial e outras mais. Daí, para ele, seu caráter construtivo.

Quanto à linguagem dialogal, Erasmo se interessa pelas obras dialógicas clássicas, preferencialmente as de Luciano por seus diálogos serem superiores aos de qualquer outro:

[...] De tal maneira, como um pincel, ele pinta os costumes, o afeto, os estudos dos homens, e ele expõe não como alguma coisa que deva ser lida, mas que deva ser muito observada com os olhos, de modo que nenhuma comédia e nenhuma sátira devem ser conferidas com esses diálogos, quer observes o prazer, quer observes a utilidade.<sup>376</sup>

A linguagem dialógica de Luciano é superior aos outros tipos de linguagem, inclusive à comédia e à sátira antigas. Seus diálogos satíricos são superiores sobre todo tipo de linguagem crítica de

---

<sup>374</sup> Id., *Ibid.*, p. 296. “Ordinem requiret aliquis; non curavit Gellius. Brevior vedebor alicui; decet brevitatis annotatorem. Dicar verbosior; datum est hoc imperitoribus. Aliena scribere culpabor; qui sua scribit, non scribit adagia. Obsoleta quedam dicentur; at vetustas paroemias commendat. Quedam ut obscuriora displicebunt; hec est adagiorum natura. Apertiora quedam; admoneberis si non discas. Levicula nonnulla; est et hiis in magna turba locus. Frigere quepiam videbuntur; non fulget gemma in sterquilinio, quod in anulo. Que per se frigida videntur, in loco adhibita gratiam habent. Serii ridiculis, iocosi seriis minus delectabuntur; scripsimus vulgo. Pauciora si cui videbuntur ista, bimestri dictatiuncula contraximus, tum valitudinariis, denique aliud agentes. Rursum si cui nimis multa, at non pauca pretermisimus. Nec deerunt quibus totum hoc humile innotumque videatur; est et parvis e rebus nonnunquam maxima tum laus tum utilitas. Nudiora quedam adhuc ac destituta qui dicet, is extremam manum patienter expectet. Hoc enim ea consilio emisimus ut novi operis quis esset genius futurus, non maximo sumptu levior alea iacta periculum faceremus. Si quis errata nostra indicabit, si quidem studio nostri faciet, multam a nobis feret gratiam; sin malicia, tamen audietur. Qui stolidus que non intelligit reprehendet, Apelleum adagium audiet, Ne sutor ultra crepidam. Erit cui nihil hic placebit; non scripsimus illi.” \*Apeles: Artista grego que pintou os deuses e os homens de seu tempo, inclusive um quadro de Alexandre Magno. Erasmo achava Apeles um homem de coração sincero e o colocava em primeiro lugar entre os pintores gregos, modelo de todo pintor.

<sup>375</sup> Id., *Ibid.*, p. 296-297.

<sup>376</sup> ERASMI, p. 426. Carta 193, de Erasmo a Cristóvão Urswick, de 1506. “[...] sic hominum mores, affectus, studia quasi penicillo depingit, neque legenda, sed plane spectanda oculis exponit, ut nulla comoedia, nulla satyra cum huius dialogis conferri debeat, seu voluptem spectes, seu spectes utilitatem.”

seu tempo pelo seu modo prazeroso de dizer e por sua utilidade. Do mesmo modo e até para além de Luciano, Erasmo crê na superioridade de sua sátira.

A riqueza da linguagem dialógica satírica de Luciano é exemplificada por Erasmo:

Porém, se queres expressamente o argumento deste diálogo, ele faz o que sempre fez. Ele taxa Pitágoras como impostor e prestigiador; ele ridiculariza o orgulho e a sapiente barba dos estóicos; ele ensina que a vida dos ricos e dos reis está sujeita a tamanhos sofrimentos: contrariamente, quão conveniente é a pobreza hilária e contente com a sorte.<sup>377</sup>

Ao mesmo tempo em que satiriza, Erasmo mostra nos diálogos de Luciano que a sátira censura, ridiculariza e ensina; que é o mesmo que dizer que ela é crítica, é divertida, é útil.

Por isso, Erasmo roga que Urswick leia mais atentamente o diálogo *O galo*, de Luciano quando seus negócios lhe permitirem desenrijar sua fronte. Assim, ele ouvirá o galo confabulando com seu mestre sapateiro mais ridiculamente que poderia qualquer bufão, mas, inversamente, mais sabiamente que a multidão dos teólogos.<sup>378</sup> Quando se desenruga a testa, quando se deixa desarmar pela sátira, neste caso contida no diálogo satírico de Luciano, ela ridiculariza mais que um bufão ao tempo em que sabiamente ensina, muito mais que o ensinamento ridículo e insciente oficial. A sátira desarma e para percebê-la como desarmada é preciso desarmar-se. Só assim ela exerce todo seu poder pedagógico.

Devido ao poder pedagógico da linguagem dialogal, Erasmo se preocupa também em produzir suas próprias obras dialógicas. Assim, ele publica seus *Colóquios* com o fito de “[...] que, se valessem mui grandemente junto ao povo, mais úberes seriam procurados por ele.”<sup>379</sup> Erasmo quer que os *Colóquios* sejam divulgados cada vez mais para que sirvam de instrumento educador e que quanto mais forem divulgados mais o povo os busque e mais ainda sejam educados. Não é à-toa que essa obra serve por séculos como manual de estudos nas escolas. E o que sobeja nessa obra senão a sátira, sátira pedagogicamente construtiva?

No que diz respeito à ironia, primeiramente como figura de linguagem, Erasmo pede que Antônio de Bergen imagine por quem a guerra é conduzida senão pelos homicidas, incestuosos, jogadores, estupradores, sordidíssimos soldados mercenários, para os quais o miserável ganho é mais precioso que a vida.

---

<sup>377</sup> Id., Ibid., p. 426. “Caeterum si nominatim quaeres huius argumentum dialogi, facit id quod semper fecit. Pythagoram velut impostorem ac praestigiatores taxat; Stoicorum fastum et sapientem barbam ridet; divitum ac regum vita quantis sit erumnis obnoxia docet: contra, quam expedita res paupertas hilaris suaque contenta sorte.”

\*Trata-se do diálogo *O galo*, de Luciano.

<sup>378</sup> Id., Ibid., p. 426.

<sup>379</sup> ERASMI, p. 10. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] quae si plurimum valerent apud populum, uberius esset istis quaestus.”

Estes estão melhores na guerra, porque quando antes faziam tudo isso por seu próprio risco, aqui fazem por dinheiro e com louvor. Essa enxurrada de homens deve ser recebida nos campos e nas cidades para que tenhas a guerra. Enfim, isso deve ser observado, todo o tempo em que queremos vingar o outro.<sup>380</sup>

A linguagem irônica mostra, pela apresentação de seu inverso, aquilo que deve ser evitado ou deixar de ser praticado.

Em outro exemplo. Erasmo escreve que ao ver o epitáfio de Carmiliano quando leu *pullulare* disse que isso era uma escabiose. À sua pergunta de quem era o epitáfio foi-lhe dito que era de Carmiliano, ao que ele retrucou que sem dúvida tal coisa era muito digna dele. Isso, porém, foi entendido como se ele tivesse dito que era digna do rei da Escócia. Augurando que quem tem um pouco mais de faro rirá, ele completa: “Mas, por sorte tu és um homem puro demais para tomar medidas contra esta fera.”<sup>381</sup> Como é fácil interpretar erroneamente aquilo que uma pessoa diz, o que é motivo de riso. Ora, dizer que algo seja digno de uma pessoa pode não ser elogio, mas ironia, uma vez que não define o que seja a pessoa de quem se fala: se for digna, é louvor; se for indigna, é crítica. Também para Ammonio, que é um homem puro, a ironia parece incentivar a sua pureza, mas, na verdade a está criticando, visando à mudança de seu comportamento, a fim de que saia da aceitação passiva e tome medidas contra a fera.

Nesse mesmo sentido, Erasmo tem certeza de que Linacre não poderá deixar de rir quando souber quão avidamente Graeculus aguarda um presente que lhe prometera em troca dos cálamos de Chipre. Também, que o homem ajuda certamente como um corvo que hiante engana. Ainda, que esse estúpido não teve aversão pelo modo como ele lhe escreveu, pois lhe disse que enviaria um presente digno dele, mas querendo dizer coisa má!<sup>382</sup> Ou seja, o corvo do Graeculus nem percebe que Erasmo ao dizer, ironicamente, que o presente a ser-lhe enviado é digno dele, na

---

<sup>380</sup> ERASMI, p. 552. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514. “Hi in bello sunt optimi, cum quod tante suo faciebant periculo, hic mercede faciant et cum laude. Haec hominum colluvies in agros, in urbes recipienda, ut bellum geras. Denique his serviendum, dum alium ulciscis volumus.”

<sup>381</sup> ERASMI, p. 542. Carta 282, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. “Sed nae tu homo nimium es candidus, qui belluae istius famae consulas.” \*Carmiliano editara recentemente um epitáfio ao rei dos escoceses, obra que foi muito criticada tanto por Erasmo quanto por Ammonio. \**Pullulare* (pulular): Quer dizer tanto germinar, quanto encher-se. \*A expressão latina é “Hic scabies est” (Isto é uma escabiose, sarna).

<sup>382</sup> ERASMI, p. 426-427. Carta 194, de Erasmo a Thomas Linacre, de 1506. \*Graeculus é provavelmente Jorge Hermonymus. Natural de Esparta, Hermonymus copiou um grande número de manuscritos, mais de setenta, a maioria em grego, em uma época em que a impressão do grego estava ainda em sua infância. Ele ensinou sua língua materna, entre outros, a Erasmo, Beatus Rhenanus, Lefèvre d’Étaples. Mas seus conhecimentos da língua eram menores que sua capacidade para falar e seus alunos tiveram pouco a elogiar, exceto Lefèvre que fez seu elogio. Erasmo diz (ERASMI, p. 07) que em Paris apenas um deles, Jorge Hermonymus, balbuciava o grego, mas de tal natureza que não o ensinaria se quisesse e nem o poderia se quisesse. \*A Expressão latina é *Iuvat profecto sic corvum delusisse hiantem* (Ajuda sem dúvida como um corvo que ilude com o bico escancarado), mas ela é de origem grega, e é em grego que Erasmo a cita.

realidade o critica satiricamente, querendo dizer que ele não vale nada. Por isso, o estúpido não se irrita, e talvez até tenha ficado lisonjeado com o apreço que lhe tem alguém tão erudito. Esse é um exemplo da sutileza da ironia contida também na linguagem satírica erasmiana, pois ela age sem que a pessoa se dê conta de sua extensão. Com isso a sátira encontra campo para se expressar, se instalar, se estender, agir, enfim, produzir seus efeitos pedagógicos.

Com relação à ironia socrática, é comum essa prática pelos eruditos da época de Erasmo, como o faz Ammonio: “Afinal, Erasmo, de tal modo não fazes brincadeira e delícias com teu Ammonio? Perguntas o que existe em algum lugar que eu não preceda a Erasmo em muitos estádios; de quem eu não ignoro estar posto até a cem parasangas abaixo.”<sup>383</sup> Encontramos em Ammonio os mesmos recursos lingüísticos que são usados por Erasmo. Na linguagem hiperbólica, utilizada para reforçar seu reconhecimento pela superioridade do mestre, pode estar presente a linguagem irônica socrática que se diminui, mesmo não se sentindo diminuído, para reforçar as qualidades alheias.

Quanto ao uso da ironia socrática por Erasmo destacamos, entre tantos, este exemplo:

Vive em Londres o senhor João Colet, decano de São Paulo, homem que uniu a máxima doutrina à admirável piedade, grande junto a todos por sua autoridade. Ele me ama de tal maneira, o que todos sabem, que com ninguém ele vive com mais prazer que comigo; de modo que omitirei inúmeros outros, para que eu não seja duas vezes molesto quer pela jactância quer pela loquacidade.<sup>384</sup>

Na linguagem laudatória a Colet e a si mesmo, com o intento de exaltar um estado de vida em detrimento de outro e para ensinar que se vive melhor fora que dentro do convento, temos a presença da ironia. E, em seu sentido socrático quando Erasmo diz que não quer ser molesto, pois, de fato, ele não se sente molesto e sim útil. Ainda, quando ele afirma que não pretende ser duplamente molesto, quer pela jactância quer pela loquacidade, porque, na realidade, prefere a humildade e a concisão suficiente para se fazer entendido.

Destacamos, ainda, outro exemplo em que Erasmo usa a ironia socrática, nesse caso, às avessas. Solicitando a James Batt que prove à madame de Veere que é preferível ajudar-lhe

---

<sup>383</sup> ERASMI, p. 495. Carta 249, de André Ammonio a Erasmo, de 1511. “Itane tandem, Erasme, tuum Ammonium ludus et delitias facis? Quaeris quid sit in quo non stadiis multis Erasmum praecurrant; infra quem vel centum parasangis positum me esse non ignorarem.” \*Parasanga: Medida itinerária dos antigos persas (do Irã) equivalente a 3 milhas e ¼ ou cerca de 5250 metros.

<sup>384</sup> ERASMI, p. 570. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Est Londini dominus Ionnnes Coletus, divi Pauli Decanus, vir qui summam doctrinam cum admirabili pietate copulavit, magnae apud omnes autoritatis. Is me sic amat, id quod sciunt omnes, ut cum nemine vivat libentius quam mecum; ut omittam alios innumeros, ne sim bis molestus et iacantia et loquacitate.”

financeiramente a outros teólogos que ela nutre, Erasmo esclarece, de modo hiperbólico, portanto ironicamente, a grande diferença entre ele e os demais:

Porque eles discursam para o que é vulgar, o que eu escrevo haverá de vencer para sempre. Aqueles de ignorantes nugas são ouvidos em um ou outro templo, meus livros serão lidos pelos latinos, pelos gregos e por toda gente do mundo inteiro. Desse tipo de ignorantes teólogos existe por toda parte em abundância, semelhante a mim acharão com dificuldade um por muitos séculos; a menos que sejas tão supersticioso, de modo que tenhas o escrúpulo de abusar do negócio de um amigo com algumas pequenas mentiras. Depois, ostenta que ela [a obra São Jerônimo restaurada por Erasmo] não ficará mais pobre em nada, se para ser renovado Jerônimo já deturpado e também a verdadeira teologia, ela ajudar com algum ouro, porque tanto dele perece com obras torpíssimas.<sup>385</sup>

Essa citação evidencia a ironia socrática utilizada às avessas. Em vez de se diminuir e exaltar o outro, Erasmo ironicamente faz seu auto-elogio em detrimento evidente dos outros. Mas, tal ironia invertida não é em vão. Ele quer demonstrar a necessidade de ajuda financeira de Ana de Veere para si, não para seu proveito pessoal, mas, para restaurar a obra de São Jerônimo, que busca realizar a verdadeira teologia. A sátira aos ignorantes, com a roupagem da ironia, quer garantir o futuro das letras, ou seja, ela se apresenta pedagogicamente construtiva.

### 3.2 SÁTIRA E ELOGIO

O elogio e a sátira erasmiana são dois lados de uma mesma moeda, ambos são propostos por Erasmo como construtivos e pedagógicos, mas esta lhe superior, é método privilegiado de educação. Essa é a hipótese desta categoria de análise.

Com respeito à linguagem laudatória, é comum o elogio entre os eruditos na época de Erasmo. Dos inúmeros exemplos, elegemos alguns deles tecidos por James Faber a Alexandre Hegius: máximo amor pelos estudos; candura de espírito; por sua dignidade e autoridade valia mais que os demais; vigilantíssimo, sempre preferiu uma vida de trabalho a uma vida quieta e tranqüila; não era capturado pelo ouro cego do estúpido Midas; muitíssimo preocupado em saber qual método seria o melhor para a juventude estudiosa; toda sua vida demonstrava que se julgava posto no mundo para ensinar a juventude; instruía diligentemente a todos; do melhor modo convidava a todos para a virtude, pregando-a, exaltando-a, para que fossem dissuadidos dos

---

<sup>385</sup> ERASMI, p. 326. Carta 139, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Nam illi vulgaria concionantur; ego scribo quae semper sint victura. Illi indocte nugantes uno aut altero in templo audiuntur; mei libri a Latinis, a Graecis, ab omni gente toto orbo legentur. Eiusmodi indoctorum theologorum permagnam ubique esse copiam, mei similem vix unum ex multis seculis inveniri; nisi forte adeo supersticiosus es, ut religio tibi sit in amici negotio mendatiolis aliquot abuti. Deinde ostendes nihilo illam pauperiorem futuram, si ut Hieronymus iam depravatus, si ut vera Theologia instauretur, aliquot aureis adiuverit, quum tanta ex illius opibus turpissime pereant.” \*Nisi forte (a menos que): Sentido irônico para corrigir o que se disse.

vícios e os detestassem; o que mostrava de nocivo por causa dos vícios, muitos de seus sérios poemas que, como era seu costume, ele dava a cada ano, ostentavam mais claro que a luz.<sup>386</sup> Destacamos tais elogios, tanto para mostrar que o uso da linguagem laudatória é comum à época do Renascimento, quanto porque o que Faber elogia em Hegius, de um lado, é o mesmo recurso que Erasmo utiliza amplamente para com muitos homens de sua época; e, por outro, tudo isso pode ser muito bem aplicado ao próprio Erasmo, o educador por excelência, inclusive pelo fato de colocar em suas obras a sátira aos vícios, as quais ele oferece ao mundo durante praticamente toda a vida.

Quanto a Erasmo, ele é elogiado pelos príncipes, como Henrique Tudor que o enaltece principalmente por suas cartas sinceras, claras, elegantes e perspicazes.<sup>387</sup> Ou, ele é elogiado pelos que servem aos príncipes, ou seja, pelos homens públicos, como James Piso, que, utilizando o recurso do adágio e do trocadilho, o exalta particularmente por considerá-lo doutíssimo, amicíssimo e de uma conversação literatíssima e humaníssima capaz de revocá-lo ao estudo das letras.<sup>388</sup>

Às vezes o elogio a Erasmo aparece sob uma forma aparentemente servil, como pode ter ocorrido com João Babham, quando receia que a insuficiência de seu espírito diminua os louvores que merece o grande patrono das letras.<sup>389</sup> Mas, o elogio é feito sem servilismo por parte dos amigos e eruditos, como no caso de André Ammonio que elogia em Erasmo sua máxima

---

<sup>386</sup> ERASMI, p. 386. Carta 174, de James Faber a Erasmo, de 1503. \*Elogios de Faber a Hegius: Summo studiorum amore; candore animi; qui et dignitate et auctoritate pre ceteris valens; vigilantissimus negociosam vitam et quietae et tranquillae pretulit semper; Non caeco Midiae stolidi captus auro; mirum in modum sollicitus qua ratione iuventuti studiosae consulendum optime; cui bene instituendae ut se natum duxerit vita acta docet; quosques, instituit diligentissime; ad quam colendam invitavit maiorem in modum, hanc predicans, hanc extollens, a viciis dehortatus, vicia detestans; quibus quam infestum se prestiterit, pleraque eius carmina gravíssima, que quotannis ut moris est dedit, luce clarius ostendunt. \*Alexandre Hegius (c. 1433 – 1498): Foi aluno de Rodolfo Agrícola e depois diretor da Escola de São Lebuíno em Deventer. Ele reagiu contra os métodos bárbaros dos manuais então em uso nas escolas. Erasmo ouviu-o lecionar em dias especiais, em Deventer e o considerava uma exceção entre os seus professores, por permitir-lhe certo gosto pela boa literatura. Erasmo dedicou a Agrícola e a Hegius o Adágio 339: Qual a relação entre um cão e um banho? \*Rodolfo Agrícola (1444 - 1485): Formado na atmosfera dos Irmãos da Vida em Comum, ele era conhecedor do latim, do grego e do hebraico. Erasmo, que achava ter sido Agrícola o primeiro a trazer da Itália certo sopro da melhor literatura, encontrou-se com ele, uma única só vez, quando, aos 12 anos de idade, ouviu-o falar em Deventer, e sempre nutriu por ele uma grande consideração.

<sup>387</sup> ERASMI, p. 436. Carta 206, do príncipe Henrique a Erasmo, de 1507.

<sup>388</sup> ERASMI, p. 453. Carta 216, de James Piso a Erasmo, de 1509. \*James Piso ou Pison ou Borsody. Nascido na Transilvânia, ele foi embaixador da Hungria em Roma onde conheceu Erasmo quando de sua primeira estadia aí, em fevereiro de 1509.

<sup>389</sup> ERASMI, p. 509-510. Carta 259, de João Babham a Erasmo, de 1512. \*João Babham: Pouco se sabe sobre ele, exceto que estudou em Oxford de 1509 a 1512 e que residiu aí de novo em 1515. Parece que Babham recebeu de Erasmo uma carta encorajadora, mas que não foi conservada.

erudição, sua fama imortal e sua eloquência latina; bem como o fato de encontrar por toda parte grandes patronos.<sup>390</sup>

O elogio a Erasmo é uma forma de reconhecimento público de sua superioridade teórica, qualidades, sentimentos e intenções, e por suas obras. Roberto Gaguin louva nas cartas de Erasmo a admirável estrutura das palavras, a majestade das sentenças e o gênero de orações dignas de um homem da Igreja, e o admira por ser alguém capaz de unir religião e costumes puros sem adulações, sem mentiras e sem falácias.<sup>391</sup> A admiração de Gaguin pelas obras de Erasmo é tanta que, comparando os escritos de ambos, considera os seus como frutos colhidos antes de estarem maduros.<sup>392</sup> Também William Blount elogia que os escritos de Erasmo a ele dedicados são o presente da imortalidade que o amigo lhe dá.<sup>393</sup>

Além disso, o elogio a Erasmo é o reconhecimento de que ele é um educador. Por exemplo, Henrique Northoff, relatando a seu irmão Christian um sonho acerca das letras, no qual um dos personagens é Erasmo, elogia neste o charme em dizer as coisas da Antigüidade. Elogia, também, o fato dele ser um preceptor erudito e amigo, pois, compartilhar as letras com ele a todo o momento é tão agradável que parece se estar brincando e não estudando e, então, agora sim, se sente estudando. Ao elogio a Erasmo, utilizando inclusive de seus provérbios e seguindo o estilo do mestre, Henrique contrapõe a crítica tanto à alma quanto ao físico do tutor de Thomas Grey, de um modo que se assemelha à sátira de Erasmo.<sup>394</sup> Esse reconhecimento público expresso através da linguagem do elogio pode significar que a intenção pedagógica da sátira de Erasmo seja entendida pelos seus contemporâneos.

Por sua vez, Erasmo elogia por diversos motivos, como para obter ou manter mecenato. Por exemplo, primeiramente, ele compara Ana de Veere com as três Anas reveladas pelas letras antigas, e augura que a posteridade conheça esta quarta Ana de um coração tão piedoso, tão nívoo, tão casto, pois há muita coisa em comum entre ela e as outras Anas. Depois, ele compara Ana aos mecenas da história, porquanto todo aquele que produziu algo de seu coube-lhe por sorte um mecenas, e, por isso, os autores devolvem agradecimentos a eles, e, com seus livros, os consagram à memória da eternidade. Ele louva, ainda, a caridade e a piedade dela que lhe garantem o benefício que o faz viver nas letras, sem o qual não poderia viver e solicita que ela,

---

<sup>390</sup> ERASMI, p. 486-487. Carta 243, de André Ammonio a Erasmo, de 1511.

<sup>391</sup> ERASMI, p. 148. Carta 044, de Roberto Gaguin a Erasmo, de 1495.

<sup>392</sup> ERASMI, p. 146. Carta 043, de Roberto Gaguin a Erasmo, de 1495.

<sup>393</sup> ERASMI, p. 450-451. Carta 215, de Erasmo a William Blount, de 1509.

<sup>394</sup> ERASMI, p. 181-188. Carta 061, de Henrique Northoff a Christian Northoff, de 1497

como sua Cinosura que preluza, o ajude. Por último, ele pede que Ana o patrocine pelo amor que ela tem pela rainha por excelência, sem dúvida a antiga Teologia. Isso, para que esta não seja tornada sórdida, não esfarrapada, tal como ela é vista nas escolas dos teólogos sofistas, mas vestida de ouro, com um manto de várias cores ao redor, a qual deve ser retomada desse sítio, para cujo objetivo todas as suas vigílias se esforçam.<sup>395</sup> Tal analogia, tal crítica, tal linguagem laudatória tem para Erasmo um objetivo prático, convencer Ana de Vere a continuar sendo seu mecenas. Poderia parecer que ele realiza para si aquilo que nos outros critica, qual seja, que ele não é sincero ou pratica a bajulação. Contudo, tal recurso ao louvor tem como alvo mantê-lo no estudo das letras para o bem não dele, mas delas. Portanto, não só lhe interessa que Ana seja seu mecenas, mas que ela seja mecenas das letras. E, mais, principalmente para a glória das letras divinas, pois, quer na sátira aos teólogos sofistas que deturpam a verdadeira teologia, quer no elogio a Ana estão postos o projeto de Erasmo de reconstituição da teologia.

Para incentivar a todos ao mecenato das letras, como uma forma muito especial de elogio, Erasmo oferta suas obras. Por exemplo, ele dedica ao bispo Thomas Wolsey a sua tradução *Como tirar proveito dos inimigos*.

Certamente o opúsculo é pequeno, mas ele, para um louvor proveitoso, é de Plutarco, que a fecunda mãe Grécia dos maiores engenhos algum dia jamais produziu um homem de outro modo, nem mais douto e nem mais venusto. E eu não sei se por acaso aconteceu a algum outro unir uma exímia eloquência com um exatíssimo conhecimento das coisas. Ele nada disse aqui exceto genuínas gemas. Se alguma coisa ofende, deve ser imputado a nós. Passe bem, e inscreva Erasmo mesmo que entre teus últimos clientezinhos.<sup>396</sup>

A preferência de Erasmo por Plutarco é por sua excelência em doutrina e em graça, o qual conjuga eloquência e conhecimento exato da realidade. Por isso ele só diz coisas semelhantes a pedras preciosas. Se algo de diferente é entendido em Plutarco que se atribua isso somente a

---

<sup>395</sup> ERASMI, p.342. Carta 145, de Erasmo a Ana de Borsselen, de 1501. \*As três Anas são: 1) Irmã de Dido, que, expulsa de sua pátria após o assassinato de sua irmã, acaba chegando ao Lácio, onde Enéias a acolhe em sua casa. Mas, Lavínia, a esposa de Enéias, por ciúme tenciona matá-la. Então Ana foge e transforma-se num rio. Alguns autores, como Erasmo, confundiram-na com Ana Perena (deusa romana que presidia aos anos, cuja festa celebrava-se em Roma no mês de março). 2) Bíblica esposa de Elcana, que mesmo estéril, por graça divina, deu à luz o profeta Samuel (cf. I, Samuel, 1, 1-28). 3) Mãe de Nossa Senhora e avó de Jesus. \*Cinosura (*Cynosura*): Nome da constelação de Ursa Menor. \*Mecenas (60 a.C. – 8 d.C.): Estadista romano, poderoso ministro e confidente do imperador Otávio Augusto, que protegeu, entre outros, os poetas Horácio e Virgílio. Por alusão a Mecenas passou a ser chamado de mecenas todo protetor de artistas e homens de letras.

<sup>396</sup> ERASMI, p. 548-549. Carta 284, de Erasmo a Thomas Wolsey, de 1514. “Est libellus perpusillus quidem ille sed, ut eum compendio laudem, Plutarchi, quo viro nihil unquam produxit foecunda alioqui magnorum ingeniorum parens Graecia neque doctius neque venustius. Et haut scio an cuiquam alii contigerit eximiam eloquentiam cum exactissima rerum cognitione copulasse. Nihil hic nisi meras gemmas loquitur. Si quid offendet, nobis imputato. Bene vale, et Erasmus vel inter extremos clientulos tuos ascribito.” \* Thomas Wolsey (1471 - 1530). Ele foi nomeado bispo de Lincoln e depois cardeal de York e chanceler da Inglaterra. Erasmo, que o considerava destinado às mais altas coisas, dedicou-lhe a sua tradução do *De utilitate capienda ex inimicis*, de Plutarco.

Erasmus, que assume as conseqüências de sua interpretação. A Wolsey, portanto, ele oferta o que existe de melhor, pois deseja que o amigo continue sendo mecenas das letras.

Por conseqüência, Erasmo não se acha mercenário. Criticado por buscar glória e dinheiro ao dedicar suas obras aos grandes, ele responde que sobre a glória já explicou o suficiente e sobre o dinheiro, sua ambição é pelos estudos e não para consigo. Também, o sucesso de suas obras comprova seu propósito de buscar o favor dos grandes exatamente para promover esses mesmos estudos. Ainda, louvar as pessoas de fortuna mediana, dedicando-lhes suas obras, é garantir o nome de ambos para a posteridade, mas louvar os príncipes é, além disso, mostrar-se agradecido pelos favores recebidos. Além disso, ele considera que mais ajuda os outros do que recebe recompensas e que ao louvar uma pessoa leva conta mais a afeição que a generosidade, como nos casos do barão Guilherme Mountjoy, ao lhe oferecer os *Provérbios* e de Guilherme, arcebispo de Cantuária, ao lhe dedicar *Hécuba*, de Eurípides.<sup>397</sup> O objetivo primeiro do louvor de Erasmo aos homens consiste, sem esperar nada em troca, em captar a afeição e a generosidade dos elogiados, a fim de que estes continuem incentivando os estudos e, assim, se tornem virtuosos e piedosos.

É bom lembrar que quem renuncia a generosidade dos grandes e amigos não é um homem abastado, mas alguém, como afirma Erasmo, cujo rendimento anual, à época desta carta, não passa de quatrocentos florins de ouro, quantia insuficiente para cobrir as despesas que a idade, a saúde, o necessário trabalho de ajudantes e de escribas, a manutenção dos cavalos e suas freqüentes viagens exigem. Isto sem contar, continua ele, seu caráter que aborrece toda sordidez, que não suporta a cobrança de credores, um serviço não recompensado ou negligenciar a penúria de um amigo. Para essas necessidades práticas ele aceita suplementação de seu orçamento pela generosidade dos amigos, mas somente o que eles oferecem e isto “Porque eles dão liberalmente, e negam impender a Erasmo, mas aos estudos públicos.”<sup>398</sup> Temos aqui pelo menos duas coisas. A primeira reforça o que Erasmo diz amiúde também em suas outras cartas, que ele é um instrumento para a instituição dos estudos de todos e que, portanto, ajudá-lo significa incentivar esses estudos. A segunda é que aquilo que busca para si, ele encontra também nos amigos, ou seja, muitos querem a promoção dos estudos, motivo pelo qual dão liberalmente. Quem não

---

<sup>397</sup> ERASMI, p. 42. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. \*A quantas pessoas Erasmo elogiou dedicando suas obras, sem pensar, sem receber ou sem aceitar uma recompensa sequer, ele dá exemplos disso começando em cascata pelas autoridades máximas da Igreja. Depois ele enumera alguns dignitários do poder civil.

<sup>398</sup> Id., Ibid. p. 45. “Quod largiuntur, negant se dare Erasmo, sed publicis studiis impendere.” \*Escriba (*scriba*): Pode significar tanto copista, quanto secretário. \*Impender (*impendere*): Quer dizer tanto consagrar, dedicar, quanto, desembolsar, dispendar, gastar.

entende o objetivo de serviço às letras de Erasmo distorce suas intenções. É por isso que, a seguir, ele satiriza que tem mostrado as razões de sua boa fé, e que, assim, é justo que deixem de murmurar contra ele.

Com vista ao mecenato, ou não, Erasmo elogia principalmente os príncipes. Por exemplo, comentando que publicou um poema em hexâmetro heróico, misturado com trímetro jâmbico, em elogio a Henrique VII, aos seus filhos e a Inglaterra, ele apresenta, na figura do ainda pequeno futuro Henrique VIII, o ideal de um príncipe que sua educação busca formar: “Estava no meio Henrique, com nove anos de idade, já trazendo então certa índole régia, isto é, celsitude de alma unida a certa singular humanidade.”<sup>399</sup> Desse elogio depreendemos que o homem a ser educado é prioritariamente o rei, ou melhor, o filho do rei. Desse rei são exigidas as qualidades naturais, ou seja, espírito cristão e humanidade. A humanidade do rei é reforçada pela educação liberal, o espírito cristão pela educação cristã. Reafirmamos isso para que não esqueçamos de referir o elogio - e a sátira - de Erasmo a esse seu ideal educacional. Prova disso, encontramos no fato dele dirigir aos príncipes um tipo específico de elogio, qual seja, o elogio na sua forma de discurso, o panegírico.

Quanto ao panegírico, Erasmo ensina o porquê dos antigos o terem inventado para enaltecer os príncipes. Nessa demarcação, ele mostra a Adolfo de Veere que, num exame mais atento, se na Antigüidade foi permitido louvar solenemente os reis e imperadores com panegíricos na presença deles, isso nunca foi para ser servil ou para consentir com o vício.

Assim, eu até julgo que, homens cordatos e muito prudentes quanto à natureza das coisas e do engenho humano, como não tivessem esperanças que a generosidade leonina de um coração régio e as delícias de seus ouvidos suportassem algum dia a autoridade dos admoestadores ou a severidade dos increpantes, por respeito à utilidade pública verteram as velas e, afinal, contenderam para aí mesmo, porém por um caminho mais oculto.<sup>400</sup>

O panegírico é um caminho mais oculto, mais disfarçado e, assim, por vezes, mais eficaz que o conselho, moral ou não, ou que a repreensão e a crítica. Entretanto, a arte de Erasmo consiste em conseguir a mesma coisa também com sua sátira.

---

<sup>399</sup> Id., *Ibid.*, p. 06. “Stabat in medio Henricus annos natus novem, iam tum indolem quandam regiam prae se ferens, hoc est animi celsitudinem cum singulari quadam humanitate coniunctam.” \*Hexâmetro: Verso grego ou latino de seis pés. \*Heróico: Verso decassílabo com pausas na sexta e décimas sílaba; variação do verso heróico quebrado, de seis sílabas. \*Trímetro: Na métrica greco-romana, verso de três pés; na métrica silábica, verso composto de três seções iguais.

<sup>400</sup> ERASMI, p. 229. Carta 093, de Erasmo a Adolfo de Veere, de 1499. “Quin potius sic existimo, viros cordatos rerumque naturae atque humani ingenii egregie prudentes, quum spes non esset leoninam illam regii pectoris generositatem et aurium delicias vel monentis auctoritatem vel increpantis severitatem aliquando passuras, publicae utilitatis respectu vela vertisse ac via quidem occultiore eodem tamen contendisse.”

Erasmus, que para alguns não passa por fazer mera justificativa de sua dependência dos grandes e que para nós explica exatamente o discurso figurado, descreve o funcionamento e os efeitos pedagógicos do método metafórico do panegírico, tal como o conceberam os antigos:

Assim, sob os elogios, eles representaram, como uma pintura num quadro, uma espécie de simulacro de um príncipe verdadeiramente perfeito, a fim de que, a propósito do exemplar, exigentes e tácitos, eles próprios admitissem para si mesmos quanto eles, por aquelas coisas, apartaram-se da imagem do príncipe a ser louvado, e aprendessem, aquém quer do pudor quer da ofensa, que vícios deveriam mudar, que virtudes era oportuno prestar, e, que, ao mesmo tempo, esse título não conduzisse além disto: que naturalmente os bons príncipes reconhecessem aquilo que fazem e os maus o que deveriam fazer [...]<sup>401</sup>

Por conseguinte, o elogio - como a sátira -, é uma representação, é uma linguagem figurada, como uma pintura, que critica o que deve ser mudado e apresenta o modelo a ser seguido, para que simultânea e naturalmente os culpados tomem consciência do que deve ser mudado e os corretos percebam a justeza de suas posturas. No primeiro caso, o elogio e a sátira, corrigem, no segundo confirmam, em ambos, constroem.

Com base nos exemplos dos Antigos, Erasmo faz uma série de interrogações e apresenta um conjunto de respostas para mostrar a força educativa do panegírico: Por acaso pode-se verdadeiramente crer que Calístenes, tão grande filósofo, quando dedicou louvores a Alexandre, e inúmeros outros que versaram sobre o gênero panegírico, sob o pretexto de louvar, não visaram à outra coisa senão que os príncipes fossem exortados para o que é honesto? Porventura Paludanus avalia que aos reis assim nascidos e assim educados podem ser propostos os tetricos dogmas dos estóicos e o latido dos cínicos? Certamente que isto os moverá a rir com escárnio ou mais acremente os irritará! Um ânimo generoso, quanto mais vantajoso é que seja guiado e arrastado, e quanto melhor é sanado com carícias do que com injúrias! Mas, o que há de mais eficaz naquele gênero de exortar que foi usado pelos mais prudentes do que se prestar tributo já e em toda parte aos grandes decoros que eles provocam? Porventura a virtude louvada não cresce e a glória não tem um imenso aguilhão? Quão não raro o próprio apóstolo Paulo utilizou este artifício como uma espécie de piedosa adulação, louvando para corrigir? O que se pode, quer mais impunemente, quer mais duramente repreender na crueldade de um celerado príncipe que pregar a sua clemência? Que se pode censurar de avidez, de violência, e de libido do que divulgar a

---

<sup>401</sup> Id., Ibid., p. 230. “Itaque sub laudationis specie simulachrum quoddam absoluti principis eis velut in tabula depictum repraesentasse, ut ipsis sese ad propositum exemplar exigentes taciti secum agnoscerent quantum ab illa laudatati principis imagine abessent, ac citra tum pudorem tum offensam discerent, quid vicii mutandum, quas virtutes praestare oporteret; eodemque titulo non idem ageretur, videlicet ut boni principes quae facerent recognoscerent, mali quae facere deberent [...]”

benignidade, a moderação e a continência, para que a virtude seja vista e definhado o restante?<sup>402</sup> Portanto, a linguagem erasmiana do louvor não provoca o riso nem irrita, já que ela não arrasta, como fazem os cínicos e os estóicos, mas, porque mira ao que é honesto, guia os príncipes no caminho da virtude e da piedade. Por isso tal linguagem, em última instância, não louva os príncipes, não louva os homens, mas sim a virtude e a piedade, síntese das qualidades morais indispensáveis ao cristão educado nas letras humanas e divinas. O elogio é, então, para Erasmo, a linguagem figurada da carícia, é a pedagogia do incentivo. Por isso ele procura destacar as qualidades que fazem parte da virtude e da piedade (bondade, moderação e continência), para, com esse destaque, valorizar os protótipos (a virtude e a piedade ideais) e para criticar os erros dos príncipes. Em outras palavras, o elogio é também uma sátira, que não pretende ser injúria, mas apenas um outro modo de carinhosamente chamar os homens à correção.

Aliás, o elogio ao príncipe é uma espécie de mentira pedagógica. Nessa acepção, Erasmo argumenta que dizem que Santo Agostinho, um homem muito obstinado e hostil ao que é falso, confessou que muito mentiu ao fazer louvores ao imperador. Mas, responde ele, certamente Platão, certamente os estóicos permitem a mentira oficiosa aos sábios. E, pergunta se porventura muitas vezes não se inflama retamente com falsos louvores a índole pueril para o estudo da virtude? Ou, se por acaso todo ótimo médico não afirma agradar-lhe a cor e a aparência do rosto dos doentes não porque sejam tais, mas para que sejam feitas tais?<sup>403</sup> Essa é a justificativa de Erasmo para os limites últimos da linguagem laudatória, pois até a mentira é admitida, desde que seja oficiosa, isto é, pedagógica, proferida por sábios, seja justa e mire a virtude, como na educação das crianças, ou um bem, como no restabelecimento da saúde. Ora, ao erudito moralmente comprometido com a virtude e a piedade, não existem limites para sua linguagem, nem laudatória, nem satírica, pois ele trilha unicamente no correto caminho.

A importância pedagógica que Erasmo atribui ao panegírico se concretiza em suas obras, como o *Panegírico a Filipe, o Belo*: “[...] a quem assim louvamos de modo que na mesma obra

---

<sup>402</sup> ERASMI, p. 399-400. Carta 180, de Erasmo a João Paludanus de 1504. \*Calístenes de Olinto (. 370 – 327 a.C.): Provavelmente foi sobrinho-neto de Aristóteles. Ele celebrou em tom panegírico os feitos de Alexandre Magno, que ele acompanhou em suas expedições. Mas, como se pôs na oposição, foi executado. \*A máxima *An non laudata virtus / Crescit, et immensum gloria calcar habet?* (que o louvor à virtude faz crescer e que a glória é um grande aguilhão), encontra-se em Ovídio (*Pônticos*. IV, 2, 36). \*A máxima *Virtutem ut videat, intabescatque relictæ?* (Que a virtude seja vista e se define o restante) encontra-se em Pérsio, 3, 38.

<sup>403</sup> Id., Ibid., p. 400. \*A afirmação de Santo Agostinho encontra-se em *Confissões*, VI, 6, e refere-se à época em que ele ainda aspirava às vaidades e ele não dá o nome de imperador.

advertíssemos aquilo que é esperado de um bom príncipe [...]”<sup>404</sup> Logo em seu *Panegírico*, Erasmo louva o príncipe com o escopo de lembrar aquilo que é necessário em sua conduta para que seja um bom príncipe. É esse o sentido de “advertíssemos”, qual seja, sob a aparência do louvor põem-se ocultamente tanto a admoestação quanto o apelo à mudança e o ideal a ser alcançado. Assim, para ele, as linguagens do elogio e da sátira são irmãs, ambas são exortadoras e pedagógicas. Em outras palavras, a sátira tem o mesmo papel que o elogio: de forma sub-reptícia, modificar metodológica e pedagogicamente comportamentos e criar novas posturas.

Decididamente, o panegírico é um método pedagógico. Acerca de seu *Panegírico* Erasmo pondera quanto esforço deve ser observado para sustentar pela palavra a majestade dos príncipes máximos e quanta vergonha é diminuí-la por culpa do talento, como disse Horácio. Pondera, também, que conhece do assunto somente aquilo que a opinião pública pode sugerir, porque é um homem pouco curioso dessas coisas e vive sempre murmurante entre os livros, Pondera, ainda, que sua simplicidade aborrece um pouco todo esse gênero de escrito, o qual parece aderir ao que disse Platão, isto é, à quarta parte da lisonja. E, lembrando que o que escreveu é menos elogio e mais advertência, ele explica:

Em suma, nenhum outro método é mais igualmente eficaz para corrigir os príncipes que, se a eles, sob a espécie de louvá-lo, tu ofereces um exemplar do bom príncipe, de modo que assim tributes as virtudes, assim detraias os vícios, para que ao exortar aquelas, pareças aterrorizar a estes. Com efeito, os médicos não curam à vontade, mas, a cada um pela aptíssima via. Eu naturalmente poderia observar essa fórmula, exceto se para com esse príncipe eu incidisse, para louvá-lo, em alguma coisa que na verdade fosse necessário acrescentar imaginando; eu sou afortunado por esse único fato; porém mais afortunados serão aqueles que no futuro o descreverão já velho. Eu suplico para que a benignidade divina prospere mais e mais os conselhos para nós.<sup>405</sup>

A arma de Erasmo, que vive murmurante entre os livros, é a palavra. Palavra que se reveste da linguagem do elogio. Elogio que não é bajulação, pois nada fala além daquilo que é de fato real, e que na verdade não é nem elogio, mas advertência. Advertência que é feita, sob a aparência do louvor, pela apresentação do príncipe exemplar. Vemos, assim, que se trata de um método

---

<sup>404</sup> ERASMI, p. 19. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] quem sic laudavimus ut eadem opera submoneremus, quid esset bono principi spectandum [...]” \*Sobre a intenção pedagógica de Erasmo com o *Panegírico*, quando ele faz chegar a obra às mãos de Filipe através de seu preceptor Nicolas Ruistre, cf. também ERASMI, p. 396; Carta 179, de Erasmo a Nicolas Ruistre, de 1504. \*Nicolas Ruistre (1441 - 1509): Ele serviu quatro duques de Borgonha, dentre os quais Filipe, e foi chanceler da Universidade de Lovaina, onde fundou o Colégio d’Artois. Em 1501 ele foi nomeado bispo de Arras.

<sup>405</sup> Id., Ibid., p. 397. “Nec alia prorsus aeque efficax emendandi principes ratio quam si eis sub landandi specie boni principis exemplar offeras, modo sic virtutes tribuas, sic vicia detrahas, ut ada illas adhortari, aba hiis detertere videare. Neque enim medici quemlibet eadem, sed quenque aptissima curant via. Hac videlicet formula tueri me poteram, nisi in eum Principem incidissem in qual laudando ne necesse quidem fuit quicquam affingere, has una ina se ortunatus; fortunatiores, tamen futuri qui hunc ipsum iam senem describent; cuius consilia ut nobis divina benignitas mais maisque prosperet precor.” \* Horácio, *Odes*, I, 6,12.

pedagógico de Erasmo que, pelo uso da linguagem figurada, neste caso do elogio ao príncipe histórico e da apologia do príncipe ideal, como um médico que amantemente persegue a cura de seu paciente conforme as características de cada um, visa a combater os vícios pela exortação da virtude. Ele confia tanto nesse seu projeto a ponto de considerar que aqueles que pintarão o príncipe em sua velhice serão mais felizes que ele, isto é, depois que o príncipe foi influenciado pelos seus conselhos acerca do verdadeiro príncipe. Ele aguarda apenas que a bondade divina faça prosperar isso que semeia e faça com que a semente da sua palavra provoque as mudanças necessárias à realização da virtude. Do mesmo modo deve ser entendida sua linguagem satírica que é apenas o outro lado da moeda.

Por isso, Erasmo satiriza os que não entendem o *Panegírico*. Ele pergunta o que se pode dizer da sua obra? E, responde, que tudo o que ele pode afirmar, tão correto quanto não arrogantemente algo possa ser dito, é que não de existir muito mais aqueles que a percorram que aqueles que a entendam. Em seguida ele satiriza três gêneros de repreensores: aqueles que se julgam preclaramente literatos, quando nada menos o são; os imperitos e não bastante prudentes que chamam adulação a todo seu esforço de ornar o príncipe; e os homens de literatura mediana, que numa obra ainda não devidamente polida, parecem se ofender com mais de uma coisa, ou antes, desejar alguma outra. Por conseguinte, segundo as suas forças ele acha que deve dar satisfação a estes e refutar mais acicamente àqueles.<sup>406</sup>

Além disso, Erasmo escreve o *Panegírico* para o mundo todo e para a posteridade. É isso que ele, lembrando que não importa observar para que nome o exemplar do bom príncipe fora proposto ao público, contanto que se saiba fazê-lo, a fim de parecer, não iludir os cordatos, mas adverti-los, apresenta o horizonte da linguagem panegírica: “Enfim, isso também foi escrito para os pósteros, foi escrito para o mundo!”<sup>407</sup> A linguagem panegírica, uma linguagem que faz de conta, como a satírica, não se limita ao espaço e nem ao tempo, pois tem alcance universal, vai além do espaço, pois se dirige ao mundo todo, e vai além do próprio tempo, já que se dirige inclusive à posteridade. Tudo faz parte da proposta pedagógica de Erasmo comprometida com o mundo e a história.

Igualmente, o panegírico é quase teatral. Após satirizar os que clamam que é totalmente tolo louvar alguém, rebatendo que assim lhes parece porque eles deixaram de fazer o que é

---

<sup>406</sup> ERASMI, p. 399. Carta 180, de Erasmo a João Paludanus, de 1504.

<sup>407</sup> Id., Ibid., p. 400. “Denique, posteris quoque scribuntur ista, scribuntur orbi!”

louvável; que estes sejam severos o quanto lhes apraz; e que lhe seja permitido ser tolo com Ambrósio e com Jerônimo, que em seus escritos ornaram a muitos com seus louvores; Erasmo pergunta: “O que foi permitido a homens tão divinos em suas cartas particulares, a mim, em um gênero de escrito tão popular e de tal modo quase teatral, não será permitido?”<sup>408</sup> Logo, o panegírico é para Erasmo também um gênero popular e se caracteriza por ser quase teatral, o que o aproxima tanto da tragédia - os dramas humanos -, quanto da comédia - a sátira do drama humano -, tudo devidamente representado no palco da vida.

Acima de tudo, panegírico para Erasmo é elogio, mas não adulação. Depois de assegurar que aqueles que lhe impingem o crime de adulação parecem tanto ter ódio de si mesmos e não dele quanto injuriar ao próprio príncipe; não entendem que o ultraje recai sobre eles mesmos, visto que são os aduladores máximos; e, como diz Hesíodo, o oleiro inveja o oleiro, o pedreiro inveja o pedreiro; Erasmo mostra que há uma grande diferença entre o funesto gênero de lisonja do vulgo e a sua linguagem laudatória, a qual, aliás, não é exclusividade sua, mas é própria de eruditos:

Aqueles louvam de forma mais torpe, e para seu próprio compêndio servilmente fazem carícias aos ouvidos dos estultos; nós propomos em comum aquela como amável face da virtude, e isso com o nome que lhe convém ao máximo, e com um título que possa facilmente ser recomendado à multidão.<sup>409</sup>

Erasmo não se considera adulator. Aqueles que o acusam do crime de adulação é que são realmente aduladores. Sua linguagem laudatória é muito diferente da adulação torpe deles que mira ao interesse pessoal e é uma atitude servil. Contrariamente, seu panegírico não é torpe, mas tem a fisionomia da virtude, não visa ao interesse pessoal, mas propende ao bem comum, não é servil, mas é uma atitude deliberada de quem escolhe as melhores palavras para tanto advertir os príncipes e os súditos. Essa é a mesma lógica de sua sátira.

Por isso Erasmo sente aversão pela bajulação. Nessa direção, argumentando com João Paludanus, entre outras coisas, que ninguém suspeite lhe postular a calúnia de ter patrocinado a adulação por aquilo que ele disse do príncipe; nenhum louvor lhe parece demasiado ao príncipe,

---

<sup>408</sup> Id., Ibid., p. 401. “Quod viris tam divinis in privatis licuit epistolis, mihi in tam populari tamque poene theatro scripti genere non licebit?” \*Santo Ambrósio: (c. 340 – 397): Bispo de Milão.

<sup>409</sup> Id., Ibid., p. 400-401. “Illi laudant turpia, et sui compendii causa serviliter blandiuntur auribus stultorum; nos amabilem illam virtutis quasi faciem in commune proponimus, idque eius nomine quem ea maxime deceat, cuiusque titulo facillime commendari queat multitudine.” \*Hesíodo (Séc. VIII a.C.): Em *Os trabalhos e dos dias*, 25-26 ele diz: O oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro / o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo (cf. Hesíodo, 1991, p. 25). A citação (25) é feita por Erasmo em grego \*Compêndio (*compendium*): Mesmo significando proveito, pode também se referir aos compêndios (obras), uma vez que são através deles que os estultos manifestam suas bajulações, visando com isso a benefícios e ganhos inúmeros.

desde que ele não se dirija a ele, pois é dirigido ao príncipe exemplar; ele se esforçou aplicadamente para conduzir e temperar todo o plano do discurso, para que os doutos e os atentos acreditem que ele nada menos quer que a lisonja; Erasmo resume seu sentimento com relação ao lisonjear: “[...] cujo vício certamente (tu és bem testemunha) eu sempre detestei de tal maneira que eu não posso adular alguém mesmo que eu quisesse, e nem querer mesmo que pudesse”<sup>410</sup> Erasmo se põe como um homem não feito para lisonjear, tal é sua aversão à adulação. Acreditando que ele não esteja mentindo, e mesmo que possa estar sendo satírico, cremos que ele esteja dizendo a verdade sobre seus sentimentos, e vemos nisso uma posição eminentemente pedagógica. Se ele elogia, mas sem intenção de adular, é porque a linguagem panegírica é para ele basicamente um método pedagógico para educar os homens para a verdadeira arte política. Tal qual a sua sátira!

Apesar disso, a linguagem panegírica tem suas limitações. Nessa direção, Erasmo comenta sobre os limites e os acertos do panegírico:

Eu me aborrecia de tal maneira com o panegírico que eu não me lembrava de nada que me fizesse mais relutante de ânimo. Com efeito, eu percebia que este gênero não pode ser tratado sem adulação. Porém, eu usei o novo artifício a fim de que, adulando fosse libérrimo e fosse adulantíssimo na liberdade.<sup>411</sup>

Por conseguinte, o gênero panegírico não consegue escapar de todo à adulação, e neste sentido ele é inferior ao método satírico. Por outro lado, Erasmo é tão satírico que consegue com um método laudatório cumprir os mesmos destinos da sátira, pois adula, mas dizendo a verdade, e por ser livre é que ele pode adular. Aliás, ele não adula, mas elogia. É o objetivo pedagógico que ilumina a correta utilização do método, e por isso ele se serve sabiamente do gênero laudatório. Mas um método mais apropriado, como a sátira, ilumina por sua vez, em retorno, o próprio objetivo. E é por isto que o método da sátira lhe é mais ajustado para educar, pois método e pedagogia se imbricam construtivamente.

Por esse motivo, Erasmo é crítico com o seu *Panegírico*, comentando, entre outras coisas, que foi necessário algumas vezes fazer uso de digressões mais duras nesse escrito; Plínio Cecílio foi mais feliz que ele porque viu a maior parte daquilo que louvava; o que ele mais roga àqueles que têm olhos de lince é que sejam coniventes com muitas coisas em sua obra; ele mesmo vê nela

---

<sup>410</sup> Id., Ibid., p. 401. “[...] a quo profecto vicio (te in primis teste) sic abhorruí semper, ut ne possim quidem adulari cuiquam si velim, neque velim si possim.”

<sup>411</sup> ERASMI, p. 405. Carta 181, de Erasmo a João Colet, de 1504. “A Panegyrico sic abhorrebam ut non meminerm quicquam fecisse me magis reluctantante animo. Videbam enim genus hoc citra adulationem tractari non posse. Ego tamen novo sum usus artifício, ut et in adulando sim liberrimus et in libertate adulantissimus.”

ainda certas coisas falhas, certas coisas ajuntadas, certas coisas mais desordenadas, com algumas palavras mais luxuriantes, e, além disso, não suficientemente composto e corrigido<sup>412</sup> Mesmo no elogio há lugar para digressões mais fortes, para assuntos não tão elogiáveis. Erasmo está ciente dos limites de sua obra e por isso ele pede a benevolência dos leitores atentos. Tudo é um misto de sinceridade e ironia, ambas de tal maneira interligadas que se torna muito complicado distinguir até onde vai uma e onde começa a outra. Tais são, analogamente, os meandros da sátira erasmiana.

Outro aspecto da linguagem panegírica é que ela tem similitudes com a linguagem concional. Depois de justificar, ainda, sua obra do *Panegírico*, dizendo que os de coração puro, em sua admiração pelo príncipe, costumam alucinar e, louvando, esquecer o modo correto de amar; a obra foi escrita para aqueles sobre os quais o príncipe impera e não ao príncipe, se ele for indigno de louvor; o panegírico não se presta ao único príncipe do qual fala, mas a muitos junto aos quais ele é dito; nesse contexto, Erasmo compara o gênero panegírico ao gênero concional: “[...] Do mesmo modo é feito no que é concional, cujo gênero é simílimo ao dos panegíricos, ou melhor, a própria palavra lembra o que é dito pelos gregos da assembléia da multidão promíscua.”<sup>413</sup> Para Erasmo, o gênero panegírico é similar ao gênero concional, ou seja, dos discursos públicos ou dos sermões, principalmente religiosos. É a união entre o gênero clássico do panegírico e o também gênero clássico, já que ambos vêm da cultura grega, mas agora cristianizado, do sermão. Similares que são, a linguagem panegírica e a linguagem concional tornam-se também análogas da linguagem satírica erasmiana.

Erasmo continua a comparação entre as linguagens panegírica e concional: “E donde Fábio acredita que nenhum gênero tem tanto de liberdade quanto aquele nos quais, para se tornar demulcentes os ouvidos dos ouvintes, é lícito ostentar em público todos os artifícios retóricos e todas as delícias.”<sup>414</sup> A linguagem panegírica laica, dirigida, sobretudo, aos grandes, e a linguagem panegírica laico-religiosa - isto é, o gênero concional laico, quando dirigido a assembléias públicas seculares, e concional religioso, quando na forma de sermões -, ambas são,

---

<sup>412</sup> ERASMI, p. 402. Carta 180, de Erasmo a João Paludanus, de 1504. \*Plínio o Jovem: Cecílio Plínio era sobrinho de Cecílio Plínio o Velho. Ele nasceu em Como, em 61 ou 62 d.C. e escreveu o *Panegírico a Trajano*, único documento de oratória romana na primeira época imperial. Ele escreveu também 10 livros das Cartas.

<sup>413</sup> Id., Ibid., p. 400. “[...] quemadmodum fit in concionibus, cui panegyricorum genus esse similimum vel ipsa vox admonet, quae Graecis a conventu promiscuae multitudinis dicitur.”

<sup>414</sup> Id., Ibid., p.400. “Unde et Fabius nullo in genere tantum esse licentiae credit, quantum in iis in quibus fas est ad demulcendas auditorum aures omnes rhetorices fucus, omnes delicias palam ostentare.” \*O texto encontra-se em Fábio Quintiliano, Inst. Orat., VI, 2, 5-7.

em primeiro lugar, não particulares, mas públicas; em segundo lugar, têm grande liberdade de expressão; em terceiro, tem por fim amolecer, como um medicamento, os ouvidos moucos dos ouvintes; em quarto, ostentam toda a riqueza da retórica; e por último, mostram e provocam as maiores satisfações. É como se Erasmo estivesse falando da sátira.

Todavia, Erasmo não elogia apenas visando ao mecenato ou na forma de panegírico, e nem mesmo somente os príncipes, mas todos aqueles que cultivam as letras, e pelos mais diversos motivos. Por exemplo, ele parabeniza Roberto Gaguin por sua obra sobre a história da França, que é a alegria dos estudiosos das letras latinas e é a mais bela tarefa de um Cipião, capaz de dar à França um esplendor magnífico e triunfal, um feito digno de sua doutrina, eloquência e piedade.<sup>415</sup> Ou, ele louva Antônio de Luxemburgo por ser um literato e se deleita com a sua correta linguagem, que nada tem de monstruosa, distorcida, forçada, diminuída ou redundante.<sup>416</sup>

Aos cultivadores das letras, de modo especial aos amigos, Erasmo elogia inúmeros outros atributos. Nesse aspecto, contando a Ricardo Whitford a respeito do trabalho que ele e More tinham realizado acerca da obra *Tiranicida*, de Luciano, ele faz um elogio ímpar a More, que reproduzimos porque nele estão contidos os principais valores que aprecia e porque contribui para explicar o significado de sua sátira.

Com efeito, eu não acho (exceto se o intenso amor por ele me engana) que algum dia a natureza formou um único engenho como esse, mais iminente, mais pronto, mais penetrante, mais arguto, e brevemente, com os mais absolutos dotes de todos os gêneros. Acresce ao engenho igual linguagem, além disso, uma admirável festividade de costumes, numerosíssimos saís, mas de tal modo puro que nada desejas nele que não pertença a um patrono absoluto.<sup>417</sup>

No uso da linguagem laudatória, temos a presença da afeição; o autocontrole para que a afeição não mascare a realidade; o valor do bom caráter; a valorização da sabedoria, da palavra, da erudição e da eloquência; a importância da alegria, do divertimento; o reconhecimento da argúcia, da sátira; e a necessidade de moderação. Portanto, os saís devem ser dosados, o que significa que a sátira erasmiana se propõe pedagógica.

Contudo, é preciso ser judicioso com o elogio. Assim sendo, desejando que o quanto eruditamente e o quanto engenhosamente Ammonio lisonjeia, no seu *Panegírico a Henrique VIII*,

---

<sup>415</sup> ERASMI, p. 148-152. Carta 045, de Erasmo a Roberto Gaguin, de 1495. \*Públio Cornélio Cipião, o Africano (237 - 188 a.C.): Considerado o maior general romano depois de César.

<sup>416</sup> ERASMI, p. 354. Carta 150, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1501.

<sup>417</sup> ERASMI, p. 422. Carta 191, de Erasmo a Ricardo Whitford, de 1506. “Neque enim arbitrator (nisi me vehemens in illum fallit amor) unquam naturam finxisse ingenium hoc uno praesentius, promptius, oculatius, argutius, breviterque dotibus omnigenis absolutius. Accedit lingua ingenio par, tum morum mira festivitas, salis plurimum, sed candidi duntaxat, ut nihil in eo desyderes ad absolutum pertineat patronum.”

ele o faça também com felicidade, Erasmo apresenta seu julgamento de Aristarco sobre o poema do amigo, mas por sua vez ele também o faz juiz desse seu julgamento.<sup>418</sup> Conseqüentemente, a linguagem laudatória não tem fim em si mesma, pois neste caso se tornaria apenas mera bajulação; ela deve corresponder à realidade ou levar à realidade a ser mudada de acordo com ideais desejáveis. Esse é o julgamento de Erasmo e que Ammonio julgue o seu julgamento de Aristarco, severo, mas judicioso.

O que foi dito acerca do panegírico, vale também para o elogio de Erasmo aos eruditos, qual seja, ele não adula ninguém: “Na verdade, quanto eu não adulei até mesmo os maiores príncipes, meus livros declaram o suficiente.”<sup>419</sup> Sua sátira comprova isso.

Para mostrar a diferença entre elogio e adulação, Erasmo chega a publicar obras didáticas sobre o assunto. Na carta 271, ele comunica a More que: “Eu verto o livro de Plutarco sobre Como discernir um adulator de um amigo, um pouco mais longo, mas que nenhum outro me agrada mais.”<sup>420</sup> O motivo pelo qual Erasmo procura traduzir obras, como esta de Plutarco, as quais tornam clara a distinção entre adulação, própria dos homens servis, e linguagem laudatória, própria de amigos que se guiam pelo bem, é para mostrar que ele é um amigo e não um adulator. É também tanto para criticar quem adula e exaltar quem é amigo, quanto para ensinar que não se deve bajular, mas sim exaltar os bons a fim de que triunfe o bem.

De fato, Erasmo não elogia para adular, mas para persuadir. Assim, elogiando a Adolfo de Veere, que nasceu na Fortuna destinado às mais altas coisas, e a sua linhagem paterna, que o decoro militar e a ardente virtude o conduziu até o céu, e materna, que conjuga o Cristo com o palácio, Erasmo espera que ele retome do pai a invencibilidade, da mãe a modéstia e a piedade, tomando o estudo de Marte, isto é, os trabalhos da guerra, sem aborrecer o ócio literário das musas. E ele continua a elogiar Adolfo e a incentivá-lo às letras especialmente para o estudo das línguas grega e latina, e para a piedade.<sup>421</sup> Novamente, o alvo do elogio, o mesmo da sátira, não é bajular, mas tentar persuadir. Portanto, Erasmo tece elogios com fins pedagógicos.

De diferentes modos as pessoas reagem ao objetivo pedagógico do elogio de Erasmo. Após ter recebido um poema laudatório de Erasmo, o amigo Ammonio confessa:

---

<sup>418</sup> ERASMI, p. 546. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513.

<sup>419</sup> ERASMI, p. 29. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Quam vero non blandiar summis etiam principibus, libri mei satis declarant.”

<sup>420</sup> ERASMI, p. 528. Carta 271, de Erasmo a Thomas More, de 1513. “Verto librum Plutarchi de discernendo adulatorem ab amico, longiusculum, sed quo non alius mihi magis placet.”

<sup>421</sup> ERASMI, p. 230-232. Carta 093, de Erasmo a Adolfo de Veere, de 1499.

Mas quando reconheci que, sem qualquer dúvida, tu falavas de mim, de contínuo pensei comigo mesmo: Por que temes crer que Erasmo fala de ti, aquele a quem crês a tua vida? E, em suma, exceto se teu amor por mim se impuser ao teu juízo, de outro modo que Linceu, eu julgarei que eu mesmo deva impor isso a mim [...]<sup>422</sup>

Tal é o efeito da linguagem laudatória, da mesma forma que a linguagem satírica! De início, se duvida que seja de si que se esteja referindo; depois se percebe que é de si mesmo que se trata. Essa é a primeira etapa, pois é preciso que aquele a quem a linguagem queira atingir se sinta realmente tocado por ela. Descarta-se daí tudo aquilo que pode influenciar como viés nesse tipo de linguagem, como, neste caso, a afetividade, e, em outros, o interesse próprio. A pessoa, então, está pronta para modificar o modo como pensava anteriormente. Desse modo, Ammonio entende que deva aplicar a si mesmo as qualidades que Erasmo lhe atribui, cedendo seu autojulgamento ao hetero-julgamento, que, por ser aceito, se transforma em novo autojulgamento. Tais são alguns meandros psicológicos pelos quais opera a linguagem laudatória e satírica de Erasmo.

Nas pessoas modestas, o verdadeiro louvor provoca louvor também verdadeiro. Novamente Ammonio garante: “Porque me chamas “fortíssimo”, eu te atinjo com igual Talião.”<sup>423</sup> Todavia, como a maioria dos homens não é modesta, não é a linguagem laudatória e sim a satírica que Erasmo prefere.

As pessoas eruditas também entendem o louvor de Erasmo. Cornélio Gerard chega à conclusão de que Erasmo o adorna de elogios para tolher sua timidez e sua indolência, a fim de, percorrendo com ele a carreira dos exercícios literários, aguçá-lo e, assim, tornar seu rude discípulo semelhante a ele; é digno de aprovação o louvor que traz tanto fruto ao amigo e que não admite o vício da adulação; quem cobiça o verdadeiro louvor o faz para os bons costumes e para o estudo.<sup>424</sup> É a compreensão de Cornélio do genuíno sentido que Erasmo dá ao elogio.

Por vezes os elogios de Erasmo são considerados exagerados por alguns eruditos. Gaguin acha hiperbólicos os elogios que ele lhe faz, divulgando-o como pequeno discípulo de Ovídio, por sua integridade, e até como discente de Nestor, pelo esplendor de sua eloquência.<sup>425</sup>

---

<sup>422</sup> ERASMI, p. 475. Carta 236, de André Ammonio a Erasmo, de 1511. “Sed ubi te dubio procul de me loqui perspexi, mecum continuo, Quid times Erasmo de te credere, cui et vitam crederes? Ac in summa, nisi tuum in me amorem huic tuo Lynceo alioquin iudicio imponere existimasset egomet mihi imposuisset [...]” \*Linceu: Um dos argonautas. Ele é famoso pela vista tão penetrante que podia ver através dos muros.

<sup>423</sup> ERASMI, p. 540. Carta 280, de André Ammonio a Erasmo, de 1513. “Quod me “fortissimum” apellas, pari te talione percutiam.” \*É famosa a pena de Talião, olho por olho, que significa na mesma proporção, tal e qual, a mesma coisa.

<sup>424</sup> ERASMI, p. 101-102. Carta 021, de Cornélio Gerard a Erasmo, de 1489.

<sup>425</sup> ERASMI, p. 147. Carta 043, de Roberto Gaguin a Erasmo, de 1495. \*Nestor é um personagem grego famoso também por sua longevidade.

Pródigo em elogiar, quanto a si, Erasmo tem dificuldade e é cauteloso em aceitar elogios. Assim, tratando a Christian com a maior afeição e elogiando-o, contudo, quando se trata de si próprio, ele pede a Christian que se acautele caso Henrique, seu irmão, faça seu elogio, pois é costume deste imaginar mil coisas por demasiada fidelidade, ou seja, por excesso de amizade.<sup>426</sup> Sem contar que não faz auto-elogio, exceto irônica e satiricamente, Erasmo prefere fazer elogios a aceitá-los, não por falsa modéstia, mas exatamente para que não se confunda os sentimentos da pessoa que elogia com as qualidades da pessoa elogiada. Aplicando isso a Henrique, que os laços de amizade que o prendem a Erasmo não permitam que ele diga o que não corresponda à verdade! Aplicando aos adversários, há uma discrepância entre o que eles sentem, e por isso dizem, e o que realmente é a pessoa de quem sentem aversão ou dizem inverdades. Aplicando genericamente, embora a amizade seja um sentimento desejabilíssimo e o ódio um sentimento abominável, não deve qualquer sentimento mascarar a verdade, quer pela crítica violenta ou pelo elogio fácil, ambos inverídicos.

Erasmo enfrenta um dilema quando o elogiam. É o que confessa para João Sixtin: “Para esta angústia fui empurrado, de modo que se fugisse de Cila incidiria em Caríbdes, porque certamente serei ridículo para mim mesmo se admitir teus louvores ou afrontoso se rejeitá-los.”<sup>427</sup>

Do mesmo modo, Erasmo, comentando com Caminadus que a hipérbole repetida muitas vezes por Fausto Andrelini, de que ele é o único sacrário das letras, lhe é de grande agrado, lembra, contudo, que: “[...] porque, louvores imódicos não convêm nem ao nosso pudor nem à nossa pequenez, depois porque ordinariamente figuras desse tipo carecem de fé e contraem grande inveja, enfim, elas são afins também da ironia [...]”<sup>428</sup> É o alerta de Erasmo para o uso incorreto da linguagem figurada, da hipérbole, da ironia, da sátira. Neste caso a hipérbole laudatória é uma linguagem que não convém a pessoas dignas, não merece crédito, provoca a inveja e avizinha-se da ironia. Não é essa linguagem que Erasmo usa, aliás, é essa mesma linguagem, apenas de um modo diverso, de diferente sentido. Isto quer dizer que Erasmo não

---

<sup>426</sup> ERASMI, p. 196-197. Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de 1498.

<sup>427</sup> ERASMI, p. 263. Carta 113, de Erasmo a João Sixtin, de 1499. “In has angustias protrusus sum, ut mihi, si Scyllam fugero, in Charybdim sit incidendum, videlicet ut aut ridiculus sim ipse, si tuas laudes agnovero, aut contumeliosus, si reiecero.” \*Angústia: Significa desfiladeiro; e, por extensão, estreiteza, limite; sofrimento. \*Cila (*Scila*) e Caríbdes: Ambos são recifes do estreito da Sicília. Tão breve espaço separava os dois rochedos que fatalmente o navegante despedaçava seu navio de encontro a um escolho ao tentar evitar outro. Daí a expressão entre Cila e Caríbdes, isto é, entre dois perigos.

<sup>428</sup> ERASMI, p. 316. Carta 136, de Erasmo a Agostinho Vincente Caminadus, de 1500 “[...] cum quod immodicae laudes neque nostro pudori neque mediocritati nostrae conveniunt, tum quod huiusmodi ferme figurae et fide carent et invidiae plurimum contrahunt. Postremo ironiae quoque sunt affines [...]”

busca o elogio, a ironia ou a sátira em si, muito menos o seu emprego incorreto, mas o verdadeiro sentido pedagógico dessa linguagem.

Mas, Erasmo não depende dos elogios dos outros e sente-se imune a eles. Ele adverte a Sixtin para que ele não louve seu Erasmo senão de um modo figurado ou na presença dos outros, pois ele não pertence àquela espécie de homens que preferem ser medidos pelo pé dos outros a pelo seu próprio, que dependem totalmente da aprovação dos outros e, como é costume dos pavões, dilatam-se às palavras de adulação.<sup>429</sup>

Outro aspecto do elogio é que por vezes ele vem acompanhado de diversos tipos de linguagem figurada, como as hipérboles. Erasmo não deixa de ser até um pouco ríspido com Caminadus ao censurar a falsa ironia que se esconde em suas hipérboles laudatórias e ao esclarecer como não deve ser o elogio.

[...] e, do mesmo modo - embora em tuas cartas estejam escritas, com grandes lisonjas e ainda assim não me são muito lisonjeiras, “respeitadíssimo preceptor, eu me dedico a ti como teu devoto discípulo, ordena como desejas, nada tenho de meu, mas tudo é teu” -, eu avalio ser oportuno que todo esse gênero de discurso deva estar longíssimamente distante de uma sincera afeição.<sup>430</sup>

O elogio não deve se revestir de hipérboles laudatórias, de lisonja, de bajulação, porque assim a pessoa que o recebe não se sente deveras elogiada. Além disso, um discurso lisonjeiro, que se afina com a falsa ironia, não é ajustado a uma relação afetiva. A amizade exige um outro tipo de linguagem, ou melhor, um outro uso desse tipo de linguagem.

O elogio vem acompanhado amiúde também da ironia.

Porque, o reverendo bispo de Rochester, homem não só de uma admirável integridade de vida, mas também de alta e recôndita doutrina, além disso, também de uma incrível liberalidade de costumes recomendada aos máximos e igualmente aos mínimos, a mim, embora eu nada seja de todo, por sua singular humanidade sempre acompanhada pelo favor, queria que eu seguisse nesse itinerário [...]<sup>431</sup>

Temos aqui a linguagem laudatória, louvor ao bispo de Rochester, João Fisher, e a linguagem irônica, autodiminuição. Elas são utilizadas concomitantemente por Erasmo, não com o objetivo

---

<sup>429</sup> ERASMI, p. 264. Carta 113, de Erasmo a João Sixtin, de 1499.

<sup>430</sup> ERASMI, p. 316. Carta 136, de Erasmo a Agostinho Vicente Caminadus, de 1500. “[...] quemadmodum et illa tuis in literis etiamsi blandissime scripta, tamen mihi non admodum blandiuntur, “Observandissime praeceptor, tuus devotus discipulus dedo me tibi; iube quod vis, nihil habeo meum, sed omne tuum”; cuius omne ego sermonis genus a sincera benevolentia quam longissime semoto esse oportere censeo.”

<sup>431</sup> ERASMI, p. 498. Carta 252, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1512. “Nam reverendus Episcopus Rophensis, vir non solum admirabili integritate vitae, verum etiam alta reconditaque doctrina, tum morum quoque incredibili comitate commendatus maximis pariter ac minimis, me, tametsi nihil omnino sum, pro sua humanitate singulari favore semper est prosecutus et huius itineris comitem volebat [...]” \*Itinerário: Significa viagem. É que, convidado em 04 de fevereiro de 1512 para participar do Concílio de Latrão (convocado pelo papa Júlio II para 19 de abril do mesmo ano), João Fisher se propôs a levar Erasmo na comitiva inglesa, mas ambos não foram, pois Fisher recusou o convite.

em si, de simplesmente elevar aquele e diminuir-se, mas com o objetivo para si, ou seja, para convencer Antônio de Bergen de que Fisher é um grande patrono das letras e, principalmente, para estimular o próprio abade a continuar como mecenas das letras.

Ao elogio e à ironia mormente alia-se a sátira. Erasmo satiriza a sua época como tempos muito férreos, nos quais tanto é verdade que por todas as partes da terra todas as coisas fervem, todas fazem ruídos e são misturadas nos incêndios das guerras, que nem na Itália, mãe das boas letras, alguma boa letra é honrada ou tem lugar. Ele elogia que somente William Warham não só não considera as camenas tristes, mas também as excita por seus prêmios, as torna merecidas por sua liberalidade, as alicia por sua afabilidade, as retém por sua benignidade, as fomenta por sua humanidade, as protege por sua autoridade, as orna e as ilustra por seu esplendor.

Em suma, ele age por todos os modos como um singular mecenas para com todos aqueles que ele considera que conjugam uma egrégia erudição com uma integridade de costumes. Entre os quais também eu, embora o último de todos e candidato desse louvor mais do que possuidor, ele abraçou de tal modo que, o que quer que seja que em tão numerosos próceres do mundo eu deixara em Roma, somente ele parecia descobrir em mim.<sup>432</sup>

Todos os recursos de linguagem utilizados por Erasmo, elogio ao arcebispo de Cantuária, ironia ao diminuir-se, e a sátira à guerra e à falta de espaço para as letras, tem o intuito de, no primeiro plano, estimular o mecenato, também para si próprio, e como pano de fundo, justificar a necessidade de se publicar os *Adágios* agora de forma revisada.

Sobre a relação entre elogio e sátira, Erasmo mostra o dilema entre esses dois métodos. Reafirmando que em cartas precedentes ele tinha recebido de Colet senão elogios a seus méritos, mas que na última ele tinha sido repreendido imerecidamente, Erasmo diz que suporta, contudo, essa reprovação, a qual não merece, com uma disposição não menos igual do que suportou os seus elogios, os quais ele não reconhece; uma vez acusado, ele pode não só sem vício se purgar, como também não o pode deixar de fazer sem culpa; refutar um elogio já é mais acurado, pois parece um homem que está em jejum de louvor e ávido por ele, que age assim simplesmente para que não o cessem de louvar, mas o louvem muitas vezes e copiosamente. Assim, Erasmo entende que Colet quis causar-lhe ambos os gêneros de perigo, para ver se ele é alguém que se apraz em ser honrado por um tão grande homem ou alguém que tem aguilhões quando irritado por uma censurazinha. E, última que Colet o louve ou o admoeste conforme o seu arbítrio, pois o que lhe é

---

<sup>432</sup> ERASMI, p. 524. Carta 269, de Erasmo ao leitor, de 1513. “In summa modis omnibus singularem quendam agit Moecenatem in omnes quos animadverterit egregiam eruditionem cum integritate morum copulasse. Inter quos me quoque, licet omnium extremum et candidatum magis huius laudis quam possessorem, ita complexus est ut quicquid in tam multis orbis proceribus Romae reliqueram, in uno mihi viderer repperisse.”

mais agradável é que eles continuem a se corresponder.<sup>433</sup> Durante toda sua vida Erasmo procura resolver esse dilema, entre o elogio e a censura, e sua sátira reforça às vezes o primeiro aspecto, na maior parte das vezes o segundo, e por vezes a ambos.

E mais, usando o recurso do elogio, Erasmo evidencia a relação entre elogio e sátira. No *Elogio da Loucura* ele justifica, pelo uso comum, o recurso à sátira:

[...] do mesmo modo, visto que por muito tempo outro, com uma oração remendada, louva a retórica ou a filosofia, outro descreve louvores a algum príncipe, outro exorta para que se mova guerra contra os turcos, outro prediz as coisas futuras, outro imagina novas questiúnculas sobre a lã caprina.<sup>434</sup>

Portanto, a mais geniosa solução do dilema entre elogio e sátira é o *Elogio da Loucura*, ou seja, o elogio da sátira, justificado por Erasmo pelo uso comum de se louvar as coisas frívolas, com a qual a linguagem laudatória torna-se irmã da linguagem satírica.

Metodologicamente, em muitas ocasiões Erasmo, após o elogio faz seguir a sátira. Tal é o caso, quando, após ter elogiado o duque Henrique Tudor, ele explica ao príncipe que não está oculto a sua memória que em seu tempo a maior parte dos príncipes não se deleita com as letras exatamente por nada entender delas; tais príncipes, são mais estúpidos que Midas, que se deturpou com orelhas de asno, não porque desprezasse os poemas, mas porque preferiu os rústicos aos eruditos; a Midas não faltou tanto ânimo quanto juízo, porém, aos de sua época, faltam um e outro.<sup>435</sup> Mesmo que a sátira aqui ainda seja geral, pois ela coloca o problema como uma questão universal, na qual o príncipe em questão pode ou não estar incluso, temos a tática de Erasmo de fazer seguir didaticamente ao elogio a crítica.

Em outras situações o método de Erasmo consiste em intercalar o elogio com a sátira. Dessa maneira, tendo elogiado a Henrique, seguido da crítica, ele retoma o elogio, como uma lição de reforço, dizendo que - quando percebe, no ilustre duque, sua generosa índole aborrecer com veemência toda estultícia e, desde sua puerícia, seus esforços visarem o desejo de se assemelhar mais aos antigos que aos de seu tempo - não receia em proclamar seu nome em panegírico.<sup>436</sup> Mesmo que se possa entender como mera repetição, a idéia de reforço é mais

---

<sup>433</sup> ERASMI, p. 245-246. Carta 108, de Erasmo a João Colet, de 1499.

<sup>434</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “[...] velut cum alius diu consarcinata oratione rhetorice aut philosophiam laudat, alius principis alicuius laudes describit, alius ad bellum adversus Turcas movendum adhortatur, alius futura predicat, alius novas de lana caprina comminiscitur questiunculas.” \*Turcos: Referência aos pagãos.

<sup>435</sup> ERASMI, p. 240. Carta 104, de Erasmo ao Príncipe Henrique, de 1499.

<sup>436</sup> Id., Ibid., p. 240.

apropriada, pois a auto-imagem do príncipe poderia ter sofrido arranhões após a crítica. Era preciso, então, prepará-lo melhor para receber a lição.

Um outro exemplo do método de intercalação entre o elogio e a sátira pode ser extraído quando Erasmo, primeiramente louva Anthonisz pela correta escolha do assunto de sua obra. Depois, diz-lhe que - quando até agora nada existiu nas coisas humanas assim elaboradas pela arte, pelo engenho e pelo cuidado, que algum Momo como aquele dos gregos, não encontrasse algo a caluniar - nenhuma repreensão poderia ser admitida mais honesta que a de que Anthonisz sempre se dedica em ser supérfluo de coisas úteis; isso é o louvor luxuriante de um feliz engenho antes que uma culpa; além disso, está tão longe dele repreender a humildade de estilo de Anthonisz, como até considera sua abundância digna de precípuo louvor, desde que as fáleras da oração, que a natureza do argumento repele e que na verdade ele acha que Anthonisz não quer, não sejam muito aquele “*perfume na sopa de lentilhas*” ou aquele “*Um macaco sob a púrpura*.”<sup>437</sup> Vemos Erasmo no limite entre o uso do elogio à ciência de Anthonisz e o uso da sátira à sua insciência, do elogio à necessidade de detalhes e da sátira ao supérfluo, do elogio à utilidade da abundância de palavras e da sátira a essa mesma abundância como fáleras. Cremos tratar-se de fina ironia da sátira erasmiana. A partir daqui, a carta só faz estimular Anthonisz para que publique sua obra. Isso nos confirma a idéia de que toda sátira de Erasmo tem na verdade o intento de estimular a todos para que façam a parte que lhes cabe no conjunto da luta pelo triunfo das letras.

A mesma intercalação do elogio e da sátira é feita por Erasmo no contexto pedagógico. Ele elogia a Dismas junto a Antônio de Luxemburgo dizendo que nunca viu em sua vida um adolescente mais engenhoso, suave, sincero, amável, modesto que ele. Pois, este teve a sorte, como diz o livro da Sabedoria, de receber uma boa alma, e, como dizem os gregos, uma boa e feliz natureza. Além disso, Dismas admira as letras e gosta de nelas se versar para se tornar sempre mais douto. Por isso, é preciso cuidar dele com toda diligência para que deprecie todas as torpezas vulgares. Mas, ele vive sob uma péssima tutela, porquanto seu meio de vida é

---

<sup>437</sup> ERASMI, p. 383-384. Carta 173, de Erasmo a James Anthonisz, de 1503. \*James Anthonisz de Middelburgo. Doutor em direito canônico, vigário geral do bispo de Cambrai. Em 1498 ele foi vigário de Bruxelas, com o qual Erasmo passou alguns dias. Ele escreveu a obra *De praecellentia potestatis imperatoriae* (*Da superioridade do poder do imperador*), para a qual pediu a Erasmo que conseguisse um editor, o qual se dispôs a fazê-lo e esta obra foi impressa por Thierry Martens em Antuérpia, em 1502. \*Momo: Filho do Sono e da Noite, deus ocioso, que censurava os outros deuses. No teatro antigo momo era uma pequena farsa popular; ou o ator que representava nessas farsas, bufo; ou variação de pantomima. \*Fáleras (phalerae): Condecorações, como a dos soldados romanos, levadas sobre a armadura, ou colar, isto é, enfeite, brilhante, ornamento.

torpíssimo, sua mobília é imunda e ele é negligenciado entre patifes ociosos que nada mais odeiam que os livros e os discursos literários, uma vez que são salteadores noturnos, beberrões diurnos, dos quais nada se pode aprender senão a torpitude. Nesta idade é fácil de ser levado para o vício, visto que *o infecto friccione sua sarna no conviva e quem tange no pez não pode não se sujar*.<sup>438</sup> Aqui a linguagem não é destrutiva, mas é valorativa. Erasmo fundamenta seu elogio nas escrituras, o livro da Sabedoria, e nos clássicos, os gregos, fontes básicas de sua linguagem. Ele volta a empregar este mesmo recurso nos provérbios da contaminação, que é de Sêneca, e do pez, que é do livro do Eclesiástico. Sem as fontes clássica e cristã é impossível entender Erasmo e sua linguagem. Além disso, perpassa pelo texto a sátira aparentemente mais mordaz contra aqueles que se desviam das boas letras e vivem no vício. Sem esse aspecto moral sua sátira perde o sentido. Por último, há a preocupação pedagógica de Erasmo com o futuro do adolescente Dismas, que parece negro se ele continuar vivendo sob a tutela de Jacques Daniel. Assim, sua sátira ao meio e aos que o cercam quer garantir um futuro melhor para o jovem e que os outros se dêem conta de seu erro.

Por fim, a sátira é superior ao elogio. Ao informar a Paludanus que apenas a primeira paginazinha do *Panegírico*, ainda recente e úmida da oficina, começou a ser ostentada, como se faz com uma coisa nova, passou de mãos em mãos, Erasmo atesta:

Pois um louvador, exceto se eximamente douto, até prejudica; mas um repreensor, mesmo que pouco erudito, ou te admoesta para o que te fugiu, ou te faz prosseguir na defesa do que corretamente foi dito, e, ou te faz mais douto, ou certamente te torna mais atento. Assim, que eu desapareça, exceto que, sensato, eu prefira um só Momo a dez Polímnia.<sup>439</sup>

Além da distinção entre bajulação e louvor, fica evidente a primazia da sátira sobre o elogio, pois este pode até ser prejudicial, enquanto aquela faz a pessoa corrigir seus erros ou a obriga a defender o que corretamente está posto. É preferível um só Momo a dez Polímnia, ou seja, a sátira é preferível ao louvor, pois ela se põe construtiva, como método privilegiado de educação.

### 3.3 SÁTIRA E COMÉDIA

---

<sup>438</sup> ERASMI, p. 318. Carta 137, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1500. \*Ser um menino vigoroso, dotado de uma alma excelente acha-se em Sab, 8,19. \*Um infecto contaminar (afferrat) o outro se encontra em Sêneca, *Epístolas*, I, 7. 7. \*Quem toca no pez (piche) ficará manchado encontra-se em Eclo, 13,1.

<sup>439</sup> ERASMI, p. 398. Carta 180, de Erasmo a João Paludanus, de 1504 “Nam laudator, nisi eximie doctus, officit quoque; at reprehensor etiam parum eruditus aut admonet quod te suffugerit aut ad defensionem recte dictorum expergefacit, et aut doctiorem facit aut certe reddit attentorem. Proinde dispeream nisi mihi Momum unum malim sanus quam decem Polyhymanias.” \*Políminia: Musa que presidia à ode.

Nosso propósito com esta categoria é mostrar que a sátira erasmiana difere da comédia apenas por ser entendida por Erasmo como construtiva e pedagogicamente superior.

Principiemos pela antítese da comédia, a tragédia. Visto que entenda que o que agrada a uns não agrada a outros, pretenda tanto quanto isso possa ser feito satisfazer a todos e não queira deixar nada sem experimentar, abandonando todo seu antigo escrúpulo e dando muito mais razão ao candor e à perspicuidade, Erasmo traduz a tragédia *Ifigênia*, de Eurípides.<sup>440</sup> São por duas razões que Erasmo traduz tragédias. A primeira, por saber que o estilo cômico não agrada a todos e querer a todos agradar. A segunda, porque sua curiosidade de erudito quer provar todos os gêneros de linguagem. Para isso, tem que vencer seus escrúpulos. Fica patente que a tragédia não é o seu estilo preferido. Contudo, ele encontra na tragédia pelo menos duas características da linguagem alegre e livre. A primeira é o candor, isto é, a candura, a suavidade, a afeição, o divertimento, o jogo, o prazer, a liberdade; a outra é a perspicuidade, qual seja, a clareza, a erudição, a oratória, a eloquência.

Afeito à linguagem alegre e livre, Erasmo, ao defender seu *Elogio da Loucura*, dá destaque à comédia, justificando-a por ela ter sempre existido.

Porque há tantos séculos Homero brincou com a Batracomiomaquia, Maro com O Mosquito e o Moretum, Ovídio com A noqueira; porque Polícrates louvou a Busíris e por isso foi corrigido por Isócrates, Glauco a Injustiça, Favorino a Tersites e a Febre Quartã, Sinésio a Calvície, Luciano a Mosca e o Parasita; porque Sêneca brincou com a Apoteose de Cláudio, Plutarco com o diálogo de Ulisses e Grilo, Luciano e Apuleio com o Asno, e não sei quem com o testamento do porquinho Grunnius Corocotta, que São Jerônimo memora.<sup>441</sup>

<sup>440</sup> ERASMI, p. 420. Carta 198, de Erasmo ao leitor, de 1506.

<sup>441</sup> ERASMI, p. 460-461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, em 1511. “Cum ante tot secula ‘Batraxomiomaquíás’ luserit Homerus, Maro Culicem et Moretum, Nucem Ovidius; cum Busyridem laudarit Polycrates et huius castigatorem Isocrates, iniustitiam Glauco, Thersiten et quartanam febrim Fovorinus, calvitium Synesius, muscam et parasiticam Lucianus; cum Seneca Claudii luserit ‘apothēosis’, Plutarcus Grylli cum Ulysse dialogum, Lucianus et Apuleius Asinum, et nescio quis Grunii Corocottae porcelli testamentum, cuius et divus meminit Hieronimus.” \*Erasmo faz as citações de *Batraxomiomaquíás* e *apothēosis* em grego. \*Polícrates: Sofista grego, que escreveu *Elogio a Busíris* (Rei lendário do Egito que, segundo a fábula, mandava matar todos os estrangeiros que penetravam em seu reino). \*Isócrates (436 – 338 a.C.): Orador e retórico grego. Autor de discursos judiciais, cartas, de um *Panegírico* a Atenas. Num discurso intitulado *Busíris*, Isócrates reprova o sofista Polícrates por ter elogiado esse tirano mítico. \*Favorino (séc. I d.C. – 135): Retórico e sofista gaulês que, segundo Erasmo, fez o *Elogio a Tersites* (o mais feio, covarde e insolente dos soldados helenos que lutaram em Tróia, que foi castigado por Ulisses, o Odisseu grego) e *Elogio da febre quartã*. \*Sinésio de Cirene (c. 365 – 415): Filósofo e poeta grego. Entre outras obras, ele escreveu *Elogio da Calvície*, agradável brincadeira que responde ao *Elogio da Cabeleira* de Díon Crisóstomo (c. 40 - c. 110, retórico grego, pregador cínico e defensor do estoicismo). \*Grilo: Que em grego quer dizer porco, é o companheiro de Odisseu que foi transformado em porco pela feiticeira Circe. \*Lucius ou *O asno* é uma obra incertamente atribuída a Luciano, talvez um diálogo mais antigo que serviu de base para *O asno de ouro*, de Apuleio (nascido acerca de 125 d.C., platônico pitagorizante que faz parte do platonismo médio). \*Grunnius quer dizer resmungão; Corocotta é um animal da Etiópia que se parece com a hiena e com o porco; Grunnius Corocotta, portanto, quer dizer porco resmungão. Aparece em São Jerônimo, *XII Comm. Esaiæ*, T. V, p. 154. Testamento burlesco que data do século III, que servia para divertir os estudantes.

Enquanto forma de linguagem alegre e livre, a comédia é de uso comum na cultura clássica, portanto, nada há de se estranhar em usá-la. Todavia, o estilo preferido de Erasmo é a sátira.

Aliás, a sátira de Erasmo é por vezes erroneamente comparada à antiga comédia: “[...] e clamarão que nós referimos a antiga comédia ou a uma espécie de Luciano e mordicante a todos acusamos.”<sup>442</sup> A antiga comédia grega é tão abusada que cita os nomes das pessoas, sem que a lei proíba, daí sua fama de mordacidade. Na mesma direção seguem tanto a nova comédia grega quanto a sátira latina. Mas, a sátira erasmiana se propõe absolutamente diferente delas. Assim, como diz Erasmo, acusá-la de mordacidade é calúnia.

Contudo, Erasmo aproveita a liberdade dos antigos: “Na verdade, aqueles a quem a leveza e o divertimento do argumento ofendem, que pensem que eu quero que isto seja não meu modelo, mas feito muitas vezes já igual aos grandes autores de outrora [...]”<sup>443</sup> Nessa defesa de Erasmo da *Moria*, conquanto a sua sátira seja diferente da antiga comédia, ele procura justificá-la a partir da liberdade encontrada nos autores satíricos da Antigüidade, como um meio de melhor torná-la aceita por seus detratores.

Nessa perspectiva, Erasmo busca no *Toxaris*, de Luciano a riqueza de linguagem, asseverando que o diálogo, traduzido por ele, não haverá de ser menos agradável que frutífero se alguém observar a beleza que de tal modo está posta nos personagens; o discurso do grego Menipo quão todo tem uma espécie de sabor dos gregos, é afável, faceto e festivo; pelo contrário, a fala do cita Toxaris quão toda aspira certo crítico, é simples, confusa, áspera, apressada, séria e forte.<sup>444</sup>

A sátira erasmiana bebe também na fonte do *Pseudomante*, de Luciano. Prestes a partir para a Itália, para que Renato d’Illiers se lembrasse dele, Erasmo envia-lhe essa obra, que tinha traduzido. Ele diz que o *Pseudomante* era celeradíssimo, mas ninguém era mais útil que ele, por deprender e acusar as imposturas de alguns, que até hoje em dia, com mágicos milagres, com falsa religião, com dissimulados condões e com outros gêneros dessas ilusões costumam fazer imposturas ao vulgo. Ele espera que um homem tão erudito, de tão grande autoridade e de tão

---

<sup>442</sup> Id., Ibid., p. 460. “[...] nosque clamitabunt veterem comediam aut Lucianum quempiam referre atque omnia mordicus arripere.”

<sup>443</sup> Id., Ibid., p. 460. “Verum quos argumenti levitas et ludicrum offendit, cogitent velim non meum hoc exemplum esse, sed idem iam olim a magnis auctoribus factitatum [...]”

<sup>444</sup> ERASMI, p. 417. Carta 187, de Erasmo a Ricardo Foxe, de 1506. \*Cita: Indivíduo dos Citas, antigos povos nômades do norte da Europa e da Ásia. \*Menipo de Gádara (Séc. III a.C.): Filósofo satirista grego, criador da sátira que levou o seu nome: Satura Menipéia (*Satura Menippeae*). Os seus escritos enchiam treze livros e atacavam, mediante as mais diversas ficções, a loucura dos homens e também os sistemas dos filósofos.

fecundos costumes, como Renato, leia esse opúsculo, não só com muito fruto, mas também com muito prazer e deixo espaço, de bom grado, para essas frutíferas nugas nos seus árduos negócios. “Porquanto, o que quer que seja, quer do negro sal que tributam a Momo, quer do branco que dedicam a Mercúrio, tudo isso tu poderás descobrir no único Luciano.”<sup>445</sup> O opúsculo cômico de Luciano é crítica severa, que deve ser lido para que produza muitos frutos e bastante prazer. Por isso, ele é salgado, quer por uma sátira mais sarcástica, quer por uma sátira mais leve. Por sua vez, é exatamente essa sátira que o torna agradável e fecundo, divertido e útil, prazeroso e frutífero.

Erasmus destaca as vantagens da comédia. Ele conta a Cristóvão Urswick que ingressando no domínio das musas gregas, porque os jardins das musas reverdecem até no meio da bruma, de repente, nesse lugar, entre muitos, com carícias por sua graça vária, o flósculo de Luciano lhe sorriu diante dos demais: “Colhido não com a unha, mas com o cálamo, eu o te remeto, não somente pela agradável novidade, pela cor vária, pela venusta espécie, não só pelo odor de tal modo fragrante, mas também pelo suco presentâneo, salubre e eficaz.”<sup>446</sup> Em primeiro lugar, a inspiração vem das musas e não de outro lugar; as musas gregas são singulares fontes de inspiração; entre os escritores gregos destaca-se Luciano; das obras de Luciano uma das mais importantes é a comédia *O Galo*. Em segundo lugar, Erasmus colhe a obra cômica de Luciano do jardim das musas não com as mãos, mas com a caneta, pois este é seu instrumento pedagógico; ele busca interpretar aquilo que existe de mais singular, pois não é qualquer assunto que sua caneta se põe a escrever; ele privilegia a linguagem brilhante, pois isso é o que mais chama a atenção das pessoas; ele prefere destacar aquilo que é antigo, pois o que está arraigado na cultura é mais fácil de ser aceito, como ele disse em cartas anteriores. Em terceiro lugar, Erasmus faz isso porque a linguagem cômica tem uma fragrância especial, o que atrai irresistivelmente os homens; o que dá maior realce à linguagem cômica, a sua seiva, é que ela é presentânea, com o significado de rápida, pois diz com leveza as verdades, e no sentido de eficaz, o que é garantido pela sua leveza; a linguagem cômica é saudável, pois ela só faz bem à saúde mental das pessoas,

---

<sup>445</sup> ERASMI, p. 431. Carta 199, de Erasmo a Renato d’Illiers, de 1506. “Porro quicquid est vel nigri salis quem Momo tribuunt, vel candidi quem Mercurio asscribunt, id omne in uno Luciano compiosissime reperias licebit.” \*Renato d’Illiers: Ele foi bispo de Chartres de 1492 até sua morte em 1507. \**Pseudomante* ou *O falso Adivinho* (*Pseudomantes*), obra de Luciano de Samósata. \*Condão (*Condonatio*): poder misterioso ou virtude especial, a que se atribui influência benéfica ou maléfica; dom, graça, presente, faculdade.

<sup>446</sup> ERASMI, p. 425. Carta 193, de Erasmo a Cristóvão Urswick, de 1506 “Eum non ungue sed calamo decerptum ad te mitto, non solum novitate gratum, colore varium, specie venustum, nec odore modo fragrantem, verum etiam succo praesentaneo salubrem et efficacem.” \*Meio da bruma: Pleno inverno.

salubridade que lhe garante a eficácia; em retorno, por sua leveza e por sua salubridade a linguagem cômica é eficaz. É a eficácia, portanto, a principal característica dessa linguagem. E onde se lê comédia, queira se ler sátira!

Além disso, por um lado, existem docilidade e utilidade na comédia. O caráter precípua da linguagem cômica aparece sinteticamente expresso na frase seguinte de Erasmo: “Levou todo ponto (como diz Flaco) quem misturou o doce com o útil.”<sup>447</sup> O grande segredo da eficácia da linguagem cômica – e da satírica – é o fato dela unir a agradabilidade com a utilidade.

Por outro lado, há dicacidade na comédia. “Porque, em minha opinião, certamente ninguém conseguiu de outro modo, como nosso Luciano aqui, restituir a dicacidade da antiga comédia, mas sem a petulância [...]”<sup>448</sup> Na opinião de Erasmo, ou seja, é exatamente isso que ele pensa, Luciano é superior a todos porque, tomando como exemplo a sua obra *O Galo*, este restitui da antiga comédia a sua característica mais marcante, qual seja, a dicacidade, a mordacidade, a sátira, mas sem petulância. Ou melhor dizendo, não é porque Luciano restitui a sátira da comédia antiga que ele é o maior, mas porque retira da sátira o seu caráter de atrevimento, de afrontamento, de ofensa, de mordacidade, para lhe dar uma outra face, que é de prazer e de utilidade.

Mesmo assim, a comédia é sal. “[...] Deus imortal, com que sagacidade, com que graça ele deslumbra todas as coisas, com que nariz ele tudo suspende, como ele esfrega completamente todas as coisas com maravilhoso sal [...]”<sup>449</sup> O verdadeiro sátiro, como o faz Luciano – e Erasmo – é aquele que é sagaz; aquele que é esperto porque tem um fino faro para suspender todos os assuntos donde eles estão alojados e trazê-los à baila; aquele que suspende os temas não só sagazmente, mas também com graça, com charme, com beleza; aquele que tempera todas as coisas com sal, com zombaria, com ironia; aquele cujo sal não é salgado a ponto de fazer mal às pessoas, pelo contrário, é maravilhoso, admirável. Tal qual Erasmo concebe a sátira: sagaz e graciosa, ou seja, erudita e irônica, agradável e divertida! Com isso, ele retira todo caráter pesado e negativo da sátira para apresentá-la como construtiva, o que é o mesmo que dizer, pedagógica.

---

<sup>447</sup> Id., Ibid., p. 425. “Omne tulit punctum (ut seprisit Flaccus) qui miscuit utile dulci.” \*A frase de Horácio encontra-se em *Arte Poética*, 343.

<sup>448</sup> Id., Ibid., p. 425. “Quod quidem aut nemo, mea sententia, aut noster hic Lucianus est assecutus, qui priscae comoediae dicacitatem, sed citra petulantiam referens [...]”

<sup>449</sup> Id., Ibid., p. 425. “[...] Deum immortalem, qua vafricie, quo lepore perstringit omnia, quo naso cuncta suspendit, quam omnia miro sale perfricat [...]”

A despeito disso, a comédia é sarcástica. “[...] ou nada atingindo pelo caminho que não fira em alguma parte com o sarcasmo [...]”<sup>450</sup> Contudo, quando Erasmo busca a sátira no seu limite, não é para destacar o sarcasmo, mas para retirar dele o seu elemento construtivo, uma vez que pretende que sua sátira seja superior a de Luciano.

Contudo, é contra os mais ignorantes, mas que se põem como formadores de mentalidade por excelência, que a sátira sarcástica de Luciano se dirige. Por isso, Erasmo diz que ela é hostil particularmente aos filósofos pitagóricos e platônicos, por causa de suas ilusões, e aos estóicos, por causa de sua intolerável arrogância. “[...] a uns ataca a picadas e a golpes, a outros com todo gênero de dardos, e isso com ótimo direito.”<sup>451</sup> São os pseudodoutos que Luciano ataca com mais vigor, ou seja, contra estes, a sua sátira é mais mordaz, picando, golpeando, lançando dardos. No entanto, Erasmo não vê nisso algo destrutivo, inversamente, acha que Luciano está no seu justo direito, não só porque lhe é permitido agir assim, mas principalmente porque ele tem razão em satirizar assim. Satirizar é certo, satirizar com mordacidade proporcional à extensão da recalcitrância é igualmente correto. Isto quer dizer que em seu propósito pedagógico, porque ele propõe sua sátira como construtiva de qualquer modo que a apresente, há uma gradação na sua aplicação, de moderada, aos ouvidos menos duros, a acerba, aos ouvidos moucos.

O cômico é tido por blasfemo por aqueles a quem atinge. “Daqui é distribuído a ele o vocábulo de blasfemo, isto é, de malédico, mas sem dúvida por aqueles que ele tocara a úlcera.”<sup>452</sup> São exatamente àqueles aos quais a sátira atinge em seus vícios, e que não pretendem se emendar, que ela parece blasfêmia, maledicência, ou seja, negativa, destrutiva. Parece, mas não é, e até aos recalcitrantes, Erasmo quer mostrar que a sátira é prazer e utilidade, e que um sátiro não é um maldizente, mas um arauto da verdade.

A comédia de Luciano se estende ao religioso: “Com igual liberdade, a cada passo ele se ri até dos deuses e os lacera, de onde lhe foi atribuído o cognome de ateu, sem dúvida, especioso por este nome, porque ele foi atribuído pelos ímpios e pelos supersticiosos.”<sup>453</sup> A sátira não se restringe ao profano, mas se estende ao sagrado. O sátiro, brinca e critica as falsas concepções

---

<sup>450</sup> Id., Ibid., p. 425. “[...] nihil vel obiter attingens quod non aliquo feriat scommate [...]”

<sup>451</sup> Id., Ibid., p. 420. “[...] hos punctim ac caesim, hos omni telorum genere petit, idque iure optimo.”

<sup>452</sup> Id., Ibid., p. 425. “Hinc illi blasphemi, hoc est maledici, vocabulum addidere, sed hi nimirum quorum ulcera tetigerat!”

<sup>453</sup> Id., Ibid., p. 425. “Pari libertate deos quoque passim et ridet et lacerat, unde cognomen inditum “athéos” speciosum profecto vel hoc nomine quod ab impiis ac supersticiosis attributum.” \*Especioso (*speciosus*): Tem dois sentidos diametralmente opostos. Por um lado quer dizer tanto aparências enganadoras, enganoso, ilusório; quanto, que, com aparência de verdade, induz em erro (aplicado aos ímpios); e por outro lado: atraente, belo, formoso, sedutor (aplicado a Luciano).

sobre as coisas divinas, mas não deve ser chamado de ateu, pois isso revela impiedade e superstição. O apelido de ateu é especioso ao sático. Tanto no sentido de que isso é falso, pois significa total incompreensão do que seja a sátira, por parte daqueles que se consideram, mas não são nada santos e sim verdadeiros ateus. Quanto de que é um título louvável para aquele que o recebe, porquanto é dado pelos ímpios e supersticiosos que nada sabem sobre a verdade. Por isso, sua crítica, que é verdadeira, passa aos ignorantes como falsa. Mas, Erasmo resgata o verdadeiro sentido da sátira a ponto de dizer que ser chamado de ateu, o que é falso, passa a ser um elogio.

Enfim, a comédia é uma forma de dizer as verdades rindo. Erasmo diz de Luciano:

Ele obtém tanta graça para dizer, tanta felicidade para inventar, tantos dardos para jogar e azedos para morder, de tal maneira ele acaricia com alusões, de tal maneira ele mistura coisas sérias com nugas e nugas com coisas sérias, de tal maneira rindo ele diz as verdades e ele ri ao dizer a verdade [...] <sup>454</sup>

O diálogo cômico de Luciano é uma linguagem graciosa, ele é fruto de uma grande capacidade inventiva. Ele tem tantos dardos e coisas azedas para jogar, tantas verdades dolorosas para revelar, isto é, tantas sátiras para dizer, mas seu grande segredo é que ele diz isso, tanto acariciando com alusões, quanto misturando coisas sérias e coisas divertidas. Isto porque a linguagem dialogal e cômica como a linguagem satírica é uma forma de rir das verdades e de rir ao dizê-las, mas é também um modo de dizer as verdades rindo. Ou seja, rir é o melhor jeito de dizer as verdades. Tal é a superioridade da linguagem figurada em geral, tal é a superioridade da linguagem cômico-satírica em particular! A isso se soma que Erasmo pretende que sua sátira seja superior a toda comédia até então historicamente produzida, e a toda forma de linguagem figurada ou não, pelo fato dele, por exemplo, sem afrontas, poupar em suas obras o nome dos seus detratores, uma vez que ele a propõe pedagogicamente construtiva.

### 3.4 SÁTIRA, APOLOGIA, DIATRIBE E LIBELO

Nosso objetivo aqui é demonstrar que a sátira de Erasmo se toma às vezes a roupagem da linguagem apologética, de diatribe ou de libelo, é menos como defesa própria e mais das letras, e não como arma de ataque, pois ela não pretende ofender, mas apenas ridicularizar o erro, portanto, quer apenas pedagogicamente construir.

---

<sup>454</sup> Id., Ibid., p. 425-426. “Tantum obtinet in dicendo gratiae, tantum in inveniundo felicitas, tantum in iocando leporis, in mordendo acetis, sic titilat allusionibus, sic seria nugis, nugas seriis miscet; sic ridens vera dicit, vera dicendo ridet [...]”

Comecemos por alguns princípios que norteiam a sátira erasmiana. Quem não tem culpa não teme! Ammonio não se preocupa com o que pensam dele: “Contanto que eu tenha feito o que era de meu próprio dever e esteja isento de culpa, por esse pensamento, qualquer que ele seja contra mim, não estarei muito preocupado.”<sup>455</sup> Quem tem consciência do dever cumprido e de não ter cometido falta, como Ammonio e Erasmo, pode se sentir isento de culpa das acusações alheias.

De quem não tem culpa, não se pode aguardar vingança! Na carta a João Botzheim, Erasmo retoma o que disse em cartas anteriores: “Quando despojado voltei para Paris não duvidei que muitas pessoas esperassem que eu fosse, como costumam os literatos, ulcerar esta fortuna com o cálamo, escrevendo algo em ódio ao rei ou à Inglaterra [...]”<sup>456</sup> Muitos escritores usam a caneta para se desferrar de alguém ou de algum acontecimento desagradável. Contudo, quando Erasmo escreve contra alguma pessoa, não é movido pelo ódio, nem pelo rancor, embora muitas vezes fique irritadíssimo, como no caso do roubo de seu dinheiro em Dover, mas movido pelo desejo de não destruir e de se servir da crítica como meio de construção do outro.

Erasmo prefere esquecer as ofensas. Embora as feridas ainda lhe doam por causa do que tinha lhe acontecido na Inglaterra, ele testemunha: “Porque nessas coisas, como Temístocles, eu opto pela arte de esquecer.”<sup>457</sup> Erasmo prefere se ater à composição dos *Adágios*, isto é, responder às agruras da vida com seus escritos, visto que não são as circunstâncias desfavoráveis que influenciam no que escreve ou como o faz, ou seja, não são elas que definem seu estilo satírico, nem mesmo suas apologias.

Na verdade as apologias de Erasmo são tecidas não em defesa própria, mas, dos valores cristãos, como fica evidente em sua sátira à guerra.

Para nós, que nos gloriamos com o nome de Cristo, que nada ensinou e exibiu exceto mansidão; que somos membros de um só corpo, uma só carne, que vivemos um mesmo espírito, somos alimentados pelos mesmos sacramentos, aderimos a uma mesma cabeça, somos chamados à mesma imortalidade, esperamos aquela máxima participação, para que, assim como Cristo e o pai são um só, do mesmo nós sejamos um com ele; pode por acaso alguma coisa deste mundo ser tamanha que provoque a guerra? uma coisa de tal

---

<sup>455</sup> ERASMI, p. 539. Carta 280, de André Ammonio a Erasmo, de 1513. “Dum ipse quod mei fuerit officii fecero et culpa vacavero, quo animo hic, ille in me sit, non ero magnopere sollicitus.”

<sup>456</sup> ERASMI, p. 16. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Ubi nudus redissem Lutetiam, non dubitabam quin multi expectarent futurum ut, quod solent literati, fortunam hanc ulciscerer calamo, scribens aliquid in odium regis aut Angliae [...]”

<sup>457</sup> ERASMI, p. 284. Carta 123, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Quare hac in re cum Themistocle obliviscendi artem opto.” \*Temístocles: Orador ateniense que, frente às avarezas dos magistrados, pregava o esquecimento, pois o remédio poderia ser pior que o mal.

modo pernicioso, de tal maneira tétrica que, mesmo que seja justíssima, todavia não agrada a alguém verdadeiramente bom.<sup>458</sup>

A linguagem apologética apela a Cristo para que os homens tomem consciência de seu erro e, ao mesmo tempo, revela os verdadeiros princípios que norteiam a vida de Erasmo e todas as suas ações, inclusive sua sátira.

A apologia é apenas uma prevenção de Erasmo contra os caluniadores. “E ao ter de publicar o Novo Testamento ajuntamos uma ou outra apologia, adivinhando que não faltariam aqueles que caluniariam.”<sup>459</sup> No decorrer de sua vida, Erasmo se obriga inúmeras vezes a escrever diversas apologias de suas idéias, e de forma bastante satírica. No entanto, ele o faz, não para que seus opositores fiquem ofendidos ou para menosprezá-los, mas com o fito de que percebam o equívoco de sua interpretação e passem a ter uma nova posição.

Na realidade, Erasmo se antecipa à crítica. Depois de explicar ao lorde Mountjoy qual é a necessidade que o impede de escrever amiúde, ele continua: “Mas vejam um ardente defensor; eu advogo minha causa, ainda não chamado em juízo, para que, sem nenhum acusante, eu absolva a mim próprio tanto como defensor quanto como juiz.”<sup>460</sup> Ironia à parte, a tática de Erasmo consiste em se antecipar às censuras dos amigos e aos ataques dos adversários. Isso não significa prepotência e sim autojulgamento, posto que se ele é seu defensor não o deixa de ser também seu juiz, ou seja, por um lado, normalmente se compreende e, por outro, é exigente consigo mesmo.

Nesse sentido, Erasmo assegura que é preciso medir cada uma das virtudes próprias de cada autor, não pelo que os outros pensam dele ou pela sua fama, o que é uma falácia, mas pela sua própria repreensão e conduta. Quanto a si, ele satiriza que uns o vêem enquanto letrado, outros enquanto bárbaro, uns como probo, outros como ímprobo, uns enquanto glorioso, outros enquanto afetado, uns como formoso, outros como disforme. Em seguida, ele pergunta que Proteu não teria superado ou que monstro não teria se tornado se fosse tudo aquilo que apraz ao

---

<sup>458</sup> ERASMI, p. 522. Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de 1514. “Nobis qui Christi gloriamur cognomine, qui nihil nisi mansuetudinem et docuit et exhibuit; qui unius corporis membra sumus, una caro, eodem vegetamur spiritu, iisdem sacramentis alimur, eidem adhaeremus capiti, ad eadem immortalitatem vocati sumus, summam illam speramus communionem, ut sicut Christus et pater unum sunt, ita et nos unum cum illo simus; potestne ulla huius mundi res esse tanti ut ad bellum provocet? rem adeo perniciosam, adeo tetram ut etiam cum iustissimum est, tamen nulli vere bono placeat.”

<sup>459</sup> ERASMI, p. 26. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Quin et Novo Testamento prodituro unam atque alteram apologiam adiecimus, divinantes non defuturos qui calumniarentur.”

<sup>460</sup> ERASMI, p. 208. Carta 079, de Erasmo a William Blount, de 1498. “Sed vide callidum defensorem; causam meam ago, nondum in iudicium vocatus, sed ut nullo accusante, meipso et defensore et iudice absolver.”

povo fazer dele, e, pelo contrário, como deve ser suspeito aquilo que a multidão muito aprova?<sup>461</sup> Portanto, na opinião de Erasmo, sua sátira apologética não surge daquilo que os outros pensam dele, mas de sua auto-repreensão e de sua irreparável conduta.

Apesar disso, existem certas apologias que Erasmo prefere esquecer. Ele confirma que foram publicadas algumas cartas anexadas às suas obras e outras separadas, que podiam ser vistas como apologias, como aquela a Marcos Laurinus e a Jacob Van Hoogstraten, “Mas, agrada-me esquecer sobre a comemoração de rixas.”<sup>462</sup>

Diferentemente daqueles que o atacam, a sátira de Erasmo, mesmo quando toma a forma de diatribe ou de libelo, prima pelo caráter apologético somente de suas verdadeiras intenções e por ser instrumento de defesa das letras, e não por ser arma de ataque. Ele narra que o primeiro a lhe importunar foi Martin Dorpius, ao qual ele respondeu com uma única carta em defesa da *Moria* e do *Novo Testamento*. Ele assegura a João Botzheim que não rompeu a amizade com Dorpius por causa disso, porque sabe que este não fez isso por lhe ter ódio, mas levado por sua natureza fácil e empurrado por um estranho impulso.<sup>463</sup> Erasmo responde às ofensas que recebe com a defesa das letras, sem romper a amizade com quem o acusa, e explicando as razões do ataque.

Sucedeu a Dorpius nas críticas, prossegue Erasmo, Lefèvre d’Étaples, ao qual considera um homem íntegro e erudito, pois é ligado a ele por uma velha amizade. Por isso, ele lhe respondeu, perdendo doze dias nesse trabalho, preferindo imputar a fatalidade mais ao destino que ao homem e nem por esse fato, embora grave, renuncia à velha amizade.<sup>464</sup> Erasmo intenta manter a amizade mesmo sendo atacado, desculpando sempre que possível o acusador.

Erasmo continua narrando que não muito tempo depois de Lefèvre, Eduardo Lee, de amigo tornado inimigo, o agrediu como se quisesse massacrá-lo e que nos três libelos de resposta

---

<sup>461</sup> ERASMI, p. 113. Carta 026, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. \*Proteu: Na mitologia grega era uma entidade famosa por suas metamorfoses e significa aquele que muda facilmente de opinião ou de sistema.

<sup>462</sup> ERASMI, p. 27. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Sed a rixarum commemoracione libenter discedo.” \*Marcos Laurinus ou Lauweryn: Além de uma carta apologética publicada à parte, Erasmo refere-se a ele em outras cartas, como na carta 296, na qual narra que foi se encontrar em Bolonha com os filhos do tesoureiro. \*Jacob Van Hoogstraten ou Jacó Hoogstratus (1460? 1465? – 1527): Ele foi dominicano, chefe dos escolásticos, ardente defensor do antijudaísmo, censor geral da fé e inquisidor nas províncias de Colônia, Trêves e Mainz. Erasmo escreveu-lhe uma carta apologética, publicada à parte.

<sup>463</sup> Id., Ibid., p. 22. \*Martin Dorpius: (1485 - 1525). Professor do Colégio de Lys, em Lovaina e reitor dessa universidade em 1523.

<sup>464</sup> Id., Ibid., p. 22. Jacques Lefèvre d’Étaples (c. 1455 – 1537): Consagrou sua vida à restauração da piedade cristã e é considerado um representante do Evangelismo em França. Ele achava excessivo o racionalismo de Erasmo. Uma viva controvérsia explodiu entre eles em 1517, sem alterar a estima recíproca.

perdeu cinquenta dias entre escrever e editar, pois corrigiu pessoalmente todas as páginas, trabalho do qual ele tem testemunhas, mas que omitiu um dos três libelos na segunda edição. Isto “[...] porque ele respondia apenas às virulências dele e às suas rixas mais que femininas, nas quais nada podia retornar para o leitor quer de utilidade quer de prazer.”<sup>465</sup> Se por um lado, Erasmo procura poupar seu adversário, deixando de publicar um libelo que apenas responde às virulências de Lee, por outro lado ele o satiriza com veemência, quer por suas rixas femininas, quer por seus ataques que nada trazem de útil ou agradável. Além disso, seus libelos não são ocasionais, mas refletidos e repensados.

Erasmo escreve que, em seguida, precipitou-se Jacques Latomus, candidato à láurea teológica, o primeiro a publicar literatura caluniosa contra ele e que, em resposta ao seu libelo, com suas estrofes oblíquas, as quais revelam o caráter do homem, respondeu laconicamente. “[...] e nesse ínterim temperando os afetos, já que então a esperança era que o homem algum dia adotasse um costume um tanto mais benfazejo.”<sup>466</sup> Ser lacônico, não gastando mais palavras que o necessário, significa moderação das palavras. Controlar os sentimentos é moderação de temperamento. Moderações que se fundamentam na esperança de que o sujeito mude sua conduta. Logo, a sátira erasmiana se apresenta como uma resposta moderada e não maledicente.

Na seqüência, Erasmo conta que Atensis, vice-chanceler da Universidade de Lovaina, homem íntegro, teólogo inigualável, muito seu amigo, mas de gênio irascível, foi subornado na escola pública, pelos artífices que conseguem transformar em raiva um manso espírito, para que o atacasse com espantosas estrofes e dizeres oblíquos, impingindo-lhe a marca de herege, porque louvou o matrimônio mais que o suficiente. E, que é por isso que, logo depois, ele respondeu com a edição de um libelo “[...] não a Atensis, mas às suspeitas dos homens, agindo mais por causa deles do que por minha causa.”<sup>467</sup> Em primeiro lugar, na denúncia do erro e dos seus culpados já está posta por Erasmo a desculpa do acusador, pois, se responde às críticas de Atensis, o absolve

---

<sup>465</sup> Id., Ibid., p. 22. “[...] quod is tantum ad virulentias illius et plus quam muliebres rixas responderet, ex quibus ad lectorem nulla redire posset vel utilitas vel voluptas.” \*Eduardo Lee (c. 1482 –1544): Teólogo inglês. Foi embaixador de Henrique VIII e apoiou o rei em suas controvérsias com o papado. Tornou-se arcebispo de York em 1531. Desde 1519, ele manteve vivas discussões com Erasmo, pelo que este respondeu com três cartas-libelo.

<sup>466</sup> Id., Ibid., p. 22. “[...] interim et ab affectibus temperantes; quoniam spes tum erat hominem aliquando sumpturum mores aliquanto candidiores.” \*Jacques Latomus ou Masson (1475 – 1544): Em Lovaina ele foi provedor da casa fundada por Jean Standonck, para os estudantes pobres e reitor dessa universidade em 1537. Ele foi durante muito tempo o porta-voz nas controvérsias entre Lutero e Erasmo. Erasmo defendeu-se de seus ataques com cartas-libelo.

<sup>467</sup> Id., Ibid., p. 22-23. “[...] non Atensi, sed hominum suspicionibus magis illius causam agens quam meam” \*João Briard de Beloil: De Ath, por isso muitas vezes conhecido como Atensis, foi professor e muitas vezes reitor da Universidade de Lovaina. Ele morreu em 1521.

por achar que ele é subornado por pessoas mal-intencionadas. Em segundo lugar, a sua sátira ao matrimônio, entre tantas, custa-lhe, além do ataque de Atensis, até a marca de herege, motivo pelo qual, em suas cartas, ele faz questão de reforçar suas intenções para que não seja incompreendido. Em terceiro lugar, ele rebate o ataque de um homem não para atingir somente a ele e sim a todos aqueles que com ele estão envolvidos e não só a estes, mas a universalidade dos homens. É isso que está presente nele, aproveitar todas as ocasiões, mesmo as mais desagradáveis, para ensinar a humanidade, não por sua causa, mas por causa dela. Agir por causa dos outros leva a pessoa a fazer coisas que normalmente não faria. É aqui que muitos interpretam Erasmo e sua sátira como sarcásticos. Porém, sua sátira, que parece sarcástica a primeira vista, é na verdade pedagógica. Ele não está só se defendendo, mas, principalmente, ensinando como agir.

Erasmo relata que já se avistava o fim de todos esses males, quando saltou da Espanha Diego Lopes Stunica, um homem arrogante, descarado, insensato, cheio de si, de amargos discursos, nascido para gritarias e de sinistra reputação. Ao seu livro, que fazia muita fumaça, ele respondeu com poucas palavras, mas nunca se arrependeu tanto de responder a alguém. Quando este foi a Roma para ali se gloriar de um tão belo livro, novamente emitiu contra ele outro livro, que deu o título de *Blasfêmias e Impiedades de Erasmo*, o que nada se produziu de mais insano algum dia. Quando respondeu a este com poucas palavras e com desdém como merecia, o mesmo avançou com outro libelo, precursor dos três, nos quais, como um ótimo histrião, mostrava de quanta maledicência era capaz. Ele respondeu com igual óleo, porque admira o pervertido descaramento de certos homens que atacam com virulência aqueles que se esforçam para fazer bem as coisas, e, como se tivessem feito uma bela ação, avançam novamente para a arena, além de desafiarem para o combate, e, não se limpando nesse meio tempo, continuam a lançar lodo nos outros. E, conclui: “Com certeza, se me acontecesse algo semelhante, eu próprio me afastaria para a solidão e sentiria vergonha de avançar de novo para o teatro dos homens.”<sup>468</sup> A sátira, embora ferina, pois responde com o igual óleo, é a resposta necessária de Erasmo aos

---

<sup>468</sup> Id., Ibid., p. 23-24. “Ego certe, si quid mihi simile accidisset, abdrem memet in solitudine, et puderet rursus in eruditorum hominum prodire theatrum.” \*Diego Lopes Stunica ou Zuniga: Teólogo da Universidade de Alcala, Espanha. Ele escreveu primeiramente *Anotações* contra Lefèvre e Erasmo, depois o livro *Blasfêmias e Impiedades de Erasmo*. Como o papa Leão X e depois os seus sucessores Adriano VI (Adriano de Floriszoon, 1459 – 1523, o qual se tornou papa, de 1522 a 1523) e Clemente VII (Doge em Lovaina, preceptor e embaixador de Carlos V, que foi cardeal em 1517 e papa de 1523 a 1534) proibiram a publicação do livro, Stunica emitiu algumas conclusões acerca dos escritos de Erasmo. Ele morreu em Nápoles, em 1531. \*Histrião: No antigo teatro romano cada uma dos mimos, jograis ou comediantes etruscos que representavam as fábulas ou farsas do período. No teatro, farsista, comediante, cômico. Por extensão, bufão, palhaço, bobo; indivíduo ridículo ou vil.

caluniadores recalitrantes, a fim de mostrar os erros dos ataques e tirar pedagogicamente lições acerca do comportamento humano. Assim, por um lado, ele entende que não age como seus caluniadores, pois esse é o comportamento que pretende modificar. Ele quer que sua atitude seja a conduta universal, pois só assim se pode aparecer entre os eruditos. Isso quer dizer que ser erudito, não é só saber bem as letras, mas que é preciso ter uma postura correta. Por outro lado, o mundo da erudição não deixa de ser um teatro, uma representação. Nesse teatro dos homens, ao mesmo tempo em que afirma a vida erudita como teatro, ele mostra que é preciso modificar as cenas e os personagens, é preciso que os atores tomem uma nova posição. Essa é a pedagogia de Erasmo, E aqui, ele está sendo simultaneamente satírico e pedagogo, binômio inseparável.

O próximo sicofanta a atacar foi um teólogo carmelita, que costuma ter a língua em lugar do cálamo e tem mesmo uma língua, mas digna do uso ao qual indicou Catulo, relata Erasmo. Seu jogo consistiu, nas bebedeiras, nas preleções teológicas e também nas assembléias públicas em chamá-lo de herético e tanto continuou que passou a ser considerado insano por todas as pessoas de espírito são. “A esta calúnia da mais insigne impudência refutamos com um breve libelo, mas sem convício, suprimindo também o nome do homem, e, contudo, ele se indigna.”<sup>469</sup> Primeiramente, a sátira erasmiana, mesmo que debochada, é revestida de pedagógica erudição, o que lhe retira o caráter chulo, uma vez que, sem o dizer, diz o que disse Catulo a Vectius, que uma língua igual a de Egmondanus é feita para lambar o rabo ou o sapato dos camponeses. Em segundo lugar, a sua resposta é na forma de apologia, diatribe ou libelo, mas sem mordacidade, sem afronta, além disso, omitindo o nome do caluniador, pois, não deseja destruí-lo, mas educá-lo, e, por meio dele, a todos os homens.

A seguir, corrigindo a interpretação do carmelita que o acusava de dois crimes, de heresia e de falsificação, e reafirmando que publicou uma *Apologia* da passagem da Epístola aos Coríntios “Na verdade, todos nós ressuscitaremos, mas nem todos nós seremos transformados”, Erasmo satiriza: “Aquele Corebo não viu que o que ele blaterava em minha tradução, caía na lição eclesiástica.”<sup>470</sup> Erasmo faz sua parte, mostra suas intenções, explica seus motivos, prova

---

<sup>469</sup> Id., Ibid., p. 24-25. “Hanc calumniam insigniter impudentem libello brevi refellimus, sed absque convicio, supresso etiam hominis nomine, et tamen indignatur.” \*O teólogo carmelita é Nicolas Baechem, ou Egmondanus. Ele nasceu em Egmont, em torno de 1470, foi prior dos carmelitas em Lovaina. Em 1520 foi nomeado inquisidor por Carlos V. \*Caio Valério Catulo (c. 87 – 54 a.C.): Escritor e poeta lírico latino. Ele compôs 116 peças poéticas (*Carmina*). A expressão usada por Erasmo encontra-se em Catulo (98).

<sup>470</sup> Id., Ibid., p. 26. “Non vidit ille Corebus, quicquid hic blateravit in mean versionem, cadere in lectionem ecclesiasticam.” \*A passagem da epístola é a de I Cor 15, 51. \*Corebo (*Coroebus*): Existiram vários personagens com esse nome, mas, segundo Hesíquio (séc. V d.C., de Alexandria), ele foi um louco.

que não é nem falso, nem herege, mas verdadeiramente cristão. Contudo, a polêmica em lugar de diminuir é normalmente acrescida de novas intrigas. Uma vez provocado, ele contra-ataca, o que não quer dizer que sua sátira advenha da provocação, mas significa que a apologia é apenas uma forma veemente de diluir as calúnias. Ora, ele não contradiz a doutrina da Igreja em seus verdadeiros fundamentos. Os teólogos, entre os quais o carmelita, é que interpretam erroneamente sua doutrina, inclusive por se basearem em textos não fidedignos. Por isso ele busca nos textos, os mais originais possíveis, a sua verdadeira significação, não para negar, mas para confirmar a verdadeira doutrina da Igreja. Assim, a sua sátira só é compreensível no âmbito desse seu profundo espírito cristão, aliado ao rigor da exegese.

Mesmo não querendo lembrar essas querelas, Erasmo escreve que quando parecia que a rixa já estava no fim e contra toda expectativa surgiu Ulrich Hutten, de amigo transformado em hostil, tanto poder têm as más línguas Apesar disso, ele não teria respondido se os amigos não julgassem que isso era de interesse de sua reputação. Em seguida, contra aqueles que fazem toda força a fim de que ele comprima o cálamo até contra um morto, afiança: “Porque afinal eles nunca extorquirão isso de mim, pois não me agrada delirar, e, eu vejo a coisa estender-se inteiramente em raiva. Além disso, não tenho ânimo para sair ao encontro do gladiador com libelos desse tipo.”<sup>471</sup> Antes de tudo, Erasmo desculpa Hutten porque conhece o poder das más línguas sobre os homens levianos e só se dispõe a escrever contra ele sob pressão dos amigos. Depois, ele não se digna ir ao ataque, recusando-se a usar o cálamo para denegrir os vivos e muito menos um morto, uma vez que isso é delírio e o resultado é a fúria generalizada. Ele não quer um combate de gladiadores, mas moderação, disputa acadêmica, polêmica literária, diatribe construtiva.

Por isso, *Esponja* é a resposta de Erasmo a Hutten. Primeiramente, àqueles que querem que *Esponja* pareça atroz e procaz, ele pede para lembrarem que estima muito o caráter de Hutten e que, com candura, o tem recomendado ao mundo em seus escritos editados e o tem louvado em suas cartas junto aos seus amigos, chegando a compará-lo a Thomas More. Em seguida, ele denuncia que Hutten não só violou os direitos da amizade como também, com as insídias mais

---

<sup>471</sup> Id., Ibid., p. 27. “Quod tamen a me nunquam extorquebunt; nec enim libet furere, et video rem prorsus exisse in rabiem. Proinde posthac non est animus cum istiusmodi gladiatorii libellis congregi.” \*Ulrich Von Hutten ou Ulrich Hutten (1488 - 1523): Teve uma vida venturosa e guerreira. Ele escreveu em 1516 as *Cartas dos Homens Obscuros*, contra o clero e os monges. Ele tentou sublevar as cidades livres e os camponeses contra os príncipes e os bispos. Inicialmente ele se opôs a Erasmo e depois a Lutero. Hutten morreu (antes desta carta) de mal francês (sífilis), ao qual, em 1519, ele havia consagrado uma obra. Contra ele, Erasmo escreveu *Esponja (Spongea)*.

hostis, atacou a fama e a vida de seu amigo, sem outra razão senão a de degolar com o cálamo o que não podia com o gládio. Depois, ele atesta que em nenhuma parte da *Esponja* se opôs aos crimes, conhecidos e verdadeiros, de Hutten, não fazendo referência ao dinheiro extorquido dos cartuxos, aos vários monges mutilados, ao assalto a três abades na via pública e muitas outras coisas desse gênero que o povo renova por toda parte. Enfim, Erasmo retoma que, contra um amigo e também de tão grande mérito como ele, Hutten amontoou impudentemente uma Lerna dos mais falsos crimes.<sup>472</sup> Na defesa da *Esponja*, a sátira de Erasmo, se irônica e incisiva, nada tem de mordacidade. Todavia, mesmo que não seja para destruir o adversário, dizendo que não disse ou não diz, a sua sátira vai dizendo as verdades.

Com efeito, *Esponja* não visa à contumélia, mas à utilidade pública. Nesse sentido, Erasmo repete:

E em toda *Esponja*, nenhum convício sobre o predador, o raptor, o ladrão ou o usurpador. Pois o que ali no gênero é dito, refere-se não à contumélia de alguém mas à utilidade de todos. E existem aqueles para os quais eu sou visto como atroz na *Esponja*. Que nugas ele postula, quanto ele exagera com palavras atroztes.<sup>473</sup>

Na *Esponja*, diversamente de seus opositores, Erasmo não grita contra os crimes alheios, não ofende a ninguém, inversamente, quer estar a serviço de todos. Alguns poderiam interpretar que, usando da linguagem satírica, ele queira dizer exatamente o oposto daquilo que está dizendo, como é típico desse tipo de linguagem, ou seja, que pretende parecer inocente para continuar atacando. No entanto, não é isso que se infere daqui ou do conjunto de suas obras ou de sua correspondência. O que fica claro é a sinceridade naquilo que diz. Lembremos que tudo em Erasmo passa pelo crivo da revisão, portanto, da meditação profunda. Tudo indica que ele esteja expressando o que realmente sente e pensa.

Além do mais, *Esponja* mostra a diferença entre apologia como veneno e como vinho. “O médico Evangélico infundiu vinho nas feridas, mas também acrescentou óleo; e ele infundiu vinho, não vinagre; estes infundiram veneno em vez de vinho. Eles não matam a alguém com o gládio, mas mais celeradamente com suas línguas e o cálamo.”<sup>474</sup> Erasmo torna evidente a diferença entre ele e os seus adversários, como Hutten, que derramam veneno nas feridas em

---

<sup>472</sup> Id., Ibid., p. 27. \*Procaz (*procax*): Atrevido, descarado, impudente, insolente, petulante.

<sup>473</sup> Id., Ibid., p. 28. “At in tota Spongia nullum praedonis, raptoris aut latronis aut decoctoris convicium. Nam quod illic in genere dicitur, ad nullius contumeliam sed ad omnium utilitatem pertinet. Et sunt quibus videor atrox in Spongia. Quas nugas ille expostulator, quam atrocibus verbis exaggerat!”

<sup>474</sup> Id., Ibid., p. 29. “Vinum infundit vulneribus medicus Evangelicus, sed idem addit oleum; et vinum infundit, non acetum. Isti quidam venenum infundunt pro vino. Neminem occidunt gladio, sed sceleratius linguis et calamo.” \*A parábola do bom samaritano encontra-se em Lc 10, 25-37; Mt 22, 34-40 e Mar 12, 28-34.

lugar de vinho e óleo, e matam as pessoas pior do que se fosse pela espada, com a calúnia verbal e escrita, exatamente o oposto do médico do Evangelho. Erasmo, ao contrário, é como o bom samaritano que verte vinho e óleo nas feridas do homem que foi atacado pelos assaltantes. Sua sátira não é maledicência, mas remédio eficaz na cicatrização das feridas humanas. Essa é pelo menos sua intenção manifesta.

Na apologia que faz de Valla, a sátira de Erasmo é também dolorosa, mas necessária. Ao encontrar numa biblioteca as *Anotações* sobre o Novo Testamento, de Lourenço Valla, ele faz a defesa desse autor:

[...] porquanto aquele que, pelo esforço de restituir as partes da coisa literária, de forma ciente e prudente, assumiu para si coisas muitíssimas odiosas. Com efeito, este homem tão aguçado percebia que um morbo antigo não podia ser sanada, salvo com remédios amargos e dolorosas amputações, e a maior parte disso com a máxima dor; ele igualmente não desconhecia ser de tal modo próprio dos delicados ouvidos, que com dificuldades se encontra, também entre os bons homens, aqueles que gostam de ouvir a verdade; e que poderia acontecer que gritassem não somente aqueles que ele tocasse a úlcera, mas também aqueles que fingissem medo para si próprios por causa do mal alheio; mesmo assim, excitado por uma espécie de piedoso arrebatamento, ele não recusou nenhum trabalho, nenhuma inveja, contanto que seu benefício recomendasse a não poucos ingratos (mas, convinha que todos fossem gratos). Mas, então, por causa de nosso vício acontece que preposteramente o favor faz parir amigos e a verdade o ódio.<sup>475</sup>

Em primeiro lugar, na opinião de Erasmo, o desejo de estabelecer corretamente o papel da literatura, em lugar de trazer reconhecimento para Valla, traz-lhe o ódio, já que este ousa comentar o Novo Testamento de uma forma não tão ortodoxa. Em segundo lugar, Erasmo e Valla sabem que não se curam os vícios senão com remédios e intervenções cirúrgicas, dolorosas, mas eficazes. Essa é a tarefa que a sátira erasmiana cumpre. Em terceiro lugar, ambos não ignoram que os ouvidos dos homens são recalcitrantes à verdade. Como então amolecê-los senão com um método eficaz? A sátira erasmiana é esse método eficaz de amolecimento dos ouvidos humanos para o amor à verdade. Em quarto lugar, não gritam somente aqueles que são atingidos pela crítica, mas todos aqueles que temem ser alvo dela, já que ela foi, é, e será dirigida contra alguém. Como uma obra crítica, assim também é a sátira erasmiana, ambas educativas, mas que

---

<sup>475</sup> ERASMI, p. 407-408. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “[...] quippe qui studio restituendae rei litterariae partes multo odiosissimas sciens ac prudens sibi sumpserit. Neque enim non videbat vir acutus tam inveteratum morbum, non posse sanari nisi tristibus pharmacis usturis ac sectionibus, idque magno cum dolore plurimorum; neque vero nesciebat adeo delicatas esse mortalium aureis, ut vix etiam inter bonos viros invenias qui verum libenter audiat; foreque ut non ii tantum exclamarent quorum hulcera tetigisset, verum etiam illi qui ex alieno malo sibi metum fingerent; tamen pio quodam calore percitus nullum laborem, nullam recusavit invidiam, modo paucis non ingratis (omneis autem gratos esse oportebat) beneficium suuum commendaret. At nunc nostro vitio fit ut praepostere obsequium amicos, veritas odium pariat.” \*Cristóvão Fisher: Inglês ao serviço na França da corte pontifical, morto em 1511. Ele foi nomeado bispo de Elphin, na Irlanda e tornou-se secretário do Sacro Colégio em Roma. Erasmo gozou de sua hospitalidade em Paris.

incomodam, e porque incomodam, são educativas. Em quinto lugar, ambos recusam toda fadiga e toda inveja para, com seus trabalhos, trazer benefícios para todos, malgrado muitos homens lhes serem ingratos. Mesmo considerando que os homens lhes devem ser gratos, o que não o são, nem por isso ambos deixam de produzir, pois são inflamados não por coisas vãs, como a inveja, o desejo de honra etc., mas tão e unicamente por um zelo piedoso. A sátira erasmiana bate nos vícios e nos homens viciados, para preservar a piedade. Em sexto lugar, a sátira erasmiana mostra que as coisas estão às avessas, ou seja, a bajulação atrai amigos e a verdade atrai o ódio. Ao mesmo tempo, ela ensina que a ordem deve ser re-invertida, para que a verdade ocupe sua posição normal, atraindo, não o ódio, mas, os amigos. Para isso é que os autores, como Valla e ele, produzem suas obras. Enquanto a verdade não ocorre, é preciso bater satiricamente nos vícios humanos.

Erasmus continua a defender Valla, defesa que nos mostra que dissentir não significa sujar, mas ensinar. “Contudo, eles dizem, que ele tem feno no corno e a todos dilacera. Afinal, eles assim não chamam dilacerar o dissentir nas letras, embora, com a intenção de ensinar, tu mui grandemente louvas e pouquíssimas coisas sugilas?”<sup>476</sup> Em primeiro lugar, os detratores de Erasmo, da mesma maneira que fazem com Valla, dizem que ele a todos destrata, quando dilacerar é o que ele menos quer, uma vez que sua sátira não é dilacerante, mas construtiva. O que ele pretende é ensinar, por isso, se acaba por machucar em alguns pontos, sua meta é mais louvar. Em segundo lugar, a linguagem laudatória e a linguagem satírica são utilizadas conforme as circunstâncias isoladas ou em conjunto, mas ambas orientadas pelo precípua propósito pedagógico. Além disso, não se deve esquecer que a crítica reflete apenas divergência de opiniões, o que dá à sátira de Erasmo o caráter de diatribe acadêmica, pois apenas assim ele quer que ela seja entendida.

Na continuidade da crítica aos detratores de Valla, podemos encontrar a justificativa para o uso que Erasmo faz de sua própria sátira. Ele diz, por primeiro, que Valla condenou corretamente em tudo certas pessoas, o que era necessário para tirar a autoridade dos ignorantes que tinham a pele de leão sobre o dorso de asno, e para que a turba de imperitos não seguisse o péssimo como ótimo. Em seguida, que as letras, depravadas e contaminadas por eles, requerem mais a audácia de um Zoilo e um fustigador de bárbaros que um Partênio, isto é, reclamam mais

---

<sup>476</sup> Id., Ibid., p. 408. “Sed foenum, inquit, habet in cornu et neminem non lacerat. Itane tandem lacerare vocant dissentire in Literis, ac docendi studio, quum plurima laudaris, paucula quaedam suggilare?” \*Faenum (ou foenum) habet in cornu, quer dizer indivíduo de maus bofes.

um acre censor e alguém muito Momo. Por fim, para ser contumelioso, como quem ouse “responder aos golpes do trovão com um petardo”, de acordo com a antiga comédia, que é preferível alguém que ao mau nó faça uso de uma cunha má.<sup>477</sup> A sátira erasmiana é um Zoilo, é uma fustigadora de bárbaros, é uma acerba, mas cômica censora, é uma cunha terrível que fende os vícios, porque necessita vencer a resistência de duríssimos nós arraigados no coração dos homens. Em outras e nas sempre mesmas palavras, a sátira erasmiana contém uma linguagem pedagógica.

Na mesma direção prossegue Erasmo, em defesa da sátira:

Porque se alguém ponderasse com quanta fealdade estes bárbaros confundiram todas as disciplinas, com quanta arrogância eles ensinam cabalmente sua insciência, com que estúpida teimosia eles defendem a própria ignorância e desdenham a erudição alheia, talvez pudesse julgar muito modesta a dor de Valla, sua piedosa cólera, e sua repreensão mais necessária que petulante; ou que por isto ele certamente merecia o favor dos eruditos, porque embora ela em si seja muito ínvada, contudo ela é sustentada por Lourenço para ajudar a nossa causa.<sup>478</sup>

Ao mesmo tempo em que satiriza, ao fazer a defesa de Valla, Erasmo está defendendo não somente o uso da sátira por Valla, nem mesmo o seu próprio uso dela, mas principalmente o seu uso em geral. É a união entre a teoria e a prática, pois nada melhor que, ao fundamentar os princípios teóricos da sátira, ele o faça por meio de sua aplicação. A sátira erasmiana é assim um método de explicitar a teoria da sátira. Por outro lado, ele lembra que a repreensão - a crítica, a sátira -, mesmo que salutar pode ser ínvada em si, ou seja, provoca naturalmente a inveja. Sua eficácia, portanto, depende da forma como se a usa e dos ouvidos daqueles que a recebem. Se usarmos a sátira para destruir ela provocará a destruição e a inveja. Se a sátira for construtiva ela poderá provocar a inveja, pois esse é um elemento inerente a ela, mas isso em favor de ajudar os homens no combate aos vícios e na busca da verdade, da virtude e da piedade.

---

<sup>477</sup> Id., Ibid., p. 408. \*Erasmo utiliza muitas citações em grego. \*Zoilo (Zoilum): Ele foi um crítico grego do séc. IV a.C., detrator de Homero, e figurativamente quer dizer crítico injusto e ou invejoso. \*Partênio (Parthenius): Natural da Bitínia, veio a Roma como prisioneiro em 73 a.C. Ele foi autor de elegias e compilador de lendas amorosas. Partênio representa uma indulgente doçura, oposta a Zoilo e à acre sátira de Momo. \*Petardos: É a resposta pessoal de Estrepsíades aos estrondos vindos do céu, cf. Aristófanes, *As nuvens*, 293-4. \*Aristófanes: O maior representante da Comédia Nova da Grécia Antiga. Algumas de suas comédias são: *As Nuvens*, *As Vespas*, *As Rãs*, *As Aves*, *A Assembléia das Mulheres*, *Plutão* etc. Erasmo o leu, com certeza, depois do retorno de sua primeira estadia na Inglaterra. \*A expressão latina é: “quippe malo nodo malum cuneum adhiberet” (porquanto a um mau nó aplica-se uma cunha má; ou numa tradução mais livre: que se saiba meter uma cunha temerária lá onde a árvore tem um nó temerário).

<sup>478</sup> Id., Ibid., p. 409. “Quod si quis perpenderit quam foede disciplinas omnis confuderint isti Gothi, quanto supercilio suam inscitiam perdoceant, quam stolidam pervicaciam et propriam tueantur ignorantiam et alienam eruditionem aspernentur, fortasse permodestus videbitur Vallae dolor, pia stomachatio, ac necessaria magis quam procax repraehensio; quae quidem vel ob hoc ipsum favorem eruditorum promerebatur, quod quum per se sit invidiosa, tamen est ab Laurentio nostri iuvandi causa suscepta.”

“E veja, eu te peço, quão somos iníquos com esse esforço, pelo contrário, quão somos inúteis para nós mesmos.”<sup>479</sup> Ou seja, nada entendemos sobre o assunto da repreensão, da crítica, da sátira, uma vez que invertemos tudo, sendo injustos com aqueles que usam da crítica sabiamente, e, assim, nos tornamos inúteis para nós mesmos, pois não sabemos distinguir aquilo que é contra nós daquilo que é para o nosso bem. Para quem não quer vencer a iniquidade, de qualquer forma que a sátira se apresente, ela perde sua eficácia. É preciso que Valla ou que Erasmo nos mostrem nossos verdadeiros interesses. A crítica de Valla foi mal-compreendida e por isso Erasmo se esforça por resgatar seu sentido profundo. Nesse esforço justifica-se o uso de sua própria sátira, ao mesmo tempo em que a fundamenta.

Ainda na defesa de Valla, ao mesmo tempo em que satiriza, Erasmo apresenta os destinatários de sua sátira. Ele afirma que é preciso agora vir àquilo que os próprios argumentos são; augura que existirão aqueles que apenas ao mal dar uma lida na obra, antes de conhecerem o assunto, haverão de exclamar imediatamente de modo trágico, ó céu, ó terra, como belamente advertiu Aristófanes em *Plutão*, de não gemer nem gritar antes de ter compreendido; não sabe se aqueles que hão de perturbar odiosamente a tudo não são aqueles para os quais a maior parte de sua utilidade diz respeito, sem dúvida, os teólogos; estes dirão que não deve ser suportada a temeridade de um gramático que, depois de ter atacado todas as disciplinas, abate o petulante cálamo até mesmo sobre as letras sagradas; traduzir as divinas escrituras é tarefa dos gramáticos, pois não é absurdo se em algumas coisas Jetro saiba mais que Moisés; a gramática, de dignidade inferior à teologia, é mais que necessária, e mesmo tratando de nugas, ensina seriamente; como diz Jerônimo a seu querido Desidério, uma coisa é ser vate, outra intérprete; o espírito prediz a ventura, a erudição entende e transfere para a abundância das palavras.<sup>480</sup> Logo, para criticar um autor é preciso primeiro compreendê-lo, sendo fundamental para isso entender também porque ele satiriza. A sátira se dirige primeiramente àqueles que nada sabem e que são por isso os que mais gritam, ou seja, aos teólogos. Mesmo a estes, ela não pretende destruir, mas prestar serviço, apesar de sua obstinada oposição. Embora eles não aceitem, a sátira se estende até sobre as letras divinas, pois o gramático também tem que se debruçar sobre elas. Não é nenhum absurdo que o gramático entenda mais que os teólogos em determinados assuntos. Isto porque, embora a

---

<sup>479</sup> Id., Ibid., p. 409. “Ac vide, quaeso, quam hic studio sumus iniqui, imo quam nobis ipsis inutiles.”

<sup>480</sup> Id., Ibid., p. 409-410. \*O pensamento de Aristófanes encontra-se na peça cômica *Plutão*, verso 477. \*Jetro: Sogro de Moisés, cf. Êxodo, 2, 20-21; 3, 18. \*Desidério: Um nobre romano (com o mesmo pré-nome de Erasmo), correspondente de São Jerônimo.

gramática seja menos importante que a teologia, há diferença entre ser profeta (tarefa da teologia) e traduzir (tarefa da gramática), já que a primeira prevê o que ocorre, a segunda entende e transpõe isso para os recursos da linguagem. Por isso, a sátira erasmiana não nega a retórica, inversamente, se reveste dela, daí ser erudita, um argumento a mais para sua eficácia, tudo não de forma destrutiva, mas construtiva, pedagógica.

Definitivamente, a sátira erasmiana não se propõe destrutiva, mas construtiva. O acaso é dado pela sabedoria de Erasmo em saber aproveitar as circunstâncias da vida para erigir sua produção teórica. São as contradições da vida e o predomínio do sentimento dos amigos sobre seu próprio julgamento que o levam a escrever predominantemente, não como diatribe, libelo, apologia, defesa, revanche, como muitos o interpretam, mesmo que também tenha escrito por esse motivo, mas com o fito de agradar e mais ainda de buscar o bem do outro e não o seu. A sátira assim não é ofensiva, ela é educativa. Outro ponto a considerar a partir daí é que quando se escreve não deve ser o julgamento do escritor que deve vir primeiro e sim o destinatário da obra. Se a preocupação é com o sentimento do leitor, certamente Erasmo não tem em vista feri-lo pura e simplesmente e sim, em não provocando um sentimento adverso, a atingir-lhe exatamente no seu sentimento para que ele tome conta de seus erros e corrija-se. Portanto, a sátira em Erasmo não intenciona destruir e sim pedagogicamente construir.

## CAPÍTULO IV

### DA SÁTIRA COMO MÉTODO PRIVILEGIADO DE EDUCAÇÃO À PEDAGOGIA A PARTIR DE CATEGORIAS PEDAGÓGICAS

O objetivo deste último capítulo é o de comprovar a sátira erasmiana como método privilegiado de educação a ponto até de se poder considerá-la como pedagogia, mas agora analisada a partir de algumas categorias, que denominamos pedagógicas, porque elas se referem de um modo mais direto à educação, quais sejam: paciência, moderação, liberdade; mordacidade; riso; sátira construtiva; sátira e pedagogia.

#### 4.1 SÁTIRA, PACIÊNCIA, MODERAÇÃO E LIBERDADE

Nosso objetivo nesta subseção é mostrar que, temperada pela paciência, entre a liberdade e a caridade, que definem a moderação, a sátira de Erasmo é a expressão erudita desse ponto de equilíbrio, é amiga e livre e visa à liberdade, portanto, é intencionalmente construtiva.

Quanto à paciência, escolhemos apenas um excerto, repetido em duas situações análogas, ilustrativo de sua importância. Na carta 08, utilizando os clássicos, neste caso Horácio, Erasmo escreve a Servatius: “É duro, certamente, mas a paciência torna mais leve seja o que for se corrigir de ilícito.”<sup>481</sup> Privado da amizade do amigo Servatius, amizade que ele preza acima de tudo, apenas tolerando o descaso do amigo, ele repete a mesma citação na carta 013.<sup>482</sup> Logo, paciência não quer dizer conformismo, muito pelo contrário, significa temperar o ânimo, o que acaba por suavizar o peso da sátira, pois aquilo que não é permitido não deve ser feito, mas deve ser corrigido, porém, isso exige paciência. Assim, a sátira de Erasmo deve ser entendida enquanto postura de paciência para modificar construtivamente o ilícito, que é exatamente a pedagogia erasmiana da mudança.

Paciente que é, Erasmo busca a moderação, a qual se explicita na denúncia de que “De raivosa maledicência que pode nascer senão uma cruenta sedição?”<sup>483</sup> Avesso à polêmica e

---

<sup>481</sup> ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*: Tom. I. Per P. S. Allen; M.A., 1906, p. 82. Carta 008, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1487. “Durum quidem, sed levius fit patientia quidquid corrigere est nefas.” \*Horácio. *Odes*. I, 24, 19.

<sup>482</sup> ERASMI, p. 86. Carta 013, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488.

<sup>483</sup> ERASMI, p. 28. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Ex rabiosa maledicentia quid nasci potest nisi cruenta seditio?”

buscando a moderação pela concórdia, ele argumenta: “Eu concederei a outrem com dificuldade que ele favoreça mais ao Evangelho quanto eu favoreço, porém, eu desejava ardentemente tratar este negócio com tal moderação que fosse feito o que é comum a todos sem sedição”.<sup>484</sup> No sentimento de Erasmo, ninguém busca mais que ele aquilo que o Evangelho prega e, na realização da vontade evangélica, ele age com toda moderação possível, pois, inimigo das disputas, visa ao bem comum, não conseguido pela violência e sim pela concórdia, na sua voracidade pela paz.

Moderado que é, Erasmo prega a moderação. “Não dissuado os que querem apagar o incêndio, mas me dano com aqueles que acrescentam óleo pela chaminé e com o morbo, que inveterou por já mais de mil anos, quererem tolher de súbito com violentos remédios, com o máximo perigo para todo o corpo.”<sup>485</sup> Por conseguinte, os que numa polêmica querem apagar o incêndio têm a aprovação de Erasmo. Contrariamente, os que querem manter a polêmica, e pior ainda, aumentá-la, são como aqueles que põem óleo numa lareira acesa, como os que colocam mais lenha na fogueira. A estes Erasmo reprova não só pelo fato de polemizarem por polemizar, mas também pelos seus métodos de combate ao incêndio, pois ao usarem óleo em lugar de água, seu remédio é tão venenoso que ao invés de curar provocam o perigo para todas as pessoas. Quanto a Erasmo, a sátira é seu remédio salutar contra os males milenares.

Com efeito, Erasmo não quer a dissensão. Ele escreve que pretende fazer brevemente a tréplica à réplica de Colet sobre o medo de Jesus no Horto das Oliveiras, pois a verbosidade é vista por ambos como esterilidade de ânimo. Além disso, ele deseja que sua luta seja a mais incruenta possível, defendendo-se sem que São Jerônimo ou qualquer outro receba o menor ferimento, pois seu intento é mitigar o debate e não endurecê-lo, trabalhando não para si, mas para Colet. Em lugar de correr perigo, como o faz Colet defendendo Jerônimo e combatendo a quem a ele se opõe, ele prefere navegar no porto. Quando Colet refutar sua argumentação, ele dará ingenuamente as mãos ou a defenderá mais fortemente. Em seguida, ele elogia que belamente Colet tinha aconselhado que o fogo de suas razões, como os colidentes sílices, todas as vezes que luzissem, juntos apreenderiam. Depois, ele supõe que Colet achava que sua pedra apenas tocava no sílex do amigo e imaginava que a verdade, profundamente escondida nas

---

<sup>484</sup> Id., Ibid., p. 36. “Ego vix ulli concesserim ut magis faveat Evangelio quam faveo; caeterum hoc negotium ea moderatione tractari cupiebam, ut absque seditione fieret omnium commune.”

<sup>485</sup> Id., Ibid., p. 30. “Nec revoco volentes incendium restinguere, sed eos damno qui oleum addunt camino et morbum, qui iam annis plus mille inveteravit, violentis pharmacis subito volunt tollere, maximo totius corporis periculo.”

íntimas veias, pudesse cintilar de repente na primeira colisão e que fosse lânguida. Pelo contrário, ele entende que ela se exprimirá somente com muito e válido conflito.<sup>486</sup> Como se vê, Erasmo é polido, moderado, brincalhão, mas não cede à verdade. Duro e árduo é o embate e ele o enfrenta com coragem e satiricamente.

À dissensão Erasmo prefere a civilidade. Desse modo, o acontecimento ocorrido por ocasião da edição de seu epistolário, mostra que alguns juramentadíssimos amigos, aos quais ele afirma que poderia chamar de Pílates, se transformaram em acérrimos inimigos, conjugando a maior ingratidão com a maior perfídia, só porque ele recusou trazer a público a perigosa empresa, que achava que levaria a uma perniciosa discórdia. E, garantindo que nunca renunciou à amizade de ninguém, ele justifica: “E, esta civilidade eu julgo mais útil para por fim ao dissídio.”<sup>487</sup> Por isso, ele continua dizendo que se incomoda com aqueles que antes o descreviam como Estrela da Germânia, Príncipe da Verdadeira Teologia e Pontífice das Boas Letras, e agora o vêem mais vil que uma alga; que a esses títulos gloriosos, que sempre lhe foram molestos, ele os despreza com prazer, porém ele nunca quis repelir um pacto de amizade com ninguém.<sup>488</sup>

Erasmo prima pela moderação também por que “Tal moderação e candor conciliaram então para mim numerosíssimos amigos entre os britânicos, homens eruditos, probos e potentes.”<sup>489</sup> Não deve ser falsa modéstia de Erasmo se dizer moderado e franco, ele, o homem da sátira, considerado, por aqueles que não o entendem, como irônico ou sarcástico, no sentido pejorativo dos termos. É essa sua posição que lhe granjeia amigos, mas só aqueles que têm a mesma postura ou são capazes de perceber e admirar essa qualidade nos outros, ou seja, só os verdadeiros eruditos, aqueles que são probos e capazes de produzir algo para o bem da humanidade.

Passando dos princípios aos meandros práticos da polêmica, Erasmo a explica, e, explicando-a, enfatiza novamente a moderação, o que lhe é característico: “O maior dos meus crimes é porque eu sou muito moderado; e por isto eu ouço falar mal de ambos os lados, porque eu exorto uma e outra parte para os mais tranqüilos conselhos. Eu não desaprovo a liberdade que

---

<sup>486</sup> ERASMI, p. 254-260. Carta 111, de Erasmo a João Colet, de 1499.

<sup>487</sup> ERASMI, p. 17. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Atque hanc civilitatem me arbitrator utiliore ad finieundum dissidium.” \*Pílates: Na mitologia grega, era o amigo constante do herói Orestes, que o acompanhou à terra dos tauros e mais tarde a Micenas, onde Orestes se vingou de sua mãe Clitmnestra e de Aigistos.

<sup>488</sup> Id., Ibid., p. 18.

<sup>489</sup> Id., Ibid., p. 17. “Ea moderatio candorque mihi tum plurimos amicos conciliavit apud Britannos, viros eruditos, probos ac potentes.”

é temperada com a caridade.”<sup>490</sup> Logo, Erasmo está ciente do preço que tem de pagar pela sua intencional postura de moderação. Ele está entre gregos e troianos, entre Cila e Caríbes. Todavia, mesmo sabendo que ele desagradava às partes em litígio, não só se mantém moderado como ainda exorta os demais à moderação. Ora, moderação é a virtude de equilíbrio entre a liberdade e a caridade. Caridade para não ferir ninguém, mas liberdade para não se calar frente o que deve ser mudado, ou inversamente, liberdade para educar a humanidade, mas com caridade, isto é, com profundo amor e consideração pelos homens em seu estágio de desenvolvimento histórico. A sátira erasmiana é a expressão dessa virtude da moderação, é o ponto de equilíbrio entre caridade e liberdade.

Podemos apontar como exemplo da moderação de Erasmo o fato de ter se mantido durante muito tempo no convento, porquanto, embora reconheça que a vida conventual não convém a todos e que nela se manteve por exigências alheias à sua vontade, adapta-se às circunstâncias em respeito à opinião pública.

Assim, como eu entendera ser eu de modo nenhum idôneo para este gênero de vida, e o empreendera coagido e não espontaneamente, mesmo assim, porque é recebido pela opinião pública de nosso século ser crime desistir do senso tomado, eu decidira tolerar fortemente esta minha parte de infelicidade.<sup>491</sup>

A tolerância de Erasmo pela vida religiosa não é indecisão, falta de iniciativa, fraqueza ou submissão ao senso comum, muito pelo contrário, é decisão pedagógica de não dar um mau exemplo e de não escandalizar.

Outro exemplo de moderação de Erasmo pode ser extraído, contrariamente, da sua recusa em retornar ao convento de Steyn.

Humaníssimo pai, tua carta, atirada pela mão de muitos, finalmente chegou-me, também eu já de embarque para a Inglaterra; que me ocasionou um prazer incrível, porque ela espira aquele teu antigo sentimento ainda para comigo. Respondo, porém, com poucas palavras, visto que escrevo já pelo caminho, e pertencer maximamente àquela coisa que tu muitíssimo escreves.<sup>492</sup>

Erasmo não deixa de manifestar seu respeito, seu prazer, sua admiração, sua amizade a Servatius Rogerus, mesmo quando tem de ser prático para tratar de um assunto desagradável, como é a

---

<sup>490</sup> Id., *Ibid.*, p. 30. “Summa crimina meorum est quod sum moderatior; et hoc nomine male audio utrinque, quod utramque partem hortor ad tranquilliora consilia. Libertatem não improbo charitate conditam.”

<sup>491</sup> ERASMI, p. 565. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Itaque cum intelligerem me nequaquam esse idoneum isti generi vitae, et coactum non sponte suscepisse, tamen quia receptum est publica nostri seculi opinione piaculum esse a sensi suscepto vitae genere desciscere, decreveram et hanc infoelicitatis meae partem fortiter perpeti.”

<sup>492</sup> ERASMI, p. 565. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Humanissime pater, litterae tuae per plurimorum iactatae manus tandem ad me quoque pervenerunt iam Angliam egressum; quae mihi sane voluptatem incredibiliem attulerunt, quod veterem illum tuum in me animum adhuc spirat. Paucis autem respondeo, utpote ex itinere iam scribens, et ad ea potissimum quae tu scribis ad rem maxime pertinere.”

questão de seu retorno ao convento, convite muitíssimo insistente do prior em várias de suas cartas. Essa é uma prova ímpar de sua moderação, em que ele conjuga caridade para com o outro e liberdade de defesa de sua opinião.

As obras de Erasmo são também resultado de sua moderação e expressam-na:

E assim saiu Esponja pelo próprio título prometendo moderação; pois me parece que de nenhuma forma outra lhe superou, visto que a consciência me é testemunha de que eu tenho feito um sumo esforço para que eu não atinja ninguém por ocasião de minha defesa, e também me esforçado para poupar o próprio Hutten tanto quanto possível.<sup>493</sup>

A moderação é a tônica das obras de Erasmo. Para mostrar que tudo que diz é verdade, ele apela para a consciência como testemunha de seu esforço de nunca ferir ninguém, mesmo quando seja necessário fazer a sua defesa, como na *Esponja*. Temos aqui o maior exemplo de sua moderação, porque o próprio título promete moderação e porque ele satiriza sem dar nome às pessoas por ele satirizadas, o que atesta o caráter não destrutivo da sua sátira.

Erasmo revela algumas circunstâncias que interferem nos seus escritos, como quando ele se obriga a escrever a Antônio de Luxemburgo por insistência de James Batt.

Com efeito, eu sei que é pernicioso escrever àqueles de numerosas curiosidades, mas não de muita doutrina; Mas os estímulos de tua admoestação urgiram-me e escrevi a ele, se não como queria, certamente como pude. Porque prefiro ofender aquele escrevendo mal que te tornar irado.<sup>494</sup>

Não é fácil de escrever àqueles que têm bastante curiosidade mas pouca cultura, ainda mais quando pressionado por alguém. Por isso, Erasmo, ao mesmo tempo em que é irônico, ao se referir à admoestação do amigo, é sumamente prático, escrevendo o que pode, mesmo que não escreva aquilo que gostaria. É preciso dosar o que se escreve, é preciso dosar a sátira.

Moderação significa também respeito para com a produção e a opinião alheias. Erasmo preocupa-se em atender ao pedido de seu amigo e protetor Mountjoy, que solicita para que omita o prefácio de uma possível publicação dos poemas que Ammonio lhe dedicou (pois Ammonio havia dado seus poemas para Erasmo editá-los), por medo de que a sátira dos poemas pudesse ocasionar inveja ao ser mal-entendida. Todavia, ele acrescenta que não mudará nada no texto sem

---

<sup>493</sup> ERASMI, p. 27. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Exiit itaque Spongia ipso titulo moderationem pollicens; quam tamen videor nonnullis nequaquam praestitisse, quum ego teste conscientia summo studio sim adnixus ne quem omnino per occasionem attingeret mea defensio, ipsi etiam Hutteno parcere studens, quantum res ipsa pateretur.”

<sup>494</sup> ERASMI, p. 303. Carta 130, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Scio enim perniciosum esse scribere quibus curiositatis plurimum, doctrinae non perinde multum. Sed urgebant me obiurgationem tuarum stimuli, scripsique illi, si non ut velui, certe ut potui. Malui enim illum male scribendo offendere quam non scribendo te iratum habere.”

a autorização de Ammonio.<sup>495</sup> A moderação de Erasmo consiste em apreço por toda opinião correta e por toda produção erudita alheias.

Erasmo é moderado igualmente por solicitação dos amigos, como o faz Jerônimo Busleiden:

Eu retorno à tua carta; examinei com cuidado aquelas coisas que, de modo mais licencioso, abundantemente escrevestes sobre os reis. As quais, no entanto, visto que são do gênero que são confiadas mais seguramente diante dos ouvidos fiéis que por epístolas, será próprio de tua prudência, ao recenseá-las, temperar o estilo sobre elas e agir de modo mais parco; e para que por acaso não prestes nunca ocasião à malévola turba dos detratores e dos delatores para te denunciar junto aos príncipes.<sup>496</sup>

As pessoas verdadeiramente eruditas e as pessoas de bem conseguem entender a sátira de Erasmo. Os detratores e os delatores, pelo contrário, vêm nela motivo para indispor-lo contra aqueles a quem ele satiriza. Seus amigos, sabendo disso, pedem-lhe que modere o estilo, que faça suas críticas de preferência pessoalmente, temperando-as quando forem escritas. Ele não é indiferente a sugestões dos amigos, mas nem por isso deixa de ser menos satírico, sabendo fazê-lo de tal modo que acaba por satirizar durante toda sua vida, numa conturbadíssima época, sem sofrer conseqüências maiores. Repetimos, isso se dá, não porque ele é um conciliador, mas, e esta é a nossa tese, porque sua sátira apresenta uma intenção pedagógica. Ela ensina os homens numa época em que tudo e nada são simultaneamente permitidos, numa época de repressão e de liberdade. Por causa da repressão, os amigos sugerem-lhe moderação, por causa da liberdade, abrem-se os campos onde sua sátira germina, cresce e produz frutos.

Por ser moderado, Erasmo faz sem cessar sua autocrítica. “De outro modo, eu suplico, com quantos nomes eu mesmo me censuro?”<sup>497</sup> Isso prova que a moderação de Erasmo não é fortuita, mas intencional. Do mesmo modo, ele não é acrítico em relação a sua sátira. Ao contrário, está sempre pronto a refazer sua sátira para que ela seja o menos possível mordaz e o máximo possível pedagógica. Sua moderação é a garantia da vitória da sátira pedagógica.

---

<sup>495</sup> ERASMI, p. 456. Carta 218, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. “Praeterea in carmine cum ais, turba tui quod facit ordinis, moxque aleas et perpotationes commemoras, veretur ne is locus et tibi et sibi nonnullam pariat invidiam, quasi libenter accipiat suum ordinem taxari.”

<sup>496</sup> ERASMI, p. 491. Carta 244<sup>a</sup>, de Jerônimo Busleiden a Erasmo, de 1511 “Ad literas tuas redeo; quibus ea quae de regibus licentiosius perscripseris abunde perspexi. Quae tamen quum huiusmodi sint ut tutius coram auribus fidelibus quam epistolis credantur, tuae prudentiae erit in iis recensendis stilum temperare de iisque parcius agere; ne forte quandoque deferendi tui apud principes occasionem praestes obtrectatorum delatorumque malevolae turbae.”

<sup>497</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Alioqui quot obsecro nominibus ipse me taxo?”

Em suma, a sátira de Erasmo tem a moderação de Palas: “Que Palas, dirás, mandou isso para tua mente?”<sup>498</sup> Com essa expressão Erasmo justifica e explica sua sátira *Elogio da Loucura*. Tríplice, como Palas, a deusa da guerra, a sátira tem sim sua violência, mas como Palas, a deusa da prudência, é uma violência com moderação; e, como Palas, a deusa das ciências e das artes, é uma moderada violência erudita e pedagógica.

Quanto à liberdade, consequência da moderação, como anteriormente afirmado, por um lado, a época de Erasmo é de pouca liberdade, de censura, de Inquisição. Em tempos de muita repressão como ser satírico? É o que ele consegue valorizando a liberdade. Por outro lado, é época de afirmação da liberdade. Nesse sentido *Moria* é liberdade. “Somente a uns poucos monges, os piores, e a alguns teólogos mais morosos a liberdade ofendeu [...]”<sup>499</sup> *Moria*, que é sátira pura, é definida por Erasmo como liberdade. Mas, essa liberdade ofende àqueles que são contra a liberdade de expressão, e ele sabe disso. Por isso, em lugar de três elogios, à loucura, à natureza e à graça, inicialmente intencionados, ele opta apenas pelo primeiro. Essa mudança de trajetória atesta aquilo que ele diz de si mesmo, qual seja, moderação. Porém, mesmo moderando-se, ele desperta a ira, pois a sátira a provoca naqueles que são os piores, os monges e teólogos mal-humorados e mal-intencionados.

Um exemplo de valorização da liberdade pode ser extraído da insistência de Erasmo em permanecer fora do convento. Primeiramente, criticando os argumentos dos que procuram justificar seu estado religioso de vida, ele extrai a lição de que o importante não é o estado de vida, mas como se vive nele, pois um homem bom viverá bem em qualquer um que tenha escolhido. É a sátira ensinando os homens sobre a falta de liberdade da vida monacal e sobre a liberdade de escolha do gênero de vida! Em seguida, embora reconhecendo que na vida monacal, desde que tenha dirigentes bons e cristãos, é possível estar isento de vícios, ele ensina que a vida fora do convento pode produzir muitos frutos, pois aí existe tanta religião e tanta modéstia de vida que toda religião será desprezada diante dela. É a sátira defendendo a liberdade da vida laica! “Enfim, se eu voltasse, nenhuma outra coisa seria assegurada exceto que eu ocasionaria

---

<sup>498</sup> Id., Ibid., p. 460. “Que Pallas istuc tibi misit in mentem? Inquies.” \*Na Odisséia, XX, 1, Homero introduz Palas, que vai sugerindo a Penélope e a seu esposo Odisseu as suas ações.

<sup>499</sup> ERASMI, p. 19. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Paucos tantum monachos, eosque deterrimos, ac Theologos nonnullos morosiores offendit libertas [...]” \*Moroso (*morosus*): Com amargura, com ironia, impertinente; mal-humorado; tardo; vagaroso.

uma moléstia para vós e a morte para mim.”<sup>500</sup> Na verdade, para Erasmo, renunciar à liberdade significa morrer. Esse é o desfecho de toda uma argumentação em torno da liberdade, uma vez que ele quer fugir de toda maneira da vida monacal. Que após tantas explicações Servatius entenda isso!

Amante da liberdade de vida, sentindo-se livre, Erasmo vive em liberdade. Em carta a André Ammonio ele revela mais de como é sua vida fora do convento: O gasto é intolerável e o ganho, com certeza, de nenhum terúncio, e que Ammonio considere que já lhe jurou isso por tudo o que é de mais sagrado. Não faz ainda cinco meses que ele está em Cambridge e nesse ínterim gastou apenas 60 nobres. Ele aceitou apenas um de alguns ouvintes, e, mesmo assim, muito deprecando e recusando. Além disso, ele está certo de nesses meses de inverno remover céu e terra e lançar a âncora santa; se for bem sucedido, preparará algum ninho, se menos, voará dali para um lugar incerto, e se nada diverso, irá morrer em outra parte.<sup>501</sup> Erasmo vive de poucos recursos. Mesmo assim, sente-se livre para recusar doações. Além disso, pensando em se dedicar às letras teológicas, vive, não apenas solitariamente, mas, principalmente, peregrino, sem morada fixa, morando onde as circunstâncias o permitirem. É Erasmo sentindo-se e vivendo livremente, liberdade que explica sua sátira!

De fato, a liberdade é o que mais agrada a Erasmo. Depois de dizer que João Allen é um homem mais louco que a própria loucura, Erasmo afirma que Griffio lhe agrada em tudo “[...] mas a liberdade me agrada mais.”<sup>502</sup> Portanto, um homem, como Erasmo, que ama a liberdade acima de tudo, tem total liberdade para satirizar e só pode ser satírico frente a tudo. Sátira e liberdade tornam-se sinônimos.

Tanto sátira e liberdade são sinônimos que sátira é a liberdade de estomagar. Erasmo calcula que, se for verdade o que lhe disseram, parece que sua carta causou certa ofensa a Nicolas Werner, embora seja veríssima, mas escrita mais livremente que convém. Na verdade, ou a humanidade de Nicolas deve listar isso a sua (de Erasmo) justa dor, ou porque numa carta, na qual se deve ter a garantia do segredo, é lícito por vezes agir com mais liberdade. Porque quem

---

<sup>500</sup> ERASMI, p. 567. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Itaque si redissent, nihil aliud fuisset assecutus nisi quod vobis molestiam attullissem et mihi mortem.”

<sup>501</sup> ERASMI, p. 542. Carta 282, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. \*Terúncio e nobre: Tipos de moeda da época de Erasmo.

<sup>502</sup> ERASMI, p. 497. Carta 250, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. “[...] sed magis placet libertas.” \*João Allen: Eclesiástico e diplomata. Ele foi titular da paróquia de Aldington onde Erasmo o sucedeu e depois arcebispo da Irlanda. Talvez ele tenha sido aluno de Erasmo. Morreu em 1534. \*Pedro Griffio: Natural de Pisa. Ele foi diplomata do papa junto a Henrique VIII, o qual, desconfiando dele, o fez retornar à Itália.

lhe efundiu palavras de tal natureza, ou melhor, que as vomitou, é digno que possa estomagar contra ele. Aqueles que o desprezaram junto a Nicolas são muito estúpidos e ignorantes e julgam que toda piedade possa estar situada no capuz e na tristeza, isto é, na austeridade; nada é mais fácil de desprezar que isso, e nada é mais estúpido.<sup>503</sup> Portanto, a sátira ao monacato e aos detratores de Erasmo serve de argumento para que ele se justifique por escrever mais livremente. E, sátira é essa forma livre de escrever, que, por sua vez, visa à liberdade, portanto, se propõe construtiva, pedagógica.

#### 4.2 SÁTIRA E MORDACIDADE

Com a categoria pedagógica antitética mordacidade, nós pretendemos provar que se por vezes a sátira erasmiana é mordaz, contudo, ela não é destrutiva, pois até sua mordacidade é intencionalmente construtiva, portanto, pedagógica.

Primeiramente, existem dois tipos de discurso:

Embora, meu querido Cornélio, tal gênero de oração que consiste em conflito e em contensão tenha muito fruto e até alguma voluptuosidade, contudo, para confessar a verdade, aquele que é chamado de familiar, me agrada muito mais; com efeito, este é afável e tranqüilo, aquele um pouco mais turbulento, este seguro e amigo, aquele muitas vezes próximo da inveja.<sup>504</sup>

Nesta carta a Cornélio Gerard, Erasmo mostra que existem dois tipos de discurso, o da polêmica e o doméstico. Não é a polêmica que ele quer, exceto se for literária, porquanto ama muito mais o discurso familiar. Essa preferência atesta que sua sátira, posto que necessária, não pretende ter qualquer feitiço de mordacidade.

Por preferir a linguagem doméstica, mesmo sendo satírico, Erasmo não quer mal a ninguém.

Primeiramente que eu admita que esta minha consciência aprove a Cristo, e depois espero que cada um, os melhores, com seu cálculo, comprove a razão de minha decisão. Mas, a esses rábulas, que parecem não saber inteiramente o que está presente entre

---

<sup>503</sup> ERASMI, p. 379-380. Carta 171, de Erasmo a Nicolas Werner, de 1502. \*Estomagar (*stomachari*): Agastar, indignar, irritar, zangar; escandalizar, ofender; estar de mau humor, encolerizar-se; escandalizar-se, ofender-se; indignar-se, irritar-se, zangar-se.

<sup>504</sup> ERASMI, p. 92. Carta 027, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. “Quanquam, mi Corneli, id orationis genus quod in conflictu contentioneque versatur, fructum habeat quamplurimum, voluptatis quoque nonnihil, tamen ut verum fatear, illud quod familiare appellant, multo me delectat vehementius; hoc enim lene atque tranquilum, illud paulo turbulentius, hoc securum atque amicum, illud invidiae saepe proximum.”

escrever e delirar, na verdade eu preferiria maltratar a maldizer, se fosse completamente cristão querer mal de todo a alguém.<sup>505</sup>

Erasmus está respondendo a Hutten, um de seus grandes opositores, ou seja, está dizendo isso em plena discussão. Em qualquer momento, a sua escala de valores consiste em colocar Cristo acima de tudo e depois o amor aos homens, sentimento cristão que parece prevalecer sempre. Primeiro ele busca as letras divinas, depois as letras clássicas, o que impede qualquer sentimento de maldade, qualquer mordacidade. Baseada em tal postura existencial, sua sátira não pretende ser destrutiva. Pode-se dizer que existe uma grande diferença entre pretender e ser, e de fato há. Mesmo que queira construir, pode ser que sua sátira acabe por destruir. Mas a dicotomia entre pretensão e ação não é tão grande assim. Ele busca a vida toda fazer com que suas intenções se traduzam em ações: publicações, fundação do colégio trilingüe etc. Ou seja, as intenções não são meros sentimentos d'alma, mas têm concretude histórica. A sua sátira lhe brota quista e pensada, intencionada e realizada não para destruir, mas para pedagogicamente construir.

Por não ter o intuito de ferir a ninguém, Erasmus atribui-se o mérito de atrair muitos leitores para seus escritos, sem que com isso o possam acusar de jactância. Mas aqui ele se reconhece duplamente infeliz. Primeiro porque ele é odiosamente atacado em muitos livros editados e até por pessoas a quem nunca fez qualquer mal. Depois, porque ele não acha belo vencer os opositores, nem magnífico e nem vantajoso tê-los por adversários. Assim, todas as vezes que é acuado, ele faz como Spartiate, recolocando a questão, tanto quanto possível, com pouquíssimas palavras; economia de palavras para evitar críticas desnecessárias. Mesmo não sendo compreendido, seu intento é claro:

A nenhum mortal eu dediquei dessa maneira alguma de minhas lucubrações, seja porque eu não esperava que elas vencessem, e nem desejava, seja porque eu não queria carregar qualquer inveja, pois durante toda minha vida eu cavei a favor dos homens para que por minha causa não retornasse moléstias aos amigos.<sup>506</sup>

Sem maldade e sem inveja, Erasmus trabalha a vida toda a favor dos homens, não querendo causar qualquer preocupação aos outros. Entender esse seu princípio de vida é condição necessária para se interpretar corretamente sua sátira em seu propósito construtivo.

---

<sup>505</sup> ERASMI, p. 27. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. "Primum adnitar ut hanc conscientiam approbem Christo, speroque futurum ut consilii mei rationem optimus quisque suo calculo comprobet. Istis vero rabulis, qui prorsus nescire videntur quid intersit inter scribere et furere, equidem malefecere malim quam maledicere, si Christianum esset omnino cuiquam malevelle."

<sup>506</sup> Id., Ibid., p. 22. "Nec ulli mortalium huiusmodi lucubrationum mearum quicquam dicavi; sive quod eas victuras esse nec sperarem, nec optarem, sive quod nollem quenquam invidia degravare, quod ego per omnem vitam pro viribus cavi, ne quid ex me molestiae rediret ad amicos." \*Spartiate: Orador grego, símbolo da concisão do discurso.

Erasmus não é mordaz também porque não denomina as pessoas: “Mas, quem taxa as vidas dos homens de tal maneira que a ninguém faça perstrição inteiramente pelo nome, como eu, porventura ele procura morder [...]?”<sup>507</sup> Novamente, a sátira erasmiana não é mordaz, nem mesmo quando comparada à comédia antiga, nem a qualquer outro tipo de sátira. Uma prova disso é que ela não denomina ninguém.

Erasmus toma como testemunha até mesmo os autores cristãos, como São Jerônimo, para mostrar a diferença entre a sátira até então praticada e a sua: “O divo Jerônimo jogou neste gênero de um modo muito mais livre e mordaz, algumas vezes não poupando mesmo os nomes.”<sup>508</sup> Poupas os nomes é um elemento fundamental que diferencia a sátira erasmiana e a torna superior.

De fato, Erasmus não intenciona lacerar a ninguém. “Na verdade, eu acostumara a me gloriar porque, como eu escrevera numerosas obras tanto por brincadeira como seriamente, eu não lacerei até agora a nenhum mortal nominalmente com meu estilo [...]”<sup>509</sup> Erasmus queixa-se que a despeito de nunca ter ferido alguém nominalmente não sabe que mau gênio tem lhe invejado a glória. Apesar da inveja, que vem acompanhada de críticas acerbas, ele tem a absoluta certeza a ponto de vangloriar-se, de que não escreve qualquer obra, quer as obras sérias, quer as divertidas, denominando as pessoas a quem sua sátira atinja como é costume na comédia antiga. Preservar o nome das pessoas é preservar a pessoa, e sua sátira visa à mudança de atitude e não à destruição do inimigo ou do pecador.

Ao contrário, Erasmus tempera o estilo. “Nós, além de que nos mantivemos afastados de todos os nomes, de tal modo temperamos o estilo que o leitor cordato facilmente entenderá que procuramos mais o prazer que a mordedura.”<sup>510</sup> Dado o ponto de partida, não denominar ninguém, a sátira erasmiana não tem o intuito de morder, de mordacidade, de ferir, de machucar, de magoar, pois não é destrutiva, mas de divertir, de causar prazer, de alegrar, portanto, de construir.

---

<sup>507</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmus a Thomas More, de 1511. “At enim qui vitas hominum ita taxat ut neminem omnino perstringat nominatim, queso utrum is mordere [...]?” \*Fazer perstrição (*perstringere*): Apertar com força, fazer pressão, coagir.

<sup>508</sup> Id., *Ibid.*, p. 461. “Lusit hoc in genere multo liberius ac mordacius divus Hieronymus, ne nominibus quidem aliquoties parcens.”

<sup>509</sup> ERASMI, p. 21. Carta de Erasmus a João Botzheim, de 1523. “Equidem gloriari consueveram quod, quum tam multa ioco serioque scripsissem, nullum adhuc mortalium meo stilo nominatim lacerassem [...]”

<sup>510</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmus a Thomas More, de 1511. “Nos preterquam quod a nominibus in totum abstivimus, ita preterea stilum temperavimus ut cordatus lector facile sit intellecturus nos voluptatem magis quam morsum quesisse.”

Sarcasmo, só se provocado! “Todavia eu defendi até agora o louvor do inofensivo estilo, porque em ninguém comprimi o ferro a não ser que odiosamente provocado, e não respondi a alguém exceto para vencer o adversário pela modéstia e não pela mais ínfima virulência.”<sup>511</sup> Erasmo não se serve da pluma para ferir os outros, exceto em casos extremos quando injustamente caluniado, vencendo a virulência dos adversários com a moderação. A sátira não é ofensa é linguagem moderada e ponderada.

Aliás, devolver alfinetadas é para Erasmo apenas uma tática: “Com certeza eu me purgarei deste crime, que tu contendes para me ferir; eu te retorquerei com o dardo e te degolarei com teu próprio gládio.”<sup>512</sup> Erasmo não está realmente furioso, mas apenas incomodado com as acusações de esquecimento que são comuns entre amigos. E que faz ele senão devolver ao amigo as suas próprias alfinetadas? Essa é uma tática da sátira.

Assim, defendendo-se dos ataques de Hutten, pois sabe o poder das palavras, Erasmo explicita a grande diferença entre ele e seus adversários: “Certamente, eles deveriam ensinar, se não querem provocar.”<sup>513</sup> Existem duas maneiras de se dizer as coisas, provocando, o que fazem, segundo Erasmo, seus adversários, e ensinando, que deveria ser a postura deles, e com certeza é a sua. Dizer com o fito de ensinar esse é o sentido da sátira erasmiana.

Em lugar de provocação, Erasmo prefere se defender dizendo as verdades sem vingança. Contra aqueles que se jactam falsamente em nome do Evangelho e lhe lançam libelos raivosos, ele responde que não avaliam que se tivesse tanto prazer em se vingar quanto eles de lhe ferir, a que ponto poderia e pode derrubar a causa deles. E ironiza que lançar manifestas mentiras na cabeça de quem não merece é por acaso isso um exemplo evangélico?<sup>514</sup>

Logo, é preciso dizer não com sarcasmo, mas com moderação. Oh! Que pudor, diz Erasmo, não são com argumentações, mas com a inveja das disputas e dos dardos que se combate quando a contensão começa acerca da poesia. Se as pessoas prestassem atenção às razões como seria fácil de convencê-las! Elas condenam na elegância das palavras a imundice das coisas, ele também condena. Mas, se elas examinarem com atenção as cartas de São Jerônimo, entenderão que rusticidade não é santidade e que eloquência não é impiedade. Por isso ele lê e copia já há

---

<sup>511</sup> ERASMI, p. 21. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “*Quanquam hactenus defendi laudem innoxii stili, quod in neminem strinxi ferrum nisi provocatus odiose; neque cuiquam respondi nisi modestia vicerim adversarium inferior virulentia.*”

<sup>512</sup> ERASMI, p. 140. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494. “*Ego quidem hoc me purgabo crimine, quo me ferire contendis; in te retorquebo iaculum tuoque te iugulabo gladio.*”

<sup>513</sup> ERASMI, p. 29. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “*Certe docere debuerant, si nolunt provocare.*”

<sup>514</sup> Id., Ibid., p. 29.

longo tempo essas cartas, artigo por artigo, procurando nem que seja apenas uma palavra que possa refutar as afrontas dos bárbaros, pois Jerônimo aconselha o cristão para utilizar a sabedoria profana na medida em que ela pode servir ao dogma e de cortar tudo o que o contradiz. Dessa maneira, ele depõe os dardos e não açoita em vão o ar, vendo como vitória o fato de ficar surdo aos latidos dignos de Cila e de não recorrer ao ataque.<sup>515</sup> Desde cedo Erasmo apresenta o caráter da moderação, não como passividade, mas como equilíbrio necessário para fazer progredir as letras, na qual permeia a sátira, mas sem sarcasmo.

Não maledicente, pelo contrário, Erasmo é admoestador. Ao apresentar seu opúsculo *Formação do Príncipe Cristão*, oferecido para Carlos V, ele explica que: “Os bons príncipes suportam uma livre admoestação, mas não suportam uma sediciosa licença.”<sup>516</sup> Uma sedição, ou seja, um atrevimento ou uma ousadia, não é aceita por ninguém, muito menos pelos príncipes, nem mesmo pelos bons príncipes. Mas uma admoestação sincera, feita do jeito certo pode ser assentida por eles. Não que gostem, mas pelo menos a suportam. A sátira toma a forma não de ofensa tumultuosa, não de atrevimento turbulento, mas de uma advertência, de uma admoestação livre. Por isso Erasmo assegura que nenhum grande se ofende com a franqueza desse opúsculo.

E mais, a sátira de Erasmo é como um estímulo. Comentando com Antônio de Luxemburgo sobre a educação que Tutor dedica a Dismas, ele argúe:

Embora eu não hesite que espontaneamente por si mesmo ele se incumbe dessas coisas com sumo esforço, de minha parte, entretanto, eu julgo ser meu dever e pelo amor que tenho a ele e a todos os seus e pelos benefícios de que fui digno, que, freqüentemente, mesmo que ele esteja correndo, como se diz, eu cuide de acrescentar a espora.<sup>517</sup>

Se não existe preceptor mais empenhado na educação de Dismas que Tutor, se Erasmo ama Dismas e a todos os seus e deve muitos favores à família Bergen, se Dismas não está parado em seus estudos, mas correndo, contudo, é peculiar a Erasmo o zelo extremado com a educação, principalmente de jovens promissores. Compromisso que o leva a usar a espora, não como castigo, mas como estímulo, sempre que possível, mesmo que aparentemente desnecessário. É para isso que Erasmo escreve suas cartas e suas obras.

Além disso, a sátira de Erasmo é estímulo aos homens e não contra eles. “Outrossim, quem não omite nenhum gênero de homens, ele parece irado com nenhum homem, mas com os

---

<sup>515</sup> ERASMI, p. 102-103. Carta 022, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489.

<sup>516</sup> ERASMI, p. 19. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Ferunt boni principes liberam admonitionem, seditiosam licentiam non ferunt.” \*Licença (*licentia*): permissão, desregramento, corrupção.

<sup>517</sup> ERASMI, p. 369. Carta 161, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de 1501. “Ad eam rem tametsi nihil ambigo quin ille suapte sponte summo nisu incumbat, tamen meas partes esse puto meoque in omne istud genus amore illiusque in me beneficiis dignum, ut subinde vel currenti, quod aiunt, calcar addere curem.”

vícios de todos.”<sup>518</sup> Nada escapa à sátira de Erasmo, pois ela tem como finalidade a correção dos vícios de todos. Por isso, ela não é, nem contra o indivíduo, nem contra os homens em geral, mas contra os seus vícios. Perceber essa sutil e enorme diferença é imprescindível para compreender a sua sátira, não como mordaz e sim como intencionalmente construtiva.

Na verdade, o culpado é que tem medo de ser criticado. “Logo, se existir alguém que clame a si próprio lesado, ele revela sua consciência ou certamente seu medo.”<sup>519</sup> Se alguém se sente ferido com a sátira de Erasmo, a culpa não é deste nem desta, mas dele, porque se reconhece culpado daquilo que é satirizado ou porque tem medo de que ela possa atingi-lo. Ou seja, a sátira de Erasmo incomoda, principalmente aos que atinge. É impossível ficar indiferente diante dela. Qualquer compreensão diferente da sua função pedagógica pode ser errônea interpretação.

Contudo, a sátira de Erasmo provoca inveja. Ele não sabe a quem acusar, se a perfídia de certos homens, a tola argúcia de Antônia, a dona da pensão, ou a sua própria credulidade, pois: “Eu direi somente isto, que por causa de meu ofício eu contraí por toda parte a máxima inveja.”<sup>520</sup> Os culpados são muitos. São as contradições da vida que acabam por temperar o estilo de Erasmo, e isso já bem antes do mundo conhecer o *Elogio da Loucura*.

É que os homens unem rusticidade e malícia! Erasmo comenta com Ammonio sobre o gênero de homens que conjuga suma rusticidade com suma malícia.<sup>521</sup> Contrariamente, além de não ser rústico, Erasmo detesta toda malícia. Por conseguinte, quando se fala da sua malícia, certamente não é desse gênero pejorativo de malícia que se trata. Sua sátira é maliciosa, no sentido de sutil, espirituosa, divertida, e não maldosa.

Maliciosos que são, os difamadores entendem a sátira como mordacidade. Por isso, não é em Erasmo, mas em seus detratores que se deve buscar a origem da mordacidade. “Porquanto, não faltarão talvez os causadores de vitilagem, que caluniarão em parte por serem nugas mais

---

<sup>518</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Preterea qui nullum hominum genus pretermittit, is nulli homini, viciis omnibus iratus videtur.”

<sup>519</sup> Id., Ibid., p. 461. “Ergo, si quis extiterit qui sese lesum clamabit, is aut conscientiam prodet suam aut certe metum.”

<sup>520</sup> ERASMI, p. 181. Carta 060, de Erasmo a João de Bruxelas, de 1497. “Hoc unum dicam me pro meo officio summam invidiam undique contraxisse.” \*João de Bruxelas: Erasmo escreveu-lhe esta carta quando João deixou Paris e se encontrava na casa do bispo de Cambrai, Henrique de Bergen. Talvez ele fosse ligado oficialmente ao bispo, e provavelmente é o mesmo cônego ao qual Erasmo endereçou a carta 155. \*Antônia ou Antonieta: Era dona da pensão de Erasmo e de seus alunos ingleses Thomas Grey e Roberto Fisher em Paris, que foi agredida por sua empregada por um conselho de Erasmo, que esta interpretou incorretamente.

<sup>521</sup> ERASMI, p. 482. Carta 240, de Erasmo a André Ammonio, de 1511.

leves do que são convenientes a um teólogo, em parte por serem mais mordazes do que convém à modéstia cristã [...]”<sup>522</sup> Se os verdadeiros eruditos são capazes de entender a sátira de Erasmo em sua profundidade, os pseudo-sábios tornam-se normalmente detratores, quer por a considerarem como indigna de um teólogo, quer em parte porque ela não deixa de ter seu aspecto mordaz, o que na opinião deles, afronta à moderação cristã.

Portanto, a mordacidade da sátira de Erasmo nasce da e por causa da insciência humana. Na comparação que ele estabelece entre Poggio e Valla ficam ainda mais evidentes esses meandros da sátira. Primeiramente, ele diz que Poggio, rábula ignorante, obsceno e digno de ser repellido pelos bons homens, tal como um homem puro, está em todas as mãos, é lido e divulgado em todas as línguas. Contrariamente, Lourenço, não obsceno, além disso, o cêntuplo mais douto, sofre a inveja de mordacidade, e é visto como um boi cornúpeto, mesmo por aqueles homens que nunca leram seus escritos. Em seguida, existem aqueles, o que é sem dúvida demasiadamente ridículo, que ainda nada aprenderam sobre Valla, exceto ser ele mordaz, e esta é a única coisa que eles o imitam, ou melhor, o superam, também porque, ignotos, mordem. “E em suma, é porque os homens sábios preferem ser perpetuamente bárbaros que Lourenço é mordaz.”<sup>523</sup> Em primeiro lugar, quem não merece, uma vez que não é crítico, é lido por todos. Em segundo lugar, quem merece, por ser crítico, é invejado e mordazmente censurado. Em terceiro lugar, essa inversão de valores é ridícula, pois mostra total desconhecimento de um autor por parte daqueles que o criticam de mordacidade, já que são muito mais mordazes e criticam o que desconhecem. Por essa razão os homens que se consideram sábios são na verdade bárbaros, pseudo-sábios. Em função disso é que Valla, Erasmo, enfim, os sátiros, são mordazes. Portanto, a mordacidade da sátira, que na verdade nada tem de mordaz, pois é apenas vista como mordaz, principalmente por aqueles que são mordacíssimos, é preferível a qualquer ciência indouta ou a qualquer linguagem não crítica.

Por conseguinte, Erasmo satiriza aqueles que tomam liberdade de linguagem por mordacidade. Empregando a máxima de Epiteto, como fizeram inúmeros autores antigos, ele pergunta, por que Valla que tem tantas ansas pelas quais se pode segurar com utilidade, só prendemos por aquela que é mais mordaz? “Pelo contrário, porque, ingratos, depravamos a

---

<sup>522</sup> ERASMI, p. 460. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1509. “Etenim no deerunt fortasse vitiligatores, qui callumnientur partim leviores esse nugas quam ut theologum deceant, partim mordaciores quam ut Christiane convenient modestie [...]” \*Vitiligem (*vitiligo*): Erupção cutânea, mancha branca na pele, lepra.

<sup>523</sup> ERASMI, p. 409. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Prorsusque homines sapientes ideo perpetuo barbari esse praeoptant, quod mordax est Laurentius.”

necessária liberdade a título de maledicência.?”<sup>524</sup> Em primeiro lugar, os melhores autores extraem dos outros autores aquilo que têm de melhor, retomam a sua melhor parte. Em segundo, a mordacidade em Valla, igualmente em Erasmo, é apenas um ângulo do autor, visto que certamente a ultrapassa. Em terceiro, o que é tomado por mordacidade é na realidade a necessária liberdade de se dizer as verdades. Portanto, primeiramente não se deve tomar um autor por sua sátira, mas pela totalidade de sua linguagem. Em seguida, a sátira não pode ser vista isoladamente, mas inserida no quadro maior da proposta pedagógica de um autor. Finalmente, a mordacidade se põe construtiva. Vista dessa maneira, a sátira é a franqueza necessária, é a linguagem livre, só não entendida assim pelos maledicentes. Por esse motivo, é preciso dizer o maldizer da sátira para o bendizer da liberdade.

Desse modo, Erasmo faz sua defesa, ao mesmo tempo em que critica seus opositores. “E não suportamos alguns dos mais iníquos juízes que não publicam absolutamente nada e certamente não ensinam como invejosos à utilidade pública, quase do mesmo modo que percesse mesmo qualquer coisa que tenham descoberto ser comum a muitos.”<sup>525</sup> Os opositores de Erasmo, além de nada publicarem, não ensinam, pois não são educadores, mas são invejosos e sua ação assemelha-se a quem não quer o bem comum. Por isso a crítica deles é mordaz. Em Erasmo, por ser educador, a crítica é satírica, mas não mordaz, isto é, mira exatamente ao oposto de seus detratores, se põe construtiva, educativa.

Na defesa dos verdadeiros escritores, a sátira se dirige acre, mas sem mordacidade, aos falsos escritores que impedem os outros de publicar. Erasmo afiança que não sabe se julga mais detestável neles a desumanidade ou a ingratidão. Ele satiriza que se em alguma parte apanham em flagrante uma falha humana, que gargalhadas, que injúrias, que tragédia! E que, enquanto ele os desculpa, aqueles que às vezes se enganam totalmente, embora estejam cercados de tantos homens sábios e de uma multidão de manuscritos antiqüíssimos, removem céu e terra se, em um batavo privado de qualquer auxílio, descobrem algo que deva ser corrigido.<sup>526</sup>

Na defesa dos verdadeiros literatos, a sátira erasmiana toma, por vezes, ares ameaçadores. Analogamente à discórdia entre o lobo e o cordeiro, a carta 29 é o ofício dos feiciais, isto é, o

---

<sup>524</sup> Id., Ibid., p. 409. “Imo quur ingrati necessariam libertatem maledicentiae titulo depravamus?” \*Epiteto ou Epicteto: Autor latino estóico que dizia que se deve prender uma pessoa pelo seu lado mais fácil de ser agarrada.

<sup>525</sup> ERASMI, p. 15. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Nec ullos patimur iudices iniquiores quam istos qui nihil omnino aedunt, ac ne docent quidem, velut invidentes utilitati publicae, perinde quasi ipsis pereat quicquid comperint esse multis commune.”

<sup>526</sup> Id., Ibid., p. 15.

ultimato de Erasmo para que Cornélio Gerard se reconcilie com Valla ou, então, a guerra entre eles está declarada.

Acautela-te com minha brandura para que não prometas a impunidade à agitação de tantos facínoras. Na verdade, com as injúrias que me são dirigidas eu sou um pouco mais negligente, mas, para proteger meus amigos literatos, quanto eu sou pugnaz, quanto sou pertinaz, se apraz ser lícito experimentar.<sup>527</sup>

Ataques pessoais Erasmo os tolera, mas ofensas aos verdadeiros literatos, àqueles que representam o supra-sumo das letras, não permite. Ferir Valla é o mesmo que ferir todos os literatos e doçura, suavidade ou afeição não querem dizer tolerância ao erro. Fica palpável que a sátira erasmiana não é primeiramente para se defender, mas para defender as letras e os letrados ou que ela é forte, toma o ar de ataque e, por vezes, até machuca.

A sátira de Erasmo não é menos dura aos que criticam suas obras. Segundo ele, apesar dos *Colóquios* conterem apenas simples bobagens, foi lido com espantoso interesse por todos, mas quando alcançou proveitosa utilidade, não pôde esquivar-se das mordidas dos sicofantas. “Certo teólogo de Lovaina, de olhos muito remelentos, mas muito mais de engenho, viu ali quatro passagens heréticas.”<sup>528</sup> Depois disso, a sátira de Erasmo denuncia a estupidez e a malícia do sicofanta: “Na verdade, como havia aí plena estultícia, assim são muito numerosas as partes em que junto da estultícia há malícia.”<sup>529</sup> Os sicofantas, como Lambert Campester, são os piores críticos de Erasmo, para os quais a sátira de disputa acadêmica toca os limites da mordacidade.

A mordacidade de Erasmo se estende do dominicano impostor ao numeroso gênero dos sicofantas, dentre os quais se destacam os teólogos. Primeiramente ele ironiza a origem cultural de seu opositor, pois deixou de admirar a deplorável audácia do homem depois que soube que o mesmo era filhote evadido um dia do ninho de Berna, semelhante ao detestável ovo do detestável corvo. Em seguida, ele amplia o âmbito de sua crítica, afirmando que admira que haja em Paris teólogos que aplaudam tal homem. Após isso, como nas fábulas, ele extrai a moral de sua sátira:

E depois os teólogos lastimam que nós os traímos, aos quais ajudamos com tantas vigílias os seus estudos, apesar deles abraçarem de bom grado tais monstros que trazem

---

<sup>527</sup> ERASMI, p. 120. Carta 029, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. “Cave vero ne lenitate mea fretus tanti facinoris impunitatem tibi promittas. Sum quidem in meipsum illatarum iniuriarum paulo negligentior; at in tuendis literatis amicis quam sim pugnax, quam sim pertinax, si libet experiri licet.” \*Fecial: Na Roma antiga era o sacerdote núncio da paz ou da guerra. Os feciais romanos levavam o ultimato aos inimigos.

<sup>528</sup> ERASMI, p. 09. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Theologus quidam Louaniensis mire lippiens oculis, sed multo magis ingenio, vidit illic quatuor locos haereticos.”

<sup>529</sup> Id., Ibid., p. 11. “Verum ut haec stulticiae plena sunt, ita insunt permulta quae parem habent stultitiae iunctam maliciam.”

desonras à ordem dos teólogos, e também à dos monges, mais do que apraz a qualquer inimigo maldizente.<sup>530</sup>

Erasmus satiriza os teólogos que tomam o inimigo por amigo e o amigo por inimigo. Ele não é inimigo de ninguém, mas o impostor é mais inimigo que o pior inimigo, pois não hesita em recorrer ao incêndio e ao veneno. As suas vigílias, ou seja, seus árduos trabalhos de tradução ou de produção não pretendem destruir a classe dos teólogos, muito menos a teologia, ao contrário, intencionam colaborar com eles ao ajudar o estudo da teologia. Exposta a intenção pedagógica, o que de início parece mordacidade, depois se apresenta como construtivo.

A sátira de Erasmo amiúde toma a aparência de mordacidade. Contra Boério, ela é violenta e mordaz, parecendo prevalecer sobre o pedagogo o desejo de vingar-se com palavras:

De muitos modos estes tempos nos afligem, meu querido Gonell. Aqui a peste cintila a cada passo como se seviciasse. A guerra, oceano de todos os males, está iminente. Nossas coisas privadas também nos cruciam com certo incômodo, além de que recentemente apareceu-me um novo gênio mau, certo bestiola certamente pequenino, mas que tem tanto veneno que diante desta víbora até uma serpente parece estar isenta de veneno.<sup>531</sup>

No post-scriptum à carta 292, a sátira de Erasmo é ainda mais violenta contra Boério:

É um animálculo verdadeiramente pequenino, mas que nem o mar e nem a terra fazem crescer outro mais venenoso ou mais pestilento. Pois ele nada é exceto mero vírus porque o assopra mesmo de longe sobre amigos e sobre inimigos. A Ligúria nos enviou esta peste, mais feraz desse tipo de venenos que a Hibéria. Porque se desejas conhecer também o nome, de longe ele disside pelos costumes a João Batista, demasiadamente cândido e simples, com cujo homem eu quase contraíra um contubérnio doméstico, mas, provado o veneno, escapei. Ele, dolente por eu ter escapado, me assopra seu vírus de longe e me ataca com os venenos da língua. Duas coisas me consolam, uma porque eu vago mesmo de culpa, a outra porque ninguém crê nele, um homem de tal maneira invejado por todos que não é amado pelos irmãos ou pelos filhos, inimigo da esposa.<sup>532</sup>

---

<sup>530</sup> Id., *Ibid.*, p. 12. “Et postea Theologi queruntur se a nobis traduci, qui studia ipsorum tantis vigiliis adiuuamus, quum ipsi volentes amplectantur talia monstra, quae plus dedecoris adferunt ordini Theologorum, atque etiam monachorum, quam quivis quam libet maledicus hostis posset.”

<sup>531</sup> ERASMI, p. 555. Carta 289, de Erasmo a William Gonell, de 1514. “Multis modi haec tempora nos affligunt, mi Gonelle. Pestis hic passim scintillat, mox uti videtur saevitura. Bellum imminete, malorum omnium oceanus. Nos privata etiam quaedam incommoda discruciant, praeterquam quod nuper exortus est mihi novus genius malus, bestiola quaedam perpusilla quidem, sed quae tantum habeat veneni ut prae hoc vípera, quin et seps, veneno vacare videatur.” \**Perpusillus*: Cremos que pequenino traduz bem o tipo de homenzinho ao qual Erasmo reduz o besta João Batista Boério, se bem que enfezado já dá a idéia da próxima pecha que lhe atribui.

<sup>532</sup> ERASMI, p. 561. Carta 292, de Erasmo a William Gonell, de 1514. “Est animalculum quoddam pusillum, sed quo non aliud alat nec pontus nec tellus venenatius aut pestilentius. Nihil enim est nisi merum virus, quod procul etiam afflat et amicis et inimicis. Hanc pestem Liguria nobis misit, huiusmodi venenorum ferax magis quam Hiberia. Quod si nomen quoque cupis cognoscere, longe dissidet a moribus Ioannis Baptistae; cum quo homo nimium candidus ac simplex pene contraxeram domesticum contubernium, sed gustato veneno resiliit. Is dolens eplapsus esse me, virus suum procul afflat ac linguae venenis me petit. Duo me consolantur, unum quod ipse culpa vaco, alterum quod ilii nemo credit, homini sic omnibus invisio ut nec a fratribus aut liberis ametur, uxoris hostis.” \**Vírus (virus)*: Quer dizer peçonha, veneno, virulência. \**Ligúria*: Era o extenso território ao norte da península itálica habitado, antes do século VI a.C. pelo primitivo povo dos ligures \**Dissidir (dissidere)*: João Batista Boério diverge de São João Batista por não ter as mesmas qualidades, apesar do mesmo nome.

Temos aqui a sátira erasmiana vestida de sua roupagem mais severa. É diatribe, é libelo, é apologia de autodefesa, é crítica, é sarcasmo, múltiplas facetas da sátira erasmiana. No entanto, se perdermos de vista sua intenção construtiva e pedagógica, perdemos também seu sentido.

Quando se da questão educacional, um bom exemplo de que Erasmo não é mordaz pode ser extraído de sua sátira à atitude de Roberto Smith, pai de João, que relata na carta 276. “Eu não posso falar com essa fera. Persuada-o a entender que fui mais que um pai para com aquele, curando quer o espírito quer o corpo, e que ele não perdeu seu tempo, mas progrediu mais copioso que progrediria em alguma escola.”<sup>533</sup> A sátira de Erasmo à fera do pai de João Smith é exercida porque este pretende tirar seu filho de sob seu preceptorado. Entretanto, o desígnio é mostrar, tarefa para a qual pede a colaboração do destinatário desta carta, que seu filho aprende com ele mais do que aprenderia em qualquer escola, portanto, visa à educação nas letras. Aliás, ele pede ajuda exatamente porque se for dizer o que tem vontade de fazê-lo sua sátira excederá os limites pedagógicos, coisa que não se permite.

Dessa maneira, em lugar de perder as estribeiras, Erasmo se controla e pede ao destinatário para providenciar junto a Omfredus a tradução para o inglês de um texto e enviar-lhe, a fim de possa assiná-lo e remetê-lo ao pai de João. O texto começa assim: “Salve, Roberto Smith, singular amigo.”<sup>534</sup> Em seguida, ele assegura a Roberto Smith que decretou obedecer-lhe e lhe envia João. Depois, ele repete no texto as palavras que diz na carta, que é mais que um pai, que João não perdeu seu tempo sendo seu aluno etc. Por fim, ele elogia junto a Roberto as qualidades de seu filho. O texto termina: “Passe bem com sua ótima cônjuge e toda a família.”<sup>535</sup> Ou seja, em lugar de palavras ásperas, que são mais ajustadas ao momento, em que seu espírito encontra-se exaltado pelo descaso de Roberto, Erasmo prefere a linguagem formal e polida, ao mesmo tempo em que uma linguagem de estímulo e de educado convencimento. Sua moderação não é sinal de resignação, mas de sabedoria própria de um pedagogo.

---

<sup>533</sup> ERASMI, p. 534. Carta 276, de Erasmo a William Gonell e a Humphrey Walkden, de 1513. “Ego cum hae belua loqui non possum. Vos ei persuadete ut intelligat me illi plusquam patrem fuisse, tum in animo curando, tum corpore; nec perdidisse tempus suum sed profecisse copiosus quam in ulla scola profecisset.” \*Humphrey Walkden (c. 1484 - c. 1525): Ele foi inscrito para o Queens’ College em 1506. Erasmo se lembra dele nas cartas ulteriores do tomo I, endereçadas de Cambridge. \*Erasmo tinha em Cambridge como *minister* João Smith, filho de Roberto Smith, com o qual estava muito contente, mas as relações com os seus pais eram difíceis. Ele encarregou Humphrey de escrever em inglês ao pai “esse animal”. Malgrado a ruptura de 1513, João Smith reentrou para o serviço de Erasmo de 1514 a 1518 quando sua mãe o chamou para a Inglaterra; ele foi então, secretário-doméstico de More.

<sup>534</sup> Id., Ibid., p. 534. “Salve, Roberte Smith, amice singularis.”

<sup>535</sup> Id., Ibid., p. 534. “Bene vale cum optima coniuge tua totaque familia.”

Na carta 277, a Rogério Wentford, em lugar de mordacidade, o que seu ânimo pede, Erasmo também satiriza a atitude de Roberto Smith, mas apenas com ironia pedagógica aos ingratos e aos ignorantes. Ele conta a Rogério o que relatou a na carta 276, que estando com ele o pai de João Smith este lhe anunciou que queria enviar seu filho a outro, ao que não relutou com uma palavra sequer. Depois de tratar das peripécias sobre esse assunto e retomar a defesa de seu preceptorado, como tinha feito na carta anterior, a ponto de afirmar que seu aluno sabe mais de latim do que poderá aprender em qualquer escola, inclusive na de Lilly, ele pondera:

Mas, depois que eu vejo a simplicidade do pai impelido daqui a ali pelas instigações e a mãe amar ignorantemente, não tenho ânimo para perder o ofício. Porém, nada parece equamente como aquilo que é conferido aos ingratos; Não os julgo ingratos, mas mais parece também o que é conferido aos não inteligentes. Pois o ingrato, mesmo que dissimule, todavia, está sujeito a si mesmo e algum dia ainda se envergonhará; aquele que não entende o benefício imagina ainda que lhe devam. Logo, assim como é muito estúpido ser merecido por aqueles que não entendem, de tal modo é demência extrema beneficiar aos invejosos.<sup>536</sup>

É difícil de trabalhar ou de escrever para os ingratos e muito mais difícil de fazê-lo para os ignorantes. No entanto, é para eles que Erasmo escreve, aos ingratos tenta de toda forma mostrar suas intenções, aos ignorantes procura por todos os modos instruí-los. Sua sátira se dirige para uns e outros e, para ambos, pedagogicamente.

Erasmo retoma, em nova carta a Gonnel, a mesma questão tratada nas cartas anteriores para satirizar acerca da retirada de seu *minister* João Smith por seu pai:

A partida de meu querido João me fez mal no início; agora o ânimo está calejado, de modo que eu prefiro que ele não volte. Para que, pois, conferir benefício àqueles que não entendem? Nada parece equamente como aquilo que é conferido aos ingratos; mas de longe, nada mais parece do que é prestado aos não inteligentes. O ingrato dissimula, o não inteligente nem mesmo sente.<sup>537</sup>

Mesmo tendo vontade de satirizar para machucar, de tal forma o coração está magoado pela ingratidão ou pela ignorância humana, Erasmo não age assim, e, quando satiriza, já é, então, para educar.

---

<sup>536</sup> ERASMI, P. 535. Carta 277, de Erasmo a Rogério Wentford, de 1513. “Sed quoniam video patris simplicitatem instigationibus huc et illuc impelli et matrem inepte amare, non est animus perdere officium. Nihil autem aeque perit atque id quod confertur in ingratos; non eos existimo ingratos, sed magis etiam perit quod confertur in non intelligentes. Nam ingratus etiam si dissimulat, tamen apud se obnoxius est et aliquando vel pudore gratiam refert; is qui non intelligit beneficium, etiam sibi deberi putat. Ut igitur stultum est bene mereri de iis qui non intellegunt, ita benefacere invitis extrema dementia est.” \*Rogério Wentford: Ele dirigiu a escola de Santo Antônio, que na época era uma das melhores de Londres, onde More tinha sido aluno. Wentford permaneceu um amigo seguro para Erasmo que, em 1518, pensou lhe dedicar os *Colóquios*.

<sup>537</sup> ERASMI, p. 538. Carta 279, de Erasmo a William Gonell, de 1513. “Ioannis mei discessus initio male me habebat; nunc occalluit animus, ut malim non redire. Quorsum enim attinet beneficium in eos conferre qui non intelligunt? Nihil aeque perit atque id quod confertur ingratis; at longe magis perit quod praestatur non intelligentibus. Ingratus dissimulat, non intelligens ne sentit quidem.”

Quando se trata de educação a sátira de Erasmo é, por vezes, tão violenta quanto um libelo. Ele extravasa a Thomas Grey, também metade de sua alma, sua cólera contra seu tutor, com uma sátira mordaz. Oxalá lhe fosse permitido beber do rio Lete, para que efluisse de seu espírito aquele velho que responde com injúrias o serviço prestado, diz ele, pois toda vez que a lembrança dele lhe vem à mente, não só se irrita muito como muito admira que tanto veneno, tanta inveja, tanta perfídia, tanta impiedade estejam dentro de um coração humano. Que Deus o perdoe, mas quando contempla o espírito celeradíssimo do homem, parece-lhe que os poetas, tão agudos e eloqüentes quando descrevem o engenho humano, nunca viram ou não conseguiram definir tal veneno. A que alcoviteiro tão pérfido, inimigo tão prepotente, velho tão impertinente, enfim, a que monstro tão invejoso, amargo e ingrato alguma vez eles ousaram imaginá-lo, este que é um velho cheio de artimanhas, se vê como religioso e inventa esplêndidos nomes para seus vícios.<sup>538</sup> Essa é a cólera de Erasmo porque impossibilitam a um aluno seu o estudo das letras.

Por um lado, às maquinações do tutor de Thomas Grey, Erasmo afirma seu amor pelas letras, mesmo que o homem, tendo tanta raiva, pois armado do que há de pior nos mortais, qual seja, a maledicência, lance de longe tanto veneno. Por outro lado, isso acaba por fazê-lo perder o sangue frio, motivo pelo qual continua sarcasticamente a satirizar o homem, definindo-o pior do que os monstros da mitologia greco-romana: Ó desgraça de víbora, mais nocivo que o acônito e que a baba espumante de Cérbero! Tal monstro contempla o puro sol, haure a brisa, infecciona o que é vital e não é comum na terra suportar tal desonra! A que Cérbero, Esfinge, Quimera, Larva se pode comparar esse homem violento que recentemente vomitou sobre nós? Que escorpião, que serpente, que basilisco têm veneno mais eficaz? Venenosos que são, eles quase não fazem mal, exceto se irritados, Os leões compensam muito bem os ofícios prestados e os dragões amansam-se. Mas, a raiva do velho é feita dos serviços que lhe prestou, arremata Erasmo.<sup>539</sup>

---

<sup>538</sup> ERASMI, p. 175. Carta 058, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497. \*Lete: O mesmo que Letes, o Esquecimento, filha da Discórdia, é o nome de um dos cinco rios do inferno mitológico grego. De suas águas muito calmas bebiam as almas dos mortos para esquecer a vida terrestre. E, as almas que retornavam a esta vida e se revestiam de um novo corpo bebiam das mesmas águas, a fim de não se lembrarem do que viram no mundo das sombras. Lete acabou por se transformar numa alegoria, irmã da Morte e do Sono. \*Aquele velho: Erasmo está se referindo tanto ao tutor de Grey quanto a Plutão.

<sup>539</sup> Id., Ibid., p. 176. \*Acônito (*aconitum*): Planta tóxica em extremo, empregada na medicina; napelo; veneno. \*Cérbero (*Cerberus*): Cão monstruoso de três cabeças e três gargantas que guardava a porta do inferno e do palácio de Plutão. Como figura significa guarda ou porteiro intratável, grosseiro. \*Quimera: Monstro mitológico fabuloso, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão. \*Larva: Entre os antigos romanos, significava o espírito malfazejo de um morto que vagueava entre os vivos para aterrorizá-los, e por extensão, quer dizer fantasma, máscara fantasma, espectro. \*Basilisco (*basiliscus*): Réptil fantástico de oito pernas, segundo alguns em forma de serpente, capaz de matar pelo bafo, pelo contato ou apenas pela vista, e, segundo outros, em forma de serpente ápode com um só olho na frente.

Descrita a virulência da alma do tutor de Grey, Erasmo faz uma impiedosa caricatura também do seu truculento porte físico, justificando que é louvável a prudência da natureza em encerrar uma alma disforme num corpo digno dela, simulacros de todos os crimes: Os olhos, que latem sob as sobrelanceiras, refúgio de uma hispida silva, vigiam sempre torvos. A fronte sáxia nem nos males não tem nenhuma nota de sangue verecundo. As narinas espiram o pólipio, ocupadas por imensas silvas de setas. As bochechas são pêndulas, os labros são lívidos, a voz não promete mas irrompe, tanta é a impotência do ânimo, ele mais ladra quando fala, a cerviz é torta, as pernas são curvas. Não existe nada nele que a natureza não tenha marcado com um insigne estigma, assim como se queima, ou seja, se marca, com ferro em brasa os celerados e malfeitores, assim como aos cães mordazes se apende um sinete e assim como ao boi cornúpeto se marca atando-o ao feno.<sup>540</sup> A sátira é o método utilizado por Erasmo para depreciar ao máximo a quem ou aquilo que se deve combater.

Em sua sátira mordaz, Erasmo lamenta por ter comunicado suas letras a esse torpíssimo monstro e ter lhe dedicado tanto de seu tempo, engenho e trabalho, pois isso foi como se semeasse dentes de dragão que renasciam, para sua perdição. É mais do que perder um benefício, é, mostrando-se amigo, preparar um mui infesto inimigo! É esta a generosidade de um tutor que costuma gloriar-se até à náusea, é esse o espécime que se jacta de ter nascido de uma grande família. Ele ousa viver entre os homens, enquanto devia ser mais modesto como Tímon, imitando-o, fugir da assembléia de todos os homens, retirar-se para os mais remotíssimos mares e, besta selvagem que é, viver entre os animais selvagens para sempre, conclui Erasmo.<sup>541</sup>

Em lugar de estimular Thomas Grey a agir diligentemente nas letras, cuja virtude deveria felicitar, o tutor invejou de tal modo que incidiu numa capital doença, continua Erasmo. Tudo o que ele tem merece mais misericórdia que inveja, se é que aquele que obstina na malícia mereça misericórdia. Que Fúrias Thomas representa que possam enraivecer um coração cômico de tantos crimes? Que açoites estalar, que faces intentar, que estímulos impingir? Ele merece penas mais

---

<sup>540</sup> Id., Ibid., p. 176. \*Later (*latere*): Estar escondido, estar oculto. \*Hispido (*hispidus*): Cabeludo, eriçado, hirto, duro, arrepiado. \*Silva (*silva* ou *Sylva*): Abundância; porção, provisão; bosque; floresta; mata, selva. \*Verecundo (*verecundus*): discreto; modesto; reservado; vergonhoso. \*Pólipio (*polypus*): Patologia que quer dizer neoformação pediculada que surge de membrana mucosa. \*Seta: Na morfologia vegetal quer dizer cerda, pêlo longo e teso, e por extensão, cerda de animais, crina de cavalo, pêlo áspero, sedas. \*Pêndulo (*pendulus*): Pendente, suspenso. \*Labro (*labrum*): Lábio superior, lábio.

<sup>541</sup> Id., Ibid., p. 176-177.

violentas e muito mais cruéis que aquelas que inventaram Ceditius ou Radamantes.<sup>542</sup> Como as Fúrias, violentas, mas partícipes da divindade, a sátira de Erasmo, sarcástica, mas amorosamente, abate os incautos.

Contudo, à dor, ainda que justíssima, Erasmo aperta o freio. Ele justifica que o tutor já tem o seu castigo, pois sofre a pena de ser estultíssimo e invejosíssimo, duas fontes da miséria, e não se pode pensar nada de mais grave no gênero dos suplícios que a inveja, porquanto ela é seu próprio carníface e, como diz o poeta, seu próprio suplício. “Porque o autor epigramático, douta e facetamente, a certo velhaco muito invejoso, que eu acho que é semelhamtíssimo ao nosso velho, imprecou-lhe a inveja, como o extremo dos males: A todos, disse ele, invejas, inveje, ninguém a ti.”<sup>543</sup> A sátira de Erasmo repreende agora já de maneira jocosa, mas energicamente, uma atitude equivocada, visando a despertar em um, em Thomas, a certeza de sua assertiva e noutra, no tutor, o absurdo de seu comportamento.

À sátira ao tutor Erasmo alia o elogio a Grey. Ele afiança que não pode afirmar que a moléstia lhe careça de sentido, pois estaria mentindo muito. Porém, pode garantir que não se agita mais com o ultraje, no qual o tutor não poderia ser mais acerbo, de que se compadecer com a condição de Thomas, uma vez que este, de espírito tão puro, de engenho tão pudico, tão manso e de índole tão feliz está sujeito à raiva de uma fera raivosa. Em seguida, ele exclama que uma mente feita para as letras, para a virtude e nascida para as mais altas coisas é sepultada pela inveja de um homem que delira! É o ótimo incidir sob o péssimo, é o jovem engenhoso sob o velho estúpido, o puro sob o invejosíssimo, o humaníssimo sob o espinhosíssimo! É, como diz o provérbio, ter o lobo sob as orelhas, isto é, ser prisioneiro de seu prisioneiro! Depois, ele passa a fazer o elogio a Thomas a ponto de dizer que a natureza parece sentir inveja de seus dotes, que, como diziam os antigos, este poderia ser filho dos deuses e é o seu escolhido para ser como um monumento acabado de sua arte, a obra tirada de suas mãos pelo tutor. Por fim, ainda se servindo da sátira, ele mostra a grande diferença que existe entre seu comportamento e o de seu ofensor.

---

<sup>542</sup> Id., Ibid., p. 177-178. \*Ceditius: Juiz célebre pela severidade de suas decisões. \*Radamantes: Um dos três maiores juízes do além-túmulo, com Éaco e Minos.

<sup>543</sup> Id., Ibid., p. 177. “Quare epigrammaticus ille et docte et facete invidentissimo cuidam nebuloni, nostri ut arbitror senis similimo, eam ipsam invidentiam tanquam extremum malorum imprecatus: Ominibus, inquit, invideas, invide, nemo tibi.” \*Cf. Marcial, I, 40.

“Na verdade, ainda não odiei um homem tão capitalmente a quem eu queira imprecicar tantos males. Se bem que ele certamente foi digníssimo disso ou que lhe aconteça pior do que isso.”<sup>544</sup>

Erasmus assegura que se é enorme sua cólera pela atrocidade cometida pelo tutor de Grey, mesmo assim a suporta com a máxima moderação possível, o que não o impede de sentir-se incomodado quando destroem a expectativa. Com seu candor, méritos, confiança e amor quase fraterno por esse velho homem, como poderia esperar tão grande ultraje de quem parecia nobre, se jacta e finge ser religioso? Ele julga a máxima ingratidão não pagar serviço com serviço, favor por favor.<sup>545</sup> Em suma, há um misto de revolta em Erasmo, expressa em linguagem bastante pesada, ao mesmo tempo em que moderação. Muitos de seus leitores acabam por realçar a cólera - a mordacidade ou o sarcasmo -, nós não a descartamos, mas mostramos que ela é superada por sentimentos mais nobres e objetivos pedagógicos bem explícitos.

Independente do mote, a sátira de Erasmo não se define por sua aspereza, mordacidade, sarcasmo ou deboche maldoso, mas por sua produtividade. Isso fica ainda mais evidente quando ele alerta que se alguma negligência de William Herman ofendeu seus compatriotas, que estes lembrem que para aquele é como se jogasse e não como se escrevesse. Se eles virem que Herman se excede muito, pensem que dá mais esperança um engenho exuberante que um frugal, pois é mais difícil de acrescentar ao diminuto que tirar do demasiado. Mas, se mesmo assim, lhes parecerem que ele é muito livre e acerbo, lembrem da resposta de Ácio e não se enfadem. Em seguida, ele conta que Ácio era ainda um adolescente quando o poeta trágico Pacúvio, bem mais velho, lhe pediu que lesse uma tragédia que se intitulava *Atreu*. Pacúvio aprovou tudo, exceto algumas palavras que considerou duras e acerbadas. Confesso, disse Ácio, mas sem me penitenciar por isso, pois o que está no pomo, como dizem, também sobrevém ao engenho, ou seja, o que nasceu duro e acerbo depois se torna ameno e fecundo. Depois, ele rememora que a Quintiliano não agradava aqueles que medrosos da procela nunca se lançavam ao pélogo e mantinham sempre a mão dentro do pálio.<sup>546</sup> Ou seja, são preferíveis palavras ásperas ao silêncio conivente, ao medo do risco. As palavras parecem ásperas de início, mas ao final são produtivas. A sátira

---

<sup>544</sup> Id., *Ibid.*, p. 177. “Equidem hominem nondum tam capitaliter odi ut tantum mali velim imprecari. Quanquam ille quidem dignissimus est cui aut hoc aut si quod est deterius eveniat.” \*A expressão ter o lobo sob as orelhas se explica porque Thomas Grey é servido por seu tutor, mas por outro lado o tutor está incessantemente a seu serviço.

<sup>545</sup> Id., *Ibid.*, p. 175-176.

<sup>546</sup> ERASMI, p. 164. Carta 049, de Erasmo a Henrique de Bergen, de 1496. \*Lúcio Ácio (170 – c. 86 a.C.): Poeta latino contemporâneo mais jovem de M. Pacúvio (220 - 132 a.C., que, além de saturas, escreveu dramas e tragédias de tema mitológico) com quem rivalizou na qualidade de grande tragediógrafo romano. Foi também o primeiro grande gramático latino. Uma de suas obras é *Atreu* ou *Atreus*. A anedota de Ácio é recontada por Aulo Gélio, *Noites Áticas*, XIII, 2.

parece áspera, mas não o é. Ela pretende ser construtiva. E é melhor arriscar-se ao mar furioso do que ficar no cais com mãos nos bolsos. È preciso enfrentar o risco que a sátira corre.

Portanto, mesmo a mordacidade é, para Erasmo, construtiva.

Por isso, a mordacidade do único Lourenço (se é verdade que assim preferem apelar) conduziu muito mais à coisa literária que o tolo candor de muitos, que, sem escolha, mais admiram tudo em todos e alternadamente mais se aplaudem e, como dizem, mais mutuamente se coçam.<sup>547</sup>

De fato, é a sátira que melhor conduz ao desenvolvimento das letras e é preferível mesmo a mais mordaz, ao candor das palavras e ao comum coçar dos que se elogiam mutuamente. Se a linguagem satírica contribui para as letras, certamente ela está a serviço da verdade. Fica patente a supremacia da linguagem satírica para Erasmo não como mordacidade, mas como construção.

#### 4.3 SÁTIRA E RISO

Resultado das categorias supra, nossa hipótese nesta subseção é que a sátira erasmiana é precipuamente lúdica e visa ao divertimento, e que, por isso, é a sabedoria pedagógica do riso.

Primeiramente, Erasmo acredita que o riso é divino, pois vem dos deuses, que inspiram os autores ao riso: “[...] quando Júpiter máximo, pai dos homens e dos deuses, ri com Hesíodo [...]”<sup>548</sup>

Em seguida, Erasmo busca o riso liberal e erudito: “[...] precipuamente se o riso é do tipo deste que eu julgo ser, nem iliberal, nem estranho às musas [...]”<sup>549</sup> O riso, que Erasmo busca nos autores e o seu próprio riso, não é iliberal, pelo contrário, é digno de homens livres. Além disso, ele não é vulgar, mas erudito, como forma privilegiada da expressão das letras.

Por isso, Erasmo atribui grande importância ao divertimento e ao prazer. Ele aconselha que, algumas vezes, deve ser relaxada a tensão dos estudos, os quais precisam ser interrompidos por jogos, mas liberais e dignos das letras, porquanto estes não são aborrecedores demais. Além disso, no meio dos próprios estudos deve ser acrescentado sempre um contínuo prazer, para que se aprecie aprender antes o jogo que o trabalho, pois tudo pode se tornar perdido senão se

---

<sup>547</sup> ERASMI, p. 408-409. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Itaque unius Laurentii mordacitas (si quidem ita malunt appellare) non paulo plus conduxit rei litterariae quam plurimorum ineptus candor omnia omnium sine delectu mirantium sibi que invicem plaudentium ac mutuum, quod aiunt, scabentium.”

<sup>548</sup> ERASMI, p. 552. Carta 293, de Erasmo a William Warham, de 1514. “[...] cum apud Hesiodum rideat et maximus ille [citação em grego] Iuppiter [...]” \*Hesíodo, em *Teogonia*, 36 diz: Eia! pelas musas comecemos, elas a Zeus pai / hineando alegram o grande espírito do Olimpo (cf. Hesíodo, 1992, p. 107).

<sup>549</sup> Id., Ibid., p. 552. “[...] praecipue si risus sit cuiusmodi hunc esse puto, nec illiberalis nec [citação em grego] [...]”

demorar naquilo que leva de alguma forma ao prazer.<sup>550</sup> Nesse elo inseparável entre aprendizado da erudição e o prazer - o jogo, a brincadeira, o divertimento, o riso - a sátira de Erasmo se fundamenta.

Para Erasmo, o riso é importante também porque reanima o ânimo: “Mas, por que se atribuir vício aos sumos homens se às vezes eles refazem pelo riso o ânimo esgotado pelos cuidados?”<sup>551</sup> Compor obras divertidas, preferir a linguagem divertida, ser divertido, optar pelo método que diverte não é vício, não deve ser reprovado. Contrariamente, isso é motivo de elogio porque o riso refaz o ânimo abatido pelas vicissitudes da vida. O riso é pedagógico.

O riso é importante ainda porque ele é frutífero. “[...] pelo contrário, eu não sei se por acaso ele não traz mesmo muito mais frutos que os negócios sérios, porém, muito molestos.”<sup>552</sup> Temos aqui a confissão de Erasmo da superioridade pedagógica do riso por seus frutos. Ora, sua sátira é a linguagem do riso.

Deveras, o divertido produz frutos. “[...] e de tal modo é tratada [a nuga] como coisa lúdrica que ela refere muito mais de seus frutos ao leitor, ao qual não falte inteiramente o nariz, do que com certos tetricos e esplêndidos argumentos?”<sup>553</sup> Aquilo que é tratado de forma divertida é mais frutífero que argumentos pomposos ou atemorizantes, ou seja, a sátira é a melhor forma de educar, basta que o leitor tenha algum faro e não esteja precavido contra ela ou queira detratar seu apresentador.

Por isso, nuga é coisa séria: “Pois, como nada é mais nugativo que tratar com nugacidade as coisas sérias, assim nada é mais festivo que de tal modo tratar as nugas que elas te parecessem ser tudo menos nugas.”<sup>554</sup> Não se deve levar as coisas sérias na brincadeira, mas, nada é mais espirituoso que tratar as nugas como coisas sérias. Assim, a sátira é uma nuga, é uma forma elegante, divertida e pedagógica de dizer as coisas sérias.

---

<sup>550</sup> ERASMI, p. 172. Carta 056, de Erasmo a Christian Northoff, de 1497.

<sup>551</sup> ERASMI, p. 562. Carta 293, de Erasmo a William Warham, de 1514. “Cur autem vicio detur summatibus viris, siquando curis delassatum animum risu reficiant?”

<sup>552</sup> Id., Ibid., p. 562. “[...] imo haud scio an aliquanto plus frugis etiam adferens quam seria quidem illa sed permolesta negocia.”

<sup>553</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “[...] atque ita tractentur ludicra uti ex his aliquanto plus frugis referat lector non omnino naris obese, quam ex quorundam tetricis ac splendidis argumentis?”

\*Non omnino naris obese (desde que não falte faro) é lembrança de Horácio, *Epodos*, VII, 2.

<sup>554</sup> Id., Ibid., p. 461. “Ut enim nihil nugacius quam seria nugatorie tractare, ita nihil festivius quam ita tractare nugas ut nihil minus quam nugatus fuisse videaris.”

Deveras, o divertido leva ao sério: “[...] sobretudo se com nuga se conduz a coisas sérias [...]”<sup>555</sup> Assim também a sátira, apesar de aparentar-se ninharia, ensina jocosamente coisas sérias.

Outro exemplo de que o jocosos revela o sério pode ser extraído quando Erasmo diz que se Christian não se arrepende de seu ato e permanecer em silêncio sem lhe escrever sobre sua decisão, de quais vocábulos seria ele capaz?

Eu te chamarei de velhaco, carnífice, furcífero, frequentador de tavernas, celerado, sacrílego, monstro, sonho, esterco, esterquilínio, peste, pernície, desonra, sicofanta, nepote, custódia de cárcere, antes o próprio cárcere, ginásio do açoite, delícia das virgens, e se eu puder imaginar coisas mais ultrajantes que essas, eis, eu digo, com quais denominações te desenobrecerei; mesmo irado tu serás obrigado a escrever.<sup>556</sup>

Tais denominações, que são comuníssimas nas comédias gregas e latinas, não passam aqui de retórica divertida, ou seja, de uma arma, de uma arte de jocosos convencimento. Tanto é verdade que o desejo de Erasmo é mesmo até irritar a Christian para que lhe escreva, pois só assim poderá saber até que ponto consegue ou não convencê-lo.

De fato, tudo não passa para Erasmo de uma brincadeira, pois é exatamente isso que ele assevera, quando depois, sem rir, passa a falar de assuntos mais sérios, quais sejam, de seus *Adágios*.<sup>557</sup>

É que brincando se diz a verdade! Erasmo reconhece que seus versos áticos e dignos dos antigos poupam os afetos e quase não os tocam; se abstêm das concitações que se chamam paixões; não são encontrados neles nenhuma procela, nenhuma torrente saindo de suas ribas e nenhum exagero; há neles uma maravilhosa frugalidade de palavras; amam mais mover-se na margem que confiar ao alto mar; não têm nenhuma artimanha, mas sua beleza natural é a de um velho e mustelídeo; dissimulam todo artifício de tal modo que fosse Colet um Linceu mesmo assim não depreenderia nada. E neste ponto, por um lado, ele acha que merece ser louvado mais que os áticos, porque seus versos ocultam sua arte a ponto de enganar aos outros e a si mesmo, e, por outro, aterra-lhe o afetado aticismo. Além disso, ele brinca que somente depois de ter bebido é que se atira sobre as armas e passa a provocar a musa antiga, pois quando está sóbrio escreve versos tão sensatos que não têm nenhum vestígio de Apolo. E, conclui que diz tudo isso do fundo

---

<sup>555</sup> Id., *Ibid.*, p. 461. “[...] maxime si nuge seria ducant [...]”

<sup>556</sup> ERASMI, p. 196. Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de 1498. “Nebulonem appelabo, carnificem, furciferum, ganeonem, scelus, sacrilegum, monstrum, somnium, stercus, sterquilinum, pestem, perniciem, dedecus, sycophantam, nepotem, custodem carceris, imo carcerem ipsum, gymnasium flagri, delitias virgarum, et si quid his contumeliosius excogitare potero; his, inquam, appellationibus te denobilitabo. Cogeri rescribere vel iratus.” \*Furcífero (*furcifer*): Patife, que merece a força. \*Sonho (*sonnium*): Algo que não existe, devaneio, fantasma, quimera.

<sup>557</sup> Id., *Ibid.*, p. 196-197.

do coração, pois nada lhe veta de, rindo, dizer a verdade.<sup>558</sup> Nesse julgamento de Erasmo sobre seus versos, fica manifesto que ele conhece muito bem suas qualidades e seus limites e brinca com eles, assim como brinca com os dos outros. E, brincando, vai dizendo as verdades.

Contudo, trata-se de brincadeira que não é brincadeira. Como William Herman parece estar sempre brincando, Erasmo retruca ao amigo: “Porém se eu porventura, nas cartas que te dediquei, escrevi alguma coisa mais jocosa, não é oportuno o crédito que em toda parte eu agi por jogo, mas para comparar brincadeira com brincadeira, e com seriedade as coisas que eram sérias.”<sup>559</sup> Erasmo escreve por brincadeira, mas nem sempre. O que ele escreve parece brincadeira, mas na maior parte das vezes não é. Ele brinca quando se trata de brincadeira, mas é profundamente sério quando se trata de coisas sérias. É por isso que sua sátira muitas vezes é interpretada erroneamente por aquele que a sofre.

Por um lado, é preciso deixar de brincadeiras. Depois de tratar da relação entre a arte da pintura e a composição de poemas, destacando que são necessárias muitas rasuras e muitas correções antes de se publicar a obra elaborada, brincando à maneira daqueles que jogam na palestra, Erasmo manifesta para Cornélio sua opinião divergente, servindo-se de Horácio. “Porém, agora, ao omitir o jogo queiramos o que é sério.”<sup>560</sup> Do mesmo modo que Erasmo brinca, mas brinca seriamente, sua sátira parece brincadeira, mas é uma forma séria de tratar a vida.

Por outro lado, brincadeira não é ofensa. Incomodado com as brincadeiras de William Herman, Erasmo lembra que o amigo se esquece do dogma de Sêneca de que as brincadeiras sejam saís sem dente, ou seja, que as pilhérias não mordam, e, também, de que não é oportuno lesar um amigo pelo jogo, isto é, um amigo não deve ferir brincando.<sup>561</sup> A sátira de Erasmo, como um jogo, como uma brincadeira, não tem o intuito de machucar ninguém, pois é exatamente isso que ele censura em Herman. Mesmo que algumas vezes sua sátira seja uma forma de expiação de alguma ofensa, como no caso desta carta, ele não intenciona destruir o outro, mas, a fazê-lo perceber seu erro.

---

<sup>558</sup> ERASMI, p. 261-263. Carta 113, de Erasmo a João Sixtin, de 1499. \*Concitação (*concitatio*): Paixão violenta. \*Mustelídeo (*mustelinus*): Carnívoro como as iraras, as lontras, as ariranhas e as fuinhas. De mustelídeo era chamado o velho eunuco Doro (que quer dizer “que é uma dádiva”), na peça cômica *O eunuco*, de Terêncio. \*Falar a verdade rindo é de Horácio, *Sátiras* I, 1, 24.

<sup>559</sup> ERASMI, p. 140. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494. “At si ego forsan in eis, quas ad te dederim, literis quidquam iocantius scripseram, non ubique ludum me agere creditum oportuit, sed iocis ioca et seria comparanda seriis erant.”

<sup>560</sup> ERASMI, p. 117. Carta 027, de Erasmo a Cornélio Gerard, de 1489. ‘Nunc tamen omisso queramus seria ludo.’ \*Horácio, *Sátiras* I, 1, 27.

<sup>561</sup> ERASMI, p. 140. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494. \*Sêneca, *Odes* 504, 5.

Ora, os verdadeiros eruditos riem daquilo que é ridículo. Por exemplo, Colet revela para Erasmo um fato ridículo, que um bispo, tido como um homem dos mais sábios, em uma grande convenção, blasfemou contra sua escola dizendo que ele erigiu uma coisa inútil, e pior, para usar suas próprias palavras, uma casa de idolatria. Mas ele não se irrita com essas coisas, e ri muito.<sup>562</sup> Por conseguinte, os verdadeiros eruditos, como Colet e Erasmo, não se irritam com as críticas, principalmente quando são falsas e ridículas. Inversamente, uma crítica ridícula só pode provocar o riso. A uma ridícula crítica se responde com um estilo satírico. Tal Sátira não é sarcasmo destrutivo e sim dose certa para mostrar o ridículo de uma crítica ridícula. Ela pretende ser um riso diferente, não um riso de desprezo, como o que ocorre frente a uma crítica ridícula, mas um riso pedagógico, que ensina, e que pretende criar um ambiente de riso mais favorável a qualquer mudança de comportamento e muito mais feliz para se viver.

Os eruditos amigos sabem da hilaridade de Erasmo. Nesse aspecto, aguardando a visita de Erasmo, Ammonio assim se expressa: “[...] e que eu goze sem interrupção da hilaridade de Erasmo.”<sup>563</sup> Como o estilo característico de Erasmo é de conhecimento público, do mesmo modo o é seu caráter hilário. Em um homem que ri, a sátira é expressão risonha da vida.

Mais ainda, é de conhecimento público o “jogar erasmicamente”. Isso pode ser comprovado, por exemplo, quando Ammonio acha que Erasmo, ao lhe julgar digno do pontificado, assevera que: “Ou tu me amas tanto quanto eu desejo, ou certamente tu jogas erasmicamente.”<sup>564</sup> A linguagem de Erasmo é reconhecida como uma linguagem amorosa e sincera, pois pretende o bem alheio. Além disso, existe o reconhecimento público, pelo menos por parte de seus amigos, de um estilo próprio a ele, ou seja, há um modo erasmiano de jogar, de brincar, de divertir, de pilheriar, de mostrar as verdades através da linguagem do riso. Quem entende isso, compreende melhor a sua sátira.

Erasmo brinca mesmo quando as circunstâncias são desfavoráveis ao jogo. Ao reclamar de um jovem, que ele tinha enviado a Batt com um pacote de seus livros e que depois de longo tempo ainda não tinha retornado, desabafa: “Nossos negócios estão de tal maneira que já não temos vontade e nem eles permitem quer amantemente acariciar quer jocosamente estomagar.”<sup>565</sup> Não importa tanto o motivo, o fato é que nem sempre Erasmo está disposto a tratar as coisas com

---

<sup>562</sup> ERASMI, p. 508-509. Carta 258, de João Colet a Erasmo, de 1512.

<sup>563</sup> ERASMI, p. 496. Carta 249, de André Ammonio a Erasmo, de 1511. “[...] et ego Erasmi hilaritate perfruar.”

<sup>564</sup> Id., Ibid., p. 496. “Aut tam tu me amas quam cupio, aut certe ‘erasmikós’ iocaris.”

<sup>565</sup> ERASMI, p. 308. Carta 133, de Erasmo a James Batt, de 1500 “Res nostrae sic habent ut vel amantius blandiri vel iocosius stomachari neque libeat neque liceat.”

carinho ou a tudo contemporizar. No entanto, mesmo nesses casos, quando as circunstâncias não lhe permitem ser tolerante, ele não abandona seu tom irônico. Além disso, a citação revela que estomagar, isto é, irar-se ou a outros encolerizar, ficar de mau humor ou a outros desagradar, não é um estado de espírito senão jocoso, qual seja, brincalhão, divertido. Não se fica nervoso ou se deixa os outros irritados pelo azedume em si; isso é apenas uma maneira de tratar as coisas com mais leveza. Fica mais uma vez evidente a intenção divertida e construtiva da sátira erasmiana.

De fato, Erasmo brinca mesmo nos momentos difíceis. Embora no luto seja difícil escrever coisas jocosas, “Mas, para que não penses entrementes que eu me esquivo por tua causa ao menor trabalho, imperei, como pude, ao meu ânimo para que imitasse a nossa pequena Dionísia, a qual, por vezes, como sabes, com lágrimas canta e dança.”<sup>566</sup> A sátira de Erasmo é jocosa, mesmo que seja difícil de exercê-la quando as críticas são tantas. Ela canta e dança no meio da sua dor e da dor dos outros, mostrando o modo correto de se viver, o lado alegre da vida.

Para Erasmo, a brincadeira é permitida também nas letras: “Finalmente, por que é iniquidade, quando concedemos a todo instituto de vida o que lhe é próprio, não permitir inteiramente um jogo nos estudos [...]?”<sup>567</sup> Se em tudo é possível brincar, também o é no sistema de estudos. A sátira erasmiana é a forma erudita de brincar.

Aliás, satirizar significa exatamente brincar com o cálamo. “Este era o primeiro dos meus desejos, para que, não atacado por ninguém, nem a ninguém atacando, brincasse sempre com o incruento cálamo.”<sup>568</sup> Nada de ataques, nada de ofensas, a pena de Erasmo é inofensiva, o que ele escreve é apenas uma brincadeira! A sátira é brincadeira, é jogo, é divertimento, mas diversão pedagógica para, em brincando, educar.

Mais ainda, no uso do cálamo, a sátira é a forma de Erasmo, brincando, escrever.

A uma carta escrita por brincadeira tu respondes seriamente. Talvez não conviesse brincar com um tão grande patrono. Mas, afinal, aprazia-me brincar, então, com saís

---

<sup>566</sup> ERASMI, p. 180. Carta 059, de Erasmo a um amigo, de 1497. “Vero ne me interim tantillum laboris tua causa defugisse putares, imperavi, ut potui, animo meo, ac Dionysiolam nostram sum imitatus; quae nonnunquam, ut scis, cum lachrymis canit ac saltat.”

<sup>567</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Nam que tandem est iniquitas, cum omni vite instituto suos lusus concedamus, studiis nullum omnino lusum permittere [...]?”

<sup>568</sup> ERASMI, p. 21. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Primum illud erat in votis, ut nec impetitus a quoquam, nec impetens quenquam, incruento calamo luderem perpetuo.”

áticos com um amigo tão singular, mais mêmora da tua humanidade que da tua grandeza. Será próprio de tua afabilidade consultar o que há de bom em nossa inépcia.<sup>569</sup>

Em primeiro lugar, Erasmo escreve muito por brincadeira. Em segundo lugar, muitas vezes ele diz que escreve por brincadeira, mas não há brincadeira nenhuma. Em terceiro, por vezes suas brincadeiras são compreendidas totalmente, outras, em parte compreendidas e outras ainda, não compreendidas. Em quarto, amiúde as pessoas respondem às suas “brincadeiras” com brincadeiras, às vezes seriamente, outras violentamente. Em quinto, ele reconhece que nem sempre é bom brincar; Em sexto, ele continuamente acha justificativa para suas brincadeiras. Em sétimo, apraz-lhe brincar. Em oitavo, a sua brincadeira por vezes é salgada como o sal ático. Em nono, ele brinca porque acredita na benevolência e na amizade alheias. Em décimo, ele mostra que brincou ou que está brincando para poder continuar a brincar. Em décimo primeiro, ele se diminui ou exalta o outro para continuar brincando. Além disso, ele usa a linguagem laudatória, a linguagem livre entre amigos, a do jogo, a irônica, além da analógica, comparativa, indireta etc., tipos de linguagem que, como a satírica, constituem em linguagem figurada, com as quais procura servir e divertir, para em brincando (divertir), mudar o mundo e os homens (servir).

Como exemplo do jogo do cálamo, tomemos uma carta jocosa de Erasmo, para mostrar seu modo faceto de satirizar:

Eu imporei um fim a minha carta advertindo-te com poucas palavras. Em vão sabe quem não sabe para si. Admira e louva as letras, mas segue o lucro. Cuida para não desagradares a ti mesmo, isso obscurece a venustidade da forma. Cuida antes de tudo da cútis. Posponha tudo a tua comodidade, cultiva a amizade em tua causa. Atinja parcamente a erudição. Ama ardentemente, estuda modicamente, sê pródigo nas palavras e parco na pecúnia. Merecias muitas advertências, mas devo dizer adeus à Senhora, conforme o rito áulico e amanhã vôo para a Holanda. Eu deixei minha melhor veste em casa. Sabes por quê? Temo que tuas irmãs a lacerem. No entanto, eu preciso fazer uma viagem para Antuérpia. Por acaso, agora vês que eu tenho apenas saís e que tu não és o único que sabe? De tal modo eu não espero cartas tuas que não saberei se por acaso com esta própria te precederei. Viva para ti, cuida de ti e ama somente a ti, como fazes.<sup>570</sup>

Esta é uma carta jocosa, e com saís, como o próprio Erasmo diz. Se tomarmos ao pé da letra, ele pode parecer incompreensível, mas tal é a sua maneira de satiricamente brincar.

---

<sup>569</sup> ERASMI, p. 526. Carta 270, de Erasmo a João Colet, de 1513. “Ad epistolam ioco scriptam respondes serio. Non decebat fortasse cum tanto patrono iocari. Sed tamen mihi tum libebat cum amico tam singulari Atticis salibus ludere, magis humanitatis tuae memori quam magnitudinis. Tuae facilitatis erit nostram ineptiam boni consulere.”

<sup>570</sup> ERASMI, p. 223. Carta 087, de Erasmo a João Falcon, de 1489. “Finem imponam epistolae, si te paucis monuero. Frustra sapit qui sibi non sapit. Marare literas et lauda, sed lucrum sequere. Cave tibi ipse displiceas, e res formae venustatem obscurat. Cutem ante omnia cura. Omnia tuis commodis postpone, amicitiam tua causa cole. Eruditionem parce attinge. Ama ardentem, stude modice, verborum prodigus, pecuniae parcus esto. Plura monendus eras, sed vale est áulico ritu Dominae dicendum, et cras in Hollandiam avolo. Meliorem vestem domi relinquo. Scis quamobrem? Timeo ne sorores eam tuae lacerent. Est enim mihi Antuerpia faciendum iter. Nunc vide num nihil in me sit salis et tu sapias solus? Literas tuas adeo non expectabo, ut haud sciam na has ipse prevertam. Tu tibi vive et vale tibi et te solum, quod facis, ama.” \*A senhora é Ana de Veere.

No jogo do cálamo, Erasmo oferta um livro divertido de Luciano a William Warham.

Assim, pois, eu te envio dado com latinidade pelas boas aves as *Saturnais*, de Luciano, um livro, se eu não me engano, nem não alegre, nem por mim dedicado a outro, e muito oportuno, quando se tem vontade de rir; pelo contrário, se for oportuno em tão grande bando dos negócios, que te (como direi com as palavras de Horácio) saltam pela cabeça e pelo lado.<sup>571</sup>

A preferência de Erasmo é por um livro, divertido e oportuno quando se tem vontade de rir e quando se reserva um tempo para ele no burburinho da vida, motivo pelo qual o traduz. Ora, o que é divertido é mais pedagógico, pois ensina brincando, como a sua sátira.

Do mesmo modo, Erasmo escreve seu *Tiranicida* como brincadeira. Satirizando sua época pela pobreza de expressão, deplorável capacidade de falar e vergonhosas balbúcies, mesmo naqueles que professam as letras oratórias, ele pede que Ricardo Whitford leia a declamação sobre o *Tiranicida*, não como se a tivesse escrito, mas como se tivesse brincado por uns poucos dias.<sup>572</sup> Na tradução de Erasmo da obra *Tiranicida*, de Luciano, sua sátira combate a ausência da arte oratória, até naqueles que dela são professores, de modo leve, qual seja, na forma do jogo, da brincadeira, o que dá a ela maiores oportunidades de exercer seu poder pedagógico.

Tratando de suas obras destinadas ao sistema de estudos, Erasmo afiança que os dois livros *Sobre a Abundância das Palavras e das Coisas* foram “[...] outrora dados a conhecer mais do que começados através de jogo [...]”<sup>573</sup> Nada melhor que uma obra em forma de jogo para ser dedicada à nova escola de Colet! É, em Erasmo, o jogo da linguagem, o jogo da linguagem metafórica, o jogo da linguagem satírica para uma nova educação, entendida igualmente como um jogo! Portanto, nada de castigo, nada de discurso formal!

Além do mais, todo o *Elogio da loucura* nada mais é em si mesmo que um jogo. “Por conseguinte, visto que considerei inteiramente necessário agir em alguma coisa e esse tempo parecia pouco acomodado para uma reflexão séria, pareceu-me bem jogar um Elogio da Loucura.”<sup>574</sup> Mais uma vez, mesmo não deixando de ser algo sério, a sátira é antes de tudo um ludo, um jogo, uma brincadeira, um divertimento.

---

<sup>571</sup> ERASMI, p. 562. Carta 293, de Erasmo a William Warham, de 1514. “Itaque Saturnalia Luciani Latinitate donata bonis avibus mitto, libellum nisi fallor nec infestivum nec a me alteri dicatum, et in primis oportunum, si quando ridere libebit; imo si licebit in tanto negociorum agmine, quae tibi (ut Horatianis dicam verbis) per caput et circum saliant latus.” \*Os áugures romanos tiravam presságios do canto e do vôo das aves. \*O pensamento de Horácio encontra-se nas *Saturnais*, 2, 6, 33. 4, de Luciano.

<sup>572</sup> ERASMI, p. 423. Carta 191, de Erasmo a Ricardo Whitford, de 1506.

<sup>573</sup> ERASMI, p. 09. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “[...] olim per lusum designati verius quam coepti [...]”

<sup>574</sup> ERASMI, p. 460. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Ergo quoniam omnino aliquid agendum duxi, et id tempus ad seriam commentationem parum videbatur accommodatum, visum est Moriae Encomium ludere.”

Nesse sentido, Erasmo crê que More aprovará o jogo da *Moria*.

Além disso, principalmente eu suspeitava que este jogo de nosso engenho fosse aprovado por ti, visto que costumavas deleitar-te pelo dispêndio com jogos desse gênero, isto é, nem indoutos, se não estou enganado, e nem em nenhuma parte insulsos, e agir, na vida comum dos mortais, inteiramente como uma espécie de Demócrito.<sup>575</sup>

Há aqui tanto o jogo de palavras, *More-Moria*, quanto *lusum-iocus*, isto é, jogo, divertimento, brincadeira, riso. Além disso, os verdadeiros eruditos estão habituados com o uso da sátira e, por isso, são capazes de entender que ela não é ignorante, mas douta, não é insossa, mas tempera a vida, em suma, é uma forma cômica de rir do espetáculo da vida e de se alegrar com ela, como o fazem Demócrito, More ou Erasmo.

Mais ainda, Erasmo crê que More, por ser erudito, se alegrará com a sátira. “Posto que certamente tu, que pela perspicácia singular de teu engenho longe e lato costumavas dissentir do vulgo, sim, pela incrível suavidade e afabilidade dos costumes a agir com todos os homens em todas as horas, podes e alegras.”<sup>576</sup> Somente um homem de pensamento perspicaz, bondoso e íntegro, como More, é capaz de entender o alcance da sátira em sua profundidade e alegrar-se com ela. Mas, como estes são poucos, Erasmo tem tantos detratores.

Outro aspecto do jogo da sátira erasmiana é que ela é um fingimento. “Por conseguinte, se lhes parecia bem, que eles fingissem entrementes tal que em meu ânimo eu brincasse de esconde-esconde, ou se eu preferisse praticar equitação numa longa vara arundínea.”<sup>577</sup> A sátira é um fingimento e para entendê-la é preciso fingir, ou seja, é preciso ir além das aparências e entrar no jogo. Portanto, a sátira de Erasmo é como um jogo de esconde-esconde, um quebra cabeça, é cavalgar num cavalinho de pau como se realmente cavalgasse, é pura brincadeira, divertimento infantil, um faz de conta.

De fato, a sátira erasmiana é uma linguagem dissimulada. É por lhe tirar Henrique do estudo das letras para as atividades de Mercúrio que Erasmo parte para o ataque, prometendo

---

<sup>575</sup> Id., Ibid., p. 460. “Deinde suspicabar hunc ingenii nostri lusum tibi precipue probatam iri, propterea quod soleas huius generis iocis, hoc est nec indoctis, ni fallor, nec usquequaque insulsis, impendio delectari, et omnino in communi mortalium vita Democritum quendam agere.” \*Demócrito: Filósofo grego do atomismo do século V a.C. Ele escreveu *Acerca do Prazer*. Para ele o bem supremo consiste na libertação dos terrores vãos e acha constantemente cômico o espetáculo da humanidade. (Cf. Juvenal, *Sátiras* X, 28-30; Sêneca, *De Ira*, II, 10, 5).

<sup>576</sup> Id., Ibid., p. 460. “Quanquam tu quidem, ut pro singulari quadam ingenii tui perspicacitate longe lateque a vultu dissentire soles, ita pro incredibili morum suavitate facilitateque cum omnibus omnium horarum hominem agere et potes et gaudes.”

<sup>577</sup> Id., Ibid., p. 461. “Proinde, si videbitur, fingant isti me laterunculis interim animi causa luisse, aut si malint equitasse in arundine longa.” \*Não existe tradução em português para *laterunculis*, mas este substantivo provém do verbo *latere* (later, esconder). Daí traduzirmos por jogo de esconde-esconde, enquanto os tradutores preferem xadrez. Cremos que nossa tradução é mais apropriada a uma brincadeira infantil que parece ser o sentido dado por Erasmo ao seguir o pensamento de Horácio. \**Equitare in arundine longa* é citação de Horácio, *Sátiras*, II, 3, 248.

para Christian que se não for atendido lhe seguirão seus feciais conduzindo seu chefe, qual seja, ele próprio. Mas, estas são suas armas: “Já estão comigo os espículos limados, as telas estão eretas; a invectiva será emitida para aí mais acre que qualquer vinagre. Então, avalie que nada resta para ti exceto que tu elejas alguma trave para o enforcamento.”<sup>578</sup> Se for tomado ao pé da letra, parece que se está preparando para uma batalha mortal. Na verdade são apenas palavras de Erasmo que, afiadas como os dardos, eretas como as lanças e portadoras de mensagem de intimidação, nada vão além de uma forma divertida de convencimento de sua assertiva e do erro da posição alheia. Toda essa sátira é colocada de maneira muito amorosa, até porque tais ameaças não passam de uma farsa, de dissimulação, de puro jogo de palavras, de simples brincadeira.

Por isso, a sátira erasmiana é como um falso confronto. Nessa acepção, Erasmo prefere fazer guerra a James Batt com invectivas acérrimas a agir como o amigo mais piedoso com o ofício de escrever um epitáfio. Insultado primeiro, que Batt tema seu cálamo! Em sua ira, ele promete guerrear com as armas próprias dos poetas, e em vão serão as fossas, as muralhas e as munições com os quais o amigo se cerca. Ele avisa que por enquanto são apenas tropas ligeiras, ou seja, que isso é apenas o começo e que se o amigo não pedir a paz virá a guerra com ácie.<sup>579</sup> Reafirmando, tudo isso nada passa para Erasmo de puro divertimento.

Na verdade, a sátira erasmiana é apenas uma roupagem: “Então, se existe alguém que não possa se aplacar com a Estultícia, pelo menos se lembre de que é belo ser vituperado por ela, visto que se a fizemos eloqüente foi para servir ao decoro da personagem.”<sup>580</sup> Não se deve temer a crítica que é parte inerente da sátira. Também não se deve ir contra o satirista, pois muitas vezes ele usa uma roupagem que é própria da sátira para lhe dar maior destaque e beleza. Deve-se, portanto, descontar as figuras de estilo, sua roupagem, para penetrar no sentido profundo da sátira. Ver-se-á que é belo ser vituperado por ela, porque, então, ela se tornará agente de mudança de comportamentos e modos de pensar. Permitir-se-á, assim, que a sátira cumpra seu papel pedagógico.

---

<sup>578</sup> ERASMI, p. 196. Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de 1498. “Iam apud me sunt limata spicula, tela instructa; invectiva istuc mittetur omni aceto acrior. Tum tibi nihil reliquum putato nisi ut aliquam suspendio trabem eligas.” \*Espículo (*spiculum*): Ferrão, flecha, ponta, ponta de um dardo. \*Tela: Mesmo que em português queira dizer teia ou trama, refere-se aqui a *telum*: Arma de arremesso, arma ofensiva, dardo, lança, punhal.

<sup>579</sup> ERASMI, p. 236. Carta 101, de Erasmo a James Batt, de 1499.

<sup>580</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Tum si quis est quem nec ista placare possunt, is saltem illud meminerit, pulchrum esse a Stulticia vituperari; quam cum loquentem fecerimus, decoro persone serviendum fuit.”

Por isso, a sátira erasmiana não é estulta. “Certamente o juízo sobre mim será dos outros; embora, se o amor-próprio não me falha muito, louvamos a Estultícia, mas não de modo inteiramente estulto.”<sup>581</sup> Erasmo deixa, sem falsa modéstia, que os outros julguem a sua sátira e acredita que ela, como a Loucura, não é insensata, porquanto seja pedagógica.

Ao contrário, a sátira erasmiana é sábia porque visa apenas a recensar as coisas ridículas. “E, conforme o exemplo de Juvenal, nós não movemos em alguma parte aquela oculta sentina dos crimes, e nos esforçamos para recensar mais as coisas para rir que sujá-las”<sup>582</sup> Erasmo não mexe em todas as torpezas humanas. Se o fizesse a sátira, talvez, provocasse menos as mudanças de comportamento desejadas e mais a fúria da reação contrária. Além disso, não denominando as pessoas, ele satiriza nos homens apenas aquelas coisas que são mais ridículas (e são exatamente as coisas mais torpes as mais ridículas), pois é através do riso que eles podem ser motivados a se corrigir. Ou seja, a sátira erasmiana é a sabedoria pedagógica do riso.

No sentido da sátira como sabedoria pedagógica do riso, Erasmo pede ao amigo Servatius para que não se deixe dominar pela ofensa. “Por que não se distinguir mais pelo sumo esforço, para que assim te evadas dos homens que te insultam e tu, por sua vez, os ridicularizes [...]?”<sup>583</sup> Portanto, não há lugar para pesares, muito menos para espírito de revanche. Se se quiser ser um homem o caminho é outro e Erasmo aponta qual é, o do cultivo das letras. Tudo para ele parece encorajar para o estudo, a circunstância, o lugar e a clemência do tempo. Assim, um homem formado nas letras, depois de um longo esforço e de bastante tempo, poderá rir daqueles que o insultam. O riso é o resultado de um processo de estudo, ao final do qual o homem sabe e sabe-se homem, por ser senhor de suas paixões. Não se trata do falso riso, mas do riso pedagógico, enquanto expressão do homem que sabe, um riso construtivo. Então, a sátira terá cumprido sua função pedagógica.

#### 4. 4 SÁTIRA E CONSTRUÇÃO

---

<sup>581</sup> Id., Ibid., p. 461. “De me quidem aliorum erit iudicium; tametsi, nisi plane me fallit ‘psilatria’ Stulticiam laudavimus, sed non omnino stulte.” \*Erasmo faz a citação psilatria (amor-próprio) em grego.

<sup>582</sup> Id., Ibid., p. 461. “Neque enim ad Iuvenalis exemplum occultam illam scelerum sentinam usquam movimus, et ridenda magis quam foeda recensere studuimus.” \*Sentina: Antigo porão das galés; cloaca; latrina; (Fig.) lugar imundo, lugar muito sujo.

<sup>583</sup> ERASMI, p. 87. Carta 013, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “Quin magis summo enitere studio ut in talem evadas virum qui eos qui tibi insultant tu vicissim irrideas [...]”

Síntese das categorias anteriores, nosso objetivo neste item consiste em mostrar que de qualquer forma que a sátira se apresente, ela é, para Erasmo, intencionalmente construtiva, portanto, pedagógica.

Primeiramente, selecionamos aleatoriamente algumas cartas, nas quais aparecem diversas características-síntese da sátira erasmiana inseridas no contexto metafórico, o que acaba por explicar seu caráter construtivo e pedagógico.

Com a carta 253, ao cardeal Roberto Guibé, Erasmo quer atestar que não está nem estará no futuro imêmore da humanidade com que sua reverendíssima dominação o acompanhou, a ele que não tem nenhum mérito, isto é, nenhum título, quer durante a viagem, quer em sua permanência em Roma. Para que lhe seja permitido esquecer essa cidade, ele terá que procurar algum rio Lete, porque não pode senão sofrer todas as vezes que lhe vem à mente o céu, os campos, as bibliotecas, os passeios, as mélicas confabulações de homens eruditos, as luzes do mundo, as esperanças que tão facilmente lá deixou. O que suaviza esse seu desejo é a inaudita benignidade do reverendíssimo arcebispo de Cantuária que, mesmo que fosse um pai ou um irmão, não poderia ser mais amante, e do bispo de Rochester, um homem de suma integridade de vida, doutrina vária e recôndita, de espírito de modo nenhum sórdido, e que por esses dotes goza da mais alta estima.<sup>584</sup> Aqui, Erasmo se mostra agradecido com aqueles que de uma ou outra forma lhe são ou foram úteis (amizade e gratidão); procura colocar-se como inferior a quem se dirige (ironia); busca fundamentar-se na cultura clássica (linguagem figurada do mito do rio Lete); utiliza a linguagem hiperbólica (destaque às maravilhas de Roma); procura, sempre que pode, valorizar o outro (elogio ao arcebispo de Cantuária, William Warham e ao bispo de Rochester, João Fisher). Tudo isso porque ele quer pedagogicamente mostrar a Roberto Guibé que este deve ser mecenas seu e das letras.

Na carta 245, endereçada para André Ammonio, Erasmo escreve que, em primeiro lugar, louva a carta que Ammonio lhe enviou, a qual é digna dele, isto é cândida e depois douta. Em segundo, ele começa a interpretar São Jerônimo, um cargo, pelas musas, de longe muito mais difícil do que pensava, embora não lhe crucie tanto o trabalho quanto a preocupação. Em terceiro, o fato de Ammonio louvar os pequenos versos que lhe dedicou parece-lhe pura retórica e, para fazer ostentação de palavras, significa transformar prestamente um camundongo em elefante. Em quarto, ele julga que seus carmes são certamente inelegantíssimos, mas minimamente mentirosos.

---

<sup>584</sup> ERASMI, p. 499-500. Carta 253, de Erasmo a Roberto Guibé, de 1512.

Em quinto, ele pintou Ammonio certamente com ótimas cores, pois essas são as dele, mas o artista não é ótimo e nem ótimo é o pincel. Em sexto, se ele não fosse capaz de amar Ammonio, não seria Erasmo devidamente feito para amar, mas devidamente feito para estar ao lado do amor, isto é, seria o menos amável do mundo, um homem que os tauroscitas deveriam chamar de bárbaro e as feras de feroz. Em sétimo, a ida do grande pai a Lorete nada tem de piedade, pois comover-se quando a guerra já começou, tem-se o provérbio grego “a sorte da borboleta”, e se algo acontecer à Igreja romana, isso poderá mais justamente ser atribuído ao excessivamente forte Júlio. Em oitavo, as pessoas de Cambridge são como bois de Chipre, que comem seus excrementos, mas se julgam dignos de se nutrir de ambrosia e do cérebro de Zeus. Em nono, ele se alegra que Ammonio lucianiza e pretende com ele, em breve, helenizar. Em décimo, Ammonio é um amigo maior que Píladés.<sup>585</sup> Isso quer dizer que, em primeiro lugar, as qualidades que Erasmo busca nas pessoas (como Ammonio) e nas obras são a candura e a erudição, atributos que são inerentes também à sua sátira. Em segundo lugar, ele não se lamenta do trabalho despendido na produção de suas obras (como na de São Jerônimo), pelo contrário, sua preocupação, quando traduz uma obra, é que sua interpretação atinja os objetivos da melhor forma possível, o que implica a busca contínua da perfeição e da verdade, busca na qual sua sátira se insere. Em terceiro lugar, ele tem sérias restrições para acolher elogios, utilizando a linguagem figurada dos provérbios (fazer de um camundongo um elefante) para declinar elogios que lhe fazem e para, ao mesmo tempo, reforçar seu pensamento de que não se deve elogiar quando o elogio não corresponde à verdade dos fatos, pois neste caso este se torna apenas retórica. Em quarto lugar, se vê nos elogios que lhe fazem apenas retórica, quanto a si, atribui o caráter de sinceridade, mas nega a elegância, o que significa, por um lado a presença da ironia, que se menospreza (apesar de saber-se prezado) para valorizar as outras pessoas, e, por outro lado, aquilo que lhe é precípuo, qual seja, que tudo deve conter plenamente a verdade. Em quinto lugar, a mesma idéia de sinceridade aparece na correspondência entre o elogio feito a Ammonio e as qualidades deste, e a mesma ironia surge no auto-reconhecimento de inaptidão do autor dos elogios (Erasmo) e de seu estilo (pincel). Em sexto lugar, ele preza a amizade acima de tudo a ponto de considerar bárbaro e feroz aquele que não ama as pessoas na proporção que lhes é devida. Em sétimo lugar, ele satiriza

---

<sup>585</sup> ERASMI, p. 491-493. Carta 245, de Erasmo a André Ammonio, de 1511. \*Esta carta apresenta um grande número de citações em grego. \*Taurocistas (*Tauroscythae*): Habitantes de Tauros (montanhas da Ásia). \*Lorete: Era um tradicional local de peregrinação. \*A expressão “a sorte da borboleta”, que ao aproximar-se da chama se queima, é um provérbio de Ésquilo (frag. 288) e tornou-se o Adágio 851.

o beligerante papa Júlio II, utilizando a linguagem proverbial. Em oitavo lugar, em defesa de Ammonio, ele satiriza os ingleses de modo irônico (como se comecem ambrosia e tivessem o cérebro de Zeus) e de modo sarcástico (comem seus próprios excrementos). Em nono lugar, uma fonte da sátira erasmiana é a cultura helênica, na qual pretende se excitar numa comunidade das letras, tomando Luciano de Samósata como um modelo dessa sátira. Em décimo lugar, ele recorre ao exagero para afirmar a intensidade de uma amizade (mais amigo que Píades). E, tudo faz pedagogicamente.

Na Carta 262, mesmo satirizando que Júlio age muito como Júlio, Erasmo garante que sustenta um voto pelo feliz sucesso das coisas eclesiásticas. Afirma que visitará a Virgem de Walsingham. Conta que Bovillus greciza ativamente e ama Ammonio unicamente. Solicita a Ammonio que diligentemente saude em seu nome a João Fisher, antístite de toda a humanidade. Recomenda a Ammonio que de sua parte agradeça a Dom Carmiliano por este ter amantemente mentido a seu respeito chamando-o de “o doutíssimo dos doutos”. Afiança que quanto menos admite o louvor, mais deve isso à benevolência e ao empenho nada vulgar de Carmiliano para consigo, e que é certamente honorífico e agradável ser louvado por um homem louvadíssimo.<sup>586</sup> Temos aqui também diversos elementos da sátira erasmiana. Primeiramente, nova crítica de Erasmo ao Papa Júlio II por se portar como o imperador romano Júlio César. Em segundo lugar, ele não é contra a Igreja, preferindo o sucesso dos negócios eclesiásticos. Em terceiro, ele participa de peregrinações, prova de que não é contra as devoções ou a religião. Em quarto, ele valoriza aqueles que se dedicam ao estudo da língua, neste caso o grego (Bovillus greciza). Em quinto, ele procura valorizar a amizade (Bovillus ama Ammonio). Em sexto, ele utiliza a linguagem laudatória (Fisher, o mestre da humanidade). Em sétimo, ele é modesto, ao recusar para si o elogio dos outros, modéstia que é ao mesmo tempo ironia. Em oitavo, ao receber um louvor, ele devolve louvor à pessoa que o louvou (Carmiliano, um homem louvadíssimo). Os elementos se repetem, o que mostra a preferência de Erasmo pela linguagem metafórica e revelam uma coerência em sua fala, inclusive em sua sátira que é também coerentemente pedagógica.

Erasmo endereça uma carta a James Batt denominando-a como uma epístola familiarmente jocosa e plena de ironias.

---

<sup>586</sup> ERASMI, p. 513. Carta 262, de Erasmo a André Ammonio, de 1512. \*Walsingham: Cidade da Inglaterra ao norte do condado de Norfolk. Desde 1061 era o lugar de uma peregrinação célebre à Virgem. Erasmo conta a sua no colóquio *Peregrinatio religionis ergo*. \*Antístite (*antistes*): antiste; mestre; preposto, pontífice.

Eu vejo que minha carta te fez o estômago, que tu dizes que ela foi muito morosamente escrita, eu acho que muito jocosamente, ou então se foi como um aloés, ela mui justamente efundiu dor de ânimo em ti, mas não contra ti; embora eu reconheça um pecado, e ele não é simples, porquanto ele não respeitou minha perdidíssima condição e nem tem em mente a tua felicidade. Com efeito, não convém a um homem aflitíssimo querer parecer faceto, mas súplice, muito menos dicaz e petulante, sobretudo junto àquele a quem a fortuna arrebatava com ventos favoráveis, e com quem sabes estar endividado por seus nomes.<sup>587</sup>

Primeiramente, Erasmo sabe que aquilo que escreve, por exemplo, uma carta, pode fazer o estômago, isto é, causar mau humor ao leitor. Segundo, o leitor pode achar que aquilo que ele escreve seja moroso, quer dizer, impertinente, de amarga ironia. Terceiro, ele não concorda que seja moroso, mas jocosos, divertido e agradável. Quarto, ele admite que seus escritos possam ser como o aloés, isto é, amargos, contudo, medicinais e nutritivos. Quinto, ele admite também que seja possível que seus escritos causem dor de ânimo, isto é, ofenda o leitor. Sexto, não é contra a pessoa que ele escreve. Sétimo, ele concorda que se pode errar quando se desrespeita a si próprio ou ao leitor. Oitavo, ele sabe que não convém a um homem aflito querer parecer faceto, espirituoso, dicaz, satírico ou petulante, pois a sátira não é uma máscara que esconde a realidade. Nono, contrariamente, um homem aflito deve ser súplice, isto é, humilde, e aqui não se pode esquecer que esta é exatamente a arma principal da ironia, parecer ser menor do que se julga ser, a qual ele maneja com perfeição. Décimo, a humildade deve ser ainda maior junto aos poderosos e aos eruditos, o que quer dizer, então, que a ironia - e a sátira -, tem que ser ainda mais refinada, para tentar convencer sem ofender, ou ofender o mínimo possível, para menos machucar e mais ensinar. Esse é o caráter pedagógico da sátira erasmiana, que se apresenta em todo momento construtiva.

Quanto aos aspectos construtivos propriamente ditos, primeiramente, como as menores gemas, aparentemente sem valor, a sátira contém o mais alto teor construtivo. Embora tenha dificuldades de falar de si, porém, não medindo palavras para elogiar os outros, como neste caso a Thomas Wolsey, a quem oferta o seu compêndio *Como tirar proveito do inimigo*, de Plutarco,

---

<sup>587</sup> ERASMI, p. 301. Carta 130, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Video literas meas stomachum tibi facisse, quas tu morosius scriptas ais, ego iocosius puto, aut si quid erat aloes, id non in te sed apud te iustissimus animi dolor effudit; etiamsi peccatum agnosco, neque id simplex, quippe cui neque mea conditio perditissima neque tua felicitas in mentem venerit. Neque enim convenit hominem afflictissimum facetam videri velle, sed supplicem, dicacem et petulantem multo minus, maxime apud eum quem fortuna secundis ventis rapiat, cuique sis aliquot nominibus obaeratus.”

Erasmus afirma: “É um libelo muito insignificante; mas memora-te que por vezes as minútíssimas gemas têm o máximo valor.”<sup>588</sup>

Em seguida, como pode ser destrutiva a sátira de alguém que odeia, por exemplo, todo tipo de guerra? “Sobre as coisas itálicas que tu anuncias elas são pouco alegres para mim, não pelo gosto aos franceses, mas pelo ódio à guerra.”<sup>589</sup> Inversamente, a sátira erasmiana é um grito pela construção da paz.

Como pode também ser destrutiva a sátira de alguém que preza a amizade acima de tudo? Erasmus ironiza William Herman e sua ave de mau agouro, pois este havia escrito e lhe enviado alguns poemas sobre o infortúnio, ao mesmo tempo em que manifesta ao amigo sua afeição, porque, como diz Sêneca, uma amizade que se deixa acabar nunca foi uma verdadeira amizade.<sup>590</sup> A sátira de Erasmus é erudita, mas, brincalhona, afetiva e amiga, pretendendo ser não agressiva e maldosa, mas construtiva.

Como pode ser destrutiva a sátira de alguém que não quer ser molesto? Não querendo ser inoportuno com o abade Antônio, Erasmus, citando a parêmia grega que diz que uma amizade intempestiva não difere em nada da inimizade, explica: “[...] porque nada verdadeiramente tem significado, não interessa se é feito com malevolência ou benevolência, se por acaso fores molesto.”<sup>591</sup> O que Erasmus menos pretende é ser molesto, pois esse não é o melhor meio nem de convívio nem de ensino. É isso que buscamos apontar nele, não só sua boa (ou má) intenção, mas sua verdadeira intenção, a qual é expressa, mormente de forma satírica, nas suas justificativas, de que não intenciona molestar, mas educar. Mesmo que ele acabe por ser molesto para muitos, para aqueles que não deixam que lhes ensinem nada, sua sátira mais constrói que molesta.

Como pode ser destrutiva a sátira de alguém que considera que a única vingança possível é esquecer injúrias? Reconhecendo que está correto o equívoco autor de todas as coisas em comparar que nenhum nocente é absolvido por seu julgamento, porque se a vingança pudesse curar uma doença já deveria estar aliviado de todas as dores, Erasmus ensina: “Na verdade eu

---

<sup>588</sup> ERASMI, p. 574. Carta 297, de Erasmus a Thomas Wolsey, de 1514. “Est libellus perquam exiguus; sed meminere minutissimis nonnunquam gemmis maximum esse precium.”

<sup>589</sup> ERASMI, p. 483. Carta 240, de Erasmus a André Ammonio, de 1511. “De rebus Italicis mihi parum laeta nuncias, non studio Galli, se odio belli.”

<sup>590</sup> ERASMI, p. 138-140. Carta 039, de Erasmus a William Herman, de 1494. \*A frase de Sêneca é uma máxima de São Jerônimo, *Cartas* III, 6.

<sup>591</sup> ERASMI, p. 335. . Carta 143, de Erasmus a Antônio de Bergen, de 1501. “[...] qua vere significatum est nihil interesse malevolentiane an benevolentia sis molestus.”

julgo que o gênero mais honesto e mais generoso de vindicta é negligenciar a injúria. Pois, a pena, por si mesma, segue espontaneamente os nocentes.”<sup>592</sup> Também com apelo ao sentimento religioso, o que move Erasmo não é a vingança, pois isso é típico de quem é nocivo. A sátira é sua vingança, vingança que se negligencia, que se nega, que não é vingança, mas que pretende ser atitude cristã de construção do homem e do mundo.

Como pode não ser construtiva a sátira de alguém que jura por Deus que quer sempre o melhor? “Eu certamente tenho isto no ânimo, que eu queira seguir aquilo que seja ótimo para ser feito, Deus me é o teste.”<sup>593</sup> Erasmo quer o melhor para si e para os outros, Deus lhe serve de testemunha disso, princípio construtivo que norteia toda sua vida, ação, produção teórica, linguagem, sátira.

Como pode não ser construtiva a sátira de alguém que se oferece a si mesmo? Erasmo considera-se inclinado por natureza mais a dar que a receber. Todavia, pobre, mas inteligente, ele faz como Ésquino, adolescente também pobre e engenhoso, que, nada tendo a dar a Sócrates, ofereceu-se a si mesmo, isto é, sua modéstia e suas prudentes orações, o que foi mais agradável para o mestre. Reconhecendo-se mais pobre que Ésquino, ele oferece ao correspondente desta carta seu reconhecido coração e seus escritos, um manuscrito de Terêncio.<sup>594</sup> Com efeito, seus escritos, sua sátira inclusa, podem significar Erasmo ofertando-se a si mesmo, para, através deles, construir um novo homem e um novo mundo.

Como pode não ser construtivo quem, apelando para o bom senso e a amizade, suaviza sua sátira falando de coisas simples? “Que todas estas coisas escritas por mim, meu querido Batt, tu aceites não como muito duras, mas simplissimamente em boa parte.”<sup>595</sup> O desejo de Erasmo é que os amigos e todas as pessoas não sintam que fale coisas duras, mas coisas muito simples. Sua sátira não quer complicar, mas facilitar a comunicação. Se assim não for entendida, ele não se constrange em dizer claramente suas intenções pacíficas e construtivas. Entretanto, sutilmente ele deixa uma brecha “de modo muito simples em boa parte”, ou seja, há momentos em que é preciso ser mais agressivo, desde que se seja compreendido, aceito e modifique comportamentos.

---

<sup>592</sup> ERASMI, p. 178. Carta 058, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497. “Verum ego vindictae genus tum honestius tum generosius puto iniuriam negligere. Nam nocentes ultro sua poena sequitur.”

<sup>593</sup> ERASMI, p. 565. Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1514. “Ego certe hoc sum animo, ut quod sit factu optimum sequi velim, testis est mihi Deus.”

<sup>594</sup> ERASMI, p. 123. Carta 031, de Erasmo a um amigo, de 1489. \*Esquino: Discípulo de Sócrates, que mesmo nada tendo em comum com o orador, o assistiu até sua morte, cf. Diógenes Laércio, II, 5, 34.

<sup>595</sup> ERASMI, p. 328. Carta 139, de Erasmo a James Batt, de 1500. “Haec tu, mi Batte, non durius a me scripta, sed simplicissime in bonam partem accipies.”

Além disso, a sátira erasmiana é antes preventiva que corretiva. Nessa significação, toda crítica ao tutor, todo elogio a Thomas Grey é para que este prossiga na grandeza de ânimo, inste-se, isto é, trabalhe sobre si mesmo e seja seu próprio preceptor.<sup>596</sup> A sátira de Erasmo não mira primeiramente aos adversários, mesmo que a estes também pretenda corrigir, e sim àqueles que ainda não estão corrompidos. Ela é, então, preventiva, antes que terapêutica.

O aspecto preventivo da sátira fica novamente atestado pelo fato de que o conselho final de Erasmo é de que Thomas Grey, apesar de tudo, respeite seu tutor, mesmo que não chegue a amá-lo, pois não odiar significa ser fiel à modéstia e à paciência. Ele justifica que, se Thomas conseguisse algum dia amar o monstro seria o mais leve de todos os mortais, se fizesse de bom coração seria estultíssimo, se com adulação, seria um torpíssimo bajulador; e que é tão insano abraçar um inimigo como é ingrato negligenciar um amigo.<sup>597</sup> Ou seja, o intento da sátira erasmiana não é destruir, mas fazer com que a pessoa, ao ver os erros alheios serem satirizados, os evite e ajude os outros a evitá-los, ao mesmo tempo em que corrija os seus.

Na verdade, a sátira erasmiana é tanto preventiva quanto corretiva e autocorretiva. Ainda ensinando a Thomas Grey, Erasmo compara seus professores da Sorbonne, teólogos escotistas de sutilezas sutilezíssimas, com Epimênides, pois pode jurar que Epimênides vive em Duns Scot. A grande diferença é que Epimênides, mesmo tardiamente, acordou de seu sono teológico, enquanto os teólogos de seu tempo não acordam jamais, e como dormem com uma mandrágora, imaginam estarem perfeitamente acordados. Não que suas palavras tenham se dirigido contra a teologia - pois é exatamente em função dela que ele faz os seus estudos em Paris -, mas como um modo de se divertir à custa de certos teologozinhos de seu tempo, de miolos muito fétidos, de língua muito bárbara, de engenho muito estúpido, de doutrina muito espinhosa, de costumes muito ásperos, de vida muito hipócrita, de discursos muito virulentos, de coração muito negro.<sup>598</sup> É tríplice o

---

<sup>596</sup> ERASMI, p. 179. Carta 058, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497.

<sup>597</sup> Id., Ibid., p. 179-180.

<sup>598</sup> ERASMI, p.190-193. Carta 064, de Erasmo a Thomas Grey, de 1497. \*Epimênides (*Epimenidas*): Pensando em instâncias, quididades e formalidades, ele dormiu, segundo os autores clássicos, por quarenta e sete anos, e quando acordado de seu longo sono não compreendeu mais nada do mundo ao seu redor e não foi reconhecido por ninguém, até que meses mais tarde caiu sobre uns bêbados bastante velhos e só então foi reconhecido. Obrigado a seguir os cursos da Sorbonne para se tornar bacharel, depois doutor em teologia, Erasmo compara seus mestres, discípulos de Duns Scot, a Epimênides (só que estes não acordaram ainda do sono profundo). Erasmo conta a vida de Epimênides através de Diógenes Laércio (I, 109). Suídas (autor de um léxico grego, *Soudas*, compilado no século X) diz que muito tempo depois de sua morte encontrou-se sua pele coberta de inscrições e que se chamou “pele de Epimênides” (que significa revelações secretas). \*Mandrágora: Em botânica é um gênero de plantas da família das solanáceas muito usadas em feitiçarias na Antiguidade e na Idade Média. As estatuetas de raiz de mandrágora passavam por ter virtudes mágicas, notadamente de fazer revelações.

objetivo da sátira de Erasmo: corretivo, ao criticar os teólogos, a fim de mostrar seus erros; autocorretivo, ao se precaver para não se tornar ele próprio um escotista; preventivo, ao alertar seu aluno tanto para os erros dos teólogos quanto para o perigo de se tornar também escotista. A sátira é, assim, pedagógica e construtivamente corretiva, autocorretiva e preventiva.

#### 4.5 SÁTIRA E PEDAGOGIA

Por fim, quanto à pedagogia, categoria síntese, pois, ao mesmo tempo em que está inserida e é decorrente das categorias anteriores, as engloba, pretendemos provar que a sátira erasmiana, pedagogicamente construtiva, é para Erasmo um método privilegiado de educação, constituindo-se, quiçá numa pedagogia.

Se tomarmos como exemplo a primeira carta do *Opus Epistolarum*, podemos perceber, já desde cedo, a precedência da sátira como método pedagógico no tom satírico de Erasmo: “[...] que a tardeza dele, eu te peço, seja vencida por tua improbidade; Se rogado, ele diferir, então emita a ordem [...]”<sup>599</sup> Primeiro, que a improbidade de Winckel vença a lerdeza de Cristiano em devolver os livros de Erasmo que estão em seu poder, e segundo, se esse método não for eficaz, só então é que se deve ser peremptório.

Para quem se interessa pela sátira enquanto linguagem principalmente pelo seu conteúdo pedagógico, como nós, é importante observar que, para obter os livros de Cristiano, Erasmo sugere que primeiro se use da improbidade, ou seja, da malícia, do jeitinho, da forma disfarçada, da artimanha, da linguagem não expressa necessariamente em palavras, da linguagem oculta etc., cujo poder consiste em força do convencimento. Só depois disso, na ineficácia do primeiro recurso, é que se deve utilizar a ordem, isto é, a linguagem formal, séria, ríspida, autoritária, que tem poder pela força e não pelo convencimento. No primeiro caso a linguagem é informal e pedagógica, no segundo é formal e autoritária. Expresso de outro modo, no segundo caso não acontece aprendizagem (Cristiano não aprende que é preciso devolver livros alheios com presteza), mas há ordem (Cristiano se sente coagido a devolver os livros). O que difere em ambos

---

<sup>599</sup> ERASMI, p. 74. Carta 001, de Erasmo a Pedro Winckel, de 1484. “[...] vincatur oro illius tarditas tua improbitate; si rogatus differt, vel iussus mittat.” \*Pedro Winckel ou Winikel: Geraldo, pai de Erasmo, morreu de peste em 1483, confiando a tutela de Erasmo, quando este tinha cerca de 14 anos de idade, e Pedro Geraldo, seu irmão, uns dois anos mais velho, a três tutores, dos quais Pedro Winckel, parente de Geraldo, na época mestre de escola em Gouda, era o principal tutor. Depois de Gouda, Winckel enviou os dois adolescentes à Bois-le-Duc, a Escola dos Irmãos da Vida em Comum, onde eles permaneceram por dois anos.

os casos é o método adotado. A linguagem satírica de Erasmo é método preferencial de persuasão, a ser empregado para a mudança de comportamento de Cristiano.

Mas, a linguagem metafórico-satírica remete não só a quem a recebe (a Cristiano), mas também, e principalmente, a quem a usa (Winckel). Aqui a linguagem metafórica se reveste fortemente de seu caráter satírico, mas pedagógico, pois, além de Erasmo não visar só ao resultado da ação em Cristiano, ele não pretende igualmente apenas uma ação eficiente de Winckel, mas, principalmente, a uma ação eficaz, uma vez que quer ensinar Winckel a agir corretamente. Esse o sentido pedagógico da sátira, ser eficiente e mais eficaz. Se ele tivesse sido ríspido, a reação de Winckel, provavelmente, teria sido contrária a desejada. Isso não quer dizer que a linguagem satírica faça efeito por si mesmo, mas que há uma intenção declarada naquele que a utiliza, visando a uma ação, eficiência, mas principalmente a uma tomada de posição, eficácia. A sua eficácia não depende necessariamente de sua eficiência, pois, mais do que o resultado da ação (de fato Erasmo está interessadíssimo que seus livros sejam devolvidos), interessa a ele ensinar a Winckel a como agir (ser sempre ágil no trato das coisas alheias), e nisto ele é eficaz em maior ou menor grau, mas o é. É a busca desta eficácia pedagógica pelo uso da sátira que lhe dá o caráter de linguagem superior em relação à linguagem formal. E Erasmo, que nesta época não tem ainda 20 anos de idade, já tem consciência disso, e defenderá em várias cartas essa superioridade pedagógica da sátira.

Além disso, a precedência da sátira como método pedagógico se assenta singularmente no fato de que Erasmo se coloca como educador. Depois de defender seu trabalho educacional junto a João Smith, ele desafia: “E se ele fosse tão ávido por aprender quanto eu para ensinar, já não seria necessário ter algum literato ou algum gramatista castigador.”<sup>600</sup> Erasmo se coloca como o professor por excelência, pois essa é sua principal marca. Se todos os homens se dispusessem a aprender seria desnecessário qualquer educador ou sátiro, ou seja, sua sátira teria sido desnecessária. Mas, como isso não acontece, num pedagogo, a sátira só pode ser pedagógica. Ou dito com outras palavras, como há uma considerável distância entre o condicional “se” e a realidade, é necessário o pedagogo Erasmo e sua sátira pedagógica.

Acima de tudo, a sátira erasmiana quer apenas advertir e ensinar: “[...] por acaso não parecerá antes ensinar e monir?”<sup>601</sup> Nesse elogio de Erasmo à Loucura, fica evidente que a sátira

---

<sup>600</sup> ERASMI, p. 536. Carta 277, de Erasmo a Rogério Wentford, de 1513. “Et si ille tam fuisset avidus discendi quam ego docendi, iam nihil opus haberet ullo literatore aut plagoso grammatista.”

<sup>601</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “[...] videtur an docere potius ac monere?”

é para ele um método pedagógico privilegiado, porque se adverte os homens sobre seus erros, é para ensinar-lhes o caminho da verdade.

Mais ainda, ensinar não significa somente mostrar o que deve ser imitado, e nem mesmo o que deve ser evitado, mas consiste em desensinar. “Porque, se, segundo Fábio, nada é tão eficaz a ensinar que mostrar, nas obras dos artífices, não só as coisas a serem imitadas, mas também as que devem ser evitadas, quanto mais o mesmo é preciso fazer ao desensinar?”<sup>602</sup> Deveras, o melhor modo de ensinar é mostrar nas obras dos autores o que deve ser imitado e o que deve ser evitado. Mas muito mais difícil é mostrar essa máxima quando se publica uma obra, como neste caso Valla, que procura desensinar uma série de coisas equivocadas que se aprendeu sobre a bíblia. Assim também a sátira erasmiana procura mostrar o que deve ser imitado e evitado, e também o que é necessário desaprender para se poder aprender de um modo novo. Ela se constitui num método de desaprendizagem de uma errada aprendizagem, ou seja, é mais que um mero instrumento ou técnica, é mais até que uma forma de expressão ou método qualquer, é método privilegiado de aprendizagem da verdadeira aprendizagem.

Para isso, a única condição necessária é que cada um assuma a sátira como sua. Erasmo termina a carta a More, oferecendo a Loucura a seus interlocutores, para que a assumam como sua: “Mas, por que esta, a ti, patrono tão singular, que podes defender otimamente até causas que, no entanto, não são ótimas? Adeus, disertíssimo More, e defenda gravemente a tua Moria.”<sup>603</sup> Se isso ocorrer, isto é, se a sátira erasmiana for assumida por cada um dos homens e por todos os homens como sendo sua, o que se constitui numa tarefa nada fácil, então, e só então, ela terá cumprido a função pedagógica intencionada e defendida por Erasmo como método privilegiado de educação universal da humanidade.

Posta a sátira erasmiana como método privilegiado de educação, cabe-nos discutir e analisar, a partir de alguns indícios, indicadores e figuras de linguagem, as razões erasmiana do seu discurso satírico, para verificar o alcance pedagógico da sátira de Erasmo rumo à constituição de uma pedagogia.

---

<sup>602</sup> ERASMI, p. 408. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Quod si iuxta Fabius nihil tam efficax est in docendo quam in artificum operibus non imitanda modo, sed etiam vitanda quae sint, commonstrare, quanto magis idem oportebat in dedocendo facere?” \*O pensamento de Quintiliano encontra-se em Inst. Orat. II, 5 e X, 2.

<sup>603</sup> ERASMI, p. 461-462. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Sed quid ego hec tibi, patrono tam singulari ut causas etiam non optimas optime tamen tueri possis? Vale, disertissime More, et Moriam tuam graviter defende.”

Um primeiro indício de que a sátira de Erasmo se constituiria numa pedagogia pode ser inferido de sua justificativa de que a sátira foi historicamente permitida. “Porém, sobre a cavilação de mordacidade, que eu responda que sempre foi permitida aos engenhos essa liberdade de impunemente jogar com saís a vida comum dos homens, contanto que a licença não saia para a raiva.”<sup>604</sup> Com efeito, aos que o acusam de mordacidade, Erasmo responde que a sátira foi historicamente aceita, ou seja, sempre gozou da aceitabilidade universal, o que justifica seu uso. Além disso, ela é expressão da liberdade dos escritores; é um jogo, uma brincadeira, um divertimento. Ao mesmo tempo, ela é sal, que salga, mas que também tempera e dá sabor. E, mais, ela zomba da vida dos homens, não da vida particular e sim da pública. Por fim, ela não deve ser raivosa.

Daí, um segundo indício pode ser a apologia que Erasmo faz dos mestres da sátira. Por exemplo, apoiando-se na história numa época em que o latim era balbuciado ainda de um modo muito mal, ele retoma o modo de falar dos antigos latinos, fazendo a apologia de Terêncio, que não deve apenas ser lido e relido, mas aprendido de cor palavra por palavra. “Há, com efeito, na comédia de Terêncio uma mirífica pureza, propriedade e elegância de discurso e, para um tão antigo cômico, um mínimo de horror; há graça (sem a qual toda oração é rústica por mais florida que seja); e algo de urbano e salso.”<sup>605</sup> Bebendo nas fontes clássicas, Erasmo destaca as qualidades da linguagem satírica, quais sejam, pureza, propriedade, elegância, nada de rudeza, graça, urbanidade e salga.

Decorrente disso, um terceiro indício é a apologia de Erasmo das boas letras cômicas. Ao recomendar que se tome cuidado com os homenzinhos, com os imperitozinhos, com os lividozinhos que afirmam que não é permitido ao cristão ler muitas vezes as fábulas de Terêncio porque trazem lascívia e torpíssimos amores aos adolescentes e corrompem necessariamente a alma dos leitores, Erasmo satiriza ainda: “Pelo contrário, bodes e estólidos, de nada imbuídos, exceto da nequícia (porquanto ignorantes e também maus), roubando, não vêem quanto ali tem de moralidade, quanto de exortação tácita para a instituição da vida, quanto de sentenças

---

<sup>604</sup> ERASMI, p. 461. Carta 222, de Erasmo a Thomas More, de 1511. “Iam vero ut de mordacitatis cavillatione respondeam, semper hec ingenii libertas permissa fuit, ut in communem hominum vitam salibus ludere impune, modo ne licentia exiret in rabiem.” \*Cavilação (*cavillatio*): Ardil, astúcia, manha, sofisma, sutilezas; causticidade, escárnio, zombaria; ironia maliciosa.

<sup>605</sup> ERASMI, p. 124. Carta 031, de Erasmo a um amigo, de 1489. “Est enim in his Terentianis comoedia mirifica quaedam sermonis puritas, proprietas, elegantia ac, ut in tam antiquo comico, horroris minimum; lepos (sine quo rustica est omnis, quantumvis phalerata, oratio) et urbanus et salsus.” \*Urbano (*urbanus*): Delicado, espirituoso, polido. \*Salso (*salsus*): Mesmo que em português signifique salgado, quer dizer também divertido, espiritual ou espirituoso, temperado.

venustas.”<sup>606</sup> Além das qualidades supracitadas, Erasmo reforça outras qualidades da sátira: tem graciosas sentenças, visa à moralidade e é exortação tácita para bem viver.

Ainda quanto às boas letras, um quarto indício pode ser deduzido do destaque que Erasmo dá às qualidades dos provérbios, que são também as mesmas que podem ser ditas de sua linguagem satírica. Assim, ao compor os *Adágios*, não tendo a menor consideração pelos asnos preguiçosos que acreditam ter nascidos para colher os frutos da atividade dos outros; comovendo apenas se os adolescentes de boas mentes consultarem sua obra por qualquer razão que seja; confiando que se eles não encontrarem aí muita arte, certamente abraçarão a obra de bom grado por seus numerosíssimos frutos; ele assevera:

O que, pois, de mais équo serve para a oração, é venusto por certa graça, alegre por seus jogos eruditos, tempera com o sal da urbanidade, se distingue por certas gêmulas de metáforas, ilustra pelos lumes de suas sentenças, varia pelos ornatos de suas alegorias e alusões, ou asperge com ilícebras da Antigüidade, do que esse tipo de parêmias, uma mobília rica e numerosa, como certos comestíveis acumulados e repostos em nossa casa?<sup>607</sup>

A importância dos provérbios é colocada de maneira não só erudita, mas apologética, em defesa deles, não porque Erasmo é o autor, mas por sua utilidade. Analogamente, a sátira é apropriada à oração; tem uma elegante graça; é alegre por suas brincadeiras eruditas; é temperada com o sal da urbanidade; orna-se de jóias emprestadas, espalhando os encantos da Antigüidade; aclara com pensamentos luminosos; é variada devido à beleza de suas alegorias e alusões.

Na continuidade da exposição de Erasmo à importância dos provérbios apreendemos as mesmas e outras qualidades da sátira, singularmente aquela que diz respeito a sua dicacidade, ou seja, mordacidade, pois, para ele, ela é um sal dicaz. Ora, esse entendimento de Erasmo da dicacidade, não como algo negativo, mas como qualidade, pode se constituir, por sua vez, num quinto indício de sua sátira como pedagogia.

[...] donde tu extrais para todas as razões que queiras, porque ele acaricia com uma metáfora hábil e apta, ou morde com um sal dicaz, ou alegre com uma brevidade aguda, ou deleita com um breve acume, ou recomenda ora pela novidade ora pela vetustez, ou

---

<sup>606</sup> Id., *Ibid.*, p. 124. “Imo capri ac stolidi nihil sibi praeter nequitiam, qua sola imbuti sunt (indocti quippe iidemque mali), rapientes, non vident quanta illic sit imoralitas, quanta vitae instituendae tacita exhortatio, quanta sententiarum venustas.” \*Lívido (*lividus*): Invejoso. \*Estólido (*stolidus*): Bronco, estulto, estúpido, irracional, parvo, tolo. \*Nequícia (*nequitia*): Devassidão, maldade, malícia, perversidade, ruindade.

<sup>607</sup> ERASMI, p. 290-291. Carta 126, de Erasmo a William Blount, de 1500. “Quid enim aequae conducit ad orationem vel lepida quadam festivitate venustandam, vel eruditae iocis exhilarandam, vel urbanitatis sale condiendam, vel translationum gemmulis quibusdam distinguendam, vel sententiarum luminibus illustrandam, vel allego-riarum et allusionum flosculis variegandam, vel antiquitatis illecebris aspergendam, quam huiusmodi paroemiarum divitem compiosamque suppellectilem et tanquam penum quandam extractum domique repositum habere?” \*Équo (*aequus*): Justo, benévolo, tranqüilo, favorável. \*Gêmula (*gemmula*): Pequena gema, pedra preciosa. \*Ilícebras (*illecebra*): Afagos, atrativos, blandícias, carícias, seduções, tudo quanto se faz para atrair.

alicia pela variedade, ou com uma alusão faceta acaricia a quem se conhece, ou, enfim, pela própria obscuridade faz despertar um leitor bocejador.<sup>608</sup>

Como os provérbios, a sátira é útil para todas as ocasiões, e, se, por um lado, acaricia, com hábeis e apropriadas metáforas; alegre, por sua aguda concisão; deleita, com uma breve astúcia; recomenda, pela novidade ou por pela vetustez dos termos; alegre por sua variedade de estilo; alicia, com uma alusão divertida ou sua obscuridade de linguagem figurada desperta o leitor bocejador; por outro, também morde, com sal dicaz.

Já posto na citação acima – carícia da metáfora, alegria da brevidade aguda, deleite do breve acume, alusão faceta e sal dicaz -, um sexto indício de que a sátira erasmiana pode se constituir numa pedagogia nos é dado exatamente pela importância que Erasmo atribui à hilaridade. Nesse sentido também, ao comparar as críticas de Herman a sua abstenção epistolar com as adivinhações que o amigo faz de seus escritos, julgando-os obscuros, sem os ter lido; e tomando o testemunho de Horácio que diz que não basta a beleza aos poemas, mas que eles sejam doces, isto é, agradáveis, e levem para onde querem o ânimo dos ouvintes, ele afirma: “Na verdade eu confesso que, aquilo que dá muito valor à obra de um orador e também de um poeta, não é tanto ela ser erudita, mas se a oração for esplêndida e hilariante [...]”<sup>609</sup> Ora, homem erudito por excelência, Erasmo afirma prezar mais o encanto e a hilaridade em um escrito que a própria erudição. Tal é o peso que ele dá à sátira, uma linguagem que é capaz de, brincando, revelar a verdade.

Um sétimo indício pode ser inferido da proposta educativa de Erasmo. Nessa perspectiva, na sua defesa dos verdadeiros objetivos da linguagem panegírica, esta se expressa, por exemplo, na idéia de virtude, apresentada por ele como um exemplar, como um modelo a ser imitado e seguido.

Por princípio, aqueles que julgam ser os panegíricos nenhuma outra coisa senão assentimentos parecem ignorar inteiramente por qual conselho, e para quê, este gênero de escrito foi inventado por homens prudentíssimos, de modo que neste, certamente colocados diante da imagem da virtude, os ímprobos príncipes fossem emendados, os probos fizessem progressos, os rudes fossem instruídos, os que erram fossem

---

<sup>608</sup> Id., Ibid., p. 291. “[...] unde ad omnem rationem quum velis depromas quod aut scita aptaque metaphora blandiatur, aut dicaci sale mordeat, aut acuta brevitae placeat, aut brevi acumine delectet, aut novitate aut vetustate commendetur, aut varietate alliciat, aut allusione faceta titilet agnoscentem, aut obscuritate demum ipsa lectorem oscitantem expergefaciat.”

<sup>609</sup> ERASMI, p. 141. Carta 039, de Erasmo a William Herman, de 1494. “Fateor equidem, id apprime oratori simul et poetae operaepretium est, ut non tanto erudita, sed et luculenta et hilarescens sit oratio [...]” \*Horácio: Arte Poética, 99-100.

admoestados, os que bocejam fossem estimulados, enfim, que mesmo aqueles que são deplorados sentissem vergonha por si mesmos.<sup>610</sup>

Dado que o panegírico não é uma linguagem bajuladora, servil, mas um gênero criado por homens ilustres, com a intenção específica de educar os homens, neste caso os príncipes, desde o mais próximo do ideal de um príncipe até o mais tirano; dado que, colocado o exemplar, que é a virtude, só encontrada no príncipe exemplar, a linguagem laudatória cumpre sua finalidade pedagógica; o que se diz dessa linguagem aplica-se do mesmo modo à linguagem satírica. De fato, a sátira erasmiana visa unicamente a emendar os depravados, a aperfeiçoar os virtuosos, a educar os simples, a corrigir os que erram, a estimular os acomodados, a envergonhar os recalitrantes.

Para além desses indícios, existem alguns indicadores mais palpáveis da possibilidade da sátira erasmiana como pedagogia, todos evidenciando a superioridade da sátira sobre as outras formas de linguagem figurada ou não. Dentre eles, em primeiro lugar, a arguição de Erasmo sobre a preferência da crítica ao elogio. Nesse sentido, comparando sátira e elogio, ele afiança:

Na verdade o mais grato amigo aplaudidor não me é mais são que o inimigo repreensor ou que o sapateiro que não vai muito além da sandália. Porque como quase nunca o louvador não prejudica, assim o repreensor sempre é útil. Com efeito, se ele repreende com a verdade, eu caminho mais douto; mas se com o que é falso, mesmo assim sou despertado mais aguçado, mais estimulado, me torno mais atento e cauteloso, e sou animado para a defesa da verdade. Visto que o cupidez da glória tem uma espora menos acre que o medo da ignomínia.<sup>611</sup>

Portanto, a sátira é superior ao elogio. É preferível a crítica de um inimigo a lisonja dos amigos, a qual mais prejudica, porque, como o sapateiro que só sabe fazer sandálias, não ajuda a pessoa ir além daquilo que já sabe. Contrariamente, a crítica só ajuda a crescer, tanto a crítica verdadeira, que nos faz mais sábios, como até mesmo a crítica falsa, pois esta nos aguça e estimula, torna-nos mais cautelosos e atentos, e nos anima para sempre defender a verdade. Ou seja, a crítica falsa cumpre três funções: previne-nos, nos aprimora e nos confirma. Se a crítica falsa já traz o embrião do incentivo, quanto mais não é construtiva a crítica verdadeira! Pois se a busca de glória, que o elogio pode acabar por incentivar, fere a verdade, muito mais o faz o medo que uma

---

<sup>610</sup> ERASMI, p. 399. Carta 180, de Erasmo a João Desmarez, de 1504. “Principio qui panegyricos nil aliud quam assentationes esse putant, prorsum ignorare videntur quo consilio, cui rei, genus hoc scripti sit a prudentissimis viris repertum; nempe in hoc ut obiecta virtutis imagine improbi principes emendarentur, probi proficerent, rudes instituerentur, admonerentur errantes, extimularentur oscitantes, denique ipsi apud sese pudescerent deplorati.”

<sup>611</sup> ERASMI, p. 408. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Mihi quidem sano non gratior sit amicus applausor quam vel inimicus repraehensor, dum ne plane sutor ultra crepidam. Nam ut nunquam fere non nocet laudator, ita semper prodest repraehensor. Etenim si vere repraehendit, discedo doctior; sin falso, tamen acuor, extimulor, expergefio, reddor attentior cautiorque, animor ad defensionem veri. Siquidem minus acre calcar habet gloriae cupiditas quam ignominiae metus.”

peessoa tem de ser desprezada caso ela não siga as recomendações do repreensor. É exatamente por esse princípio construtivo que Erasmo prefere a linguagem satírica à laudatória, sátira que não é falsa, mas verdadeira, que não destrói, mas constrói.

Em segundo lugar, o deleite de Erasmo em captar não aquilo que agrada, mas preferencialmente o que desagradam. Realmente, ele sempre se deleitou muito com a história de Apeles, latente atrás das fábulas, que tinha em todo lugar as orelhas arrectas, captando por todos os lados, não o que agradasse a muitos, mas aquela parte que desagradasse.<sup>612</sup>

Em terceiro lugar, a recomendação de Erasmo de que é preciso optar pelo conflito. “Isso está tão longe de ser dado como vício que se deve também optar nos estudos por esta dissensão, e por este conflito que Hesíodo escreveu ser utilíssimo aos mortais, contanto que ela não saia para a raiva e consista aquém dos convícios.”<sup>613</sup> Isso é afirmado por Erasmo no contexto da defesa de Valla, em que ele constata que Plínio não acredita que seu livro agrade a um amigo, mas sabe que certas coisas desagradam. Portanto, crítica não é defeito, mas qualidade que se deve buscar nos estudos, pois o que faz crescer é a divergência de opiniões e a discussão de idéias, desde que não se caia na ofensa. Assim, a sátira erasmiana trabalha os meandros da dissensão, da divergência, do confronto, da discussão, tomando a forma de disputa acadêmica, para a utilidade de todos os homens. E é por isso que ela não cai na injúria, não é maldosa, mas se põe, para ele, construtiva e pedagógica.

Em quarto lugar, o conselho de Erasmo de que é preferível escrever de modo improvisado e livre. “E até mais, segundo as forças de teu engenho (e eu prefiro que seja também improvisadamente), escreva tudo aquilo que vier à boca.”<sup>614</sup> Por conseguinte, Erasmo dá a Servatius Rogerus a receita da sátira, um jeito de escrever improvisado e livre.

Conseqüência do modo de escrever improvisado e livre, em quinto lugar, o fato de Erasmo aguardar dos outros as qualidades que credita a si, isto é, uma atitude criativa e educativa. Ele garante que, se Servatius tivesse seguido esse aviso já teria se tornado um homem e já teria se igualado a seu Erasmo não só por seus escritos, mas também por ter instruído todos aqueles que o

---

<sup>612</sup> ERASMI, Carta 180, de Erasmo a João Paludanus, de 1504. \*Arrecto (*arrectus*): Erecto, ereto, erguido, levantado, tesó.

<sup>613</sup> ERASMI, p. 408. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Adeo vicio danda non est, ut etiam vehementer optanda sit ista in studiis dissensio conflictatioque quam Hesiodus utilissimam esse mortalibus scripsit, modo ne in rabiem exeat ac citra convicia consistat.” \*O conflito ao qual Erasmo se refere encontra-se em *Os trabalhos e os dias*, 19. Hesíodo discute já antes e também depois desse verso a questão das duas lutas, uma a que leva à guerra, a outra, o trabalho, dizendo que a segunda é a melhor (cf. Hesíodo, 1991, p. 23).

<sup>614</sup> ERASMI, p. 89. Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, de 1488. “Quin magis pro tui ingenii viribus (atque id quod ex tempore malim) quidquid in buccam venerit scribe.”

cercam. Mas ainda há tempo para recuperar o tempo perdido e por as mãos à obra. E se Servatius precisar de ajuda, ele estará preparado e benevolente para ajudá-lo.<sup>615</sup> A pregação dessas qualidades (faculdade inventiva e intenção educativa), decorrentes do modo de escrever improvisado e livre, que Erasmo acredita possuir e as deseja para todos, leva-nos também a conjecturar sua sátira como pedagogia.

Em sexto lugar, a recomendação de Erasmo de que é preciso agarrar a pessoa pelo lado em que ela se deixa apanhar mais facilmente. “Por que, seguindo a mais bela regra de Epiteto, não prendemos por aquela ansa que comodamente cada um pode ter [...]?”<sup>616</sup> Fica claramente exposto o princípio pedagógico no qual a sátira erasmiana se assenta: ela é a maneira de atingir uma pessoa exatamente naquele ponto em que ela é mais fácil de ser agarrada.

Em sétimo lugar, o reconhecimento de Erasmo da força da palavra, e que se constitui num indício mais consistente. “Grande é a energia da palavra viva.”<sup>617</sup> Ora, é grande a força das palavras daqueles que atacam Erasmo. Como é que ele vai responder à palavra senão com a energia da própria palavra. A sátira é a necessária energia da palavra viva que Erasmo emprega, só que não para destruir, como o fazem seus adversários, mas tentando construir o que for para o bem de todos. Ou seja, a sua sátira é a pedagogia necessária ou a necessária pedagogia.

Além desses indícios e indicadores, existem algumas figuras de linguagem, empregadas amiúde por Erasmo, tão singularmente aplicáveis à sátira que nos autoriza a presumir que ela possa ter se constituído para ele em uma pedagogia.

Em primeiro lugar, a analogia que Erasmo estabelece entre a comédia – leia-se sátira - e as imagens antitéticas do servo nugatório, do jovem insano de amor, da prostituta blandiciosa e procaz; do velho difícil, moroso e avaro; e também a comparação entre a sátira e a beleza da pintura. Assim sendo, falando a seu amigo Cornélio Gerard sobre a comédia de Terêncio, ele afirma:

E eles não entendem todo este gênero de escrito, acomodado, ou melhor, inventado para demonstrar os vícios dos mortais. O que são as comédias senão um servo nugatório, um adolescente insano de amor, uma meretriz blandiciosa e procaz, um velho difícil, moroso e avaro? Nas fábulas estas coisas são propostas para nós pintadas como num quadro,

---

<sup>615</sup> Id., Ibid., p. 68.

<sup>616</sup> ERASMI, p. 409. Carta 182, de Erasmo a Cristóvão Fisher, de 1505. “Quin Epicteti magis pulcherrimam regulam secuti ea quemque ansa praevidimus, qua commode tenere queat [...]?”

<sup>617</sup> ERASMI, p. 29. Carta de Erasmo a João Botzheim, de 1523. “Magna est vivae vocis energia.”

para que vejamos nos costumes dos homens o que convém e o que não convém, para que amemos um e castigemos o outro.<sup>618</sup>

Analogamente, é difícil de entender a sátira, assim como não é fácil de entender um escravo que se ocupa com ninharias, um adolescente no auge de sua paixão, uma meretriz cheia de artifícios ou um velho em suas rabugices, pois ela é uma linguagem figurada, como a pintura de um quadro que exige conhecimento para entendê-la. Porém, a dificuldade é superada pela beleza, que, extasiando, acaba por despertar o amor pelas coisas convenientes e por corrigir os erros dos costumes humanos. Assim, a sátira constituiria em si mesma uma pedagogia.

Em segundo lugar, as figuras de linguagem da vírgula censória, do supercílio de censor e da pele de leão. Posto que André Ammonio reclame que há muito tempo implora um julgamento mais exato seu, Erasmo, jurando que o que diz é uma louvação e não uma censura aos seus estudos e para não parecer muito desobedecer a um amigo, a quem nada é permitido negar, reveste a pele de leão e ao mesmo tempo toma a suma vírgula e o supercílio do censor.<sup>619</sup> Ora, a vírgula censória e o supercílio censor só são exercidos após Erasmo ter revestido a pele de leão. Portanto, a pele de leão, que, num primeiro momento, quando vista isoladamente, é um disfarce (um artifício, um método), num segundo momento, vai além do método, quando se torna condição necessária para que assuma a força de censor. Do mesmo modo, a sátira, enquanto pele de leão, consistiria em uma condição necessária, ou seja, numa necessária pedagogia.

Nessa acepção, Erasmo apresenta a justificativa da sátira: “Por isso, é oportuno que nos revistamos com a pele de leão, para que se faça fé, e nossas letras sejam aprendidas por aqueles que avaliam um homem por um vocábulo e não por seus livros (porquanto eles não os entendem).”<sup>620</sup> Logo, a sátira é necessária. Por quê? Porque um tipo de linguagem já não se mostra eficaz, uma vez que muitos lêem e não entendem o que lêem. O que é preciso? É preciso *induere*, isto é, vestir, revestir-se com, cobrir-se com, mas também armar-se de um outro tipo de linguagem. E qual é a arma? É preciso armar-se da pele de leão. Por quê? Porque o leão se impõe

---

<sup>618</sup> ERASMI, p. 124. Carta 031, de Erasmo a um amigo, de 1489. “Neque intelligunt totum hoc scripti genus ad coarguenda mortalium vitia accommodatum, imo adeo inventum. Quid sunt comoediae, nisi servus nugator, adolescens amore insanus, meretrix blanda ac procax, senex difficilis, morosus avarus? Haec nobis in fabulis perinde atque in tabula, proponuntur depicta; ut, quum in moribus hominum quid deceat, quid dedeceat, viderimus, alterum amemus alterum castigemus.” \*Traduzimos *coargere* por demonstrar, pois cremos que este termo tem tanto o sentido de mostrar, evidenciar, como de acusar, reprimir, evitar.

<sup>619</sup> ERASMI, p. 545. Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de 1513. \*Vírgula (*virgula*): Palavra que se emprega para fazer uma objeção ou restrição, ou um comentário malicioso, picante, às palavras de outrem.

<sup>620</sup> ERASMI, p. 345. Carta 145, de Erasmo a Ana de Veere, em 1501. “Quare leoninam pellem induamur oportet, quo fides fiat et nos literas didicisse istis qui vocabulo non de libris (quippe quos non intelligunt) hominem censent.” \*Vocábulo: título de doutor.

por si mesmo, ele tem a força em si. Assim os recalcitrantes, aqueles que julgam uma verdade por um título e não pelos méritos de quem a profere, aqueles que se acham donos da verdade, por causa do medo que o leão lhes impõe, o respeitam e tomam como verdade o que diz. Mas, é apenas uma pele, e além do mais não se quer que se tenha medo, e sim que se aprenda as letras.

Assim é a sátira erasmiana. Ela parece um leão feroz, e foi desse jeito que muitos a interpretaram. Na realidade ela é uma pele de leão, portanto, um disfarce, uma caricatura, uma forma figurada de se apresentar. E o distintivo da sátira de Erasmo é o seu objetivo de que todos, até mesmo os jactanciosos aprendam as suas letras. Assim, esta aprendizagem é garantida pela força da palavra (como a força de um leão, já que a sátira se arma de sua pele). Essa palavra-força, essa força da palavra é a sátira.

Como é uma pele de leão, a sátira é também ridícula, tanto porque ela ridiculariza enquanto se faz passar por um leão, quanto porque ela própria se torna ridícula, quando se descobre que é apenas uma pele. Ou seja, por um lado, ela é plenamente um meio, um método, uma forma de ensinar. E então, ela não amedronta mais, não escandaliza, mas diverte e, em divertindo, ensina, e em ensinando, aprende-se, e em aprendendo, muda-se, e em mudando as letras triunfam, e em triunfando as letras, o objetivo da sátira foi alcançado. Por outro lado, sob a roupagem de pele de leão, ela não é dirigida primeiramente aos cordatos, mas àqueles que avaliam um homem por um vocábulo, os pseudo-sábios, particularmente os teólogos. Ora, como a recalcitrância humana tem sido normalmente mais acentuada que a docilidade de se aprender com a censura, pois os ouvidos e os corações humanos estão acostumados a aderir mais à lisonja, a sátira sempre se apresenta para eles com a pele de leão. E não só não pode ser vista sem ela, porque aí perderia sua força de leão, como deve vestir-se tão bem que seja como um leão, pois assim os recalcitrantes lhe darão crédito, se não pelo convencimento, pelo menos pelo medo ou pelo respeito. Nesse sentido, pode-se pensar em apontar a sátira como pedagogia, como uma arte necessária, como a única arte viável para se combater de igual para igual, ou melhor, ainda, de superior para subalterno.

Elegemos um exemplo da sátira como pele de leão onde o leão ruge na tentativa de convencer os teólogos:

Eles são homens que foram imbuídos de uma espécie de letras prepósteras, sem dúvida com grandes recompensas, mas, para nada saber de douto, de uma crassa Minerva, e também apenas do senso comum, mas, Deus imortal, com que arrogância de cerviz, quanto supercílio! Porquanto juntamente se vestiram com um fútil nome, para que, com uma falsíssima persuasão, fossem consumadas suas doutrinas. Eles, referentes a Filóxeno e Gnatão, torpíssimos glutões, sujam todas as disciplinas com as sordidezas dos

discursos culinários assim como com o muco assoado, motivo pelo qual os engenhos generosos são dissuadidos pela náusea e eles próprios apoderam-se sozinhos de todas as coisas.<sup>621</sup>

Temos aqui o aparente sarcasmo, que parece leão, mas é apenas a pele dele. Quando se olha somente a pele, temer-se-á ou tentar-se-á exterminar a fera. Em todo caso, ela assusta. Mas, quando se olha com olhos de aprendiz, ver-se-á que se trata de um artifício para tentar, na pressuposição de intimidar, mostrar o acerto de um ponto de vista próprio e do erro de posições rígidas e inflexíveis. Portanto, a sátira aparentemente mordaz, sarcástica, mesmo assim é pedagógica, pois o leão é manso ou nem leão é. Contrariamente, aos que não se colocam como aprendizes, como aqueles que insistem em continuar vestindo o vazio nome de teólogos, a sátira se veste sempre de leão. É sua condição necessária.

A terceira figura de linguagem é a da pele de Micião. Nessa acepção, a sátira de Erasmo censura os homens por estarem vestidos com a pele de Dêmea, o irmão intratável dos *Adelfos*, de Terêncio, e os convida a se revestirem da pele de Micião, o irmão amável.<sup>622</sup> Analogamente, a sátira erasmiana se propõe a ser não pele de Dêmea, mas pele de Micião, independentemente de ser dirigida aos cordatos ou aos recalcitrantes. A sua condição necessária é ser sempre afável, pois ela é a pedagogia da afabilidade. Daí sua eficiência e sua eficácia e sua própria razão de ser.

A última figura de linguagem é a da arma dourada. Desse modo, antes de argumentar que a carta de James Batt fará com que Ana de Veere compreenda este enigma, Erasmo justifica o uso da sátira.

Eu devo combater com cada um desses monstros e mostrando-me um outro Hércules; porque se tu armares o teu Erasmo, a fim de que possa contender com esses potentes com igualdade quer de ânimo quer de autoridade, não só nós, mas também as próprias letras estarão em dívida contigo. Porém, ele deve ser armado, minha querida princesa, com as armas de Glauco, de Homero, mas com aquelas que ele deu, não com as que ele recebeu.<sup>623</sup>

---

<sup>621</sup> Id., *Ibid.*, p. 345. “II sunt homines quidam praeposteris literis imbuti, magna nimirum mercede docti nihil scire, crassa Minerva, sensu vix etiam communi, sed Deum immortalem, quam cervicosa arrogantia, quanto supercilio! quippe qui sibi una cum inani nomine consummatae doctrinae falsissimam persuasionem induerunt. ii Philoxenum et Gnathonem, turpissimos gulones, referentes disciplinas omnes culinarii sermonis sordibus et tanquam emuncto mucro foedant, quo generosis ingeniis nausea deterritis ipsi soli rerum potiantur.”

<sup>622</sup> ERASMI, p. 76. Carta 003, de Erasmo a Pedro Geraldo, de 1487.

<sup>623</sup> ERASMI, p. 345. Carta 145, de Erasmo a Ana de Veere, de 1501. “Cum his quoque monstris mihi decertandum est et Hercules alter praestandus; quare si tu Erasmus tuum armaveris, ut possit cum his potentis pari tum animo tum auctoritate contendere, non nos modo verumetiam ipsae litereae se tibi debebunt. Armandus autem, mea princeps, Homerici Glauci armis, sed quae dedit, non quae recepit.” \*Glauco: Renomado por sua astúcia e coragem, o herói lício Glauco viu-se repentinamente diante do gigantesco Diomedes (herói da Etólia, que participou ativamente da Guerra de Tróia do lado aqueu), mas ambos, tendo reconhecido que suas respectivas famílias estavam ligadas por laços de hospitalidade, nem sequer iniciaram a luta e trocaram entre si, como presente, as armas. Diomedes deu a Glauco armas de bronze em troca das armas de ouro (cf. *Ilíada*, VI, 236).

É necessário a ajuda de Ana de Veere para que Erasmo possa enfrentar os detentores do saber de igual para igual, tanto em coragem quanto em autoridade e principalmente para que as letras triunfem, triunfo das letras que depende das armas que use. Elas não podem ser de bronze, como as de Diomedes, mas de ouro, como as de Glauco, pois o ouro, ao mesmo em tempo que é resistente, duro, forte, portanto, símbolo da autoridade, é também luzente, resplandecente, portanto, símbolo de atração, de interesse, e é igualmente valioso, portanto, símbolo de aceitação. Assim a sátira erasmiana, é a pedagogia, a arma dourada de Glauco, poderosa, atraente e aceita, condições necessárias para, com o triunfo das letras humanas e divinas, o surgimento de um novo homem e de uma nova sociedade.

Finalmente, para entender a sátira erasmiana em sua totalidade, inclusive como pedagogia, é preciso rever o que Erasmo aponta amiúde, qual seja a importância do sodalício, da crítica e da saudável polêmica, o valor dos críticos, aqueles que julgam os escritores, e o papel que desempenham aqueles com quem os escritores se rivalizam. Cremos ter encontrado aqui com clareza em que consiste a disputa acadêmica, a nova diatribe. Assim, a sátira erasmiana deixa de ser apenas um recurso ou mesmo um método de expressão, ela é a própria expressão que, enquanto fundada, construída e dirigida para a dissensão, visa – mesmo que não o consiga ou o consiga apenas em parte - exatamente à sua superação. Essa é a forma que, de acordo com a época, os países e as circunstâncias, os escritores renascentistas encontraram para expressar a palavra. É Erasmo, com o intuito de, satirizando, instaurar uma nova ordem! Por isso ele diz que é a consideração que faz viver as artes, ou seja, a possibilidade da ciência, do saber, está posta na tolerância e na estima de seus autores. Arte que se garante não na harmonia de idéias e sim na concorrência, pois são os opositores que aguçam o espírito e fazem viver e crescer as artes. E entre opositores a linguagem não é de elogios e sim de ironias, analogias, simbolismos, críticas etc., ou seja, menos laudatória e mais satírica. Portanto, ao mesmo tempo em que é meio de expressão, a sátira erasmiana se constitui na própria prática, aliás, numa nova prática, porque inserida em novo contexto e porque viabiliza uma nova forma de ser.

Isso posto, se não há em Erasmo alguma obra, algum escrito e nem mesmo qualquer justificativa explícita sobre a teoria da sátira ou da sátira como pedagogia, no primeiro volume de seu epistolário, não de forma sistemática, mas sistematicamente reafirmadas, muitas vezes nas entrelinhas ou entrelaçadas com outras argumentações, latejam definições ou idéias, tais como: Quanto ao estilo: beleza, elegância, eloquência, erudição, graça, retórica, venustidade: *color*;

*condonatio, decor, disertitudo, elegantia, eloquentia, eruditio, facies, facundia, forma, gratia, festivitas, iucunditas, lepor, lepos, loquacitas, nitor, rethorica, species, urbanitas, varietas, venustas.* Quanto às qualidades morais: afeição, amabilidade, amizade, amor, bondade, candidez, candura, docilidade, pureza: *affectio, amabilitas, amicitia, animus, beneficentia, benevolentia, candor, castimonia, charitas, comitas, consuetudo, familiaritas, humanitas, necessitudo, sanctimonia, sodalitas, suavitas, venus, voluntas.* Quanto à justa medida: adaptação, desapego, humildade, moderação, paciência, tolerância: *accomodatio, condimentum, consensio, convenientia, humilitas, lima, mansuetudo, moderatio, modestia, modus, patientia, simplicitas, temperantia, tolerantia.* Quanto ao aspecto jocoso: argúcia, artimanha, brincadeira, comédia, divertimento, fuco, hilaridade, jogo, loucura, lucubração, nênia, nuga, riso, sutileza, vigília: *alea, argutiae, comoedia, confabulatio, delectatio, deliciae, fabula, fucus, ineptia; insania, iocus, hilaritas, lucubratio, ludricum, ludus, lusio, lusus, Moria, naenia, nugae, risus, saltatio, stratagema, stultitia; subtilitas, vigilia.* Quanto ao aspecto satírico: apologia, audácia, autoridade, conflito, coragem, correção, crítica, diatribe, dicacidade, dissensão, escárnio, libelo, luta, mordacidade, salsidade, sarcasmo, sinceridade, verdade, zombaria: *acetum, acrimonia, aculeus, acumen, auctoritas, audacia, castigatio, cavillatio, censura, certamen, certatio, conflictatio, contentio, dica, dicacitas, dicterius, dimicatio, dissensio, dissidium, ditio, energia, fortitudo, ironia, irrisio, ius, libellus, lis, luctatio, mordacitas, obiurgatio, opugnatio, palaestra, potestas, predicatio, propugnatio, pugna, repraehensio, rixa, sal, synceritas, veritas, vis.* E quanto aos objetivos: ciência, doutrina, educação, fruto, instituição dos costumes, instrução, moralidade, piedade, sabedoria, utilidade, virtude: *cultus, doctrina, educatio, fructus, institutio morum, instructio, moralitas, pietas, sapientia, scientia, utilitas, virtus.* Latejam também expressões, como as apresentadas - pele de leão, pele de Micião e arma dourada - e outras do mesmo gênero. Elas insinuam de tal modo a importância da linguagem figurada – alegoria, alusão, apologia, comédia, diálogo, elogio, fábula, ironia, libelo, metáfora, panegírico, parêmia, provérbio, e outros -, da qual a sátira é partícipe privilegiada, que ousamos imaginar a possibilidade de se pensar a sátira erasmiana, e, por extensão, no Renascimento, como a proposta de uma nova teoria, de uma nova pedagogia, a pedagogia da sátira. De qualquer forma, ela contribui para a pedagogia moderna ao tentar superar a antiga pedagogia do medo e do castigo pela pedagogia da liberdade e do incentivo.

## CONCLUSÃO

Numa abordagem filosófica e pedagógica, recuperando a época de Erasmo tal como ele a relata, analisamos nesta tese a sátira erasmiana, inserida no seu discurso metafórico, no intuito de captar seu alcance pedagógico. Ela foi compreendida no âmbito de sua proposta educacional, que extraímos de suas intenções e justificativas expressas no primeiro tomo de seu *Opus epistolarum*, o qual abrange os anos de 1484 a 1514 e o ano de 1523, período do humanismo renascentista. Nesse contexto, ela é como um jogo, um faz-de-conta, capaz de, ao mostrar construtiva e jocosamente as verdades, cumprir um papel pedagógico transformador.

No primeiro capítulo apresentamos analiticamente o conteúdo do discurso metafórico de Erasmo, evidenciando que nele a sátira é um método pedagógico.

Primeiramente, destacamos o problema da autoria das obras de Erasmo, de seu discurso metafórico e de sua sátira. Nessa direção, nem tudo aquilo que ele escreve é impresso, certos escritos seus são roubados e publicados com nome de outrem e várias de suas obras são editadas de forma corrompida. Ele satiriza tais adulterações porque elas acabam por colocar em sua boca aquilo que não é dele e, ainda, porque nelas se perde a argúcia que lhe é peculiar, motivo pelo qual, denunciando as palinódias e continuamente revisando, busca sempre que possível trabalhar diretamente na prensa a fim de garantir a fidelidade de suas publicações. Daí infere que certos discursos supostamente seus podem não ter sido de sua autoria em determinadas impressões, ou, se são seus, podem ser de modo distinto daquele que consta em algumas edições. Concluímos que se é preciso ter cuidado quando se trata de publicações autênticas, quanto mais não o é quando existem dúvidas sobre a autoria do discurso, o que vale também para a sátira nele expressa.

Em seguida, levantamos a questão dos limites da correspondência de Erasmo, onde apontamos que, além das situações circunstanciais da época, ele assinala que ela não se constitui em si mesma em meio mais seguro e nem mais conveniente para se trocar idéias, para expressar sentimentos mais íntimos, para criticar ou para se defender. Além disso, que ele prefere a conversa pessoal à conversação escrita, inclusive como meio de defesa, se considera menos favorecido no gênero epistolar e em sua correspondência é muito indulgente com os sentimentos dos amigos. Por fim, que mesmo na existência de excelentes mensageiros, nem por isso ele tem por hábito escrever cartas, ou escreve de forma muito breve, exceto quando tem um bom motivo.

Na seqüência, vimos que, se há limites, bem maiores são as vantagens da correspondência, pois são os escritos de Erasmo que proporcionam uma imagem mais exata de seus sentimentos, pensamentos e conduta e que explicam sua sátira. Nessa perspectiva, tomando São Jerônimo e Santo Agostinho como modelos de exercício epistolar, ele profere que o desejo de escrever cresce à medida que se escreve, o intercâmbio de cartas é a única coisa que une os amigos ausentes e escrever cartas é uma arte de conversação como se fosse de viva-voz. Ele não saberia encontrar relação mais agradável e mais imediata entre amigos separados que a troca de cartas que torna presente um ao outro, senão de corpo, pelos menos de coração e de intenção. Isso evidencia a correspondência como uma forma privilegiada de comunicação.

Desse modo, é pelo gênero das cartas que Erasmo costuma ter intimidade mais livremente com seus amigos, alegrando-se também em recebê-las. Suas cartas, nas quais tempera notícias com saís, agradam os amigos, até mesmo quando ele é satírico, porque a crítica sutil contida em sua sátira é entendida como feita pedagogicamente e com arte. Nesse aspecto, as cartas trocadas entre ele e seus destinatários, e vice-versa, são o espaço da discussão acadêmica que esclarece os mal-entendidos, em que se aprende e se ensina. Em síntese, a correspondência é o lócus da conversação entre ele e seus amigos, de sua discussão acadêmica com os homens, ora em diálogo, ora em polêmica com o tempo.

Em primeiro lugar, analisando as características do discurso metafórico de Erasmo, destacamos que ele interpreta a ambivalência das coisas numa linguagem que, por ser também ambivalente, dá conta dessa ambivalência. Ainda, que a ambivalência das coisas, e da própria linguagem, se expressa em linguagem exortativa, em conselhos aparentemente contraditórios que amiúde ele dá e em relatos dúbios de práticas religiosas. Ou seja, ela se expressa particularmente na linguagem metafórica, da qual a sátira é parte essencial. Porém, ressaltamos que a linguagem figurada de Erasmo nada tem de ambígua, que ele não produz o dúbio.

Em segundo lugar, vimos que embora nem toda linguagem de Erasmo seja metafórica, já que ele utiliza todos os tipos possíveis de linguagem, inclusive a não-verbal, na verdade, ele é conhecido e prefere a linguagem figurada. Ele considera como tarefa principal desvendar a linguagem oculta dos autores para que as letras divinas e clássicas brilhem por toda parte. O que ele procura nos clássicos comprovadamente bons é o discurso metafórico, ou seja, o subentendido das sentenças, o sentido das metáforas, o significado das parábolas, os modelos e comparações, as particularidades, as imagens das frases engenhosas dos provérbios e de semelhantes recursos

gramaticais. Se ele o busca para o aprimoramento do estilo, o que permite a eloquência, muito mais lhe interessa essa linguagem indireta e figurada porque ela não só melhor revela os fatos, como ensina, por se apresentar como delícia, como prazer, como algo de que se goste.

Em terceiro lugar, lembramos que nem toda linguagem metafórica é necessariamente satírica e que se na fase jovem da vida Erasmo usa a linguagem metafórico-satírica mais restrita ao âmbito das relações interpessoais, à medida que o tempo passa, ela se dirige para campos mais amplos da realidade social.

Em quarto lugar, consideramos a relação do discurso metafórico e da sátira erasmiana com a literatura. Há ocasiões em que Erasmo utiliza poemas satíricos apenas como linguagem poética para extravasar o humor via literatura. Embora dê, desde criança, primazia à linguagem poética, tem-se nele, contudo, o predomínio das obras do gênero da oratória, visto que na prosa ele busca o poético, superando, portanto, a separação entre verso e prosa. Nas duas situações fica manifesta sua preferência pela linguagem figurada em geral e pela satírica em particular. Concluimos que quando a sátira aparece como epigramas, como linguagem poética ou em prosa, ou ainda como oratória, ela se constitui mais em um estilo literário. Porém, por entendê-la quer como metodologia quer como pedagogia, sem negar a literatura, não reduzimos a sátira ao estilo.

Em quinto lugar, demos destaque à filologia que perpassa o discurso metafórico e a sátira erasmiana, apresentando o Erasmo filólogo, que busca a etimologia das palavras e a pureza da língua.

Em sexto lugar, apontamos que Erasmo é um homem erudito, desde cedo treinado para a erudição, portanto, profundo conhecedor da linguagem e de seu uso, e que predomina nele a sátira igualmente erudita. Um dos pilares de sua erudição assenta-se em manuscritos de autores clássicos, cristãos e contemporâneos seus. Como erudito, em debate com seus pares ou crítico às pretensas erudições, na perquirição da verdadeira erudição, ele satiriza o supra-sumo da ignorância de seu tempo.

Como próximo passo, apresentamos diversos elementos constitutivos da linguagem metafórica utilizados por Erasmo. Primeiramente, mencionamos as citações, porquanto, também como prova de sua erudição, ele faz largo e freqüente uso delas.

Em seguida, assinalamos que Erasmo recorre frequentemente à mitologia, pois seu discurso metafórico, com intenção pedagógica bem definida, é recheado de mitos greco-romanos.

Por exemplo, ele apela para entidades mitológicas a fim de testemunhar sua amizade, censurar a preferência pelos negócios em detrimento do cultivo das letras, exortar ou reforçar uma crítica.

Depois, enfatizamos na linguagem figurada de Erasmo o uso de exemplos, extraídos, além da mitologia, da história, da natureza ou da experiência da vida, através dos quais adverte sobre o erro das agitações humanas, a falsidade da busca de impérios ou a necessidade da moderação.

Na seqüência, ressaltamos que em sua linguagem metafórica Erasmo emprega amiúde as comparações, como resposta a problemas determinados e com o propósito pedagógico de mudança de comportamento das pessoas. Por meio delas, ele repreende o comportamento retraído das pessoas, censura os amigos ingratos ou satiriza a vida monacal.

À comparação, mostramos que Erasmo alia a hipérbole, o que é reconhecido pelos eruditos da época, que igualmente a empregam. Mostramos também que um tipo determinado de comparação comum a ele, e aos eruditos, é a analogia, que tem fins pedagógicos bem definidos. Por meio dela, ele prega que não se deve deixar guiar pelas circunstâncias, revela-se como alguém que busca ler o visível no invisível, tenta convencer da primazia do amor sobre a ingratidão, alerta que vida sem amigos é não-vida ou satiriza os vícios humanos. Mostramos, ainda, que outro tipo específico de analogia é a alegoria, empregada por ele para ensinar que é preciso favorecer as letras.

Outro elemento constitutivo da linguagem metafórica erasmiana que apresentamos é a fábula. Erasmo usa tanto fábulas clássicas, para condenar a inércia humana, ensinar que é necessário pôr mãos à obra ou para constatar que o que toca os animais não consegue comover um homem de coração duro, quanto fábulas bíblicas, para tentar evitar que uma polêmica avance além do necessário.

Os próximos elementos que relacionamos consistem no jogo de palavras, usado por Erasmo para ensinar, para satirizar ou para condenar o jogo de palavras inócuo e em um tipo específico desse recurso, que é o trocadilho. Acrescentamos ainda a sua valorização às máximas e aos símiles, que ele acha útil aos leitores.

Após, ressaltamos os provérbios, empregados por Erasmo tanto para satirizar aqueles que o enganam, quanto para justificar seu trabalho inédito dos *Adágios*. Aqui, realçamos um tipo especial de provérbios, os ditados, que ele usa ora para, também, justificar essa sua obra ora para elogiar. Demos destaque igualmente ao principal tipo de provérbio, os adágios, utilizados por ele para mostrar os labirintos dos narradores e falsos comentadores deles, para satirizar os que não

apreendem a erudição neles contida ou para explicitar a riqueza da linguagem metafórica que eles contêm. A prova cabal da importância que ele atribui a esse tipo de linguagem constitui-se na compilação, redação e publicação de sua obra *Os adágios*.

Outros elementos que enfatizamos são as paródias, que Erasmo assenta na comédia grega, e os diálogos, através dos quais valoriza as obras dialógicas clássicas, principalmente as de Luciano, tipo de linguagem figurada que considera tão importante que chega a escrever vários deles, os *Colóquios*.

Vimos, ainda, que um dos elementos largamente utilizado por Erasmo é a figura de linguagem do elogio, na forma de panegírico ou não, que tem objetivos similares ao de sua sátira. Ele elogia a um pelo engenho e probidade e por estar imbuído das letras desde a mais tenra idade ou elogia a outro por ser um homem lido com admiração por toda a Academia e digno da imortalidade. Vimos igualmente que um tipo especial de elogio ou de defesa é a apologia.

O próximo elemento que levantamos é a figura de linguagem da ironia, especialmente a socrática usada por Erasmo para, ao diminuir-se, pedagogicamente valorizar o outro.

Nós ressaltamos que é próprio da linguagem metafórica erasmiana também o riso. Erasmo explicita todo o ridículo dos erros humanos, desejando, porém, que tudo seja sem querela. Trata-se de um riso que mostra o que está e o que não está certo. Um riso que ensina o que se deve e o que não se deve fazer. Em suma, um riso pedagógico, que por vezes toma até a forma de caricatura.

O próximo passo consistiu em mostrar que um elemento básico da linguagem figurada erasmiana é a crítica, mesmo que nem sempre ela seja satírica, o que evidencia que crítica e sátira, apesar de próximas, não são a mesma coisa.

Por fim, destacamos que a sátira é para Erasmo uma forma privilegiada de linguagem metafórica tanto porque a emprega com intenção pedagógica quanto porque a apresenta como método de educação. Do seu ensinamento de que a verdadeira guerra é a da caneta, ou seja, da palavra e das letras, uma guerra necessária e eficaz, com a qual se deve ser feroz e transpassar miríades de inimigos, deduzimos que a sátira é sua arma, é seu jeito, é seu método eficaz de fazer guerra. Igualmente, como o *Enchiridion*, a sátira erasmiana é punhal afiado, é manual educativo, portanto, é método pedagógico que ensina a amar e não a ter medo.

No segundo capítulo, ao apresentarmos o discurso metafórico de Erasmo na perspectiva da sátira, discutimos seu conteúdo satírico, apontando que ela é, para ele, um método privilegiado

de educação a ponto de se poder pensá-la como pedagogia. Plenamente presente como intenção pedagógica desde as primeiras cartas, procuramos provar, recorrendo a determinadas categorias paradigmáticas de análise, num conceito positivo, que, para ele, a sátira nada tem de mordacidade. Contrariamente, ele a apresenta como *pars construens*, ou seja, como construtiva.

Começamos pela categoria correção, onde nosso intuito consistiu em mostrar que a sátira de Erasmo não é eventual, mas é intencionalmente pedagógica porque é fruto de seu contínuo esforço de revisão.

Primeiramente, Erasmo resgata a importância da imprensa e dos impressores, autorizando os editores a fazerem correções em suas obras. Visto como corretor crítico, ele próprio se apresenta em primeiro lugar como corretor e não como escarnecedor. Ele ensina que é preferível uma composição com correções a sem nenhum vestígio delas e prega o máximo esforço das contínuas revisões a fim de que os escritos sejam editados do modo mais perfeito possível. Isso explica seu afã em corrigir os autores, particularmente os que tratam das letras divinas, e seu zelo ao produzir suas obras, a todo o momento revisando, cortando, retificando, ratificando, acrescentando, reinterpretando.

Antes de ser crítico dos escritos dos outros, Erasmo é censor de suas próprias obras, propondo-se a corrigi-las enquanto viver e só não o fazendo por motivos alheios à sua vontade. Embora denomine ironicamente suas obras de nugas e expressões similares, ele prefere publicá-las mesmo assim a nada publicar ou a tardiamente editar um assunto urgente, coisa que censura que seus opositores não fazem. Uma vez atacado um tema, vencendo o aborrecido trabalho de correção, ele o absorve quase de um só fôlego e em amiúdes serões, pois, terminada a primeira edição, o próprio assunto o obriga por vezes a recomeçar a obra. Esse trabalho de revisão é decorrente de seu princípio de vida, o qual consiste em contínua e nunca satisfeita busca da perfeição, da virtude, da piedade e do serviço. Isso quer dizer que o que escreve e como o faz não se encontram por acaso, mas são deliberados. Consequentemente, se o conteúdo e o estilo das suas obras são premeditados, sua sátira é quista e continuamente retomada, readaptada, enriquecida e modificada a cada revisão.

Apesar de solidamente enraizada no espírito de Erasmo, correção não quer dizer defeito. Dessa maneira, quando experimenta um novo assunto, isso não significa mudança de opinião ou que tenha se tornado mais instruído que antes, mas que depois de exposto o combate o que estava confuso ele pode então expô-lo um pouco mais digerido e mais munido. Por isso, suas contínuas

revisões são aprimoramentos da idéia inicial. Igualmente, sua sátira é corrigida, re-corrigida e aperfeiçoada, mas conserva a originalidade primeira. Acrescente-se que ele não se arrepende daquilo que diz, pois o que diz é deliberadamente dito, e nem tem razões para se arrepender de como diz. Ou seja, não há motivo para se arrepender de ser satírico, tendo em vista que a sátira é intencionalmente pedagógica.

Quanto à segunda categoria paradigmática, buscamos comprovar que Erasmo é satírico por natureza, produzindo uma sátira intencionalmente pedagógica.

Inicialmente, observamos que o riso zombeteiro e a sátira de Erasmo são expressões de sua natureza. Nessa acepção, como uma força oculta, sua sátira expressa o desenvolvimento de sua natureza contra as letras não atraentes e a favor das boas letras humanas e divinas, as quais ele haure desde cedo, furtivamente, nos livros. Observamos, ainda, que ele sente que a natureza lhe deu uma liberdade de vida mais pronta a ensinar que a receber. Além disso, que ele odeia dissensões sangrentas e é tomado mais por inocentes jogos, como se para isso tivesse nascido. Mais, que ele se acha voltado, por natureza, ao lúdico ensino das letras, sem a ninguém importunar, conforme a graça que Deus lhe deu, nada mais querendo que ensinar a arte de bem falar e de bem escrever.

De um lado da moeda, por natureza Erasmo tem saúde frágil e é intolerante, reclamante ou de mau gênio, mas com atenuantes. Do outro lado, ele se revela naturalmente jocoso, não vingativo, amoroso, solidário, de espírito prático, irônico e satírico. Contudo, em sua natureza há o predomínio do lúdico e do satírico sobre o sério. Assim, mesmo que por vezes esteja apenas representando e apesar dos graves problemas de saúde ou de seu temperamento difícil, ele não deixa de ter um riso fácil, que é resultado de sua posição brincalhona, mas de sérios propósitos pedagógicos, frente à vida e aos homens. Também, sua sátira é naturalmente lúdica e intencionalmente pedagógica.

Como decorrência de sua natureza, intentamos provar que o desapego de Erasmo lhe garante a livre sátira e que a sua humildade, verdade e sinceridade não lhe permitem uma sátira destrutiva, pois quem tem essas qualidades não intenciona ofender e sim pedagogicamente construir.

Primeiramente, frente ao dilema de buscar a fortuna ou viver de maneira desapegada, na dureza do jogo da vida, embora, por vezes, aparentemente ceda às circunstâncias, Erasmo confessa-se adverso à busca da riqueza, desejando-a aos amigos, mas não para si, ficando

contente com seu quinhão, sua justa medida de riquezas. Ademais, se é comum aos autores escreverem suas obras pensando em receber volumosas quantias, contrariamente, ele não produz por dinheiro, embora também busque proteção de mecenas para continuar o trabalho das letras. Ele não bajula os grandes, mesmo dedicando-lhes suas obras, pois não se considera um homem loquaz ou ambicioso, consistindo sua soberba unicamente em produzir mesmo na pobreza.

Erasmus apresenta como prova de seu desapego das riquezas o fato de que só acolher prebendas se ofertadas espontaneamente. Também, de que ensina gratuitamente nas universidades que o ambicionam nas suas atividades de ensino, mesmo sendo o ganho o menor possível, decidindo fazer isso por toda a vida. Ainda, que só produz pensando em servir bem os estudos, motivo pelo qual não se detém em rendimentos, desejando apenas o que for suficiente para viver para as letras sem ser peso para ninguém. Por isso ele se sente livre para satirizar.

Afinal, não existe qualquer relação entre um aluno das letras e as riquezas, nada há em comum entre Erasmus e fortuna, pois letras e riquezas não se combinam. Ele só quer ser um bom letrado nas letras humanas e divinas, maneira pela qual quer ser compreendido, o que se torna condição necessária para se entender corretamente sua sátira.

Ao desapego das riquezas alia-se o fato de que Erasmus não se considera tocado pela fama, que nada traz exceto impedi-lo de ser mísero às ocultas, e nem por títulos, porque título não quer dizer autoridade. Por reconhecer-se desapegado das riquezas, da fama ou dos títulos ele pode ser livremente satírico e, para quem se sente livre, a sátira não destrói, mas constrói a liberdade.

Quanto à humildade, certas atitudes de Erasmus parecem subserviências, contudo, é apenas uma questão de tática, visto que ele ensina que uma coisa é mendigar humildemente como sinal de modéstia e outra coisa bem diferente é pedir servilmente. Por isso, ele se sente livre para aceitar apoio para suas obras, ao mesmo tempo em que livre para satirizar a tudo e a todos. Por saber-se humilde e conhecer o que é a verdadeira humildade ele a pode ensinar, pois, o que afirma de si, ele o deseja também aos outros, qual seja, máxima modéstia e máxima erudição. Além disso, ele garante que em suas cartas não se pode depreender uma só palavra petulante ou libertina e que não seja carinhosa ou súplice como convém a um servo. Esse é o estado de submissão a que ironicamente se propõe para conseguir comover as pessoas e trazê-las para o convívio harmonioso das letras. Em tanta afirmação de humildade, a sua sátira não quer ofender, não quer ser destrutiva, mas só intenta servir, portanto, se propõe pedagogicamente construtiva.

Com relação à verdade e à sinceridade, se por excesso de apreço pelos amigos, às vezes parece que Erasmo mente, na verdade não se trata de mentira, mas de pura erudição, porquanto ele quer que se saiba que é inocente e irreprochável, até nas situações mais adversas. Desse modo, ele garante que só põe no papel aquilo que lhe vem do fundo do coração, isto é, somente a verdade por mais crua que seja. Isso implica a amizade sincera e a sinceridade de dizer a verdade, principalmente de forma satírica. Por isso, aos que o consideram insincero, ele responde que não escreve hipocrisias, pois não constrói labirintos onde as pessoas se perdem. Pelo contrário, que ele abomina a falsidade, não é fingido, não aceita o fingimento, é sincero e verdadeiro. Em uma pessoa que se apresenta com tais qualidades, a sátira não pretende ser destrutiva e sim pedagogicamente construtiva.

No que diz respeito à categoria adaptação, mostramos que sátira de Erasmo não é intencionalmente destrutiva, mas se propõe pedagógica e construtiva, pois, para ele, importa muito para qual século, para qual país e o juízo daqueles para quem se escreve, ou seja, é preciso adaptar-se ao tempo, ao lugar, às pessoas e às circunstâncias.

Em relação ao tempo, vimos que Erasmo tem clareza de que é preciso saber para qual época se escreve. Para um século pervertido, de pouca liberdade, ele, um homem reconhecidamente puro, sabendo que não pode dizer as coisas abertamente, mas também não pode calá-las, conquistando espaços de liberdade, fala não com ofensas, mas por meio de sátiras construtivas. Sua sátira torna-se a forma privilegiada de expressão, pronunciando a verdade de forma velada. Mesmo duvidando que os afáveis estudos da humanidade convenham ao seu acerbadíssimo século, visto que só vê coisas tristes e desumanas, não se entregando às tragédias do mundo, ele se sente compelido a escrever, encontrando na liberdade das letras a força para lutar contra as mazelas humanas, ou melhor, a escrever satiricamente, metafórica expressão da liberdade. Assim, ele satiriza a estultícia da guerra ou os ouvidos de seu tempo que nada podem suportar exceto títulos solenes.

A uma época devassa, em que seus contemporâneos abraçam mais rapidamente a sombra da erudição que ela própria, Erasmo contrapõe, por outro lado, um século erudito, o século da imprensa, o que permite a universalização de suas obras e, conseqüentemente, de sua sátira. Naquilo que faz ele mostra profundo respeito para com seu tempo, numa atitude de humilde aprendizagem, onde toda ação e toda linguagem visa a ensinar com candura. Por conseguinte, sua

sátira não é ofensa, mas pretende ser cândido ensinamento, pedagogicamente adaptada ao seu tempo.

Além do tempo, a sátira de Erasmo é adaptada ao lugar. Assim é que, por ser conhecedor dos costumes locais e por ter capacidade de se adaptar a eles com facilidade, conforme o país ele age de um jeito ou de outro e quanto mais arriscado é falar abertamente mais utiliza a linguagem metafórico-satírica. Entretanto, aproveitar o máximo possível das circunstâncias do lugar não significa aceitação passiva dos seus costumes. Ao contrário, seu objetivo é adequar-se a elas tanto quanto necessário para não causar escândalo, não dar mau exemplo e não ofender. Dessa maneira, o hábito sacerdotal é uma questão de aparência que convém às circunstâncias do lugar, e haja sátira a quem não entenda isso.

Igualmente, eximindo as circunstâncias de tempo e lugar, se porventura culpa houver, se excessos existirem, se defeitos forem encontrados em suas obras a ninguém Erasmo acusa, uma vez que assume publicamente toda e qualquer responsabilidade por aquilo que nelas aparece. Conseqüentemente, seu estilo satírico não pode ser atribuído ao acaso das circunstâncias do tempo e nem às calamidades do lugar, pois, sua sátira não é fortuita, mas pensada, pesada, quista e assumida em conformidade com tais circunstâncias.

A respeito das pessoas, Erasmo prega a necessidade de se adaptar a elas, de tal modo que aos eloqüentes se fale de forma dura e precisa e se seja mais negligente e temperado aos simples.

Sobre a adaptação às circunstâncias, conformando-se a elas ou contra elas se levantando, Erasmo satiriza quando é preciso e recua quando é oportuno. Tal sabedoria se expressa em suas obras, as quais falam daquilo que ele vê, resultado de seu olhar atento e de sua posição corajosa e prática de adaptação às circunstâncias. No seu entender, sua sátira nada tem de ambígua, nada que não corresponda à realidade, mas somente aquilo que as circunstâncias lhe apresentam, aquilo que sua experiência apanha, e tudo para o bem das pessoas. Assim, sua sátira ensina que adaptar às circunstâncias é muito diferente que acomodar-se a elas e que há um duplo significado do termo acomodar-se: enquanto sujeição, a qual ataca, e enquanto mudança, a qual almeja alcançar.

Por conclusão, aprendendo com as circunstâncias, corrigindo-se quer pela idade quer pelo uso das coisas, Erasmo entende sua sátira como construtiva, porquanto, adaptada ao tempo, ao lugar, às pessoas e às circunstâncias, é orientada por um propósito pedagógico da busca da maior perfeição possível.

Quanto às letras humanas e divinas, confirmamos que a sátira erasmiana é intencionalmente construtiva, porquanto visa às letras clássicas e divinas, com a prioridade destas, e à justa medida entre a virtude e a piedade.

Começamos pela sátira de Erasmo àqueles que denigrem as letras e são responsáveis pela frieza dos estudos, a qual se estende inclusive aos amigos que não se dedicam suficientemente a elas, sátira que parte didaticamente da denúncia para chegar ao ensinamento da necessidade de mudança de comportamento. Tudo o que realmente importa para ele é que as letras sejam divulgadas do modo mais correto e amplamente possível.

Além disso, Erasmo tem autoridade para estimular a produção dos outros porque ele próprio se dedica às letras sem arrependimento. Embora elas lhe tragam cansaço e inveja alheia, ele se sente seguro no refúgio delas, pois tudo o que procura é a liberdade para a produção das letras. Ao fazer a apologia das letras, ele revela seu ideal de vida, de que se dedicar a elas é glorioso, desprezá-las é sinal de imperícia e ignorância; de que é preciso preparar-se para elas, a exemplo da formiga, quando se está na flor da idade, o que alegrará e nutrirá a velhice; e de que se deve trabalhar para elas, assim como ele próprio trabalha, para que elas triunfem. Nesse horizonte, ele usa a sátira, para afirmar a justeza dos próprios princípios e concomitantemente criticar os erros dos outros. Aliás, as letras são as respostas de Erasmo aos ataques, respostas não de revanche ou de crítica maldosa, mas de sátiras eruditas e pedagógicas.

Quista para si, ele exorta também os outros à dedicação às letras, as quais trazem utilidade e prazer. Esta questão da finalidade é importante, pois o que ele escreve, principalmente sob a forma satírica, tem uma intenção pedagógica. Assim, ao desejar que todos se embebam de Cristo e das letras, ele se preocupa principalmente com a formação da juventude. Essa dedicação de Erasmo pelas letras e sua ousadia em defendê-las contra os bárbaros são testemunhadas por muitos que o conhecem, por seus amigos e literatos que, por sua vez, estimulam-se mutuamente para o trabalho das letras.

No seu amor pelas letras, o que Erasmo busca por primeiro não é a aprovação dos seus, mas a dos pósteros, e precipuamente, a de Deus. Amante e arauto das letras, com a benção divina, nesse contexto, no qual sua sátira se insere, ele usa suas obras como iscas pedagógicas, com as quais ele procura atrair os homens para o estudo das letras humanas e divinas, censurando-os e educando-os concomitantemente.

Esse amor pelas letras faz Erasmo percorrer o caminho das letras profanas às sacras. É que para ele as letras humanas estão a serviço das letras divinas, pois toda erudição tem como fim último as Sagradas Escrituras, capazes de iluminar os caminhos humanos rumo à virtude e à piedade. Por isso, o objetivo primeiro de Erasmo consiste em dedicar-se somente a Deus, à vida cristã e às santas letras, mesmo nos momentos mais difíceis, pois as letras divinas estão acima de tudo, por cujo motivo ele tem um projeto de reconstituição da teologia. Ou melhor, ele opta pelas letras divinas, ele opta por Cristo, algo que se propõe para sempre, consumindo nelas e Nele todo seu ócio e seu negócio, combinação e opção que explicam igualmente sua sátira.

Na primazia das letras divinas, Erasmo publica suas obras sagradas, nas quais apresenta o mesmo zelo interpretativo das letras humanas, é incitado tanto pela vontade dos amigos quanto pelo seu desejo e busca continuamente a glória a Cristo. Conseqüentemente, por intencionar edificar os homens nas letras humanas e divinas, sua sátira não pretende destruir e sim construir.

Com relação à categoria da virtude, começamos pela sátira de Erasmo à falsa virtude. Em seguida, mostramos que ele se preocupa com a verdadeira virtude e exorta pedagogicamente a todos a responderem às críticas com a violência da virtude, motivo pelo qual não é sua sátira que é violenta, mas é a virtude que lhe subjaz que violentamente combate os vícios. Ainda, que ele ensina que é necessário conjugar as letras humanas com as divinas e satiriza aqueles que invertem a verdadeira virtude. Também, que as suas obras são o melhor testemunho da coesão entre virtude e piedade e da primazia desta e que, além de obras didáticas, escritas para a instrução e para a aprendizagem, ele se dedica a obras pedagógicas, que objetivam a despertar os homens para a virtude e para a piedade. Enfim, que, analogamente, se a sátira erasmiana é um instrumento didático, ela é muito mais um procedimento pedagógico que visa a uma vida mais humana e mais cristã.

No que diz respeito à piedade, resultado do amor de Erasmo pelas letras divinas e seu propósito de vida, mostramos que é para ela que ele escreve por primeiro. Nesse sentido, suas obras sobre as letras divinas pretendem ser um método de piedade a exemplo do método das ciências, ou seja, piedoso e erudito. Na verdade, toda sua produção é conseqüência do sentido que ele dá à sua vida, qual seja, de dedicar-se inteiramente à piedade, todo a Cristo. Portanto, em alguém que intenciona buscar existencialmente a virtude e a piedade, a sua sátira anseia por construí-las.

Nossas próximas hipóteses consistiram em provar que a sátira de Erasmo está inserida na sua proposta educacional, e que ela segue amiúde um método sistemático de exposição, motivos pelos quais é posta por ele como intencionalmente construtiva.

Nesse sentido, antes de tudo Erasmo é um pedagogo e sua sátira é a forma de um professor mostrar aos seus alunos o caminho das letras, o caminho da verdade, partindo do seu próprio exemplo de vida. Assim sendo, ele apresenta seu método de estudos, exortando e ensinando, não satisfeito em tirar lições para a vida presente como também para preparar para o futuro.

Como pedagogo, Erasmo exorta para a aprendizagem das melhores coisas, pois é demência aprender o que deve ser desaprendido depois. Isso implica tanto a procura da qualidade literária e pedagógica que se completam na qualidade moral, quanto a primazia da qualidade do estudo sobre a quantidade, as mesmas de sua sátira. Por ser pedagogo, na busca de uma educação universal, e visto que os livros são um meio privilegiado de educação, ele escreve obras para a educação das crianças, pois é por estas que ela deve começar, ou produz obras destinadas àqueles que trabalham a favor da educação da infância e da juventude. É o seu ideal de uma nova escola a ser construída, o que não quer dizer mais uma escola, nem uma escola tradicional, mas uma escola nova, capaz de formar a infância e juventude na piedade das letras divinas, pela educação cristã, e na ciência das letras humanas, pela educação liberal. Tal objetivo pedagógico é o mesmo de sua sátira, porque esta só tem sentido se vinculada a essa sua proposta educacional, portanto, ela se põe intencionalmente construtiva.

Quanto ao método, mostramos que para Erasmo o mais importante é estabelecer um plano e um método daquilo que se faz, sobretudo, no que concerne ao estudo das boas letras. Assim, ele organiza didaticamente suas obras, dividindo-as em tomos, obedecendo a uma ordem de prioridade, qual seja, começando pelas letras humanas para culminar com as letras divinas; o mesmo caminho de sua sátira.

Em função disso, Erasmo se preocupa com o método de escrita, a começar pela escolha do tema, que somente depois de várias vezes retomado e corrigido é que pode ser divulgado. Analogamente, os temas de sua sátira são metodicamente escolhidos, meditados e revisados, portanto, ela é pensada e repensada nas múltiplas reimpressões de suas obras, ou em outras palavras, essa intenção sistemática e premeditada dá à sátira erasmiana um caráter intencional.

Mas, a intencionalidade da sátira de Erasmo explicita-se melhor na forma sistemática em que amiúde é apresentada, como nos nove passos de sua sátira ao monacato: ela dá o mote; responde ao mote, mostrando o erro da premissa não só no particular, mas no geral; exemplifica os erros da premissa; aponta os motivos do erro; didaticamente mostra como de um erro surgem outros; apresenta como deve ser; indica o caminho a ser seguido através de exemplos; se alia aos outros tipos de linguagem metafórica; e apresenta novo mote. Sua sátira, sistematicamente apresentada, é prova de que Erasmo a quer deliberadamente, pretendendo-a pedagogicamente construtiva.

Nosso próximo passo consistiu em provar que a sátira de Erasmo não é destrutiva, mas é amiga e visa a amizade, portanto, construtiva, e que, variante dessa categoria, a sátira para ele nada mais pretende ser que uma diatribe pedagogicamente construtiva, isto é, uma disputa acadêmica no sodalício.

Quanto à amizade, começamos por mostrar a suma importância que Erasmo lhe atribui, primeiramente para o príncipe. Em seu ensinamento, a sátira erasmiana, enquanto uma expressão amiga, manifesta a diferença entre adulator e verdadeiro amigo. Ao mesmo tempo ela se constitui num método para se distinguir o verdadeiro do falso amigo, visto que é um procedimento moderado, correto e amigo de admoestação e de educação.

Em seguida, vimos que Erasmo se entrega aos amigos e tem por hábito se encantar com suas relações. Ele acredita no amor sólido, que cresce na virtude e não terá fim assim como não o tem a própria virtude. Acredita, também, que o que une as pessoas é o honesto amor pelas letras e os comuns estudos, os quais se realizam no sodalício. Em tal comunidade das letras, composta por aqueles que professam a mesma arte, quem o conhece reconhece suas qualidades e sabe que pode usufruir delas. Nessa mútua colaboração literária regida pela sólida amizade se assenta a publicação das obras dos eruditos. Na certeza da durabilidade das letras, solidamente mantidas pela amizade da comunidade dos eruditos, ele satiriza quando tal crença é posta sob suspeita ou quando é ignorada.

Na verdade, para Erasmo, toda erudição só tem sentido se edificada na amizade. Que se tenha certeza, garante, de que a sua amizade, fundada nas letras, é sincera, mesmo no infortúnio, e que tudo nele é afeição, é incentivo. Nessa busca de erudição, ele concilia também amizade com praticidade. Analogamente, sua sátira é prática, amiga e afetiva, pois, seja satírico quanto for

ele não pretende destruir uma amizade, porquanto seu ideal, enquanto viver, é o de que todos sejam amigos a ponto de serem metade de sua alma.

Mais ainda, para Erasmo, a verdadeira amizade consiste em viver em Cristo. A importância que ele atribui à amizade é tanta que até mesmo sua sátira parece ceder à afeição, uma vez que quando se ama dispensa-se uma linguagem rebuscada. Ele quer a linguagem do amor, amiga e benevolente, escrita não com o humor alheio, mas com seu próprio humor, não para desaprender, mas para se aprender o caminho das letras, não sobre o que é molesto e inútil, mas sobre o que é agradável e útil, e tudo de modo officioso e livre. Assim, sua sátira é linguagem amorosa, absolutamente diferente da sátira mordaz ou da lisonja dos pseudo-sábios e do vulgo. Ela é intencionalmente amiga e, por isso, está sempre pronta a pedagogicamente construir.

No que concerne ao sodalício, expusemos que ele supõe a aceitação mútua de seus pares. Nessa perspectiva, Erasmo é visto como erudito, porque suas obras são plausíveis aos doutos. Por sua vez, ele sabe-se reconhecido pelos sábios, que muito tributam ao seu engenho e à sua doutrina; pelos grandes, que o acolhem e garantem-lhe proventos; por todos os países, que lhe oferecem hospitalidade; pelos homens da Igreja, que o acolhem como irmão. Ele é aceito e sente-se aceito não por suas riquezas, mas por seus méritos, honra tributada somente às letras. Tal aceitação universal de Erasmo é testemunhada pelos eruditos de seu tempo, que o consideram ao mesmo tempo ótimo e doutíssimo, por sua fama e por seus escritos, e até o tomam como um modelo.

Prova da aceitação mútua, expusemos em seguida que no sodalício os letrados trocam seus escritos entre si e com Erasmo, e este com aqueles, sugerindo correções uns aos outros. Assim, na busca comum da perfeição das letras e no desejo de se trabalhar em colaboração fraterna fundada na sólida caridade, as obras de Erasmo são acolhidas, conquistando mecenas e adeptos. Deveras, os eruditos concordam com muita coisa que ele escreve e do modo como o faz, pois não há quase nada nele que não aprovem. Isso se constitui numa mostra do reconhecimento público de suas capacidades, de seu estilo e, também, de sua sátira. Eles o admiram, por seu engenho, arte, doutrina, estilo e eloquência; querem-no como professor nas escolas; tomam-no como modelo de professor; pretendem aplicar o seu método de estudos e o exortam a continuar a publicação de suas obras.

Portanto, é grande a contribuição de Erasmo para o círculo literário. Nesse reino das musas, onde a disputa acadêmica é como uma luta de talentos para a saúde das letras, ele

compartilha seus escritos, tanto de coisas sérias quanto de coisas divertidas, com os amigos, mecenas e eruditos. Nesse contexto sua sátira não acontece por acaso, mas é intencional e planejada.

O sodalício supõe ainda a defesa mútua entre os literatos, razão pela qual Erasmo é defendido e defende sem limites os amigos, seus pares do sodalício a ponto de incorporar os bons escritos dos amigos como seus e também os dos amigos dos amigos. Em troca, ele aguarda a defesa de suas obras, de sua *Moria*, portanto, de sua sátira, não somente de forma prazerosa, mas principalmente como pertencente não a quem remete e sim já ao remetente, condição necessária para que ela produza efeitos pedagógicos, mudando, assim, mais facilmente, comportamentos e modos de pensar.

Além disso, o sodalício presume o livre debate, razão pela qual Erasmo deixa os seus pares livres para amigavelmente corrigi-lo, porquanto, visto que entre eruditos o debate corre livre, sem ataques, apenas como disputa acadêmica. Sua sátira, debate academicamente nessa comunidade das letras. Aliás, os próprios amigos lhe pedem para que seja censor e juiz de suas obras. Concordando, dissentindo ou satirizando, amigável e ironicamente, ele evita qualquer discussão e busca o consenso, mesmo nas controvérsias, visto que se trata apenas de uma disputa acadêmica no sodalício. Assim, adotando uma postura de aprendizagem, numa luta literária, para ele, quem é sábio não deseja tanto ensinar quanto aprender.

Ora, se por um lado, o sodalício supõe a disputa acadêmica, ou seja, o combate de idéias em consenso, não na defesa das idéias próprias, mas na busca da verdade, e no qual a sátira de Erasmo é a expressão especial de sua procura de consenso; por outro lado, o sodalício implica a dissensão, uma vez que o consenso absoluto não existe na vida humana e o espírito humano é naturalmente bipolar, tanto podendo aceitar quanto rejeitar o que se lhe apresenta. Deveras, a dissensão é uma característica inata ao espírito humano, o que faz supor que existe uma tendência humana para a polêmica e um calor inserido na natureza das discussões. Ainda, que cada um se esforça naturalmente para defender o que é seu ou tentar impor seu ponto de vista e que não existe ninguém que queira ceder ao seu gênio. É contra essa tendência humana para a dissensão que Erasmo luta durante toda sua vida, de cuja luta a sátira é uma arma privilegiada de disputa acadêmica. E, a sátira de Erasmo se estende à própria discussão em si, pois os hábitos adquiridos tornam difícil o trabalho de persuasão, uma vez que é árduo dissuadir aquilo de que se está acostumado.

Desse modo, no sodalício, em consenso ou em dissensão, a sátira, entendida por Erasmo apenas como disputa acadêmica, é sua principal arma na arte de convencimento. Diferentemente da sátira de seus opositores, a qual dá continuidade à velha diatribe constituída de polêmicas, ataques e achaques, a sátira erasmiana não é tolice, porque, como uma nova forma de diatribe, quer apenas revelar nênias ao mundo, para que, não digladiando, mas, rindo delas e de suas mazelas, os homens renovem seus costumes. Conseqüentemente, seguindo os seus dons naturais, reforçado pelas provocações dos amigos, e contando com as próprias forças adquiridas no embate das circunstâncias da vida, Erasmo toma o cálamo, não como arma de ataque, mas como método privilegiado de sátira divertida e pedagogicamente construtiva das mazelas humanas.

Nosso próximo passo consistiu em mostrar que a sátira erasmiana não é destrutiva porque ela visa à utilidade e é pretendida como um serviço à moral, portanto, que, para Erasmo, ela é pedagogicamente construtiva.

Principiamos pela exortação de Erasmo à utilidade pública e pela sua afirmação de que a forma dele ser útil é através de suas obras, pois estas, instruindo os homens, os tornam não só mais eruditos como melhores. Por isso, ele não produz obras molestas, mas, eruditas, úteis e prazerosas. De fato, ele procura continuamente algo construtivo para publicar, quer sejam obras profanas quer sagradas, tanto para o discurso e àqueles que discursam em público, quanto para agradar e para ser útil nas mãos dos estudiosos. Igualmente, a sátira erasmiana é o jeito erudito e divertido de ser útil, é a utilidade agradável ou a agradável utilidade. As suas obras são úteis igualmente para a doutrina e para a piedade. É que ele acredita que escreve obras salutareis e eficazes por inspiração divina. E, se a utilidade de suas obras é de reconhecimento público, no entanto, essa pretensão de utilidade nem sempre foi entendida por muitos, motivo pelo qual ele responde com a útil e divertida sátira. Destarte, porque intencionalmente útil é divertida, sua sátira apresenta-se pedagogicamente construtiva.

Como conseqüência lógica da utilidade, mostramos, em seguida, que a sátira erasmiana pretende ser um serviço à moral, pois ela visa à correção dos costumes e à instituição dos bons costumes. Nesse intuito, apresentamos os motivos que levam Erasmo a ler os autores clássicos e cristãos, e as justificativas de suas obras, que atestam que sua sátira está comprometida com a correção dos costumes e com formação da moral, para a santidade. Portanto, se ele escreve amiúde em honra a alguém, pelo prazer em si da leitura, ou para aperfeiçoar a língua e a conversação, isso é feito para que se produzam frutos de bons costumes. Trata-se da leitura e das

obras de Erasmo como instrumento formador da moral, razão pela qual ele escolhe o quê, de quem, para quem, para quê e como escrever. Sua sátira está inserida nesse seu projeto de serviço à moral, portanto, é proposta como pedagogia que constrói a moralidade.

No terceiro capítulo analisamos a sátira erasmiana, para atingir o objetivo de comprová-la como método privilegiado de educação a ponto de se poder considerá-la como pedagogia, a partir de algumas categorias lingüísticas, quais sejam: provérbios, diálogo, ironia; elogio; comédia; apologia, diatribe e libelo.

Primeiramente, com as categorias dos provérbios, diálogo e ironia, mostramos que quase todas as qualidades da linguagem proverbial são idênticas às da sátira erasmiana e que ambas visam a ensinar, portanto, que a sátira é proposta por Erasmo como construtiva; que, do mesmo modo que a linguagem dialogal, a sátira erasmiana se propõe pedagógica; e que, como a linguagem irônica, ela pretende ser pedagogicamente construtiva.

Quanto aos provérbios, muito em voga na época de Erasmo, começamos por destacar as duas condições necessárias para que uma expressão seja considerada provérbio. A primeira é que de algum modo ela se distinga por uma conclusão, uma metáfora, uma alegoria, um enigma, uma concisão alegre e divertida ou outra figura qualquer. A segunda é ela que faça parte da linguagem popular, seja aceita pelo teatro ou tenha nascido da máxima de algum sábio.

Em seguida, destacamos que Erasmo, o coletor de provérbios, apresenta os efeitos desse tipo de linguagem figurada, a começar pelo seu ornamento lingüístico, porque os provérbios muito embelezam o discurso. Mas essa não é a sua principal qualidade, e sim a sua força de persuasão, uma vez que os provérbios não dizem respeito somente ao estilo, mas ao vigor das palavras, motivo pelo qual eles devem constar não entre as figuras de linguagem, mas entre os argumentos. Eles servem tanto para convencer os outros ou para firmar as próprias opiniões, quanto para se refutar o adversário com um ditado satírico. Do mesmo modo, a sátira, mais que uma questão de estilo, é um argumento de convencimento.

A força dos provérbios consiste igualmente em sua popularidade e em sua antiguidade, qualidades que os tornam de mais fácil aceitação. Também a sátira é popular e antiga, assentada na tradição. Fazendo a recensão dos autores que utilizaram provérbios, Erasmo considera-se o primeiro que tenta compilá-los. Ora, anotar e explicar os adágios é para ele uma forma de trazer luz sobre o conhecimento, desvendar a linguagem oculta, ensinar e exercer o papel de pedagogo. Além disso, buscando a fundamentação cristã dos provérbios, ele ensina que esse gênero de

discurso é apropriado não tanto aos artifícios, à retórica, à eloquência, mas ao que existe de mais divino e às coisas celestes. Explicando o método que segue na compilação dos adágios, ele não considera ter realizado um trabalho ingênuo, porque não é a gramática que lhe interessa, mas o significado profundo dos provérbios, com os quais ele almeja, ao resgatá-los, por seu esforço, instruir os adolescentes estudiosos. Esta é a finalidade precípua dos provérbios, esta é sua finalidade pedagógica, a mesma da sátira.

É isso que os detratores de Erasmo não entendem que sua linguagem proverbial, como a satírica, querem apenas ensinar. Àqueles que criticam a linguagem proverbial, ele responde pedagogicamente com sua sátira, pois ela é a sua arma para que os recalcitrantes aceitem seus proverbiais ensinamentos. Na defesa da linguagem proverbial, a sátira é seguida de argumentação pedagógica, pois o que ele pretende é que os recalcitrantes não existam ou pelo menos deixem de existir e dêem lugar apenas aos homens preparados para o debate acadêmico. Portanto, é a sátira que tem a palavra final na justificativa e no ensinamento de Erasmo sobre linguagem proverbial. Contudo, a linguagem proverbial tem seus limites, sendo apenas um método facilitador, não se constituindo no único método de aprendizagem e devendo ser completada por outros métodos de aprendizagem, principalmente pela sátira, a qual tem quase todas as qualidades da linguagem dos provérbios e outras mais, e que, por isso, se apresenta como construtiva.

Quanto ao diálogo, principiamos pelo interesse de Erasmo pelas obras dialógicas clássicas, preferencialmente as de Luciano, pois seus diálogos satíricos são superiores aos de qualquer outro e até mesmo à comédia e à sátira antigas, quer pelo modo prazeroso de dizer, quer por sua utilidade. Por se tratar de diálogos satíricos, o que se diz da linguagem dialogal aplica-se integralmente à sátira, ou seja, ela censura, ridiculariza e ensina, o que é o mesmo que dizer que ela é crítica, é divertida, é útil. Por isso, ela desarma e para percebê-la como desarmada é preciso desarmar-se. Só assim ela exerce todo seu poder pedagógico. Além disso, para além de Luciano, Erasmo crê na superioridade de sua sátira. É devido a esse poder pedagógico que Erasmo se preocupa também em produzir suas próprias obras dialógicas. Dessa maneira, nos seus *Colóquios*, ele utiliza diálogos com o fito de que eles sirvam de instrumento educador e que quanto mais eles forem divulgados, mais o povo os busque e mais ainda sejam educados. E o que predomina nessa obra é a sátira pedagogicamente construtiva.

Com relação à ironia, vimos que Erasmo a usa como figura de linguagem, para ensinar, pela apresentação do inverso das coisas, aquilo que deve ser evitado ou deixar de ser praticado.

Ela diz as coisas de interpretação dúbia, pois proferir que algo é digno de uma pessoa não define a sua qualidade, se é boa ou ruim ou elogia a bondade de alguém apenas aparentemente, uma vez que bondade em excesso pode significar aceitação passiva dos erros. Esses são alguns exemplos da sutileza da ironia contida na linguagem satírica de Erasmo, a qual age sem que a pessoa se dê conta de sua extensão e, com isso a sátira encontra campo para se expressar, se instalar, se estender, agir e produzir seus efeitos pedagógicos.

Nós vimos, também, que Erasmo e seus contemporâneos usam amiúde a ironia em seu sentido socrático, em que a pessoa, levada por uma intenção pedagógica, se diminui, mesmo não se sentindo diminuída, para reforçar as qualidades alheias. Erasmo usa ainda pedagogicamente a ironia socrática às avessas, em auto-elogio hiperbólico. De qualquer modo, sua sátira, disfarçada sob a roupagem da ironia, quer construir o futuro das letras, principalmente da teologia, ou seja, ela se apresenta pedagogicamente construtiva.

Quanto ao elogio, defendemos a hipótese de que ele e a sátira erasmiana são dois lados de uma mesma moeda, ambos propostos por Erasmo como construtivos e pedagógicos, mas que esta lhe é superior, ela é método privilegiado de educação.

Nessa perspectiva, mostramos tanto que o elogio é comum aos eruditos da época de Erasmo quanto que ele é elogiado pelos príncipes e pelos homens públicos, às vezes até com a aparência de servilismo, mas de modo sincero pelos amigos e letrados. Isso é mostra do reconhecimento público da sua superioridade, dos seus méritos, de seus sentimentos, de suas intenções, de suas obras, de seu trabalho educativo e como educador, o que pode ser prova também de que sua sátira é entendida em seu objetivo pedagógico pelos homens de seu tempo.

Quanto a Erasmo, com uma linguagem sincera e não adúladora, ele elogia pelos mais diversos motivos, como para conseguir e manter mecenas, com o fito de mantê-lo no estudo das letras para o bem não dele, mas delas, particularmente para a glória das letras divinas. Uma forma especial de elogio para ele consiste em ofertar suas obras aos grandes e eruditos, mas sem se sentir, por isso, mercenário, pois, não espera nada em troca, exceto que eles continuem incentivando os estudos e, assim, se tornem virtuosos e piedosos. Embora seja um homem de poucos rendimentos, Erasmo garante que só aceita prebendas se elas são dadas com liberalidade e, mesmo assim, desde que destinadas aos estudos públicos, razão pela qual ele satiriza que, tendo mostrado as razões de sua boa fé, é justo que os detratores deixem de murmurar contra ele.

Com vista ao mecenato ou não, Erasmo elogia sobretudo os príncipes, os primeiros a serem educados, singularmente através do panegírico. Ele explica os motivos pelos quais os antigos inventaram o panegírico aos príncipes, o funcionamento, os efeitos pedagógicos e a força educativa desse método. Nessa direção, ele mostra que se na Antigüidade foi permitido louvar solenemente os reis com panegíricos na presença deles, isso não foi para ser servil ou para consentir no vício, mas, uma vez que os ouvidos régios suportam mal a autoridade e a severidade dos admoestadores ou censores, por respeito à utilidade pública, escolheu-se um caminho mais oculto. O panegírico simulava, como uma pintura em um quadro, uma espécie de representação de um príncipe verdadeiramente perfeito. A intenção era que os príncipes, a propósito do exemplar, exigentes e de modo secreto, admitissem para si mesmos quanto se apartaram da imagem do príncipe a ser louvado. Também, que aprendessem, sem se envergonhar e sem se ofender, que vícios deveriam mudar e que virtudes era oportuno prestar. Ainda, que os bons príncipes reconhecessem aquilo que fazem e os maus o que deveriam fazer.

Enumerando aqueles que versaram sobre o gênero panegírico, Erasmo mostra que, sob o pretexto de louvar, os autores clássicos e cristãos não visaram outra coisa senão que os príncipes fossem exortados para o que é honesto, usando esse artifício como uma espécie de adulação para corrigi-los. Em última instância, o panegírico não louva aos príncipes, nem aos homens, mas a virtude e a piedade, síntese das qualidades morais indispensáveis ao cristão educado nas letras humanas e divinas. É que se sana mais com carícias que com injúrias, pois a virtude e a piedade louvadas crescem. Por isso, o elogio é, para ele, a linguagem figurada da carícia, é a pedagogia do incentivo, é o método de correção. Além disso, o panegírico ao príncipe é uma espécie de mentira pedagógica do mesmo modo que muitas vezes se inflama retamente com ofíciosos louvores a índole pueril para o estudo da virtude e o médico elogia o aspecto do doente, não porque ele esteja bem, mas para que sare. Assim, o panegírico é também uma sátira, a qual não é injúria, mas apenas pretende ser outro modo de carinhosamente chamar os homens à correção.

A importância que Erasmo dá ao panegírico concretiza-se em suas obras panegíricas, para, sob o disfarce do elogio, linguagem irmã da sátira, pedagogicamente advertir. Sob a aparência do louvor, tanto a admoestação, quanto o apelo à mudança e o ideal a ser alcançado estão ocultos. Portanto, o panegírico é um método pedagógico e a sátira, que tem o mesmo papel do elogio, também de forma sub-reptícia, busca, metodológica e pedagogicamente, modificar comportamentos e criar novas posturas.

A sátira é a resposta de Erasmo àqueles que não entendem o sentido pedagógico do seu *Panegírico*. A fim de provar que sua obra, escrita para o mundo todo e para a posteridade, e pertencente a um gênero popular e quase teatral, nada tem de adulação, ele mostra que existe uma enorme diferença entre a funesta espécie de lisonjas do vulgo e a sua linguagem panegírica. Esta se propõe como a amável face da virtude, visa ao bem comum e é uma atitude deliberada de quem escolhe as melhores palavras para advertir os príncipes e os súditos, cuja linguagem, aliás, ele não considera sua, mas de todos os eruditos. Essa é a mesma lógica de sua sátira.

Com efeito, muito diferente da linguagem aduladora dos bajuladores, o panegírico para Erasmo é elogio, mas não adulação, pois ele não pode adular alguém mesmo que quisesse e nem querer mesmo que pudesse. Assim sendo, mesmo tendo verdadeira aversão pela adulação e percebendo que o panegírico é um gênero de discurso que não pode ser tratado sem ela, um dos motivos pelos quais ele é um método inferior à sátira, relutante e crítico, ele usa pedagogicamente esse artifício a fim de que, adulando seja libérrimo e seja adulantíssimo na liberdade. O objetivo pedagógico ilumina a correta utilização do método e por isso ele emprega sabiamente o gênero laudatório. Mesmo assim, para ele, o método mais apropriado de educação é a sátira, que aclara, por sua vez, o próprio objetivo, pois método e pedagogia se interligam construtivamente.

Nosso próximo passo consistiu em revelar que similar ao gênero panegírico é a linguagem concional, principalmente os sermões religiosos, gênero análogo também à linguagem satírica. Assim, a linguagem concional, laica ou religiosa, não é particular mas pública, permite a liberdade de expressão, visa a amolecer os ouvidos moucos dos ouvintes, ostenta toda a riqueza da retórica e provoca o maior prazer.

Entretanto, o papel pedagógico do elogio não se esgota no panegírico ao príncipe ou na linguagem concional. Ao contrário, Erasmo elogia a todos aqueles que cultivam as letras, valorizando as qualidades dos verdadeiros literatos, principalmente dos amigos. Do mesmo modo que seu elogio, que está ligado à afeição, não é adulator, é judicioso como o julgamento de Aristarco, combina moderadamente severidade com candidez ou visa a persuadir, opera pedagogicamente a sátira erasmiana.

Para mostrar o quanto amigavelmente elogia e a ninguém adula e a diferença entre adulação, linguagem própria dos homens servis, e elogio, linguagem própria de amigos que se deixam guiar pelo bem, Erasmo publica obras didáticas sobre o assunto, dedicando-as aos amigos e patronos. Nelas, ao elogiar, ele visa a persuadir. Portanto, os elogios, como a sátira, têm

objetivos pedagógicos, aos quais as pessoas reagem de diferentes maneiras. Naquelas que são amigas, modestas ou verdadeiramente eruditas, mesmo que algumas vezes considerem exagerados seus elogios, estes modificam modos de pensar, provocam louvores do mesmo modo verdadeiros ou tolhem a timidez e a indolência. Porém, como a maioria dos homens não é modesta, não é esse tipo de linguagem e sim a satírica que ele prefere.

Tão fecundo em elogiar, Erasmo tem, contudo, muita dificuldade e é cauteloso em aceitar os elogios. Na realidade, ele enfrenta um dilema, pois se permite os louvores, é ridículo, se os rejeita, comete afronta. Além disso, alertando que a hipérbole laudatória é, por vezes, uma linguagem que não convém a pessoas dignas, não merece crédito, provoca a inveja e avizinha-se da ironia, ele busca não o elogio em si, nem a ironia ou a sátira em si mesmas, e muito menos o seu emprego incorreto, mas o verdadeiro sentido pedagógico da linguagem figurada. Na verdade, ele não depende dos elogios alheios e se sente imune a eles, pois não se considera diferente daqueles que preferem ser medidos pelo pé dos outros a pelo seu próprio, dependem inteiramente da aprovação dos outros e se dilatam, como pavões, às palavras adadoras.

Em seguida, nós evidenciamos que outro aspecto do elogio é que por vezes ele vem acompanhado de distintos tipos de linguagem figurada. Assim, em meio aos elogios, por um lado, Erasmo satiriza as hipérboles laudatórias, que se aproximam da bajulação, a falsa ironia, que não é apropriada a uma relação afetiva ou a sátira difamadora. Por outro lado, ele faz um novo uso pedagógico desses mesmos gêneros de linguagem. Além disso, há um dilema entre o método do elogio e o da sátira, visto que uma vez acusado, pode-se não só sem vício se purificar, como também não se pode deixar de fazê-lo sem culpa, já refutar um elogio é mais acurado. Tentando resolver durante toda sua vida esse dilema, ele usa a sátira para reforçar às vezes o primeiro aspecto, na maioria das vezes o segundo, e por vezes a ambos. A mais geniosa solução do dilema entre elogio e sátira é o *Elogio da Loucura*, ou seja, o elogio da sátira, justificado por Erasmo pelo uso comum de se louvar as coisas frívolas, com a qual a linguagem laudatória torna-se irmã da linguagem satírica.

Resolvido o dilema, mostramos que metodologicamente em algumas ocasiões Erasmo faz o elogio ser seguido pela sátira, para didaticamente completar o ensinamento. Em outras situações, principalmente no contexto pedagógico, ele os intercala, método que consiste em elogiar, satirizar e depois retomar o elogio como uma lição de reforço. Mas, o mais importante é que o recurso tanto ao elogio quanto à sátira tem para ele um propósito pedagógico.

Por fim, mostramos que a sátira é superior ao elogio, pois um louvador, exceto se muito erudito, até prejudica, enquanto um repreensor, mesmo que pouco erudito, admoesta para aquilo que escapou de alguém, o ajuda a prosseguir na defesa do que corretamente foi dito, o faz mais erudito ou pelo menos o torna mais atento. Por isso, Erasmo prefere a sátira ao elogio, pois, de qualquer forma ela se põe pedagogicamente construtiva, como método privilegiado de educação.

Quanto à comédia, nossa tese foi a de que a sátira de Erasmo difere da comédia, apenas por ele pretendê-la construtiva e pedagogicamente superior.

Nesse escopo, apesar do candor e da perspicuidade da tragédia, enfatizamos que Erasmo tende não para o estilo trágico, mas para a linguagem alegre e divertida da comédia e da sátira. Portanto, que ninguém estranhe dele usar a comédia, porquanto ela sempre existiu. Porém, a sua sátira é erroneamente comparada à antiga comédia, como se a todos mordazmente acusasse. Ora, diferentemente da comédia antiga, da nova comédia ou da sátira latina, acusar sua sátira de mordacidade é, para ele, calúnia.

Mesmo que a sátira de Erasmo seja diferente da antiga comédia, ele procura justificá-la a partir da liberdade encontrada nos autores satíricos da Antigüidade, como um meio de melhor torná-la aceita pelos seus detratores. Desse modo, por um lado, ele busca em Luciano a riqueza da linguagem. Por outro, ele destaca que a comédia de Luciano é crítica severa, salgada quer por uma sátira mais sarcástica quer por uma sátira mais leve. Esses sais satíricos, por sua vez, a tornam agradável e fecunda, divertida e útil, prazerosa e frutífera. Ele colhe, ainda, da comédia de Luciano, com o cálamo, seu instrumento pedagógico, a agradável singularidade da obra, a sua linguagem brilhante e aquilo que ela contém de tradição, leveza, salubridade, eficiência e eficácia. Portanto, a comédia e a sátira, contêm tanto docilidade e utilidade, quanto dicacidade, mas sem petulância, que é o grande segredo da linguagem cômico-satírica. Assim, não é porque Luciano restitui a sátira da comédia antiga que ele é o maior, mas porque ele retira da sátira o seu caráter de atrevimento, de afrontamento, de ofensa, de mordacidade, para lhe dar a excelência de seus, já não salgados, mas, maravilhosos sais, que proporcionam prazer e utilidade. Tal qual Erasmo concebe a sua sátira. Ela é sagaz e irônica, mas sem mordacidade, ao mesmo tempo em que agradável e divertida. Com isso, ele remove todo seu caráter pesado e negativo para apresentá-la como construtiva, o que é o mesmo que dizer que ela é pedagógica.

Embora a comédia de Luciano seja também sarcástica, Erasmo não vê nisso algo destrutivo, mas, inversamente, defende o uso do sarcasmo como um direito, não só porque é

permitido a Luciano agir assim, mas principalmente porque ele tem razão em assim satirizar. Ora, se satirizar é certo, satirizar com mordacidade proporcional à extensão da recalcitrância é igualmente correto, porque, na verdade, a dicacidade de Luciano é infesta apenas aos mais ignorantes, mas que se põem como formadores de mentalidade por excelência. Assim, Erasmo não quer destacar o sarcasmo da comédia, mas retirar dele o seu elemento pedagógico.

Em síntese, a comédia de Luciano é um método de dizer as verdades rindo. Essa é a grandeza da comédia. A isso se soma que Erasmo entende sua sátira como superior a toda comédia até então historicamente produzida e a toda forma de linguagem figurada ou não, pelo fato de, sem afrontas, poupar em suas obras o nome dos seus detratores. Portanto, ele a propõe pedagogicamente construtiva.

Nosso próximo passo consistiu em demonstrar que a sátira de Erasmo se toma às vezes a roupagem da linguagem apologética, de diatribe ou de libelo, é menos como defesa própria e mais das letras, e não como arma de ataque, pois ela não pretende ofender, mas deseja apenas pedagogicamente construir.

Começamos por destacar alguns princípios que explicam o estilo satírico de Erasmo e suas apologias, quais sejam: quem não deve não teme as acusações alheias; de quem não tem culpa não se pode esperar vingança, pois não se deve usar o cálamo para ulcerar a alguém movido pelo rancor ou levado pelas circunstâncias; optar pela arte de esquecer as ofensas recebidas, respondendo às agruras da vida com seus escritos. Em seguida, apontamos que ele prefere fazer não a própria defesa, mas a apologia dos valores cristãos. Além, disso, quando obrigado a fazer apologia de suas idéias, ele o faz apenas como prevenção contra seus caluniadores. Nesse ponto, ele prefere se antecipar aos ataques colocando-se como um ardente defensor que advoga sua causa e como juiz que a si próprio absolve, porquanto não importa a um autor o que os outros pensam dele e sim sua própria repreensão e sua ilibada conduta.

Diferentemente daqueles que lhe atacam, a sátira de Erasmo, mesmo quando toma a forma de diatribe ou libelo, prima pelo caráter apologético somente de suas verdadeiras intenções e por ser instrumento de defesa das letras, e não por ser arma de ataque. Nessa direção, ele responde às ofensas que recebe com a defesa das letras, sem romper a amizade com quem o acusa, e explicando as razões do ataque. Ele procura desculpar e poupar sempre que possível o acusador, publicando em resposta apenas o que é útil e agradável. Sua resposta não é ocasional, mas é refletida e repensada. Ele se defende laconicamente, temperando os afetos, de forma moderada e

não maledicente, denunciando apenas o erro e seus culpados. Ele reforça suas intenções para que não seja incompreendido, agindo mais por causa de seus detratores que por sua causa e ao se defender, ensina aos outros como corretamente agir. Sua sátira é resposta necessária aos caluniadores recalcitrantes. Em síntese, defendendo-se, ironizando, debochando ou contratacando com veemência, porém, sem mordacidade, quaisquer que sejam seus motivos, suas respostas em forma de apologia, diatribe ou libelo não visam a destruir, mas a educar o caluniador, e, por meio dele, a todos os homens.

Igualmente, ninguém pode acusar Erasmo de heresia ou de falsificação, nem de qualquer outro crime, pois acima de tudo ele se põe como verdadeiramente cristão. Por isso, ele não se dispõe a usar o cálamo como libelo, porque não quer um combate de gladiadores, mas moderação, disputa acadêmica, polêmica literária, diatribe construtiva. Suas obras atestam isso, como *Esponja*, uma resposta irônica e incisiva, mas não atroz ou procaz, ou seja, sem mordacidade, que não visa à contumélia, mas à utilidade pública.

Desse modo, satirizando, Erasmo mostra a diferença entre sua apologia, como vinho e óleo, e a de seus detratores, como vinagre e veneno. A sua sátira, mesmo dolorosa, não é maledicente, mas, como o bom samaritano, é remédio eficaz na cicatrização das feridas humanas, sendo uma linguagem difícil de ser aceita apenas por parte daqueles que preferem o favor à verdade. Com efeito, ele sabe que não se curam os vícios senão com remédios e intervenções cirúrgicas, dolorosas, mas necessárias, não ignora que os ouvidos dos homens são recalcitrantes à verdade e que só se pode amolecê-los com um método eficaz. Assim, a sátira erasmiana é educativa, mas, incomoda, e porque incomoda, é educativa.

Embora acabe por machucar, para Erasmo, dissentir não significa sujar, mas ensinar. Sua sátira, mesmo quando toma a roupagem da linguagem apologética, de diatribe ou libelo, deve ser entendida apenas como disputa acadêmica. Assim sendo, se ela é uma fustigadora de bárbaros, se é uma acerba censora, se é uma cunha terrível que fende os vícios, é porque necessita vencer a resistência de duríssimos nós arraigados no coração dos homens. Em outras e nas sempre mesmas palavras: ela contém uma linguagem pedagógica.

Ao mesmo tempo em que satiriza, Erasmo faz a defesa tanto de seu uso da sátira quanto do uso dela em geral. A prática de satirizar explicita os princípios teóricos da sátira, ou seja, a sátira erasmiana se constitui em método de explicitar sua própria teoria. Nessa acepção, embora salutar por princípio, a sátira pode conter naturalmente a inveja em si mesma. Sua eficácia

depende, portanto, da forma de usá-la e dos ouvidos daqueles que a recebem. Quando se usa a sátira destrutivamente, como Erasmo satiriza em seus detratores, ela provoca a inveja e a destruição. Se for construtiva, como ele intenciona a sua, ela pode provocar a inveja, pois esse é um elemento inerente a ela, e pode não ser acolhida pelos ouvidos recalcitrantes, mas poderá ser eficaz, pois ela nada mais pretende que pedagogicamente ajudar os homens em seu combate aos vícios e em sua busca da verdade, da virtude e da piedade.

Assim, Erasmo vai àquilo que é típico dos argumentos, isto é, aos destinatários da sátira. Muitos nada entendem acerca da sátira, a tudo invertendo, sendo injustos com aqueles que a usam sabiamente, e tornando-se, assim, inúteis para si mesmos, pois não sabem distinguir aquilo que é contra eles daquilo que é para o seu bem. Àqueles que não querem vencer a iniquidade, de qualquer forma que se apresente, a sátira perde sua eficácia. Por isso, ele se esforça por resgatar o sentido profundo da sátira de Valla, que foi mal-compreendida em seu tempo. Nesse esforço, ele justifica o uso de sua própria sátira, ao mesmo tempo em que a fundamenta.

A sabedoria de Erasmo consiste em saber aproveitar as circunstâncias da vida para erigir sua produção teórica. As contradições da vida e o predomínio do sentimento dos amigos sobre seu próprio julgamento o levam a escrever predominantemente, não como apologia, diatribe, libelo de revanche, como muitos o interpretam, mesmo que também tenha escrito por esse motivo, mas com o fito de agradar e mais ainda de buscar o bem do outro e não o seu. A sátira, assim, não é ofensiva, é educativa. Além disso, quando ele escreve não é o julgamento do escritor que vem em primeiro e sim o destinatário de suas obras. Ele não pretende ferir ou provocar sentimento adverso, mas atingir o leitor exatamente em seu sentimento para que tome ciência de seus erros e corrija-se. Em síntese, a sátira, para ele, não visa a destruir e sim a pedagogicamente construir.

No quarto capítulo, com o objetivo, também, de comprovar a sátira erasmiana como método privilegiado de educação a ponto de se poder considerá-la como pedagogia, analisamos a partir de algumas categorias pedagógicas, quais sejam: paciência, moderação, liberdade; mordacidade; riso; sátira construtiva; e pedagogia.

Com as categorias paciência, moderação e liberdade, nosso objetivo consistiu em provar que, temperada pela paciência, entre a liberdade e a caridade, que definem a moderação, a sátira de Erasmo é a expressão erudita desse ponto de equilíbrio, é amiga e livre e visa à liberdade, portanto, é intencionalmente construtiva.

Começamos por apontar que paciência não quer dizer conformismo, mas significa temperar o ânimo para corrigir o que é proibido e que, por isso, a sátira de Erasmo deve ser entendida como paciência para modificar construtivamente o ilícito, que é exatamente a pedagogia erasmiana da mudança.

Paciente e avesso à polêmica, Erasmo busca e prega a moderação, através da concórdia, favorecendo o Evangelho, diferentemente dos insufladores que põem mais óleo no incêndio e aumentam, com remédios violentos, os males dos homens. Ele não quer a dissensão, visto que seu desejo é mitigar o debate e não afirmá-lo, trabalhando não para si, mas para os outros. Se duro e árduo é o embate, ele o enfrenta, sem verbosidade, da forma mais incruenta possível, sem correr muito perigo, preferindo por vezes navegar no porto, ou seja, com moderação, mas, ao mesmo tempo, não renunciando à amizade, pois é a moderação que proporciona amigos. Ele o enfrenta, também, com muito e válido conflito, propondo a civilidade para por fim ao dissídio. Ele o enfrenta, ainda, com coragem e satiricamente. Por isso, ele acredita que a moderação e a candura lhe conciliaram numerosos amigos entre os homens eruditos, íntegros e poderosos.

Passando dos princípios aos meandros práticos da polêmica, Erasmo a explica, e, explicando-a, enfatiza exatamente a moderação. Assim, ele sabe-se moderado, motivo pelo qual falam mal dele de ambos os lados em litígio, visto que exorta ambas as partes para os mais tranqüilos conselhos. Ele não reprova a liberdade temperada com a caridade. Nesse sentido, mostramos que moderação é a virtude do equilíbrio entre a liberdade e a caridade. Caridade para não ferir ninguém e liberdade de não se calar frente ao erro, ou inversamente, liberdade para educar a humanidade, mas com caridade. Mostramos, também, que a sátira é a expressão dessa moderação, desse ponto de equilíbrio entre a caridade e a liberdade.

Como exemplos de moderação de Erasmo, apontamos para o fato de ter permanecido por algum tempo no mosteiro para não escandalizar, sua defesa, aliando caridade e liberdade, por permanecer fora do convento e suas obras, como *Esponja*. Ele não quer ferir ninguém, até quando é necessário fazer sua defesa. Assim, mesmo quando é pressionado a escrever contra aqueles de maior curiosidade que cultura, sumamente moderado e prático, escrevendo o possível e não o desejado, ele sabe que é preciso dosar o que se escreve, que é preciso dosar a sátira. Sua moderação implica, igualmente, o respeito para com a produção erudita e opinião alheias.

Erasmo é moderado ainda por solicitação dos amigos, que, por vezes, lhe pedem que modere o estilo, que faça suas críticas de preferência pessoalmente, temperando-as quando forem

escritas. Não indiferente às sugestões dos amigos, nem por isso ele deixa de ser menos satírico e sabe fazê-lo de tal modo que acaba por satirizar durante toda sua vida, numa época ao mesmo tempo de repressão e de liberdade, em que nada e tudo são simultaneamente permitidos, sem sofrer conseqüências maiores. Por causa da repressão, os amigos sugerem-lhe moderação, por causa da liberdade, abrem-se os campos onde sua sátira germina, cresce e produz frutos.

Além disso, Erasmo faz a autocrítica, prova de uma moderação não fortuita, mas intencional. Do mesmo modo, ele é crítico com sua sátira, a fim de que ela seja o menos possível mordaz e o máximo possível pedagógica. Sua moderação é a garantia da vitória da sátira pedagógica. Em suma, tríplice, como Palas, a deusa da guerra, sua sátira contém violência, mas como Palas, a deusa da prudência, é violência com moderação e, como Palas, a deusa das ciências e das artes, é erudita, construtiva e pedagógica.

Como conseqüência da moderação, começamos por mostrar que, numa época tanto de pouca liberdade quanto de sua afirmação, Erasmo consegue ser satírico exatamente por valorizar a liberdade, cuja expressão máxima constitui-se na *Moria*, que é sátira pura, que é pura liberdade, e que apenas aos tardos ofende.

Em seguida, mostramos que a sátira de Erasmo ensina os homens sobre a liberdade, pois, para ele, renunciar à liberdade significa morrer. Sentindo-se livre, ele vive em liberdade, mantendo-se com poucos recursos, porém livre para recusar doações e, além de tudo, peregrino, sentimento de liberdade e liberdade real que explicam sua sátira. Se nada lhe agrada mais que a liberdade, ele tem total liberdade para satirizar e pode ser satírico frente a tudo. Sátira e liberdade tornam-se sinônimos, tanto que a sátira é a liberdade de estomagar, forma livre de escrever, que, por sua vez, visa à liberdade, portanto, a sátira de Erasmo se propõe construtiva e pedagógica.

Com a categoria pedagógica antitética de mordacidade provamos que se por vezes a sátira erasmiana é mordaz, contudo, não é destrutiva, pois até sua mordacidade é intencionalmente construtiva, portanto, pedagógica.

Iniciamos por apontar que, entre dois tipos de discursos, se Erasmo acede ao da polêmica é apenas sob sua forma literária e, além disso, tem manifesta preferência pelo familiar, o que atesta que sua sátira não tem pretensões de mordacidade. Por preferir a linguagem doméstica, mesmo sendo satírico, ele não quer mal a ninguém, desejando que primeiro Cristo aprove sua consciência e depois que os melhores confirmem a razão de sua decisão. Quanto aos rábulas, que parecem não saber a diferença entre escrever e delirar, ele não os maltrata nem os maldiz por não

ser próprio do cristão querer mal a alguém. Com a postura existencial, de predomínio do sentimento cristão e da razão erudita que controlam quaisquer desejos de maldade ou mordacidade, sua sátira não pretende ser destrutiva, mas lhe brota quista e pensada, intencionada e realizada para pedagogicamente construir.

Por não desejar ferir ninguém e por não achar belo vencer os opositores ou tê-los por adversários, Erasmo atribui o mérito de ter atraído muitos leitores para seus escritos, sem que com isso possam acusá-lo de jactância. Além de não pretender provocar inveja com suas obras e nem causar dano aos amigos, durante toda sua vida ele trabalha a favor dos homens. Portanto, não há intenção de mordacidade em sua sátira.

Erasmo se diz não mordaz também porque não denomina as pessoas a quem satiriza, motivo pelo qual sua sátira se diferencia daquela até então produzida, inclusive da sátira dos autores cristãos, que jogaram nesse gênero de um modo mais livre e mordaz, e razão fundamental de sua superioridade. É por isso que, apesar da inveja que provoca com suas obras e das críticas acerbas que recebe, ele costuma gloriar-se, pois, escrevendo por brincadeira ou seriamente, não lacera nominalmente a nenhum mortal com seu estilo. Preservar o nome das pessoas é preservar a pessoa e a sátira visa à mudança de atitude e não a destruir o inimigo ou o pecador.

Além de se manter afastado de todos os nomes, de tal modo Erasmo tempera o estilo que o leitor cordato facilmente entenderá que procura mais o prazer que a mordedura. Ou seja, a sátira erasmiana não tem a intenção de morder, de mordacidade, de ferir, de machucar, de magoar, pois não é destrutiva, mas de divertir, de causar prazer, de alegrar, porquanto intenciona construir. De fato, ele continuamente defende o louvor do inofensivo estilo, porque em ninguém comprime o ferro a não ser que odiosamente provocado, e não responde a ninguém exceto para vencer o adversário pela modéstia e sem a mais ínfima virulência. Portanto, sua sátira não é ofensa, é linguagem moderada e ponderada.

Mesmo quando devolve as alfinetadas, a violência do estilo de Erasmo é apenas uma questão de tática. Existem duas maneiras de se dizerem as coisas, uma, provocando, o que fazem, segundo ele, seus adversários, e outra, ensinando, que deveria ser a postura deles, e com certeza é a sua. Dizer com o objetivo de ensinar, esse é o sentido da sátira erasmiana. Ora, quem ensina fala as verdades sem vingança e não fere com sarcasmos, mas diz as coisas com moderação. Quem ensina, sabendo que se as pessoas prestassem atenção às razões seria mais fácil de

convencê-las, depõe os dardos e não açoita em vão o ar, vendo como vitória o fato de ficar surdo aos latidos dignos de Cila e de não recorrer ao ataque.

Igualmente, visto que Erasmo sabe que não se aceita um sedicioso desregramento, mas se suporta mais facilmente uma livre admoestação, sua sátira não é maledicente, ao contrário, é admoestadora. Mais ainda, comprometido com a educação, principalmente de jovens promissores, ele usa a sátira sempre que possível, mesmo quando aparentemente desnecessária, como uma espora, entendida não enquanto castigo, mas enquanto estímulo. Ora, o estímulo de sua sátira não é contra um homem e nem mesmo contra os homens, mas contra os vícios de todos. Perceber essa sutil e enorme diferença é imprescindível para compreender a sátira de Erasmo, não como mordaz, mas como intencionalmente construtiva.

Por conseguinte, somente o culpado é quem tem medo da sátira e fica incomodado exatamente porque ela o atinge. Como os culpados são muitos, Erasmo está ciente que é por causa de seu ofício que contrai por toda a parte a máxima inveja, uma vez que existe um gênero de homens que conjuga a maior rusticidade com a maior malícia. Contrariamente, quando se fala da malícia de Erasmo, certamente não é deste gênero pejorativo de malícia que se trata. Sua sátira é maliciosa, no sentido de sutil, espirituosa, divertida, e não maldosa ou sarcástica. Portanto, não é nele que se deve buscar a mordacidade, mas em seus detratores que entendem sua sátira como mordaz, porquanto eles a consideram mais leviana do que seja conveniente a um teólogo ou à moderação cristã. Ou seja, a mordacidade nasce da e por causa da insciência humana. Igualmente, a mordacidade da sátira, que não é mordaz, pois é apenas vista como mordaz, sobremaneira por aqueles que são mordacíssimos, é preferível a qualquer ciência indouta ou a qualquer linguagem não crítica.

Por isso, Erasmo satiriza aqueles que tomam liberdade de linguagem por mordacidade, depravam a necessária liberdade a título de maledicência e não entendem que mordacidade é na verdade a necessária liberdade de se dizer as verdades. Ademais, primeiramente, não se deve tomar Erasmo por sua sátira, mas pela totalidade de sua linguagem, depois, ela não pode ser vista isoladamente, mas inserida no quadro maior da sua proposta pedagógica e, secundamente, a mordacidade é construtiva. Vista dessa maneira, a sua sátira é a franqueza necessária, é a linguagem livre, só não entendida assim pelos maledicentes. Portanto, é preciso dizer o maldizer da sátira para o bendizer da liberdade.

Erasmus satiriza seus opositores, que nada publicam e nada ensinam, uma vez que não são educadores, mas invejosos e parecem agir contra o bem comum, ao mesmo tempo em que faz a defesa de sua sátira. De fato, por ser educador, a sua crítica é satírica, mas não mordaz, isto é, visa exatamente ao oposto de seus detratores, é construtiva, educativa. Pedagogicamente, sua sátira se lança acre, mas não mordaz, contra os falsos escritores e contra os que procuram impedir os outros de publicar. Ela se dirige igualmente, pugnaz e pertinaz, por vezes com ar ameaçador, na defesa dos amigos literatos, uma prova de que é usada por ele não para sua defesa, mas como apologia das letras e dos letrados. Ela não é menos dura também contra o numeroso gênero de sicofantas, como os teólogos, que criticam estulta e maliciosamente suas obras. Aqui sua sátira se veste de sua roupagem mais severa, é diatribe, libelo, apologia de autodefesa, crítica, toma ares de sarcasmo e de mordacidade, múltiplas facetas da sátira erasmiana, mas, com um claro propósito construtivo e pedagógico.

O melhor exemplo de que Erasmo não entende sua sátira como mordaz, mas como pedagogicamente construtiva, refere-se à questão educacional. Nessa concepção, na defesa do preceptorado, em lugar de palavras ásperas, ele controla sua ira, escrevendo de modo polido e educado, moderação que não é sinal de resignação, mas de sabedoria própria de um pedagogo. Ao invés da mordacidade, ele prefere satirizar com pedagógica ironia aos ingratos e ignorantes. Aliás, é para eles que ele escreve, aos ingratos tenta de toda forma mostrar suas intenções, aos ignorantes procura por todos os modos instruí-los. A sua sátira dirige-se a uns e a outros, e a ambos pedagogicamente. Todavia, na defesa dos estudos, a sátira de Erasmo é também por vezes tão violenta como um libelo. Ele satiriza impiedosamente tanto o espírito quanto o físico daqueles que, em lugar de estimular os jovens para o diligente cultivo das letras, ocasionam-lhes os piores males. Sua sátira consiste em um método de depreciar ao máximo a quem ou aquilo que se deve combater. Ela é como as Fúrias, violentas, porém, partícipes da divindade, que, sarcástica, mas amorosamente, abate os incautos.

Com sua sátira, enérgica e jocosamente ele ensina aos falsos pedagogos sobre o absurdo de seu comportamento, incentiva os educandos a evitar a inveja e a se libertar da tutela deles, ao mesmo tempo em que evidencia a diferença entre o comportamento deles e o seu. O modo de agir dos péssimos tutores é digno de ser mordazmente satirizado, mas ele garante que nunca odeia capitalmente alguém a ponto de querer-lhes algum mal. Assim, se é enorme sua cólera diante das atrocidades contra a educação, principalmente se destroem a expectativa dos alunos, as suporta

com a máxima moderação possível. Em suma, há nele um misto de revolta, expressa em linguagem bastante pesada, ao mesmo tempo em que moderação. Muitos de seus leitores acabam por realçar a cólera, a mordacidade e o sarcasmo. Nós não a descartamos, mas mostramos que ela é superada por sentimentos mais nobres e por objetivos pedagógicos bem explícitos.

Independente do mote, a sátira de Erasmo não se define por sua mordacidade, mas por sua produtividade. Como aquilo que nasce duro e acerbo e depois se torna ameno e fecundo, do mesmo modo são preferíveis palavras ásperas ao silêncio conivente, ao medo do risco. As palavras parecem ásperas de início, mas ao final são produtivas. A sátira parece áspera, parece mordaz, mas não o é. Ele a propõe construtiva. É preferível arriscar-se ao mar furioso a ficar no cais com mãos nos bolsos. É necessário enfrentar o risco que a sátira corre.

Portanto, mesmo que haja mordacidade na sátira de Erasmo, ela se apresenta construtiva. E, quem preferir chamá-la de mordacidade, lembre-se que, a serviço da verdade, ela contribui muito mais para o desenvolvimento das letras que qualquer outro tipo de linguagem e que é preferível mesmo a mais mordaz, ao candor das palavras e ao comum coçar dos que se elogiam mutuamente. Fica patente a supremacia da linguagem satírica para ele não como mordacidade, mas como pedagógica construção.

Resultado das categorias supra, nossa próxima hipótese foi a de que a sátira erasmiana é primeiramente lúdica e visa ao divertimento, motivo pelo qual é a sabedoria pedagógica do riso.

Para isso, destacamos que Erasmo entende o riso como divino, busca o riso livre e erudito e atribui tanta importância ao divertimento e ao prazer a ponto de considerar que algumas vezes deve ser interrompida a tensão dos estudos com jogos liberais. Em seguida, que o riso reanima o ânimo abatido pelas vicissitudes da vida e é frutífero, portanto, é pedagógico, motivos pelos quais compor obras divertidas, preferir a linguagem divertida, ser divertido, optar pelo método que diverte deve ser não reprovado, mas incentivado. Logo, as nugas são de tal modo coisa divertida que proporcionam muitos mais frutos ao leitor arguto que pomposos argumentos, razão pela qual nuga é coisa séria. Porque o divertido leva ao sério, a sátira, que é a linguagem do riso e a arte do jocoso convencimento, apesar de aparentar-se ninharia, ensina coisas sérias.

Para Erasmo, tudo não passa de brincadeira, mesmo quando fala sem brincadeiras de assuntos mais sérios. Nesse aspecto, ele conhece muito bem suas qualidades e seus limites e brinca com eles, assim como brinca com os dos outros, pois, falando daquelas coisas que lhe vêm do fundo do coração, nada lhe impede de rindo dizer a verdade. Aquilo que escreve parece

brincadeira, mas não é, porque se brinca, o faz seriamente e quer o que é sério. Assim também sua sátira parece brincadeira, mas é uma forma séria de tratar a vida. Além disso, brincadeira não é ofensa, tanto porque as pilhérias são como saís sem dente, isto é, elas não mordem, quanto porque um amigo não deve ferir brincando.

Dessa maneira, os verdadeiros eruditos riem daquilo que é ridículo ao mesmo tempo em que esperam gozar sem interrupção da hilaridade de Erasmo. Isto significa que é de conhecimento público o seu caráter e estilo hilário, que os amigos denominam jogar erasmicamente, ou seja, há um modo erasmiano de brincar, de divertir, de pilheriar, de mostrar as verdades através da linguagem do riso. Em um homem que ri, a sátira é a expressão risonha da vida. Ele brinca mesmo quando as circunstâncias são desfavoráveis, não permitindo amantemente acariciar ou jocosamente estomagar, o que reforça a intenção divertida e construtiva de sua sátira, a qual, embora difícil de ser exercida quando da existência de muitas críticas, jocosamente canta e dança no meio das lágrimas, mostrando o modo correto de viver e o lado alegre da vida.

Para Erasmo, a brincadeira é permitida também nos estudos, ou seja, nas letras, e a sátira é sua forma erudita de brincar, visto que satirizar significa exatamente brincar com o incruento cálamo. Por isso, ele nada quer de ataques ou ofensas, já que sua pena é inofensiva e o que escreve é apenas uma brincadeira, razão pela qual sua sátira é diversão pedagógica que, em brincando, educa. Mais ainda, escrevendo por brincadeira, por ser a sua brincadeira amiúde salgada como o sal ático, pois lhe apraz brincar com tais saís, no uso do cálamo, a sátira é a sua forma predileta de, brincando, escrever.

No jogo do cálamo, revelando seu modo faceto de satirizar, Erasmo escreve cartas jocosas e com saís. Ele oferece igualmente livros divertidos, alegres e oportunos àqueles que têm vontade de rir e reservam um tempo para eles em meio ao burburinho dos negócios. Como o que é divertido é mais pedagógico, uma vez que ensina brincando, ele reforça aquilo que é leve, o jogo, a brincadeira, o que dá à sua sátira maiores oportunidades de exercer seu poder pedagógico. Do mesmo modo, ele escreve suas obras, também aquelas destinadas ao sistema de estudos, por brincadeira e através de jogo, o jogo da linguagem, o jogo da sátira, o jogo da nova educação. Aliás, todo o *Elogio da loucura* nada mais é em si mesmo que um jogo. Desse modo, mesmo não deixando de ser algo sério, a sátira é antes de tudo um ludo, um jogo, uma brincadeira, um divertimento, um riso, motivo pelo qual ele crê que os sábios aprovarão o jogo da *Moria* e com ela se alegrarão. Deveras, os verdadeiros eruditos são capazes de entender que a sátira não é

ignorante, mas doura, não é insossa, e sim um jogo que tempera a vida, que é uma forma cômica de rir do espetáculo da vida e de se alegrar com ela.

Por conseguinte, a sátira é um fingimento, e para entendê-la é preciso também fingir, isto é, ir além do jogo das aparências e entrar na brincadeira. Desse modo, a sátira de Erasmo é como um jogo de esconde-esconde, um quebra cabeça; é cavalgar num cavalinho de pau como se realmente cavalgasse, é pura brincadeira, é divertimento infantil, um faz-de-conta. Ou seja, ela é uma linguagem dissimulada. Assim, as palavras de Erasmo, afiadas como os dardos, eretas como as lanças e portadoras de mensagem de intimidação, nada são além de uma forma divertida e amorosa de convencimento de sua assertiva e do erro da posição alheia, até porque tais ameaças não passam de uma farsa, de dissimulação, de puro jogo de palavras, de simples brincadeira. Por conseqüência, a sátira é a linguagem figurada do falso confronto.

Na verdade, a sátira erasmiana é apenas uma roupagem. Por isso, não se deve temer a crítica que é parte inerente da sátira, pois é belo ser vituperado pela *Estultícia*, a qual nada tem de estulta e cuja eloqüência é seu adorno, e nem se deve ir contra o satirista, pois muitas vezes ele usa uma roupagem que é própria da sátira, para lhe dar maior destaque e beleza. Deve-se, portanto, descontar as figuras de estilo, que é a roupagem da sátira, para penetrar em seu sentido profundo. E, então, ver-se-á que é belo ser vituperado por ela, a qual se tornará agente de mudança de comportamentos e modos de pensar, cumprindo seu papel pedagógico.

Nada tendo de estulta, a sátira de Erasmo é sábia, uma vez que visa apenas a recensar as coisas ridículas. Ela é a sabedoria do riso, ou seja, é um riso pedagógico, pois ele não toca na oculta cloaca dos crimes humanos, mas se esforça por recensar mais as coisas para rir que sujá-las. Enfim, sua sátira ensina que é preciso cultivar as letras, pois um homem nelas formado, depois de um longo esforço e de bastante tempo, poderá rir daqueles que o insultam. O riso é, portanto, o resultado de um longo processo de estudo, não o falso riso, mas o riso pedagógico, enquanto expressão do homem que sabe, um riso construtivo. E, então a sátira terá cumprido seu papel pedagógico.

Com nossa penúltima categoria, mostramos que a sátira de Erasmo de qualquer forma que se apresente é intencionalmente construtiva, portanto, pedagógica.

Primeiramente, selecionamos aleatoriamente algumas cartas, nas quais aparecem diversas características-síntese da sátira de Erasmo inseridas em seu contexto de linguagem metafórica. Nelas aparecem vários elementos do seu caráter e de sua linguagem figurada, precedidos,

intercalados ou acompanhados pela sua sátira. A sistemática repetição desses elementos evidencia sua coerência e sua preferência pelo uso da linguagem metafórica, precipuamente da sátira, a qual não é uma máscara que esconde a realidade e sim um aloés amargo, mas medicinal e nutritivo, portanto, intencionada pedagogicamente construtiva.

Em segundo lugar, analisamos os aspectos construtivos propriamente ditos da sátira erasmiana. Primeiramente, como as menores gemas, aparentemente sem valor, a sátira de Erasmo é do mais alto teor construtivo. Em seguida, não pode ser destrutiva a sátira de alguém que odeia todo tipo de guerra e aspira por construir a paz. Preza a amizade acima de tudo, visando a construir o reino da amizade. Não quer ser molesto, mas educar. E, considera que a única vingança possível é a de esquecer as injúrias. Inversamente, só pode ser construtiva a sátira de quem jura por Deus querer sempre o que for melhor. Oferece a si mesmo. Por natureza se inclina mais a dar que a receber. Paupérrimo, oferta aos amigos o que tem, qual seja, seu reconhecido coração e seus escritos. E, apelando para o bom senso e a amizade, suaviza sua sátira falando de coisas simples, não de forma dura, mas com simplicidade. Portanto, a sátira de Erasmo não deseja complicar, mas facilitar a comunicação. Se assim não for entendida, ele não se constrange em dizer claramente suas intenções pacíficas e construtivas.

Em terceiro lugar, confirmamos que a sátira erasmiana é antes de tudo preventiva e somente depois corretiva ou terapêutica, uma vez que não visa primeiramente aos adversários, embora a estes também pretenda corrigir e sim àqueles que ainda não estão corrompidos. Ou seja, o seu objetivo não é destruir, mas fazer com que a pessoa, ao ver os erros alheios serem satirizados, os evite e ajude os outros a evitá-los, ao mesmo tempo em que corrija os seus. Na verdade, é tríplice o objetivo pedagógico da sátira erasmiana, pois ela é pedagógica e construtivamente corretiva, autocorretiva e preventiva.

Quanto à pedagogia, categoria síntese de nossa análise da sátira erasmiana, demonstramos que a sátira de Erasmo, não é um método educacional qualquer, mas é pedagogicamente construtiva, portanto, é um método privilegiado de educação a ponto de constituir-se, quiçá, numa pedagogia.

Nessa perspectiva, mostramos que, desde sua juventude, a sátira é defendida por Erasmo como método privilegiado de educação, uma vez que a aconselha como método de persuasão preferível à força. Com efeito, ele sugere que por primeiro se use a linguagem oculta, cujo poder consiste na força do convencimento e só na ineficácia desta, a linguagem formal, que tem poder

pela força. No primeiro caso a linguagem é pedagógica e produz aprendizagem, no segundo, autoritária. Satirizando, ele ensina que o uso da linguagem satírica é método preferencial, a ser empregado para a mudança de comportamentos tanto de quem a recebe quanto de quem a usa. Ele não visa somente ao resultado da ação, não pretende nem mesmo apenas uma ação eficiente, mas, deseja, principalmente, uma ação eficaz, pois quer ensinar a agir corretamente sempre. Esse é o sentido pedagógico da sátira. Isso não quer dizer que a linguagem satírica faça efeito por si mesmo, mas que há uma intenção declarada naquele que a utiliza, visando a uma ação, eficiência, mas principalmente uma tomada de posição, eficácia. A sua eficácia não depende necessariamente de sua eficiência, ou seja, mais do que o resultado da ação interessa a Erasmo ensinar a como agir. É a busca dessa eficácia pedagógica que dá à sátira o caráter de linguagem superior em relação à linguagem formal. E ele defende em suas cartas essa superioridade pedagógica da sátira.

Todavia, a precedência da sátira como método pedagógico se assenta singularmente no fato de que Erasmo se coloca primeiramente como educador. Com efeito, é como educador, como professor por excelência que ele se coloca e esta é sua principal marca. Ora, em um pedagogo, a sátira quer ser pedagógica. Se todos os homens se dispusessem a aprender seria desnecessário qualquer educador, qualquer sátiro, ou qualquer sátira. Mas, como isso não acontece, o pedagogo Erasmo e sua sátira pedagógica são necessários.

A evidência de que a sátira erasmiana é um método pedagógico privilegiado está posta no fato dela se constituir na Loucura a ser elogiada, porquanto nada mais pretende que advertir os homens sobre os seus erros e ensinar-lhes o caminho da verdade. Além disso, se para Erasmo o melhor modo de ensinar é expor nas obras dos autores o que deve ser imitado e o que deve ser evitado, muito mais difícil é mostrar essa máxima quando se procura desensinar uma série de coisas aprendidas equivocadamente. Nesse sentido a sátira erasmiana procura destacar o que deve ser imitado e evitado, e também o que é necessário desaprender para se poder aprender de um modo novo. É nisto que ela se constitui num método de desaprendizagem de uma errada aprendizagem, ou seja, ela é mais que um simples instrumento ou técnica, e mesmo mais que uma forma de expressão ou um método qualquer, para se constituir em um método privilegiado de aprendizagem da verdadeira aprendizagem. Para isso, a única condição necessária é que cada um assumira a Loucura como sua. Se a sátira erasmiana for assumida por cada um dos homens e por

todos eles, tarefa difícil de ocorrer, só então ela terá cumprido a função pedagógica defendida por Erasmo como método privilegiado de educação universal da humanidade.

Tendo evidenciado que a sátira erasmiana se constitui em método privilegiado de educação, nosso último passo consistiu em analisar, a partir de alguns indícios, indicadores e figuras de linguagem, as razões erasmiana do seu discurso satírico, para verificar se o seu alcance pedagógico é tal que nos permita pensar até numa pedagogia da sátira em Erasmo.

Quanto aos indícios que podem apontar a sátira erasmiana como pedagogia, um primeiro é a historicidade da sátira, ou seja, a sua milenar e universal aceitação, pois Erasmo alega que sempre foi permitida aos engenhos a liberdade de impunemente jogar com saís a vida comum dos homens, contanto que essa permissão não seja raivosa.

Um segundo indício da sátira como pedagogia pode ser inferido da apologia que Erasmo faz dos autores cômicos e dos sátiros antigos, pois a sátira tem pureza, propriedade, elegância, nada de rudeza, graça, urbanidade e salga.

Daí decorre um terceiro indício, que é a apologia que Erasmo faz das boas letras cômicas. Àqueles que afirmam que não é permitido ao cristão ler as fábulas porque trazem lascívia e mui torpes amores aos adolescentes e corrompem necessariamente a alma dos leitores, ele contrapõe a sátira com suas sentenças elegantes, sua moralidade e sua exortação tácita para a instituição da vida.

Ainda com relação às boas letras, um quarto indício, é deduzido do destaque que Erasmo dá às qualidades dos provérbios, que são praticamente as mesmas que podem ser ditas de sua linguagem satírica: proporciona inúmeros frutos; é útil para todas as ocasiões; é apropriada à oração; tem uma elegante graça; é alegre por suas brincadeiras eruditas; ilustra pelo lume de suas sentenças; é temperada com o sal da urbanidade; orna-se de jóias emprestadas, espalhando os encantos da Antiguidade; aclara com pensamentos luminosos; é variada devido à beleza de suas alegorias e alusões; acaricia com hábeis e apropriadas metáforas; alegra por sua aguda concisão; deleita como uma breve astúcia; recomenda, pela novidade ou pela vetustez dos termos; alegra por sua variedade de estilo; alicia com uma alusão divertida; e sua obscuridade de linguagem figurada desperta o leitor bocejador.

Porém, há uma característica impar entre a linguagem proverbial e a satírica que é o fato de ambos morderem, e mais, morderem com sal, um sal dicaz. Ora, o entendimento de Erasmo da

dicacidade, não como algo negativo, mas como qualidade, pode se constituir, por sua vez, num quinto indício de sua sátira como pedagogia.

Um sexto indício pode ser extraído da máxima importância que Erasmo atribui à hilaridade a ponto dele, um homem erudito por excelência, prezar mais o encanto e a hilaridade num escrito que a própria erudição. Tal é o peso que ele dá à sátira, uma linguagem que é capaz de, brincando, revelar a verdade.

Um sétimo indício pode ser inferido singularmente da proposta educativa de Erasmo, expressa no elogio à virtude, apresentada por ele como um exemplar, como um modelo a ser imitado e seguido. De fato, a intenção da sátira erasmiana é unicamente a de emendar os depravados, aperfeiçoar os virtuosos, educar os simples, corrigir os que erram, estimular os acomodados e envergonhar os recalcitrantes.

Para além desses indícios, existem alguns indicadores mais palpáveis da possibilidade da sátira erasmiana como pedagogia, todos evidenciando a superioridade da sátira sobre as outras formas de linguagem figurada ou não. Em primeiro lugar, a arguição de Erasmo sobre a preferência da crítica ao elogio. É que para ele, é mais útil o repreensor que o aplaudidor, porquanto, se o segundo não ajuda a pessoa ir além do que já sabe, o primeiro nunca prejudica e é sempre útil, pois, mesmo a crítica falsa cumpre três funções: previne, aprimora e confirma. Se a crítica falsa é preferível ao elogio, uma vez que traz em si o embrião do incentivo, quanto mais não é pedagogicamente construtiva a crítica verdadeira.

Um segundo indicador da sátira como pedagogia pode se constituir no deleite de Erasmo, como Apeles de orelhas erguidas, em captar não aquilo que agrada, mas preferencialmente o que desagrada.

Daí decorre um terceiro indicador que é a recomendação de Erasmo da necessidade de se optar pelo conflito, porquanto está bem longe de ser dado como vício o fato de que se deve optar nos estudos pela dissensão, que é utilíssima aos mortais, desde que não raivosa. Assim, a sátira erasmiana trabalha os meandros da dissensão, da divergência, do confronto, da discussão, tomando a forma de disputa acadêmica, para a utilidade de todos os homens. É por isso que ela não cai na injúria, não é maldosa, mas é intencionada por ele como construtiva e pedagógica.

Um quarto indicador é o conselho de Erasmo de que é preferível escrever de modo improvisado e livre, pelo que sua sátira é expressão improvisada de tudo o que lhe vêm à boca.

Conseqüência do modo de escrever improvisado e livre, um quinto indicador pode ser retirado do fato de Erasmo esperar de outrem aquilo que credita a si, uma atitude criativa e educativa. Sua sátira é a expressão de sua faculdade inventiva e de sua intenção educativa.

O sexto indicador é extraído da constatação de Erasmo de um princípio da aprendizagem, qual seja, a sua recomendação de que é preciso agarrar a pessoa pelo lado em que ela se deixa apanhar mais facilmente, princípio pedagógico que fundamenta sua sátira.

Um sétimo indicador, mais consistente, é dado pelo reconhecimento de Erasmo da energia da palavra. Ora, é grande a força das palavras daqueles que o atacam e ele só pode responder-lhes também com a energia da própria palavra. Portanto, sua sátira é a necessária energia da palavra viva, que ele emprega, não tentando destruir, como fazem seus adversários, mas construir o que for para o bem de todos. Ou seja, ela é a pedagogia necessária ou a necessária pedagogia.

Para além dos indícios e indicadores, apresentamos algumas figuras de linguagem empregadas amiúde por Erasmo tão singularmente aplicáveis à sátira que presumimos que ela possa ter se constituído para ele em uma pedagogia.

Em primeiro lugar, apontamos para a analogia que Erasmo estabelece entre a comédia, o que vale igualmente para a sátira, e as imagens antitéticas do servo nugatório, do jovem insano de amor, da prostituta blandiciosa e procaz; do velho difícil, moroso e avaro; e também a comparação entre a sátira e a beleza da pintura. Deveras, assim como a comédia, a sua sátira é difícil de ser entendida, assim como não é fácil entender um escravo que se ocupa com ninharias, um adolescente no auge de sua paixão, uma meretriz cheia de artifícios ou um velho em suas rabugices. É que ela é uma linguagem figurada, como a pintura de um quadro que exige conhecimento para entendê-la. Porém, a dificuldade é superada pela beleza, que, extasiando, acaba por despertar o amor pelas coisas convenientes e por corrigir os erros dos costumes humanos. Constituir-se-ia, assim, a sátira numa pedagogia em si mesma.

Em seguida, assinalamos as figuras de linguagem da vírgula censória, do supercílio de censor e da pele de leão. Ora, a vírgula censória e o supercílio censor só são exercidos após Erasmo ter se revestido da pele de leão. Assim, a pele de leão, que, num primeiro momento, é um disfarce, um artifício, ou um método, num segundo momento, vai além do método, tornando-se condição necessária para que assuma a força de censor. Portanto, a sátira, enquanto pele de leão, consiste em uma condição necessária, ou seja, em uma pedagogia necessária. Isso porque um tipo de linguagem já não se mostra eficaz, tornando-se necessário armar-se de um novo tipo de

linguagem. É preciso armar-se com a pele de leão, porque o leão tem a força em si, e é respeitado pelo medo que impõe aos recalcitrantes. Mas, é apenas uma pele, um método.

Contrariamente, não se deseja o medo, mas a aprendizagem pela força da palavra. A sátira de Erasmo é essa palavra-força, ou seja, é pedagogia. Com efeito, como pele de leão, a sátira, por um lado, aos cordatos, é ridícula pele e ridiculariza, enquanto ensina, consistindo em um método de ensinar. Por outro lado, aos pseudo-sábios, mais leão que pele, ela se impõe pela força de sua palavra, quando, então, pode-se pensar em apontá-la como pedagogia, como uma arte necessária, como a única arte viável para se fazer respeitada e poder combater de igual para igual, ou melhor, ainda, de superior para subalterno, afim de as letras sejam aprendidas. Portanto, é vestida de leão, mansa com o aprendiz, como método privilegiado de educação, mas como uma arte de convencer, ou seja, como uma pedagogia necessária, que a sátira erasmiana ruge contra aqueles que nada sabem de duto, mas sustentam a arrogância de cerviz e o supercílio. É sua condição necessária e é por isso que ela não pode vestir a roupagem de teólogo.

De qualquer forma o leão é manso, pois a sátira não é pele de Dêmea, o irmão intratável, e sim pele de Micião, o irmão amável, nossa terceira figura de linguagem. Assim, se a sátira de Erasmo censura os que estão vestidos com a pele intratável e os convida a revestirem a pele amável, por sua vez ela é pele de Micião independentemente de ser dirigida aos cordatos ou aos recalcitrantes. A sua condição necessária é ser sempre afável, como a pedagogia da afabilidade. Daí sua eficiência, sua eficácia e sua própria razão de ser.

Além disso, a sátira, que veste as peles de leão e de Micião, é também um Hércules, armado não com a arma de bronze de Diomedes, mas com a arma dourada de Glauco, nossa última figura de linguagem. Analogamente, Erasmo, o novo Hércules, quer estar armado, para combater os portentos, com igualdade quer de ânimo quer de autoridade, pois o triunfo das letras depende das armas com as quais se luta. Com efeito, ele quer estar vestido com as armas de ouro, pois o ouro, por ser resistente, luzente e valioso é símbolo, respectivamente, de autoridade, atração e aceitação. Em síntese, a sátira erasmiana, é a pedagogia, a arma dourada de Glauco, poderosa, atraente e aceita, condições necessárias para, com o triunfo das letras humanas e divinas, o surgimento de um novo homem e de uma nova sociedade.

Acima de tudo, o conceito de sátira como disputa acadêmica do sodalício, enquanto uma nova diatribe, parece também permitir considerá-la como pedagogia, pois o sodalício implica substancialmente os críticos, a crítica e a saudável polêmica. Nesse sentido, a sátira não é apenas

um método e nem mesmo método privilegiado de educação, mas é a própria expressão enquanto fundada, construída e dirigida para a disputa acadêmica. Essa é a forma que Erasmo e os escritores renascentistas encontraram para expressar a palavra. No intuito de instaurar uma nova ordem, Erasmo está ciente que é a consideração que faz viver as artes, as quais são garantidas não pela harmonia de idéias e sim pela concorrência delas. São particularmente os opositores que aguçam o espírito e fazem existir e crescer as artes, porquanto entre opositores a linguagem é menos laudatória e mais satírica. Portanto, além de meio de expressão, a sátira se constitui em uma nova prática, visto que está inserida em novo contexto e viabiliza uma nova forma de ser.

Finalmente, se não há em Erasmo uma teoria da sátira e nem mesmo uma justificativa explícita dela como pedagogia, contudo, no primeiro tomo de seu epistolário são sistematicamente reafirmadas tantas definições, idéias, expressões e figuras de linguagem, que nos autorizam a pensar a sátira erasmiana, e, por extensão, a do Renascimento, como a proposta de uma nova pedagogia, a pedagogia da sátira. De qualquer forma, ela contribui para a pedagogia moderna ao tentar superar a antiga pedagogia do castigo e do medo pela pedagogia do incentivo e da liberdade.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

CORRESPONDANCE D'ÉRASME. Édition Intégrale. Tome I: 1484-1514. Traduction intégrale en douze volumes réalisée par L'Institut Pour L'Étude De La Renaissance Et De L'Humanisme sous la direction D'Aloïs Gerlo Et De Paul Foirers. Bruxeles: Gallimard, 1967.

ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*. Denuo Recognitum et Auctum per P. S. Allen, M. A. Tom. I: 1484-1514. Oxonii, in Typographeo Clarendoniano. New York: Oxford University Press, 1906.

### FONTES SECUNDÁRIAS E LITERATURA DE APOIO

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALTHUSSER, Louis. A Querela do Humanismo. In: *Crítica Marxista*, n. 9, 1999.

BAKHTIN, MIKHAIL: *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 3 ed., São Paulo-Brasília: Edunb / Hucitec, Linguagem e Cultura, 12, Direção de Carlos Vogt e Eny Pulcinelli Orlandi, 1996.

BAINTON, Roland. Herbert. *Erasmus da Cristandade*. Prefácio de A. Costa Ramalho. Tradução de Regina S. Costa Ramalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

BATAILLON, Marcel. *Erasmus y El Erasmismo*. Barcelona: Editorial Crítica, 1983.

BENE, Charles. Érasme et le Libertinisme. In: ACTES du Colloque International de Sommières. *Aspects du libertinisme au XVIe siècle: De Pétrarque a Descartes*. Fundateur: Pierre Mesnard. Direction: Centre d'Études Supérieures de la Renaissance. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974, mimeo.

BÍBLIA Sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos monges de Marcdsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 83 ed. Revista por Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M. e pela equipe auxiliar da editora. São Paulo: Ave Maria, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico de literatura grega*. 2. ed, Petrópolis: Vozes, v. 1 (a-i) e 2 (j-z), 1997.

- CATULO, *O cancionero de Lésbia*. Introdução, Tradução e Notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. Edição Bilíngüe. São Paulo: Hucitec, 1991.
- DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Mirador Internacional, 1976.
- DICIONÁRIO Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Audete. Rev. Atual. e Aum. por Hamilcar De Garcia. 5. ed. Lisboa; Rio de Janeiro: Delta Editora; Cia Gráfica Lux, v. III, s.d.
- DICIONÁRIO Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina. Compilado por Sir Paul Harvey. Traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- DICIONÁRIO Prático Ilustrado. Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro publicado sobre a direção de Jaime de Séguier. Edição atualizada e aumentada por José Lello e Edgar Lello. Porto: Lello & Lello, 1981.
- ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ENCICLOPEDIA Ilustrada Europeo Americana. Madrid: Espasa-Calpe, s.d.
- ÉRASME. Oeuvres Choiesies. Collection dirigée par Michel Simonin. Présentation, Traduction et Annotations de Jacques Chomarat. Paris: Librairie Générale Française, Le Livre de Poche, Classique, 1991.
- ERASMI ROTERODAMI, Des. *Opus epistolarum*. Denuo Recognitum et Auctum per P. S. Allen, M. A. Tom. II: 1514-1517. Oxonii, in Typographeo Clarendoniano. New York: Oxford University Press, 1906.
- ERASMO. De Pueris. Trad. Luiz Feracine. Apresentação de Fani Goldfarb Figueira. In: *Intermeio*, Encarte Especial 3.
- ERASMO DE ROTTERDAM. Carta de Erasmo de Rotterdam a Martim Dorpius, excelente teólogo. In: \_\_\_\_\_ *Elogio da Loucura*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 109-149.
- \_\_\_\_\_. *Elogio da Loucura*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. Introdução de Antônio Olinto. Ilustração Original de Hans Holbein Les Crayonna – 1525 ou 23. Rio: Tecnoprint, Coleção Universidade, s.d.
- ERASMUS Von Rotterdam. De libero arbitrio diatribé sive collatio. Texto em latim e alemão. In: ERASMUS Von Rotterdam. *Ausgewählte Schriften: Acht Bände Lateinisch und Deutsch*.

Übersetzt, eingeleitet und mit Anmerkungen versehen von Winfried Lesowsky. Darmstadt, Alemanha: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1995.

FEBVRE, Lucien. *Au Coeur Religieux deu XVIe Siècle*. 2.ed., Paris: Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études, Vie Section, 1968.

FEBVRE, Lucien APUD JULIA, Dominique. *A Religião: História Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques et NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. São Paulo: Francisco Alves, 1976.

FERREIRA, Antônio Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Editora; Dicionários Editora, s.d.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. *A Eneida de Virgílio*. Tradução do Livro Segundo. Rio de Janeiro: Livraria Antunes, s.d. Edição ilustrada, bilíngüe, com o texto latino segundo o original, novo texto em ordem direta e tradução justalinear, precedida de ligeiro estudo sobre Virgílio e sua obra, e seguida de dicionário dos nomes próprios.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.

HOMERO, *Ilíada*, Tradução de Manuel Odorico Mendes. Prefácio do Prof. Silveira Bueno. 2. ed. São Paulo: Atena, Biblioteca Clássica, s.d.

JUVENAL. *Sátiras*. Antiga tradução portuguesa de Francisco Antônio Martins Bastos. São Paulo: Cultura, Série Clássica Cultura “Os Mestres do Pensamento em Literatura, Filosofia, Religião e História” sob a direção de José Pérez, 30, 1943.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. 1ª ed., Portugal: Editorial Estampa, 1994.

LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Tradução de Manoel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LISA – Grande Dicionário da Língua Portuguesa (Histórico). v. IV. Organizado por H. Maia d'Oliveira. São Paulo: Lisa – Livros Irradiantes, 1972.

\_\_\_\_\_. (Geográfico). v. IV. Organizado por H. Maia d'Oliveira. São Paulo: Lisa – Livros Irradiantes, 1972.

MATOS, Manuel Cadafaz de. *Erasmus: da sua modernidade*. Braga, Portugal: Publicação limitada de 927 exemplares, 1987.

- MESNARD, Pierre. *Erasmus: ou o Cristianismo Crítico*. Tradução de Franco de Souza. Lisboa. Estúdios Cor, Filósofos de Todos os Tempos, 1971.
- MORAES, João Quartim de. *Erasmus e Lutero: teologia e reforma do cristianismo*. Campinas: IFCH/UNICAMP, Primeira Versão, 81, Mar. 1999.
- NOVAK, Maria da Glória; NÉRI, Maria Luiza (Org.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- NOVO Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª edição Revista e Ampliada: Nova Fronteira.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa, S.J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. (Org. e Trad.). *Hélade: Antologia da Cultura Grega*. 7 ed. Coimbra: Imprensa de Coimbra / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1998.
- PLUTARCO. *Vidas dos homens ilustres*. Traduzido do grego por Amyot, Grande-Esmoler da França, com notas e observações de Brother Vauvilliers e Clavier. Tradução brasileira do padre Vicente Pedroso. Ilustrações de N. Mengden, conforme a edição francesa de 1818 (Paris, Janet e Cotele) e o texto de 1554. São Paulo: Editora das Américas, s.d.
- SÊNECA. *Medéia, Hélvia, Tranqüilidade da Alma, Apokolokyntosis*. Introdução, notas e tradução de G. D. Leoni. Editora Tecnoprint, Ediouro, Clássicos de Bolso, s.d.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário e mitologia greco-latina*. Belo Horizonte: Itatiara, 1965.
- TIN, Emerson. (Org.). *A arte de escrever cartas: anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lipsis*. Campinas: Unicamp, 2005.
- TUGENDHAT, Ernest. *Lições Sobre Ética*. Tradução de Róbson Ramos dos Reis, Aloísio Ruedell, Fernando Pio de Almeida Fleck, Ernildo Stein, Joãozinho Beckenkamp, Marianne Kolb, Mário Fleig (Grupo de *Doutorandos* de Filosofia da UFRS). Revisão e Organização da tradução de Ernildo Stein e Ronai Rocha. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1997.
- VIRGÍLIO, *Eneida*. Estudo Introdutivo de G. D. Leoni. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 2. ed. São Paulo: Atena, Biblioteca Clássica, v. XLII, s.d.

## APÊNDICE A - OBRAS DE ERASMO

### I - OBRAS DO CATALOGO

Trata-se, segundo Erasmo, de suas lucubrações que, pelas missitações dos amigos, são apresentadas em seu catálogo, divididas em 10 tomos, o que se torna uma via mais cômoda para uma futura edição de seus escritos, caso eles sejam dignos da posteridade (ERASMI, p. 38-42).

TOMO 1 (p. 38-39). TODAS AS OBRAS QUE VISAM À INSTITUIÇÃO DA LITERATURA, que são:

1.1 DE COPIA LIBRI DUO: Dois livros sobre a abundância;

1.2 RATIO CONSCRIBENDI EPISTOLAS: Método de redigir cartas;

1.3 RATIO STUDIORUM AD PETRUM VITERIUM: Método de estudos, dedicado a Pedro Viterius;

1.4 THEODORICAE GRAMMATICES LIBRI DUO VERSI: Dois livros traduzidos da gramática de Teodoro;

1.5 SYNTAXIS: Sintaxe;

1.6 TODAS AS OBRAS DE LUCIANO cujos títulos são:

1.6.1 SATURNALIA: As saturnais;

1.6.2 CRONOSOLON, ID EST LEGES SATURNALICIAE: Cronosolon, isto é, as leis saturnais;

1.6.3 EPISTOLAE SATURNALES ALIQUOT: Algumas epístolas saturnais;

1.6.4 DE LUCTU: Sobre o luto;

1.6.5 ICAROMENIPPUS: Icaromenipo;

1.6.6 Toxaris:Toxaris;

1.6.7 PSEUDOMANTIS: O pseudomante; ou O falso adivinho; ou ainda O falso profeta;

1.6.8 SOMNIUM SIVE GALLUS: O sonho ou o galo;

1.6.9 TIMON: Tímon;

1.6.10 ABDICATUS: O abdicante, O Abdicado ou O repudiado;

1.6.11 TYRANNICIDA: Tiranicida;

1.6.12 DE MERCEDE CONDUCTIS IN AULIS POTENTUM: Sobre aqueles que são conduzidos aos palácios dos poderosos por mercê (por dinheiro);

1.7 VÁRIOS DIÁLOGOS:

1.7.1 CNEMONIS ET DAMIPPI: Cnemo e Damipio;

1.7.2 ZENOPHANTAE ET CALLIDEMI(DAE): Xenofontes e Calidemides;

1.7.3 MENIPPI ET TANTALI: Menipo e Tântalo;

1.7.4 MENIPPI ET MERCURII: Menipo e Mercúrio;

1.7.5 MENIPPI ET AMPHILOCHI ET TROPHONII: Menipo, Anfíloco e Trofônio;

1.7.6 CHARONTIS ET MENIPPI: Caronte e Menipo;

1.7.7 CRATETIS AC DIOGENIS: Crates e Diógenes;

1.7.8 NIREI AC THERSITAE: Nireu e Tersites;

1.7.9 DIOGENIS AC MAUSOLI: Diógenes e Mausolo;

1.7.10 SIMYLI AC POLYSTRATI: Simílio e Polistrácio;

1.7.11 VENERIS ET CUPIDINIS: Vênus e Cupido;

- 1.7.12 MARTIS AC MERCURII: Marte e Mercúrio;
- 1.7.13 MERCURII ET MAIAE: Mercúrio e Maia;
- 1.7.14 VENERIS ET CUPIDINIS (sic): Vênus e Cupido;
- 1.7.15 DORIDIS ET GALATEAE: Dóris e Galatéia;
- 1.7.16 DIOGENIS ET ALEXANDRI: Diógenes e Alexandre;
- 1.7.17 MENIPPI ET CHIRONIS: Menipo e Quirão;
- 1.7.18 MENIPPI ET CERBERI: Menipo e Cérbero;
- 1.8 OUTRAS OBRAS:
  - 1.8.1 HERCULES GALLICUS: Hércules Gaulês;
  - 1.8.2 EUNUCHUS: O eunuco;
  - 1.8.3 DE SACRIFICIIS: Sobre os sacrifícios;
  - 1.8.4 LAPITHAE: Os lápitas;
  - 1.8.5 DE ASTROLOGIA: Sobre a astrologia;
- 1.9 ERASMO NÃO QUER QUE SE OMITAM OS PREFÁCIOS a quem foram dedicadas estas obras:
  - 1.9.1 DECLAMATIUNCULA VERSA E GRAECO LIBANIO, CUM THEMATIS ALIQUOT VERSIS: Pequena declamação traduzida do grego, de Libânio, com alguns temas traduzidos;
  - 1.9.2 DECLAMATIO CONTRA TYRANNICIDAM LUCIANICAE RESPONDENS: Uma Declamação de Luciano respondendo ao tiranicida;
  - 1.9.3 LAUS MEDICINAE: Elogio da medicina;
  - 1.9.4 SIMILIIUM LIBER UNUS: O Primeiro livro das Similitudes;
  - 1.9.5 COLLOQUIORUM LIBER UNUS: O Primeiro livro dos Colóquios;
  - 1.9.6 EURIPIDIS HECUBA ET IPHIGENIA VERSAE: Tradução de Hécuba e Ifigênia, de Eurípides;
  - 1.9.7 CARMINA DIVERSI GENERIS, PRAETER EA QUAE FACIUNT AD PIETATEM; NAM HAEC SUAE CLASSE SERVAVIMUS: Versos de diversos gêneros, exceto aqueles que dizem respeito à piedade, pois estes reservamos à sua classe;
  - 1.9.8 COMMENTARIUS IN NUCEM OVIDII: Comentários sobre a Nogueira, de Ovídio.

TOMO 2 (p. 39): DEDICADO AOS ADÁGIOS:

2. 1 ADAGIA: Os adágios: O Segundo tomo, composto de Adágios, deveria ser publicado num único volume de boas dimensões.

TOMO 3 (p. 39): DEDICADO ÀS CARTAS:

3.1 EPISTOLAE: Epístolas. Este tomo englobaria as numerosas epístolas, várias delas escritas na adolescência ou principalmente na juventude de Erasmo. Outras cartas poderiam ser acrescentadas e algumas delas talvez suprimidas.

3.2 ERASMO gostaria de acrescentar nesta ordem alguns prefácios dedicadores que os tipógrafos costumavam omitir ou modificar conforme seu arbítrio, tais como:

3.2.1 in OPERA DIVI HILARII ET CYPRIANNI: na Obra de Santo Hilário e São Cipriano. Obras referidas por Erasmo no Tomo IX deste seu Catálogo;

3.2.2 in LEXICON GRAECUM: no Léxico grego;

3.2.3 EPISTOLA AD IONNEM PALUDANUM ADDITA PANEGURICO AD PHILIPPUM: na Epístola a João Paludanus anexada ao Panegírico a Felipe;

3.2.4 PRAEFATIO ADDITA LIBELLO DE PRINCIPE: no Prefácio juntado ao opúsculo do Príncipe, dedicado a Ferdinando, irmão de Carlos V; ou se existir algumas outras indignas de perecerem.

#### TOMO 4 (p. 39-40). OBRAS QUE VISAM À INSTITUIÇÃO DOS COSTUMES:

4.1 A ESTE TOMO pertenceriam várias obras de Luciano e outras, assinaladas no primeiro tomo;

4.2 E AS OBRAS TRADUZIDAS DE PLUTARCO:

4.2.1 DE DISCRIMINE ADULATORIS ET AMICI: Sobre a discriminação entre um adulator e um amigo;

4.2.2 QUO PACTO POSSIT UTILITAS CAPI EX INIMICO: Por qual pacto se pode tirar proveito de um inimigo;

4.2.3 DE TUENDA BONA VALETUDINE: Sobre como manter a boa saúde, publicado em Lovaina por Th. Martens em novembro de 1513;

4.2.4 PRINCIPI MAXIME PHILOSOPHANDUM: Os príncipes devem filosofar ao máximo;

4.2.5 AN GRAVIORES SINT ANIMI MORBI QUAM CORPORIS: Se as doenças da alma são mais graves que as do corpo;

4.2.6 DE CUPIDATE DIVITIARUM: Sobre o cupidez das riquezas;

4.2.7 NAM RECTE DICTUM EPICURO:[citação em grego]: Se Epicuro tem razão em dizer: esconda tua vida:

4.3 IGUALMENTE:

4.3.1 MORIAS ENCOMIUM: Elogio da Loucura;

4.3.2 PANEGYRICUS GRATULANS PHILIPPO CAROLI CAESARIS PATRI EX HISPANIS REDUCI: Panegírico congratulando a Felipe, pai do imperador Carlos, em seu retorno da Espanha;

4.3.3 INSTITUTIO PRINCIPIIS CHRISTIANI, AD CAROLUM CAESAREM: Instituição do Príncipe Cristão, dedicado a Carlos V;

4.3.4 ISOCRATES DE REGNO, AD EUNDEM: Do Reino, de Isócrates, dedicado ao mesmo;

4.3.5 CONSOLATIO DE MORTE FILII: Consolação pela morte do filho;

4.3.6 QUERIMONIA PACIS: Querimônia da paz ou Querela da Paz;

4.3.7 DIALOGUS CHARONTIS ET ALASTORIS: Diálogo de Caronte e Alastor;

4.3.8 CARMEN DE SENECTUTE AD COPUM MEDICUM: Poema sobre a Velhice, que foi dedicado ao médico Cop;

4.3.9 PARAENESIS AD ADOLPHUM TUM PUERUM, PRINCIPEM VERIENSEM: Parênese a Adolfo, então criança, príncipe de Veere;

4.3.10 DE MORTE SUBITA, AD IODOCUM GAVERIUM: Sobre a morte súbita, dedicado a Josse de Gavre;

4.3.11 OFFICIA CICERONIS: Os deveres, de Cícero, revista por Erasmo, com argumentos e ilustrada com notas;

4.4 OUTRAS OBRAS DO MESMO GÊNERO como:

4.4.1 CATUNCULUM: Pequeno Catão;

4.4.2 MIMOS PUBLILIANUS: Mimos, de Publílio.

TOMO 5 (p. 40-41): OBRAS QUE VISAM À INSTITUIÇÃO DA PIEDADE.

- 5.1 ENCHIRIDION MILITIS CHRISTIANI: Manual do soldado cristão;
- 5.2 EPISTOLA AD PAULUM VOLZIUM ABBATEM HUGONIS CURIAE: Carta a Paulo Volz, abade de Hugshofen;
- 5.3 METHODUS VERAЕ THEOLOGIAE: O Método da verdadeira teologia, na edição de 1523 com Miguel Hillen;
- 5.4 PARACLESIS: Parácleses ou Exortação;
- 5.5 EXOMOLOGESIS: Exomologese;
- 5.6 COMMENTARII IN PSALMOS, PRIMUM ET SECUNDUM: Comentários aos salmos I e II;
- 5.7 PARAPHRASIS IN PSALMUM TERTIUM: Paráfrase ao salmo III, dedicado a Viandal;
- 5.8 COMMENTARIUS IN EPISTOLAM AD ROMANOS: Comentário à Epístola aos Romanos;
- 5.9 PARAPHRASIS IN PRECATIONEM DOMINICAM: Paráfrase à oração do Senhor;
- 5.10 COMMNETARIUS IN DUOS HYMNOS PRUDENTI: Comentário aos dois hinos de Prudêncio;
- 5.11 CONCIO DE PUERO IESU: O sermão sobre o Menino Jesus;
- 5.12 CONCIO DE MISERICORDIA DOMINI: Sermão sobre a misericórdia de Deus;
- 5.13 COMPARATIO VIRGINITATIS ET MARTYRII: Comparação entre a virgindade e o martírio, dedicado às virgens, isto é, às religiosas, de Colônia;
- 5.14 EXPOSTULATIO IESU, CARMINE: Expostulação de Jesus, poema;
- 5.15 CASA NATALICIA: A Casa natalícia;
- 5.16 MICHAELIS ENCOMIUM: Encômio a Miguel ou Elogio a São Miguel;
- 5.17 LITURGIA VIRGINIS LAURETANAE: Liturgia à Virgem de Lorete;
- 5.18 TRES PRECATIONES, DUAЕ AD VIRGINEM MATREM, TERTIAM AD IESUM: Três preações, duas a Virgem Mãe, a terceira a Jesus.

TOMO 6 (p. 41): DEDICADO AO NOVO TESTAMENTO:

- 6.1 NOVO TESTAMENTO: Novo Testamento;
- 6.2 ANNOTATIONIBUS: Anotações ao Novo Testamento;

TOMO 7 (p. 41): ATRIBUÍDO ÀS PARÁFRASES DO NOVO TESTAMENTO, exceto do Apocalipse.

- 7.1 PARAPHRASIBUS IN TOTUM TESTAMENTUM NOVUM: Paráfrases de todo o Novo Testamento;

TOMO 8 (p. 41-42): QUE SE OCUPA DAS APOLOGIAS:

- 8.1 AD IACOBUM FABRUM STAPULENSEM LIBER UNUS: Um livro a Jacques Lefèvre d'Étaples;
- 8.2 AD EDUARDUM LEUM LIBRI DUO: Dois livros a Eduardo Lee;
- 8.3 AD IACOBUM LATOMUM DE LINGUIS: A Jacques Latomus, Sobre a Língua;

8.4 ADVERSUS NICOLAUM ECMONDANUM DE LOCO PAULI AD CORINTHIOS: OMNES QUIDEM RESURGEMUS: Contra Nicolas Egmondanus sobre a passagem de São Paulo aos Coríntios: Certamente todos ressuscitaremos;

8.5 ADVERSUS QUORUNDAM CLAMORES DE HOC QUOD VERTEREM: IN PRINCIPIO ERAT SERMO: Contra os clamores porque eu traduzira: no princípio era sermo;

8.6 AD IONNEM BRIARDUM ATENSEM PRO ENCOMIUM MATRIMONII: A João Briard de Ath pelo Encômio ao matrimônio;

8.7 AD TAXATIONES STUNICAE IN NOVUM TESTAMENTUM: Às taxações de Stunica ao Novo Testamento;

8.8 ADVERSUS LIBELLUM IMPIETATUM ET BLASPHEMIARUM EIUSDEM, CUIUS INITIUM EST: VIX MIHI DELITIGATA: Contra o opúsculo do mesmo sobre as Impiedades e as Blasfêmias, cujo início era: litigado apenas comigo;

8.9 APPENDIX ADVERSUS EIUSDEM LIBELLUM, CUI TITULUM FECIT [citação em grego] INITIUM: DUM HAEC EXCUDERENTUR: Apêndice contra o livro do mesmo, cujo título era Pródromo ou Pródromos, com início: enquanto isto era impresso;

8.10 ADVERSUS CONCLUSIONES EIUSDEM. INITIUM: Reddidit mihi tuus: Contra as conclusões do mesmo, com início: voltou para mim teu;

8.11 ADVERSUS SANCTIUM CARANZAM THEOLOGUM DE TRIBUS LOCIS AB ILLO NOTATIS. INITIUM: Post longus et inutiles rixas: Contra o teólogo Sanctius Carranza sobre três passagens anotadas por ele, cujo início era: após longas e inúteis rixas - Erasmo aconselha que se publique somente seu texto, omitindo as anotações de Stunica e de Sanctius que foram misturadas na primeira edição;

8.12 EPISTOLA AD R. P. CHRISTOPHORUM, EPISCOPUM BASILIENSEM, DE DELECTU CIBORUM AC CAETERIS: Carta a R. P. Cristóvão, bispo de Basileia, sobre a escolha dos alimentos etcetera;

8.13 EPISTOLA AD MARCUM LAURINUM CONTRA RUMOREM, CUIUS INITIUM: NAE TU PLURIMUM DEBES: Carta a Marcos Lauweryn contra o rumor - ou boato ou opinião pública -, cujo início era: se tu deves numerosíssimos;

8.14 EPISTOLA AD MARTINUM DORPIUM DE NOVO TESTAMENTO, QUAE HACTENUS FUIT ADDITA MORIAE: Carta a Martin Dorpius sobre o Novo Testamento e que foi ajuntada a Moria;

8.15 APOLOGIAE QUAE PRAEFERUNTUR NOVO TESTAMENTO: Apologias que introduzem o Novo Testamento;

8.16 SPONGIA ADVERSUS ULRICUM HUTTENUM: Esponja contra Ulrich Von Hutten;

8.17 LIBER ANTIBARBARORUM: Livro dos Antibárbaros;

8.18 DE LIBERO ARBITRIO (citação em grego: Diatribe): Diatribe sobre o livre arbítrio.

TOMO 9 (p. 42): DEDICADO ÀS CARTAS DOS SANTOS PADRES:

9.1 EPISTOLIS HIERONYMI: Cartas de São Jerônimo;

9.2 HILARIUS: Hilário;

9.3 CIPRIANUS: Cipriano;

TOMO 10 (p. 42): POSSÍVEL TOMO sobre:

10.1 COMMENTARIOS IN EPISTOLAM AD ROMANOS: Comentários à Epístola aos Romanos.

## II – OUTRAS OBRAS DE ERASMO

- ARNÓBIO: Erasmo reconstituiu várias passagens a partir de antigos manuscritos (p. 16). Ele revisou os Salmos sagrados, de Arnóbio, e os dedicou ao papa Adriano VI (p. 43).
- BASÍLIO: Erasmo fez uma edição principesca da obra de São Basílio (p. 293). Ele traduziu o Comentário de Basílio a Isaías, para apresentá-lo a João Fisher (p. 467).
- CARMEN HEROICUM, ADMIXTO EIUSDEM GENERIS TETRAMETRO: Poema em verso heróico, mesclado com o gênero tetrâmetro (p. 235).
- CARTAS DE ERASMO: Editadas por Pedro Gilles (p. 518). (v. Epistolário).
- CATÁLOGO DAS OBRAS DE ERASMO: Na carta a João Botzheim, de 23 de janeiro de 1523, Erasmo apresenta o Catálogo de suas obras produzidas até então, ao final do qual ele as divide em 10 tomos, como visto acima neste apêndice.
- COMPÊNDIO DA VIDA DE ERASMO: Contado por ele mesmo (p. 48).
- CONCIONAR: v. *Opus ratione concionandi*.
- CONTEMPTU ARTIS POETICAE: O desprezo da arte poética, poema de Erasmo no qual Cornélio Gerard fez pequenas correções, colocando-o na forma de diálogo (p. 95).
- CORRESPONDANCE D'ÉRASME: Tradução do *Opus epistolarum* de Erasmo, edição integral em doze volumes, de 1967, Gallimard, realizada pelo Instituto para o Estudo da Renascença e do Humanismo e feita sob a direção de Aloïs Gerlo e Paul Foiriers. A edição francesa propõe uma tradução integral, porém tudo indica que isso tenha sido apenas um projeto, pois parece que foi traduzido para o francês somente o primeiro volume do *Opus epistolarum*. Trata-se de uma tradução literária, de alta qualidade, pois esta tem como meta garantir uma tradução anotada das cartas de Erasmo com pelo menos todas as notas, introdutórias e outras, indispensáveis a uma boa compreensão do texto, publicação que utilizou a edição anotada de Allen, atualizando-a, na profunda fidelidade com relação às cartas originais de Erasmo.
- DE CIVILITATE MORUM PUERILIUM: Sobre a civilidade pueril, obra genérica, da qual se extrai a proposta educacional de Erasmo.
- DE ESU CARNIUM: Sobre o desejo de carnes, uma carta que Erasmo escreveu a Dom Cristóvão, e que ele achava que podia fazer parte do gênero Apologia (p. 33).
- DE OPTIMO GENERE DICENDI: O Ciceroniano, obra considerada como polêmica literária.
- DE PRAECELLENTIA POTESTATIS IMPERATORIAE: Obra de Anthonisz que Erasmo, revestindo a pele de leão e exercendo a vírgula censória, corrigiu e depois conseguiu um editor para ela (p. 382).
- DE RECTA LATINE GRAECIQUE SERMONIS PRONUNTIATONE: Sobre a pronúncia correta do latim e do grego, obra de Erasmo considerada polêmica literária.
- DESPREZO DO MUNDO, O: Nessa obra Erasmo considera Lactâncio o Cícero Cristão (p. 163).
- DIÁLOGOS: Erasmo se refere a três diálogos que empreendeu sobre a questão luterana (p. 36).
- ELENCO de Obras Traduzidas por Erasmo (p. 06-08).
- ELOGIO DA GRAÇA: Obra pensada por Erasmo (p. 19); (v. *Moria*).
- ELOGIO DA NATUREZA: Obra pensada por Erasmo (p. 09); (v. *Moria*).
- EPIFANIA DO MENINO JESUS, A: Hino de Prudêncio publicado por Erasmo em 1524 (p. 12).
- EPIGRAMMATA: Epigramas, publicados por Froben em 1518 (p. 517); (v. *In fugam gallorum...*).

- EPISCOPI RESPONSIONEM AD POPULUM SIBI GRATULANTEM: Resposta de um bispo ao povo que o felicita, que Erasmo diz que descobriu entre seus papéis, mas não se lembrava bem em que ocasião escreveu isso (p. 18).
- EPISTOLÁRIO: O conjunto das cartas de Erasmo. (v. Cartas de Erasmo; Opus Epistolarum).
- EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS: Que Erasmo dedicou a Énard de Marck, bispo de Liège, então, cardeal (p. 43). (v. Primeira Epístola aos Coríntios).
- EXORTAÇÃO DE JESUS AO HOMEM QUE BUSCA DELIBERADAMENTE SUA PERDIÇÃO: (p. 03).
- IDOSOS, OS: O mesmo que Longaevus (Os Longevos). (v. Longaevus).
- IN FUGAM GALLORUM INSEQUENTIBUS ANGLIS APUD MORINUM, an. M.D.XIII: *Sobre a fuga dos franceses pelas perseguições inglesas perto de Morin*, brevíssimo poema de Erasmo que ele enviou a Ammonio, conforme ele escreve na carta 283, e que figurou nos *Epigramas (Epigrammata)*, publicados por Froben em 1518. (p. 547); (v. Epigrammata).
- LAUDEM VITAE MONASTICAE: Elogio à vida monástica, que Erasmo escreveu com cerca de vinte anos de idade (p. 18).
- LAURENTII VALLENSIS... IN LATINAM NOVI TESTAMENTI INTERPRETATIONEM...ADNOTATIONES (carta 182): Anotações de Lourenço Valla em latim ao Novo Testamento, uma interpretação, obra de Erasmo dedicada a Cristóvão Fisher, que apareceu em Paris com Josse Bade.
- LONGAEVOS: Os longevos ou Os idosos, é um opúsculo de Erasmo dedicado a Mountjoy, Os originais foram roubados pelo secretário de Erasmo, que os publicou em Paris, não com o nome do mestre, mas como sendo seus. (p. 08).
- LUCUBRATIUNCULAE: Cartas 108 e 109 de Erasmo a Colet, publicadas provavelmente em 1503, para introduzir a Disputatiuncula de taedio, pavore, tristicia Iesu, instante crucis hora, também de Erasmo. (p. 245); (v. Disputatiuncula).
- OBRAS COMPLETAS DE ERASMO (*Opera omnia*): (v. Obras Escolhidas de Erasmo; Opera Omnia).
- OBRAS COMPLETAS DE SANTO AGOSTINHO: Para a edição das Obras Completas de Santo Agostinho, em sete tomos, Erasmo se serviu de antigos manuscritos, a partir dos quais ele corrigiu a obra descartando o que fora erroneamente atribuído a Santo Agostinho e acrescentando anotações. O primeiro tomo era designado Progymnasmatis (Exercícios), destinado aos catecúmenos ou àqueles que estivessem perto desse tempo; o segundo foi consagrado às epístolas escritas por Agostinho na sua juventude; o terceiro dedicado às obras teóricas, isto é às contemplativas, tais como Confissões, Solilóquios e similares, às quais Erasmo pensara em acrescentar pequenos tratados relativos à instituição da vida (moral); o quarto era destinado às obras didáticas, ou seja, àquelas que ensinam a teologia, entre as quais Da Doutrina Cristã e Da Trindade; o quinto continha as obras de polêmica na qual Agostinho beligerava contra a peste de várias heresias, pelas quais ele escreveu A Cidade de Deus; o sexto exibia obras e exegese, onde Agostinho enarra as Sagradas Escrituras; o sétimo continha as obras apócrifas ou consideradas de autoria ou títulos duvidosos (p. 36).
- OBRAS ESCOLHIDAS DE ERASMO. Além das obras completas existem inúmeras Obras escolhidas de Erasmo. Dentre estas se destaca a tradução francesa *Oeuvres choisies*, e que é uma coletânea de obras escolhidas de Erasmo, organizada em 1991 pela Librarie Générale Française, na forma de livro de bolso, coleção dirigida por Michel Simonin, com apresentação, tradução e anotações de Jacques Chomarat.

OPERA OMNIA: Além das obras recenseadas pelo próprio Erasmo na forma de 10 tomos visando a uma possível edição (p. 38ss), as *Opera omnia* de Erasmo foram publicadas três vezes: Por Beatus Rhenanus em 1540 e anos seguintes, em 09 volumes in-folio, em Basileia; Por Jean Leclerc em 10 tomos, in-folio, de 1703 a 1706, na Alemanha; Pela Academia Real dos Países Baixos, depois de 1969, em Amsterdã; A edição anotada de Percy Stafford Allen, Helen Mary Allen e H. W. Garrod do *Opus epistolarum* de Erasmo compreende 11 volumes e mais um volume de tabelas, representando um total de 3162 cartas.

OPUS DE RATIONE CONCIONANDI: Obra sobre a Razão de Concionar (ou apenas Concionar), ou seja, de discursar em público, em que Erasmo havia anotado alguns pontos importantes (p. 34).

OPUS EPISTOLARUM: O conjunto das cartas de Erasmo; epistolário; a edição anotada de Percy Stafford Allen, Helen Mary Allen e H. W. Garrod.; a tradução francesa *Correspondance d'Érasme* da edição de Allen. (v. Epistolário).

ORÍGENES: Para cuja obra Erasmo diz que evoluiu muito (p. 405).

PLAUTO: Erasmo revisou as Comédias de Plauto (p. 13).

PODAGRA: Obra de Luciano traduzida por Erasmo (p. 06-08).

POEMA EM HEXÂMETRO HERÓICO, MISTURADO COM TRÍMETRO JÂMBICO: em elogio a Henrique VII, aos seus filhos e a Inglaterra (p. 06).

POEMA EM VERSOS GLICÔNICO E ASCLEPIADEU: Dedicado a Gaguin (p. 03).

POEMA EM VERSOS HENDECASSÍLABO: Dedicado a Roberto Gaguin (p. 03).

POEMA EM VERSO HENDECASSÍLABO: Dedicado a Roberto Gaguin (p. 153).

POEMA EM VERSOS HERÓICOS, MESCLADO COM O GÊNERO TETRÂMETRO: Dedicado a Fausto Andrelini (p. 03);

POEMA mesclando o verso glicônico e o asclepiadeu, dedicado a Roberto Gaguin (p. 153).

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS: (p. 25) (v. Epístola aos Coríntios).

PROSOPOPÉIA DA GRÃ-BRETANHA: Poema composto por Erasmo depois de sua visita aos filhos de Henrique VII, em Eltham Palace, contada no Catálogo. Nessa época ele morava numa das residências de Mountjoy, provavelmente em Greenwich (p. 239).

RUDIMENTOS PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM CRISTÃO: Que Erasmo diz que foi escrito no mais simples estilo, que ele editou por incentivo de João Colet, e que expressa bem seu ideal educacional (p. 06); Rudimentos para a Formação do homem cristão foi dedicado à nova escola de João Colet (p. 282).

SÊNECA: Erasmo acredita ter realizado boas reconstituições dos Discursos e das Tragédias de Sêneca, o Filósofo (p. 13); Houve grande concorrência entre os editores para a publicação das Tragédias de Sêneca (p. 516).

SOBRE AS ALEGORIAS ECLESIÁSTICAS: (p. 387).

SOBRE AS ALUSÕES DOS AUTORES: (p. 387).

SOBRE AS ILUSTRES METÁFORAS: (p. 387).

SOBRE OS SÁBIOS DITADOS E LIVROS DE RESPOSTAS: (p. 387).

SUETÔNIO (p. 16): Erasmo reconstruiu um texto de Suetônio.

TERÊNCIO: Erasmo revisou as Comédias, de Terêncio (p. 13).

TRÊS DIÁLOGOS SOBRE OS NEGÓCIOS DE LUTERO: (p. 34-35).

VIÚVA CRISTÃ, A: que Erasmo dedicou a Maria da Hungria (p. 43).

## APÊNDICE B - CARTAS DO TOMO I DO OPUS EPISTOLARUM DE ERASMO

1484

Carta 001, de Erasmo a Pedro Winckel, seu tutor, provavelmente de Gouda e em fins de 1484 (p. 73-74).

1487

Carta 002, de Erasmo a Elizabete, uma monja, provavelmente de Gouda em 1487 (p. 74-75).

Carta 003, de Erasmo a Pedro Geraldo, seu irmão, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 75-76).

Carta 004, de Erasmo a Servatius Rogerus de Steyn, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 77).

Carta 005, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 78-79).

Carta 006, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 79).

Carta 007, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 79-80).

Carta 008, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1487 (p. 81-83).

Carta 009, de Erasmo a Servatius Rogerus, de Steyn, provavelmente em 1487 (p. 83-84).

1488

Carta 010, de Erasmo a Francisco Theodoric, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 84).

Carta 011, de Erasmo a Francisco Theodoric, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 85).

Carta 012, de Erasmo a Francisco Theodoric, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 85).

Carta 013, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 86-87).

Carta 014, de Erasmo a Francisco Theodoric, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 87-88).

Carta 015, de Erasmo a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 88-90).

Carta 016, de Erasmo a Sasboud, provavelmente de Steyn em 1488 (p. 90-91).

1489

Carta 017, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 92-94).

Carta 018, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 95).

Carta 019, de Cornélio Gerard a Erasmo, provavelmente de Lopsen em maio de 1489 (p. 95-96).

Carta 020, de Erasmo a Cornélio Gerard, de Steyn, em 15 de maio, provavelmente de 1489 (p. 97-100).

Carta 021, de Cornélio Gerard a Erasmo, provavelmente de Lopsen em maio de 1489 (p. 100-102).

Carta 022, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em junho de 1489 (p. 102-103).

Carta 023, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em junho de 1489 (p. 103-109).

Carta 024, de Cornélio Gerard a Erasmo, provavelmente de Lopsen em julho de 1489 (p. 109-111).

Carta 025, de Cornélio Gerard a Erasmo, provavelmente de Lopsen em julho de 1489 (p. 111-112).

Carta 026, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em julho de 1489 (p. 112-115).

Carta 027, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em julho de 1489 (p. 116-117).

Carta 027<sup>a</sup>, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 117-118).

Carta 028, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 118-119).

Carta 029, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn, em 1489 (p. 119-120).

Carta 030, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 120-122). Esta carta parece ser um projeto de prefácio para o *Antibárbaros*.

Carta 031, de Erasmo a um amigo, provavelmente de Steyn em 1489 (p. 122-125).

Carta 032, de Erasmo a James Canter, provavelmente de Steyn no final de 1489 (p. 125-127).

1493

Carta 033, de William Herman a Erasmo, provavelmente de Steyn em 1493 (p. 128-130).

Carta 034, de William Herman a Erasmo, provavelmente de Steyn no final de 1493 (p. 130-131).

1494

Carta 035, de William Herman a James Batt, provavelmente de Steyn no início de 1494 (p. 131-134). Esta carta foi motivada pelo grande elogio que Erasmo fez de Batt a Herman.

Carta 036, de William Herman a Cornélio Gerard, provavelmente de Steyn no início de 1494 (p. 135).

Carta 037, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Halsteren na primavera de 1494.

Carta 038, de William Herman a João, provavelmente de Steyn em 1494 (p. 136-138). Herman escreveu esta carta depois que Batt dissera a ele que João nada mais desejava do que receber uma carta sua.

Carta 039, de Erasmo a William Herman, provavelmente de Bruxelas em 1494 (p. 138-142).

Carta 040, de Erasmo a Cornélio Gerard, provavelmente de Bruxelas em 1494 (p. 143).

Carta 041, de Erasmo a Francisco Theodoric, provavelmente de Bruxelas em 1494 (p. 143-144).

1495

Carta 042, de Erasmo a James Batt, provavelmente de Bruxelas ou Malines no verão de 1495 (p. 144-145).

Carta 043, de Roberto Gaguin a Erasmo, provavelmente de Paris em setembro de 1495 (p. 145-147).

Carta 044, de Roberto Gaguin a Erasmo, de Paris, em 24 de setembro, provavelmente de 1495 (p. 147-148).

Carta 045, de Erasmo a Roberto Gaguin, provavelmente de Paris no início de outubro de 1495 (p. 148-152).

Carta 046, de Roberto Gaguin a Erasmo, provavelmente de Paris em 07 de outubro de 1495 (p. 152-154).

Carta 047, de Erasmo a Heitor Boece, de perto de Paris, em 08 de novembro, provavelmente de 1495 (p. 154-158). Esta carta serviu de prefácio ao volume contendo o poema de Erasmo, *Casa natalícia* (*Casa natalícia* ou *A choupana onde nasceu o Menino Jesus*).

1496

Carta 048, de Erasmo a Nicolas Werner, de Paris, em 13 de setembro, provavelmente de 1496 (p. 158-160).

Carta 049, de Erasmo a Henrique de Bergen, de Paris, em 07 de novembro de 1496 (p. 160-164).

1497

Carta 050, de Erasmo a Nicolas Werner, provavelmente de Paris em janeiro de 1497 (p. 164-165).

Carta 051, de Erasmo a Henrique de Bergen, de Paris, provavelmente em janeiro de 1497 (p. 165-166). A esta carta deveria acompanhar um exemplar do *Sylva Odarum*, de William Herman.

Carta 052, de Erasmo a João Mauburn, de Paris, em 04 de fevereiro, provavelmente de 1497 (p. 166-168).

Carta 053, de Erasmo a Arnaldo Bostius, provavelmente de Paris na primavera de 1497 (p. 168).

Carta 054, de Erasmo a Christian Northoff, de Paris, provavelmente na primavera de 1497 (p. 168-169).

Carta 055, de Erasmo a Christian Northoff, de Paris, provavelmente na primavera, de 1497 (p. 169-171).

Carta 056, de Erasmo a Christian Northoff, de Paris, provavelmente na primavera de 1497 (p. 171-174).

Carta 057, de Erasmo a Evangelista, provavelmente de Paris, em 1497 (p. 174).  
Carta 058, de Erasmo a Thomas Grey, de Paris, provavelmente em julho, de 1497 (174-180).  
Carta 059, de Erasmo a um amigo, provavelmente de Paris em julho de 1497 (p. 180). O amigo pode ser Roberto Fisher.  
Carta 060, de Erasmo a João de Bruxelas, de Paris, provavelmente em julho, de 1497 (p. 180-181).  
Carta 061, de Henrique Northoff a Christian, de Paris, provavelmente em agosto de 1497 (p. 181-188).  
Carta 062, de Erasmo a Roberto Fisher, de Paris, provavelmente em agosto de 1497 (p. 188).  
Carta 063, de Erasmo a Thomas Grey, de Paris, provavelmente em agosto, de 1497 (p. 188-190).  
Carta 064, de Erasmo a Thomas Grey, de Paris, provavelmente em agosto de 1497 (p. 190-193).  
Carta 065, de Erasmo a um amigo, provavelmente de Paris em agosto de 1497 (p. 193).  
Carta 066, de Erasmo provavelmente a Thomas Grey e Pedro Viterius, provavelmente de Paris em 1497 (p. 193-194). Esta carta apareceu pela primeira vez em 1511, junto com a *Ratio studii* de Erasmo e as *Cartas* de Agostinho Dathus. Ela foi provavelmente escrita a Thomas Grey e a Pedro Viterius. Na edição feita por Josse Bade, em 1512, o nome de Viterius foi substituído por Thales e Pedro foi substituído por Leucofeu. De fato, a pretensão de Erasmo era dedicar a carta a Thomas Grey, mas os papéis foram roubados em Ferrara por Thales que publicou o texto colocando seu nome na dedicatória, não percebendo que Leucofeu não poderia significar senão Grey. Quando Erasmo percebeu a fraude, dedicou a obra a Pedro Viterius, amigo de Grey.

1498

Carta 067, de Erasmo a Roberto Gaguin, provavelmente de Paris em janeiro, de 1498 (p. 195).  
Carta 068, de Roberto Gaguin a Erasmo, provavelmente de Paris em janeiro, de 1498 (p. 195).  
Carta 069, de Erasmo a Thomas Grey, provavelmente de Paris em fevereiro, de 1498 (p. 195).  
Carta 070, de Erasmo a Christian Northoff, de Paris, em 13 de fevereiro de 1498 (p. 196-197).  
Carta 071, de Erasmo a Roberto Fisher, provavelmente de Paris em março de 1498 (p. 198 -199).  
Carta dedicatória da *De Conscribendis epistolis*.  
Carta 072, de Erasmo a Christian Northoff, de Paris, provavelmente em março de 1498 (p. 199).  
Carta 073, de Erasmo a João Mauburn, de Paris, provavelmente em abril de 1498 (p. 199-201). Nesta carta, Erasmo se dirige a Cornélio Gerard muito afetuosamente e fala ao conjunto de seus pares que decidiram a ajudar Mauburn na sua obra de reforma da ordem.  
Carta 074, de Erasmo a Nicolas Werner, provavelmente de Paris em abril de 1498 (p. 201-202).  
Carta 075, de Erasmo a Arnaldo Bostius, provavelmente de Paris em abril de 1498 (p. 202).  
Carta 076, de Erasmo a Martin, de Bruxelas, provavelmente em julho de 1498 (p. 203-204).  
Carta 077, de Erasmo a Nicolas Werner, de Bruxelas, provavelmente em 09 de julho de 1498 (p. 204-205).  
Carta 078, de Erasmo a Cornélio Gerard, de Paris, provavelmente em outubro de 1498 (p. 205-207).  
Carta 079, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, provavelmente de Paris em novembro de 1498 (p. 207-208).  
Carta 080, de Erasmo a James Batt, de Paris, em 29 de novembro de 1498 (p. 208-212).  
Carta 081, de Erasmo a William Herman, de Paris, provavelmente em dezembro de 1498 (p. 212-215).  
Carta 082, de Erasmo a um homem de Lübeck, de Paris, provavelmente em dezembro de 1498 (p. 215-216).  
Carta 083, de Erasmo a William Herman, de Paris, em 14 de dezembro, provavelmente de 1498 (p. 216-220).

Carta 084, de Fausto Andrelini a William Herman, provavelmente de Paris em dezembro de 1498 (p. 220-221).

Carta 085, de Erasmo a Nicasius, capelão de Cambrai, de Paris, em 14 de dezembro, provavelmente de 1498 (p. 221-222).

Carta 086, de Erasmo a um amigo, provavelmente de Paris em 1498 (p. 222).

1499

Carta 087, de Erasmo a João Falcon, de Tournehem, em 03 de fevereiro, provavelmente de 1499 (p. 223).

Carta 088, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, de Tournehem, em 04 de fevereiro, provavelmente de 1499 (p. 224-225).

Carta 089, de Erasmo a Ricardo Whitford, de Tournehem, provavelmente em 04 de fevereiro de 1499 (p. 225-226).

Carta 090, de Erasmo a James Batt, provavelmente de Steyn em fevereiro de 1499 (p. 226-227).

Carta 091, de Erasmo a James Batt, de Antuérpia, em 12 de fevereiro de 1499 (p. 227-228).

Carta 092, de William Herman a Servatius Rogerus, provavelmente de Steyn em fevereiro de 1499 (p. 228-229).

Carta 093, de Erasmo a Adolfo de Veere, de Paris, provavelmente em março, de 1499 (p. 229-232). Esta carta foi anexada ao *Manual do Soldado Cristão* quando Adolfo era ainda uma criança.

Carta 094, de Erasmo a Adolfo de Veere, de Paris, em 29 de abril, provavelmente de 1499 (p. 233).

Carta 095, de Erasmo a James Batt, de Paris, em 02 de maio de 1499 (p. 233-235).

Carta 096, de Fausto Andrelini a Erasmo, provavelmente de Paris em maio de 1499 (p. 235). Trata-se de um curto bilhete.

Carta 097, de Erasmo a Fausto Andrelini, provavelmente de Paris em maio de 1499 (p. 235).

Resposta de Erasmo à carta 096, de Fausto, também na forma de bilhete.

Carta 098, de Fausto Andrelini a Erasmo, provavelmente de Paris em maio de 1499 (p. 235): Réplica de Fausto à carta 097, de Erasmo, igualmente na forma de bilhete.

Carta 099, de Erasmo a Fausto Andrelini, provavelmente de Paris em maio de 1499 (p. 236). Nova resposta, na forma de bilhete, de Erasmo aos bilhetes de Fausto.

Carta 100, de Fausto Andrelini a Erasmo, provavelmente de Paris em maio de 1499 (p. 236). Tréplica de Fausto a Erasmo, em forma de bilhete, encerrando a troca de bilhetes que começara com a carta 096. Trata-se de notas trocadas durante uma entediante lição. Erasmo as teria guardado, como outras pequenas cartas, a título de exemplo de estilo lacônico, uma espécie de cartas-bilhetes.

Carta 101, de Erasmo a James Batt, de Paris, provavelmente em maio de 1499 (p. 236-237).

Carta 102, de Erasmo a James Batt, de Paris, provavelmente em maio de 1499 (p. 237-238).

Carta 103, de Erasmo a Fausto Andrelini, da Inglaterra, provavelmente no verão, de 1499 (p.238-239).

Carta 104, de Erasmo ao príncipe Henrique, provavelmente de Greenwich no outono, de 1499 (p. 239-241). Esta carta, que foi escrita ao futuro rei da Inglaterra, Henrique VIII, quando este ainda era criança, prefacia a *Prosopopéia da Grã-Bretanha*, felicitando a virtude do invencível Henrique e do admirável gênio da descendência real, poema composto por Erasmo. Nessa época Erasmo morava numa das residências de Mountjoy, provavelmente em Greenwich.

Carta 105, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, de Oxford, provavelmente em outubro, de 1499 (p. 241-242).

Carta 106, de João Colet a Erasmo, de Oxford, provavelmente em outubro de 1499 (p. 242-243).

Carta 107, de Erasmo a João Colet, de Oxford, provavelmente em outubro de 1499 (p. 243-245).  
Carta 108, de Erasmo a João Colet, de St. Mary's College, em Oxford, provavelmente em outubro de 1499 (p. 245-249). Uma discussão aconteceu entre Erasmo e Colet, na presença do prior Ricardo Charnock, com respeito ao sentido profundo da tristeza de Cristo no Jardim das Oliveiras. Erasmo achava, como a maior parte dos exegetas, que Cristo, tendo assumido a natureza humana, pode provar o horror diante da morte; Colet aceitando a opinião de São Jerônimo, que justifica a angústia de Cristo pelo crime dos judeus, onde a pré-ciência divina mede as conseqüências por eles; motivo desta carta (e da carta 109), publicadas nas *Lucubrationum*, provavelmente em 1503, para introduzir a *Disputatiuncula de taedio, pavore, tristitia Iesu, instante crucis hora*.

Carta 109, de Erasmo a João Colet, de Oxford, provavelmente em outubro de 1499 (p. 249-253). Carta, publicada, juntamente com a carta 108, nas *Lucubrationum*, motivada pela discussão entre Erasmo e Colet sobre a angústia de Jesus no Horto das Oliveiras.

Carta 110, de João Colet a Erasmo, provavelmente de Oxford em outubro de 1499 (p. 253-254).

Carta 111, de Erasmo a João Colet, de Oxford, provavelmente em outubro de 1489 (p. 254-260).

Carta 112, de João Sixtin a Erasmo, provavelmente de Oxford em 27 de outubro de 1499 (p. 260).

Carta 113, de Erasmo a João Sixtin, de Oxford, em 28 de outubro, provavelmente de 1499 (p. 261-265).

Carta 114, de Erasmo a Thomas More, de Oxford, em 28 de outubro de 1499 (p. 265-266).

Carta 115, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, de Oxford, provavelmente em novembro de 1499 (p. 266-267).

Carta 116, de Erasmo a João Sixtin, de Oxford, provavelmente em novembro de 1499 (p. 268-271).

Carta 117, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, provavelmente de Oxford em novembro de 1499 (p. 271-273). Esta carta pode ser concebida como um prefácio ao *De conscribendis epistolis* de Erasmo.

Carta 118, de Erasmo a Roberto Fisher, de Londres, em 05 de dezembro, provavelmente de 1499 (p. 273-274).

#### 1500

Carta 119, de Erasmo a James Batt, provavelmente de Paris em fevereiro de 1500 (p. 274-282).

Carta 120, de James Batt a William Blount, Lorde Mountjoy, de Tournehem, provavelmente em fevereiro de 1500 (p. 282-283). Batt escreveu esta carta a pedido de Erasmo e inspirado por ele.

Carta 121, de Erasmo a Roberto Gaguin, de Paris, provavelmente em março de 1500 (p. 283-284).

Carta 122, de Erasmo a Roberto Gaguin, provavelmente de Paris em março, de 1500 (p. 284).

Carta 123, de Erasmo a James Batt, de Paris, provavelmente em março de 1500 (p. 284-285).

Carta 124, de Erasmo a James Batt, de Paris, em 12 de abril, provavelmente de 1500 (p. 285-288).

Carta 125, de Erasmo a um anônimo, provavelmente de Paris na primavera de 1500 (p. 288-289). O texto desta carta é provavelmente o projeto de uma dedicatória dos *Adágios* a Adolfo de Veere, cuja obra foi dedicada na verdade a William Blount. Erasmo guardou a carta, mas suprimiu propositalmente o nome do destinatário.

Carta 126, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy de Paris, provavelmente em junho de 1500 (p. 289-297) Esta carta foi prefácio da primeira edição da *Adagiorum collectanea*, impressa em Paris no verão de 1500 e reimpressa sem grandes modificações em 1503. Uma edição, revisada por Erasmo, acrescida de 30 novos adágios foi feita por Josse Bade em 1506. A presente

carta dedicatória desapareceu quando a obra, largamente enriquecida em 1507, recebeu o título de *Adagiorum Chiliades*.

Carta 127, de Fausto Andrelini a Erasmo, de Paris, em 15 de junho de 1500 (p. 287).

Carta 128, de Erasmo a James Batt, de Paris, provavelmente em julho de 1500 (p. 287-288).

Carta 129, de Erasmo a James Batt, de Paris, provavelmente no início de setembro de 1500 (p. 299-301).

Carta 130, de Erasmo a James Batt, provavelmente de Orleans em setembro de 1500 (p. 301-305). Erasmo denomina esta carta como uma *Epistola familiariter iocosa et ironiis plena*. (Epístola familiarmente jocosa e plena de ironias).

Carta 131, de Erasmo a Agostinho Vincente, provavelmente de Orleans em setembro de 1500 (p. 305-306).

Carta 132, de Erasmo a um médico, provavelmente de Orleans em setembro de 1500 (p. 306-308). Erasmo escreve esta carta a pedido de um amigo. Este médico pode ser Pedro de Angleberme.

Carta 133, de Erasmo a James Batt, de Orleans, provavelmente no fim de setembro de 1500 (p. 308-311).

Carta 134, de Erasmo a Fausto Andrelini, de Orleans, em 20 de novembro, provavelmente de 1500 (p. 311-313).

Carta 135, de Erasmo a James Batt, de Orleans, provavelmente em novembro de 1500 (p. 313-315).

Carta 136, de Erasmo a Agostinho Vincente, de Orleans, em 09 de dezembro, provavelmente de 1500 (p. 315-317).

Carta 137, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de Orleans, em 11 de dezembro, provavelmente de 1500 (p. 317-320).

Carta 138, de Erasmo a James Batt, de Orleans, em 11 de dezembro, provavelmente de 1500 (p. 320-324).

Carta 139, de Erasmo a James Batt, de Orleans, provavelmente em 12 de dezembro, de 1500 (p. 325-329).

Carta 140, de Erasmo a Pedro de Angleberme, de Orleans, provavelmente em 13 de dezembro, de 1500 (p. 329-331).

Carta 141, de Erasmo a Greveradus, de Paris, em 18 de dezembro, provavelmente de 1500 (p. 331-333).

#### 1501

Carta 142, de William Herman a Servatius Rogerus, provavelmente de Harlem, em 06 de janeiro, provavelmente de 1501 (p. 333-334).

Carta 143, de Erasmo a Antônio de Bergen, de Paris, em 14 de janeiro de 1501 (p. 334-341).

Carta 144, de Erasmo a Nicolas de Borgonha, de Paris, em 26 de janeiro, provavelmente de 1501 (p. 341-342).

Carta 145, de Erasmo a Ana de Borssele, de Paris, em 27 de janeiro de 1501 (p. 342-346).

Carta 146, de Erasmo a James Batt, em 27 de janeiro, provavelmente de 1501 (p. 346-349).

Carta 147, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de Paris, em 27 de janeiro, provavelmente de 1501 (p. 349-351).

Carta 148, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, provavelmente de Paris em fevereiro de 1501 (p. 351).

Carta 149, de Erasmo a Antônio de Bergen, provavelmente de Paris em 16 de março de 1501 (p. 351-353).

Carta 150, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de Paris, em 16 de março, provavelmente de 1501 (p. 354).

Carta 151, de Erasmo a James Batt, de Paris, em 05 de abril, provavelmente de 1501 (p. 354-355).

Carta 152, de Erasmo a James Voecht, de Paris, em 28 de abril, provavelmente de 1501 (p. 355-357).

Carta 153, de Erasmo a James Anthonisz, de Tournehem, em 12 de julho, provavelmente de 1501 (p. 357-359).

Carta 154, de Erasmo a Henrique de Bergen, de Tournehem, em 12 de julho, provavelmente de 1501 (p. 359-360).

Carta 155, de Erasmo a João de Bruxelas, de Tournehem, em 12 de julho, provavelmente de 1501 (p. 360-361).

Carta 156, de Erasmo a Agostinho Vincente, de Saint-Omer, provavelmente em 15 de julho de 1501 (p. 361-362).

Carta 157, de Erasmo a James Tutor, provavelmente de Tournehem em 17 de julho de 1501 (p. 362-364).

Carta 158, de Erasmo a Nicolas Bensrott, provavelmente de Tournehem em 17 de julho de 1501 (p. 364-366).

Carta 159, de Erasmo a James Tutor, de Tournehem, provavelmente em 18 de julho de 1501 (p. 366-368).

Carta 160, de Erasmo a Nicolas Bensrott, de Tournehem, em 18 de julho, provavelmente de 1501 (p. 368-369).

Carta 161, de Erasmo a Antônio de Luxemburgo, de Tournehem, em 18 de julho, provavelmente de 1501 (p. 369-370).

Carta 162, de Antônio de Bergen a João de Médicis, de Saint-Omer, em 30 de julho de 1501 (p. 371-372).

Carta 163, de Erasmo a James Batt, de Saint-Omer, provavelmente em agosto de 1501 (p. 372-373).

Carta 164, de Erasmo a João, de Saint-Omer, provavelmente no outono, de 1501 (p. 373-375). Esta carta compõe o início e a conclusão do *Enchiridion militis christiani* (*Manual - ou Punhal - do soldado cristão*).

Carta 165, de Erasmo a Edmundo, de Courtebourne, provavelmente no outono de 1501 (p. 375-376).

Carta 166, de Erasmo a Adriano de Saint-Omer; provavelmente de Courtebourne no outono de 1501 (p. 576-577).

Carta 167, de Erasmo a Luís, provavelmente de Courtebourne no inverno de 1501 (p. 377-378).

1502

Carta 168, de Erasmo a Edmundo, provavelmente de Courtebourne no início de 1502 (p. 378).

Carta 169, de Erasmo a Pedro de Courtebourne, provavelmente de Saint-Omer em março de 1502 (p. 378-379).

Carta 170, de Erasmo a James Tutor, de Saint-Omer, em 02 de julho, provavelmente de 1502 (p. 379). Com esta carta Erasmo dedica a Voecht a primeira edição de *Sobre os deveres* (*De officiis*), de Cícero.

Carta 171, de Erasmo a Nicolas Werner, provavelmente de Lovaina em setembro de 1502 (p. 379-380).

Carta 172, de Erasmo a William Herman, provavelmente de Lovaina em setembro de 1502 (p. 380-381).

### 1503

Carta 173, de Erasmo a James Anthonisz, de Lovaina, em 13 de fevereiro de 1503 (p. 381-384). Esta carta serviu de prefácio ao tratado *De praecellentia potestatis imperatoriae*, de Anthonisz.

Carta 174, de James Faber a Erasmo, de Deventer, em 09 de julho de 1503 (p. 384-388).

Carta 175, de Erasmo a Roberto de Keysere, de Lovaina, provavelmente em setembro de 1503 (p. 388-389). Esta carta de Erasmo apareceu no prefácio de uma edição sem nome e sem data do seu *Discurso ao Menino Jesus*, editado provavelmente por Roberto de Keysere, mas ela não apareceu nas edições posteriores.

Carta 176, de Erasmo a James Mauritsz, de Lovaina, em 28 de setembro, provavelmente de 1503 (p. 389-390).

Carta 177, de Erasmo a Nicolas Ruistre, de Lovaina, em 17 de novembro, provavelmente de 1503 (p. 390-393). Esta carta foi impressa como prefácio aos *Aliquot declamatiunculae*, de Libânio.

Carta 178, de Erasmo a William Herman, de Lovaina, em 27 de novembro, provavelmente de 1503 (p. 393-395).

### 1504

Carta 179, de Erasmo a Nicolas Ruistre, provavelmente de Antuérpia em fevereiro de 1504 (p. 395-397). Esta carta serviu de prefácio à edição do *Panegírico*, publicado, sem data, por Thierry Martens, e retomada nas edições seguintes.

Carta 180, de Erasmo a João Paludanus, de Antuérpia, provavelmente em fevereiro de 1504 (p. 398-403).

Carta 181, de Erasmo a João Colet, de Paris, provavelmente em dezembro, de 1504 (p. 403-406).

### 1505

Carta 182 de Erasmo a Cristóvão Fisher, de Paris, provavelmente em março, de 1505 (406-412). Esta carta serviu de prefácio para a obra que Erasmo dedicou ao protonotário apostólico e doutor em direito pontifical: *Laurentii Vallensis... in latinam Novi Testamenti Interpretationem... adnotationes*, (*Anotações de Lourenço Valla em latim ao Novo testamento, uma interpretação*), que apareceu em Paris com Josse Bade.

Carta 183, de Josse Bade a Erasmo, provavelmente de Paris, em 07 de março de 1505 (p. 412-413).

Carta 184, de Erasmo a Pedro Gilles, de Paris, provavelmente em março de 1505 (p. 413-414).

Carta 185, de Erasmo a Servatius Rogerus, de Londres, provavelmente no fim de 1505 (p. 414-415).

Carta 186. de Erasmo a Francisco Theodoric, de Londres, provavelmente no fim de 1505 (p. 415-416).

### 1506

Carta 187, de Erasmo a Ricardo Foxe, de Londres, em 01 de janeiro de 1506 (p. 416-417). Esta carta serviu de prefácio à tradução de *Toxaris*, que apareceu à frente dos *Luciani...opuscula... ab Erasmo Roterodamo et Thoma Moro in latinorum linguam traducta*, impressos em Paris com Josse Bade em fins de 1506.

Carta 187<sup>a</sup>, de Júlio II a Erasmo, de Roma, em 04 de janeiro de 1505. Esta carta não consta da edição latina de Allen, aparecendo somente na edição francesa (CORRESPONDANCE d'Érasme, p. 292-294). Além disso, ela foi escrita em 1505 e não em 1506, o que desobedece a ordem seqüencial. Nesta carta o papa Júlio II autoriza Erasmo a receber prebendas.

Carta 188, de Erasmo a William Warham, de Londres, em 24 de janeiro, provavelmente de 1506 (p. 417-420). Esta carta serviu de prefácio a *Hécuba*, de Eurípides, traduzida por Erasmo no volume *Euripidis Hecuba et Iphigenia Latinae factae Erasmo Roterodamo interprete*, publicada por Josse Bade em 13/09/1506 e várias vezes reimpressa.

Carta 189, de Erasmo a Servatius Rogerus, de Londres, em 01 de abril, provavelmente de 1506 (p. 420-421).

Carta 190, de Erasmo a James Mauritsz, de Londres, em 02 de abril, provavelmente de 1506 (p. 421-422).

Carta 191, de Erasmo a Ricardo Whitford, do campo em 01 de maio de 1506 (p. 422-423). Erasmo e More haviam composto uma réplica da *Declamação em Defesa do tiranicida*, de Luciano, impressa no *Luciani Opuscula*, de Erasmo, em 1506, dedicada a Ricardo Foxe, quando provavelmente Ricardo Whitford era seu capelão, da qual esta carta serviu de introdução.

Carta 192, de Erasmo a Thomas Ruthall, de Londres, provavelmente no início de junho de 1506 (p. 423-424).

Carta 193, de Erasmo a Cristóvão Urswick, de Hammes, provavelmente no início junho de 1506 (p. 424-426). Esta carta serviu de introdução à tradução de *O galo*, nas *Luciani Opuscula*.

Carta 194, de Erasmo a Thomas Linacre, de Paris, provavelmente em 12 de junho, de 1506 (p. 426-427).

Carta 195, de Erasmo a João Colet, de Paris em 12 de junho de 1506 (p. 428).

Carta 196, de Erasmo a Rogério Wentford, de Paris, em 12 de junho, provavelmente de 1506 (p. 428-429).

Carta 197, de Erasmo a João Paludanus, provavelmente de Paris em julho de 1506 (p. 429-430). Esta carta serviu de introdução à tradução do *De mercede conductis* (Sobre aqueles que por mercê freqüentam a corte dos príncipes), em *Luciani Opuscula*, 1506.

Carta 198, de Erasmo ao Leitor, provavelmente de Paris em julho de 1506 (p. 430). Esta carta serviu de introdução à *Ifigênia em Áulide*, de Eurípides, no volume dedicado a Warham e que foi impresso em Paris; nas edições seguintes ela foi substituída pela carta 208.

Carta 199, de Erasmo a Renato d'Illiers, de Paris, provavelmente no início de agosto de 1506 (p. 430-431). Esta carta serviu de introdução ao Alexander seu Pseudomantis (Alexandre ou o falso adivinho), no volume dos *Luciani Opuscula*.

Carta 200, de Erasmo a Servatius Rogerus, de Florença, provavelmente em 04 de novembro de 1506 (p. 431-432).

Carta 201, de Erasmo a João Obrecht, provavelmente de Florença em 04 de novembro de 1506 (p. 432).

Carta 202, de Erasmo a James Mauritsz, de Florença, em 04 de novembro, provavelmente de 1506 (p. 433).

Carta 203, de Erasmo a Servatius Rogerus, de Bolonha, em 16 de novembro, provavelmente de 1506 (p. 433).

Carta 204, de Erasmo ao Príncipe Henrique, provavelmente de Bolonha em 27 de novembro de 1506 (p.433-434).

Carta 205, de Erasmo a Jerônimo Busleiden, de Bolonha em 17 de novembro de 1506 (p. 434-435). Esta carta serviu de introdução aos últimos diálogos dos *Luciani opuscula*.

#### 1507

Carta 206, escrita pelo Príncipe Henrique a Erasmo, de Richmond, em 17 de janeiro, provavelmente de 1507 (p. 436-437). Erasmo não acreditou que esta carta fosse escrita por Henrique, futuro rei da Inglaterra Henrique VIII, então com 16 anos de idade, mas por um pedagogo, talvez Ammonio.

Carta 207, de Erasmo a Aldo Manúcio, de Bolonha, em 28 de outubro, provavelmente de 1507 (p. 437-439).

Carta 208, de Erasmo a William Warham, provavelmente de Bolonha em novembro de 1507 (p. 439-440). Esta carta serviu de introdução à *Ifigênia em Áulide*, de Eurípides, nas edições seguintes à edição de Paris, substituindo a carta 198.

Carta 209, de Erasmo a Aldo Manúcio, provavelmente de Bolonha em novembro de 1507 (p. 440-442).

#### 1508

Carta 210, de Paulo Bombasius a Erasmo, provavelmente de Bolonha, em 06 de abril de 1508 (p. 443).

Carta 211, de Erasmo a William Blount, Lorde Mountjoy, provavelmente de Veneza em setembro de 1508 (p. 443-447).

Carta 212, de Erasmo a Aldo Manúcio, de Pádua, em 09 de dezembro, provavelmente de 1508 (p. 447-448).

Carta 213, de Erasmo a Aldo Manúcio, provavelmente de Pádua em dezembro de 1508 (p. 449).

#### 1509

Carta 214, de William Warham a Erasmo, provavelmente em maio de 1509 (p. 449).

Carta 215, de William Blount, Lorde Mountjoy, de Greenwich, em 27 de maio, provavelmente de 1509 (p. 449-452).

Carta 216, de James Piso a Erasmo, de Roma, em 30 de junho de 1509 (p. 452-454).

#### 1511

Carta 217, de Paolo Bombace, provavelmente de Bolonha em março de 1511 (p. 454).

Carta 218, de Erasmo a André Ammonio, de Dover, em 10 de abril, provavelmente de 1511 (p.455-456).

Carta 219, de Erasmo a André Ammonio, de Paris, em 27 de abril, provavelmente de 1511 (p. 456).

Carta 220, de André Ammonio a William Blount, Lorde Mountjoy, provavelmente de Londres em 18 de maio de 1511 (p. 457).

Carta 221, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 19 de maio, provavelmente de 1511 (p. 458-459).

Carta 222, de Erasmo a Thomas More, provavelmente de Paris, em 09 de junho, provavelmente de 1511 (p. 459-462). Esta carta serviu de prefácio ao *Elogio da Loucura*.

Carta 223, de Paulo Bombasius a Erasmo, provavelmente de Sena em junho de 1511 (p. 462).

Carta 224, de James Wimpfeling, de Estrasburgo, em 19 de agosto de 1511 (p. 462-465). Esta carta precisa a posição de Wimpfeling diante da erudição e do Evangelho: A teologia não deve se apagar diante da filosofia dos antigos, e corre-se o risco de deixar pouco lugar para os livros sagrados. Mas se a teologia dá sólidas fundações à vida religiosa, ela não a constitui. Acima dela estão as Escrituras e a caridade. Esta carta foi ajuntada por Mathias Schürer ao texto da *Moria*, na edição de Estrasburgo de agosto de 1511.

Carta 225, de Erasmo a João Colet, do Queen's College, de Cambridge, em 24 de agosto de 1511 (p. 465-466).

Carta 226, de Erasmo a André Ammonio, do Queen's College, de Cambridge, em 25 de agosto de 1511 (p. 466).

Carta 227, de Erasmo a João Colet, de Cambridge, em 13 de setembro, provavelmente de 1511 (p. 467-468).

Carta 228, de Erasmo a André Ammonio, do Queen's College, de Cambridge, provavelmente em 16 de setembro, de 1511 (p. 468-469).

Carta 229, de Erasmo a João Fisher, de Cambridge, provavelmente em setembro de 1511 (p. 469-470).

Carta 230, de João Colet a Erasmo, provavelmente de Londres no fim de setembro de 1511 (p. 470-471).

Carta 231, de Erasmo a João Colet, de Cambridge, em 05 de outubro de 1511 (p. 471-472).

Carta 232, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 05 de outubro de 1511 (p. 472).

Carta 233, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 15 de outubro de 1511 (p. 472-473).

Carta 234, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, provavelmente em 20 de outubro, de 1511 (p. 473-474).

Carta 235, de João Sixtin a Erasmo, de Londres, em 20 de outubro, provavelmente de 1511 (p. 474-475).

Carta 236, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 27 de outubro de 1511 (p. 475-477).

Carta 237, de Erasmo a João Colet, de Cambridge, em 29 de outubro, provavelmente de 1511 (p. 477-479).

Carta 238, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 02 de novembro de 1511 (p. 479-480).

Carta 239, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 08 de novembro de 1511 (p. 480-482).

Carta 240, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 11 de novembro, provavelmente de 1511 (p. 482-484).

Carta 241, de Erasmo a Rogério Wentford, provavelmente de Cambridge em novembro de 1511 (p. 484-485).

Carta 242, de João Fisher a Erasmo, de Londres, provavelmente em 18 de novembro de 1511 (p. 485-486).

Carta 243, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 18 de novembro, provavelmente de 1511 (p. 486-488).

Carta 244, de João Sixtin a Erasmo, de Londres, em 19 de novembro, provavelmente de 1511 (p. 488-490). João Sixtin encontrou o impressor William Thales provavelmente em Ferrara e recebeu dele um manuscrito do *De Copia* deixado por Erasmo, motivo pelo qual Erasmo, numa carta, que se perdeu, colocara em dúvida a boa fé de Sixtin, e motivo também pelo qual Sixtin se justifica nesta carta.

Carta 244<sup>a</sup>, de Jerônimo Busleiden, provavelmente de Malines em novembro de 1511 (p. 490-491).

Carta 245, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 26 de novembro de 1511 (p. 491-493).

Carta 246, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 27 de novembro, provavelmente de 1511 (p. 493).

Carta 247, de André Ammonio da Erasmo, de Londres, em 28 de novembro, provavelmente de 1511 (p. 493-494).

Carta 248, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 02 de dezembro, provavelmente de 1511 (p. 494-495).

Carta 249, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 05 de dezembro de 1511 (p. 495-496).

Carta 250, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 09 de dezembro, provavelmente de 1511 (p. 496-497).

Carta 251, de Paulo Bombasius a Erasmo, provavelmente de Bolonha, em 21 de dezembro de 1511 (p. 497-498).

1512

Carta 252, de Erasmo a Antônio de Bergen, de Londres, em 06 de fevereiro, provavelmente de 1512 (p. 498-499). João Fisher queria Erasmo como companheiro de viagem na comitiva inglesa, para que ele o acompanhasse ao Concílio de Latrão, o que não aconteceu. Não podendo, assim,

encontrar-se pessoalmente com o abade Antônio de Bergen, Erasmo decidiu escrever-lhe esta carta, na qual ele elogia a João Fisher (bispo de Rochester) e a William Warham, arcebispo de Cantuária, como meio de estimular a Bergen.

Carta 253, de Erasmo a Roberto Guibé, de Londres, em 08 de fevereiro, provavelmente de 1512 (p. 499-500).

Carta 254, de Erasmo a Thomas Halsey, de Londres, em 08 de fevereiro, provavelmente de 1512 (p. 500-501).

Carta 255, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 19 de fevereiro, provavelmente de 1512 (p. 501-502).

Carta 256, de Jerônimo Aleandro a Erasmo, de Paris, provavelmente no fim de fevereiro, de 1512 (p. 502-508).

Carta 257, de Paulo Bombasius a Erasmo, provavelmente de Milão na primavera de 1512 (p. 508).

Carta 258, de João Colet a Erasmo, provavelmente de Londres em março de 1512 (p. 508-509).

Carta 259, de João Babham a Erasmo, de Oxford, em 12 de abril, provavelmente de 1512 (p. 509-510).

Carta 260, de João Colet a Erasmo, de Londres, em 29 de abril de 1512 (p. 510-512).

Carta 261, de Erasmo a William Warham, de Londres, em 29 de abril de 1512 (p. 512-513). Esta carta serviu de prefácio à tradução revista e aumentada dos *Diálogos de Luciano*, impresso por Josse Bade em 1514.

Carta 262, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 09 de maio, provavelmente de 1512 (p. 513).

Carta 263, de Josse Bade a Erasmo, de Paris, em 19 de maio de 1512 (p. 514-516).

Carta 264, de Erasmo a Pedro Gilles, provavelmente de Londres no outono, de 1512 (p. 517-518).

Carta 265, de Erasmo a Pedro Gilles, provavelmente de Londres no outono de 1512 (p. 518).

Carta 266, de Erasmo a Adolfo de Veere, de Londres, provavelmente no outono, de 1512 (p. 518-519).

Carta 267, escrita por Erasmo a João Batista Boério, de Londres, em 11 de novembro de 1512 (p. 519-520). Esta carta foi impressa no fim do volume do *Diálogos de Luciano (Luciani dialogi)*, impresso por Bade em 1514.

### 1513

Carta 268, de Erasmo a João Yonge, de Londres, 01 de janeiro de 1513 (p. 520-521). Esta carta serviu de prefácio à tradução de Plutarco, *De tuenda bona valetudine precepta (Preceitos para conservar uma boa saúde)*, ofertada em estréia a Yonge, impressa pela primeira vez em Londres, provavelmente por Pynson, depois por Martens em Lovaina em 1513 e em Colônia em 1514. O prefácio desapareceu nas edições ulteriores.

Carta 269, de Erasmo ao leitor, de Londres, em 05 de janeiro de 1513 (p. 521-525). Esta carta serviu de prefácio à edição revisada dos *Adagiorum Chiliades* destinada a Josse Bade, mas que apareceu em Basileia com Froben. Ela figura nas reedições de 1517, 1520 e 1523 de Froben.

Carta 270, de Erasmo a João Colet, de Cambridge, em 11 de julho, provavelmente de 1513 (p. 525-528).

Carta 271, de Erasmo a Thomas More, de Cambridge, provavelmente em julho de 1513 (p. 528-529).

Carta 272, de Erasmo a Henrique VIII, provavelmente de Cambridge em julho de 1513 (p. 529-530). Esta carta serviu de prefácio da tradução do *De discrimine adulatoris et amici (Sobre como*

*discriminar um amigo de um adulator*), impresso em Basileia por Froben em 1514 nos *Plutarchi Opuscula*.

Carta 273, de Erasmo a André Ammonio, provavelmente de Cambridge, em 01 de setembro, provavelmente de 1513 (p. 530-532).

Carta 274, de Erasmo a William Gonell, de Cambridge, em 26 de setembro, provavelmente de 1513 (p. 532).

Carta 275, de Erasmo provavelmente a William Gonnel de Cambridge em outubro de 1513 (p. 533).

Carta 276, de Erasmo, provavelmente a William Gonnel, e a Humphrey Walkden, provavelmente de Cambridge em outubro de 1513 (p. 533-534).

Carta 277, de Erasmo a Rogério Wentford, provavelmente de Landbeach em outubro de 1513 (p. 535-536).

Carta 278, de Erasmo a João Colet, provavelmente de perto de Landbeach, em Cambridge, em 31 de outubro, provavelmente de 1513 (p. 536-537).

Carta 279, de Erasmo a William Gonell, provavelmente de Cambridge no início de novembro de 1513 (p. 537-538).

Carta 280, de André Ammonio a Erasmo, de Londres, em 25 de novembro, provavelmente de 1513 (p. 538-540).

Carta 281, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 26 de novembro, provavelmente de 1513 (p. 540-541).

Carta 282, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 28 de novembro, provavelmente de 1513 (p. 541-542).

Carta 283, de Erasmo a André Ammonio, de Cambridge, em 21 de dezembro, provavelmente de 1513 (p. 543-548). Esta carta não é agradável senão na crítica ao *Panegírico a Henrique VIII*, de André Ammonio, que parece que nunca foi publicado.

1514

Carta 284, de Erasmo a Thomas Wolsey, de Cambridge, em 04 de janeiro, provavelmente de 1514 (p. 548-549).

Carta 285, de Erasmo a William Warham, de Cambridge, provavelmente em janeiro de 1514 (p. 549).

Carta 286, de William Warham a Erasmo, de Londres, em 05 de fevereiro, provavelmente de 1514 (p. 549-550).

Carta 287, de Erasmo a William Gonell, de Londres, provavelmente em 14 de fevereiro de 1514 (p. 550-551).

Carta 288, de Erasmo a Antônio de Bergen, de Londres, em 14 de março de 1514 (p. 551-554).

Carta 289, de Erasmo a William Gonell, de Londres, provavelmente em abril de 1514 (p. 555).

Carta 290, de João Reuchlin a Erasmo, de Frankfurt, em abril de 1514 (p. 555-556).

Carta 291, de João Becker de Borselen a Erasmo, de Middelburgo, em 19 de abril de 1514 (p. 557-560).

Carta 292, de Erasmo a William Gonell, de Londres, em 28 de abril, provavelmente de 1514 (p. 560-561).

Carta 293, de Erasmo a William Warham, provavelmente de Londres em junho de 1514 (p. 561-562).

Carta 294, de Erasmo a Pedro Gilles, de Londres, provavelmente em julho, de 1514 (p. 562-563).

Carta 295, de Erasmo a André Ammonio, do Castelo de Hammes, em 08 de julho de 1514 (p. 563-564).

Carta 296, de Erasmo a Servatius Rogerus, do Castelo de Hammes, em 08 de julho de 1514 (p. 564-573).

Carta 297, de Erasmo a Thomas Wolsey, provavelmente de Hammes em julho de 1514 (p. 573-574).

1523

Carta 000, de Erasmo a João Botzheim, de Basiléia em 30 de janeiro de 1523 (p. 01-46). Nesta carta Erasmo apresenta o *Catálogo* de suas obras produzidas até então, o qual foi no mesmo ano editado em Basiléia por João Froben.